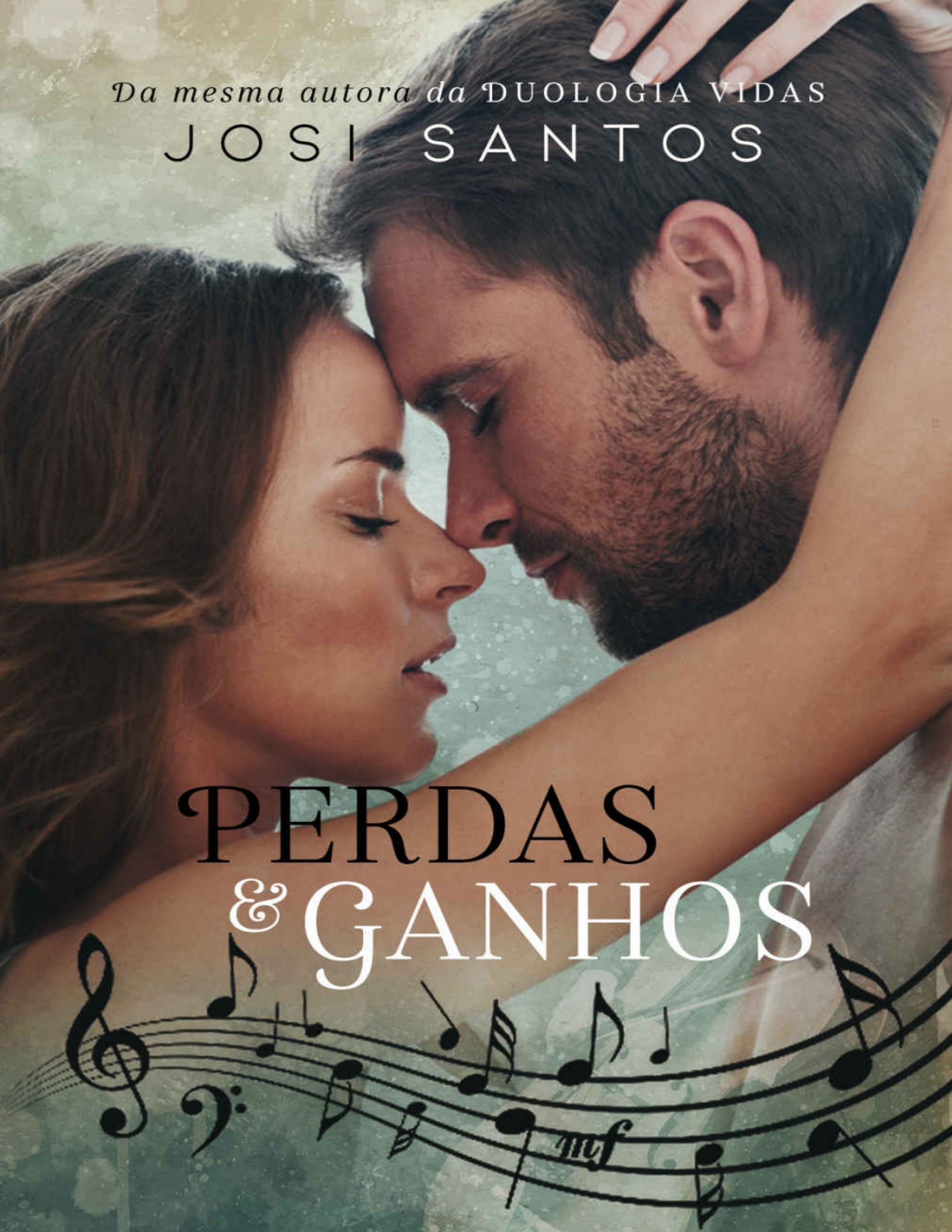
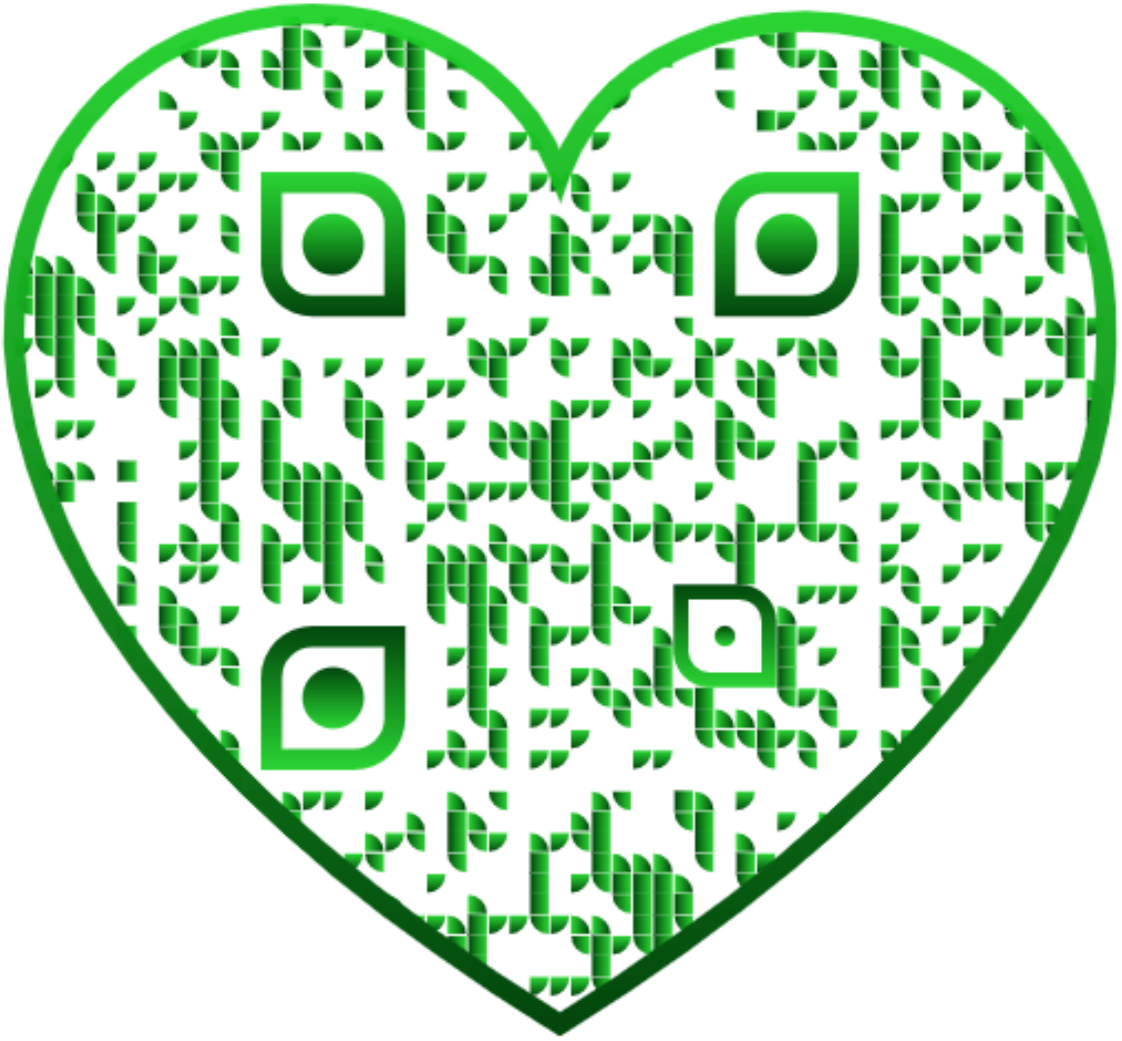

Da mesma autora da DUOLOGIA VIDAS
JOSI SANTOS
PERDAS & GANHOS



PERDAS E GANHOS

Copyrigth © 2019 – Josi Santos

Capa: designerttenorio
Revisão: Ivana C. Santos.
Diagramação: Danielle Barreto

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem a autorização das autoras. Ressalva para trechos curtos usados como citações em divulgações e resenhas, com autoria devidamente identificada.

A violação dos direitos autorias é crime estabelecidos pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Criado no Brasil.

Sumário

Dedicatória

Sinopse

Prólogo

Primeira parte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Segunda parte

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Epílogo

Dedicatória

“A todos que leram e estão lendo essa obra” — Josi Santos

Sinopse

Um momento que poderia ter mudado tudo... Mas o destino brincou com eles e fez com que tudo fosse diferente.

Alyssa e Maria Eduarda ou Lys e Duda, como gostavam de ser chamadas, eram amigas desde a infância. A amizade entre elas sempre foi mais como uma irmandade, uma sempre esteve ao lado da outra.

No mesmo dia em que Gaspar conhece Lys, conhece também Duda. Gaspar e Duda se apaixonam e em pouco tempo se casam.

Lys é uma violoncelista talentosa com um brilhante futuro. Em sua vida sofreu inúmeras perdas e tenta lidar com elas do seu jeito. Dona de uma personalidade forte e de uma língua afiada não mede esforços para ajudar os amigos e defender o que acredita.

Gaspar é um brilhante Chef de cozinha, dono de um dos restaurantes mais conceituados de Blumenau. Sua primeira grande dor foi perder o grande amor da sua vida. Essa perda quase o destruiu. Um homem romântico e sonhador que sempre viveu intensamente, possuidor de um coração imenso e um sarcasmo sem igual.

Ela perdeu a melhor amiga, mais uma perda no meio de tantas outras que sofreu.

Ele perdeu a mulher de sua vida, uma dor que removeu a esperança do seu coração.

Ambos irão lidar com a dor a seu modo e um forte sentimento é despertado. Um sentimento forte, uma decisão a ser tomada e apenas uma única escolha a ser feita.

A culpa poderá ser o bastante para impedi-los de viver essa arrebatadora história de amor?

Prólogo

Fevereiro de 2013

Existem inúmeras maneiras de lidar com o luto. Podemos nos perder dentro de nós mesmos e apagar a existência do resto da humanidade, podemos fingir que não está acontecendo com a gente e que essa pessoa querida que tanto amamos apenas está de férias ou fazer como eu faço, se refugiar.

Acredito que seja qual for sua maneira de lidar com suas perdas, a dor ainda é inevitável.

O dia amanheceu frio, escuro e nublado desde a primeira luz da manhã. Quando ergo minha cabeça para olhar o céu, uma gota solitária de chuva cai em minha face e uma fina garoa começa a nos envolver. Enormes guarda-chuvas pretos são abertos e erguem-se deixando o cenário ainda mais mórbido. Desde que o pastor tinha começado a falar, que eu não escutava nada, só conseguia olhar para o imenso caixão cor mogno a minha frente. Mesmo com os últimos meses que tive para me preparar emocionalmente e psicologicamente para este momento, aparentemente não foi suficiente.

Pela primeira vez desde que me sentei nesta cadeira olho a minha volta, vejo minha tia Laura, mãe da Duda, ela estava a minha direita. Seu semblante evidenciava um cansaço que me era familiar, mas a dor em seu olhar era o que mais se destacava. Ela não era minha tia de sangue, mas era como se fosse. A mulher forte que ela sempre foi desapareceu aos poucos no momento em que ela recebeu a notícia do falecimento da única filha. Essa notícia abalou a todos nós, mas acredito que a dor de perder um filho só sabe quem realmente sente. Minha tia Liliana e minha avó Clara estavam cada uma ao

lado dela, segurando sua mão e reconfortando-a. Ambas sabiam bem como era vivenciar essa dor, desvio minha atenção daquele momento, seu sofrimento tornava tudo mais real do que eu conseguia suportar no momento, estava meio entorpecida desde que recebi a notícia.

Vivenciei algumas perdas em minha vida, mas nunca soube lidar muito bem com elas, sempre tentava anular ou agir como se não me afetasse diretamente até que a dor passasse e restasse apenas a saudade ou simplesmente até o tempo passar. Só que a realidade era outra. Ao meu lado Henrique aperta minha mão, tentando me dar apoio. Desvio minha atenção, procuro não olhar para o caixão de madeira no centro de um círculo de pessoas, algumas estranhas, outras conhecidas, olho na direção do pastor ainda declamando seu sermão, ouço um trecho da passagem de Epitáfio. Meus olhos recaem sobre Gaspar com sua família sempre ao seu lado. Seu terno preto sem gravata parecia o retrato do seu humor. Ele estava com o rosto baixo, provavelmente, desejando estar em qualquer outro lugar, uma sensação que eu conhecia bem. Fico encarando-o, ele parece sentir meu olhar sobre ele e ergue a cabeça.

Mesmo ele estando com os óculos escuros estilo aviador, a dor em suas feições era latente, parecia que ele sofria uma dor física aguda, tão forte que chegava a ser insuportável. Talvez não muito diferente do que eu estava sentindo. Porém, quem pode julgar a profundidade desses sentimentos? Quando perdi minha mãe parecia que todo meu corpo tinha sido cortado, cortes profundos, cheguei a pensar que sangraria até a morte. Mesmo que não fôssemos tão próximas quanto gostaria, a dor foi indescritível. Tinha apenas quinze anos na época, mas consegui superar e seguir em frente. Gaspar volta a abaixar a cabeça após alguns instantes, e eu volto minha atenção para o pastor que já finalizara seu sermão.

Depois dos discursos fúnebres e de finalmente o caixão onde jazia Duda descer até a obscuridade do alicerce da sepultura, as pessoas finalmente começam a se dispersar. Permaneço sentada, aguardando o fim da comoção em volta de Laura e de Gaspar diminuir. Henrique beija meu rosto e vai até onde o Gaspar se encontra, os dois eram mais do que sócios, eram primos e melhores amigos. Isabella tinha ficado com a irmã mais velha do Gaspar, não seria sensato trazer uma criança de três anos a um funeral, principalmente pelo fato da pequena ainda não ter um entendimento claro do que significava a morte.

Quando a quantidade de pessoas em volta de Laura diminui, caminho até onde ela está, abraço-a forte e dou meus pêsames. Ela acaricia meu rosto seco, sem lágrimas, eu não usava óculos escuros, não era necessário, eu conhecia a minha dor e não me importava com a opinião dos outros.

— Eu sei. — é tudo o que ela diz antes de beijar minha face e sair amparada por sua cunhada, irmã de seu falecido marido. Sem me explicar o que aquelas duas palavras significavam. Apenas fico observando-a se distanciar e sendo abordada por algumas pessoas que provavelmente queriam lhe dar suas condolências, algumas delas nem conheciam a Duda direito.

— Ela é uma mulher forte, não vai ser fácil, mas ela irá superar. Tenho certeza. — Me viro e dou de cara com minha tia.

— Tomara! — Volto novamente minha atenção para elas, que já entravam no carro, que em poucos instantes começa a se distanciar. — Estou indo pra casa, preciso tomar um banho e tentar dormir um pouco. — voltando a olhar para minha tia, massageio minhas têmporas. — Todos já foram? Onde está a vovó? — pergunto já correndo meu olhar pelo imenso tapete de grama verde.

— Mamãe está falando com a Lívia, ela e Ettore ficaram, os outros já foram. — senti em sua voz que ela queria dizer mais do que disse. — Está sendo difícil para ele! — fala olhando em direção à sepultura, seguindo seu olhar, deparo-me com Gaspar e compreendo a quem ela tinha se referido.

— Está sendo difícil para todos nós, por que está me olhando assim, tia? Pode parar! — falo tentando me desvencilhar.

— Ele precisa de um amigo, alguém que entenda a dor pela qual ele está vivendo.

— Ele tem o Henrique! — falo na defensiva. — Você realmente acha que eu tenho condições de falar com ele neste momento? Eu não consegui derramar uma única lágrima, desde a notícia do falecimento da Duda, sou a pessoa menos indicada para ir falar com ele. — Minha atenção ainda estava nele, Gaspar não estava muito distante, fico apenas olhando. — Não sou uma boa companhia, nem para mim mesma. — Falo com sinceridade sem olhar para minha tia e sem desviar minha atenção do Gaspar.

— Às vezes não é preciso dizer nada, só é necessário que esteja perto. — Ela segura minhas mãos, volto minha atenção para ela. — Lys! Acho que vocês precisam um do outro. E o fato de você ainda não ter conseguido chorar não significa que não esteja sofrendo. — Ela me abraça forte, minha

tia me conhecia tão bem, minha avó e ela eram como mães para mim, não sei o que teria sido da minha vida sem elas.

— Talvez o Henrique seja a melhor pessoa para falar com ele neste momento.

— Querida, vá falar com ele! — diz virando-se, indo em direção onde minha avó ainda estava conversando com Lívia.

Volto a olhar para ele, sozinho, olhando para o nada. Parecia que ninguém tinha coragem de chegar perto dele. Ele sempre foi um cara pra cima, romântico, sonhador mesmo não tendo muita paciência para pessoas esnobes e metidas, neste momento parecia que algo dentro dele havia se quebrado. Caminho até onde ele se encontra, assim que estamos lado a lado, o silêncio sepulcral que rodeia o ambiente se intensifica ainda mais. Assim como Gaspar, começo a observar com mais atenção os coveiros finalizando seu trabalho, ele parecia ter perdido a noção do tempo, era como se não estivesse ali.

— Fiquei tão furioso com ela... — ele finalmente interrompe o silêncio. — Por ter desistido. — Seu tom era melancólico e triste.

— Você não acha que está sendo injusto? Ela não desistiu, sabe disso melhor do que ninguém. — Me volto para ficar de frente para ele. — Ela lutou durante um ano, fez uma escolha, mas nunca deixou de lutar. Primeiro pela Isa e por você, depois pela vida. — Gaspar me encara. — Ela escolheu viver seus últimos dias com as pessoas que ela amava, estando lúcida e forte o bastante para ficar presente, ao invés de dopada, com drogas fortes e passando mal a maior parte do tempo. — Ele retira os óculos escuros e me encara com aqueles enormes e avermelhados olhos com uma tonalidade diferente um verde meio dourado ou azulado.

— Eu sei, ainda assim não deixa de ser difícil. Ela é o grande amor da minha vida, minha outra metade. — Nunca tinha conhecido alguém com uma voz tão profunda quando a dele, Gaspar sempre teve uma confiança inabalável. Sempre foi o tipo do homem com plena certeza das suas convicções, com sua postura firme que emanava confiança, mesmo que esse seu lado estivesse apagado pelo luto, ainda estava lá. O amor que ele sente pela Duda é de uma profundidade que assusta, quando estavam juntos, um parecia ser a extensão do outro.

— Sabe, ficar aqui não vai fazer bem a nem um de nós dois, e eu aposto que a Duda ficaria uma fera com a gente — tento colocar um pouco de humor

nas palavras, mas não funciona muito bem. — O que acha de irmos para casa ou para o Nixy's? O Nicholas fechou, mas deve estar no apartamento em cima do bar.

— Contanto que você não encha a cara e caia matando em cima de mim para me consolar ou encontre algum ex-namorado babaca e queira me usar para fazer ciúmes, eu topo — ele também tenta ser engraçado, mas sua voz estava apagada. Ele tinha que me lembrar do dia que nos conhecemos, típico.

— Por que insiste em relembrar daquilo? Pelo amor de Deus, meu estômago ainda embrulha. — Falo sem conseguir conter um discreto sorriso.

— Não foi o marco da minha vida, mas é impossível não lembrar. Foi naquele dia que conheci a Duda — ele tenta forçar um meio sorriso que acaba saindo como uma careta.

— Vem! Vamos encher a cara. Aproveitar que a Samara está com a Isa — seguro sua mão e puxo-o em direção ao meu carro. Sabia que ele tinha vindo de carona com o irmão caçula, Mael, então o levaria para casa. Passamos onde minha avó, tia Liliana e seus pais Lívia e Ettore estavam e damos um beijo de despedida em cada um deles.

— Não estou com disposição de encontrar ninguém, Lys. — Fala quando já estamos dentro do carro.

— Eu também não estou, vai ser apenas nós dois, vamos para casa.

— Não quero ir para casa agora, as lembranças irão me esmagar.

— O Nixy's está fechado, não tem ninguém, talvez o Henrique esteja, mas ele é da família.

— Podemos ir para seu apartamento? Não quero ver ninguém, não tenho humor para isso. — ele não desvia os olhos da paisagem que passava pela janela ao falar.

— Claro! Acho que tenho uma garrafa de tequila em algum lugar. — falo e enquanto seguimos nosso caminho para fora do cemitério, vejo um discreto e triste sorriso em seus lábios.

PRIMEIRA PARTE

Capítulo 1

Agosto de 2007

Ainda não conseguia acreditar na cena deplorável que eu estava presenciando. O idiota do meu ex-namorado estava no maior amasso com a mesma cretina com quem ele me traiu, a mesma que estudava comigo Teoria da Música. Eles estavam do outro lado da pista de dança do bar que eu sempre frequentava e que era o ponto de encontro de mais da metade dos alunos da faculdade. Suspeitava que ele fez de propósito, não que eu me importasse, já que tinha sido eu quem havia terminado nosso relacionamento, depois que ele resolveu colocar um belo par de chifres em mim.

Começamos a namorar no mesmo ano que cheguei à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em Blumenau, onde estudo Música há pouco mais de um ano. Desde o início eu percebi que éramos como água e óleo, mas o Maurício era o que chamaríamos de um cara gostoso, sexy e perfeito demais, então eu simplesmente fiquei com ele e ignorei todos os sinais.

Terminamos oficialmente há menos de uma semana quando o peguei quase transando com a cretina com quem ele estava se esfregando. Detestava admitir, mas sentia falta dele, essa parte era a pior, sempre me apaixonava pelo cara errado. Agora eu estava em uma festa que não pretendia vir, mas mesmo assim vim porque queria me distrair. Acabei arrastando minha melhor amiga a tira colo, que estava presa naquela fila infinita do banheiro e eu estava parada perto do bar, vendo o Maurício enfiando a língua na boca da garota que devia ter dormido com mais da metade da UFSC.

— Ei! Olha por onde anda... Está cego ou o quê? – Falo quase gritando,

assim que um idiota me dá um encontrão, praticamente arrancando meu braço e ombro no processo. Ele ainda se vira, pisca um olho e manda um beijo. Devia ser um daqueles filhinhos de papai que se acham os donos da faculdade. – BABACA! – Berro bem alto, só que ele já tinha se virado e parecia bem distante agora.

— Sabe! – Ouço uma voz grave, pesada e meio rouca, vindo do bar atrás de mim. Só o que me faltava era outro babaca me enchendo a paciência. Viro-me e dou de cara com o dono da voz e o cara era a personificação da mais pura perfeição.

O homem era lindo demais, bem alto, provavelmente 1,90 de altura, talvez um pouco mais, cabelos castanho escuros meio bagunçados, como se tivesse acabado de sair da cama, seu maxilar era quadrado de um modo bem masculino, parecia ser forte, ainda não tinha visto suas mãos, mas meu palpite era que deviam ser enormes e seus olhos... Eram de um verde meio dourado ou azulado, não tinha certeza, aqueles olhos deveriam deixar qualquer mulher meio perdida. Mesmo a iluminação não estando tão boa, consegui enxergar um pouco, afinal não estávamos tão distantes assim. Não sei por quanto tempo fiquei encarando. Ele usava um jeans escuro e uma camisa escura, o tecido parecia ser lã. Seu sorriso imenso de lado e debochado me deixou meio irritada.

— Você falou comigo? – Pergunto de forma direta, não gostei do ar presunçoso no seu sorriso.

— Falei! – Diz simplesmente sem mudar aquela expressão e postura de superioridade, mesmo ele sendo muito delícia me irritava.

— E? – Questiono estreitando os olhos com o intuito de ele continuar.

Tinha visto ela quando entrou com a amiga, ela me parecia meio confusa e perdida, fazia exatos trinta minutos que estava a alguns passos a minha frente bebendo a mesma bebida, que com certeza já devia estar quente. A amiga dela que eu não tinha visto muito bem, meio que desapareceu, não deu para reparar nela direito. Mas aquela morena que estava na minha frente, definitivamente, deixaria facilmente qualquer um louco. Ela era realmente linda, devia ter quase 1,70 de altura, cabelos ondulados que pareciam castanho escuros quase na altura da cintura, pernas longas e torneadas, cintura fina, quadris levemente largos e seios perfeitos. Ela parecia ser a personificação de tudo o que era proibido. Estava usando uma saia de um material que parecia couro, a cor era escura, mas não era preta, uma blusa de alças finas de tecido leve com estampa colorida e uma sandália sem salto. Não vi a cor dos seus olhos, a iluminação não estava das melhores e não a tinha visto muito tempo de frente apenas de perfil e de costas.

Eu tinha vindo ao Nixy's esperar o Henrique. Marcamos de nos encontrar aqui para curtir um pouco, já que desde que chegamos a Blumenau só estudamos e trabalhamos. O dono do bar, o Nicholas, era nosso amigo desde os tempos da graduação. Nós somos daqui mesmo de Blumenau, mas passamos alguns anos mochilando pela Europa, agora estou trabalhar como *Sous Chef*[1] em um restaurante bem conhecido na cidade e Henrique que é meu primo está fazendo uma especialização em Administração. Um cara dá um encontrão na morena gata, ela começa a gritar com ele, pelo visto ela não era de levar desaforo para casa. Acho engraçado seu jeito desaforado.

Ela grita novamente, quando o cara está um pouco distante, ele a provoca e ela o xinga de babaca. Apesar da provocação, o cara não teve culpa, ele parecia apressado e ela estava parada bem no meio do caminho. Ela parecia bem irritada, não sei o que me deu para abrir a boca e começar a questioná-la, acho que fiz só para provocá-la ainda mais e deu certo.

— E? – Ela me questiona levantando uma das sobrancelhas e com cara de poucos amigos.

— É que o cara que te deu o encontrão! A culpa não foi dele, sabe?! – Ela me encara e começa a me avaliar.

— Como é que é? – Fala com a voz meio irritada, pela sua expressão parecia estar achando que eu era um babaca também. Essa garota com certeza

é problema.

— Você está aí parada há exatamente meia hora, no mesmo lugar onde as pessoas passam. O cara parecia estar apressado, então a culpa não foi dele. Em minha opinião, você não devia tê-lo chamado de babaca. – Sua cara era de descrença e quanto mais eu falava, mais descrente ela parecia ficar. Também não consigo evitar e dou um meio sorriso debochado.

— Primeiro, a culpa foi dele sim, já que eu estava parada e não em movimento... – Ela começa a dizer, assim que parece se recuperar. – Segundo, ele deveria ter pelo menos me pedido desculpas. Aquele mal educado! Ainda por cima ficou de deboche. – Um grupo de garotas passa esbarrando em nós dois, uma delas empurra a outra e a morena e eu acabamos muito próximos com nossos rostos a centímetros um do outro. Seus olhos eram de um castanho claro com uma tonalidade meio dourada, ela tinha um olhar profundo e muito intenso. – Terceiro, não pedi sua opinião. – Ela ficava ainda mais gata quando fica brava.

— Realmente não pediu, mas considerando que nos últimos trinta minutos você ficou bem na minha frente olhando para o outro lado da pista, provavelmente admirando algo muito interessante – ela estreita os olhos, parecia gostar muito de fazer isso. – E uma pobre alma levou o nome de babaca sem merecer, então achei que deveria fazer essa observação – ela balança a cabeça de forma negativa.

— E eu acho que você deveria enfiar suas observações, você sabe onde! Cuida da sua vida e me deixa em paz, você nem me conhece. Guarde suas observações para você.

— Nossa, como você é esquentada e um poço de educação também. – Falo a última parte ironicamente e antes que ela pudesse falar qualquer coisa dois idiotas começaram a discutir, acho que por alguma aposta ridícula.

Assim que volto minha atenção para ela, percebo que voltou a olhar para o mesmo lugar de antes. Não resisto e olho na mesma direção, vejo um cara caminhando até onde estávamos de mãos dadas com uma loira alta e cheia de curvas.

— Que droga! – Balbucia virando-se para mim. – Você tem namorada? – como ela pergunta uma coisa dessas a um cara, que ela acaba de conhecer em um bar.

— O quê?

— Você tem namora? Anda responde logo, sim ou não? – Pergunta

ainda balbuciando.

— Não! Mas por que... – ela não me deixa terminar de falar.

— Ótimo! – Diz antes de enlaçar meu pescoço com seus braços e colocar seus lábios nos meus.

Não sei o que deu em mim! Acho que devia ser algum desequilíbrio hormonal ou algo do tipo. Como eu beijo um homem que eu nem conheço, que nem ao menos sei o nome só para provocar o Maurício, eu devo estar com algum tipo de distúrbio mental, só podia ser. Mesmo assim o beijo era tão bom, aquele cara realmente beija bem. Era como estar embriagado, o que deveria ser um beijo apenas para provocar se aprofunda. Ele invade minha boca com sua língua e descaradamente lhe dou completo acesso, se era para fazer esse papel lamentável, que fosse pelo menos bem feito. Não sei quanto tempo durou, perdi a noção de tempo quando ele envolveu minha cintura e aproximou ainda mais seu corpo ao meu.

Escuto um pigarrear e o cara com quem eu estava agarrada e que ainda não sabia o nome pareceu escutar também, porém parecia ter ignorado completamente. Gostei muito disso. Aos poucos nos separamos, ele encosta seus lábios nos meus, pela última vez. As minhas mãos estavam agarradas a sua nuca, quando percebo começo a soltar meus dedos lentamente, um por vez. Encaro-o por algum tempo até sermos interrompidos pelo mesmo pigarro irritante.

— Alyssa! – Fecho meus olhos, assim que ouço a voz do Maurício.

— Oi, Maurício! – Falo já me virando.

— Meu nome é Gaspar, a propósito. – O cara sussurra em meu ouvido antes que eu esteja completamente de frente para o idiota traidor do meu ex-namorado. Não consigo evitar um sorriso, ele pensa rápido e é esperto, com certeza deve ter percebido o que eu tinha feito.

— Você está linda! Não te vi nos últimos dias! Por onde andou? – Fala sério, como se fosse da conta dele.

— Não deve ter me visto, porque passei uns dias na casa da minha avó, mantendo distância de você – dou um sorrisinho irônico, ele parecia meio constrangido, como se isso fosse me comover.

— Lys! Sobre o que aconteceu...

— O que aconteceu? – Pergunto sem conseguir me segurar e respondo minha própria pergunta. – Hum... Deixa ver se consigo lembrar! – Depois de uns dois segundos estalo meus dedos e falo. – Lembrei! Você transou com a garota que estudava comigo. E olha que coincidência é a mesma cretina que está com você agora. Então para de fingir que se importa, porque eu sei que você não está nem aí e não me chama mais de Lys, para você é Alyssa – falo em um só fôlego com minha melhor cara de "vai se ferrar".

— Você me chamou de quê? – Jéssica pergunta parecendo ofendida.

— Quer que eu soletre, querida?

— Tá legal, chega! – Maurício fala com um tom irritado. – Já entendi perfeitamente, você me odeia. Aceito isso, talvez eu até mereça, mas não fica aí fingindo que está sofrendo, porque está bem claro que já superou – diz olhando para o cara que eu tinha acabado de beijar e que eu descobri que se chamava Gaspar.

— Olha aqui, Maurício, eu acho que isso não é da sua conta. Nada o que diz respeito a mim ou ao que eu faço é da sua conta, então por que você não vai encher outra pessoa com esse... – antes que eu pudesse terminar sou interrompida.

— Maurício, nossa que surpresa ver você aqui! Vejo que seus gostos ainda continuam peculiares, para dizer o mínimo – ouço a voz de Duda, minha melhor amiga e salvadora, ela tinha o *time* perfeito para me tirar de problemas. Duda se coloca do meu outro lado, já que o bonitão irritante ainda continuava ali, graças a Deus por isso. – Achei que não veria sua cara por um bom tempo, depois do que fez. Acho que estava enganada. Seu cinismo foi maior. – Eu amo essa garota, essa era uma das melhores características da Duda. Ela podia ser a pessoa mais doce do mundo, mas quando se tratava de

lealdade aos amigos, não media esforços para defendê-los. Temos isso em comum e algumas outras coisas também.

Ela era completamente, irrevogavelmente o oposto de tudo o que eu era, quando se tratava de personalidade. Agradeço a Deus por isso. Eu sou uma força da natureza como diz minha avó e ela é meu equilíbrio, então éramos uma ótima dupla.

— E eu acho que você está se deixando influenciar demais pela Alyssa, lembro de que sua educação era muito melhor que isso. Acho que ficar muito tempo com a Alyssa está afetando seu traquejo social. – Minha vontade era de pular na jugular dele por ter falado aquilo, quem ele achava que era. Antes que eu pudesse falar ou me lançar contra ele, Duda interfere mais uma vez.

— Você pode até ter razão, mas se eu for metade parecida com a Lys, já vai ser de bom tamanho para mim. Ela é uma das melhores pessoas que eu conheço e sempre mereceu alguém melhor que você. – Fala com a voz firme encarando-o. Como eu disse amo essa garota. – Você é o tipo de homem que me faz sentir repulsa por todos da espécie. Graças aos céus nem todos são tão traidores e cínicos como você. – Ela não se altera, apenas fala o que quer falar e se vira para mim.

— Vamos beber alguma coisa? Já que você me arrastou para essa festa, mereço pelo menos uma dose de tequila – fala com a sobrancelha levantada e pela primeira vez pareceu notar que eu não estava sozinha, sorrir para o Gaspar ficando meio sem jeito, mas volta a olhar para mim. Ela parecia ter ignorado completamente a presença do casal bizarro, que saem com o rabinho entre as pernas. – E então? – Pergunta novamente e eu não consigo evitar um sorriso.

— Te amo eternamente! – Falo lhe dando um abraço apertado. – Você os exorcizou como uma verdadeira exorcista. Sempre fui sua fã, agora também sou sua admiradora mais fiel – afasto-me dela. – Não que eu estivesse precisando, eu teria dado uma bela de uma surra neles e... – Ela me interrompe levantando uma das mãos, fazendo um sinal de pare.

— Foi exatamente por isso que eu o enxotei, não queria que fosse presa por assassinato ou por agressão aos animais – com esse comentário caímos na gargalhada.

— E eu achando que estava vindo para uma festa chata de estudantes! – Aquela voz grave, pesada e meio rouca fala, paramos de sorrir na mesma hora e voltamos nossa atenção para ele.

— Caramba, foi mal! – Falo tentando usar meu melhor tom de sinto muito, mas na verdade não estava nem um pouco arrependida. – Duda! Esse é o Gaspar, ele meio que me ajudou... – ele me encara incrédulo e balançando a cabeça de modo negativo, parecia tentar não rir – Depois eu te explico. Gaspar! Essa é minha melhor amiga, Maria Eduarda ou Duda como todos a chamamos porque seu nome é grande demais. E eu sou Alyssa. Te devo uma, camarada. – Camarada? Quem ainda usa essa palavra? Duda olha para mim, tentando segurar o riso. Gaspar dá um meio sorriso e estende a mão.

— Prazer em conhecê-las, Alyssa... – aperta minha mão e solta em seguida para apertar a da minha amiga – e Duda... – Ele olhou para ela de um jeito, foi como se os olhos de Gaspar se acendessem como enormes faróis. E saquei naquele momento que o beijo que tínhamos acabado de trocar já era.

Depois daquela apresentação dramática e turbulenta para dizer o mínimo, meu primo Henrique chegou e Nicholas descolou uma mesa para nós dois e as meninas, Nike não pôde ficar, já que o bar estava lotado. Henrique logo se enturmou com as meninas, principalmente com a Alyssa e lamentou ter perdido todo o drama. Maria Eduarda era como um sopro de ar fresco, quando ela chegou e arrasou o idiota, toda brava e explosiva, pensei que assim como a amiga ela fosse um tornado, mas me enganei, Duda era suave e tinha uma doçura que a tornava ainda mais encantadora. Ela era baixinha, cabelos castanho escuros quase negros na altura dos ombros, com enormes olhos azuis, uma pele perfeita, curvas que deveriam ser proibidas e usando aquele vestido azul, então. Diferente de Alyssa parecia ser mais

centrada.

Enquanto meu primo e Alyssa conversavam animadamente, eu e Duda fazíamos o mesmo e quanto mais ela me falava sobre si mais eu queria saber. Duda estudava Belas Artes, estava no terceiro período, era madura, pé no chão e eu estava completamente encantado por ela.

— Vocês duas são aqui de Blumenau mesmo? – Pergunto porque sei que tem muitos estudantes de outros estados que vem estudar aqui.

— Moro aqui, mas nasci no Rio de Janeiro, me mudei para Santa Catarina com a minha mãe quando tinha cinco anos. – Seu tom era leve e descontraído, assim como eu parecia estar muito à vontade. – Meus avós moravam em Itajaí, agora só meu avô, minha mãe nasceu lá, só se mudou para o Rio depois que conheceu meu pai. Atualmente, minha mãe mora em Florianópolis- ela toma mais um gole da cerveja.

— E eu agradeço aos céus, você ter vindo morar a poucos quarteirões da minha casa – Alyssa fala tomando mais uma dose de tequila. – Ela me salvou de uma garota idiota que adorava implicar comigo no parquinho. Eu não era nada popular no tempo da escola – diz fazendo careta, de repente as duas começaram a gargalhar.

— Não sei do que vocês duas estão rindo, mas definitivamente são as duas garotas mais interessantes e divertidas que já conheci. – Henrique fala encarando as duas. Depois desse momento nostálgico, o foco da conversa mudou completamente.

Conversamos por um bom tempo, fico sabendo que Alyssa estuda Composição e Violoncelo na UFSC. Ela e Duda começaram a faculdade juntas, apesar dos cursos serem diferentes. Ainda a achava meio maluca, nunca conheci uma garota que se agarrasse com um cara no bar sem saber nem o nome dele, claro que eu sabia que elas existiam, mas foi a primeira vez que me deparei com uma. Lys começa a falar em meio às lágrimas, graças às inúmeras tequilas e cervejas que tinha ingerido, que o ex-namorado babaca de codinome Maurício, a traiu com a mesma garota com quem ele estava essa noite. Uma informação que o bar inteiro já tinha conhecimento. Pelo que eu tinha entendi, elas duas tinham ido até o Nixy's para comemorar o início do semestre e para Alyssa voltar à ativa, palavras delas, definitivamente Lys era um tsunami.

— Saaabe! – Lys fala com a língua meio enrolada. – Eu tenho o dedo cooompletamente podre para homensss, vocêsss... – ela diz apontando em

minha direção e na de Henrique ou quase já que provavelmente estava vendo tudo dobrado. – Não conseguem manter o pinto de vocêssss dentro das calças, são como um bando de ninfosmenoicos ou será ninfostos, como é messsmo, Duda? – Pergunta.

— Ninfomaníacos, e eu acho que já passou da hora de irmos para casa. Você já curtiu demais e aproveitou demais por uma noite. – Fala já se levantando e indo para o lado da amiga.

— Isso... Niiinfomaníacos! Obrigadaaa, amiga, estar no DNA de todos vocês.

— Tudo bem! Acho que já chega por hoje. – Diz tentando ajudá-la a se levantar, com dificuldade.

— Acho que precisa de ajuda? – Falo já levantando e apoiando Alyssa em mim, Henrique só fazia rir das palavras sem sentido da Lys.

— Obrigada, Gaspar!

— Você não quer uma carona, Duda? – Henrique pergunta ainda sentado em sua cadeira, ainda com um sorriso idiota estampado na cara – meu primo pode levar vocês duas. – Encaro Henrique com ar interrogativo, sem deixar de me perguntar qual era a dele. Esse idiota nunca dava ponto sem nó.

— Claro que posso, não terei problema nenhum – acabo falando por fim.

— Eu agradeço muito de verdade, mas viemos de carro. Eu bebi apenas uma dose, acho até que a tequila já foi eliminada do meu organismo, estou ótima para dirigir. Mas aceito ajuda para levá-la até o estacionamento, não conseguiria sozinha. – Fala abrindo um sorriso doce, ela era realmente linda.

— Levo- a até o carro de vocês.

— Valeu, Gaspar, você é um amor. – Ela fica na ponta dos pés e me beija no rosto. – Vamos, antes que ela desmaie – assim que ela termina de falar, Lys apaga nos meus braços e posso dizer sem medo de estar errada, ela é uma falsa magra, como alguém magra desse jeito pode ser tão pesada? Ergui nos meus braços e fomos em direção à porta.

Caminhamos até o estacionamento sem falar muito. O carro delas não estava muito distante, um pequeno UNO vermelho, duas portas, em ótimo estado. Assim que Duda destranca as portas, abre a porta do banco traseiro, coloco Lys deitada com o máximo de cuidado que consigo e fecho a porta, tentando não fazer muito barulho.

— Obrigada, por me ajudar com a Lys. Acho que estou agradecendo muito, não é? – Ela passa uma das mãos pelos cabelos, torcendo e fazendo um nó.

— Está sim, mas tudo bem. Foi um prazer te ajudar – dou uma boa olhada na amiga maluca dela, que já estava completamente desacordada no banco de trás do carro. – Ela parece ser bem instável? - Pergunto ainda encarando a garota que me beijou sem nem saber meu nome, ela era uma figura.

— Esse não é o normal da Lys. Ela é incrível. Você apenas a conheceu em um momento ruim. O Maurício é um idiota, ela não merecia o que ele fez com ela – seu pescoço começa a ficar avermelhado, ela começa a coçar. – A faculdade é cheia de garotas daquele tipo, ele tinha que pegar logo uma que estuda com a Lys? Que tipo de pessoa faz isso? Elas faziam trabalhos juntas e ele sabia disso. – Aparentemente, ela ficava com algum tipo de urticária nervosa quando era contrariada ou irritada. – Ela estava muito apaixonada por ele, Lys pode parecer confusa ou até mesmo instável como você disse, mas ela é uma pessoa incrível – ela esfrega o pescoço um pouco mais e para.

— Gosta muito dela? – A pergunta era mais por curiosidade do que por outro motivo, a verdade é que eu estava enfeitiçado pelo seu jeito doce de menina.

— Sim! Nos conhecemos desde os oito anos. Ela é como uma irmã para mim e o sentimento é recíproco. Somos filhas únicas, ela foi abandonada pelo pai e o meu morreu quando eu tinha quatro anos, então de certa forma, isso acabou nos aproximando.

— Nossa! Imagino. Você disse que se mudou para Blumenau quando tinha cinco anos, mas só se conheceram quando tinham oito? – Desejava conhecer tudo sobre ela, tinha fome por colher o máximo de informações possíveis, e ela parecia não se incomodar em estar parada no meio de um estacionamento em plena madrugada, então continuei perguntando.

— Pois é, quase a vida toda e nunca brigamos. Estudávamos na mesma escola, mas nunca fomos amigas, até que um dia eu vi umas garotas que adoravam ser cruéis, implicando com ela, o pai da Lys tinha acabado de pedir o divórcio à mãe dela, e algumas crianças podem ser bem maldosas às vezes. – Enquanto me contava parecia estar vivenciando o momento novamente. – Fiquei furiosa com as coisas que elas estavam falando, fui até lá e briguei com a líder delas, desde esse dia nunca mais nos separamos. Descobrimos

que morávamos a alguns quarteirões uma da outra, minha mãe ficou muito amiga da avó e da tia da Lys. E é isso. – Fala com um lindo sorriso nos lábios.

— Nossa! Esse tipo de amizade é raro. – Era tão fácil conversar com a Duda, era como se nos conhecêssemos há muito tempo, nunca tinha tido uma sensação como essa antes.

— Sua amizade com Henrique não me pareceu muito diferente da minha.

— E não é, só que nós dois somos primos, temos o mesmo sangue, crescemos juntos – ela parecia estar pensando.

— Amizades verdadeiras não são feitas por laços sanguíneos e sim pelo sentimento que une as pessoas – diz como se isso respondesse tudo, o que de certa forma respondia. Não conseguia tirar meus olhos dela, parecia que existia um imã invisível entre nós. – Acho melhor levar essa maluquinha para casa. Mais uma vez, obrigada pela ajuda! – Ela baixou o olhar e levou uma das mãos até a porta do carro.

— Você não quer sair comigo amanhã? – As palavras saem da minha boca antes mesmo que eu pudesse pensar no que deveria falar, eu simplesmente não podia deixá-la entrar naquele carro sem ter uma chance de vê-la novamente.

— Eu nem te conheço direito! – Fala sorrindo, parecendo meio sem jeito.

— Verdade! Mas eu acho que é para isso que as pessoas marcam encontros, para poderem se conhecer melhor.

— É eu sei! Só que... – ela fica meio pensativa por alguns segundos – Tudo bem! – Fala por fim. – Você está certo, além disso, sei que sua família é de Itajaí, sei que é um futuro Chef e sei seu sobrenome, então posso pesquisar no Google sobre você – me pareceu impossível não rir do que ela tinha acabado de dizer, então não me contenho. – Não sei qual é a graça! Gosto de ser uma garota precavida – fala antes de também começar a rir sem parar, sua risada é simplesmente linda.

— O que acha de darmos uma volta e depois almoçarmos juntos? Seria um encontro à luz do dia e você não correria nem um risco. O que me diz? – Pergunto assim que consigo conter minha crise de riso.

— Está bem! – Ela abre a porta do motorista, pega uma caneta e um bloquinho de anotação, escreve alguma coisa, destaca uma folha e me

entrega. Era seu endereço e seu número. – Pode me pegar às 09h00min? – Abre um sorriso, percebi nas poucas horas desde que nos conhecemos que ela tinha mais de um sorriso, naquele momento tinha acabado de descobrir mais um.

— Vou estar na porta da sua casa às 09h00min.

— Acho bom! Tenho que ir, antes que ela passe mal e acabe sujando meu carro. – Antes de entrar no carro, ela vira-se uma última vez na minha direção. – Boa noite, Gaspar! A gente se vê! – Antes que ela pudesse entrar, seguro sua mão.

— Boa noite! – Me aproximo, coloco minha mão livre em sua nuca e chego mais perto depositando um beijo no canto da sua boca.

Quando me distancio alguns centímetros, sinto a sua respiração acelerar. Era muito difícil segurar minha onda e não beijá-la de verdade, mas consegui me conter. Não queria que nosso primeiro beijo fosse assim, queria que fosse especial. Quando nos beijássemos queria que ela soubesse que seria para sempre, porque isso é o que eu quero e ela também, só que no momento ela ainda não sabe.

— A gente se vê! – Digo com a voz baixa e sussurrada.

— Certo! – fala ainda tentando regularizar a respiração.

Nos separamos, ela finalmente entra no carro e segue seu caminho. Enquanto olhava o carro da Duda se distanciando, me veio à certeza de que minha história com ela estava apenas no começo. Até aquele momento, a única coisa na minha vida que eu tinha absoluta convicção era sobre a minha carreira. Sempre fui um cara que acredita no amor e que no mundo há uma única pessoa certa para cada um de nós, eu tinha acabado de encontrar a minha.

Capítulo 2

Novembro de 2008

— Você é inacreditável! Às vezes penso que talvez você nem seja uma pessoa de verdade. — Gaspar diz todo irônico.

Ainda era difícil entender como a Duda aguenta o Gaspar há tanto tempo, agora compreendo quando dizem que o amor é cego e surdo. Se bem que ele era bem meloso e ela adorava isso, e também certinho demais e isso me dá nos nervos.

— Vou fingir que não entendi seu comentário, Gaspar, porque eu sei que você é um cínico, que adora bancar o imaculado Deus da perfeição — falo no meu melhor tom debochado e provocador.

— Vocês não vão começar? Por favor, crianças, me deem uma trégua hoje, pode ser?! Não comecem a discutir. — Duda fala, enquanto termina de fazer o suco.

Sempre considerei o tempo como saltar de paraquedas, nos parece lento no início, até abrirmos o paraquedas e colidirmos com o solo, e termos a percepção que tudo foi muito mais rápido do que imaginávamos, se bem que nunca saltei de paraquedas na vida, mas sem dúvidas esse é um item na minha lista de coisas que preciso fazer antes de morrer.

Depois de mais de um ano de amizade com o Gaspar e Henrique a relatividade do tempo era algo irrelevante, parecia que eu conhecia aqueles dois há muito mais tempo. Duda e Gaspar começaram a namorar depois do primeiro encontro, o que achei um pouco radical, mas ela disse que estava perdida de amor e tinha certeza que era ele, então quem sou eu para fazer julgamentos? Os dois começaram a morar juntos seis meses depois, outra loucura da Duda, mas se ela estava feliz eu também estava. Mesmo o Gaspar sendo o cara mais chato que eu conheço, não que ele fosse um completo sem

graça, até que ele era bem divertido quando queria, só que às vezes ele me dava nos nervos como neste exato momento.

— Então pede para o seu namorido parar de implicar comigo — falo fazendo uma careta para o Gaspar.

— Agora eu estou implicando por falar a verdade? Fala sério, Lys! Nunca conheci ninguém em toda minha vida, que tem tanto mau gosto para homens. E o que estou falando é um fato, desde que nos conhecemos que você vem provando que minha teoria é muito válida — ele coloca uma travessa de panquecas em minha frente, nesse momento lembrei mais um ótimo motivo para aguentar suas chatices. Ele prepara o melhor café da manhã do mundo. Na verdade, ele também prepara o melhor jantar e almoço o que não é muito surpreendente, já que ele era Chef de um dos melhores restaurantes de Blumenau.

— Só não digo onde você pode enfiar sua teoria porque essas panquecas estão com um cheiro muito bom, senão você ia escutar — ele me dá um sorriso de deboche, detestava aquele sorriso dele. A verdade era que mesmo adorando ser o rei das lições de moral, éramos amigos. Ele coloca em minha frente um prato para que eu possa me servir, vira-se e volta sua atenção para o fogão. Não tinha a menor ideia do que ele estava preparando, mas o cheiro estava incrível.

— Lys, vocês dois ficaram juntos por cinco meses, se ele não consegue enxergar a garota incrível que você é, então eu acho que não vale a pena continuar investindo nesse relacionamento. Além do mais, não é a primeira vez que ele mente para você. — Duda fala sentando ao meu lado no balcão. O apartamento deles é pequeno, mas muito confortável, com quarto, cozinha, sala, banheiro, área de serviço e sacada, que ficava nos arredores do centro de Blumenau. Eu ainda morava no mesmo apartamento que dividi com Duda, mas agora dividia com outra colega da faculdade, foi necessário para que pudesse bancar as despesas.

— A primeira vez não foi exatamente uma mentira, foi mais uma omissão — não queria que minha voz parecesse estar tão na defensiva.

— De acordo com você, mentir e omitir são a mesma coisa, então a meu ver, você deu chances de mais ao Ricardo — sabia que a Duda tinha razão e por mais que eu detestasse admitir o Gaspar também tinha razão, eu verdadeiramente tenho o dedo podre para homens.

— Você acha que ele pode estar me traindo? — Pergunto tomando um

gole enorme de café, cafeína era o meu melhor remédio, sempre me ajudava a pensar melhor e o café do Gaspar parecia ter vindo direto do Monte Olimpo.

— Eu não sei! Detesto julgar as pessoas sem ter certeza ou provas, mas caso ele esteja traindo, é apenas mais um imbecil que não soube dar valor a você, portanto não te merece.

— Caso ele esteja? — Gaspar questiona voltando sua atenção para nós duas, coloca o que estava cozinhando no refratário e caminha até o balcão. — Amor, você é razoável demais — o conteúdo do refratário parecia ser mines omeletes, o cheiro estava incrível, assim que ele coloca na mesa, pego duas.

— O que está querendo dizer com isso? — Duda pergunta com a testa franzida. Eu estava curiosa também.

— Muito simples. Homens só têm dois motivos básicos para mentir ou omitir para uma mulher. Primeiro, provavelmente se sente mal por ter culpa no cartório e em segundo, pode ser que esteja escondendo algum segredo que não queira que você descubra. Seja qual for o motivo, ambos podem envolver um motivo central "mulher". — Nós duas ficamos encarando-o, se pensasse logicamente ele poderia ter razão.

— Se o que você disse é verdade, acaba de nos revelar um segredo do universo dos canalhas, amor. — Duda fala com ar de riso, Gaspar beija-a, apenas um encostar de lábios, porém terno. Era incrível ver os dois juntos, e me fazia ter esperança de quem sabe um dia encontrar um amor assim ou pelo menos parecido.

Continuamos a tomar café da manhã e a debater sobre minha trágica vida amorosa, chego à conclusão de que o melhor era pôr um fim no meu relacionamento com o Ricardo, as mentiras/omissões dele já estavam se tornando frequentes e sempre que eu o confrontava ele acabava inventando alguma desculpa ou história mirabolante. Em alguns momentos notei que a Duda parecia um pouco inquieta, não pude deixar de me perguntar, por quê? Depois que terminamos o café, Gaspar foi até os fornecedores do restaurante e a feira livre da escola agrícola, quem disse que Chef trabalhava apenas durante a noite! Depois que ele saiu e finalmente ficamos sozinhas, voltei minha atenção para uma Duda inquieta e agora com o semblante preocupado.

— Vai me falar o que está te deixando assim ou vai querer que eu adivinhe?

— Está tão na cara assim? — Pergunta jogando-se em um pequeno sofá de canto que ficava na sala.

— Relaxa, os homens são meios lerdos para algumas coisas, além do mais você é minha melhor amiga, eu te conheço melhor que a mim mesma — me sento no sofá que fica de frente para onde ela estava sentada. — Agora me fala por que você está tão inquieta? — Duda senta-se ereta no sofá e me encara.

— Ontem tive uma leve tontura, me pareceu algum tipo de vertigem, não sei. Até me dar conta que minha menstruação está atrasada quase vinte dias, um pequeno detalhe que eu não tinha notado, por estar preocupada demais com as provas da faculdade — se encosta ao encosto do sofá, respira profundamente, eu seria tia e me achava jovem demais para ser tia de alguém.

— Tem certeza? — Pergunto olhando-a diretamente.

— Certeza ainda não. Não fiz nem um teste ou exame.

— Você se previne, quais as chances de estar grávida? — Mesmo me achando jovem demais para ser tia Duda era ainda mais jovem para ser mãe, ambas tínhamos apenas vinte anos, mesmo assim conseguia facilmente imaginar um lindo bebê de bochechas rosadas e com os olhos dela.

— Lembra quando fui ao médico e ele me pediu um check-up? — Assenti — Nos exames acusou início de anemia, você lembra? — Assenti novamente, mesmo sem entender onde ela estava querendo chegar, isso fazia quase cinco meses que tinha acontecido. — Esse médico me prescreveu algumas vitaminas que eu tomei até pouco tempo atrás, quando me dei conta do atraso da minha menstruação lembrei-me dessas vitaminas e fui ler as bulas e adivinha só? — Me questiona, mesmo eu tendo impressão de que essa foi uma pergunta retórica acabo respondendo.

— Não tenho a menor ideia.

— Também não tinha e me parece que o gênio do médico não tinha também, por que uma dessas vitaminas corta o efeito de medicamento de controle de natalidade, ou seja, eu provavelmente posso estar grávida.

— E posso saber por que em nome de todos os santos existentes, você não foi comprar um teste de farmácia ou fazer o beta HCG? — Duda senta-se ereta na poltrona e nos encaramos.

— Se eu estiver grávida minha vida vai mudar de cabeça para baixo, ainda falta um ano para eu me formar, a bolsa do meu estágio quase não é suficiente para ajudar com as despesas, o Gaspar cobre quase tudo, ainda nem temos uma estabilidade, sem mencionar que no próximo ano ele e o Henrique estão planejando abrir o restaurante. Como vai ser um filho, acabamos de

fazer um mês morando juntos — ela pronuncia as palavras rapidamente e sem respirar, ela parecia que ia surtar.

— Ei, respira! — Levanto e vou até ela, coloco sua cabeça entre suas pernas e peço para que ela respire lentamente, que inspire e expire aos poucos, sua respiração melhora e ela se acalma. — Sempre achei o fato de você ter vindo morar com o Gaspar com menos de seis meses de relacionamento uma loucura, sabe disse, te falei várias vezes — ela levanta a cabeça e me encara, ela tenta falar algo, mas antes que pudesse manifestar sua opinião continuo. — Mas aí você me fez perceber que aquele chato te ama, assim como você é maluca por ele e que nada mais importava nem mesmo a minha opinião. Então vou te perguntar mais uma vez, por que ainda não fez o exame? — Ela continua me encarando como se eu tivesse um chifre de unicórnio colorido bem no meio da minha testa.

— Medo eu acho! — Responde por fim.

Levanto-me, vou até onde tinha deixado minha bolsa, pego minhas chaves em cima da mesinha de canto e caminho até a porta.

— Lys! Onde você está indo? — Ela pergunta ao me chamar com a voz alta e meio trêmula.

— Onde você acha que eu vou? — Devolvo sua pergunta e antes que pudesse responder, eu mesma o faço. — Vou até a farmácia comprar um teste de gravidez para termos certeza e para quando seu namorado chegar você contar a ele que terão um filho. — Abro a porta e saio, antes que ela inventasse alguma desculpa, para não me deixar ir.

Pego meu carro e enquanto me dirigia até a farmácia mais próxima, penso sobre como a vida da Duda iria mudar, depois que o bebê nascesse. Ela sempre teve o desejo de construir sua própria família, preferencialmente bem grande e barulhenta, esse era um dos pontos que ela e Gaspar tinham em comum, já que ele descendia de família italiana. Quando ele soubesse sobre o bebê ficaria maluco, uma pena que o pânico não deixa minha amiga enxergar isso.

Construímos uma amizade sólida nos últimos doze anos, éramos acima de qualquer coisa uma irmandade, Duda havia perdido o pai antes de completar cinco anos, por isso a mãe dela tinha mudado para Blumenau, e quanto a mim, fui abandonada pelo meu pai quando tinha oito anos, conheci a Duda algumas semanas depois dele ter pedido o divórcio à minha mãe e ter saído de casa. Recordava-me de muitas coisas daquela época. No pouco

tempo em que convivemos ele tinha sido um bom pai, só que aparentemente ao se divorciar da minha mãe ele também se divorciou de mim, mesmo tendo me prometido que sempre me amaria e sempre estaria presente em minha vida. Chego à farmácia e em menos de dez minutos estou voltando para a casa da minha amiga, esperando que ela estivesse mais calma e controlada. Felizmente sinto-me aliviada ao chegar e me deparar com a antiga Duda, a garota equilibrada e sensata que eu conheço a vida toda, ela abre um sorriso assim que me ver.

— Meio que surtei não foi? — Fala meio sem graça.

— Sim, mas voltou ao seu normal e é isso o que importa, além disso, também teria surtado com a possibilidade de ser mãe — ela cai na risada e acabo me contagiando também. — O que acha de fazer xixi no palitinho e confirmamos de uma vez se serei titia? — Falo, assim que me recupero da crise de riso. Duda prende a respiração por um segundo antes de soltá-la lentamente.

— Vamos lá! — Fala e caminhamos para seu banheiro, fico esperando na porta até ela sair.

— E então, deu positivo ou negativo? — Pergunto, agora quem estava ansiosa era eu.

— Na bula diz que temos que esperar de cinco a dez minutos para o resultado, se for negativo aparecerá apenas um palitinho na cor rosa e se for positivo dois palitinhos na cor rosa — entro no banheiro, ela coloca o teste em cima da pia e senta-se na tampa do vaso sanitário, enquanto fico de pé de frente para ela. — Lys, se o resultado for positivo como vou contar para o Gaspar? — Pergunta parecendo insegura, mas permanecendo tranquila.

— Esperando-o chegar em casa hoje depois do trabalho e falando "Amor, estamos grávidos!", muito simples, não acha? — Sorrio para ela e pisco um olho, tinha a intenção de quebrar o gelo, só que não deu muito certo.

— Tudo parece simples para você, só que algumas coisas não são tão simples assim — fala com seriedade.

— Qual é, Duda! Quantas vezes você me disse dos planos que fazia com o Gaspar, que ele queria ter uma família grande, com uma casa grande de jardim, inclusive eu ouvi esse discurso inúmeras vezes da boca do próprio senhor certinho. Ele vai ficar muito feliz. — Falo de modo confiante, se eu tinha uma certeza nessa vida, era de que o Gaspar ficaria feliz ao saber que

seria pai.

— Você está certa, eu é que estou entrando em parafuso.

— Certo, hora da verdade! Quer que eu veja ou quer ver sozinha?

— O que acha de olharmos juntas? — Fala segurando minha mão, ficando de pé e pegando o teste sobre a pia.

— Ok! Pronta? — Assenti e viramos o teste para podermos ver o resultado. — Parabéns! Para nós duas. Você vai ser mamãe e eu serei titia. — Duda levanta seu olhar e nos encaramos, seus olhos estão repletos de lágrimas e sinto sua emoção ao abraçá-la.

— Você tem toda razão, ele vai transbordar de tanta felicidade quando souber — fala ainda abraçada a mim.

Se naquele dia, eu tivesse jogado na megasena, sem sombra de dúvida, teria ganhado. Duda me pediu para ir jantar com eles naquela noite, acho que ela me queria lá para dar apoio moral ou algo do tipo, sabia que seria desnecessário, mas como ela disse que se sentiria mais segura resolvi ir. Antes, fui até o projeto onde eu dava aulas de música para crianças carentes, precisava acertar meus horários já que estaria de férias da universidade em algumas semanas, de lá fui direto para o apartamento dos meus amigos. Como imaginei, Gaspar não apenas ficou imensamente feliz, ele também surtou de tanto entusiasmo, e como a Duda falou sabiamente "transbordou de tanta felicidade". Obviamente isso aconteceu assim que compreendeu que seria papai, antes disso ele me pareceu meio catatônico e estranho, mas essa reação não durou nem dez segundos. O paspalho girou a Duda, falou com o bebê, que para mim parecia mais com uma barriga, me agarrou e me girou também. Estava imensamente feliz por eles, tinham certeza de que seriam muito felizes juntos.

Os dias passavam com uma velocidade assustadora, e com eles veio também a correria do fim do semestre. Além de me preocupar como meus projetos e provas tentava ajudar a Duda no que eu podia, ela estava tentando fechar o semestre com as disciplinas completas, para que no próximo pudesse respirar tranquila. Mesmo nossos cursos sendo diferentes e possuírem uma grade acadêmica diferente tentei ajudá-la no que pude. No final das contas

depois de falar com o orientador pedagógico e o orientador do seu curso, Duda conseguiu fechar as disciplinas que seriam cursadas nas férias, conseguiu também adiantar um dos estágios obrigatórios, com a solicitação de acompanhamento especial.

Algumas semanas depois da notícia do bebê, Gaspar pediu Duda em casamento. Dois meses depois do pedido eles trocaram alianças, a cerimônia foi simples, apenas para as famílias e os amigos mais próximos, tudo foi muito bonito. A família da Duda se resumia a sua mãe Laura, que era minha tia do coração, uma tia que morava no Rio de Janeiro e minha família, é claro, vovó Clara e tia Liliana que a tinham como parte da nossa família. Já a família do Gaspar era outra história, eles tinham um pé na Itália, então eram numerosos, barulhentos e assim como a Duda eu amava-os. Todos eles eram incríveis. Ettore e Lívia, pais de Gaspar, eram umas figuras, super bem-humorados, simpáticos e o amor que sentiam um pelo outro refletia na família que tinham construído. Samara era a irmã mais velha e já tinha construído sua própria família com o Caíque, eles tinham uma filha linda chamada Savana de quase oito anos. Mael era o irmão caçula também conhecido como o adolescente rabugento. Gael era irmão de Ettore e pai do Henrique que era seu filho único. Quando Duda começou a sair com Gaspar acabei conhecendo a família aos poucos, o primeiro foi Henrique com quem construí uma amizade, que tenho certeza levarei para o resto da vida.

No dia 23 de agosto de 2009 com 2,850kg medindo 48 centímetros nasce Isabella Leal Bianucci. Uma coisinha rosada, molenga, tão frágil e delicada como um cristal. Foi uma verdadeira gritaria na sala de espera, para ver quem entraria primeiro no quarto para conhecer o mais novo membro das famílias. Assim que Ettore pôs ordem na bagunça, um por um, todos entraram para conhecê-la. Em poucos segundos a pequena Isa, como foi carinhosamente apelidada pela prima Savana, tinha todos os membros de todas as famílias caídos de amores por ela.

O tempo passou como se guiado por uma flecha, pelo menos tão rápido quanto. Em um fim de tarde, quando tinha saído da faculdade um pouco mais cedo para ir até o apartamento da Duda com o único objetivo de mimar um

pouco minha bonequinha, fui surpreendida por um pedido vindo da Duda.

— Você tem muito jeito com crianças, ela sempre fica assim quando você a segura — olhei para minha amiga, que dobrava as roupinhas da filha e sorri.

Sempre que eu segurava a Isa quando estava agitada ou chatinha por causa das cólicas, e começava a cantarolar alguma sinfonia de Bach, Beethoven, Mozart, Mojola, o mestre *Yo-Yo Ma*[2] ou qualquer um dos inúmeros grandes musicistas que estudava incansavelmente dia e noite, a pequena se acalmava, era instantâneo e nem eu conseguia entender.

— Não tenho "jeito com crianças" como você colocou no plural, tenho uma conexão com a sua filha e só. Sabe bem que eu nunca fui muito maternal — Duda abre um enorme sorriso com meu comentário.

— Pode até ser! — Fala ainda sorrindo, e fica em silêncio por alguns segundos contemplando a filha em meus braços. — Nunca imaginei que sentiria um amor assim, é como se eu estivesse incompleta ante de envolvê-la em meus braços pela primeira vez. — Fala com seriedade. — É difícil até de explicar, entende? — Não conseguia nem dimensionar esse tipo de amor, mas sempre tive bons exemplos, apesar da negligência dos meus pais — Daria minha vida pela dela. — Ao pronunciar essas palavras desvia sua atenção da filha e me encara sorrindo. — Um dia quando você for mãe vai entender.

— Tenho a Isa para mimar, enquanto você e Gaspar educam. Para que vou inventar de ter filhos se tenho essa bonequinha? Não é amor? — Dou um beijo em sua cabecinha e inspiro seu cheirinho gostoso de bebê. Duda apenas sorriu.

— Sei que a ama e é por isso que depois de muito conversar com Gaspar, decidi que você seria a madrinha dela. — Fiquei em estado de choque com aquela declaração, seria uma honra, é claro, mas ser madrinha de alguém era muita responsabilidade. Não consegui falar nada, apenas fiquei encarando minha amiga, enquanto ela continuava dobrando as roupinhas da Isa, como se não tivesse me dito nada demais.

— Tem certeza, Duda? Quer dizer, é uma grande responsabilidade. — Ela volta a me encarar.

— Quem amaria minha filha tanto quanto eu ou quanto o pai dela? Pensei muito sobre isso. — Ela estava certa, eu amava aquele pedacinho de gente mais que tudo, ainda me encarando, ela continua. — Quero uma pessoa

que a ame tanto quanto nós, alguém que esteja presente em sua vida e que fique ao seu lado quando eu e o Gaspar não estivermos. Tenho certeza absoluta que você é a pessoa certa. — Sorrimos uma para a outra, ela se aproxima de mim e me abraça com Isa entre nós.

— Obrigada, por confiar em mim, farei tudo o que estiver ao meu alcance para ser a melhor madrinha do mundo. — Falo e voltamos a nos abraçar.

Algumas semanas depois do batizado da Isa, recebi o resultado de uma inscrição que eu havia feito quase um ano antes para uma especialização fora do país. Eu havia sido aprovada, ganhei uma bolsa de estudos integral de intercâmbio, para fazer especialização em Teoria da Música na *Faculdade Berklee de Música* uma das maiores faculdades independentes de música do mundo, não tinha a menor ideia de como isso tinha acontecido, bem, claro que eu tinha. Compus uma sinfonia para violoncelo, gravei com a ajuda do meu orientador, me inscrevi no projeto sem fronteira, mandei meu currículo acadêmico, juntamente com minhas partituras e gravação, quase um ano depois chegou o resultado da minha aprovação. Minha cabeça apena girava e girava. Muitas emoções diferentes tomaram conta de mim, felicidade, êxtase, realização, medo e várias outras. Sair do meu país para outro completamente diferente, deixar minha família e amigos, outro sentimento que veio à tona dentro de mim foi o pânico.

— Não parece feliz com a notícia! É uma grande oportunidade, Alyssa, milhares de estudantes de faculdades federais, em todo o país se inscreveram nesse projeto, apenas alguns passaram — ouço o orientador do curso de Música, Cássio, falar sem saber bem como explicar minha reação. — Mas, obviamente, a escolha é sua.

— Estou imensamente feliz, Cássio, nunca imaginei que seria escolhida — finalmente consigo sorrir. — Fiquei surpresa, apenas isso, e também não é fácil saber que vou ficar longe da minha família por dois anos. Mas, estou muito contente, extasiada na verdade. — Felicidade era pouco para definir meus sentimentos. Depois que o medo e o pânico passaram, comecei a

enxergar todas as possibilidades que se apresentavam a mim. — Tenho algumas dúvidas, Cássio! — Meu coordenador, professor e também amigo dos últimos quatro anos de faculdade sorriu.

— Ficaria surpreso se não tivesse! — Sorrir para mim e pergunta quais são minhas dúvidas. Conversamos por quase uma hora em sua sala, ele me explicou com muita paciência como seria e o que eu teria que fazer a partir de agora. Depois que terminamos nossa conversa, nos despedimos e me retiro de sua sala com minha mente funcionando a mil por hora.

Milhares de coisas passaram por minha cabeça. Minha primeira providência era contar a minha família, e era exatamente por esse motivo que estava dirigindo até à chácara da minha avó. O caminho não era tão longo, apenas vinte e cinco minutos, aproveitei esse tempo para pensar. Assim como a Duda, minha família era pequena. Éramos basicamente apenas eu, minha avó e minha tia, elas eram tudo para mim. Foram meu pai e minha mãe desde que eu tinha oito anos de idade. Naquela época, tia Liliana ainda era casada, meu avô Pascoal ainda era vivo, assim como minha mãe Clarissa. Vovô morreu alguns meses depois do meu aniversário de dez anos, foi um ataque cardíaco fulminante que o levou de nós. Já minha mãe, que nunca foi muito presente em minha vida, uma situação que piorou consideravelmente depois que meu pai nos abandonou, adoeceu alguns anos depois e se entregou à doença e à tristeza, faleceu quando eu tinha quinze anos.

Passei por muitas perdas ao longo dos meus vinte e um anos de vida, acredito que cada uma delas me ensinou o tipo de pessoa que desejo ser e mesmo tendo sido dolorosas, todas elas me trouxeram alguns ensinamentos. Chego à casa da minha avó, mais rápido do que imaginei, foram vinte minutos apenas, ao chegar em frente ao portão buzino e as luzes da frente se acendem, olho no relógio são 20h18min, ainda era cedo. Minha tia entreabre a porta menor e sorri, fecha a porta para abrir o portão. Tia Liliana era uma mulher linda, no auge dos seus quarenta anos tinha um corpo alongado e curvas nos lugares certos, cabelos escuros abaixo do ombro e olhos castanho escuros. Casou-se muito jovem, sua união teve um início repleto de amor e companheirismo, as coisas mudaram quando a única filha do casal morreu vítima de um acidente, minha tia e o marido passaram a se tornar estranhos um para o outro e então se separaram, pelo menos foi a história que vovó Clara me contou. Depois do fim do casamento, tia Liliana mudou-se para a chácara da mãe, não tocamos no assunto sobre a perda da sua filha, é muito

doloroso. Entro na garagem e enquanto minha tia fecha o portão, estaciono e saio do carro.

— Oi, meu bem! — Fala ao me abraçar, ela sempre tinha um ar leve e relaxado, com as roupas manchadas de terra — Devia ter ligado avisando que vinha para mamãe ter feito bolo de chocolate — sorri feliz, aquelas duas mulheres eram meu alicerce. Antes que eu pudesse responder ouço vovó Clara.

— Quem é Liliana?

— É a Lys, mãe, veio nos fazer uma visita! — Minha tia fala e já sai me puxando em direção a casa.

Lembro com carinho da minha infância naquele lugar, todas as minhas memórias estavam vinculadas diretamente aquela pequena chácara, com um jardim tão bem cuidado, repleto de flores, o perfume era muito familiar para mim. Amava aquela casa.

— E por que não me avisou? Teria feito seu bolo preferido. — Falava ao sair de dentro da estufa de tia Liliana, que era paisagista, uma das melhore. — Venha cá, minha menina, estava morrendo de saudade, devia ter me avisado que vinha. — Me envolve em seus braços ao se aproximar. Minha avó nem parecia ter sessenta e três anos, possuía uma vitalidade e vivacidade que poucos jovens tinham, seu sorriso fácil, assim como seu bom humor era contagiante. A única coisa que entregava sua real idade eram seus cabelos brancos platinados, que ela adorava espalhar que eram naturais, só que todos sabiam que ela ia pelo menos duas vezes por mês ao salão de beleza para realçar a cor dos seus fios.

— Resolvi vir de repente, vovó, tenho uma notícia para dar e não podia esperar até amanhã, porque estou muito feliz. E não estou com fome, obrigada!

— Bem, se está feliz é coisa boa, então fico contente por não conseguir esperar até amanhã — vovó fala abrindo um sorriso.

— Então vamos até a estufa, estava preparando algumas mudas para o trabalho amanhã — nós três seguimos e caminhamos em direção ao "escritório" da minha tia, como eu costumava chamar, tia Liliana dizia que era "Seu pedacinho do paraíso".

Adorava o aroma de terra molhada daquele ambiente. As duas grandes mesas de madeira estavam repletas de vasos com mudas de vários tipos diferentes de flores e plantas, algumas delas eu reconhecia, já tinha passado

inúmeros verões ajudando-a em seu trabalho. Vovó senta na cadeira em uma das bancadas, onde ela parecia reenvasar algumas mudas de plantas, vovó era formada em Música, deu aulas durante muitos anos, herdei dela o amor pelas partituras. Dona Clara adorava ajudar tia Liliana na estufa, dizia que era sua terapia preferida. Sentei-me ao lado da minha tia, que estava realizando podagem de algumas mudas de flores.

— E então, minha querida, que notícia tão maravilhosa é essa que não pode esperar até amanhã? — Vovó pergunta ainda concentrada em sua tarefa de reenvasamento, mas não tinha dúvida de que ela estava bem atenta a qualquer coisa que eu viesse a falar.

— Também estou muito curiosa, Lys!

— Vou explicar do início então, para que vocês recebam a notícia com um menor impacto — as duas pararam o que estavam fazendo e direcionaram sua atenção para mim. — Lembram-se daquele projeto de intercâmbio do governo? Onde eles ajudariam alguns jovens talentos a realizar uma especialização fora do país? Mencionei com vocês algumas vezes! — Ambas assentiram e continuei narrando tudo como aconteceu desde a minha inscrição até a conversa que tive há pouco com o coordenador do curso de Música.

— Minha querida! Parabéns, esta notícia é maravilhosa. — Vovó fala assim que termino de contar a novidade. — Quando tem que começar? — Vovó parecia muito animada, mas minha tia não disse nada, apenas continuou em silêncio.

— Então, tenho que terminar o bacharelado primeiro, preparar uns documentos e realizar alguns procedimentos. Pelo que o Cássio me explicou, eles querem que os alunos do intercâmbio cheguem na segunda semana de janeiro para iniciar o semestre. — minha tia continuou em silêncio. — Vou ter um mês e meio para organizar tudo e partir logo depois das festas de fim de ano. Meu trabalho de conclusão de curso está quase finalizado, falta apenas a revisão final do meu orientador a e minha apresentação está programada para a primeira semana de dezembro, espero que tudo dê certo. — vovô sorriu e me abraçou.

— Claro que vai dar, tenho certeza.

— O que você acha, tia? Até agora não disse nada! — pergunto já um pouco nervosa pelo seu silêncio.

— Você sabe o quanto te amo, tudo o que eu desejo é que seja feliz! —

Assenti. O amor delas era uma das poucas certezas que eu tinha em minha vida — Mas, Lys, o mais longe que você foi de Santa Catarina foi quando se apresentou em São Paulo e enquanto seu lugar na orquestra sinfônica jovem da faculdade, como vai ficar? — parecia ter escolhido bem as palavras antes de tê-las pronunciado, entendia os receios dela, sabia que minha partida seria complicada para ela. — Meu bem, é do outro lado do atlântico, estará sozinha em um país estranho e... — antes que ela pudesse continuar vovó a interrompeu.

— Pelo amor de Deus, Liliana, pare de falar tantas bobagens. Não ouviu o que Lys falou? Ela ficará na casa de uma família adotiva, eles vão ajudá-la a se adaptar e vão dar todo o suporte, ela não estará sozinha, além do mais, Lys já não é mais uma criança, já é uma mulher e tem que viver. Conhecer novos lugares, novas pessoas e se dedicar a sua carreira. — Não consigo evitar e abro um enorme sorriso, vovó era como uma força da natureza, um ser livre. Todos dizem que tenho muito dela em mim e tenho muito orgulho disso. — Não seja tão negativa! — fala por fim.

— Não é negatividade, mãe, apenas preocupação, mas sei que a senhora está certa — fala com um suspiro de resignação.

— Tia, ligarei todos os dias, é uma oportunidade única. Em relação à minha vaga na orquestra, quando eu voltar poderei escolher onde e com quem irei trabalhar. A Faculdade Berklee de Música é uma das melhores escolas de Música do mundo. — ela faz que sim, me abraça e parabeniza.

Fico mais uma hora conversando com elas, explicando todos os detalhes, fazendo planos, eu estava tão feliz. Era uma grande oportunidade e eu seria a melhor aluna do programa, a melhor da faculdade inteira ou eu mudaria meu nome. Dirigindo de volta para casa pensei na Duda, na pequena Isa, em Henrique, Samara, Savana, Caíque, nos meus amigos, nas pessoas da ONG onde eu dava aulas, nas minhas crianças, Gaspar, sentiria saudade até mesmo dele, seriam dois anos muito longos. Precisava conversar com Duda para contar a novidade, ela ficaria feliz por mim.

No dia seguinte, antes de ir para a faculdade como de costume, passo no apartamento da Duda para tomar café da manhã e dar a grande notícia. Não vinha sempre que podia durante a semana e às vezes nos fins de semana, não era minha culpa, se minha melhor amiga tinha um marido Chef de cozinha, que fazia o melhor café da manhã do mundo. Chego pontualmente às 7h30min.

— Que bom que chegou! — Duda fala me puxando para dentro do apartamento pelo braço. — Gaspar já está fazendo o café da manhã. Pode ficar com a Isa para eu poder tomar banho? — Passo pela cozinha, acenando para Gaspar que parecia muito concentrado, enquanto Duda continua me arrastando pelo apartamento.

— Claro que sim! — Entramos em seu quarto e Isa está bem desperta mexendo os bracinhos, ela começa a procurar a mãe, assim que escuta sua voz. — Oi, meu amor! Cadê a coisa mais linda da tia?! — A cada dia Isa estava mais espertinha e linda. Vejo quando Duda entra no banheiro gritando "muito obrigada" e fecha a porta. Começo a fazer graça para a Isa que se desmancha chupando as mãozinhas e tentando sorrir ao mesmo tempo. A única coisa que me deixava um pouco triste era saber que não veria o crescimento da minha afilhada. Ainda no banheiro ouço Duda gritar novamente.

— Você disse que tem uma novidade para contar, estou curiosa.

— Tenho, mas só vou falar quando estivermos todos juntos.

— Nossa! Que misteriosa, entrou para alguma seita, desde que nos falamos pela última vez? — Fala ao sair do banho com um sorriso brincalhão.

— Sua mãe virou piadista, Isa! A maternidade muda as pessoas, bonequinha! — Falo fazendo cócegas em sua barriguinha e ela se desmancha toda.

— Muito engraçadinha! Vamos logo tomar café que estou morrendo de fome. Vem com a mamãe, meu amor. — Fico impressionada com a destreza que a Duda pega a filha, ela tinha nascido para ser mãe.

O cheiro que vinha da cozinha era divino, o sabor devia estar incrível também, Gaspar cozinhava extremamente bem. Pelo que Henrique havia comentado comigo eles estavam procurando um ponto, para finalmente abrir o restaurante. Fiquei muito feliz em saber que eles estavam mais perto de realizar esse sonho, economizaram muito para isso. Na bancada tinha comida para um batalhão de infantaria, Gaspar sempre exagerava. Nos sentamos, enquanto Duda colocava Isa no carrinho, assim que ela se junta a nós começo a me servir e eles também. Adorava tomar café da manhã com eles, era sempre muito divertido.

— E então! Que novidade é essa que tinha que ser falada pessoalmente? — Duda pergunta depois de alguns instantes.

— Até eu estou curioso para saber, desde que você ligou falando dessa tal novidade, Duda não fala em outra coisa. — Gaspar fala com uma careta meio estranha, que me deu vontade de rir, mas me seguro e decido contar logo de uma vez.

— Vou resumir para economizar tempo, ganhei uma bolsa de estudos para fazer especialização fora do país — os dois me encaram, um parecia incrédulo, a outra com um enorme sorriso.

— Foi aquele projeto que se inscreveu no ano passado? — Duda pergunta ainda sorrindo.

— Esse mesmo! Fiz aquela composição para a inscrição e deu certo.

— Mas é claro que deu, você é uma musicista incrível, tinha certeza que conseguiria — ela parecia uma mãe orgulhosa, falando com a filha que passou no vestibular, esse pensamento me faz sorrir. — Estou muito feliz por você. — Fala já me abraçando.

— Não vai me dar os parabéns, Gaspar? — Pergunto ao perceber que ele ainda parecia incrédulo.

— O mais longe que você já viajou foi até São Paulo e quer ir morar do outro lado do oceano? Como vai se virar? — Minha nossa, ele parecia minha tia falando.

— Primeiro, já sou bem grandinha, falo inglês fluentemente e sei me cuidar. Segundo, vou ter o apoio da faculdade e irei morar com uma família adotiva, que são casais aposentados que se inscrevem em programas de intercâmbio para hospedar jovens estudantes de outros países, então não estarei sozinha. — Gaspar coloca as mãos para o alto em sinal de rendição.

— Só fiquei preocupado, você sempre foi meio... — antes que ele continuasse Duda o interrompe.

— Amor! É melhor você não continuar.

— Tudo bem, estou feliz por você, Lys, meus parabéns. — Fala por fim abrindo um sorriso nada convincente e que decido ignorar.

— Obrigada, estraga prazeres!

Duda me pergunta mil coisas, quando iria viajar, como funcionava o projeto, se eu estava animada. Conversamos bastante, expliquei tudo em detalhes, Duda me prometeu que mandaria vídeos e fotos da Isa sempre, que eu não perderia nada do crescimento e desenvolvimento da minha afilhada.

E mais uma vez os dias passaram, as semanas se seguiram e os meses voavam, cada um deles me aproximando mais da minha partida. O Natal e o Réveillon foram repletos de lágrimas e com sabor de despedida. Tudo já estava pronto para minha partida, todas as providências foram tomadas.

O dia do meu embarque finalmente chega, uma passagem apenas de ida, depois que entrasse naquele avião, começaria a escrever uma nova página da minha vida. Chego ao aeroporto, com todos os meus familiares e amigos mais próximos, me despeço de todos em meio a lágrimas, beijos e abraços apertados.

— É bom você me ligar, sua doidinha! — Henrique fala me dando um abraço de urso esmagador.

— Pode deixar, vou ligar sempre que eu puder, prometo — repito mais uma vez a fala que venho dizendo há semanas. — Me dá aqui minha sobrinha/afilhada! — Duda me estende a Isa. — Vou morrer de saudade de trocar sua fralda, te colocar para dormir e de te mimar. Mas prometo voltar em um piscar de olhos. — Beijo o topo da sua cabecinha, ela tinha crescido tão rápido, tinha acabado de fazer cinco meses. Entrego Isa para Gaspar, me despeço de todos uma última vez.

Abraço firme vovó Clara, tia Liliana, tia Laura, mãe da Duda, depois Gael, Samara, Caíque, Lívia, Ettore, Mael, Henrique, um por um vou me despedindo pela milésima e última vez. Seria difícil ficar tanto tempo distante deles, amava-os muito. Duda e Gaspar foram os últimos, abracei os dois, fiz prometer mais uma vez que mandariam fotos e vídeos da nossa bonequinha, e finalmente segui meu caminho até a área do embarque.

Enquanto o avião taxiava, pensava em como dois anos passam rápido e que em breve estaria retornando.

Capítulo 3

Novembro de 2011

O dia estava frio e meio nublado, o sol da primavera tinha se escondido esta manhã. Talvez fosse um sinal de mau presságio. Salas de espera em hospitais sempre me deram nos nervos. Quando a doutora Moreno havia me ligado alguns dias atrás, avisando que meus exames já estavam prontos, marquei rapidamente a consulta, a doutora me acompanhava desde que descobri que estava grávida da Isa, ela era uma excelente médica. Em nossa última consulta ela havia solicitado uma bateria completa de exames, há algumas semanas não vinha me sentindo muito bem, tinha dificuldade para respirar, me cansava com facilidade, constantemente com febre e perdendo peso com uma rapidez assustadora. Demorei mais do que deveria para procurá-la, só que ser mãe, esposa, dona de casa e ainda trabalhar fora ocupa muito meu tempo, apenas alguns dias atrás consegui respirar um pouco para vir procurar minha médica.

— Senhora Bianucci! — Desperto dos meus pensamentos, ao ouvir meu nome.

— Sou eu! — Falo ficando de pé.

— Por favor, me acompanhe, a doutora Moreno irá atendê-la. – Sigo a recepcionista pelo corredor até a sala da doutora, ela bate e abre aporta para que eu entre. Agradeço por sua gentileza, ela sorri e tranca a porta. Assim que me viro, dou de cara com um olhar atento da minha médica. Nunca perguntei sua idade, mas acreditava que ela tinha por volta de 40 a 50 anos.

— Como vai, Eduarda? — Pergunta já de pé vindo em minha direção para me cumprimentar.

— Bem, na medida do possível. Esta semana tive uns enjoos e a febre voltou mais forte também. — ela assente, contorna sua mesa e se senta de frente para mim, e pede para que eu me acomode. — A senhora já sabe o que

eu tenho, doutora? Já viu meus exames? — pergunto assim que me sento na cadeira.

— Avaliei seus exames, mas antes de explicar qualquer coisa, temos que esperar uma pessoa chegar, um colega médico que trabalha aqui.

— Outro médico? Mas por quê? Não estou entendendo... — antes que pudesse perguntar mais alguma coisa, somos interrompidas pela batida da porta.

— Pode entrar!

— Com licença, Patrícia, desculpe a demora, tive que finalizar o último atendimento antes de vir — um homem de aproximadamente 30 ou 40 anos fala ao entrar, provavelmente era ele o médico que a doutora estava esperando. — Bom dia, senhora Bianucci! — Me cumprimenta.

— Bom dia, doutor! — Volto a encarar minha médica sem conseguir entender o que estava acontecendo e começando a ficar assustada.

— Não tem problema, Gabriel, Eduarda acabou de entrar em minha sala.

— Doutora, a senhora poderia me esclarecer o que está acontecendo? Estou começando a imaginar coisas! — Enquanto questiono minha médica, o doutor Gabriel pega uma cadeira e se acomoda ao lado da doutora Moreno.

— Esse é o doutor Gabriel Wagner, ele é oncologista. Vamos esclarecer tudo...

— Como assim oncologista? — falo antes que ela pudesse continuar.

— Senhora Bianucci...

— Doutor, o senhor poderia me chamar de Eduarda ou Duda, já estou ansiosa o bastante, toda essa formalidade me deixa ainda mais tensa.

— Claro. Eduarda, como ia dizendo a doutora Patrícia me procurou há alguns dias para que eu avaliasse seus exames... — mais uma vez o interrompo.

— E para que exatamente o senhor teria que avaliar meus exames? — Queria que eles fossem mais objetivos e que não divagassem tanto para me contar o que diabos tinha de errado comigo.

— Eduarda, quando avaliei seus exames apareceram algumas informações que eu não esperava e que não é da minha especialidade, sou ginecologista obstetra como bem sabe. Então pedi ajuda para o Gabriel.

— Em um dos seus exames constou uma alteração nas suas células, que exigem exames mais específicos para que se tenha certeza, suspeitas são

apenas suspeitas se não se tem certeza absoluta do que se trata, e é por isso que estou aqui. — Um frio percorre minha espinha e sinto minhas mãos começarem a suar.

— De que suspeitas estamos falando, doutor, por favor, seja mais claro. — Peço porque aquela angústia estava acabando comigo.

— Sinto muito, Eduarda, mas suspeito de que esteja com câncer — meu mundo desmorona, desaba ao meu redor, a angústia se transforma em desespero e o calafrio na minha espinha passa para meu estômago — Ainda não é uma certeza, os exames de sangue acusaram células diferenciadas maléficas. Pode não ser nada, mas precisamos ter certeza, então passarei alguns exames específicos... — Ele continua falando, enquanto minha mente tenta absorver tudo o que ele me falava.

Saio do consultório sem certeza de nada, com meu coração em minhas mãos e com um medo descomunal de morrer e não ver o crescimento da minha filha, seu desabrochar, seu casamento. Penso em Gaspar, como iria contar para ele, penso na minha mãe, na Lys que ainda estava nos Estados Unidos, tantas coisas passam pela minha cabeça, mas a única delas que me sustenta através de uma fina linha de esperança é a dúvida, a incerteza, tento me agarrar a elas para continuar respirando e para ter forças e fazer o que deve ser feito.

Alguns dos exames, passado pelo oncologista, consigo fazer naquele mesmo dia, os outros teria que fazer no dia seguinte. Quando finalmente saio do hospital são 11h45min ainda faltava quase uma hora para ir buscar a Isa no colégio, não tinha condições de retornar ao meu trabalho, então decido caminhar um pouco para clarear as ideias. Continuo tentando articular em minha cabeça como contar para o meu marido sobre essa suspeita, imagino inúmeras maneiras de falar, nem uma delas me parece a correta. Entrou no carro, começo a dirigir pelas ruas de Blumenau, sem rumo passo por algumas praças, algumas ruas movimentadas, a alguns lugares que eu costumava ir com a Lys. Pensar na minha melhor amiga me fazia sentir uma saudade imensa, não a via há quase dois anos, ela está finalizando sua especialização em Teoria da Música na *Faculdade Berklee de Música* em Boston, sempre

que dava nos falávamos pelo skype, por mensagens ou pelo celular só que não era a mesma coisa. Tinha muito orgulho da Lys, ela passou por muitas coisas na vida, foi abandonada pelo pai com apenas oito anos, o avô dela morreu quando tinha dez anos e a mãe adoeceu e se entregou à doença e à depressão quando ela tinha apenas quinze anos. Alyssa era a pessoa mais forte que eu conheço, se ela estivesse aqui comigo, estaria ao meu lado e me daria a certeza que tudo ficaria bem e com seu jeito de moleca ainda encontraria uma forma de me fazer sorrir. Mas não podia falar para ela, não seria justo quando faltavam apenas dois meses para sua formatura, e também ainda nem tenho certeza do que eu tenho.

Quando já passa do meio dia, sigo meu caminho para o colégio, tinha que buscar meu anjinho, meu pedacinho de amor. Não demoro muito, em pouco mais de vinte minutos, estou em um pequeno estacionamento em frente à escola. Desço do carro, caminho até a entrada, vejo algumas mães que conheço, pois eram mães de alguns dos meus alunos. Fazia quase um ano que tinha me tornado professora de Artes, foi bastante conveniente já que eles tinham berçário e escolinha para crianças a partir dos dois anos de idade. Cumprimento todas elas, algumas me param para perguntar como estava o filho. Assim que chego à portaria encontro Naomi, educadora da Isa, uma bela morena de olhos escuros e marcantes, ainda muito jovem, tinha apenas vinte e um anos, estava fazendo especialização em educação infantil na UFSC, nos tornamos amigas nesse período em que leciono na instituição, que ia do berçário escolar ao ensino médio.

— Como vai, Naomi? — Pergunto chamando sua atenção, ela ainda não tinha me visto, pois estava se despedindo da mãe de um dos alunos. Assim que direciona sua atenção para mim, sorri. — Onde está meu pinguinho de gente?

— Eu estou bem, seu pinguinho de gente estava bem ali há alguns segundos — fala já olhando em todas as direções possíveis procurando minha filha, faço o mesmo tentando localizá-la, eram muitas crianças de todas as idades, mesmo o prédio sendo dividido em três blocos, eram muitos alunos. — Onde essa pequena se meteu? — Pergunta mais para si mesma. — Me virei um segundo para entregar um dos alunos à mãe e a Isa some. Como pode isso? Seu Laerte! — ela chama o zelador, um senhor muito amável, que aparentava ter uns sessenta anos e que era adorado pelas crianças da escola.

— Calma, Naomi, ela deve está brincando com algum amiguinho ou

aprontando por aí — conhecia bem minha sapeca, ela deve ter escapado com o objetivo de aprontar alguma coisa.

— E você fala isso com essa tranquilidade? — antes que eu conseguisse responder a pergunta da Naomi, seu Laerte chega.

— Aconteceu alguma coisa, professoras? — Pergunta um pouco ofegante.

— O senhor viu a Isa? — pergunto.

— Ela não estava sentada no banquinho ainda agora?! — ele questiona.

Antes mesmo que qualquer um de nós se movesse ou falasse mais alguma coisa ouvimos uma pequena comoção de alunos e alguns adultos, eu e Naomi nos entre olhamos, e sabemos perfeitamente bem quem estava causando todo aquele alvoroço. Corremos em direção a um pequeno aglomerado de crianças, com seu Laerte logo atrás. Assim que chegamos nossas suspeitas se confirmaram, Isa estava presa em um buraco no muro que separava a rua e o jardim da escola, ela parecia segurar alguma coisa e se recusava a largar. Apresso-me passando por algumas pessoas, crianças e adultos para alcançar minha filha.

— Bonequinha, o que está fazendo aí? — Falo já me abaixando, assim que me vê abre um enorme sorriso, suas pernas estavam do outro lado do muro na calçada, e o que ela segurava com tanta proteção era um filhote de cachorro, provavelmente sem raça e sem ser vacinado, com uma cor meio marrom. Gaspar teria um ataque se visse algo assim.

— Mame, não é indo? Salva ele mame, os carro iam passar por cima dele, ai passei pelo buraco para buscar. Posso ficar com ele? Agora somos amigos, posso? — Me pergunta com os olhinhos brilhando, enquanto eu estava desesperada pensando no perigo que ela devia ter passado. Mantenho minha calma para poder tirá-la daquele buraco, depois que eu a tirasse de lá resolveria o resto.

— O que acha de primeiro tirarmos você desse buraco, depois termos uma conversa sobre segurança e só então falarmos desse filhotinho? — Ela assente com a cabeça e sorri pra mim. — Amor, me passa o bichinho, a mamãe promete que vai proteger ele também — ela me entrega o animal de imediato, eu o entrego nas mãos da Naomi, então sento no chão, colocando uma perna de cada lado da Isa, enfio meus braços pelo buraco, envolvendo sua cintura e puxo-a impulsionando com meus pés que estavam na parede, finalmente consigo soltá-la. Ela se gruda comigo e começa a rir, tudo para a

Isa era uma grande aventura. — Filha, nunca mais faz isso com a mamãe, tá?! — ela faz que sim com a cabeça, sem desgrudar de mim.

— Prometo, mame. Posso ficar?

— Conversaremos sobre isso com o papai. Se ele não tiver um ataque quando souber o que aconteceu — nos levantamos, Naomi tinha em seu rosto estampado uma expressão incrédula.

— Como ela conseguiu sair, pegar esse cachorro e ficar entalada em um buraco em 30 segundos? — pergunta meio atônita.

— Você ficaria surpresa com o que essa sapeca aqui é capaz de fazer, principalmente se animais estiverem envolvidos. Obrigada, Naomi! Agora vou levar essa monstrinha para casa. — Despeço-me dela, pego o bichinho das suas mãos, tranquilizo a diretora que tinha vindo correndo, parecendo nervosa, assim que soube do ocorrido e então seguimos para o carro.

No caminho para casa, esclareci os perigos que ela correu para salvar o animalzinho, expliquei que deveria ter chamado um adulto e não ter ido ela mesma atrás dele. Isa é uma criança que tem facilidade de compreensão, quando percebo que ela entendeu o perigo pelo qual passou, e depois dela ter me garantido que nunca mais faria isso novamente, me tranquilizo.

O caminho da escola até nossa casa não era muito longo, quinze minutos depois de termos deixado o estacionamento, chegamos. Havíamos nos mudado para um apartamento maior, alguns meses depois do nascimento da Isa com dois quartos e mais próximo do centro, onde Gaspar e Henrique alugaram o espaço para abrirem o restaurante. O primeiro ano foi bem difícil. Hoje quase dois anos depois, percebo que valeu a pena todo o sacrifício pelo qual passamos, “Sabores” estava sendo considerado um dos melhores restaurantes de Blumenau, Gaspar trouxe pratos sofisticados de outros países e incorporou neles ingredientes brasileiros, fazendo novas releituras e criando um estilo próprio de cozinhar, Henrique ficou com a parte da administração e também era sommelier. Com um ano e oito meses no mercado já tinham quitado as dívidas e estavam com planos para abrir um segundo restaurante dentro de um ano.

Enquanto subíamos pelo elevador minha cabeça não parava de maquinar como abordar o assunto, que tanto rondava meus pensamentos, até a Isa tinha percebido que tinha algo errado, as pessoas sempre falam que criança sente e é verdade.

— Mame, tá triste? — Pergunta esticando um dos bracinhos pedindo

colo, enquanto o outro segura o bichinho, me agacho para erguê-la em meus braços e seguro os dois.

— Não, bonequinha! Apenas pensativa, só isso. — inesperadamente ela me dá um beijo estalado no rosto e tento evitar que as lágrimas venham à tona, o que é quase impossível.

— Não chora, mame, te amo!

— São lágrimas de alegria, meu amor, e a mamãe também te ama muito — tento me recompor da melhor maneira que posso, buscando disfarçar minha angústia, Isa seca minhas lágrimas com as mãozinhas minúsculas. — Viu, já passou! — Ela assente e neste momento o alarme do elevador avisa que já chegamos ao andar. — Quem quer comer a comida do papai? — Pergunto com o objetivo que ela esqueça meu descontrole momentâneo.

— EU! — grita já descendo dos meus braços e correndo para o apartamento agarrada com a cachorrinha, Gaspar teria um ataque quando visse o animalzinho.

Quando chego à porta, Isa está fazendo força tentando abrir a maçaneta, apenas com uma mão, eu ajudo-a e assim que abrimos, ela entra correndo chamando pelo pai. O aroma que vinha da cozinha estava incrível, nem tinha percebido que sentia fome até aquele momento. Ouço a voz do Gaspar, como imaginava, ele ficou louco ao se deparar com a cachorrinha nos braços da nossa filha, ela não tinha desgrudado do bichinho.

— Onde está sua mãe, filha? — Escuto ele perguntar se aproximando da sala.

— Bem aqui!

— Duda, o que esse cachorro está fazendo aqui? — Pergunta ao se aproximar, pegando minha cintura e beijando meus lábios. Nada era melhor que seus beijos. — Amor, por que a Isa está grudada nesse filhote? Ele está sujo e não parece ter sido vacinado, pelo amor de Deus — acho que ele era uma das poucas pessoas que ficavam a beira de um surto e falava com tranquilidade e uma calma fingida.

— Mame deixou ela ficar com a gente, papai! — Fala com sua voz fofa, abrindo um enorme sorriso.

— Calminha aí, bonequinha, disse que ela ficaria provisoriamente até encontrarmos um lar para ela ou um local onde pudesse morar, se o papai deixasse. Lembra? — Encaro Gaspar que agora parecia incrédulo e confuso, enquanto Isa parecia não levar nem um pouco a sério o que eu tinha acabado

de lembrá-la — Amor! Vou explicar o que aconteceu. — Conto em detalhes tudo o que houve, Isa entrega a cachorrinha em minhas mãos, para ir até o quarto. Enquanto relato os acontecimentos, Gaspar tem um ataque por causa do perigo que nossa filha correu, depois fica aliviado e por último parecia resignado. Sigo com ele para a cozinha, deixando o filhote na varanda.

— Não acredito que ela fez isso? Sabe que essa cachorra não vai mais sair dessa casa, não é? — Fico na dúvida se ele fez uma pergunta ou se foi uma afirmação.

— Fiquei com pena dela, Gaspar, coitadinha.

— Vocês duas fazem uma bela dupla, isso sim. — Fala se dirigindo ao fogão e desligando o fogo.

— O cheiro está ótimo... — tento mudar o rumo da conversa, mas sou interrompida antes que pudesse falar mais alguma coisa.

— Lika, mame, cadê? — Olho para o Gaspar que dá um meio sorriso e sei que ele tem toda razão, aquela cachorrinha nunca mais sairia das nossas vidas, quem dirá da nossa casa.

— Até nome o bicho já tem! – Diz balançando a cabeça, resignado.

— Está na varanda, onde vai ficar até tomar um banho e ser vacinada. E você, mocinha, vamos lavar as mãos que o almoço já está pronto. — Isa sorri sabendo que venceu e me entrega uma panelinha de brinquedo cor de rosa. — Isso é para quê, querida? — pergunto sem entender, porque ela tinha ido até seu quarto pegar aquele brinquedo.

— É pra Lika bebe água, mame. — Dou de ombros ao encarar, Gaspar, tanto eu como a Isa, adorávamos animais, na verdade esse amor por bichos ela tinha herdado de mim.

— Bem! Por enquanto serve, mas depois do almoço teremos que ir até um pet shopping comprar tudo o que essa bola de pelos precisa, vaciná-la e dar banho. — Gaspar fala um pouco rabugento. Ele não odiava animais, só achava que dava muito trabalho e que nossa bonequinha ainda era muito pequena para ter um bichinho. Isa pedia um desde que aprendeu a falar.

— O nome dela não é bola de pelo, papai, é Lika — fala sorrindo parecendo achar graça pelo pai não lembrar o nome do filhotinho. O que acaba desarmando completamente meu rabugento marido. Amava-os mais do que qualquer coisa, vendo-os assim, sem preocupações, me deixava ainda mais angustiada. Gaspar pega nossa filha nos braços e começa a beijá-la.

— Vamos almoçar e depois cuidamos da Lika.

Como de costume, nosso almoço gira em torno de como foi na escola, de como estava o restaurante, tento me manter envolvida na conversa, só que não estava sendo nada fácil. Gaspar me encara e sei que ele notou meu estado de espírito, mexo os lábios sem emitir som dizendo que conversamos depois, ele faz que sim com a cabeça concordando e volta a dar atenção a nossa filha. Hoje era seu dia de folga no restaurante, ele sempre folgava nas segundas-feiras. Quando terminamos o almoço, retiro a mesa e ajudo Gaspar na cozinha, Isa vai assistir um pouco de televisão enquanto isso.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele me pergunta assim que estamos a sós.

— Aconteceu. Precisamos conversar, mas não agora, mais tarde. — Olho por cima do seu ombro, através do balcão da cozinha em direção à sala, vejo nossa filha dando risinhos enquanto assistia, Gaspar se vira e olha na mesma direção, entendo que nossa conversa teria que esperar.

— Está me deixando preocupado. — Fala voltando a ficar de frente para mim, acaricio seu resto, sempre o achei o homem mais lindo que conheci, esses anos juntos me mostraram que sua beleza também vinha de dentro.

Gaspar era o melhor pai do mundo, um marido apaixonado e também um amigo. Construímos juntos não apenas uma família ou uma vida, mas também um companheirismo que alguns casais que passam a vida inteira juntos não compartilham.

— Mais tarde depois que a Isa dormir, está bem? — Mesmo sem concordar ele aceita.

Aproveito que Duda foi dar banho na nossa filha, para realizar algumas

ligações para o Henrique e peço para ele me cobrir hoje no restaurante. Assim que coloquei meus olhos na minha mulher, soube que tinha alguma coisa errada, quando ela me contou o que havia ocorrido na escola com a Isa e a cachorrinha, achei que fosse apenas preocupação pelo que tinha acontecido. Essa minha suposição durou apenas alguns minutos, ela parecia angustiada, tinha algo muito sério a incomodando, essa noite eu descobriria.

Quando estamos prontos, seguimos até uma galeria comercial, que não ficava muito longe do condomínio, umas semanas atrás eu tinha visto um pet shopping, quando levei Isa para tomar sorvete. Sabia que era apenas uma questão de tempo, até essas duas aparecerem com algum animalzinho. Para a minha "sorte" nossa filha herdou da mãe o amor pelos bichos. Não quis me enganar, nem um segundo achando que a estadia da Lika, como a batizaram, seria provisória. Compramos tudo que era necessário para um filhote, também pedimos um banho completo, uma avaliação do veterinário e vacinas. O veterinário nos esclarece que a Lika tinha quase dois meses, que era vira-lata, um dos pais deveria ser poodle, que aparentemente era saudável e que não cresceria muito. Imediatamente senti um alívio descomunal por saber que aquela bola de pelos não viraria um monstrinho.

Depois que terminamos o que tínhamos que fazer no pet shopping, Duda não quis voltar para casa, então decidimos caminhar na praça. Duda estava contemplativa, estranha, normalmente nos dias de semana raramente vínhamos à praça ou fazíamos passeios, depois desses anos juntos a conhecia melhor do que a mim mesmo. Jantamos fora e só depois voltamos para o apartamento. Ajudo nossa filha a fazer o dever de casa, a bolinha de pelos se empoleirou em sua cama rosa, que Isa insistiu que ficasse em seu quarto, assim que terminamos, Duda vem colocar nossa bonequinha na cama, beijo sua testa e as deixo.

— Não é justo que os filhos cresçam tão rápido, chega a ser cruel. — Fala ao entrar em nosso quarto e fechar a porta atrás de si.

— Acredito que seja assim que a vida funciona, amor — ela dá um meio sorriso, mesmo depois de tanto tempo junto ainda fico perdido em seus movimentos, em sua delicadeza, até mesmo simples gestos, como retirar um

robe e ficar descalça me hipnotizava.

— Sei disso, mas sinto falta de quando ela era bebê e dependia de mim por completo. — Fala me dando um beijo e se acomodando junto a mim, em nossa cama, encaixando seu corpo ao meu.

— Ainda falta muito até ela ir para faculdade. – Envolvo-a em meus braços – Desde que voltou hoje pela manhã está nostálgica, pensativa, parece angustiada. O que aconteceu, Duda? — Não suportava vê-la assim, algo tinha acontecido.

— Fui para a consulta com a doutora Moreno, retorno para vê os resultados dos exames que fiz e saber por que estou perdendo tanto peso, me sentido fraca, fadigada, com tanta queimação no estômago e esses malditos enjoos que não passam — enquanto falava, afastava-se um pouco dos meus braços, para se sentar encostando-se na cabeceira.

— Amor, eu sei, levei Isa na escola hoje porque você não foi trabalhar, para ir à médica, ainda não consigo entender — encaro-a buscando compreender o que estava acontecendo. Ela inspira profundamente, fechando os olhos, volta a abri-lo e me encara.

— Em um dos exames de sangue acusou uma alteração nas minhas células. Quando cheguei ao consultório da doutora, ela me apresentou um oncologista — todo o meu corpo tensionou ao ouvir suas palavras, não consegui falar nada, então apenas continuei ouvindo. — Ele me pediu exames específicos, alguns consegui fazer hoje, os outros farei amanhã bem cedo, vai ter que levar a Isa na escola novamente. Pelo que o médico me disse pode não ser nada, porém, pode haver algo e talvez... — não conseguia ouvir mais nada, apenas a abracei o mais forte que consegui.

— Não vai ser nada, tenho certeza, não vai acusar nada — falo com convicção, me agarrando a isso com todas as minhas forças.

— Meu amor, realmente pode não ser nada como o médico disse, só que meu pai morreu de câncer no pulmão e... — não deixo que ela continue e beijo-a com o máximo de intensidade que consigo, puxo seu corpo para que ela se deite e fico por cima do seu corpo, beijo seu rosto traçando uma linha do maxilar a nuca chegando ao pescoço. Percebo o exato momento que seu corpo começa a responder.

— Vai fazer esses exames amanhã — continuo beijando seu corpo. Subo sua camisola puxando e retirando do meu caminho, Duda já estava completamente ofegante. — Quando terminar vai me ligar, depois você vai

trabalhar e quando esses resultados saírem, iremos juntos falar com os médicos e não vai ter acusado nada, tudo bem? — assente com a cabeça, porque aparentemente é tudo o que ela consegue fazer nesse momento, parecia perdida nas sensações.

Não falamos mais nada, nos entregamos à paixão, perdidos um no outro. Nem sei como minhas roupas sumiram, queria apenas que aquele momento durasse para sempre, sua entrega, minha entrega, nosso amor. Naquele instante era tudo o que importava. Mesmo que dentro de mim, meu peito estivesse se contraindo pelo medo.

Um medo real que se confirmou poucos dias depois, quando pisei no consultório e vi as expressões dos médicos, não foi necessário que tivessem falado mais nada. Naquele momento tive certeza que minha vida, nossas vidas nunca mais seriam as mesmas. Minha esposa, o grande amor da minha vida, minha melhor amiga, amante, companheira, uma das pessoas mais generosas que eu conheci aos 23 anos foi diagnosticada com *Mesotelioma* maligno pleural, a doença estava bem avançada, atingindo quase todo o estômago e parte do intestino. Um tipo raro de câncer e ainda mais raro em pessoas tão jovens. Mas que estava acontecendo com a Duda, não poderia desabar, me proibi de fazer isso, então tentei ser o mais firme que consegui por minha mulher e pela minha filha.

Janeiro de 2012

Adorava Boston em janeiro, aquela época era uma das mais frias do ano. Mesmo assim, as ruas ficavam tão lindas. A celebração da conclusão do curso de especialização, assim como a entrega dos certificados seria em menos de uma semana. Estava bastante ansiosa e ao mesmo tempo sem saber o que fazer, que caminho seguir, sentia tanta saudade de casa.

Dois anos de trabalho árduo, dedicação e esforço. Tiveram frutos maiores do que eu esperava. Três dias atrás fui convidada pelo maestro e também meu professor a participar da próxima turnê com a orquestra sinfônica da instituição, quase um ano de apresentações e viagens. Não sabia o que era maior dentro de mim se o desejo de retornar ao Brasil, rever minha família e amigos ou agarrar essa oportunidade incrível com unhas e dentes.

Estava em uma das salas do conservatório, admirando a vista linda da cidade. Adorava aquela vista, pensava na minha avó Clara, na minha tia Liliana, minha melhor amiga, Duda, ultimamente pensava nela mais que o normal, talvez por que nos falamos muito pouco nas últimas semanas, sua filha e minha afilhada Isa estava enorme, faltavam alguns meses para fazer três anos e seria o primeiro aniversário dela em que estaria presente. A saudade que eu tinha deles poderia ser comparada quase a uma dor física e a cada dia que eu ficava longe essa saudade só aumentava.

— Perdida no seu mundo! — Desperto quando ouço sua voz melodiosa e profunda, com um forte sotaque Britânico, um sorriso se abre em meus lábios, não conseguia evitar, pelo menos não quando se tratava dele.

Will era inglês e também americano, tinha dupla nacionalidade, herança dos pais que são diplomatas. Foi o primeiro amigo que fiz assim que cheguei, uma amizade que com o tempo se tornou algo mais, estávamos juntos há quase um ano, irônico que o relacionamento mais longo que eu já tive se iniciou com prazo de validade.

— Você me conhece, viajar para dentro de mim mesma é meu esporte preferido. — Falo ao me virar, para ficarmos de frente, ele assente, se aproximando e beijando meus lábios de leve.

— No que estava pensando?

— Em casa, na minha família, nos meus amigos e que em poucos dias será a cerimônia de finalização do curso — Will acaricia meus ombros e braços até chegar à minha cintura, segurando-a.

— Muitas pessoas estão rondando seus pensamentos, menos eu, ou a proposta do Mr. Baker para a turnê. — Já havíamos tido aquela conversa inúmeras vezes, em todas elas sempre acabávamos discutindo.

— Acho melhor não irmos por esse caminho, Will! — Falo me afastando do seu toque. Gostava muito do Will, da sua leveza, sua amizade, seus beijos, de estar junto dele e do seu talento, o cara era um dos musicistas mais talentosos que eu conheci. Só que amor, paixão eram duas coisas que não faziam parte deste repertório e ele sabia disso. Atração e amor eram duas coisas completamente distintas.

— Lys, por favor, pelo menos pense, é uma grande oportunidade, reservada apenas para os melhores entre os melhores, e você é um deles.

— Já pensei, já ponderei e disse ao Mr. Baker que daria uma resposta definitiva depois da cerimônia de encerramento do curso. Não sou como você, Will, não fui criada como você, com esse desprendimento. Está aqui é um sonho, mas é também um sofrimento. Sinto falta da minha família, dos meus amigos e da minha terra, do meu país. — Repito as mesmas palavras que venho falando incansavelmente.

— Um país sem oportunidades e que não valoriza a arte ou os talentos que tem. Angustia-me saber que alguém com seu potencial vai se enterrar naquele país tendo um mundo ao seu dispor. — Não consigo responder de imediato, me incomoda o modo superior que às vezes ele usa ao falar do meu lar ou do meu povo, apenas encaro-o e respiro fundo.

— Quer mesmo entrar nessa queda de braço comigo? Sabe que não suporto quando fala assim, meu país tem muitos problemas, está longe de ser perfeito, mas é muito rico em cultura, não menospreze o que não conhece ou o que acha conhecer porque passou alguns poucos dias, quando esteve de passagem. — Encosto-me ao peitoril da janela, cruzo meus braços, pronta para a batalha. — Achei que essa sua fase esnobe já tinha acabado, pelo visto me enganei.

— Tudo bem, peço desculpas, não queria falar dessa forma...

— Acho que você queria dizer exatamente o que disse, desejando “abrir meus olhos” para o absurdo que é desistir de uma oportunidade que me foi apresentada, e que de acordo com você é única — digo cortando sua fala. — Temos ideias muito diferentes do que é ter sucesso profissional. Você é ambicioso e prático, deseja ser rico, famoso e reconhecido, isso é incrível. Sua determinação e disciplina são uma das coisas que mais admiro em você, só que isso não é o que desejo para mim. A música é minha vida, ela faz parte de quem sou, é um fogo que queima dentro de mim, ganhar dinheiro, ser famosa ou reconhecida fazendo o que eu amo para mim seria apenas consequência do meu trabalho e não a parte mais importante. — Aproximo-me dele, pego suas mãos, viro as palmas e acaricio suas linhas profundas.

— Eu sei e nós dois. Como vamos ficar? — Fala segurando minha mãos, ergo minha cabeça e encaro-o.

— Quando começamos a sair juntos, sabíamos que era um relacionamento com prazo de validade. Isso sempre esteve bem claro, pelo menos para mim.

— Você disse agora há pouco que ainda não deu uma resposta definitiva para Mr. Baker, ainda tenho esperanças — olha em meus olhos ao falar e abre um meio sorriso.

— Will, já conversamos sobre esse assunto tantas vezes, sabe como penso, sabe que as coisas não... — meu celular toca, me interrompendo. Vou até minha bolsa que estava próxima ao meu violoncelo, procuro dentro da minha bagunça e encontro-o no fundo junto com minhas partituras. Acho estranho quando vejo o número, atendo imediatamente.

— Nossa, que surpresa! Decretaram estado de calamidade pública para você está me ligando ou a Duda quer falar comigo? — falo brincando, mas com uma pontadinha de ironia.

— Poderia me fazer um favor, guardar suas piadas em tom irônico para você por alguns minutos? — Não gostei do tom abatido que percebi em sua voz, isso me deixou não apenas preocupada, mas também completamente em alerta.

— Ok! A coisa é séria, o que está acontecendo?

— Duda vai me matar, mas se eu não te contar, um dia ela vai acabar se arrependendo e estou ficando sem opções e sem tempo, então...

— Gaspar, você está me assustando. Quer, por favor, me contar logo o

que está havendo? — Falo interrompendo-o quase sem paciência. Quando percebe meu nervosismo, Will se aproxima novamente de mim.

— *Duda está muito doente, Lys...* — sua voz era apenas um sussurro angustiado, a dor que ele sentia estava em cada palavra que pronunciava. Enquanto ele me explicava o quadro clínico e o diagnóstico, entendi que minha amiga não estava apenas doente, tinha certeza que Gaspar não estava me contando tudo.

— Amanhã, faço o último exame do curso, na sexta é o cerimonial de encerramento, assim que acabar pego o primeiro avião para casa. Talvez consiga chegar ao fim da semana — olho para Will que me ouvia atentamente, parecendo incrédulo, tudo o que eu menos queria naquele momento era dar explicações a ele.

— *Obrigada, Lys!*

— Só queria entender, por que não me contaram assim que descobriram. — Dois meses e ninguém tinha me falado nada.

— *Duda proibiu todos de contarem para você. Ela sabia que no momento em que soubesse organizaria tudo para retornar ao Brasil, disse que "não era justo você abandonar sua vida só porque ela está moribunda", sabe como ela é?* — sim eu sabia, assim como sabia que ela me conhecia melhor do que ninguém, tinha contado a ela da última vez que nos falamos sobre o convite que me fizeram para participar da turnê.

— É eu sei, obrigada por ter me contado. Chego no final da semana. Beijos. — nos despedimos e sinto as lágrimas rolarem pelo meu rosto.

— Acho que sua resposta ao convite do Mr. Baker será "não" — sento-me em uma das cadeiras do grande salão de ensaio sem forças para discutir com Will. Começo a organizar minhas coisas para voltar para casa que tinha sido meu lar por dois anos. Precisava falar com Anthony e Valentina pedir ajuda para organizar tudo, eles iriam entender e me apoiar, durante o tempo que fiquei na casa deles me senti como se estivesse em minha própria casa. — Não vai me responder, Lys, vai desistir do seu futuro por...

— Chega, Will! Não vou perder meu tempo tentando explicar algo que você não entenderia, mesmo que fizesse o mínimo de esforço para tentar entender, algo que você obviamente não tem intenção de fazer. Então vamos parar por aqui e seguirmos com nossas vidas, ok?! — Pego meu violoncelo, minha mochila e vou embora, tinha muitas providências a serem tomadas, sexta embarcaria de volta para casa.

Capítulo 4

Janeiro de 2012

Quase 7 horas e 40 minutos de voo, ainda restavam quase 3 horas para chegar a São Paulo, de lá pegar uma conexão para Navegantes e depois mais 40 minutos de carro até Blumenau. Espero que a estrada esteja boa. Tentava repassar mentalmente os últimos quatro dias. Foi tudo tão corrido, tive que resumi em três dias os últimos dois anos que estive em Boston e colocar tudo em malas e caixas. Falei pessoalmente com Mr. Baker, expliquei toda a situação e ele foi muito compreensivo, entendeu e ajudou a acelerar minha documentação de conclusão do curso. Anthony e Valentina foram incríveis, graças a eles consegui organizar minhas coisas em tempo recorde. Durantes os anos que passei em Boston tentei não acumular muitas coisas, já que tinha data certa para voltar para casa.

Anthony e Valentina Harris não apenas me acolheram durante o tempo em que estive nos Estados Unidos, eles também foram como verdadeiros pais, sentirei muita saudade deles. Nossa despedida foi em meio às lágrimas. No coquetel de formatura foram tantas emoções, homenagens, discursos, felicitações, mais despedidas e promessas de um futuro repleto de oportunidades.

Há aqueles que me chamam de cínica, outros me acham sincera demais, particularmente não me considero nem um dos dois, sou apenas prática. Acredito que a vida é curta demais para se viver aprisionada ao passado em um relacionamento que não pode ser vivido, pois a distância não permite. Você vê a vida passar diante dos seus olhos e não pode vivê-la, pois está enterrado em momentos que foram incríveis, mas que existem apenas em suas lembranças, deixando de ser feliz. Não é uma realidade que eu deseje viver, como minha mãe fez. Por amar tão cegamente meu pai esqueceu até

que tinha uma filha. Aprendi muito nova que minha felicidade depende única e exclusivamente de mim. Esse tempo fora, me fez amadurecer e aprender a enxergar as coisas de diferentes formas.

Chego a São Paulo e tenho que esperar mais 20 minutos para conseguir embarcar na conexão, a espera parecia infinita. Quando finalmente entrei no avião, me dei conta de que em alguns minutos estaria desembarcando no meu estado. Só consegui avisar a tia Liliana e a vovó Clara, tentei falar com Gaspar ou Henrique só que não consegui, em meio a toda a correria para organizar minha viagem de volta, não houve tempo.

Quando o avião aterrissa e o desembarque inicia, minha ansiedade estava tão elevada, que meus movimentos são automáticos. Não sabia quem estaria a minha espera. Pego minha bolsa e mochila para seguir a fila e desembarcar. Foço o check-in para pegar minha bagagem, duas malas enorme, uma menor e duas caixas gigantes. Peço para um dos seguranças próximos me ajudar a colocar tudo no carinho, agradeço e sigo meu caminho.

Ao sair pelo portão, começo a procurar por algum rosto familiar, não demora muito até encontrar o enorme sorriso de boas vindas da minha tia que estava linda, como sempre. Corro em sua direção e abraço-a o mais forte que consigo. Assim que nos separamos, ela acaricia meu rosto enxugando algumas lágrimas que teimavam em cair. Enxugo seu rosto que estava repleto das teimosas gotas salgadas e ambas começamos a sorrir histericamente.

— E a vovó? — Pergunto momentaneamente recuperada, mas antes que tia Liliana pudesse responder algo, uma voz grave e muito familiar desperta minha atenção.

— Achei que vocês duas estavam tendo um surto ou algo do tipo. — Henrique fala, aproximando-se de mim. Atiro-me em seus braços, ele me envolve me dando um grande abraço que me envolve por completo. — Senti saudade, maluquinha!

— Também senti! — Nos separamos, ele me dá um beijo no rosto, sorrimos um para o outro.

— Vamos para casa, meu bem. Mamãe quase me enlouqueceu desde que disse que estava voltando, ela não veio porque estava terminando de organizar tudo para sua chegada — vovó Clara e tia Liliana tinham uma relação muito engraçada, e ao mesmo tempo muito íntima e profunda. Era bom estar de volta. Vamos juntos pegar minha bagagem, depois seguimos direto para o estacionamento.

— Como estão todos? — Pergunto, enquanto caminhamos em direção ao carro.

— Vivendo um dia de cada vez, não está sendo fácil, para nem uma das duas famílias — quem responde minha pergunta é minha tia, Henrique permaneceu em silêncio, foi através dele que percebi que as coisas não estavam nada bem. Ele sempre foi um cara alegre e extrovertido, brincalhão e de bem com a vida, seu silêncio não combinava nada com sua personalidade. — Laura teve que voltar para Blumenau para ajudar o Gaspar. — Confirmo com a cabeça e tia Liliana continua. — Agora ela está aqui novamente. Ettore e Lívia ajudam no que podem, Samara está sendo um apoio enorme para Gaspar em relação à Isa, Mael também está ajudando no que pode, mas a Faculdade de Medicina ocupa muito seu tempo e esse jovem aqui — fala se referindo a Henrique, que continuava sem dizer uma palavra. — Está administrando sozinho o Sabores.

— Não faço mais do que meu trabalho e obrigação, além disso, Gaspar não é apenas meu sócio, ele é meu primo e melhor amigo. As coisas estão complicadas, o mínimo que posso fazer é ajudar. — Acho que alguém amadureceu bastante nos anos em que passei fora, me tranquiliza saber que Gaspar e Duda o tiveram por perto.

— Falaram de todos, menos da Duda. Vocês têm visto ela? — Entramos no carro e nos acomodamos, percebo que minha tia e Henrique se entreolham ao invés de responder minha pergunta.

— Duda está indo bem com o tratamento — quem responde minha pergunta após alguns instantes é tia Liliana. — Não está sendo fácil. Mesmo com Laura aqui com eles, Gaspar teve que contratar um Chef para substituí-lo e assim poder acompanhar o tratamento. — Encaro Henrique pelo retrovisor, já estávamos em movimento e eu nem tinha percebido.

— Gaspar não contou detalhadamente como estavam as coisas, tudo o que me disse foi que há dois meses, Duda tinha sido diagnosticada com um tipo raro de câncer e que estava fazendo um tratamento muito delicado — continuo encarando Henrique. — Por que ninguém me contou o que estava acontecendo? Que tipo de câncer é esse?

— Duda pediu para não falarmos para você, na verdade ela exigiu que não te falássemos nada. — Henrique me responde. Desvio meus olhos dos dele, que direciona sua atenção para o trânsito. Gaspar tinha comentado comigo sobre ela ter pedido que ninguém me contasse, mas poxa vida, somos

amigas desde criança, não foi justo da parte dela.

— É verdade, meu bem. Ela não queria que você se preocupasse.

— Que eu não me preocupasse! Tia, somos amigas. Nos conhecemos desde os oito anos, ela é como uma irmã para mim, ouvir algo assim magoa, sabia? — Era difícil acreditar que a Duda tomou uma decisão como esta, me deixar no escuro enquanto ela passava por tudo isso. — Quero vê-la.

— É claro, querida, podemos ir no fim da tarde até...

— Não, tia! Quero vê-la agora. Henrique pode, por favor, seguir até a casa da Duda? — Falo sem permitir que minha tia continue.

— Lys, são quase 10h00min da manhã, você não dormiu, passou a noite inteira viajando. Não acha melhor descansar primeiro?

— Não, eu não acho. Estou ótima, tia. Henrique! — Se não visse a Duda, se não falasse com ela, não seria capaz de descansar.

— Não demora muito até chegarmos lá, uns quarenta minutos mais ou menos. — Fala já mudando o percurso. Olho através da janela observando a paisagem da minha terra, que amo tanto e conheço tão bem.

— Lys! — Desperto dos meus pensamentos quando minha tia me chama. — Querida, antes de chegarmos, é bom que saiba que a Eduarda está diferente por causa da doença. Ela está um pouco debilitada, não apenas fisicamente, mas emocionalmente também. Ela tenta se manter forte pela Isa e pelo Gaspar, só que dá para perceber o esforço que ela faz. — Claro que Duda colocaria suas preocupações com todos em primeiro lugar, ela sempre foi assim.

— Nunca esperei encontrá-la saltitando e sorridente, tia, sei que ela não está bem. — Ela assente.

Em menos de quarenta minutos chegamos ao condomínio onde Gaspar e Duda estavam morando. Sabia que não encontraria a mesma Duda. Ela estaria diferente, debilitada por causa da doença. Porém, por mais consciente que eu estivesse a respeito de seu estado seria difícil ver alguém tão jovem, fragilizada e vulnerável por causa de células malignas microscópicas, que tinham se alojado em seu organismo.

Subimos os três em silêncio pelo elevador. Aquele comportamento do Henrique estava me dando nos nervos, ele estava preocupado, isso era evidente, mas aquele silêncio me afligia. Assim que estamos de frente para a porta, tia Liliana aperta a campainha, alguns segundos depois, a porta é aberta por tia Laura, mãe da Duda. Sorrimos uma para a outra, era visível que estava

emocionada em me ver, ela me envolve em um abraço apertado. Adorava seus abraços de mãe, eram muito parecidos com os da vovó Clara.

— Você está linda! — Fala ao se separar de mim acariciando meu rosto. — É bom ter você de volta em casa, Gaspar comentou comigo que você estaria retornando para o Brasil, só não me disse quando.

— Obrigada, tia! Foi tudo rápido demais. É muito bom estar de volta. — Ela parecia abatida, com um semblante cansado, tinha certeza que eram as preocupações.

— Como vai, Liliana? Henrique, Gaspar foi para o restaurante, não faz muito tempo.

— Estou bem, Laura. — Minha tia responde com um tom solidário. Ela sabia muito bem a dor de se ter um filho doente, assim como a dor da perda.

— Então eu vou para o restaurante, Gaspar raramente anda passando por lá, vou aproveitar. Vocês duas vão ficar bem? — Henrique pergunta solícito.

— Vamos sim, querido, pegaremos um táxi para chegar à chácara. Obrigada por ter ido comigo buscar a Lys.

— Imagina, Liliana, foi um prazer. — Ele beija o rosto dela, depois a testa da tia Laura, se volta para mim.

— Ligo para você mais tarde para conversarmos, tudo bem? — Apenas aceno com a cabeça. — Vou deixar a bagagem com o porteiro. — Ele me dá um beijo no rosto e se retira.

— Que indelicadeza a minha, por favor, entrem. — Adentramos no apartamento. O imóvel não me parecia tão diferente do anterior, era maior, com cores mais alegres, os cômodos pareciam bem mais amplos, ainda assim o ambiente me pareceu triste.

— Como foi à viagem, minha querida? — Laura pergunta assim que nos acomodamos na sala.

— Tranquila e longa. Nunca fui muito fã de aviões, mas é só colocar uma música que consigo relaxar.

— Voar não é uma das minhas formas preferidas de viagem também. — Parecia que ela não tinha dormido bem. — Querem um chá, um café ou alguma outra coisa?

— Eu adoraria um chá, Laura, mas pode deixar que eu faço, sei onde ficam as coisas — minha tia fala já se levantando e indo em direção à cozinha, antes que Laura ou eu falássemos qualquer coisa.

— Quero muito vê-la.

— Duda está dormindo. Ela fez quimioterapia ontem. A medicação, deixa-a cansada e enjoada, as manhãs são bem complicadas.

— Não me importo em esperar. Faz tempo que ela está dormindo?

— Não. Normalmente, ela acorda, faz sua higiene pessoal, toma café da manhã e volta a dormir, não muito, apenas umas duas horas.

— Tia Laura, pode me contar como ela está de verdade?

Seu estado cansado me pareceu evoluir para a exaustão, em um piscar de olhos. Agora tinha certeza absoluta que Gaspar não me falou tudo.

— O diagnóstico oficial é *Mesotelioma* pleural maligno, o mesmo tipo de câncer que o meu João teve. No caso da Duda afetou o estômago. No meu marido foi na pleura que reveste o pulmão. Locais diferentes. O tipo de câncer da Duda não é tão violento como o do pai dela, mas é tão perigoso quanto. — Estava visível para mim, como a situação toda parecia ser cruel e injusta. Não consegui deixar de imaginar o quanto Duda vinha lutando pela sua vida, e como essa mulher que estava diante de mim, vinha sendo forte.

— E quanto ao tratamento?

— Ela teve que se submeter a uma cirurgia para retirar os tumores, não conseguiram retirar tudo. Essa é a segunda sessão de quimio. As aplicações duram entre três e seis meses, dependendo da necessidade e da evolução do quadro clínico. — Ela inclina apoiando-se ao encosto do sofá, passando as mãos pelo rosto. — Vejo o otimismo nela, não sei por quanto tempo vai durar. Mas sei que está lutando, pela Isa e pelo Gaspar.

— E por você também, tia, ela te ama — seu meio sorriso é triste. — O que a senhora quis dizer, quando disse que não sabe por quanto tempo vai durar o otimismo?

— É um tratamento sofrido, desgastante, não apenas para o paciente, mas para toda a família. Às vezes os pacientes se desgastam demais. Tudo muda, não só fisicamente, emocionalmente também. Mexe com o humor, a autoestima, afeta muito a parte emocional. Vi acontecer com meu marido. Duda é tão doce e carinhosa. Não queria que ela estivesse passando por isso. — Seu desabafo assim como suas lágrimas mexem comigo e sei que ela vem guardando tudo isso por muito tempo. Ela chorava sem perceber.

— Conheço Maria Eduarda como conheço a mim mesma, tenho certeza que ela não vai se deixar vencer, ela vai passar por tudo isso e vai ficar boa — levanto-me da poltrona onde estou e vou até o sofá. — Não estou falando

isso para aliviar o que está sentindo, falo porque sei que ela vai conseguir.

— Sei que acredita, meu bem. Não duvido da força da minha filha, mas tento manter os pés no chão e ter consciência das possibilidades. — Ela segura minhas mãos, e me encara. — Elas existem, Lys, negá-las não as farão desaparecer. Sim, minha filha pode vencer essa maldita doença, se recuperar e acompanhar o crescimento da filha, assim como ela pode não conseguir. — No fundo, bem lá no fundo sabia que ela tinha razão, assim como entendia seus motivos para dizer aquelas palavras. Mesmo assim não deixa de ser difícil ouvi-las.

— A senhora fala como se a situação da Duda já estivesse definida. Como se estivesse tudo definido.

— Não, meu bem. Falo como alguém que já viveu essa realidade e que sofreu uma grande dor. — Sinto-me culpada pelas palavras que tinha dito há pouco, sabia o quanto a Laura tinha perdido, como ela teve que ser corajosa e enfrentar a vida sem o marido. Diferente da minha mãe, ela lutou pelo futuro da filha e para se recuperar da morte prematura do marido. — Tentar fingir que a não recuperação da Duda possa ser uma possibilidade, não vai ajudá-la a passar por isso.

— Me desculpa, tia, você tem razão. É que ela é tão jovem, não é justo.

— Não, não é justo. A vida nem sempre é muito justa, mas cabe a nós não deixar que isso nos torne pessoas amargas e sempre procurar o lado bom dela. — Dou um meio sorriso que ela retribui, tia Liliana volta da cozinha com chá e café. Ficamos conversando sobre amenidades por um tempo.

— NÃO ACREDITO! — Uma voz incrédula e espantada soa por toda a sala.

Viro-me na direção do som da voz, me deparo com Duda de frente ao corredor que dava para os quartos. Ela está diferente, parecia frágil e bem mais magra do que o normal, ainda assim era a mesma Duda. Sua expressão era de pura incredulidade, parecia não acreditar que estava me vendo ali. Abro um enorme sorriso em sua direção.

— Surpresa! — Tento parecer o mais natural possível, mas acho que não tive muito sucesso.

Ela continua me encarando como se eu tivesse um chifre de unicórnio na testa. Parada como um dois de paus, com a boca meio entreaberta.

— Surpresa? — Fala ao se recuperar do choque, parecia estar meio chateada ou sem jeito, não tenho certeza — Você aparece na minha sala

depois de dois anos, sem avisar que estava vindo e diz "surpresa", isso é sério? Poderia ter me falado que viria, quando nos falamos semana passada. — Caminha a passos lentos até onde estávamos.

— Se fizesse isso, não seria uma surpresa.

— Muito engraçada. A senhora sabia, mãe?

— Não exatamente.

— Isso significa que sabia. Inacreditável.

— Que boas-vindas mais acaloradas. Fico feliz em saber do seu êxtase em me rever. — Meu tom agora era irônico pela forma como estava falando, parecia até que não estava gostando da minha volta.

— Não é isso, é que eu...

— Sabe o que é inacreditável? É saber que minha melhor amiga está doente, precisando de mim e descobrir isso por outra pessoa e não por ela. — Falo antes que ela continuasse, levanto do sofá e ficamos frente a frente.

— Quem te contou?

— Isso realmente importa? A questão aqui é, por que não foi você quem me disse?

— Como se isso fosse mudar alguma coisa, Lys. Acha pouco eu ter modificado a vida da minha mãe, do meu marido e da família dele, sem mencionar na vida da minha filha. Queria que eu fizesse isso com a sua também?

— Acho melhor irmos para a cozinha, Laura. — Tia Liliana fala se levantando, indo em direção à cozinha, levando junto com ela tia Laura.

— É assim que define nossa amizade? Apenas os bons momentos quando não precisa de mim? Pensei que fôssemos mais do que isso uma para a outra.

— Não é isso e sabe bem. Está se vitimizando para que eu me sinta culpada.

— Vai usar de psicologia comigo agora? Poupe-me, Eduarda. Sabe que tenho razão e fica tentando encontrar justificativas para o fato de ter escondido o que estava acontecendo.

— O que você queria que eu fizesse, Lys? Queria que eu tivesse dito por telefone "Você não vai acreditar, amiga, acabei de descobrir que tenho o mesmo tipo de câncer que matou meu pai", enquanto me contava que tinha recebido uma proposta irrecusável para participar de uma turnê, com uma das maiores orquestras do mundo, ou talvez antes? — Seu semblante parecia

exausto. Aquele bate boca comigo estava deixando-a ainda mais cansada, então resolvo tentar finalizar aquela discussão.

— Acha que está sendo justa. Você sabe que mesmo vivenciando meu sonho, sempre desejei voltar para casa e que não tinha decidido nada ainda — ela desiste de ficar de pé e senta-se na poltrona onde tinha me sentado. Fica por um tempo em silêncio.

— Não queria que soubesse, porque não queria que mais uma pessoa abrisse mão de seus planos e sonhos por minha causa. Pode chamar de egoísmo se quiser, mas esse é meu modo de amar e é o único que conheço. Por mais que fosse difícil não tê-la aqui comigo, prefiro que esteja vivendo seus sonhos, ao invés de estar enterrada viva, como todos ao meu redor.

— Alto piedade não combina com você, sabe? — Sento-me ao seu lado.

— Foi o Gaspar não foi? Ele anda me deixando doida.

— Realmente importa quem me falou? Se foi sua mãe, Henrique, Gaspar, minha tia ou minha avó isso realmente é importante?

— Acho que não. — Fala se sentando de lado ficando mais uma vez de frente para mim. Seus olhos já estavam embargados de lágrimas. — Eu só não queria que você abrisse mão de uma oportunidade tão importante por minha causa.

— Duda, você sabe muito bem que eu não havia decidido nada ainda e que estava mais inclinada a voltar para casa do que a aceitar o convite. Quando soube que estava doente, vim o mais rápido que pude. Não apenas por sua causa, mas também por mim, porque era importante para mim estar ao seu lado.

— Me perdoa por ser tão idiota. — As lágrimas que ameaçavam cair, agora já inundavam seu rosto.

— Perdoo. Mas é bom você saber que vou querer algo em troca. Vamos começar com uma daquelas sobremesas deliciosas que só o seu marido sabe fazer. Depois uma noite tórrida de orgia com muito chocolate de preferência. — Ela até tenta segurar o riso, mas não consegue.

Nós duas desenfreamos a rir, parecia que não conseguíamos parar.

— Senti tanto sua falta. — Fala assim que consegue se recuperar das risadas. Ela se atira em meus braços me envolvendo. Aquele tipo de abraço, que consegue arrancar de você tudo o que está sentindo. Duda era ótima nesse tipo de abraço.

— Também senti saudades, branquela.

Após nosso momento "lavar roupa suja", Laura e tia Liliana retornam da cozinha, ficamos as quatro conversando por um tempo, Duda me explica melhor sobre o tratamento, conversamos principalmente sobre a Isa, como ela está grande e linda. Noto o enorme esforço que a minha amiga tem que fazer para participar ativamente de uma simples conversa. Ela me fala um pouco sobre os efeitos colaterais do tratamento, seus cabelos já tinham começado a cair, não muito, mas o médico disse que a cada dia cairiam mais. Quando percebo que já abusamos suficiente, resolvo me despedir.

— Tia, acho melhor irmos.

— Já? Vocês acabaram de chegar, não vão ficar nem para o almoço? O Gaspar já deve estar chegando.

— Acabei de chegar de viagem, Duda, passei quase dez horas viajando, vim diretamente te ver, estou cansada e doida para tomar um belo banho.

— Vou pedir para seu Arnaldo chamar um táxi e ajudar com suas bagagens. — tia Laura se oferece.

— Vou com você, Laura.

— Elas são tão sutis, que dá até medo — Duda fala rindo da atitude nada discreta para nos deixar a sós.

— Verdade. Você já viu alguma mãe ser discreta quando se trata de filhos?

— Não, nunca. Nem eu sou discreta quando se trata da Isa, adoro corujar tudo relacionado à minha pequena. — Seus olhos sempre brilhavam quando falava da filha, devia ser difícil para ela ter que mandar a Isa para a casa da cunhada nos dias que ela não estava tão bem. — Isa ficou triste quando Gaspar levou a Lika para a casa da Samara, pedi para ele deixar a cachorrinha aqui, mas não adiantou nada. — Seu comentário me desperta dos meus pensamentos.

— E por que ele fez isso?

— Porque o médico falou que minha imunidade fica muito baixa, depois das sessões de quimioterapia e com o tratamento contínuo eu estaria mais exposta. Depois disso ele meio que pirou — ela inspira com profundidade e esfrega as têmporas, parecia estar com dor.

— Está se sentindo bem?

— Sim, depois de um tempo a dor se torna parte de você, por ser tão constante. — Seguro uma de suas mãos, queria poder dividir essa carga com

ela. É difícil imaginar como deve estar sendo doloroso todo esse processo. — Estou bem, de verdade. Não se preocupe. Já tenho pessoas de mais a minha volta com essa cara que está fazendo agora, sou forte e não vou quebrar assim, com tanta facilidade.

— Tudo bem, senhora "sou a mulher maravilha". — Falo tentando fazer graça. — Voltando para o Gaspar. Ele é seu marido e acredito que te enlouquecer seja obrigatoriamente a primeira função dele.

— Não está entendendo, Lys, ele contratou um Chef para tomar conta da cozinha que ele passou dois anos lutando para ter, para ganhar reconhecimento e espaço. Treinou o cara durante uma semana, hoje é o primeiro dia que ele pisa no restaurante depois de quase dois meses. Sei que entregar algo que ele batalhou para ter e que é seu mundo está acabando com ele, eu sinto.

— Duda, o mundo do Gaspar é você. O restaurante é apenas o trabalho dele, algo que ele ama fazer. Conhecemos o Gaspar ao mesmo tempo, óbvio que não o conheço tão bem quanto você, mas sei que tudo o que ele quer é cuidar de você e da filha de vocês. — No fundo, no fundo, também penso que era um exagero abandonar por completo o trabalho, como aquele maluco estava fazendo, mas essa não era uma conversa para eu ter com a Duda e sim com o Gaspar. Essa atitude dele não estava fazendo bem a nem um dos dois.

— Sei que está certa, só que isso está começando a me incomodar.

— Querida, o táxi chegou e seu Manuel já está com suas malas nos esperando. — Minha tia fala ao entrar na sala com Laura.

— Bem, acho que é melhor eu ir. Estou exausta e precisando descansar, assim como você. Amanhã, eu venho ver a Isa e enchê-la de beijos, trouxe um monte de presentes também. — Falo ao me levantar.

— Aproveita e fica para o jantar.

— Pode ter certeza disso. Acho bom pedir para o Chef da casa fazer um incrível jantar de boas-vindas. — Duda sorri, levanta-se e nos abraçamos.

— Te espero amanhã.

— Estarei aqui. — Nos separamos.

— Até amanhã, querida. — Abraço tia Laura. Termino de me despedir e saio.

No táxi, enquanto ia em direção à chácara, não consigo evitar pensar na Duda e em como tudo estava confuso em sua vida. Voltar foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado, sabia que Duda precisava de mim.

Encontrá-la fragilizada daquele modo, me deu a dimensão verdadeira do que ela está enfrentando e também do que está por vir. Nunca fui boa com relacionamentos amorosos ou em construir relacionamentos novos, sempre fui desconfiada e receosa em deixar as pessoas chegarem muito perto, as exceções a essa regra acabaram se tornando parte da minha família. Nem os poucos amigos que fiz enquanto estive fora, considero de fato pessoas intimas. Duda, Henrique, Samara, Mael, algumas outras poucas pessoas e até mesmo o Gaspar são essas exceções, um dos motivos pelo qual decidi voltar foram eles.

— Está tudo bem, querida? — Tia Liliana pergunta e volto minha atenção para ela. — Sempre fica perdida em pensamentos quando algo te preocupa ou angustia.

— Me conhece tão bem que até me assusta — tento fazer graça, abro um meio sorriso sem graça. — Estava apenas pensando na Duda, ela está bem diferente. Ainda consigo vê sua doçura, assim como a pessoa incrível que ela é e sempre foi. Mas eu sou a melhor amiga dela, crescemos juntas, então acho que é normal que eu consiga enxergar isso. — Pensar sobre o que estava acontecendo, falar em alto e bom som tornava todos àqueles meus medos reais, e de todos eles o maior era pensar que talvez, Isa não tivesse a chance de conhecer esse lado incrível da Duda por completo.

— Sei que está preocupada, Lys, Laura também, todos nós estamos. Não tem que ser forte o tempo todo, sei que mexeu com você encontrar a Duda tão fragilizada — Minha tia estava certa, estava tentando segurar a onda, mas era tão cansativo não expressar o que eu realmente sentia. — Sabe que a mudança dela é por causa da medicação, o emocional dela está abalado, assim como a autoestima, não é fácil passar pelo que ela está passando.

— Sei de tudo isso, tia, acho que só fiquei impressionada. A imagem que eu tinha dela quando parti foi dela feliz com o Gaspar e a Isa, cheia de planos e saudável. Acredito que tenha sido isso que me impactou. Foi apenas o primeiro momento — ela assente, ia falar mais alguma coisa, mas chegamos à chácara e ela não disse nada.

O taxista nos ajuda com as minhas imensas malas e caixas. Quando tia Liliana pagava pela corrida, vovó Clara abre o portão.

— Até que enfim chegaram! Por que demoraram tanto? — fala com aquele jeito expansivo e dramático.

— A senhora saberia se carregasse seu celular de vez em quando, ou se

atendesse quando ligamos.

— Por favor, Liliana, é claro que meu celular está carregado e eu sempre atendo. Que desaforo falar dessa forma. — É impossível não rir da relação daquelas duas. Enquanto respondia aos comentários de tia Liliana se aproximava de mim.

— Como é bom tê-la de volta em casa, quero saber de tudo, todos os detalhes. E então, por que demoraram tanto? Pode me responder, meu bem, já que sua tia adora me desafiar por meras trivialidades.

— Fomos até à casa da Duda, vovó, queria muito vê-la. Estava muito preocupada e passamos um pouco da hora, eu acho. Aliás que horas são?

— Já passou da hora do almoço, como conseguem não sentir fome? Por isso estão tão magrinhas as duas. — Eu e tia Liliana nos encaramos sorrindo, e não duvido que estejamos pensando a mesma coisa. Que essas palavras não fossem apenas exageros da vovó, que realmente estivéssemos magrinhas.

— Não seja tão exagerada, mãe. Vamos entrar! Lys tem que tomar um bom banho, comer e descansar e eu tenho que finalizar algumas preparações de terra para o trabalho amanhã. — Seguimos as três para o interior da chácara.

Tudo naquele lugar continuava igual tanto no interior como no exterior, os jardins estavam talvez um pouco mais sofisticados, mas a essência do lugar ainda continuava sendo a mesma, assim como os ambientes dentro da casa. Até mesmo os aromas eram iguais, adorava tudo ali, os mínimos detalhes me recordavam uma infância feliz, apesar de todas as dores pelas quais passei, algumas delas, ainda continuam dentro de mim. Felizmente aprendi a não deixá-las me consumir. A casa verde com detalhes em mogno de primeiro andar, com uma pequena varanda de madeira me fazia sentir acolhida como nem um outro lugar fazia.

Depois de um banho longo e relaxante, um almoço maravilhoso que apenas a dona Clara sabia preparar, fiquei exausta e decidi descansar um pouco. O fuso horário estava acabando comigo, tinha mais de dezessete horas que eu não dormia. Eram quase duas e meia da tarde quando me tranquei no meu antigo quarto, fechei as persianas das janelas e me deitei. Sentia-me tensa por causa de todas as emoções, misturadas com a viagem e com meu encontro com a Duda, mesmo com o cansaço não estava conseguindo desligar. Talvez demorasse um pouco para me adaptar ao fuso horário. Acabo indo até uma das minhas malas, pego meu mp4, música sempre me ajudava a

relaxar. Coloco os fones e seleciono uma música aleatória, a melodia de *Lanterna Dos Afogados* dos Paralamas Do Sucesso começa a soar pelos fones, adorava aquela música, me acomodo na cama aconchegando-me em meio aos lençóis tento me concentrar na letra.

Quando está escuro
E ninguém te ouve
Quando chega à noite
E você pode chorar
Há uma luz no túnel
Dos desesperados
Há um cais de porto
Pra quem precisa chegar
Eu estou na Lanterna dos Afogados
Eu estou te esperando
Vê se não vai demorar
Uma noite longa
Pra uma vida curta
Mas já não me importa
Basta poder te ajudar

Aos poucos, meu corpo relaxa e finalmente mergulho na escuridão do meu inconsciente.

Quando desperto já passava das 19h00min, lá fora o tempo parecia estar frio. Coloco meias, pego meu velho xale de lã e me levanto. Dirijo-me até o térreo a procura da minha avó e tia, mas não as encontro, dou uma volto pelos cômodos, preparo um café com canela e leite. Tinha um cheiro ótimo vindo das panelas sob o fogão. Vovó devia ter ido até a estufa chamar tia Liliana. Caminho até a varanda lateral que dava para o jardim. As luzes estavam todas acessas, titia tinha feito um trabalho incrível, ela realmente era muito boa no que fazia, as cores eram impressionantes, mesmo a noite, a diversidade de plantas e o aroma.

— Perdida dentro dessa cabecinha, novamente? — Me assusto um pouco ao ouvir a voz da vovó, estava tão distraída que nem percebi quando

ela se aproximou ou o que ela havia perguntado.

— Desculpa, vovó, não ouvi?

— Perguntei se estava mergulhada dentro dessa cabecinha novamente. No almoço ficou divagando, imersa dentro de si mesma por um bom tempo, estava com o mesmo olhar perdido. — Tinha me esquecido como era conviver com pessoas que me conheciam tão bem. Volto toda minha atenção para ela que estava sentada em sua cadeira habitual.

— Estava pensando em como adoro o cheiro desse jardim e também na Duda.

— Imaginei isso, não a parte em que você adora o cheiro do jardim, isso eu já sabia. — Ela pisca um olho para mim me fazendo sorrir.

— Claro que sim, vovó, a senhora sempre foi muito perspicaz — me inclino e beijo seu rosto. — Vai amanhã para meu jantar de boas-vindas?

— Claro que vou, jamais perderia um banquete feito pelo Gaspar, aquele menino é um talento — fala animada. — Meu amor, queria te perguntar algo e queria que você fosse sincera em sua resposta.

— Sempre, vovó, minha fase de mentir para a senhora acabou na adolescência — sorrimos as duas, aprontei muito na minha infância e adolescência, era uma rebelde sem causa, vovó teve muitas dores de cabeça comigo.

— Muito esperta. Lys, você voltou para Brasil apenas porque descobriu sobre a doença da Eduarda? Meu bem, você desistiu de uma oportunidade incrível que não se apresenta para qualquer pessoa. Fico preocupada, sei que é sua vida e são suas escolhas, mas não consigo deixar de pensar.

— Descobrir que a Duda estava precisando de mim, foi um dos motivos que me fizeram voltar, mas não foi apenas isso. — Me apoio ao encosto da pequena poltrona antes de continuar, o que eu tinha para falar não era segredo ou nada do tipo. — Senti falta do meu país, da sua comida, dos meus amigos, dessa casa. Amo a música, ela é uma extensão de mim, mas posso tocar em qualquer lugar. Anthony e Val foram incríveis, tenho muito a agradecê-los, sempre estiveram por perto e construímos uma amizade sincera, mas eles não eram minha família de verdade, entende?

— Entendo sim e fico feliz em saber que tomou essa decisão por você e não apenas pela Eduarda. Aquela menina está passando por um momento muito difícil, já carrega muitas coisas nas costas para carregar mais isso. Não faria bem a nem uma das duas, se tivesse voltado apenas por ela. — Ela

estava certa, se eu tivesse voltado apenas por ter descoberto sobre sua doença iria criar entre nós duas uma culpabilidade que poderia gerar mágoas, e isso era tudo o que a Duda não estava precisando no momento. Então, consigo compreender claramente o que ela me disse sobre o Gaspar não está mais trabalhando desde que ela iniciou o tratamento, Duda sentia-se culpada, angustiada. Porque na cabeça dela, Gaspar estava abandonando algo que ele trabalhou muito para ter, e ela tinha medo de que se algo acontecesse, talvez ele a culpasse. — Meu bem. — Desperto dos meus devaneios.

— Desculpa, vovó, só estava pensando sobre uma coisa que eu e Duda conversamos.

— Faz isso desde pequena, se perde dentro de si mesma, sua cabecinha deve ser um lugar fascinante. — Ela acaricia meu rosto. — Fico feliz que voltou pelos motivos certos, isso tranquiliza meu coração. Eduarda vai precisar muito de você.

— Eu sei e estarei ao seu lado.

— Tenho muito orgulho de você, da mulher que se tornou apesar de tudo pelo que passou. Sua mãe deveria ter sido mais do que foi para você, pena que minha filha estava ocupada demais mergulhada em sua amargura, para se dar conta da filha maravilhosa que tinha. — Pensar na minha mãe e no egoísmo dela não era o tipo de conversa que eu gostava de ter.

— Onde tia Liliana está? Não a vi desde o almoço. — Mudar de assunto era melhor.

— Na estufa terminando um trabalho para a finalização de um jardim amanhã. Desculpe por ter tocado no assunto, sei como isso a magoa.

— Tudo bem, vovó, vamos esquecer isso, ok? — Não tinha raiva da minha mãe, tinha mágoa, tristeza, mas raiva não. Ela se enterrou viva no rancor e amargura, depois que meu pai nos deixou, o amor às vezes sabia ser destrutivo. — Ela trabalha demais. Depois do divórcio, nunca a vi namorando.

— Precisa saber de algo. As mulheres dessa família têm um enorme defeito. Quando elas amam é algo definitivo. Foi assim com minha mãe, lembro-me bem da paixão maluca que ela tinha pelo meu pai, seu bisavô, foi assim comigo, com sua mãe e com Liliana não foi diferente. — Esse tipo de amor, tão dependente e definitivo, com toda certeza, é algo que eu não quero para minha vida. — Talvez um dia Liliana volte a amar alguém, mas ele tem que ser um homem muito especial. Venha, vamos esquentar o jantar. Não sei

você, mas eu estou faminta. Precisa se alimentar melhor, está muito magrinha. — É inevitável não rir com os comentários exagerados da minha avó, eu tinha o mesmo corpo desde os dezoito anos, só que para ela eu sempre estava magra demais.

— Senti tanto sua falta, vovó. — Beijo seu rosto, enquanto caminhamos de braços dados em direção à cozinha.

Capítulo 5

Presenciar o encantamento da Isa, ao abrir os presentes que eu havia trazido era um presente para mim. A infância era a melhor fase da vida, repleta de inocência e fantasia.

— Lindo, dinda. Vou mostrar a vovó. — ela se aproxima de mim, dá um abraço gostoso e sai tentando correr, arrastando o pula-pula que era maior do que ela.

— Isa, como fala para agradecer pelos presentes? — Isa para no meio do caminho, vira-se e voltando para mim e para a Duda abre um enorme sorriso, ela nem precisava agradecer, aquele sorriso valia muito mais do que um obrigado.

— Brigada, dinda! — E sai da varanda saltitando como uma coelhinha. Uma bola de pelos, meio amarronzados, segue-a parecendo pedir sua atenção. É impossível não rir com a imagem.

— Ainda não consigo acreditar que ela se enfiou em um buraco no muro da escola para salvar a Lika. — Quando a Duda tinha me falado sobre a proeza da filha eu não sabia se sorria, ou se ficava em pânico.

— Imagina como eu fiquei quando vi metade do corpo dela na calçada e a outra metade no jardim da escola? Acho que envelheci uns vinte anos. — Começamos a rir.

Cheguei cedo à casa da Duda, não eram nem três da tarde. Queria aproveitar o máximo possível para matar a saudade. Vovó Clara e tia Liliana iriam vir mais tarde e como hoje era domingo e Duda falou que convidou todo o clã Bianucci para o jantar de boas vindas, eles viriam no final do dia.

Gaspar não estava em casa, de novo, dessa vez ele tinha saído para comprar um ingrediente que tinha faltado para a sobremesa, Duda disse que ele não iria demorar muito. Laura estava adiantando algumas coisas na

cozinha, que ele havia pedido e nós duas estávamos na varanda colocando o papo em dia. Assim que cheguei e vi a Isa, abracei-a, apertei e cobri de beijos, enquanto ela ria sem parar, dei os presentes que havia trazido e agora eu e Duda estávamos novamente sozinhas. Ela parecia bem melhor do que estava no dia anterior.

— Parece bem melhor do que ontem. — Comento depois de termos passado um tempo apenas admirando a vista da cidade.

— E estou. Chamo de dias bons e dias ruins. Quando faço a quimio eu tenho uns dois ou três dias ruins com enjoos, vômitos, tonturas, um mal-estar horrível que parece não acabar nunca. Alguns dias que não faço quimio, também tenho esses sintomas, dores no estômago, enjoos, mau humor, enfim. Nos dias bons como hoje, não sinto tantas dores ou quase nem um dos outros sintomas — ela fecha os olhos, respira o ar fresco da manhã e sorri um sorriso que não tinha visto no dia anterior. — Nestes dias me sinto quase normal, sou muito grata por eles.

— Isso é muito bom. — Duda abre os olhos, direciona sua atenção para mim, sorri e depois volta a olhar a vista da cidade novamente. Ela sempre parecia transmitir uma paz, serenidade, acredito que essa seja a palavra certa. — Vai ganhar essa luta, eu tenho certeza disso — seguro sua mão que repousava sobre seu colo. Sinto seu leve aperto sobre a minha.

— O que pretende fazer? Agora que está de volta. — Pergunta mudando o rumo da conversa e se voltando para mim.

— Não sei, pensei em tentar uma vaga na orquestra do estado. Lembra-se do Cássio? Ele era orientador e coordenador do curso de Música da UFSC. — Ela assente — Então, agora ele é diretor artístico da Orquestra Sinfônica de Santa Catarina, a central é aqui em Blumenau. Consegui o número dele com uma antiga colega da faculdade, que agora toca na orquestra. Talvez consiga um teste ou prova. Tudo é possível, vou tentar. Também estava pensando em retomar minhas aulas na ONG. Sinto saudade das crianças. — Sorrio ao lembrar-me delas.

— Isso é maravilhoso, Lys. Tenho certeza que o Cássio vai ajudar, ele sempre admirou muito seu trabalho.

— Admirou. Você acha?! — Após quatro anos de faculdade tendo Cássio como orientador e professor nos tornamos amigos, mas eu sempre ia contra tudo o que ele falava nas aulas, na época ele lecionava técnicas musicais. — Sei que ele admira, mas sempre achou que eu tinha a língua

grande por ficar rebatendo tudo o que ele dizia na aula. — Cássio sempre foi um professor brilhante e eu uma aluna respondona. — É eu acho que podemos dizer que éramos amigos e que ele "admirava" minha música. Levando em conta nossa relação de amor e ódio. — Ela sorri, com certeza, lembrando das histórias que eu contava sobre os shows que eu dava em sala, com alguns professores que não tinham nem uma noção, com o Cássio eu fazia apenas por implicância, adorava as aulas dele.

— Bom, uma coisa é certa e você vai ter que concordar comigo — fala, assim que consegue conter o riso. — Cássio te apoiou muito quando decidiu concorrer à bolsa de estudos, e fez aquela carta de recomendação incrível. E você sempre foi sua queridinha.

— Não exagera, também não é pra tanto.

— Você sabe que estou certa. — Realmente, ela estava. — Vou até o banheiro tomar meu remédio, está na hora.

— Precisa de ajuda?

— Não, tudo bem. Estou ótima, já volto. — Ela parecia mesmo está bem ao se levantar e sair, percebi que até seu equilíbrio e coordenação ao caminhar estavam muito melhores do que no dia anterior. Era muito bom vê-la bem.

— Vou ao quarto, tomar o remédio e ir ao banheiro — era a voz da Duda vindo da sala, estava conversando com alguém.

— E a Isa? — Era a voz do Gaspar, a mesma voz grave e forte. Lembrava-me bem dela.

— Está com mamãe, exibindo os brinquedos novos que ganhou da tia.

— Lys já chegou? — Levanto-me e vou até a porta que dividia a varanda da sala.

— Chegou uns cinco minutos depois que você saiu, vai lá falar com ela. Ela está na varanda. — Consegui ver os dois, não estavam muito distantes. Duda beija-o e sai em direção ao corredor.

Alguns segundos depois Gaspar aparece diante de mim. Ele não tinha mudado muito, ainda parecia aquele cara charmoso, inteligente e irritante que eu conheci há alguns anos. Desencosto do batente da porta da varanda e entro na sala, ele continua me encarando, parecia mais um tipo de análise. Faz uma careta engraçada e se aproxima de mim.

— Não cresceu um único milímetro, desde que nos vimos da última vez.

— Tão pouco seu senso de humor melhorou, nesse meio tempo. — Alfineto para rebater o comentário ridículo dele.

Gaspar não responde e se aproxima mais, sorri, um sorriso engraçado.

— Bom te ver. — Dá mais um passo e me abraça. Era bom e acolhedor. Um gesto de boas-vindas, inesperado, mas fofo, vindo dele não me surpreendeu. Gaspar era assim. — Obrigada por vir rápido. Ela precisa de você. — Ele me solta e nos afastamos.

— Ela é minha melhor amiga, minha irmã. É claro que viria.

— Nunca duvidei. Vem, vamos para a cozinha, acho que a Laura ainda deve está por lá com meu pedacinho de gente, a tira colo.

Assim que chegamos à cozinha nos deparamos com uma cena no mínimo assustadoramente fofa. Isa estava sentada em um cadeirão de bebê, que parecia um pouquinho pequeno demais para ela. Um detalhe que com toda certeza não parecia estar incomodando-a, já que as frutas que deviam estar dentro do pratinho, estavam por toda parte menos dentro do pratinho. O rostinho da Isa estava todo sujo e risonho, principalmente pelo caldo da manga. Era a coisa mais fofa e linda do mundo. Tia Laura parecia conformada com a situação e encantada com a bagunça.

— Acho que estão se divertindo bastante. — Gaspar fala se aproximando da filha. — Princesa, que bagunça você fez!

— Papai, toma uva. — Isa estende a mãozinha toda suja, segurando firme um pedaço de uva meio amassado. Parecia até meio nojento, Gaspar aproxima-se da filha fingindo morder a mãozinha gorda, o que faz Isa soltar uma sonora e deliciosa gargalhada e abocanha a uva.

— Delicioso, filha. — Os pais realmente fazem tudo para deixarem seus filhos felizes.

—Tentei evitar, mas essa pequena é terrível. — Laura fala, tentando parecer brava, mas fracassando vergonhosamente.

— Estou percebendo, Laura. Tudo bem. — Era visível em sua voz que Gaspar não estava nem um pouco chateado, na verdade ele parecia se esforçar para não rir, já que a blusa da Laura estava completamente suja. — Que acha de um banho, princesa?

— Não quero, papai. Brincar.

— O que aconteceu aqui? Um vendaval? — Duda pergunta assim que entra.

— O ataque das frutas, ia levá-la para tomar um banho.

— Você tem que continuar com o jantar. Mamãe, Isa não é a única que precisa de um banho — fala com um ar de riso.

Era tão natural e comum ver todos naquele ambiente familiar. Era como se o tempo nunca tivesse passado.

— Quer ajuda?

— Não precisa, Lys, mamãe e eu damos conta. A família vai chegar logo, melhor você ficar e ajudar o Chef. — Seu comentário era irônico, só podia ser. Eu era péssima na cozinha, o máximo que arriscava era uma omelete ou uma massa.

— Sabemos que eu atrapalharia mais do que ajudaria.

— Fica aí atrapalhando que eu já volto. Vem com a mamãe, amor. — Fala ao pegar a Isa. Antes de sair, aproxima-se de Gaspar e beija-o.

— Hoje ela está muito bem. Quando estive aqui ontem, fiquei surpresa ao encontrá-la tão abatida — comento assim que estamos a sós, Gaspar retira a jaqueta e começa a lavar as mãos.

— Os três primeiros dias depois da quimio são bem difíceis. Depois melhora. —Ele coloca um avental com umas estampas geométricas coloridas, ele parecia relaxado, tranquilo. Engraçado como aparentava estar em um parque de diversões.

— Qual é o cardápio? — Pergunto para mudarmos de assunto, hoje é um dia feliz, como a Duda havia dito, temos que ser gratos por eles, e talvez por uns segundos esquecer um pouco os problemas.

— Bruschetta com confi de tomates frescos para a entrada, prato principal uma costeleta de vitela à moda italiana com risotto alla milanese e salada caprese, como sobremesa uma torta de merengue de limão siciliano. O que acha?

— Que você deveria ser preso por crimes contra a balança. — Seu riso preenche o ambiente. Algo me dizia que ele não andava sorrindo muito ultimamente. — E que é um cardápio bem italiano.

— Sou de família italiana, queria o quê? Vocês mulheres têm uma relação estranha com o próprio peso. Não precisa ficar se preocupando com a balança, Lys, está ótima. — Enquanto ele fala, vai se movimentando na cozinha, tinha me esquecido como era incrível vê-lo cozinhar.

— Seus olhos brilham enquanto cozinha, parece estar em seu ambiente natural. — Sento-me em um dos bancos da bancada de mármore e fico admirando a destreza de seus movimentos.

— Nunca me imaginei fazendo outra coisa, a não ser comandando minha própria cozinha. Acho que sua descrição é aceitável.

— Um sonho que conseguiu realizar e que parece descartar. Henrique e Duda me falaram que você contratou outro Chef para comandar a cozinha do Sabores.

— Henrique e minha amada esposa falam demais, e é só por um tempo, até a Duda se recuperar. Depois eu retomo.

— Você está deixando a Duda maluca com essa sua teimosia. Não pode suspender sua vida por causa do que estão enfrentando. Isso não fará bem a nem um de vocês. Não é apenas seu sonho, é seu trabalho também, pelo qual você lutou muito, até conseguir estabilidade e reconhecimento — queria que ele entendesse como essa escolha poderia afetá-los. — As pessoas vão até o Sabores para comer sua comida e não a de um outro Chef.

— Ela falou com você sobre isso não é? O quer que eu faça? Que deixe minha mulher no momento mais difícil da vida dela? Que a deixe enfrentando sozinha essa merda toda?

— Não, quero que você pare e pense um segundo. Como se sentiria se as pessoas que você ama modificassem suas vidas quase que por completo, porque você está doente ou impossibilitado? Como se sentiria se a vida de todos ao seu redor mudasse só porque a sua teve que mudar? Já tentou se colocar no lugar dela por um segundo?

— Então acha que estou errado? Que estou exagerando? — Ele larga o que estava fazendo da pia e me encara. — Não esteve aqui nas últimas semanas, não tem ideia de como tem sido difícil. Para você as coisas são muito simples, sempre foram.

— Tem razão, eu não estava aqui. Mas não porque eu não queria estar, sabe muito bem disso. — Sentia a raiva emanar dele, era visível a impotência que sentia ao ver Duda passar por tudo aquilo, sem poder mudar ou ter o controle de nada. — Não acho que esteja exagerando em querer se manter próximo a Duda. Não disse que devia manter distância ou que devia negligenciar a situação. O que estou tentando dizer, é que abandonar seus projetos e as coisas pelas quais lutou, não vão ajudar em nada ou mudar o que estão vivendo.

— E o que sugere que eu faça? Que volte a trabalhar, praticamente de domingo a domingo como antes?

— Não. E você não tem que trabalhar de domingo a domingo como

antes. Contratou um Chef, não tem que demiti-lo. Pode revezar os dias, fazer uma escala, trabalhar três dias na semana e deixar os outros com ele. Iria continuar a frente da cozinha, até mesmo nos dias que não estivesse lá e ainda assim teria tempo para a Duda e ajudar na recuperação dela. — Queria que compreendesse meu ponto de vista, que se colocasse no lugar da Duda por um segundo.

— Devo estar maluco, já que estou levando seus conselhos em consideração. Só que amo a Duda, ficar longe sabendo que ela precisa de cuidados é como definhar um pouco a cada segundo. Já tentei.

— Tia Laura está aqui, e agora também estou, Duda não estaria sozinha. Sei que a ama, mas o amor também pode ser sufocante as vezes. Posso não ser a pessoa mais centrada que você já conheceu e com toda certeza não sou uma especialista em amor, mas sabe que estou certa. — Ele apenas continuava me encarando.

— Tenho que concordar com você, de novo. — Voltando sua atenção novamente para as panelas, continua. — Acho que morar esses anos fora te fez bem, te fez amadurecer. Ao ponto de ser capaz de me mostrar, que venho agindo como um carcereiro e não como um marido. Só que ter consciência disso, não deixa as coisas mais fáceis.

— Não disse que seria, tem apenas que ser possível. Apenas tente. Primeiro chefiar a cozinha, depois reuniões com fornecedores. Vai aos poucos e quando menos perceber terá uma rotina novamente.

— Acho que posso tentar fazer isso.

— Também acho.

— Nossa dá pra sentir o cheiro, assim que sai do elevador. — Era a voz da Samara, irmã mais velha do Gaspar. Alguns segundos depois, ela adentra a cozinha, com o sorriso marcante dos Bianucci, o fato dela carregar o sobrenome do marido não alterava isso.

— Lys, como é bom te ver. — Me abraça quase me esmagando. Samara era assim, a personificação da mãe natureza. Linda, muito parecida com Lívia, matriarca da família, ambas tinham os mesmos olhos. Nos afastamos e ela me analisa. — Você está linda! Fiquei contente quando Gaspar me disse que tinha voltado.

— Muito obrigada, pelo “linda”. Cheguei ontem, nem tive tempo de respirar direito, passei aqui para falar com a Duda, mas não demorei muito estava cansada de mais.

— Posso imaginar uma viagem longa como essa, deve cansar muito — enquanto falava ia até as panelas, mas antes mesmo que pudesse abrir alguma delas, Gaspar deu um tapa de leve em sua mão, que parou no meio do caminho. — Você é um chato, sabia?

— Mamãe, onde a tia Duda e a Isa estão? Não vi a Lika também. Elas não estão na varanda. — Uma menina linda de uns dez anos invade a cozinha falando com a Samara, Savana estava linda, uma mocinha e muito parecida com o pai. A única característica que tinha da mãe era os marcantes olhos azuis, os mesmos da avó. Aquela família inteira era linda, por dentro e por fora. Savana para no meio do caminho, quando percebe minha presença.

— Minha nossa! Você é a Savana? — Ela apenas faz que sim com a cabeça. — Mas você já é uma mocinha, quando viajei não media nem meio metro e agora olha pra você, está quase da minha altura. — Não era bem um exagero, levando em conta que minha altura é 1,65 e ela realmente tinha crescido bastante. Ela abre um enorme sorriso. — Vem aqui me dá um abraço — meio sem jeito ela se aproxima de mim e eu a abraço. — Espero que o presente que eu trouxe caiba em você. — Seu rostinho se ilumina. — Pode pegar com a Duda depois.

— Espero ganhar presentes também. — Samara fala, pegando uma fruta. Savana vai abraçar o tio, que já tinha chamado sua atenção. Eles se abraçam forte, toda a família era muito próxima.

— Todos ganharam e é “presente” no singular e não no plural. Era apenas uma estudante e não uma versão feminina do Yo-Yo Ma.

— De quem?

— Como assim quem? O que as escolas de hoje ensinam? Yo-Yo Ma é simplesmente um dos maiores violoncelistas do século vinte e um, e também um mestre em composição, senhorita Savana Serrado. — Ela me encara parecendo não entender nada do que tinha acabado de dizer.

— Minha filha está entrando na adolescência e não na Faculdade de Música Lys, dá um tempo. — Fala com ar de riso.

— Mamãe, a tia e a Isa? — Savana volta a perguntar ainda com uma expressão de quem não entendia nada.

— Elas estão no nosso quarto, linda, Isa estava suja, tinha que tomar banho para ficar apresentável.

— Vou até lá então, tio. — beija o rosto dele e sai.

— Que saudade de quando ela era bebê. — Samara suspira com um

olhar saudoso, encarando a porta por onde Savana acabava de desaparecer. — Filhos são a melhor coisa do mundo. Então! — A última palavra ela diz se voltando para mim. — Como foi à experiência de morar dois anos inteiros nos EUA? Quero saber de tudo.

Tinha esquecido como conversar com a Samara poderia ser interessante e divertido. Caíque, o marido dela, chegou com Mael algumas horas depois. Caíque e Samara se casaram jovens e tiveram Savana, alguns anos depois. Aos poucos todos foram chegando. Como senti saudades de tudo isso, todos ao redor de uma enorme e farta mesa, falando sem parar, discutindo por bobagens e falando escandalosamente alto. Os americanos eram tão contidos, discretos e silenciosos que me dava nos nervos.

— Acho que está ainda mais bonita do que sempre foi, Lys, não vejo a hora de ter o prazer em vê-la em um concerto. — Gael, pai de Henrique, era um galanteador incorrigível, mas também um verdadeiro gentleman de sorriso fácil. Por um tempo ele tentou conquistar minha tia, mas ela nunca levou muito a sério as investidas dele, mesmo que todas as outras pessoas levassem.

— Muito obrigada, Gael, mas você é suspeito. Tem uma queda pelas mulheres em geral, assim como seu filho.

— Agora sobrou para mim? Inacreditável. — Dá uma garfada na vitela, que por sinal estava incrível, como todo o jantar.

— O mesmo sangue corre em suas veias. — Não me contenho em alfinetar, Henrique era um homem galinha, pegar sem se apegar era a definição de seus relacionamentos. Encaro-o sorrindo.

— *Touchê*, menina má. — Nunca entendi muito bem, por que me deu esse apelido quando nos conhecemos, mas era o Henrique, o melhor era não tentar entender.

Nós dois caímos na risada e o assunto mudou novamente. Isa se entrega ao sono, fico admirada em como Gaspar era jeitoso com ela. A forma como ele pega Isa dos braços da Duda e carrega até o quarto, sempre soube que ele seria um bom pai. Aquele jeito de bom moço dele, nunca deixou espaço para dúvidas. Percebo os olhares de Gael para minha tia, ele tinha sentimentos por ela, mas tia Liliana tinha sido muito magoada pelo ex-marido. Confiança era algo que se conquistava, não era dada de graça, principalmente, quando as pessoas sofrem por terem confiado mais do que deveriam. Se Gael gostava de verdade da minha tia, ele teria que conquistar sua confiança primeiro,

também isso não dizia respeito a mim, eles são adultos, sabem se cuidar muito bem.

— Tenho que falar, o risoto estava incrível, Gaspar, maravilhoso. Essa receita está no cardápio do Sabores? — Volto a prestar atenção à conversa. Nem tinha notado que Gaspar tinha retornado. Vovó era apaixonada por ele, pelo Henrique, pelo Mael e é claro pelo Gael também.

— Está sim, Clara, só que com algumas modificações, Sabores é um restaurante que tem como marca registrada, os pratos clássicos adaptados para ficarem com cara de Brasil. — E eles vinham fazendo um enorme sucesso por causa dessa "marca registrada", Duda havia me contado que os grandes críticos ficaram fascinados pelo tipo de gastronomia que o Gaspar reinventou.

— Imagino, qualquer dia desses vou até lá, apenas para saborear suas delícias.

— É só me avisar o dia para eu poder me programar. Faço questão de cozinhar para você.

— Vai voltar a ficar a frente da cozinha, filho? — Lívia pergunta, enquanto saboreava as últimas colheradas da sobremesa.

— Vou sim, mãe. — Duda que estava sentada a minha frente, ao lado dele, me encara, pisco um olho para ela, que sorri. — Afinal de contas, as pessoas vão até meu restaurante para comer minha comida. — Todos na mesa o encaravam como se ele tivesse falado que entraria para a política. — Só que não vou trabalhar todos os dias no restaurante, estou pensando em ficar três ou quatro dias na cozinha e os outros ajudando o Henrique aqui de casa mesmo. Ainda pretendo acompanhar seu tratamento e recuperação. — Fala essa última parte encarando Duda, beija-a nos lábios e depois a mão.

— Isso é muito bom, filho, faz muito bem. — Ettore era aquele tipo de pai que estufava o peito de tanto orgulho.

— Conversar com a Lys me fez abrir os olhos para algumas coisas que andei fazendo, pai. Às vezes é necessário alguém para puxar de verdade nossas orelhas.

Todos me encaram parecendo incrédulos.

— Posso ser bem persuasiva.

— Não duvido disso, nem por um segundo. — Mael fala com ar sarcástico.

— Dá um tempo, Mael.

— Já dei.

— Acho bom guardar um tiramisu, que amanhã quando sair do trabalho irei passar lá para pegar. — Caíque fala pegando mais uma fatia da torta. — Sua irmã me inferniza pelo menos duas vezes por semana, por causa do seu tiramisu, por isso tive que vir até aqui te roubar semana passada. Ai, isso dói. — Reclama ao levar um beliscão da Samara.

— Não é bem assim. Está exagerando, meu bem. — A careta da Samara era impagável.

— Estão foi por isso que apareceu aqui com aquela história maluca de histerismo? E que doce era o único remédio e todo aquele blá blá blá?

— Isso aí.

— Poderia apenas ter falado que minha irmã estava tendo um ataque por falta de glicose no organismo, cresci com ela, sei bem como acontece. Principalmente na TPM.

— Acredito que o problema dela estava mais relacionado ao seu tiramisu do que especificamente a falta de glicose ou a TPM.

— Vocês são inacreditáveis, parem de falar como se eu não estivesse aqui.

— Amor, estamos apenas relatando os fatos. — Samara fez uma careta para o Caíque, que não se conteve e começou a rir, acompanhado por Gaspar.

— Sam sempre foi maluquinha por doces, desde criança. Não é fofinha? — Samara geme baixinho e esconde o rosto no peito de Caíque, por causa do comentário do pai. Ettore tinha falado apenas para provocar.

— Papai, por favor, fofinha não. — Dessa vez todos riram.

O restante da noite foi repleta de lembranças de bons momentos incríveis e conversas comuns do dia a dia. Savana já tinha se entregado ao sono, no sofá mesmo. Tinha sido uma noite perfeita, que aqueceu meu coração, aquela era a minha família e finalmente me senti em casa depois de dois anos.

Março de 2012

As semanas se passaram, para mim foram semanas de adaptação. Adorava morar com minha avó e tia, só que eu não era mais uma menina, ter

meu espaço era uma questão necessária, porém para isso ser possível teria que encontrar um emprego primeiro. A primeira pessoa que procurei foi Cássio, que me deu a infeliz notícia de que o quadro de músicos da OSSCA estava completo, felizmente por uma coincidência do destino, Naomi uma colega de trabalho da Duda, informou que estavam procurando uma professora de música para os alunos mais velhos e eu me candidatei à vaga. Começaria em alguns dias, o que me deixou muito animada.

Mesmo Cássio tendo me garantido que conseguiria uma colocação para mim na orquestra, o que não duvidei, precisava pagar minhas contas me reestruturar, e precisava começar por algum lugar. Tinha experiência de sobra em dar aulas, graças ao meu trabalho nas ONGS onde fazia voluntariado. Enquanto minha grande oportunidade não se apresentava, ficaria dando aulas para adolescentes, algo que sempre amei fazer também.

Tinha combinado de ir com Duda para sua última sessão de quimioterapia, antes do retorno médico, para fazer a checagem do tratamento, que seria em alguns dias. Gaspar aos poucos tinha conseguido construir uma nova rotina, conciliando seu trabalho no restaurante com suas funções como super marido, o que deixou Duda aliviada e feliz. Por esse motivo hoje eu seria sua acompanhante junto com a Laura.

A caminho do hospital, onde tínhamos marcado de nos encontrar me deparo com a última pessoa que esperava encontrar e que não via há anos. Nunca era fácil reencontrá-lo, mesmo que fosse apenas de longe. Meu pai não havia mudado muito, ele ainda continuava com a mesma postura segura e firme que eu me lembrava. Tinha ido até um pequeno café. Enquanto saboreava a bebida fumegante, o vi de longe com a esposa e a filha. Minha irmã, a que nunca conheci, nunca sequer me aproximei ou fui apresentada. Eles pareciam felizes. Uma família de verdade, a mesma que não tive o direito de ter. Em alguns momentos da minha vida, até cheguei a me culpar pela separação dos meus pais, isso até eu crescer, perceber que os únicos culpados foram eles e que não cumprir promessas era um talento que pertencia a ambos. Apenas fiquei olhando-os de longe. Assim que entraram em uma pequena loja, segui meu caminho.

Não gastei nem quinze minutos caminhando até o hospital, quando cheguei, Duda estava na recepção com um livro em mãos. Seu sorriso ao me vê desapareceu à medida que fui me aproximando dela.

— Bom dia! — Fala, enquanto me analisa. Sento-me em uma poltrona

ao seu lado.

— Bom dia! Tia Laura não veio? — Não queria demonstrar meu abalo emocional, por ter visto o homem que me gerou com sua família feliz, mas estava difícil.

— Ela foi preencher alguns documentos. Aconteceu alguma coisa?

— Não, estou ótima. — Aquele não era o momento de despejar meus problemas. Duda já tinha muito com o que lidar.

— Engraçado, porque não é o que parece.

— Que bom que já chegou, Lys. Vamos. Você é a próxima, filha. — Laura surgiu, me salvando de ter que dar explicações e evitando que Duda continuasse a me pressionar para dizer o que tinha acontecido.

— Então vamos. — Fico de pé e uso a minha melhor cara de animada fingida. Tinha certeza de que Duda não desistiria de tentar saber o que havia de errado.

Seguimos pelos corredores até uma sala com algumas cadeiras enormes pretas, pareciam ser muito confortáveis. Ao lado de cada uma delas, havia um suporte de soro, só que pendurado nele tinham duas bolsas uma com um líquido meio alaranjado transparente e o outro era transparente e mais viscoso, também tinha um aparelhinho digital ao lado. Não entendia muito como tudo funcionava, a única coisa que sabia era que tinha que ficar ao lado dela. Fiquei olhando, enquanto Duda era preparada pela enfermeira. Elas pareciam ser velhas conhecidas. Duda usava um lenço na cabeça. Nas últimas semanas os cabelos dela haviam caído muito. Os dois líquidos pendurados ao suporte estavam sendo injetados através de um cateter intravenoso próximo a clavícula, nem conseguia imaginar o desconforto que aquilo causava.

Minhas suspeitas de que ela não esqueceria o modo como cheguei ao hospital se confirmaram, assim que a enfermeira saiu com tia Laura para pegar gelo e chiclete. Não entendi muito bem para que Duda precisaria deles.

— E então, vai me contar o que houve ou vou ter de adivinhar?

— Acho que não é o melhor momento para falarmos sobre isso.

— Esse é o momento perfeito. Estou presa aqui pelas próximas duas horas, então acho melhor você começar a falar, se não vou insistir até que fale. Seria melhor se nos poupasse tempo. — A teimosia dela só aumentou no tempo em que fiquei fora, isso ficou bem evidente.

— Tudo bem. Resumindo. Vi meu pai com a família dele, esposa e filha. Não me aproximei, os vi de longe. A família feliz. — Sempre que

ficava contrariada, dava um sorriso nervoso.

— Nossa, quando foi a última vez que o viu? Você lembra?

— Alguns meses antes de ir para Boston.

— Verdade, ele te procurou, não foi? Lembro-me disso. — Também me lembrava. — Ele queria conversar com você.

— Não foi bem uma conversa, Duda.

— Eu sei, lembro muito bem do estado que chegou lá em casa. Nunca teve curiosidade em saber o que ele tinha para te falar?

— Ele me abandonou ao se divorciar da minha mãe, depois de ter prometido que nunca deixaria de ser meu pai. Acha mesmo que alguma coisa do que ele me falasse poderia mudar isso?

— É claro que não, Lys. Mas, sei lá talvez exista um motivo, uma razão. Obviamente, que independente de qualquer coisa, nada justifica sua negligência, mas tem que ter um motivo. Pelo que me contou, vocês eram próximos.

— Sim, nós éramos. Mas aparentemente, isso nunca teve muita importância para ele, afinal, logo ele teve outra filha, construiu outra família, e nunca fez muita questão da minha presença.

— Apenas acho que talvez as coisas... — aquela conversa já tinha ido longe demais, por isso decido por um ponto final.

— Duda! — Interrompo-a antes que ela continuasse dando continuidade ao assunto. — Isso tudo foi há muito tempo, consegui seguir em frente, da mesma forma como fiz quando meu avô e minha mãe morreram. Vê-lo com a família mexeu comigo porque sou humana, sabe que não sinto raiva dele. Meu sentimento é de decepção, mágoa. A raiva que sentia na adolescência já foi superada há muito tempo. — E era verdade, quando me dei conta de que a minha felicidade dependia única e exclusivamente de mim, e do que eu escolhia fazer com minha vida, entendi que a morte da minha mãe foi culpa das escolhas erradas que ela fez, foi escolha dela se entregar a doença e se enterrar viva, não do meu pai. — Agora podemos mudar de assunto. Prefiro falar sobre meu novo emprego. — Ela apoia-se na poltrona, parecia estar procurando uma posição mais confortável.

— Está bem, não vou insistir se é isso que você quer. Já conversamos tanto sobre esse assunto, de tantas formas diferentes. No final, a escolha sempre acaba sendo sua. — Percebo que ela parece um pouco desconfortável.

— Você está bem? Quer que eu chame a enfermeira?

— Não precisa, é apenas a medicação.

— Faz efeito tão rápido assim? — Quando a Duda ia responder tia Laura aparece.

— Desculpa a demora, querida, não tinham do sabor que você gosta. Comprei esses aqui. — Enquanto ela fala, vai separando um copo com alguns cubos de gelo e um pacote de chiclete sem açúcar sabor melancia com maçã verde.

— Desculpa minha ignorância. Mas para que serve o gelo e o chiclete?

— Não é ignorância, apenas não está acostumada. O gelo serve para manter minha boca úmida, a medicação deixa-a ressecada e o chiclete para adoçar porque minha boca também amarga muito. Outra paciente me passou a dica e realmente ajuda.

— Entendi. Precisa de mais alguma coisa? Posso fazer algo?

— Pode. Distraia-me, fale sobre aquele gato inglês que você namorou, enquanto estava em Boston.

— O Will? Você já sabe tudo sobre ele. O que mais quer saber?

— Comece pelo início. Por que acha que não dariam certo?

Nas horas seguintes, ficamos conversando sobre Boston, Will, Gaspar, o Sabores, Duda disse que eu precisava ir até lá e ver com meus próprios olhos como o trabalho deles tinha ficado incrível, também falamos sobre Isa, como a cada dia ela estava mais esperta e sempre inventava uma novidade. Transformamos a quimioterapia em uma sessão nostalgia, até que foi bem divertido.

Quando termina, o médico passa alguns receituários para os exames da próxima semana, e lembra que o retorno para a entrega dos exames e check-up completo seria dentro de trinta dias. Duda parecia fraca, enjoada, sonolenta, tudo ao mesmo tempo. A ação daquele tipo de medicação é imediata, e consumia muito rapidamente as forças do paciente. Saber na teoria era uma coisa, acompanhar o funcionamento era outra bem diferente. Ajudei Laura em tudo o que pude, Isa ficaria na casa da Samara aquela noite, hoje era um dos dias ruins.

Capítulo 6

Abril de 2012

Nunca imaginei que voltar a dar aulas fosse me fazer tão bem. A escola era particular, do maternal ao ensino médio, estava lecionando para os alunos do oitavo até o segundo ano, era uma realidade bem diferente da ONG onde fazia trabalho voluntário na época da faculdade. Aqui os recursos me proporcionavam mais liberdade. Meus alunos eram todos adolescentes, a maioria deles não se entusiasma muito com música erudita, mas elaborei novas táticas para fazer com que se interessassem, mixar as músicas deles com as minhas e trabalhar os dois estilos, até agora estamos indo bem. Minha última turma tinha acabado de sair, estava terminando de organizar a sala, para pegar Isa e levá-la para casa.

Acabei criando uma rotina. Como Gaspar tinha voltado a trabalhar no restaurante, três vezes por semana, me ofereci para levar a Isa para casa, ele leva para a escola e eu a levo para casa. Também foi uma forma que encontrei de ajudar.

A cada dia Duda estava mais debilitada, Laura tentava não transparecer, mas eu percebia sua angústia, era a segunda vez que ela estava passando por essa situação. A impressão que eu tinha era que aos poucos sua fortaleza ia desmoronando.

— Oi. — Desperto dos meus devaneios quando Isa me chama puxando meu vestido, exigindo minha atenção.

— Oi, gatinha. Como vai, Naomi? — Cumprimento, a professora segurava a mão da pequena e retribui o meu cumprimento com um sorriso.

— Dinda, olha, eu quem fiz. — Isa me estende uma folha com um desenho, era apenas um rascunho colorido que buscava formas. Faltavam poucos meses para o seu aniversário de três anos, ela era uma garotinha

muito esperta e arteira, sem mencionar que tinha uma sensibilidade incrível, percebia muito bem tudo a sua volta. Nem parece ter a idade que tem. — Fiz pra mame, para ela fica feliz.

— É muito lindo, Isa. — Ela abre um enorme sorriso, beijo seu rostinho. — Duda vai ficar muito feliz, tenho certeza.

— Isa ficou ansiosa. Kátia liberou alguns minutos mais cedo, tinha um compromisso. Como sabia que ainda estava por aqui, achei melhor trazê-la.

— Obrigada, Naomi.

— Imagina foi um prazer.

— Cadê seus alunos, Dinda?

— A aula terminou agorinha, gatinha.

— A minha também, terminou agorinha. — Isa era um papagaio, adorava repetir tudo o que ouvia, parecia colecionar palavras, mesmo que nem sempre elas sejam pronunciadas com perfeição. Naomi a encara e sorri. — Posso ver isso aqui, titia? — Pergunta já indo em direção flauta doce, como era de plástico, não tinha problema se ela brincasse.

— Pode, gatinha, só toma cuidado, está bem?

— Com cuidado! — Ela se afasta um pouco de nós e começa a mexer na flauta com os dedinhos pequenos e finos.

— Como Duda está? — Naomi me pergunta, falando baixo apenas para nós duas ouvirmos.

— Bem, na medida do possível. É uma doença desgastante, assim como o tratamento para o paciente e para a família — volto minha atenção para Isa, ela é tão pequena, não era justo passar por tudo isso.

— Posso imaginar. Quando falei com ela há uns dias, me disse que vai ter retorno médico na próxima semana, para saber como está indo o tratamento.

— Sim, vai ser na segunda-feira. Estão todos a deixando maluca, com isso. — Não consegui tirar os olhos da Isa brincando, para dar atenção a Naomi. Quando percebo o silêncio encaro-a.

— Não entendi seu comentário, Lys.

— É complicado. Basicamente, Duda não se sente bem com o fato da vida de todos está, de algum modo, diretamente vinculada a dela.

— Acho que isso é algo que ela não tem como mudar. Lys, ela é filha, esposa, mãe, amiga, cunhada e sobrinha. Não tem como as pessoas que a amam, não se envolverem, isso é impossível.

— Falo isso para ela o tempo todo. Mas a Duda é assim, sempre coloca todos em primeiro lugar e esquece que as pessoas se preocupam com ela porque a amam — enquanto falo vou terminando de organizar a sala de música.

— É bem complicado mesmo.

— Sim, bastante. Sempre fico de te agradecer por ter falado para a Duda sobre a vaga de professora de música e sempre esqueço.

— Não precisa, foi um prazer poder ajudar. — Naomi era uma querida, uma pessoa muito especial, sempre disposta a ajudar, poucas pessoas são assim.

— Mesmo assim, muito obrigada.

— Por nada.

— Temos que ir. Tenho que levar essa pimentinha para casa.

— Tenho que ir também, vou me encontrar com meu namorado. Bom fim de semana.

— Obrigada, para você também. Isa, vamos! — Ela deixa a flauta no mesmo lugar que encontrou e vem saltitante até mim.

— Vamo, Dinda, quero logo vê a mame, já tô com muita saudade. — Me abaixo um pouco para ficar da sua altura.

— Vou te contar um segredo — falo sussurrando ao seu ouvido. — Também estou com muita saudade dela. — Isa sorri e segura minha mão.

— Vamo logo. — Sai me puxando pelos corredores da escola.

Chegamos logo ao apartamento, quase não tinha trânsito, o que ajudou bastante. Por enquanto estava usando o carro da minha tia, já que ela não usava muito, era mais fácil para seu trabalho usar a picape do que o Ford Ka azul, duas portas 2011. Minha prioridade era meu apartamento, depois cuidaria de um transporte. Assim que abro a porta do apartamento, sinto o aroma delicioso vindo da cozinha, como de costume.

— Mame, mame, mame — os gritos da Isa ecoam pelo apartamento, assim que entramos. Gaspar surge na sala e agarra a filha.

— Mamãe está descansando, filha. Cadê meu beijo? — Com um arzinho tristonho ela beija o pai, um beijo bem estalado.

— Papai trouxe um presente, olha. — Estende a folha com o desenho que ela tinha feito. Gaspar examina o desenho e me encara, em seguida volta novamente sua atenção para a Isa.

— É um desenho muito lindo, princesa. Tenho certeza que a mamãe vai

gostar muito, mas agora ela está descansando e a vovó deu uma saidinha, mas volta logo. — Isa segura o rosto do pai com as duas mãos, colocando uma de cada lado.

— Mame, tá dodói de novo? — Percebi certa preocupação em sua expressão e em sua voz.

— Não, amor. Ela está apenas descansando, daqui a pouquinho ela acorda para almoçarmos todos juntos. — Uma nuvem escura parece sair de perto dela, ao ouvir as palavras do pai seu sorriso se abre e ela o beija.

— Tá bom. Vou brinca com a Lika, até a mame acorda. — Ela se debate um pouco até Gaspar colocá-la no chão. — Cadê ela, papai?

— Está na área de serviço. Filha, por favor, brinca com ela lá na área. — Isa faz que sim com a cabeça e já vai saindo, saltitando. — Assim que sua avó chegar vamos almoçar. — Ele fala antes dela sumir completamente indo em direção à área de serviço.

— Está mesmo tudo bem? — Ele volta sua atenção para mim.

— Sim, Duda tomou uma medicação para dor e ficou meio sonolenta e foi deitar, são medicamentos muito fortes, mas já tem algumas horas, deve despertar logo.

— E você, como está?

— Estou indo. — Seu sorriso de lado, assim como seu olhar eram tristes, não me lembrava de já tê-lo visto assim. — Vem! — Ele caminha em direção à cozinha e eu o acompanho.

— O cheiro está incrível, como sempre.

— O sabor está ainda melhor. Por que não fica para almoçar? Laura já deve estar chegando. — Fala abrindo e fechando o forno.

— Com certeza vou ficar. Nunca recusaria um convite desses.

— Claro que não. Adora as sobremesas, tenho um forte palpite de que almoça aqui apenas por causa delas. — Assim como a Samara eu era louca doces.

— Não seja um ingrato, sou fascinada pela sua comida, não apenas pelas sobremesas. — Era a primeira vez desde que tinha voltado que o vi rir de verdade, um sorriso que alcançava seu olhar.

— Você é inacreditável. Fico me perguntando se existe mesmo.

— Pode ter certeza de que existo. — Pisco um olho, ele dá um meio sorriso e volta para o que estava fazendo.

— Desculpem a demora, acabei me atrasando. A fila estava imensa no

banco. — Tia Laura entra, coloca uma sacola em cima do balcão e vem até mim. — Olá querida, vai ficar para almoçar, espero? — Fala aproximando-se beijando meu resto.

— Não recusaria um convite para almoçar aqui, tia, principalmente quando o Gaspar cozinha. — Ela sorri.

— Faz bem, não se dispensa a comida do meu genro. — Laura tinha muito carinho por Gaspar, ele era como filho para ela.

— Adoro seus exageros, Laura.

— É apenas a verdade, ou você acredita que as pessoas pagariam pequenas fortunas para comer em seu restaurante, se fosse diferente.

— Não tenho como discordar do seu argumento. — Ele a agarra tentando prender seus braços e a enche de beijos.

— Ho... Solte-me insolente, está me fazendo cócegas. — Fala sorrindo dando tapas de leve, com a mão que estava livre. Quando está livre do abraço, empurra Gaspar ainda sorridente. — Atrevido. E minha netinha, onde está?

— Aqui vovó. — Isa se joga em seus braços. — Tava brincando com a Lika, papai prendeu a coitadinha. — Seu tom era de pura acusação.

— Foi mesmo, querida? — Laura faz a pergunta de modo teatral.

— Foi sim. Papai colocou a Lika de castigo lá atrás.

— Na verdade, fui eu que a coloquei lá, sabe? Porque ela fez xixi no tapete do meu quarto.

— Coitadinha, ela não fez por mal, vovó. Ela é muito pequenininha ainda menor do que eu. — Olho para Gaspar, que assim como eu parecia achar aquele diálogo muito engraçado.

— Por isso temos que educá-la direitinho. Agora, o que acha de tomar um banho, trocar essas roupas para almoçarmos? Vou chamar sua mãe. — Era extraordinária a habilidade que Laura tinha para mudar de assunto, ela costumava fazer o mesmo comigo e com Duda.

— Eu a chamo, Laura, pode deixar. — Fala, enquanto lavava as mãos.

— Certo, então vou preparar essa sapeca aqui. — ela coloca Isa no chão e as duas caminham juntas de mãos dadas.

— O que é sapeca, vovó? — ouço a pergunta da Isa, enquanto elas saíam da cozinha.

— Uma pessoa muito levada que não para quieta. — A resposta da Laura vem logo em seguida, mesmo elas estando um pouco distantes,

consegui ouvir.

— Ela é tão lindinha e esperta.

— Ela é mesmo. Às vezes tenho até medo de como vai ser mandona quando for mocinha.

— E os namorados, bom não esquecer eles. — Provoco tentando não rir da cara que ele faz.

— Não faço a menor ideia do que está falando. Minha princesa só vai namorar depois dos trinta. — Não consigo segurar e me desmancho rindo do comentário ridículo de pai ciumento, só falta ele dizer que a Isa vai virar freira. — Não sei qual é a graça!

— Vocês homens são tão ridículos e hipócritas. Não achou isso das garotas com quem ficava na adolescência.

— É completamente diferente, está confundindo as coisas.

— Completamente diferente, por que a garota em questão vai ser sua filha? — era inacreditável como tinha pai que era bobo e ciumento, não tinha me dado conta de que o Gaspar fosse assim.

— Exatamente. Agora se me der licença, tenho que acordar minha esposa e essa conversa já deu. — Sua cara ainda não estava muito boa. Ele era realmente ciumento e eu estava com muita pena da minha bonequinha e de seus futuros paqueras.

— Tudo bem. Mas sabe que esse seu pensamento do século passado não vai impedir que ela namore, certo? — Na porta da cozinha ele se volta para mim.

— Está falando isso para me irritar, certo?

— Na verdade, estou constatando um fato.

— Que tal guardar suas contestações para você? O que me diz?

— Você é ridículo. — Ele fecha a cara e sai sem falar mais nada.

Normalmente ele não teria esse tipo de comportamento, acho que ser pai o fez amadurecer. Não completamente, já que em sua doce fantasia de pai do século passado, a filhinha dele só iria namorar quando ele permitisse. Inacreditável. O cheiro que impregnava aquela cozinha, desperta minha fome. Tomara que eles não demorem muito ou vou atacar essas panelas.

Visualizar minha princesinha de namorado. Parecia até piada de mau gosto, Isa ainda era um bebê, faltavam muitos anos para eu me preocupar com isso. Pelo menos uns trinta. E aquele papo de que "esse seu pensamento do século passado, não vai impedir que ela namore" até parece, minha filha vai me contar tudo sempre, tenho certeza. Lys só podia estar falando aquilo para me provocar e tirar do sério.

Assim que entro no quarto, vejo Duda ressonando, sua respiração estava profunda e suave. A cada dia ela aparentava estar mais fragilizada devido ao tratamento, sabíamos que seria assim, que mesmo com a cura viria também a vulnerabilidade. Seus cabelos que antes iam até abaixo do ombro, tão brilhosos e volumosos agora estavam ralos e finos. Cortá-los era o certo a se fazer, Duda sabia disso, mas vinha adiando o inevitável. Apesar de toda sua debilidade, Eduarda continuava sendo a mulher mais linda que eu já conheci, quando a olhava só conseguia enxergar a bela mulher de olhos azuis doces, carinhosa, teimosa e determinada. Todo o resto para mim era insignificante e pequeno. Nos dias difíceis, tudo o que mais desejava era pegar toda sua dor para mim. Um poder que infelizmente eu não possuía.

Aproximo-me da nossa cama, sento-me na beirada e acaricio seu rosto que estava um pouco mais pálido do que o normal, suavemente, chamo-a com sussurros. Tinha absoluta certeza de que ela preferia permanecer dormindo, quase não tinha apetite, porém ela precisava se alimentar.

— Amor! — Chamo novamente.

Ela se remexe. Aos poucos vai abrindo os olhos, se remexe parecendo um pouco desconfortável e por fim desperta. Ao perceber minha presença, abre um lindo sorriso, nossa filha tinha herdado aquele sorriso. Iluminava tudo a nossa volta, era como uma fresta de luz em uma sala escura, que quando se intensificava iluminava tudo a sua volta.

— Olá!

— Oi, que horas são? — Sua voz estava um pouco rouca e ainda sonolenta.

— Passa do meio dia. Lys e nossa filha chegaram há alguns minutos. O que acha de almoçarmos?

— Não é a melhor pedida para quem está com o estômago revirado, mas quase não tomei café da manhã — fala tentando erguer com certa dificuldade o corpo, para senta-se. — Lys vai ficar para o almoço? — Ajeito os travesseiros que lhe dão apoio.

Sempre que ela acordava tinha que esperar uns instantes, antes de sair da cama, se não corria o risco de ficar tonta, desmaiar, sentir desconforto era uma situação constante em seu estado. Mesmo que ela não se sentisse bem em ter ajuda nas coisas pequenas do dia a dia, esse cuidado era necessário.

— Convidei e já me arrependi.

— E posso saber por quê? — Sua curiosidade só não era maior do que sua aparente vontade de rir.

— Porque sua amiga tirou o dia para esgotar minha paciência. Com a conversa da Isa namorar e relacionamento. Como se a minha princesa fosse pensar em algo assim.

— Um dia ela vai pensar, amor. Desculpa te falar isso, mas nossa filha vai crescer, se tornar adolescente, namorar, fazer sexo e eventualmente casar.

— Falta muito para isso, ela ainda é um bebê, e vou ensiná-la que o sexo depois do casamento é o mais correto, seguro e aceitável, tenho certeza que ela vai concordar com o papai. — Minha mulher me encara e começa a gargalhar sem parar, parecia estar tendo um ataque. Não via nem uma graça no que falei. Apenas espero ela se acalmar e controlar a respiração.

— Amor, você é tão engraçado. Acha mesmo que ela vai comprar essa conversa? Querido, quando ela for adolescente, vai estar com os hormônios loucos como qualquer adolescente normal. O que podemos fazer é orientar, ensinar e fazê-la entender que quando tem amor e confiança é muito melhor. — As duas tinham tirado o dia para testar minha paciência, só pode.

— Ainda faltam muitos anos para falarmos sobre esse assunto, acho melhor despertar para almoçarmos, estou faminto. — Ela me dá um meio sorriso e balança a cabeça de modo negativo.

— Nossa filha tem muita sorte de ter você como pai e tenho certeza que vai lidar muito bem com tudo isso, quando chegar a hora — fala acariciando meu rosto com carinho. Era difícil até respirar quando ela fazia isso, eu amo

muito. — Agora vamos comer. Não quero matar ninguém de fome por causa da minha falta de apetite.

Seus movimentos estavam mais firmes, ao se movimentar para sair da cama. Era sempre assim depois que a vertigem e mal-estar passavam ela se sentia melhor. O tratamento assim como a doença eram imprevisíveis e inconstantes, todo cuidado era pouco, mesmo ela me achando exagerado com tudo.

Quando chegamos nossa filha já estava sentada em seu cadeirão, enquanto Lys e Laura colocavam a mesa. Tinha quase certeza que minha pequena estava ali para não brincar com a Lika e acabar se sujando. Isa fica animada ao ver a mãe e estende os bracinhos pedindo colo, rapidamente é atendida, Duda agarra-a, enche de beijos e senta-se colocando Isa em seu colo.

— Como foi na escola, meu bem?

— Muito legal, mame, te fiz um desenho bem bonito, todo colorido e alegre.

— Mesmo? — Isa faz que sim com a cabeça, risonha e animada. — Me mostra então, onde está?

— Lá no quarto.

— O que acha de ir lá buscar pra mim.

— Muito boa ideia, mame, você é muito esperta. — Minha princesinha dá um pulo do colo da mãe e sai correndo em direção ao quarto.

— Como se sente, filha?

— Bem, mãe, a dor passou, só um pouco nauseada, como sempre.

— Que bom que está se sentindo melhor. Meu estômago está quase nas costas, estou morrendo de fome. — Tenho quase certeza que se eu for procurar no dicionário "falta de senso" encontraria uma foto da Lys. Mesmo que às vezes, bem raramente, ela demonstre ter um pouco, sou muito grato por ela estar aqui. — Seu marido falou que ele quer que a Isa vire celibatária?

— O que é cebetaria, mame? — Minha filha aparece do nada, perguntando e Lys começa a rir como uma hiena descontrolada, o que eu fiz para merecer isso.

— É celibatária, filha. — A pequena faz que sim com a cabeça. — É uma pessoa que faz a promessa de nunca casar. — Minha mulher era genial e ótima para responder a essas perguntas comprometedoras.

— Como o padre?

— Exatamente, filha.

— Legal. Olha aqui meu desenho. — O bom de crianças nessa idade é que elas não se prendem ao que não lhes interessam. — É lindo? É seu.

— É muito bonito, meu amor, muito obrigada, vou guardar com muito carinho. — Nossa filha abre um enorme sorriso e beija a mãe.

O almoço é bastante animado, ter a Lys de volta era muito bom, ela sempre trazia certa leveza as conversas e a qualquer situação por mais caótica que fosse. Evidentemente, ela fazia isso do seu jeito, ainda assim era melhor do que a nuvem cinza que quase sempre, pairava sobre nós. Assim que terminamos, Laura, eu e Lys arrumamos tudo, Duda e Isa vão para a varanda, era o lugar preferido delas. Segunda era o dia do retorno para saber como estava a evolução do tratamento. Tentava disfarçar minha tensão, o que era bem difícil, Laura, é bem melhor nisso do que eu.

— Tudo bem? — A pergunta de Laura me desperta dos meus pensamentos.

— Sim, estava apenas pensando em algumas coisas que tenho que resolver, amanhã no restaurante.

— Você mente tão mal. — Encaro Lys. Seu olhar observador para tudo e todos era muito inconveniente e irritante. — Não está mais aqui quem falou. — Ergue as mãos em sinal de rendição. — Vou me despedir, prometi ajudar minha tia com um jardim hoje, obrigada pelo almoço, estava incrível. — Ela beija Laura no rosto, vem até mim e me beija também. Alyssa sempre foi expansiva e espontânea.

— Uma ótima menina, Duda e ela tem muita sorte de terem uma a outra.

— Não sei se a Duda tem essa sorte toda, Laura.

— Não seja tão cínico. — Ela queria parecer severa, mas o tom de riso em sua voz sempre a entregava.

— Apenas um comentário, sogrinha. Tenho que fazer uns pedidos para os fornecedores, se Duda precisar de alguma coisa...

— Chamarei você, não se preocupe, vá trabalhar tranquilo. — Beijo seu rosto e saio, indo em direção à parte chata do meu trabalho, "lidar com pedido de fornecedores".

— Mame, acha que posso ir conhecer as princesas quando for grande, assim? — Ela faz o gesto se esticando toda para demonstrar o tamanho. Minha filha sempre foi o maior presente que a vida poderia ter me dado, Isa era a luz da minha vida. E às vezes, era tão precoce em algumas coisas que me assustava.

— Acho que pode sim, vamos falar com o papai sobre isso. O que acha?

Depois do almoço viemos para a varanda, desde então estávamos brincando de boneca. Sempre adorei esses momentos com ela, eles acabaram se tornando raros devido ao tratamento, que afeta muito meu humor.

— Ideia boa, mame. — Fala confirmando com a cabeça. Desde que aprendeu as primeiras palavras, tem o costume de falar com todo o corpo, é muito bonitinho.

— Quero brincar também, tem boneca pra mim? — Lys aparece e senta-se no chão ao lado da Isa, de frente para mim.

— Essa aqui, Dinda, ela chama Bibi.

— Não gosto muito das loiras, gatinha, você não tem uma morena aí, linda assim como eu. — Fico focada na conversa das duas.

— A Lola é minha, titia, não posso te dá.

— Mas gatinha, você não acha que ela combina mais comigo. — Isa nega com a cabeça e faz bico. — Tudo bem, vai, eu fico com a Bibi. Jesus, não tinha um nome melhor. — Minha pequena faz uma caretinha linda e se joga nos braços da madrinha.

— Foi a mame que chamou ela assim. — As duas me encaram com olhar de desgosto.

— O nome é bem bonitinho. — Não me restava muito a não ser me defender.

— Sei. Sua mãe sempre colocou os piores nomes nas nossas bonecas, quando ganhávamos uma de presente. — Lys faz um falso sussurro no ouvido de Isa, aquilo não era bem verdade. Isa assente com a cabeça concordando. Às vezes era difícil saber quem das duas era a criança.

— Sua dinda está exagerando, filha.

— Não estou não. Mudando o foco, vim me despedir, tenho que encontrar com tia Liliana, fiquei de ajudar hoje à tarde. — Antes que pudesse responder Isa dá um pulo do seu colo.

— Vou chamar a vovó pra levar a Lika no parquinho, posso, mame? — As crianças eram muito singulares, mudavam seu foco com tanta facilidade, nunca tinha me atentado a esse detalhe até ter uma filha.

— Pode sim, filha. Quando voltar com a sua avó, vai dormir seu soninho da tarde. — Sai balançando a cabeça sem me responder, sempre relutava para dormir, mas quando se encostava em mim caía no sono.

— Ela muda o foco de tudo tão rápido, nossa, é como ir de oito a oitenta em um segundo.

— Eu sei. Então, vai encontrar a Liliana?

— Faz quase uma semana que ela está trabalhando nesse jardim, quero muito ver a finalização. Pelo que ela me disse deve estar incrível.

— Posso imaginar, o trabalho dela é maravilhoso, com os anos foi aprimorando ainda mais. Você deixou o Gaspar bem nervoso hoje com essa história da Isa namorar.

— Seu marido é um hipócrita dramático isso sim. Como se ele não tivesse pegado geral, quando era adolescente. Até parece.

— Poderia ter sido mais sutil, é a primeira filha dele. O que você queria?

— Menos drama. — O enjoo desconfortante estava voltando, Lys pareceu perceber. — Tudo bem?

— Sim, é apenas um enjoo. Se tivesse menos drama, não seria o Gaspar, não acha?

— Verdade. — Nós duas acabamos sorrindo. — Sempre fico de perguntar, mas acabo sempre esquecendo. Vocês estão bem?

— Se sua pergunta é sobre nosso relacionamento, sim estamos. Ele é um bom homem, incrível na verdade. Estamos vivendo um dia de cada vez,

mesmo a medicação não ajudando a minha libido, nem lembro quando foi a última vez que fizemos amor. — A verdade era que eu nunca estava disposta, sempre com dores e incômodos. Minha confiança no meu marido era incontestável, mas eu sabia que ele sentia falta.

— Que coisa mais bucólica "fazer amor", parece que estou falando com uma amiga da minha avó. — Lys era a única pessoa que conseguia transformar meus dramas em motivos de sorrisos, por isso era tão bom tê-la perto de mim, ajudava a tornar tudo mais leve.

— Você fala assim, porque nunca sentiu amor incondicional por ninguém. No dia que isso acontecer, não importa como seja o sexo, você vai falar "fazer amor", tenho certeza.

— Sinto amor incondicional por você, pela Isa, por minha tia e avó isso não conta? E já tive muitos namorados, que amei, mas nunca disse fazer amor.

— Paixão e amor são dois sentimentos bem diferentes, a essa altura você deveria saber a diferença. Além do mais nunca foi muito de afeto, seu lance sempre foi química, pele e prazer. Mas um dia, você vai encontrar a pessoa certa.

— Quando desvendar esse mistério, da diferença iminente entre amor e paixão, você será a primeira a saber. Sobre a pessoa certa espero que esse dia demore bastante. Agora tenho que ir, já devo estar atrasada — fala se erguendo do chão e vindo me abraçar. — Não enche essa cabecinha de caraminholas, Gaspar te ama e esse lance de sexo é secundário e subestimado. Existem coisas mais importantes, vai por mim, que disso eu entendo. Tenho certeza que vão recuperar o tempo perdido, quando estiver cem por cento de novo. — Antes que ela saia seguro sua mão.

— Obrigada por fazer parte da minha vida e da vida da minha família.

— Não vai me fazer chorar, meu ego já é grande demais sem você para inflá-lo — sorrio, ela me dá um beijo no rosto. — Não precisa agradecer. Tenho que ir, nos vemos no domingo ou só na segunda ainda não sei, fiquei de sair com um pessoal amanhã.

— Tudo bem, contanto que esteja aqui na segunda. Divirta-se.

— Pode deixar. — Fala saindo. Ela é a única pessoa que não me trata como se eu fosse de vidro, e tornava sua preocupação e atenção comigo algo natural. Não sei como seria se ela não estivesse aqui.

O fim de semana passa rápido, não passei mal um único dia, fazia muito tempo que algo assim não acontecia. Não vi a Lys, mas nos falamos todos os dias. Gaspar esforçava-se para tentar criar certa normalidade em sua rotina diária, seu esforço me fazia amá-lo ainda mais, sabia como manter essa distância era difícil, ele sempre foi superprotetor, tanto comigo como com nossa filha.

A segunda-feira amanhece ensolarada, mesmo com o tempo um pouco frio. Minha mãe levaria Isa para a escola e de lá iria nos encontrar no hospital. A pontualidade da Lys me surpreende, não que ela se atrasasse sempre, quando o assunto tinha certa seriedade ela sempre é muito responsável. O nervosismo da minha mãe e do meu marido me deixava um pouco tensa, mesmo a Lys tentando tornar o ambiente mais leve. Tomamos café da manhã todos juntos. Quando todos terminaram minha mãe e Isa foram para a escola, já Lys, eu e Gaspar fomos para o hospital. No carro a caminho da consulta, se instalou o silêncio, Gaspar retira uma de suas mãos do volante, segura minha mão, entrelaça seus dedos aos meus ergue minha mãos e beija-a.

— Vai dá tudo certo. — A única coisa que faço é assentir.

Lys me encara pelo retrovisor, apenas o seu sorriso me transmite confiança.

— Obrigada por vir hoje comigo. — Já tinha perdido as contas de quantas vezes tinha agradecido por ela estar ali.

— Para de agradecer. Coisa chata. Até parece favor, quando sabemos que se estivesse em casa, estaria sendo consumida, querendo informações. Além do mais. — Fala aproximando-se do assento do passageiro onde eu estava. — Você precisa de alguém sã e equilibrada ao seu lado, a Laura vai demorar um pouquinho a chegar. Quem melhor do que eu. — Seu tom de voz estava longe de ser sussurrado.

— Poderia responder a essa sua pergunta, aparentemente retórica, mas acho que ganho mais ficando em silêncio. — Lys faz uma careta engraçada encarando na direção de Gaspar, que por estar prestando atenção no trânsito não vê, não me contenho e começo a rir.

Meu marido me encara de modo interrogativo, sem entender bem meu súbito ataque de riso. Aos poucos controlo minha respiração e me contenho. Lys volta a senta-se no banco de trás, encaro-a pelo retrovisor e ela pisca um olho para mim.

O percurso não é tão longo e o trânsito ajuda, logo chegamos ao hospital. Minha consulta estava marcada para às 8h00min, Gaspar não solta minha mão, sinto-me muito melhor com ele ao meu lado, minha mãe manda mensagem dizendo que está a caminho. Nós três ficamos aguardando na sala de espera depois de falar com a recepcionista, que nos informou que o doutor Wagner já tinha informado que estava a caminho.

— Espero que não tenham esperado muito. Peço desculpas pela demora. — Ainda bem que ele não tinha demorado muito. — Bom dia! Como está? — Pergunta apertando minha mão.

— Melhor do que ontem.

— Isso é bom, Eduarda. Como vai, Gaspar? — Aperta sua mão, assim como fez comigo.

— Bem, doutor Gabriel. — Os dois tinham se tornado bons conhecidos, desde que comecei a frequentar o hospital.

— Essa é minha amiga, Alyssa.

— É um prazer — fala cumprimentando-a. — Acho que podemos começar!

— Minha mãe ainda não chegou.

— Posso esperar, não tem problema algum. — Olho para Gaspar, minha mãe poderia entrar quando chegasse, estava muito nervosa para continuar esperando e ansiosa também. Meu marido aperta minha mão, parecendo compreender meus pensamentos, e talvez realmente estivesse.

— Não, doutor, vamos começar.

— Então, vamos para minha sala. — Olho para Lys, ela sorri.

— A Lys pode entrar também? — Queria que ela fosse junto também.

— Não vejo nenhum problema.

— Duda, acho melhor eu ficar aqui esperando, até mesmo para quando a Laura chegar. Esse momento é bom que estejam apenas vocês. — Ela

aproxima-se e segura minha mão. — É melhor que estejam apenas você e o Gaspar, se a Laura chegar a tempo, peço para a recepcionista avisar que ela está aqui. Depois conversamos e você me conta tudo. — Lys era muito especial, me aproximo e abraço-a, ela me envolve bem apertado. Nos afastamos. — Vai dá tudo certo. — Ela beija meu rosto.

Sigo com Gaspar e o médico. O ambiente da sala já era tão familiar para mim, que me fazia sentir um pouco mais confortável do que da primeira vez que entrei. Nós três nos acomodamos, doutor Gabriel senta-se a nossa frente e pega em sua gaveta um envelope grande branco, provavelmente meus exames.

— Recebi os resultados no sábado — ele abre e retira algumas folhas. — Olhei assim que os recebi, tenho notícias boas e notícias não tão boas assim.

— Então acho que o melhor seria começar pela notícia boa. — Sinto os dedos do Gaspar se entrelaçarem aos meus, segurando firme minha mão.

— Não houve nenhum avanço da doença. Os tumores que restaram após a cirurgia não aumentaram e não houve comprometimento de outros órgãos, o que significa que o tratamento está dando resultado. — Ele coloca os papéis sobre a mesa, pega um deles, examina por cima e volta novamente sua atenção para nós.

— Então estamos indo bem? Quero dizer. Como o esperado. O tratamento está funcionando? — Tento manter minha voz contida só que eu estava muito eufórica com a notícia para conseguir me conter.

— De certo modo, sim.

— Como assim "de certo modo", poderia, por favor, ser claro, doutor Gabriel. — Gaspar fala com seriedade, seu tom exigia clareza. Concordava com ele.

— Peço desculpas, serei mais objetivo — ele conserta a postura e começa a falar novamente. — É muito bom que os tumores existente não tenham aumentado e que novos não tenham surgido, porém não houve uma diminuição, o que significa que o tratamento está mantendo o controle da doença, mas não está sendo suficiente para combater. — Fico atenta a cada palavra que ele dizia, mas a cada segundo meu coração apertava um pouco mais. — Então iremos ter que aumentar a dosagem e mudar uma das medicações, mais três meses de tratamento para o combate, esse vai ser nosso foco agora.

— O que estava falando é que esses três meses de tratamento que a Duda fez não combateu a doença?

— Não, Gaspar. O que estou falando é que o tratamento não está surtindo os efeitos que imaginávamos, mas isso não significa que não surtiu efeito nenhum. Mudaremos o foco do tratamento.

— Por mais três meses? — Gaspar pergunta, seu tom parecia contrariado.

— Sim, da primeira vez que estiveram aqui expliquei como era o tratamento, como essa doença agia e como era imprevisível.

— Doutor Gabriel isso...

— E entendi perfeitamente, quando inicio esse novo tratamento. — Falo interrompendo Gaspar, ele respira profundamente e se cala.

— Na próxima semana, nesta você irá se recuperar. — Ele pega um receituário e começa a escrever. Tinha algo me incomodando e que eu precisava perguntar se não ficaria sem dormir.

— Doutor, se não houver um avanço. Se caso esse tratamento não tiver o êxito esperado, o que faremos? — Ele me olha.

— Temos outras opções de tratamento, Eduarda, a radioterapia é uma delas. Não deve pensar nisso agora, deve focar no tratamento e em sua recuperação. Continuaremos tentando, não vamos desistir, é um processo lento a paciência é necessária, por mais que seja difícil. — Apenas concordo com a cabeça.

— Os meus cabelos caíram bastante, você disse que vai aumentar a dose. Eles irão cair mais, não é?

— Sim, irão. — Gaspar solta minha mão e passa o braço por meus ombros.

— Continuará linda do mesmo jeito. — Fala em meu ouvido, nos encaramos e ele beija meus lábios de leve. — Eu te amo. — Sussurra ainda próximo aos meus lábios.

— Eu também. — Doutor Gabriel pigarreia discretamente, e voltamos nossa atenção para ele.

— Vai tomar esses coquetéis esta semana. Irei marcar sua primeira sessão de quimio para a próxima quarta-feira. As recomendações restantes são as mesmas da última vez. As primeiras serão bem difíceis, depois melhora um pouco.

— Não é necessário que me explique o resto. Acho que adquiri um

pouco de experiência, desde primeira vez.

— Certo, então é isso. Nos vemos em alguns dias. — Fala erguendo-se, eu e Gaspar fazemos o mesmo, apertamos sua mão e nos retiramos.

Minha cabeça estava um turbilhão, as notícias não eram maravilhosas, mas também não eram horríveis, eram apenas imprecisas. Isso me aterrorizava. Paro no meio do corredor, Gaspar que segurava minha mão também para abruptamente e volta-se para mim.

— Amor, está tudo bem? — Pergunta aproximando-se.

— Estou com medo. Medo das incertezas dessa doença. Como vou lutar contra algo, imprevisível e incerto? — Meu olhar estava distante, além dele. Gaspar segura meu rosto, fazendo com que o encare.

— Estou do seu lado, vamos vencer tudo isso. — Ele me abraça, encosto meu rosto em seu peito e choro. Nunca tinha me descontrolado, até aquele momento, foi como se algo dentro de mim, tivesse se rompido e todos os meus maiores medos viessem à tona. Não consegui explicar, mas todas as minhas certezas sumiram. E isso me angustiava de um modo inexplicável. — Vai ficar tudo bem. — Me afasto um pouco dele, tento me conter.

— Você não pode me dar essa certeza, ninguém pode, nem mesmo os médicos fizeram isso. — Enxugo uma lágrima que teimava em escorrer por meu rosto, respiro profundamente. — Tudo isso é incerto, não há certezas se tratando dessa maldita doença. — Ele tinha que entender, que talvez não me curasse. Desde o diagnóstico que Gaspar parecia ter plena convicção da minha cura, só que infelizmente o controle não estava em nossas mãos.

— O que está querendo dizer?

— Que nada disso está sob nosso controle e que o tratamento pode não surtir efeito. — O que vejo em seu rosto me preocupa, me faz entender que ele não vai aceitar a derrota, caso ela aconteça, ou pior que ele não vai superar.

— Sei que ficou preocupada com o que ele falou lá dentro, mas quero que preste atenção, no que vou falar — novamente ele segura meu rosto com as duas mãos. — Não vou permitir que isso aconteça. Irei lutar, até onde seja humanamente possível para não permitir isso, me entendeu?

— É isso que me preocupa. Você não tem como controlar o que pode acontecer comigo, ninguém tem. — Me estico um pouco, beijo seus lábios, acaricio seu rosto ao me afastar. O que me restava a não ser seguir em frente, rezar e pedir para que esse maldito câncer não destruísse minha família. —

Melhor irmos, Lys está esperando e acho que minha mãe também. Vamos.

— Duda, nós não vamos desistir. — Seu olhar sobre mim tinha uma intensidade e certeza que era o que me bastava.

— Não vamos. — Damos as mãos e seguimos para o corredor em direção à porta que dava para a recepção.

Vejo minha mãe e Lys conversando distraídas. Quando nos aproximamos as duas se levantam, minha mãe explica, que não conseguiu chegar a tempo porque houve um acidente de trânsito, e não quis interromper a consulta entrando depois. Saímos os quatro do hospital, fomos para um café bem charmoso, próximo ao estacionamento, era um ambiente bem acolhedor.

Explico tudo o que o médico nos falou, tento ser o mais clara possível. Percebo que minha mãe segura as emoções, ela sempre foi muito forte. Lys apenas fica em silêncio até eu terminar de explicar tudo, depois segura minha mão.

— Então vamos seguir em frente, fazer o tratamento exatamente como o médico pediu. É mais um obstáculo que você vai vencer. Todos nós estaremos aqui ao seu lado. Pode contar sempre comigo. — Ela era mais que minha melhor amiga era minha irmã, e mesmo com seu jeito maluco, sempre conseguia me passar confiança e força. Assenti com a cabeça.

— Já que posso contar sempre com você, quero que me ajude a cortar meus cabelos. — Todos me encaram, meio pasmos, menos a Lys que apenas sorrir. — Bem, já que vou perdê-los mesmo, quero fazer isso com estilo.

— E pode contar comigo, vamos fazer isso juntas. — Ela fala apertando minha mão.

— Mamãe. — Chamo-a, pedindo apoio.

— Cortava seus cabelos quando era criança, vai ser bom fazer novamente. — Sua voz estava embargada.

— Vai ficar linda, amor. — Gaspar fala em meu ouvido, depois beija meu pescoço.

Ficamos mais um pouco, tiro algumas dúvidas da Lys sobre o novo tratamento. Conversamos sobre outras coisas também, depois Gaspar, minha mãe e eu nos despedimos da Lys e vamos para casa.

Não consegui explicar, mas apesar do medo, insegurança e incertezas algo me dizia que vou conseguir superar, porque tenho pessoas que me amam ao meu lado.

Capítulo 7

Agosto de 2012

Estava quase tudo organizado para o aniversário de três anos da Isa. Todas as providências necessárias haviam sido tomadas, eu e Samara com a ajuda da tia Laura fizemos tudo exatamente como a Duda tinha orientado. Nossa pequena estava muito animada com a festa, assim como todos nós, era o primeiro aniversário dela em que estaria presente. A festa seria dentro de três dias.

Infelizmente nem tudo era alegria. As coisas estavam bem difíceis. Duda fez três meses da nova quimioterapia prescrita pelo médico, que não ajudou ou surtiu efeito algum, agora ela teria que iniciar a radioterapia, outro tratamento ainda mais forte, ela estava ainda mais debilitada. Tentava não demonstrar constantemente, mas era visível. A cada dia Duda ficava mais cansada, vulnerável e exposta. Esse tratamento irá afetá-la muito mais do que a quimio, a primeira sessão seria na próxima semana.

Assim como eu, tia Laura se mantinha firme ao lado da filha, ela parecia uma fortaleza, tentava sempre se manter calma e passar isso para Duda. Tia Liliana, vovó Clara e eu éramos as únicas pessoas que sabiam como ela realmente estava, muitas vezes Laura veio até mim e chorou compartilhando comigo suas preocupações e medos, muitas vezes chorei ao seu lado, compartilhando o mesmo sentimento. Já o Gaspar acabou diminuindo suas idas ao restaurante, que agora passaram a ser apenas uma vez por semana. Era ele que cuidava dela de todas as formas possíveis. Dava banho, vestia, penteava e alimentava, enfim supria todas as suas necessidades. Sempre dizia que o amor que eles dois viviam era algo muito difícil de encontrar, mas estava enganada. Esse tipo de sentimento não era apenas difícil, era raro. Milhares de pessoas passavam pela vida sem ter a

chance de viver esse tipo de amor, ou pelo menos algo próximo.

Duda fez questão que a festa fosse realizada, apesar do momento difícil pelo qual a família vinha passando. Vim até o apartamento deles para terminar de preparar a decoração e outros detalhes que ficaram para última hora. Os porteiros do prédio já me conheciam, então não foi necessário interfonar para avisar da minha chegada, sempre subia direto. A porta estava aberta, geralmente eles só fechavam à noite, o condomínio era bastante seguro.

— Tem alguém em casa? — Chamo não muito alto, Duda poderia estar descansando.

Olho pela sala de TV até a sala de jantar, vou até a varanda, nada, ninguém, passo pela cozinha que também está vazia. Acho estranho, pois não eram nem cinco da tarde, geralmente o Gaspar fica na cozinha esse horário com a Isa atrás dele. Decido ir até os quartos, eles poderiam estar lá. Sigo pelo corredor e já ouço vozes. Tinha certeza que eles estavam em casa. Aproximo-me mais, a porta do quarto deles estava entre aberta, vejo Gaspar com Duda em seus braços, ela estava envolvida na toalha. Era um momento tão íntimo entre eles, não tinha o direito de estar aqui, sabia que era errado, observo enquanto Gaspar coloca-a sentada na cama, de costas para mim, Duda estava muito mais magra do que quando voltei de viagem. Seus cabelos longos, volumosos e castanho escuros já não existiam. Meses atrás eu e tia Laura cortamos. Sua pele estava mais pálida que o normal, tudo nela evidenciava sua fragilidade.

Gaspar escorrega a toalha por seu corpo, quando estou me retirando para voltar à sala e esperá-los lá eles interrompem o silêncio que perpetuava aquele momento.

— Me sinto melhor do que ontem, não precisava me ajudar com o banho hoje. — A fala da Duda parecia consternada.

— Sei disso, mas eu gosto de ajudar. — Olho pela fresta e vejo-o passando hidratante pelo corpo dela, com calma e delicadeza, não existia nem um direcionamento sexual em seus toques era apenas carinho, afeto e amor. — Além do mais, assim podemos ficar sozinhos e posso me aproveitar de você. — Contenho minha risada, ao contrário da Duda que ri bem alto.

— E quem disse que vai se dá bem, bonitão?

— Tenho muito charme e sou muito persuasivo. — Duda volta a sorrir alto.

— Obrigada por me amar tanto — ela fala acariciando o rosto dele. — Sou muito grata por ter você na minha vida. — Gaspar coloca sua mão sobre a dela, guiando-a até seus lábios e beija a palma.

— Eu que tenho sorte de ter você na minha vida. Minha vida sem você seria cinza, triste e não teria sentido. Amo você Maria Eduarda Leal Bianucci, mais do que minha própria vida. — Eles ficam em silêncio, quando vejo o modo como ele olha para a Duda, era como se ela fosse à única pessoa no mundo para ele. Só lembrava de ter visto algo assim quando meu avô olhava para minha avó, uma das poucas lembranças da minha infância, que ainda tinha clara em minha mente.

De repente sinto-me culpada por estar ali e isso me corrói, afasto a fresta da porta, encosto-me à parede, tento ir embora, mas ao ouvir novamente que retomaram a conversa algo dentro de mim, me prende no mesmo lugar.

— É disso que eu tenho medo, Gaspar. Você não pode continuar fingindo que as coisas estão melhorando, porque elas não estão, a cada dia que passa me sinto mais fraca, e quando a radioterapia começar vai ser muito mais agressiva para mim do que a quimioterapia. — Sua voz parecia cansada.

— Não quero falar sobre esse assunto agora, Laura foi buscar a Isa na casa dos meus pais, elas já devem estar voltando e eu... — Duda não permite que ele continue e interrompe-o.

— Quando vamos falar então? Sempre que falo sobre esse assunto você desconversa.

— Porque é uma conversa desnecessária, isso não vai acontecer.

— Desnecessária? Quem sente as dores sou eu, quem está dependente de todos sou eu, quem está perdendo o crescimento da nossa filha sou eu. Não é uma conversa desnecessária, você tem que entender, que quando eu não estiver mais aqui Isa só terá você. — Escutar aquelas palavras vindas dela, doíam em mim, imagina como o Gaspar estava se sentindo. Mesmo que Duda tivesse certa razão era difícil ouvir. — Quero que entenda que você será o porto seguro dela, seria impossível para mim, tentar me manter sã se não tiver essa compreensão.

— Quer que eu tenha a compreensão de que vai morrer? — Não via seu rosto, mas sua voz passava uma dor, que eu acho que seria difícil não perceber.

— Não. Quero que tenha a compreensão que mesmo que eu venha a

morrer, você e nossa filha continuarão vivos.

— Detesto quando fala assim. Como se a morte fosse algo certo, essa sua normalidade quando fala em morrer é inacreditável.

— Você sabe que é uma possibilidade. Fechar os olhos e fingir que não pode acontecer, não vai impedir que aconteça. Muito menos me curar por milagre. Só não quero que fique se martirizando, que sofra, fique amargurado ou deixe de viver caso aconteça. — A profundidade de sua respiração era muito perceptível.

— Quer que eu dê uma festa no seu funeral? Posso providenciar fogos de artifício também, se quiser — ele fala irritado com um tom irônico.

— Não disse isso, você distorce tudo o que eu falo. Só quero que seja feliz, é tudo o que desejo, é pedir muito? — A voz dela estava embargada.

— Como posso ser feliz sem você na minha vida? É quase como pedir o impossível, não ter você não é viver, é sobreviver. Duda, eu não suportaria viver em um mundo onde você não existisse. — O amor deles era como uma dependência quase física, era lindo e assustador. Nunca tinha ouvido um homem, entregar-se tão abertamente a uma mulher, como ele estava fazendo neste momento.

Ouço a porta da sala se abrir e desperto dos meus devaneios. O mais silenciosamente que consigo, afasto-me da porta e caminho sem fazer barulho até a sala de jantar. Meus sentimentos eram tão controversos, não deveria ter ouvido a conversa deles. Foi errado e invasivo. Eu era uma pessoa horrível, tudo bem, horrível não, mas com certeza uma intrometida.

— Dinda, veio fazer minha festinha? — Um pequeno furacão se joga em cima de mim, com os bracinhos estendidos.

— Oi gatinha, vim terminar a decoração da sua festinha. — Pego-a no colo e ela me abre um enorme sorriso, me beija e abraça.

— É amanhã, né? — Pergunta eufórica e agitada.

— Ainda não, vai ser daqui a três dias e já está tudo quase pronto. — Isa faz um biquinho.

— Oi, Lys. — Tia Laura fala vindo da cozinha.

— Oi, tia.

— Chegou faz tempo? Gaspar e Duda onde estão?

— Não faz muito tempo que cheguei, fui no bainheiro. Acho que eles estão no quarto, ouvi vozes vindas de lá. — Agora além de intrometida, também era uma mentirosa, parabéns Alyssa.

— Dinda, você não tá prestando atenção. — Isa fala pegando em meu rosto chamando minha atenção, tia Laura sorri. — Quando é três dias? — Sempre esquecia que crianças nesta idade não tinham uma definição clara de tempo.

— Não vai demorar muito, agora falta pouquinho.

— Poxa, titia, você, a vovó, o papai e a mame vivem falando isso e o dia nunquinha que chega. — O bico dela que estava grande só aumenta. — Acho melhor perguntar a mame de novo né? Vou lá fala. — Ela se contorce toda tentando sair dos meus braços.

— Ei gatinha, o que acha de me ajudar na finalização da decoração para sua festa? Depois você fala com o papai e a mamãe. — Ela se anima e desce do meu colo.

— Antes vai lavar as mãos e colocar água para a Lika, que já está na área de serviço com muita sede. — Laura fala pra ela que se anima e corre em direção à avó. — Vou ajudar essa mocinha aqui com suas obrigações e já voltamos para te ajudar.

— Que bom que já chegaram! — Duda fala saindo do corredor com Gaspar logo atrás. A cara dele não escondia que os dois haviam tido uma conversa difícil.

— Oi, também cheguei, mame. — Isa sai dos braços da avó e corre para Duda.

— Eu vi, meu amor. — Isa estende os braços para Duda, que a segura com um pouco de dificuldade, mas consegue erguê-la, as duas se abraçam bem apertado. — Como foi na casa dos seus avós? — Assim que as duas se separam do abraço, Gaspar pega a filha, Duda não podia ficar com Isa nos braços por muito tempo, exigia muito esforço dela.

— Muito legal, me diverti de montão. — Fala depois de agarrar o pai e enchê-lo de beijo.

— Gaspar, Ettore pediu pra você ligar pra ele.

— Obrigada, Laura, mas por que meu pai não me ligou?

— Ligou sim, mas seu celular estava indo direto para caixa postal.

— Deve ser o sinal, às vezes fica fora de área. Vou ligar para ele. Filha, vai com a sua avó. — Fala entregando a Isa para a Laura, em seguida sai da sala, retirando o celular do bolso.

— O que acha de irmos colocar água para a Lika? Acho que ela deve estar com sede.

— Vamo, vovó, tadinha, deve tá com muita sede. — As duas saem indo em direção à cozinha.

— Isa, ainda tem dificuldade em pronunciar os erres. — Comenta, parecendo saudosa. — Acho que você veio terminar a ornamentação da festa. — Duda fala animada se voltando para mim.

— Vim só para isso.

— Então anda logo, que eu vou te ajudar. Podemos fazer lá na varanda, as coisas estão sobre a mesa, vamos pegá-las. — Mesmo aparentando estar cansada, também estava feliz.

Não tinha muita coisa da ornamentação para fazer, apenas os acabamentos finais, que no meio da correria não consegui fazer. Ainda estava me sentindo mal por ter mentido e por ter ouvido a conversa deles, não deveria ter feito aquilo, foi errado, eu sei. Acho que vou contar para a Duda, é isso, vou contar, no final é a coisa certa a se fazer.

— Está tudo bem? — Duda pergunta com a testa franzida. — Estou ouvindo as engrenagens do seu cérebro daqui. — Já estávamos finalizando a segunda ornamentação, duas trabalham melhor que uma.

— Estou ótima. — Não sabia mentir para a Duda, ela sempre percebia como se tivesse um radar dentro dela. — Estou ótima de verdade. — Ela coloca a cabeça de lado e me encara. Estávamos sentadas ao redor de uma pequena mesa de madeira na varanda.

— Certo. — Seu tom irônico deixa claro que meu "ótimo" não engana ninguém. — Fazia tempo que tinha chegado? Espero que não tenha esperado muito.

— Sim, não, na verdade um pouco, não tinha ninguém pela casa e fui até cozinha e na varanda e aí... — me enrolo toda ao falar, nunca fui boa mentirosa e detestava mentir para ela. Respiro fundo e decido que o melhor é falar a verdade. Duda continua me encarando, me esperando continuar. — Faz tempo que eu cheguei sim, a porta estava aberta, chamei vocês, ninguém respondeu, procurei na sala, cozinha e varanda até ouvir as vozes vindas dos quartos. Resolvi ir até lá, avisar que tinha chegado e acabei ouvindo a conversa que tiveram. Sou péssima. — Falei em um único fôlego.

— Então ouviu atrás da porta?

— Tecnicamente encostada à parede. — Ela não precisava saber que também vi um momento íntimo deles pela fresta da porta, essa parte vou omitir. — Sei que foi errado, desculpa por invadir a privacidade de vocês. —

Às vezes eu era desmiolada, Duda sabia disso.

— Tudo bem, iria te contar de qualquer modo. Economizei uma conversa. — Sorri para mim e soube que estava tudo bem, que ela não tinha ficado chateada.

— Não foi certo. — Abaixo a cabeça para colocar um pouco de cola quente, para colar o mini tutu na bandeja dos docinhos.

— Não, realmente não foi. Só que já aconteceu e está tudo bem. — Ela era assim não dava importância a coisas pequenas, ela sempre foi assim. — Não foi uma conversa nada fácil.

— Ele tem medo de te perder e está preocupado, isso é bem visível.

— Eu sei. Mas, ele precisa aceitar as minhas reais possibilidades. Não consigo continuar fingindo que está tudo bem, que estou ficando boa. Nem tenho mais forças para fazer isso — fala se apoiando no encosto da poltrona.

— Compreendo como deve estar sendo para você, Duda. Mas pode culpá-lo por desejar com todas as forças sua recuperação? E se fosse você que estivesse no lugar dele?

— Não culpo, se trocássemos de lugar, eu estaria desesperada. — Ela balança a cabeça de modo negativo, com um sorriso de lado. — Voltou diferente, depois desses anos morando fora, está mais madura.

— Espero que seja algo bom. — Falo brincando.

— É muito bom. Eles vão precisar de você. — Seu olhar estava distraído com o cair da noite.

— O que quer dizer com isso?

— Que se o pior vir a acontecer, Gaspar e nossa filha vão precisar de você, do seu apoio. — Enquanto ela falava seu olhar não desgrudava do horizonte, hoje o dia estava bem frio. Esse era um assunto que eu não estava com disposição de falar sobre.

— Por que não terminamos logo esses enfeites, só faltam eles. Depois quero jantar antes de voltar para a chácara, estou morta de fome e por mais que eu ame a comida da vovó, nunca teria coragem de dispensar os pratos maravilhosos que seu marido faz. — Minha tentativa de mudar de assunto funciona, voltamos ao trabalho e quando terminamos já era hora do jantar, o assunto mórbido já completamente esquecido.

O jantar foi animado, Isa nos seus três anos de vida, não para quieta um segundo. Assim que termino vou para a chácara, estava cansada. O dia na escola tinha sido puxado, só queria minha cama. Em menos de três dias seria

o aniversário da Isa, oficialmente ela faria três anos na sexta, ou seja, amanhã, mas a festa dela ficou para o domingo.

O tempo passa assombrosamente rápido. O dia da festa chega e é tudo um pouco caótico. Samara veio com Savana um pouco mais cedo para me ajudar a organizar o salão de festas, Caíque, Mael, Ettore e Lívia chegaram um pouco depois, não demoraram muito, tiveram que ir para casa se arrumar para festa. Até mesmo Henrique apareceu para ajudar, mas também não ficou muito, ele teve que voltar para o restaurante. Aquele ingrato, quase não conseguia encontrar com ele desde que voltei. Estava no salão de festa do condomínio, Samara foi receber a equipe do buffet, enquanto terminava a organização da mesa principal, já Savana não parava de correr de um lado para o outro com Isa. Duda tinha vindo ajudar mais cedo, só que não se sentiu bem e subiu para casa.

No final das contas restamos apenas eu, Savana e as crianças. Coloco o último enfeite e olho para meu trabalho. Tinha ficado lindo. O tema da festa era bailarinas, Duda me disse que Isa viu um desenho da Barbie onde tinham muitas bailarinas, então ela resolveu que seria uma. Então este mês ela era bailarina e o tema da sua festa seria esse. Tudo estava em tons de rosa, branco e lilás.

— Terminou? — Nem tinha percebido a aproximação da Samara.

— Terminei, é só colocar o bolo e os docinhos no lugar e pronto.

— Graças a Deus. Festa de criança é muito bom, mas dá um trabalho. — Faço que sim com a cabeça, olho ao redor e percebo que as meninas não estão em lugar nenhum.

— As meninas, onde elas estão?

— Estava mesmo distraída. A Laura veio pegar as duas para tomarem banho e ficarem prontas, a festa é daqui a duas horas.

— Sério? Nem percebi, o tempo passou bem rápido.

— Terminamos tudo, a equipe do buffet está organizando o que falta. Acho melhor irmos nos arrumar. Vai se arrumar aqui ou vai para chácara? — Pergunta enquanto me ajuda a terminar de recolher o que restou da ornamentação.

— Trouxe minhas roupas, vou me arrumar aqui mesmo. — Terminamos de organizar tudo e seguimos em direção aos elevadores.

A festa estava bem animada, tinham crianças correndo por toda parte. A equipe de brincadeiras parecia pequena para tantas. Todas as crianças da classe de Isa foram convidadas, estavam muito animadas reunidas vendo o show de mágica, enquanto seus pais aproveitavam para colocar a conversa em dia, fofocando sobre banalidades e assuntos triviais. Minha avó e tia Liliana tinham chegado há pouco, estavam conversando com Lívia, Ettore e Gael. Henrique os chamou de clube da melhor idade, era um palhaço, mas assim como eu notava o clima que rolava entre minha tia e o pai dele. Duda estava animada, a vi com Isa em seu colo aproveitando o show do mágico tanto quanto a pequena. Mesmo cansada, não deixou de ficar ao lado da filha um só minuto, com Gaspar em torno delas. Eles formavam uma linda família, o que estava acontecendo não era justo.

— Parece entediada. — Henrique fala ao se aproximar com alguns docinhos nas mãos. — Pega. Vai se alegrar. — Me entrega um brigadeiro. — O chocolate libera serotonina, que traz a sensação de prazer. — Não resisto e começo a rir compulsivamente. — Posso saber o que é tão engraçado? — pergunta parecendo não entender minha crise histérica.

— Você. Você não mudou nada, ainda continua o mesmo paspalho sedutor de quando te conheci. Essas cantadas funcionam?

— Não tão bem quanto antes. Em minha defesa, devo dizer que foi completamente involuntário. Curei-me de você há muito tempo. — Ele pisca um olho para mim. Beijo seu rosto, Henrique e eu sempre fomos grandes amigos, tentamos namorar uma vez, mas meu gosto para homens sempre foi duvidoso, no final das contas acabei descobrindo que nos dávamos muito melhor como amigos.

— E verdade seja dita sempre fui imune aos seus encantos. — Falo ao me afastar de seu rosto.

— O sentimento é recíproco, pode ter certeza. — Dessa vez quem acaba rindo descontroladamente é ele.

— Vocês dois estão muito animados. A única coisa boa de verdade em

festa de criança é a comida. — Mael fala ao se aproximar com um pratinho cheio de salgadinhos nas mãos.

— Vocês dois deveriam ter vergonha de estarem roubando as comidas do buffet.

— Ei, cuidado com a boca. Eu não roubei nada, apenas convenci a garçonete simpática a me doar alguns lá têm muitos.

— Você é inacreditável, Henrique. Pior que uma criança. A única diferença é que crianças não seduzem garçonetes para conseguir doces.

— Aí. Essa doeu e muito. — Sorrio para ele. Percebo o silêncio distraído de Mael, Henrique também parece perceber, nos encaramos e me dou conta que ele estava olhando fixamente para Duda, Gaspar e Isa juntos. Torna-se impossível não olhar na direção deles também.

— Soube que ela piorou. Sabe de algo? — Henrique, pergunta.

— Ela começa a rádio, na terça-feira. O médico quis esperar um pouco mais dessa vez, ela está muito debilitada. — Respondo angustiada. — Gaspar não comentou nada com vocês?

— Meu irmão, anda meio estranho esses dias. — Mael não deixava de olhar para eles. — Anda muito na dele, nossa mãe está preocupada e nosso pai também.

— Percebi isso também. Se bem que Gaspar nunca foi tão carismático assim como eu, mas anda mais estranho do que o normal.

— Não está sendo fácil. Para nem um dos dois. — Falo ignorando sua falha tentativa em fazer piada.

— Elas são toda a vida dele. — Sim, elas eram. Sua observação era muito clara para mim, entendi perfeitamente o que Mael quis dizer.

Gaspar respirava por elas, sua vida girava em torno das duas, juntos eram a soma de um todo. Então o sofrimento da Duda era seu sofrimento. Ela estava errada quando disse naquela conversa que "quem sentia as dores era apenas ela", perceber isso me fez entender melhor o Gaspar.

— Está se sentindo bem? — O tom sério da voz de Henrique me desperta dos meus pensamentos turbulentos.

— Estou. Tem razão, Mael. — Ele me encara, parecia não compreender. — Elas são toda a vida dele, parte de quem ele é. Não é justo estarem passando por isso.

— Não mesmo. — A seriedade na voz de Henrique quando ele concordou comigo me fez ver que assim como eu, ele tinha percebido o

esforço que Duda estava fazendo para estar ali.

Mudamos o assunto, nunca era fácil falar sobre o que estava acontecendo. Mael nos conta que terminou com sua namorada de mais de três anos, segundo ele os dois andavam divergindo muito em suas opiniões. Não era muito difícil de imaginar o que havia acontecido, Mael era um cara simples, apesar de vir de uma família de classe média alta, não tinha preconceito com nada, nem com ninguém, tinha muitas coisas em comum com Gaspar, já Laila era seu oposto, rica, fútil, valorizava coisas sem importância como status e posição econômica. Lembrava bem de quando começaram a namorar, Lívia, falou que não daria certo, que eles eram muito diferentes, mas assim como Gaspar, Mael era muito teimoso e insistiu no relacionamento. Acabou que ele percebeu que Laila não era quem aparentava ser na sua frente. Relacionamentos eram complicados, assim como as pessoas. Às vezes era difícil entender como funcionava a mente humana.

Todos se reúnem para cantar os parabéns. Isa estava tão feliz e animada, seu sorriso iluminava tudo. Ela corta o bolo com a ajuda do Gaspar, Duda também ao seu lado. O primeiro pedaço ela entrega à mãe, o segundo ao pai. Depois dos parabéns, comemos, brincamos e conversamos até o cair da noite. Quando as estrelas cobrem o céu por completo e com a ajuda da lua clareia a noite, todos já tinham se despedido, o buffet terminava a organização, enquanto nós terminávamos de limpar o salão, ainda bem que eu havia colocado roupas confortáveis. Na organização ficamos apenas eu, Henrique, Mael, Samara, Caíque e Gaspar. Não demoramos muito em finalizar tudo. Despeço-me de todos antes de ir embora, menos da Isa e da Duda que já estavam dormindo.

— Te ajudo com isso. — Gaspar se oferece para ir comigo até o carro, pega minha mochila e duas das sacolas enormes que estava carregando. Vovó e minha tia tinham ido mais cedo, minha tia tinha que trabalhar cedo no dia seguinte, finalizar um jardim.

— Obrigada, está um pouco pesada mesmo. — Ele assente.

— Obrigada por tudo, querida. — Tia Laura agradece, me abraçando e beijando meu rosto.

— Era o mínimo que eu podia ter feito para compensar os dois últimos aniversários perdidos. Sou madrinha dela afinal. Não tem nada para agradecer. — Nos afastamos. Ela sorri, acariciando meu rosto. — Tchau, tia.

— Tchau, minha querida.

Sigo meu caminho até o estacionamento do condomínio. Encontro Gaspar encostado na parede de frente para o elevador a minha espera. Ele realmente era um homem muito bonito e atraente. Lembro-me quando Duda me falou que estava apaixonada por ele, fiquei em choque, porque sempre o achei certinho e centrado demais. Hoje quando paro pensar, entendo bem por que ela se apaixonou por ele com tanta facilidade, a seriedade misturada com o senso de humor era seu charme. Estava louca, meus pensamentos estavam em devaneios para variar.

— Já chamei o elevador, acho que alguém deve ter segurado. — Fala encostando a cabeça na parede. Realmente ele era um homem muito bonito. — Tem alguma coisa suja no meu rosto? Não para de me olhar. — Ele abre os olhos e me encara.

— Não. Estava apenas com meus pensamentos em outro lugar. — Não tinha certeza se tinha ficado corada, algo que não acontecia comigo desde que eu era adolescente, mas senti meu rosto aquecer.

— Percebi. Acho melhor voltar da terra do nunca. Vamos. É melhor descermos. — Finalmente o elevador para e entramos.

— Henrique foi para o restaurante? — Pergunto porque ele havia saído antes de terminarmos a arrumação. Saímos do elevador e caminhamos em direção ao meu carro.

— Sim. Ele tinha que organizar algumas coisas.

— Imaginei que seria algo assim. — Chegamos ao meu carro. Ele me ajuda a colocar minha enorme mochila e as sacolas que tinham as ornamentações dentro do porta-malas. — Obrigada! — Depois de guardar tudo bate à porta, e encosta-se no carro. O silêncio dele começava a me incomodar, sentia que havia algo estranho. — Você está bem? — Pergunto sem conseguir evitar. Alguns segundos se passam antes dele erguer seu olhar até o meu, vi algo dentro de seus olhos que me deu receio de qual seria sua resposta a minha pergunta.

— Vi nos olhos dela e sinto a cada dia que ela está pensando em desistir. — Ele desvia seu olhar do meu, o sofrimento presente em sua voz era assustador. Tento entender suas palavras, mas não consigo compreender direito, sabia apenas que ele falava da Duda, só não entendia porque ele dizia que ela iria desistir.

— Por que acha isso? Ela está firme no tratamento, ela vai começar a radioterapia. Não estou entendendo.

— Peguei o notebook dela, tinha que fazer uns pedidos aos fornecedores, o meu está na manutenção. Ela andou pesquisando sobre pacientes em estado terminal, qualidade de vida... — ele dá um sorriso que me assusta um pouco, parecia desesperado. Duda não faria isso, ela não desistiria, a não ser que não houvesse outro jeito. — Até mesmo como contar para a família e fazê-los entender sua escolha. — Seu ar de riso é substituído por incredulidade.

— Ela não faria isso assim, Gaspar, sem dividir com você ou comigo. O amor que sente por você e pela Isa é grande demais para ela tomar essa decisão assim. Talvez ela só estivesse curiosa sobre o assunto, ela ouve muitas histórias lá no hospital de pessoas em situações como a dela. — Voltamos a nos encarar.

— Conheço minha mulher, ela não pesquisaria sobre algo assim se não estivesse pensando no assunto. Sinto que anda inquieta com os tratamentos, percebo seu incômodo e as dores aumentaram. — Sua voz embarga quando termina de pronunciar a última palavra. Sobre um ponto ele estava certo, Duda não estaria pesquisando sobre algo assim, se não estivesse considerando como opção. Achei melhor guardar isso para mim.

— Está sofrendo por uma incerteza. Tentou conversar com ela sobre esse assunto?

— Sempre que tento, acabamos discutindo, não quero contrariá-la. O estresse piora os sintomas. — Vejo as lágrimas inundarem seus olhos, algo dentro de mim se quebra por estar presenciando aquele momento e não poder fazer nada para diminuir o seu sofrimento, ou o da Duda. O sentimento de impotência era horrível.

— Se eu a perder, não irei suportar, não irei suportar, Lys. — Aquele não era o Gaspar, o homem forte, confiante e convicto que conheci, ele também estava exposto, assim como eu. Quando olho para aquele homem diante de mim, chorando por medo de perder a o grande amor da sua vida, acredito no amor incondicional e abnegado.

Sinto uma força dentro de mim, que nunca antes tinha sentido. Faço com que me encare, olho bem dentro dos seus olhos. Não podia permitir que ele se desse ao luxo de ter um pensamento como este, Gaspar não poderia se permitir ser fraco e não suportar a dor da perda, ele tinha uma filha que dependeria dele, independente do que viesse a acontecer.

— Presta atenção. Você não vai desabar, não pode. As duas pessoas

que mais importam na sua vida precisam de você. — Seguro seu rosto, sem deixar de encará-lo. — Você é o porto delas, a fortaleza, tudo o que elas têm. Se você desmoronar, elas também irão, sua filha precisa de você, sua família precisa de você. Tem que falar com a Duda sobre o que viu. Esclarecer tudo isso. Está me entendendo? — Aperto seu rosto contra minhas mãos, lágrimas ainda rolavam por sua face. Ele apenas assente, respondendo minha pergunta e o abraço. — Sei que não está sendo fácil, mas tem que ser forte por elas. — Ele estreita o abraço e me envolve em seus braços.

— Eu sei. Tem razão, não posso fraquejar. Tenho que estar inteiro para elas. Mesmo que seja um esforço muitas vezes insuportável. — Nos afastamos, ele enxuga as lágrimas. — Que ridículo chorar como uma criança. — Fala dando um sorriso tristonho. Nem tinha percebido minha própria emoção até aquele momento.

— Então acho que somos duas crianças. — Sorrimos tristemente um para o outro.

— Obrigado, estava sufocando, guardando tudo isso dentro de mim.

— Não precisa agradecer. Somos amigos, eu as amo também. Entendo pelo que está passando, sei que não está sendo fácil. Converse com Duda, sei que ela tem uma explicação para isso, se ela não quiser ouvi-lo amarre-a. — Pela primeira vez ele realmente dá um sorriso de verdade.

— Irei fazer isso, é uma ótima ideia, tirando a parte de amarrá-la. Obrigado. — Ele me beija no rosto e afasta-se. — Melhor ir. Já passou das 20h00min. Deve estar cansada também, depois da agitação do dia e depois do meu show dramático, precisa de descanso. — Fala abrindo a porta do motorista, seu semblante esgotado dizia que ele precisava do mesmo.

— Não sou a única. Descansa um pouco você também. — Entro no carro e sigo meu caminho.

Minha mente não parava de buscar compreensão, para tudo o que foi dito naquele estacionamento. Principalmente, para tudo pelo que meus amigos estavam passando. Queria poder ajudar mais do que simplesmente dá conselhos. Tudo parecia ser um pesadelo, se fosse queria acordar naquele instante. Mas não era, estava bem acordada e em minhas mãos, não tinha poder algum para mudar nada nem diminuir as dores que estavam sentindo. Só o que me restava era ficar por perto e ajudar em tudo que fosse possível.

Capítulo 8

Novembro de 2012

Minha vida tinha se tornado um pesadelo. Desde a última consulta há dois dias, Duda andava silenciosa. Apenas de imaginar o que se passava em seus pensamentos, me angustiava e amedrontava. Não tê-la mais ao meu lado deixou de ser uma possível possibilidade para se tornar concreto, quando ela deixou claro que não continuaria com o tratamento. E como se não bastasse, discutimos por causa da sua teimosia, algo que raramente acontecia entre nós. Nem lembrava quando tinha sido nossa última briga de verdade, se é que chegamos realmente a ter alguma. Não conseguia entender por que ela desistiu assim, podíamos tentar tratamentos nos Estados Unidos, eles sempre estão desenvolvendo alguma pesquisa em laboratórios.

Minha cabeça doía, assim como todo meu corpo, estava difícil saber se eu estava assim por causa da bebida ou por causa de tudo o que havia acontecido nas últimas quarenta e oito horas.

— Não acha melhor pegar leve, Gaspar? — Nicholas aparece do nada me interrompendo, só o que me faltava era ele querer me regular.

— Não enche, Nike, vai cuidar do seu bar e da sua vida, me deixa sozinho.

— Ok. Não está mais aqui quem falou. — Fala se retirando.

Tinha vindo para o Nixy's para ficar sozinho, queria apenas a solidão, nada além disso. Hoje era quarta-feira, então o bar estava tranquilo, só algumas pessoas que tinham saído mais cedo do trabalho com os amigos. Estava em uma mesa discreta, só com meus pensamentos. Odiava quando discutíamos, detestava ficar longe dela, mas precisava de um tempo. Beber não era uma coisa que eu fazia habitualmente, mas naquele momento era tudo o que eu queria, beber e ficar só.

Não foi fácil ouvir, que após três meses de tratamento com a

radioterapia, o câncer tinha avançado, que estava em sua corrente sanguínea, consequentemente tinha chegado até o intestino grosso e delgado. Isso significava que se espalharia por seus órgãos. Gabriel Wagner, seu oncologista, foi direto e conciso, deixou claro suas possibilidades e opções, cada palavra que ele falava destruía uma parte de mim, a única coisa que eu pude fazer foi segurar firme a mão da minha mulher, enquanto o médico relatava o quadro clínico dela. Parecia mais estar ditando uma sentença, pelo menos foi à impressão que tive. Tudo o que havia sido dito por ele foi como um baque para Duda, senti cada um dos seus músculos tensionar. Meu celular alarma, olho para o visor e vejo o número de Henrique na tela, era uma mensagem, nem abro, simplesmente ignoro e continuo bebendo. Nem percebo o tempo passar.

— Sabe. Não é nada educado ignorar as mensagens que te mandam. — Ergo minha cabeça e me deparo com a cara feia de Henrique me encarando.

— Não estou muito a fim de companhia. Pode voltar por onde veio e... — Por mais que eu tenha bebido minha voz continuava firme, não lembrava de ser tão tolerante ao álcool. — Sei lá, faz o que quiser Henrique.

— Não deveria estar em casa com a sua mulher e filha? — Fala sentando-se na cadeira a minha frente.

— A minha mulher não se importa muito com minha opinião ultimamente. — Minha voz podia estar firme, mas definitivamente não estava sóbrio, ótimo. — Foi o Nike que te ligou? Ele devia cuidar da própria vida. — Tomo mais um gole da minha bebida.

— Qual é o seu problema? Se tem alguém que deveria estar protagonizando essa cena lamentável, esse alguém é a Eduarda, não você. Foi ela quem recebeu os resultados dos exames e está tendo que lidar com eles. — Repouso meu copo novamente sobre a mesa e o encaro.

— Veio me dá sermão e lição de moral?

— Não. Vim tentar fazer você entender que está agindo como um idiota. Esse não é você, não é assim que você lida com os problemas, Gaspar. — Ele fala como se entendesse pelo que eu estava passando. Henrique nunca amou ninguém a não ser ele próprio, como pode entender minha dor, ninguém poderia entender.

— Então como devo lidar com os meus problemas, Henrique? Me fala, talvez assim consiga lidar melhor com o fato da minha mulher ter largado o tratamento, que combate àquela maldita doença, talvez possa lidar melhor

com a morte prematura dela também. — Minha cabeça estava dando voltas, era como se tudo estivesse desabando sobre mim e não tinha controle sobre nada. Essa era a pior sensação do mundo.

— Ela me contou o que aconteceu. Sabe que a escolha que ela fez foi a melhor. Ela optou por ficar ao lado da família, no lugar de se tornar um rato de laboratório para testes farmacêuticos. — Fico encarando o meu copo, com o último gole da bebida âmbar, tomo tudo de uma vez. — É isso o que você quer que aconteça com ela? Quer que a Duda fique longe de todos que ela ama. Sabe-se lá Deus por quanto tempo, sendo usada para testes, ficando ainda mais debilitada. Ao invés de estar aqui com a família sendo cuidada, protegida e amada. Perto da filha. — Cada palavra era um soco no estômago, porque eu sabia que ele estava certo. Mas não era fácil admitir, aceitar ou tolerar.

— Acho que não sei de tudo isso? Acha que saber torna as coisas mais fáceis e menos dolorosas? Acha que ter ouvido diretamente do médico as reais chances que a minha mulher tem de sobreviver torna tudo mais suportável? É isso o que acha? — Largo o copo e o encaro. — Você não entende o que é vê a sua vida sendo arrancada de você, enquanto ainda respira.

— Não quis dizer que... — interrompo antes que ele possa continuar, nem suportaria se ele terminasse o que ia dizer.

— É claro que não quis. Ninguém nunca quer realmente falar o que pensa, mas sempre acaba falando, pelo menos na maioria das vezes. — Aceno para o barman me trazer mais uma dose.

— Entendo o que deve estar sentindo — ele não entendia o que eu estava sentindo. — Sei que não deve está sendo fácil, mas neste momento a Isa deve ser sua prioridade. Duda está preocupada, Gaspar, ela me ligou perguntando por você minutos ante do Nike me ligar. — Meu corpo tensiona, um sentimento de culpa se abate sobre mim.

— Ela está bem?

— Sim. Apenas preocupada. — O garçom chega com minha bebida e mando-o levar de volta. Passo as mãos pelo meu rosto, estava esgotado.

Não deveria ter discutido com ela, sabia disso. Agi de modo inconsequente por causa do meu medo, pela insistente teimosia dela, mesmo assim devia ter me controlado.

— Quando se falaram, ela pareceu estar com raiva?

— Acredito que as palavras exatas que ela usou foram "Diga a ele se o encontrar que se alguma coisa acontecer a ele jamais o perdoarei" — Henrique se cala um segundo fica pensativo. — É, acho que foram exatamente essas palavras. Não entendi bem porque ela disse isso, se bem que pareceu estar um pouco nervosa. — Ótimo, agora eu estava me sentindo culpado. Aceno para o barman pedindo a conta.

— Ela deve ter falado isso, porque saí de casa agitado. Só peguei a chave do carro e saí, nunca fiz isso antes. — O garçom me entrega a conta, pego algumas notas na carteira e entrego a ele. — Melhor eu ir embora. — Ao levantar da cadeira sinto uma leve vertigem.

— Acho melhor levar você. Se bater o carro, a Duda me mata e sou bonito demais e jovem demais pra morrer. — Aproveito quando ele se levanta para me apoiar segurando seu ombro.

— Deve ser boa ideia mesmo. Só me leva para casa.

— Vamos, cabeça dura. — Saio segurando nele. Esbarramos no Nike sem querer.

— Parece estar meio zonzo.

— Não me diga, Nike. — Falo meio mal-humorado. — E obrigado por ter avisado ao intrometido aqui onde eu estava. — Ele sorri, não achei nada engraçado.

— Foi um prazer. — Não sei por que ele estava com cara de idiota rindo, ou era apenas eu que estava enxergando assim. Acho que finalmente o álcool tinha entrado na minha corrente sanguínea. Talvez não fosse boa ideia ir para casa neste estado, amanhã com certeza iria ouvir muito da Duda. O melhor seria ir para outro lugar e quando estivesse melhor poderia voltar para casa, mas Duda ia ficar uma fera comigo por causa disso. Minha cabeça estava um pouco nublada.

— Nike, pode levar o carro desse paspalho para casa ou pedir para alguém fazer isso?

— Deixa comigo. Toma um banho para curar essa ressaca. — Queria dá um soco na cara dele como resposta, mas antes que pudesse fazer algo Henrique sai me arrastando pelo bar. Então lembro que não posso ir pra casa assim, se não Duda vai acabar comigo. Minha mulher sabia ser bem brava quando queria, mesmo sendo leve e delicada a maior parte do tempo, quando ficava brava dava até medo. Mesmo doente sempre deixou bem claro quando não estava satisfeita com alguma idiotice que eu fazia. Ela era boa demais pra

mim.

— Não, não, não, não... Espera um segundo. — Henrique para já fora do bar quando estamos próximos do estacionamento.

— O que é agora? O que deu em você?

— Se aparecer assim em casa, amanhã Duda vai fazer picadinho de mim. Você sabe como ela é quando fica brava. Acho melhor não ir agora.

— Tá de sacanagem né? Você tem o dobro do tamanho dela, é só se impor.

— Estou falando bem sério, não deveria está surpreso, já a viu com raiva uma vez. O tamanho dela, não tem muita importância quando ela decide expor seu ponto de vista. — Minha cabeça estava girando, enquanto tentava resolver para onde ir e o que fazer.

— Ok. Tá legal. Levo você para minha casa, toma um banho e troca de roupa aí te levo pra sua casa. — Meus ouvidos estavam salvos de ouvir o maior sermão da minha vida.

— Meu herói, não existe melhor amigo do que você, não existe mesmo, de verdade. — Me jogo em cima dele para dá um abraço de homem.

— Tá legal, tá legal. Agora desgruda. — Ele bate nas minhas costas e me empurra para longe.

Entramos em seu carro para seguir em direção ao seu apartamento. O banco de couro era tão macio, me esfrego um pouco. Assim que chegamos, ele me joga no banheiro e liga o chuveiro, uma água terrivelmente gelada cai em mim, não seguro e solto um rosnado. Qual era o problema dele? Acabo de retirar o que eu falei sobre não existir melhor amigo do que ele. Uns vinte minutos depois estou vestido e um pouco mais sóbrio. Henrique entra no quarto e me encara.

— Melhor ir com você, se chegar em casa com outra roupa sem uma explicação consistente, vai dá problema. — Henrique estava muito enganado, Duda confia em mim, jamais duvidaria da minha palavra ou acharia que a traí.

— Vou aceitar seu convite, porque preciso de carona e não por medo da minha mulher não acreditar em mim. Ao contrário do que pensa temos confiança mútua um no outro, não que saiba o que isso significa. — Minha cabeça ainda estava meio zuada, realmente precisasse de carona.

— Você é muito confiante.

— Conheço minha esposa bem o bastante. Ela pode ficar brava comigo

por agir daquele modo, mas não por duvidar do meu amor por ela. Saberia disso, se algum dia na vida vivesse um relacionamento de verdade com alguém.

— Essa doeu, não esquece que a roupa que está usando é minha. — É impossível não achar graça nas tiragens sem graça que costumava falar.

— Anda, vamos logo. — Saio do quarto, quando chego à sala vejo que já passava das 21h00min, Duda ia acabar comigo, quando discutimos e saí não eram nem 16h00min. — Ela vai acabar comigo. — Falo para o Henrique quando ele chega à sala.

— Não vai não, usa seu charme e esses olhos verdes para acalmar a fera, que tudo vai dá certo.

— Adoro seus conselhos, Henrique, são tão eficientes. O que acho mais engraçado é você achar que usar charme e sedução resolvem tudo. — Saímos do apartamento dele e entramos no elevador.

— Para mim sempre resolveu. — Fala sorrindo.

— Porque seu relacionamento mais longo durou uma semana. — Chegamos ao estacionamento, pegamos o carro e seguimos para meu apartamento.

— Tirou o dia pra criticar meu estilo de vida? — Ele estava no volante, olha de lado.

— Não. Apenas estou respondendo aos seus conselhos muito úteis.

— Pode falar com essa ironia toda, não me importo. Mas se me lembro bem, há alguns anos, você achava eles muito úteis. — Henrique era muito maluco mesmo. O cara era um dos melhores sommeliers e administradores de restaurante da cidade, mas quando se tratava da vida pessoal, nunca vi ninguém tão enrolado e desapegado, principalmente com relacionamentos.

— Isso faz anos, eu não era casado, não tinha uma filha e certamente tinha menos neurônios do que tenho atualmente. — Ser irônico andava sendo o meu esporte favorito. Agora minha cabeça estava latejando, ótimo. Coloco as mãos nas têmporas e começo a massagear.

— Hum, boa resposta. Depois dessa, só me resta a resignação. — Em momentos como esse duvidava que tínhamos o mesmo sangue. Resolvo mudar de assunto, era a melhor estratégia quando se tratava do Henrique.

— Quem deixou tomando conta do restaurante, enquanto me resgatava lá no Nixy's?

— Meu assistente, é claro, ou você achou que eu deixaria o restaurante

abandonado? Aquele investimento também é meu, sabia?

— Sei disso, perfeitamente. Desde quando você tem um assistente?

— Desde quinze dias atrás, quando você deixou de aparecer e eu precisava de ajuda. Entrevistei algumas pessoas e contratei o Carter. Ele é muito bom, tem um currículo incrível, trabalhou fora do Brasil, tem ótimas referências e é muito responsável. — Confiava cegamente nas habilidades de julgamento de Henrique, principalmente quando se tratava de contratar funcionários, ele era muito bom em avaliar pessoas.

Tinha consciência de que todas as prioridades na minha vida, tinham seguido outro rumo e nem por um segundo me arrependi das escolhas que fiz até aqui. Venderia minha parte do restaurante para ficar com a Duda se fosse preciso, faria qualquer coisa por ela. Assim como por minha filha.

— Confio plenamente em seu julgamento, sei que se contratou um novo funcionário é porque foi necessário. E como disse, não apareço no restaurante há semanas, você fez o correto — ele respira profundamente, encaro-o e tenho a impressão, dele está arrependido. Não entendo muito bem, porque afinal ele falou apenas a verdade, não via nada de mais nisso.

— Desculpa, Gaspar. Sei que as coisas estão complicadas e que suas prioridades são outras. Se fosse comigo faria o mesmo. Me desculpa. — Entramos no estacionamento do meu condomínio.

— Não tem do que se desculpar. Está carregando aquele restaurante nas costas, desde que minha vida virou de cabeça para baixo. Se não fosse por você já teríamos fechado as portas há muito tempo, suas decisões são sempre assertivas. Você não falou nada mais do que a verdade. Ele estaciona na área de visitantes. — Confio em você e no seu julgamento, vou subir agora, resolver as coisas com a Duda, detesto quando brigamos.

— Tem certeza que não quer que eu vá junto?

— Tenho. Melhor ir sozinho. — Olho para o elevador, retiro o cinto de segurança.

— Então vou passar no Sabores e vê como as coisas estão.

— Certo. Depois você me conta como vai tudo. — Ele assente, saio do carro e sigo na direção do elevador, enquanto ele se distanciava.

Encaro a porta por alguns minutos, antes de finalmente colocar a mão na maçaneta e entrar. Minha filha já deve estar dormindo a essa hora. Entro na sala, vejo Duda sentada na enorme poltrona ao lado do sofá, quase de frente a porta. Ela ergue seu olhar e me encara. Não parecia estar com raiva,

aparentava estar decepcionada, o que parecia ser ainda pior. Laura estava no sofá, ela fica de pé e me encara com seu ar reprovador de mãe, ela fazia isso como ninguém.

— Boa noite! — Cumprimento, fechando a porta atrás de mim e me aproximo.

— Boa noite! — Laura é a primeira a responder. — Vou dormir e deixá-los conversar. O jantar está na geladeira é só esquentar.

— Obrigada! — Ela apenas assente e se retira. Não existia sogra melhor do que a Laura.

— Tomou banho? E trocou de roupa? — Duda pergunta. O tom de sua voz não era frio, apenas neutro.

— Exagerei um pouco, não queria chegar no estado em que estava. Tomei banho na casa do Henrique, ele me emprestou umas roupas também. — Ela fica apenas me encarando, levanta uma das sobrancelhas, se ela fez isso às coisas não estavam tão ruins quanto pensei. — Acho que o melhor seria começar pedindo desculpas, eu suponho.

— Você supõe?

— Não deveria ter saído daquele jeito, nem ter falado daquele modo. Mas também não me arrependo, não retiro nada do que falei, não mudei minha opinião sobre a escolha que fez. — Caminho até onde ela está, sento-me no sofá a sua frente.

— Quero que aceite minha escolha, não que mude sua opinião. — Ela se levanta e senta-se ao meu lado. — Amo você. Durante toda minha a vida, coloquei todos a minha volta como prioridade. Às vezes, até repensava minhas opiniões para chegar a um denominador comum e assim evitar conflitos. Pela primeira vez, estou fazendo uma escolha por mim, e não apenas pelas outras pessoas. E sobre isso não vou mudar minha opinião. — Sua mão envolve a minha e ela me encara de forma intensa, conhecia bem aquele olhar determinado.

— Não me pede pra aceitar isso, não consigo nem pensar, imagina aceitar. Como pode me pedir para aceitar sua morte? Isto é inconcebível. A sua conformidade me assusta.

— Acha que foi fácil para mim? Acha que eu não pensei nas inúmeras maneiras que eu poderia continuar, que eu não avaliei todas as minhas possibilidades? Que eu quero morrer, antes de vê nossa filha se tornar mulher? — Era tão difícil, por que tinha que ser tão difícil assim? Nada

daquilo era justo. Tínhamos planos, tínhamos uma vida, queríamos mais um filho e de repente tudo mudou, o mundo caiu sobre nossas cabeças. — Estava lá, ouviu o que o Dr. Wagner e Dr. Salles falaram sobre as minhas chances. Acredita que meu "conformismo" como você falou, foi algo fácil de digerir? Fiz uma escolha, não foi a mais fácil que já fiz, mas com certeza foi a mais consciente.

— Consciente? Desistir do tratamento que te mantém viva, é fazer uma escolha consciente? — Não conseguia acreditar no que ela tinha acabado de dizer.

— Uma sobrevida, Gaspar. Está na minha corrente sanguínea, já tomou todo meu estômago e pâncreas, vai ser apenas uma questão de tempo até chegar aos outros órgãos. Tudo isso que estou dizendo você ouviu do Dr. Wagner. O tratamento iria retardar o avanço, talvez nem isso, mas eu não vou ficar boa. Tratamento no exterior me deixaria longe da nossa filha, dos nossos amigos, de meu país e sem mencionar que não temos dinheiro para bancar esse tipo de despesa. — Tive que usar todo meu autocontrole para não falar algo de que viesse me arrepender depois, como aconteceu mais cedo.

— Conheço bem seu quadro clínico, as opções de tratamento e cada palavra que o Gabriel falou no consultório. Não precisa repetir. — Passo as mãos por meu rosto, me sentia cansado de apertar a mesma tecla vezes seguidas, sem ter nenhum retorno. — Por mais que eu queira, não posso amarrá-la e forçá-la a continuar o tratamento ou iniciar um novo. Você optou por qualidade de vida, definhar aos poucos. Não posso mudar isso. — Ergo minha cabeça e a encaro. — Quando nos casamos, prometemos estar sempre juntos, tomarmos decisões juntos e nunca fazer escolhas sem antes saber a opinião do outro e levá-la em consideração. — Ele se apoia no encosto do sofá em silêncio. — Decidiu sem mim e não levou minha opinião em consideração. Ao contrário de você vou cumprir o que prometi. Não importa o que aconteça a partir deste momento, sempre estarei junto a você, como sempre estive. — A intensidade em seu olhar e as lágrimas que rolavam silenciosas, deixou claro, para mim, que esse caminho não tinha mais volta.

Aos poucos ela se aproxima de mim, sobe em meu colo e começa a acariciar meu rosto. Ficamos apenas nos olhando, enxugo suas lágrimas, beijo seus lábios, os mesmos que eu conhecia tão bem. Nos afastamos, ela estava tão diferente, mas ainda era a jovem leve e doce pela qual me apaixonei. Não falamos mais nada, ela se aconchegou em meus braços e em

pouco tempo estava adormecida, com certeza, devia ter tomado a medicação para dor, o tempo para começar a fazer efeito era de duas horas no máximo. Certifico-me de que ela estava em sono profundo, e a carrego até nosso quarto, deixo-a confortável em nossa cama, ela era tão linda. Como viveria sem ela, sem seu sorriso, sua doçura, seu cheiro, até mesmo sua teimosia que me deixava maluco. Acaricio sua face suave, ela era minha vida. Troco minhas roupas e me deito ao seu lado, assim que sente o calor do meu corpo, ela aproxima-se de mim e aconchega-se em meu peito, a envolvo, aquela noite não conseguiria dormir.

Janeiro de 2013

As coisas andavam turbulentas ultimamente. Tudo estava uma correria. Finalmente tinha encontrado um apartamento para alugar, um lugar pequeno que poderia tomar conta e manter, ainda estava finalizando minha mudança, então tudo estava meio bagunçado e para deixar as coisas ainda mais conturbadas, Cássio havia ligado no início da semana para avisar que tinha conseguido uma entrevista com o maestro e um dos administradores da OSSCA. Pelo que me falou, eles estavam precisando de uma violoncelista temporária, então ele me indicou para ocupar a vaga.

— Professora, professora — desperto dos meus devaneios ao ser chamada por um dos meus alunos. Minha cabeça andava mais área do que o normal. Eram tantas coisas e tantos problemas.

— Desculpem, estava distraída. Podem repetir mais uma vez, antes de finalizarmos? — Novamente eles repetem a segunda parte do concerto de início do ano. Tínhamos ensaiado duas vezes por semana, durante as férias. A

apresentação seria na segunda-feira.

— O que achou? — Sara pergunta, ela era uma das alunas com maior talento para música e a mais aplicada também, tocava violino incrivelmente bem e tinha um ótimo ouvido musical.

— Perfeito, Sara, só tenha um pouco mais de atenção na quinta passagem.

— Sim, professora.

— Acho que por hoje é só isso, pessoal. Na sexta, fazemos um ensaio geral antes da apresentação de volta às aulas. Estão liberados. — Os alunos despedem-se, me abraçam, em alguns minutos estou sozinha.

Contava os minutos para as aulas começarem. Minha reunião com Cássio e com o maestro seria na quinta-feira, se desse tudo certo voltaria a tocar na orquestra. Teria que reorganizar meus horários, mas tinha certeza que daria certo. Os ensaios ajudavam a manter minha cabeça ocupada, o que era um presente. Ainda assim, se pudesse ficar vinte quatro horas sem pensar seria um bálsamo. Desde que Duda me informou há alguns meses do seu estado e da decisão que havia tomado era impossível não pensar, e por diversas vezes, desejei que tudo aquilo fosse um terrível engano.

Meu celular toca, quando olho no visor, hesito antes de atender. Era Samara, respiro fundo e atendo.

— Oi, Sam! Aconteceu alguma coisa? — Essa era sempre minha primeira pergunta, quando algum deles me ligava.

— Ainda está na escola? — Senti a tensão ao ouvir sua voz. Não podia ser coisa boa.

— Sim, mas o ensaio terminou agora há pouco. Ia para o meu apartamento terminar de organizar minha bagunça. O que houve? — Ouço sua respiração profunda do outro lado da linha, e tenho certeza de que algo aconteceu.

— Estamos no hospital, Duda acabou de dá entrada. As coisas não estão nada bem. — Um calafrio sobe por minha espinha, até minha nuca e todo meu corpo tensiona.

— Os médicos disseram algo? — Saio andando pela sala, organizando tudo, já procurando minha bolsa e as chaves da sala. Samara demora a responder.

— Não. Eles ainda não vieram dizer nada, estou te ligando porque nem Laura e nem meu irmão estão em condições de pensar em algo além do que

está acontecendo. Estou voltando para casa para ficar com Isa, ela está com o Caíque e a Savana — fala após uns instantes. Encontro minha bolsa, verifico uma última vez a sala antes de apagar tudo, saiu e tranco a porta.

— Certo, chego ao hospital em vinte minutos, talvez menos. Ela está bem? Não sabe mesmo o que aconteceu?

— Não sei. Levaram para sala de exames. Parece que ontem à noite ela não se sentiu bem, mas implorou para não ser trazida para o hospital, hoje de manhã ficou com falta de ar e dores. Conhece meu irmão! Sabe como ele é. — Sua preocupação estava clara, isso me assustou. — Minha mãe está vindo para o hospital também, meu pai não conseguiu liberação do trabalho, Mael foi para um Congresso de Medicina em São Paulo, já avisei a ele também. Mamãe disse que qualquer coisa me ligava quando chegar, ela vai demorar um pouco, mas já que está vindo. Se você souber de algo me fala?

— Falo sim, pode deixar.

— Tenho que desligar, estou dirigindo. Beijos.

— Beijos, tchau. — Desligamos, sigo para meu carro e dirijo até o hospital.

Entro na sala de espera e vejo tia Laura com as mãos interlaçadas e de cabeça baixa, imersa em uma oração silenciosa. Olho em volta, buscando Gaspar ou alguém da família, não vejo mais ninguém. Caminho até onde ela está, me ajoelho para ficarmos na mesma altura, coloco minhas mãos sobre as dela. Laura não parecia ter se assustado ou até mesmo percebido minha presença, até eu tê-la tocado. — Tia Laura, você está bem? — Ela ergue a cabeça, e fica me olhando por um tempo sem dizer nada. — Laura?! — Chamo novamente.

— Estou bem. Duda foi levada para fazer alguns exames. — Fala um pouco atordoada.

— E o Gaspar, onde ele está? — Seu olhar percorre a sala procurando por ele.

— Não sei, ele estava aqui. Que horas são? Perdi noção do tempo. — Antes que pudesse responder, Gaspar chega à sala. Fico de pé, tia Laura me acompanha.

— Oi, Samara te ligou?

— Sim. O que aconteceu? Samara não me explicou direito. — Em uma de suas mãos tinha um copo com café.

— Teve notícias? — Laura pergunta, levantando-se ansiosa.

— Não. Fui apenas pegar um café. Esse é para você. — Depois de responder à pergunta de tia Laura e entregar o café a ela, Gaspar volta sua atenção para mim. — Ela sentiu dores ontem. Insisti para trazê-la ao hospital, só que ela não quis, disse que estava bem, que tinha tomado o remédio e passaria logo. — Sua voz embarga. — Hoje pela manhã, ela começou a sentir fortes pontadas no peito e ficou sem ar. Foi tudo muito repentino, Laura ligou para a ambulância, minha irmã e o Caíque foram pegar a Isa. Agora estamos aqui há quase duas horas sem notícias. — Vê a angústia em seus olhos e em sua voz, era como vê um reflexo de mim mesma. Laura tinha voltado para a poltrona onde estava antes. — Samara ligou para meus pais quando ligou para você. Acho que eles devem estar a caminho. — Assenti. Ante que pudesse perguntar mais detalhes, dois médicos se aproximam, um deles era Gabriel, o oncologista da Duda.

— Gaspar! — eles se cumprimentam apertando as mãos, Laura volta a ficar ao nosso lado. — Que bom que também está aqui, Laura. Alyssa, como vai?

— Depende da notícia que vai me dar. No momento, estou angustiada. — Com minha resposta e a expressão em seu rosto, algo me dizia que as notícias não eram as melhores.

— Como minha filha está, doutor? — Tia Laura parecia sentir o mesmo.

— Gabriel, como ela está?

— Vou explicar tudo. Esse é o Dr. Salles, foi quem atendeu a Duda e me ligou para comunicar que ela tinha dado entrada. — Gaspar aperta a mão do médico de meia idade e de cara fechada. — Bem, acho que é melhor irmos até minha sala, teremos mais privacidade.

Acompanhamos os dois, entramos na sala e nos acomodamos naquele ambiente estéreo e impessoal. Ficamos em silêncio, encarando os dois médicos, esperando por explicações. Tudo parecia formal demais e isso me deixava ainda mais preocupada.

— Tentarei ser o mais objetivo e direto possível, dar voltas sobre esse assunto só piora quando se trata desse tipo de notícia. — Gabriel fala de modo formal e sucinto. Como alguém pode ser tão frio ao falar de uma pessoa que acompanhou o tratamento por mais de um ano? Os médicos sempre tinham esse tipo de distanciamento, mesmo sendo o trabalho deles, não conseguia compreender esse tipo de frieza.

— E eu agradeço. — É tudo o que Gaspar diz.

— O câncer da Eduarda chegou ao aparelho respiratório, para ser mais específico na pleura pulmonar. Por isso as dores no peito e a falta de ar. A doença fica mais agressiva a cada dia. Agora ela está medicada. Conseguimos controlar a dor e regular a respiração, nesse momento ela está repousando, tivemos que sedá-la para que a recuperação fosse mais rápida.

— O que devemos fazer? Que tratamento podemos seguir para reverter o quadro? — Mesmo que Gaspar tivesse tentando se conter era visível o desespero em sua voz.

Infelizmente não era necessário ser médico para entender a gravidade da situação e o que Gabriel tinha falado. A realidade me atinge como um trem em alta velocidade, Eduarda estava em estado terminal, não havia nada a ser feito a não ser diminuir suas dores e mantê-la confortável. Tento disfarçar meu desespero, enxugo discretamente uma lágrima que teima em cair. Tia Laura apenas aparentava estar entorpecida.

— Senhor Bianucci, acredito que o senhor não está compreendendo a real situação em que sua esposa se encontra. — Dr. Salles argumenta. E como não é interrompido continua. — A senhora Bianucci está em estado terminal, o câncer se espalhou por todo aparelho digestivo, atingindo agora o respiratório. Não há nada a ser feito, além de mantê-la confortável e diminuir suas dores. — Ouvir tudo aquilo dos médicos, mesmo já sabendo, me deixou sem chão. Tia Laura continuava em seu silêncio contido, que parecia mais um choro.

— Deve haver algo que possa ser feito. — Conseguia sentir o controle do Gaspar se esvaindo. Ele não podia desabar, Isa precisava dele.

— Gaspar, Eduarda fez uma escolha que deve ser respeitada. Infelizmente, nenhum tratamento aqui no Brasil ou em outro país que ela faça vai mudar o quadro clínico dela. O câncer está muito avançado. Lamento, mas é apenas uma questão de tempo. — Antes do Gabriel terminar de explicar, Gaspar levanta-se e caminha até a janela, seu olhar fica perdido, como se estivesse olhando para o nada. Leva as mãos ao rosto, sentia a tensão vibrando pelo seu corpo, suas mãos são abaixadas e ele encara os médicos.

— Quanto tempo?

— Não sabemos dizer. Pode ser meses, semanas, talvez dias. Não temos como prever. A situação dela não é estável, então não temos como delimitar o tempo. — Gabriel estava sendo muito profissional e vago em suas

respostas. Era seu papel como médico, mas ele também poderia ser um pouco mais humano. — Gaspar, sei que não é fácil ouvir o que vou falar agora, mas acredite em mim, a escolha que a Eduarda fez foi a melhor. Não falo isso como médico, falo como amigo da família. — Ele parecia ter ouvido meus pensamentos. Já Dr. Salles parecia não ter gostado muito do que Gabriel tinha falado. — Do desgaste que esses tratamentos infligem aos pacientes são enormes. No caso da Duda, não havia muito a ser feito, poderia retardar o processo, é claro, mas não iria curá-la, e ela sofreria muito mais. — Gaspar volta a olhar para fora da janela. — Sinto muito, de verdade.

— Posso ver minha mulher? — Pergunta sem desviar seu olhar.

— Claro. — Gabriel aperta um botão sobre sua mesa.

Alguns minutos depois uma enfermeira aparece na sala. Eu estava congelada naquela cadeira, não tinha forças para nada.

— Alessandra, poderia levar o senhor Bianucci até o quarto 502, por favor, verifique se a paciente já recuperou os sentidos também.

— Pois não, doutor. Senhor Bianucci, vamos? — Sem pronunciar uma única palavra, Gaspar segue a enfermeira.

Tanto eu como tia Laura permanecemos na sala. Ela parecia inerte em seu choro silencioso.

— Bem, se me derem licença tenho um atendimento agora, a alta da paciente o doutor Wagner pode resolver. Com licença. — Doutor Salles fala já se retirando da sala.

— Não há nada que possa ser feito, Gabriel? — Laura pergunta angustiada.

— Não, Laura. Sinto muito, mas nada pode ser feito, nem a Eduarda gostaria disso. Ela sabe de todas as possibilidades, conversamos muito, ela está ciente de tudo. A escolha que fez não foi leviana, foi feita de modo consciente.

— Entendo. — Não existia mais barreira que impedissem que suas lágrimas viessem à tona, tia Laura apenas chorou de uma forma tão intensa que senti sua dor. Só me restava segurar sua mão, apoiá-la e ficar ao seu lado. — Nem uma mãe deveria enterrar seus filhos. — Seu aperto em minha mão se intensifica.

— Acho melhor irmos para a sala de espera. Será que poderemos vê-la também? — Pergunto sem ter certeza de mais nada.

— Acredito que sim. Vou passar lá agora, acho que o Gaspar ainda

deve estar com ela. Se tiver tudo bem, vou até a sala de espera chamar vocês.

— Obrigada, Gabriel.

— Não precisa agradecer.

Ajudo tia Laura a se levantar e caminhamos juntas até a porta, Gabriel nos acompanha. Ele era uma boa pessoa e um bom médico, Duda sempre me falava que tinham se tornado bons amigos, ele sem empático com a família tornou essa amizade possível.

— Aguardamos na sala de espera, até você chamar. Obrigada. — Saímos os três da sala e seguimos pelo corredor.

— Queria ter feito mais.

— Você fez o que pôde. Fez seu trabalho da melhor forma possível. — Ele assente. Vamos caminhando em silêncio, quando estamos quase chegando, Gabriel segue outro caminho, enquanto continuamos o nosso.

Ao chegarmos à sala de espera, encontramos Lívia, ela se levanta assim que nos vê, palavras não são necessárias para que ela entenda o que está acontecendo. Assim que nos aproximamos ela abraça tia Laura. Quando estamos todas sentadas, explico tudo o que o médico havia nos contado e aviso que Gaspar está com Duda.

Algum tempo depois, Dr. Gabriel e Gaspar retornam. Lívia abraça o filho. Os dois se distanciam para conversarem a sós. Dr. Gabriel explica para mim e para tia Laura, que vamos poder entrar para ver a Duda, mas não vamos poder ficar por muito tempo, já que ela precisa de repouso, também nos informa que se tudo correr bem, amanhã ela estará em casa. Quando tia Laura é levada até sua filha, sento-me em uma poltrona de canto e pela primeira vez, desde que tinha entrado naquela sala, me permiti sentir a dor que vinha me consumindo por dentro. Meus sentimentos me sufocavam. Perder minha melhor amiga, minha irmã, parte da minha família, abria feridas que pensei que estavam cicatrizadas, pensar que alguém tão jovem e que tinha tanto a viver, tinha seus dias limitados, que deixaria sua filha ainda pequena sem mãe e o amor da sua vida sem esposa, me fazia duvidar da justiça nesse mundo.

— Meu bem! — Lívia me chama e afasto-me dos meus pensamentos turbulentos, tento enxugar as lágrimas que teimam em preencher minha face. Encaro-a forçando um sorriso amarelo. — Vou levar esse teimoso do meu filho para comer alguma coisa. Não iremos demorar muito. — Só me restam forças para assentir e nada mais.

Mãe e filho se retiram e volto a ficar com minha solidão. Nunca fui uma pessoa melancólica, muito pelo contrário, sempre procurei enxergar o lado bom e a bondade em todos e em todas as coisas. Isso parecia não se aplicar, quando se tratava de alguém que eu amava, era como se o sofrimento deles fosse o meu.

Não se passa muito tempo, até minha solidão ser mais uma vez interrompida, dessa vez pelo retorno do Dr. Gabriel com tia Laura. Suas lágrimas pareciam ter se esvaído, em seu lugar restou apenas uma visível tristeza, que parecia dominar seu coração e junto com ela a aceitação do que estava por vir.

— Sua vez. Eduarda quer muito vê-la. — Dr. Gabriel fala. Não falo nada apenas fico de pé. Tia Laura segura minha mão apertando firme e depois solta.

Sou guiada pelos corredores até ficar diante do quarto 502, todo o caminho feito até estar perante aquela porta foi silencioso, Gabriel abre a porta.

— Tenho alguns atendimentos para realizar. A visita não pode demorar mais que meia hora, uma das enfermeiras virá para avisar que o tempo acabou — ele fala antes de abrir a porta por completo. — Eduarda precisa de repouso. — faço um sinal com a cabeça, concordando com seus termos e entro no quarto.

Ouço a porta se fechar atrás de mim com Duda em minha frente, conectada a um tubo intravenoso, ela parecia mais abatida e frágil que o normal. Ficamos olhando uma para a outra por um tempo, ela estende seu braço que estava livre da medicação, me aproximo e seguro sua mão.

— Oi. — Mesmo aparentando fragilidade sua voz era firme. — Sua cara está péssima. — Sua fraca tentativa de gracejo não ajudava em nada, mas entendi que ela tentava apenas deixar o clima menos tenso.

— Olha quem fala. Sua aparência não é das melhores também. — Seu sorriso vem à tona, como uma gratidão por minha tentativa em amenizar a tensão daquele momento.

— Tentei me maquiar um pouco antes de sair de casa, mas conhece o Gaspar, sempre apressado. — Dessa vez compartilhei do sorriso junto com ela. — Gabriel me disse que amanhã posso ir para casa. Foi a melhor notícia que recebi e igualmente difícil de fazer meu amado marido compreender.

— Você o culpa por isso?

— Não. Mas queria que ele ao menos aceitasse minha escolha. Não consigo deixar de me perguntar, quantas vezes e de quantos médicos diferentes ele vai precisar ouvir, que a decisão que eu tomei não foi leviana ou impensada, para se convencer de que o melhor para mim é ficar em casa com a minha família. — Solto sua mão, me levanto, vou até a janela do quarto e me escoro no batente.

— Não é fácil aceitar a morte de alguém que amamos, Duda, ou até mesmo de quem não amamos, eu sei disso melhor do que ninguém. É uma questão de perspectiva, nível de relacionamento ou sei lá o quê. Estou falando coisa com coisa. — Minha cabeça começa a doer, uma dor lancinante. Coloco minhas mãos nas têmporas.

— Você está bem? É dor de cabeça? — Faço que sim para as duas perguntas.

— Estou bem. — Falo voltando a encará-la. — Não culpe Gaspar por ter medo de te perder, você e Isa são a vida dele. Perder você vai ser como se o chão desaparecesse sob seus pés.

— Sei disso, é algo que vem me assombrando. Nossa filha vai precisar do pai inteiro. Quando eu não estiver mais aqui, Gaspar não vai ouvir mais ninguém a não ser você. — Ela só podia está sob o efeito da medicação. Gaspar nunca me ouviria.

— Acho que a medicação que administraram em você foi muito forte. Seu marido nunca me escutou, o que te faz pensar que ele faria isso agora?

— Porque te escutar é tudo o que ele tem feito. Desde que você retornou. — De certo modo ela tinha razão. Mas, aquele não era o momento para falarmos sobre este assunto.

— Acho melhor você descansar se realmente quer sair desse hospital amanhã.

— Sei que está mudando de assunto, mas tudo bem, vamos voltar a falar sobre isso depois, minha cabeça está rodando mesmo. Acho que são esses esteroides, que o Gabriel injetou em mim. — Sua fala antes firme, foi ficando sonolenta durante nossa breve conversa, agora estava quase completamente apagada.

Quando seus olhos se fecham e ela mergulha em um profundo sono, me restava apenas beijar sua testa e me despedir. Uma enfermeira entra para avisar que meu tempo tinha acabado. A incerteza do tempo era algo que estava dentro de mim, desde o momento em que entrei naquele hospital. A

dor que senti pela morte do meu avô e pela morte da minha mãe se apresentou diante de mim, me despindo da couraça que havia construído para me proteger. Tudo o que me restava era a espera e nada mais.

Capítulo 9

Alyssa

— Assim, dinda? — Isa pergunta erguendo as mãozinhas sujas de tinta, que acaba pingando nos jornais espalhados pela minha sala.

— Isso mesmo, bonequinha. — Vou até ela, seguro seus pulsos e guio-os até suas mãozinhas encostarem à parede. — Tem que deixá-las aí só um pouquinho para o desenho ficar bonito. — Ela balança a cabeça pra cima e para baixo concordando, depois de uns trinta segundos, puxo-as e lá estão suas duas mãozinhas gravadas na minha parede.

— Ficou bem bonito né? — Isa fala batendo palmas e com uma animação, que faz qualquer bagunça valer a pena.

— Ficou mesmo lindo. Uma verdadeira obra de arte, filha. — Duda fala sorrindo, ela estava sentada no sofá, enquanto eu e Isa decorávamos uma das paredes da minha nova sala, no meu novo apartamento.

Meu dia começou chato. Fiquei entediada e tive a ideia de decorar uma das minhas paredes. Liguei para Duda, contei minha ideia inspiradora e em meia hora, ela apareceu em meu apartamento com Isa e trazendo tia Laura junto para ajudar com o almoço. Dessa parte particularmente adorei.

— Dinda, faz também, você também, mamãe. É legal.

— Acha mesmo, bonequinha? — Isa balança a cabeça confirmando veementemente — Sabe o que eu acho? Que deve ser muito divertido mesmo. Vamos fazer isso as três. Vem Duda.

— Eu vou mesmo, adorei a ideia, filha. Você é brilhante! — Duda levanta da poltrona onde estava e vem até onde estamos sentadas no chão.

— Eu não brilho não, mame. Olha só, viu? Não brilho. — Isa fala colocando os bracinhos na luz do dia que entra pela porta da varanda.

É impossível não rir, quando se trata da Isa, todas as coisas sempre são levadas ao pé da letra, só tinha três anos e cinco meses, mas era esperta

demais para seu próprio bem.

— Você é brilhante aqui dentro, meu amor — Duda leva as mãos até a cabecinha da Isa. — Você é muito esperta e linda. — Isa abre um enorme sorriso com um olhar sonhador, como se estivesse tentando imaginar como uma cabeça brilha e isso me faz sorrir. Crianças tinham imaginação fértil, mas a imaginação da minha afilhada parecia ser incomparavelmente mais criativa do que o normal.

— Você fala engraçado, mame. — Sua carinha de quem não está entendendo nada é a coisa mais linda do mundo.

— Acho que temos que escolher uma cor bem bonita. O que acha? — Falo tentando focar no nosso momento artístico.

— Muito esperta, dinda, mas não pode ser igual. Tem que ser separado. — Isa podia ser bem mandona, quando queria impor seu ponto de vista, quando queria que todos concordassem com ela. Isso ela tinha puxado do Gaspar, Duda sempre foi mais de buscar um meio termo para tudo.

— Não é "separado", meu bem.

— Como é então, mamãe?

— Se diz "cores diferentes". Você quer que fique colorido, não é? Cada uma de uma cor? — Isa balança a cabeça confirmando. — Então se diz "cores diferentes". — Duda explica e pisca um dos olhos para ela.

— Vou escolher o amarelo. — Falo animada, hoje estava sendo um dia especial.

— Então escolho azul claro. — Duda parecia mais feliz do que eu, hoje era um bom dia, sem dores, mal-estar ou mal humor. Minha amiga simplesmente estava feliz.

Mergulhamos juntas nossas mãos nas cores que escolhemos. Erguemos e grudamos as mãos na parede, assim como ajudei Isa a fazer, deixamos lá por alguns segundos e retiramos. E lá estavam três pares de mãos como assinatura da obra de arte que eu e Isa fizemos. Até que tinha ficado muito legal, foi muito boa a ideia que eu tive, mesmo que nossa arte pareça ter sido feita por duas crianças e não por uma adulta com ajuda de uma garotinha.

— Terminamos. Ficou muito bom mesmo. Não acham? — Admiro nosso trabalho em equipe, Duda apenas sorri e Isa fica batendo palmas, ela adorava fazer isso.

— Ficou perfeito. Principalmente as nuvens e as andorinhas coloridas, o amarelo vivo do sol perfeito. Uma verdadeira obra-prima. — Encaro Duda

que parecia estar se divertindo muito, admirando a arte que fizemos.

— Ficou mesmo, mame? Obra-prima. — Isa fala muito animada, acho que ela nem sabia o significado "Obra-prima". — Vou chama a vovó pra mostra. — Antes de concordarmos, ela já tinha corrido, indo em direção à pequena cozinha.

— Achou engraçado ou não gostou? — Pergunto a Duda. — Realmente achei que ficou muito incrível.

— Vai mesmo manter a parede assim? — Pergunta ainda sorrindo.

— Claro que eu vou, adorei o resultado. Achei que ficou criativo e cheio de personalidade. Adoro não ser convencional. Você que parece não ter curtido nosso quase *Monet*[3] .

— Adorei. Achei que ficou bem divertido e nem um pouco convencional, sua cara. — Diz pegando um pano para limpar as mãos, e também faço o mesmo.

— Mas?

— Não, sem *mas*, não tem *mas* nenhum. Ficou muito legal e divertido.

— Também achei. — tinha ficado mesmo, sempre gostei de coisas diferentes.

— Parece ter sido feita por crianças do jardim de infância — Duda fala sorrindo. — Por isso ficou divertido. — Seu sorriso fica cansado, concorda comigo e volta até a poltrona onde estava sentada um momento antes. Ela andava se esgotando com mais facilidade do que antes, como se suas forças estivessem sendo drenadas.

— Uma das artistas é do jardim de infância. Não pode exigir tanto, mesmo sendo professora de Artes. Além do mais, minha forma de arte é a música e não a pintura. — Sento-me em outra poltrona ao seu lado.

— Ficou incrível, adorei sua nova parede, sua e da minha pequena Monet. Mas já que tocou no assunto. Estou muito feliz e orgulhosa que voltou a ensaiar com a OSSCA. Deve está sendo incrível?

— Estou como violonista substituta, até que a deles retorne da licença maternidade. Não tem nada efetivo, mas estou entusiasmada.

— Pode até não ser permanente, mas podem te efetivar, é uma possibilidade, não é?

— Na verdade não sei. Mas não quero pensar muito sobre isso agora, o importante é que estou fazendo as duas coisas que eu amo fazer, lecionar e

está na orquestra, as outras coisas vão se organizando com o tempo.

— É o que importa.

— Verdade. Fico feliz por terem vindo passar o dia aqui, achei que Gaspar viesse também.

— Ele vem, só foi até o restaurante antes e de lá na casa da Lívia. O que é um verdadeiro milagre. Faz meses que ele não vai, em nem um dos dois lugares. Tenho que admitir que sair daquele apartamento, que não seja para ir ao hospital é a melhor coisa do mundo. Agradeço imensamente pela sua inspiração. — Imaginei que ela estivesse se sentindo um pouco incomodada com a situação de modo geral, o avanço da doença a deixava mais exposta e frágil, então quase nunca sai de casa, mas não passou pela minha cabeça que estivesse se sentindo sufocada.

— Olha só, vovó, não ficou muito lindo? — Isa surge puxando tia Laura pela mão me impedindo de continuar a conversar com Duda.

Quando olho para a pequena entendo a demora, as mãos e o rostinho da Isa, que antes estavam completamente sujos, estavam lavados, não deve ter sido nada fácil limpar toda aquela tinta. Tia Laura encara a parede e depois olha para mim e para Duda, não conseguia decidir se sua expressão era de surpresa ou choque.

— Elas estavam explorando a criatividade, mãe. — Duda fala com um ar de riso, um sorriso sem dor, que a cada dia se tornava mais raro.

— Percebi, vocês estavam realmente inspiradas. Até se pintaram. — Laura tenta parecer séria, mas falha vergonhosamente.

— Vovó — Isa chama puxando sua calça, exigindo atenção. — Tá muito lindo né? — Os olhinhos orgulhosos encaram tia Laura exigindo sua aprovação.

— Ficou muito lindo, meu amor, mas não vai fazer isso em casa, entendido? — Isa balança a cabeça afirmando.

— Só pode aqui na casa da dinda.

— Isso mesmo, pode apenas aqui, na casa da sua dinda. — Duda provoca.

— O almoço está pronto. Devia tomar banho, Lys, está coberta de tinta. — Ela estava exagerando, não estava tão ruim assim. Talvez estivesse apenas um pouquinho.

— Você também vai ter que tomar banho, mocinha, só tirei o grosso da tinta, o restante da sujeira está por aí em algum lugar. — O celular da Duda

alarma uma mensagem.

— Gaspar está a caminho. — Duda fala sorrindo sem tirar os olhos do aparelho.

— Viu... Papai está chegando, vamos logo tomar banho.

Foi um almoço bem divertido. Para minha surpresa e total choque, Gaspar adorou minha parede pintada com desenhos de jardim da infância, a comida estava deliciosa, Gaspar deveria contratar Laura para trabalhar no Sabores, ela era excelente cozinheira. Esses momentos felizes tornavam todos os momentos angustiantes pequenos, eram eles que faziam tudo valer realmente a pena.

Aquele foi o último dia bom, depois as coisas simplesmente pioraram e as idas ao hospital se tornaram mais frequentes, até que em uma dessas idas, Duda teve que ficar internada.

Tudo estava errado. Não era justo que eles estivessem passando por isso. Nada naquela situação absurda era justo. Os médicos informaram que tudo o que era possível ser feito, foi feito, que agora tinham que mantê-la o mais confortável possível, para que ela não sentisse tantas dores. Duda não ingeria mais alimentos sólidos há alguns dias, estava apenas no soro e alimentando-se com alimentos pastosos. Inúmeras vezes ela pediu para ir para casa, mas os médicos explicaram que ela ficaria mais confortável no hospital onde podiam controlar as dores, que eram intensas. Sempre que ia visitá-la era tão doloroso, a olhava e via apenas a sombra da mulher maravilhosa, doce e corajosa que ela foi. Gaspar e tia Laura se revezavam no hospital, eu me revezava com Samara nos cuidados com a Isa, foi o modo que encontrei de ajudar.

Mesmo tendo sido uma opção dela e mesmo que todos soubessem o que significava a escolha que ela fez, era tão difícil presenciar tudo aquilo. Assim como era doloroso para a Duda, era também uma dor que estava sendo vivenciada por toda a família, descrever como estava sendo viver ao lado deles esse momento era quase impossível.

Depois da minha aula e do ensaio com a orquestra, decido ir até o hospital, Samara hoje estava com a Isa, e como ontem não tinha ido vê-la por

causa da correria que estava a minha vida, iria hoje de qualquer forma. Nunca gostei muito de hospitais, eles sempre me deram frio na espinha. Olho no relógio, o horário de visita acabaria em vinte minutos, assim que chego à recepção da oncologia dou de cara com doutor Gabriel, ele era um ótimo médico, muito humano, diferente da grande maioria dos profissionais que exerciam a medicina, também era um charme.

— Como vai, Lys? — pergunta sorrindo ao se aproximar.

— Atrasada, tipo muito mesmo. O ensaio da orquestra onde trabalho demorou mais do que o esperado, por isso cheguei agora. Acha que pode me ajudar com a visita? Quero muito ver a Duda.

— Claro que sim, o horário de visita ainda não acabou e tenho certeza que ninguém vai se importar se você se estender um pouco mais seu tempo — fala dando piscando um olho. Minha nossa senhora das mulheres solteiras e sem namorado me deu até um calor. Não sou cega. — Vem, vou te acompanhar até o quarto dela, saí de lá tem uns minutos, fui examiná-la. — Essa informação me põe em alerta.

— Como ela está?

— Confortável, estável e querendo muito ir para casa. Só que infelizmente não posso dar alta, o quadro clínico dela é delicado, aqui podemos controlar as dores e ficar de olho para que ela se sinta confortável, algo que não seria possível se estivesse em casa.

— Todos estão sendo maravilhosos com ela e com toda a família, sei que tudo o que é possível ser feito está sendo feito.

— Sim, estou fazendo todo o possível para que ela sinta-se confortável dentro do possível. Queria fazer mais, infelizmente, não há nada que possa ser feito, além de esperar e confortar a família. — Nosso caminhar era lento. A realidade de que a única coisa que esperamos é nada além da morte, se faz presente em suas palavras. Uma angústia misturada com temor cresce dentro de mim, esse sentimento vem me consumindo há semanas, é algo que muitas vezes nem sempre consigo lidar.

— Sinto muito — Gabriel diz parando no meio do corredor, também paro, viro-me e ficamos de frente um para o outro. — Sinto muito não poder fazer mais. É sempre frustrante quando perdemos uma batalha. Nós médicos temos o mau hábito de achar que estamos acima do bem e do mal e esquecemos que nem tudo está em nossas mãos. Quando me deparo com casos como os da Duda, uma jovem mulher, com uma família que a ama e

com toda uma vida pela frente, mas que está condenada por diagnóstico definitivo, me dou conta do quão pequeno sou. — A sinceridade dele me comoveu profundamente, então percebo que também não deveria está sendo fácil para ele essa espera, o sentimento de impotência, algo que ele tinha que conviver diariamente.

— Como você mesmo disse, algumas coisas não estão sob nosso poder para mudarmos ou fazermos algo para que elas sejam modificadas. Nossas únicas opções são aprender a lidar com elas ou aceitá-las. Não há muito mais que possa ser feito. — Encaro minhas mãos, antes volto minha atenção para ele novamente. — Parei de tentar encontrar um porquê para o que está acontecendo com a Duda, até mesmo desisti de entender a escolha que ela fez ao desistir do tratamento. Nesse momento, busco apenas respeitar sua decisão e ficar ao seu lado, ajudando no que posso e segurando sua mão.

— Ela tem sorte em tê-la.

— Não. Sou eu quem tem sorte em tê-la em minha vida — Gabriel sorri e assente. Voltamos a seguir nosso caminho.

O restante do percurso é feito de modo silencioso. Não demoramos muito para chegar ao quarto, ele abre a porta, me pede para esperar um instante e entra no quarto, ouço a voz da Duda em seguida.

— Gabriel! Juro que não pedi para te chamarem — Duda fala brincando. — Não faz nem trinta minutos que você me examinou, devo ser uma paciente muito especial ou meu marido deve está ameaçando você, para que venha me examinar a cada meia hora. E apesar de ser assustador, acredito que a segunda opção seja mais provável. — É impossível não rir com ela.

— Não tenha dúvidas, você é uma das minhas pacientes preferidas, mas na verdade encontrei uma pessoa perdida pelos corredores, acho que ela pertence a você —fala abrindo a porta me dando passagem para que eu entre no quarto.

— A festa pode começar que eu cheguei — falo animada. Duda abre um sorriso enorme, apesar de seu abatimento ainda tentava aparentar tranquilidade.

— Graças a Deus que você veio, estava morrendo de tédio. Ninguém me dá alta, vou acabar tendo um curto circuito cerebral se continuar encarando essas paredes. — Seu olhar era de desaprovação e estava direcionado para o Gabriel.

— Não adianta me encarar com esse seu olhar aí, já conversamos sobre

esse assunto. Mais setenta e duas horas em observação para controlarmos o quadro, se permanecer estável dou sua alta, até lá tente manter esse bom humor maravilhoso. — Devo admitir que além de bom médico e lindo ele também era um cara incrível.

— Não custa tentar, doutor, a esperança é a última que morre. Não me resta nada, além dessa torturante espera pela minha carta de alforria.

— Seu humor é surpreendente, Eduarda, afinal você é uma piadista — fala bem-humorado, a conversa dramática de minutos atrás, já esquecida. — Está entregue! Tenho que ir, deixo você em ótima companhia.

— Obrigada. Até depois, doutor Gabriel.

— Apenas Gabriel, por favor.

— Se insiste, tchau Gabriel. — Não resisto e falo a voz carregada de charme, o objetivo era implicar mesmo, ele apenas abre um largo e intimidador sorriso, ante de ir embora.

— Cadê todo mundo? – pergunto direcionando minha atenção para Duda, mas ainda sorrindo pelo momento descontraído com Gabriel.
Minha amiga fica me encarando como se eu tivesse algum segredo para compartilhar com ela. Achei estranho nem o Gaspar nem e nem a tia Laura estarem aqui.

— Gaspar foi em casa trocar de roupa e tomar banho para passar a noite, mamãe foi comer, desde o almoço que ela não come nada. Não muda de assunto, não. Que clima foi esse entre você e o meu médico lindo e solteiro? — Sua animação era muito engraçada.

— Que clima? Não tinha clima nenhum. Acho que está delirando, imaginando coisas. — Até parece que eu e o médico bonitão temos alguma coisa, mas vindo da Duda, sempre tive a impressão que se ela pudesse me casaria com o primeiro homem que me desse um pouco de atenção e demonstrasse um mínimo de interesse. — Já te falei que relacionamentos não são meu foco no momento. Depois do meu último envolvimento estou de férias.

— Está falando do britânico? — Seu tom irônico às vezes era irritante. — Você nem consegue falar a palavra "relacionamento" ou o nome dele.

— Não tem nada a ver com o Will, e nós não tínhamos exatamente um relacionamento. Você fala como se eu tivesse medo de amar e esquece que já amei várias vezes. — Seus olhos se fixam em mim, dando a impressão que está enxergando muito além do meu corpo, como se tivesse enxergando

dentro de mim, como se ela visse minha alma, me deixando desconfortável.

— Paixão e amor são muito diferentes. Sentir desejo ou atração não é o mesmo que amar e se entregar a outra pessoa. Você sabe bem a diferença. — Aquela nossa conversa estava começando a ficar seria demais.

— Não tive muitos exemplos positivos no que se refere a relacionamentos. Esqueceu meus pais? — Não faço o tipo de "recordar é viver", lamentar o passado não ajuda em nada nosso presente.

— Você não é sua mãe e definitivamente não é seu pai. Precisa se permitir sentir de verdade... — ela não consegue finalizar a frase, engasga e começa a tossir, quando se recompõe seu rosto está ainda mais pálido do que antes, quase translúcido.

— Melhor descansar.

— É tudo o que eu tenho feito nos últimos dias, além de comer essa sopa horrível — seu comentário me faz rir e quebra a tensão no ambiente. Para alguém que é acostumada a comer a comida do Gaspar, as refeições servidas no hospital deviam ser veneno. — Quero apenas que seja feliz. Apenas isso.

— Sou feliz, Duda, sabe disso.

— Sei que é, mas também sei que às vezes se sente sozinha.

— Todos nós em algum momento, em nossas vidas, nos sentimos sozinhos. Acredito que eu não seja muito diferente das outras milhares de pessoas que vivem no mundo.

— Quando encontrar o homem que te faça esquecer tudo, que dê sentido a sua vida, que compartilhe com você tudo e todas as coisas, que te ame acima de todas as coisas, vai entender meu ponto de vista e tudo o que conversamos.

— Espero que ele demore bastante a aparecer ou que nunca apareça, preferencialmente. Nunca fui adepta aos contos de fadas, principalmente se estiver incluída neles. — Talvez estivesse sendo cínica demais para meu próprio bem, mas não conseguia ser hipócrita. Sim, gostava de me relacionar, namorar, ter alguém sempre próximo, talvez principalmente pelo sexo, mas daí a entregar tudo o que sou a essa pessoa era outra história. — Deixo essa parte em particular para você, sempre que tentei ter um pedacinho dela me dei muito mal. Será que podemos mudar de assunto? Isa está morrendo de saudade. Não acha que seria bom, se ela te visitasse? — Ela me encara e dá um meio sorriso.

— Vou falar com Gaspar e com o Gabriel, também estou com saudades dela. Um dia vai conhecer alguém e vai pagar sua língua. Gostaria de estar aqui para presenciar esse momento.

— Pensei que tínhamos mudado de assunto? — Duda sempre foi insistentemente chata. — Você fala do amor e dos relacionamentos amorosos como se fosse algo inevitável de acontecer.

— Acha que escolhemos quem amamos? Que temos controle sobre o que sentimos?

— Acho que talvez seja uma escolha. — Duda sempre idealizou o amor como se fosse algo acima da vontade humana, algo que sempre discordei.

— Não é uma escolha, Lys. Não é como se fosse possível controlar. — Ela fica em silêncio por uns instantes antes de continuar. — Sabe, já aceitei minha condição — seu tom era de melancolia, mas também de aceitação. — Fiz isso algumas semanas após receber meu terceiro resultado de exames e perceber que os tratamentos não estavam funcionando. A primeira coisa que pensei foi que não veria minha filha crescer, a segunda foi o medo que senti quando não estivesse mais aqui e Gaspar tivesse que lidar com minha ausência — ela balança a cabeça e sorri. Queria ter a palavra certa para falar, talvez algo que diminuísse sua evidente angústia perante tudo o que estava enfrentando, mas algo dentro de mim me disse que aquele momento era de ouvir e não de falar.

— Não vai ser fácil para ele, eu sei disso. Mas, infelizmente não há muito que eu possa fazer, a não ser conversar com ele e tentar fazê-lo entender que mesmo que eu não esteja aqui, a vida dele vai ter que continuar, por ele e principalmente pela nossa filha. — Duda parecia estar colocando para fora toda sua angústia e preocupação, ou talvez fosse muito mais que isso, era o medo do que aconteceria com Gaspar quando ela se fosse. Seu único desejo era que ele conseguisse de algum modo encontrar novamente a felicidade. — Quero apenas que ele não desista de ser feliz.

— Quer que ele construa uma nova família?

— Sim. — A verdade que expressava em seu olhar, que colocava em suas palavras era comovente.

— Não acha que é pedir muito para ele neste momento? Já tentou se colocar no lugar dele por um momento?

— É tudo que eu tenho feito nos últimos meses. Não estou dizendo que ele tem que encontrar outra mulher e se casar assim que eu for enterrada —

odiava quando ela falava daquele modo, mas não a interrompi. — Quero apenas que ele se permita ter oportunidades, isso é tudo o que desejo.

— Às vezes o que para nós é um desejo simples, para o outro é algo impossível. Sendo sincera, não consigo imaginar o Gaspar se envolvendo com outra mulher. Isso parece até mesmo, fora de contexto. — Ela sinaliza querendo me interromper, mas não permito e continuo. — Não discordo de você, entendo que queira que ele fique bem. Mas não vai ser fácil, talvez demore muito ou simplesmente não aconteça.

— Eu sei. Só que preciso tentar. Amar tem seu lado amargo. — Percebo seu desconforto, agora bem mais visível do que antes, sem que ela perceba aperto a campainha da enfermagem.

— O amargor faz parte da vida, assim como as desilusões, decepções, medos, angústias. Eu sei que o Gaspar vai aprender a se virar muito bem, se ele voltar a amar, será apenas uma vantajosa consequência do caminho que ele vai percorrer. — Duda não responde, apenas assente com a cabeça.

Seu desconforto tinha se tornado dor, a enfermeira finalmente chega e nossa conversa reflexiva sobre o pós-morte dela se dissipa. Vejo a enfermeira fazer verificação dos aparelhos conectados a Duda e em seguida sedá-la, aos poucos seus músculos relaxam desaparecendo com o desconforto da dor. Esse era o único momento em que ela conseguia descansar, enquanto seu sono se tornava profundo.

Caminho pelos corredores repassando mentalmente todas as conversas que tivemos nos últimos meses. Sabia dos seus medos e ansiedades, incrivelmente nem um deles estava relacionado com sua iminente situação, mas com o que aconteceria depois. Algo que não estava sob seu controle.

A psicóloga já conversou com ela várias vezes, tentando fazê-la compreender que as questões que afetavam ou influenciavam as vidas das outras pessoas eram escolhas feitas por elas e que nada poderia ser feito, já que ela não tinha o poder de modificar essas escolhas.

Assim que chego à sala de espera vejo Laura, que conversava com uma das enfermeiras, quando nota minha presença, ela encerra a conversa, enquanto caminho em sua direção.

— Como vai, querida?

— Bem, tia. Você que parece um pouco cansada.

— Impressão sua — percebo em sua voz a pressa em mudar de assunto. — Estava com a Duda?

— Sim.

— Ela estava com o doutor Gabriel quando a deixei.

— Encontrei com ele no corredor e ele me levou para vê-la, antes que o horário de visita acabasse.

— Vocês conversaram?

— Bastante, mas ela ficou indisposta, agora está descansando. Vou buscar a Isa na casa da Samara, hoje ela vai ficar comigo. Assim você e o Gaspar ficam mais tranquilos para dormirem no hospital. — Ela assente sem pronunciar nada. Parecia que algo não estava muito bem.

— O que houve, tia? — tinha alguma coisa acontecendo, meu sexto sentido me dizia que havia algo errado.

— Falei com o Dr. Salles os resultados dos últimos exames saíram e as coisas estão piores.

— Ele deixou bem claro que não sabe por quanto tempo ela vai resistir. O câncer se espalhou por todo o tórax, todos os órgãos foram afetados. — Suspeitar do real estado da Duda e ter a confirmação era um forte choque de realidade. Simplesmente não consigo ter forças para continuar de pé, sento em uma das poltronas, tia Laura repete meus movimentos de modo mecânico.

— O Gaspar sabe? — pergunto sem conseguir encará-la.

— Ainda não, os resultados saíram agora há pouco. — Olho para ela, vejo refletido em seu rosto a dor que ouvi em sua voz, gostaria de fazer algo para melhorar isso, infelizmente não é algo que eu possa fazer, ainda não tenho superpoderes.

— Achei que o médico responsável fosse o Gabriel. Não sou muito fã desse tal de Salles, acho ele “seco” demais. — Ela concorda comigo movimentando a cabeça.

— Sim, mas ele também é um dos melhores oncologistas do Estado, está acompanhando o caso da Duda junto com o doutor Gabriel. — Sua crescente angústia era evidente e isso estava me deixando tensa.

— Tenho que concordar com você em relação a isso. — Seu olhar estava distante, focado no vazio, ela olha fixamente para o jarro de flores artificiais que estava na mesinha de centro, parecia não querer me encarar. — O que o doutor Salles disse? Quanto tempo? — Finalmente ela me olha.

— Ele não sabe ao certo, dias talvez semanas, não tem como saber com precisão. De acordo com ele, é quase um milagre ela ainda estar viva. — Como um médico é capaz de falar algo assim para a mãe de uma paciente,

esse tipo de atitude era cruel.

— Não acredito que ele falou algo tão antiético e insensível para você! Não me surpreende que as pessoas o olhem atravessado.

— Ele não usou exatamente essas palavras, foram apenas insinuações, que queriam dizer isso.

— Melhora muito, ele ter falado que sua filha é um milagre por estar viva, se utilizando de palavras educadas. — Estava revoltada, não se diz algo assim para uma pessoa, levianamente. Sempre falo demais, percebo que fiz isso, quando noto que minhas próprias palavras afetaram a Laura. — Sinto muito, falei do médico e acabei sendo pior que ele. Desculpe-me.

— Ele apenas falou a verdade, Lys, assim como você vez. Prefiro a verdade ao invés de histórias inventadas para evitar sofrimentos, que infelizmente são inevitáveis. — Um sorriso sem humor se forma em seu rosto, seguido por uma grossa lágrima que ela tentava conter.

Envolvo suas mãos nas minhas. Para mim era impossível saber a proporção da dor que ela deveria estar sentindo, mas podia imaginar. O sentimento real, a dor de perder um filho, apenas quem é mãe, tem a dimensão. Sinto suas barreiras desmoronarem, suas lágrimas vêm à tona, como uma represa que transborda. Tia Laura só se permitia esses momentos de desabafo quando estava comigo, com minha avó ou com tia Liliana. Sua necessidade de demonstrar sua força, muitas vezes era o que a mantinha focada e com esperanças, pelo menos foi assim até Duda decidir optar pela interrupção do tratamento.

A perda do marido, assim como tudo o que enfrentou ao seu lado, a fortaleceu de muitas maneiras. Ainda assim Duda era tudo o que ela tinha. Solto suas mãos e a envolvo em meus braços, em muitas ocasiões, para mim, ela foi minha terceira mãe, papel que dividia com vovó e minha tia. Estreito nosso abraço, que ela corresponde como se fosse seu bote salva vidas. Em todas as vezes que ela chorou comigo, nunca foi como esse momento e por alguma razão eu não conseguia chorar, diferente das outras vezes. Era como eu tivesse um nó apertando minha garganta.

Quando olho para a porta ainda abraçada com ela, vejo Gaspar travado como uma estátua, e o medo estampado em seu rosto, ele devia estar pensando que o pior aconteceu. Afasto-me de Laura.

— Que vexame! Não gosto nem um pouco de mim mesma quando me comporto assim. — Fala enxugando as lágrimas.

— Já falamos sobre isso. Não tem que ser uma muralha o tempo todo, você é apenas humana, não esqueça isso — ela assente e Gaspar ainda continuava estático nos olhando. — Gaspar está aqui. Acho que ele deve estar pensando o pior por ter nos encontrado nesse estado. — Ela olha em direção à porta enxugando o restante das lágrimas, dá um meio sorriso para o genro e o chama.

Ele hesita por um momento com o corpo rígido, sem querer sair do lugar, respira profundamente, se recompõe e caminha até onde estamos, segura a mão estendida da Laura, senta-se na poltrona ao seu lado. Ficamos apenas em silêncio por uns segundos.

— Não recebi notícias animadoras agora há pouco. — Eles se entreolham e Laura explica exatamente o que o doutor Salles havia relatado a respeito do resultado dos exames. Gaspar apenas ouve atentamente com seu olhar fixo em sua mão que ainda segurava a dela.

— Ela já sabe? — Sua voz se refletia seu abatimento.

— Doutor Salles achou melhor contar amanhã. Sei que talvez não concorde, mas Duda quer ir para casa. — Ela o encara, apenas isso, eles ficam se encarando. Este momento pertencia a eles, então apenas continuo sentada no meu canto, em silêncio, observando atentamente o diálogo repleto de compreensão que compartilhavam naquele momento. — Ela quer ficar com a filha e com a família. Não há mais nada a ser feito. — Laura continua após alguns poucos segundos.

— Não vou conseguir assinar o termo de responsabilidade, Laura. Não tenho forças. Se fizer isso vai ser como atestar o óbito dela, não conseguiria fazer isso, mesmo se quisesse.

— O termo já foi assinado há alguns meses, Duda assinou quando decidiu abandonar o tratamento. — Essa documentação foi assinada e entregue no mesmo dia que Duda fez a escolha dela. Pela cara que o Gaspar estava fazendo, ela se esqueceu de comunicá-lo.

— Não fui comunicado. — Seu tom parecia resignado, quem não o conhecia acreditaria nisso, mas não era resignação que evidenciava em sua voz e sim raiva.

— Sabe bem por que ela não te contou? — Minha língua sempre foi maior que meu senso. — Você não concordaria, faria essa cara que está fazendo agora e no final das contas acabaria convencendo Duda a não assinar. — Deveria ter ficado quietinha, apenas observando e ouvindo, mas

minha língua grande e intrometida tinha que se meter. Entendia a raiva dele, assim como sua frustração, só que Gaspar parecia não querer aceitar o que estava acontecendo. — Não que eu concorde com a atitude dela, mas só queria que você entendesse porque a Duda fez isso. Mesmo que você, eu e Laura não aceitemos, essa foi sua escolha e decisão, e acima de qualquer coisa deve ser respeitada.

— Não vou entrar nesta discussão novamente. Cansei de tentar argumentar com ela e como não tenho o apoio de nem uma de vocês, não vejo motivo para continuar apertando essa tecla. No final das contas minha opinião sempre é irrelevante, não é mesmo? — Sem esperar por respostas, ele se levanta. — Vou pegar um café, a noite vai ser longa — fala saindo.

— Dessa vez minha filha perdeu a razão, ela não deveria ter escondido algo tão delicado e importante dele.

— Concordo, realmente ela não deveria. Mas ela teve seus motivos para fazer isso, Gaspar não aceita o que está acontecendo, por ele Duda estaria em uma clínica nos Estados Unidos, Canadá ou em qualquer lugar fora do Brasil onde estivessem realizando algum experimento em busca por uma cura milagrosa. Quando sabemos que isso não é possível. — Tia Laura não abre questionamentos apenas ouve.

— Tem razão. Mas pode culpá-lo por tentar?

— Não.

Tentei falar com Gaspar, fui atrás dele na lanchonete do hospital, não arrisquei nem duas palavras, o humor dele estava péssimo, então apenas me despedi e fui buscar a Isa.

Nos dias seguintes as coisas se acalmaram um pouco, Duda voltou para casa sobre protestos, mas seu lugar era ao lado da família. Consegui reorganizar meus horários para continuar ajudando no que podia, entre as minhas aulas e os ensaios com a orquestra não restava muito tempo, mas consegui organizar tudo.

O tempo se tornou nosso maior inimigo, a cada dia Duda ficava mais debilitada do que o dia anterior e os medicamentos não são mais tão eficientes como antes. Testemunhá-la definhar era doloroso, mas ficar ao lado

dela era importante demais para que eu abrisse mão. Gaspar parou de insistir em levá-la ao hospital, assim que percebeu que seus pedidos causavam mais mal do que bem, principalmente quando esse pedido gerava mal-estar entre eles.

Fevereiro 2013

Foi em uma sexta-feira de fim de tarde, que recebi a ligação que mudaria não apenas minha vida, mas principalmente a vida do Gaspar e da Isa de modo definitivo. Por mais que se espere pela morte, nunca estamos preparados quando ela chega. Quando ouvi a voz da mãe da minha melhor amiga, dizendo um "sinto muito", eu soube. Tia Laura não teve forças para pronunciar as palavras. Não chorei, as lágrimas simplesmente não vieram, mas a dor estava lá e era tão profunda que me consumia, tão pulsante dentro de mim que parecia uma dor física, dominando todo o meu corpo. Ainda assim as lágrimas permaneceram ocultas.

Depois que desliguei o celular, continuei sentada na sala do meu apartamento, em meio a minha solidão olhando para a parede que desenhei com a Isa, em uma tarde que agora me parecia ter acontecido há anos. Minha pequena, não era justo ela ter que crescer sem a mãe. A vida já exigia muito de uma garotinha tão pequena, que estava descobrindo agora o doce e o amargo do mundo. Era impossível não me perguntar se isso era realmente necessário. Essa era uma pergunta que talvez nunca consiga responder. Mas tinha algo que eu sabia, que aprendi também muito cedo quando era apenas alguns anos mais velha que a Isa, aprendi que seguir em frente é necessário, continuar vivendo era necessário e foi essa promessa que fiz a Duda e que pretendia cumprir.

Capítulo 10

Fevereiro de 2013

Tudo aconteceu muito rápido. Suas mãos estavam gélidas. Duda estava inconsciente há quase uma hora, antes de despertar pela última vez, antes de falar pela última vez que me amava, que sua vida havia sido completa graças a mim, antes dela fechar os olhos pela última vez, definitivamente.

Agora eu estava aqui, olhando através da janela, admirando o fim de um dia que havia sido ensolarado, mas que agora se apresentava obscurecido pela aurora. Nós tivemos pouco tempo, muito pouco tempo, mas eu não trocaria esses anos que compartilhamos por nada nesse mundo.

Perdido em meio a minha dor não percebo quando um médico entra na sala de espera onde eu estava, ele vestia um daqueles uniformes cirúrgicos, só noto sua presença quando a mulher que estava aguardando notícias, provavelmente, de algum familiar, se ergue chorando e o abraça, envolvendo o doutor em um abraço acolhedor de gratidão. Que bom que seu drama teve um final feliz, bem diferente do meu. Volto minha atenção novamente para o dia que ia embora levando consigo o primeiro dos intermináveis dias da minha vida sem meu amor, sem minha metade. Percebo como a vida é uma sacana, não consigo deixar de questionar se a misericórdia divina, ou seja, lá como chamam os religiosos, existe de fato. Não que eu fosse oposto à religião, não tenho nada contra, muito pelo contrário tinha me reaproximado da minha fé por assim dizer, quando descobrimos a doença da minha mulher. Mas, obviamente, minhas orações e pedidos clamados não ajudaram a salvar sua vida.

Há alguns minutos quando saí do quarto da UTI onde Duda jazia sem vida, Dr. Salles pediu que me retirasse que alguns procedimentos deviam ser feitos, e eu estava aqui. Liguei apenas para Laura e para minha mãe dando a notícia, ela não pode vir imediatamente, estava com Isa e não podia deixá-la

sozinha.

Minha irmã teve que viajar para Florianópolis para participar de um congresso, mesmo o convite tendo sido feito de última hora ela aceitou, por ser algo importante para sua carreira e Lys teve ensaio com a orquestra, pedi que Laura deixasse minha filha na casa dos meus pais e viesse, assim ela aproveitava para explicar melhor como tudo aconteceu, não desejava mais ser o portador dessa notícia, cada vez que falava tornava tudo ainda mais concreto e definitivo.

— Gaspar! — retorno ao presente ao ouvir a voz de Laura. Minha sogra que lutou ao nosso lado pela vida da filha, que perdeu o marido para a mesma doença.

Suas feições abatidas estavam ainda mais visíveis do que de costume, as lágrimas que inundavam sua face eram de tristeza e desespero, meu amor era sua única filha. Nenhuma mãe ou pai devia enterrar seu filho. Ao se aproximar de mim, sinto seus braços me envolverem. Como consolar sua dor? Se não consigo lidar nem com a minha. Com gentileza afasto-a.

— Quer água? — Ela nega limpando o rosto. — Não vou perguntar como está se sentindo, é visível que não está nada bem. — Nem um de nós estava.

— Não estou. — Olhar para Laura era como vê meu reflexo. — Queria vê-la, acha que o Dr. Gabriel consegue uma autorização?

— Eles me informaram que procedimentos devem ser feitos, me pediram para aguardar, tem alguns documentos que eu devo assinar. Estou aqui desde então, apenas aguardando. — Não existia tortura pior que a espera. — Isa, está com os meus pais? Alguém contou? — De certo modo, intimamente, desejava que ela tivesse contado.

— Ela está com Lívia, achei melhor não falar nada. Isa tem que saber por você, achei que seria melhor assim.

— Sei bem disso. Obrigado! — Ela assente.

— Já ligou para a funerária?

— Sim, eles estão a caminho. — Saio de perto da janela, lá fora o céu já estava escuro. Sento-me em um dos sofás, minha cabeça parecia querer explodir. Passo minhas mãos pelo rosto. — Tudo isso parece inacreditável, não consigo aceitar, Laura, é como se estivesse em um pesadelo. Não devia ser assim, nós deveríamos envelhecer juntos. — Não sei se minha dor estava tão evidente quanto eu sentia naquele momento, mas não importava, nada

mais importava.

— Entendo como se sente, por mais que tivéssemos preparados para passar por essa dor, de modo algum seria fácil, nunca é quando se trata de alguém que amamos. Pensei que não fosse sobreviver quando perdi meu marido, mas estou aqui, não foi fácil, mas superei, principalmente pela Duda. — Enquanto falava parecia recordar tudo pelo que tinha passado. — Agora estou aqui, vivendo o mesmo. A dor é diferente, mas a intensidade do sofrimento é a mesma.

Não conseguia imaginar a dor de perder um filho, sou pai, para mim, até mesmo imaginar minha vida sem minha filha era impossível. Ficamos juntos conversando e fazendo companhia um ao outro por um tempo, ela me conta que ligou para Lys e contou o que aconteceu, informou à diretora da escola, a minha irmã e meu cunhado agradeço silenciosamente por isso.

Lys chega enquanto estamos perdidos em meio a nossa conversa, cumprimenta Laura com um forte abraço que retoma o choro, Lys me encara e seu olhar fala muito mais do que qualquer palavra. Seus olhos secos denunciam que ela ainda não havia chorado, ela era assim, aceitação e compreensão demoravam a chegar. Sua ficha não tinha caído ainda, era como se Lys encontrasse um modo de negar o que estava acontecendo e quando ela faz isso torna menos real, claro que isso era inconsciente, não era algo proposital.

Duda uma vez me disse que era seu modo de se defender e não sentir o problema até o momento em que ela se dava conta da situação e percebia que era definitiva e sem volta. Ouço a voz da Duda me falando "Ela sente tudo tão intensamente, que às vezes tenho medo que quebre", ela me disse essas palavras quando me explicou de onde vinha o talento da amiga para a música. As duas se separam e se entreolham com carinho, Lys enxuga suas lágrimas com carinho.

— Gaspar! — desvio minha atenção delas e me deparo com Gabriel.

— Gabriel! — Nem tinha percebido sua aproximação.

— A documentação está pronta. Pode vir até minha sala para assinar?

— Claro.

— Dr. Gabriel! — Laura o cumprimenta ao se aproximar com Lys ao seu lado.

— Meus sentimentos, Laura.

— Obrigada, doutor!

— Sinto muito, Lys?

— Suponho que não podemos vê-la? — Lys podia não está mergulhada em lágrimas, mas a dor exposta em sua voz e feições evidenciava seu sentimento.

— Lamento, mas não podem. A funerária já chegou, me comunicaram há pouco. Como já foi feito o reconhecimento, falta apenas a liberação do corpo. Vamos, Gaspar. — Encaro as duas.

— Esperamos aqui. — Confirmo com o aceno discreto e saio acompanhando Gabriel.

Assino alguns documentos referentes ao óbito e reconhecimento do corpo. Como já se sabe o motivo do falecimento, os procedimentos não são tão burocráticos. Pronto era isso, estava tudo finalizado. Meu corpo parecia carregar um peso, maior do que podia suportar.

Depois de tomar todas as providências necessárias envolvendo a burocracia judiciária, não fiquei mais um segundo naquele hospital, simplesmente não suportava mais ficar lá. Pedi para que Laura cuidasse do funeral e fui até a casa dos meus pais, precisava ficar com milha filha, abraçá-la, sentir seu cheirinho e ficar ao seu lado. Ainda não sabia como contar, mas teria que encontrar um modo. O caminho não me pareceu tão longo como de costume, a casa onde cresci parecia uma casa colonial, pelo menos essa foi à impressão que sempre tive.

Fico um tempo dentro do meu carro antes de respirar fundo e caminhar até a porta, quem abre é minha mãe com os olhos vermelhos, seus braços me envolvem sem conseguir conter as lágrimas, e minhas próprias lágrimas retornam. Foi como se estivesse me segurando todo aquele tempo. Quando me deram a notícia do falecimento eu chorei, mas não como agora, foi como se todas as minhas defesas que vinham ameaçando desabar, vieram abaixo naquele instante.

— Sinto tanto, filho. — Minha mãe era uma legítima mãe leoa do tipo que daria a própria vida pela dos filhos, não por ser altruísta, mas por amor. Só consegui assentir, não tinha forças para falar, ficamos abraçados na porta da sala.

— Papai! — A voz da minha filha me traz de volta do meu sofrimento.

Tento me recompor o mais rápido possível, o abraço entre nós é desfeito e minha mãe tenta segurar Isa até que eu possa me refazer. Não que fosse adiantar muito, aquela pequena era esperta demais para a pouca idade,

esperava apenas que ela não percebesse rápido demais.

— Oi, meu amor! — pego-a dos braços da minha mãe.

— Veio me busca?

— Hoje vamos ficar com o vovô e a vovó, tudo bem? — Ela parece avaliar a questão de modo bem avaliativo, Isa ficava ainda mais fofa quando fazia aquela carinha pensativa.

— Mame também? — Essa era a pergunta que mais temi.

— Vamos conversar sobre a mamãe na hora de ir dormir, tudo bem? Agora o papai vai tomar banho para jantarmos. — Ela fica me encarando, como se me examinasse minuciosamente.

— Triste? — Era uma pergunta e não pretendia mentir.

— Sim, filha! Muito triste.

— Por que a mame tá dodói de novo?

— Mais tarde antes de dormir falamos sobre isso. — Encaro minha mãe que acompanhava nossa conversa em silêncio, já recuperada das lágrimas. — Preciso tomar um banho, retirar esse cheiro de hospital de cima de mim.

— Preparei seu antigo quarto, trouxe uma muda de roupas também. — Isa se agarra em meu pescoço, talvez esteja com sono, minha mãe a encara e seus olhos voltam a marejar um pouco. — Deixou Laura sozinha no hospital?

— Não, ela ficou com a Lys, não tinha condições de continuar lá. — Ela apenas assente sem tocar mais no assunto

— Liguei para o Henrique, ele tentou falar com você mais não conseguiu.

— Nem pensei em verificar o celular, depois faço isso e retorno a ligação. — Ela assentiu.

— Quer que eu fique com Isa para você descansar um pouco?

— Não, a deixo brincando na minha cama, enquanto tomo banho. Obrigada por cuidar dela.

— Não tem nada para agradecer, ela é minha neta.

— Eu sei, mãe, mesmo assim obrigado. — Me dá um beijo no rosto e sai indo em direção à cozinha. — Ei filha, que tal ficar um pouco com o papai agora? — Levantando a cabecinha do meu ombro, ela bate palmas e sorri animada. Imagino como seria ter sua inocência, nesse momento ela é tudo o que ainda me mantém de pé.

Enquanto tomo banho, Isa se distrai brincando em minha antiga cama,

meu quarto permanecia igual desde meus dezenove anos, quando saí de casa. Minha mãe o mantinha do mesmo jeito, assim como o quarto dos meus irmãos, nunca entendi muito bem porque ela fazia isso.

A água que passava pelo meu corpo, lavava o odor repulsivo do hospital. Nos últimos dois anos nossa rotina foi repleta de consultas, exames e quimioterapias. Tanto sacrifício e sofrimento para nada, aquela maldita doença a levou de mim, arrancou meu amor dos meus braços. A dor é intensa demais para suportar, choro novamente, nem se tivessem arrancado meu coração estaria doendo tanto. Depois de me recompor dentro do possível, retorno para minha filha, que ainda brincava animada com suas bonecas que pareciam mais mini monstros.

Perguntava-me se as bonecas de todas as meninas com três anos eram tão parecidas com a noiva do Chuck! Meu celular toca antes que consiga pensar na pergunta. Não fazia a menor ideia de onde tinha deixado o aparelho, então procuro sendo guiado pelo som estridente de seu toque.

— Papai, *celula*! — Isa me avisa como se eu não estivesse ouvindo o toque escandaloso.

— Estou procurando, filha.

— *Celula*, papai, ali. — Ela aponta com o dedinho minúsculo e delicado para uma cadeira de canto onde estavam as chaves do meu carro e o celular.

— Obrigada, filha! — beijo seu pescoço imitando um monstro, ela adora quando faço isso, sempre caía na gargalhada.

Vou até a cadeira, quando pego o celular e vejo no visor o nome da Lys, ainda penso se atendo ou não, acabo atendendo.

— Oi, Lys!

— Oi, liguei para saber como você está, não nos falamos direito no hospital... — ela faz silêncio e eu não respondo e então ela continua. — Apenas fiquei preocupada, queria saber se estão bem.

— Na medida do que pode ser considerado como "bem" nessas circunstâncias, estamos — não era minha intenção parecer tão ácido ao responder. Talvez tenha falado apenas por reflexo.

— Minha pergunta não foi intencional, Gaspar, apenas fiquei preocupada com você e com Isa, sei que não vai ser fácil explicar.

— Eu sei, me desculpe. São tantas coisas acontecendo, não queria parecer grosseiro. Sinto muito.

— Está tudo bem, sei que foi uma resposta automática. Acho que te conheço tempo o bastante, sou vacinada contra esse seu jeito. — Isso era verdade, nos conhecíamos muito bem, ignoro a parte sarcástica da sua resposta.

— Vocês ainda estão no hospital?

— Não. Laura e eu já cuidamos de tudo juntamente com a funerária. Ela foi para casa de vocês e eu vim pro meu apartamento. O velório ficou acertado para amanhã cedo e o enterro para o início da tarde, umas duas horas por aí. — Pelo tom de sua voz estava claro como foi difícil tomar essas providências, Lys tinha seu modo de vivenciar suas perdas, acredito que seja algo particular para cada pessoa.

— Obrigada por ficar ao lado da Laura tomando essas providências. Não estava em condições de fazer isso.

— Não precisa agradecer, ela era como uma irmã pra mim, não fiz nada demais. — O que ela disse me faz recordar do dia em que as conheci. As duas completamente o oposto uma da outra, Duda sempre me dizia que Lys era a emoção e ela a razão no que se referia à relação das duas. — Não consigo chorar! — Sua confissão não me surpreende. Já havia percebido.

— O que não significa que não esteja sofrendo. Você disse que me conhece bem, também te conheço, sei que não está sendo nada fácil. Sua dor é sua, apenas você sabe o que está sentindo.

— Obrigada, mas ainda assim não me sinto melhor. Não é justo eu não conseguir externalizar o que estou sentindo, assim como não foi justo não ter estado lá, deveria estar lá ao lado dela.

— Tudo aconteceu muito rápido, só tive tempo de carregá-la até o carro e correr para o hospital, o mais rápido que pude. Se martirizar por algo que não esteve sob seu controle, não vai trazê-la de volta. — Um longo silêncio se estabelece por alguns segundos.

— Tem toda razão, não vai mesmo. — Fala por fim.

Dou uma olha no relógio e já passava das dezoito. Percebo que Isa estava começando a ficar impaciente, queria que outra pessoa pudesse fazer isso por mim, mas a obrigação era minha. Mesmo que ela não tivesse um entendimento sobre a morte, não seria simples responder suas perguntas.

— Lys, eu tenho que ir, Isa precisa jantar e eu preciso conversar com ela para dar a notícia.

— Claro! Se precisar de alguma coisa me avisa.

— Aviso sim, pode deixar. Tchau, Lys.

— Tchau, Gaspar.

Depois de encerrar a ligação, desço com Isa até a cozinha. Miranda, uma diarista, que ajudava minha mãe desde que eu era adolescente, estava organizando as coisas na cozinha, ela era mais jovem que minha mãe pelo menos uns dez anos. Lembro-me de quando tinha quatorze anos e me enfiava com ela na cozinha para ficar olhando enquanto cozinhava. Aquelas mãos preparavam as melhores massas do mundo. As diárias da Miranda eram tão frequentes, que ela parecia ser mais uma funcionária efetiva do que uma simples diarista. Uma vez perguntei à minha mãe porque não a contratava logo, ela me respondeu que já tinha feito muitas propostas e Miranda sempre as recusava, o motivo era um mistério.

— Ainda é boa tarde, Miranda?

— Já é boa noite, senhor — responde com o seu sorriso que era sempre fácil, mas que hoje não chegou aos seus olhos. — Meus sentimentos pela sua perda. — Fala discretamente para Isa não perceber. Pego minha filha e a coloco na cadeira para crianças.

— Obrigada! — Miranda pega um pratinho, com uma sopinha que parecia ser de legumes e me entrega, o cheiro estava incrível.

Minha mãe surge na soleira da porta falando ao celular.

— Laura me disse que o velório seria amanhã pela manhã... Pelo que entendi antes das sete da manhã... — quando ela percebe que eu e Isa estamos na cozinha se cala por uns instantes. — Querida, nos falamos melhor quando chegar... Mael está vindo para casa também... Sim, provavelmente... Gaspar está dando o jantar da Isa... Certo, até amanhã, beijos. — Desliga o aparelho já entrando na cozinha.

— Papai, não quero sopa. — Volto minha atenção para Isa.

— Mas você adora a sopinha da Mira, está uma delícia, filha. O que você acha de provar, só pra ter certeza se não quer mesmo?

— Só um poquinho!

— Combinado! — Pego uma colher meio rasa de sopa, levo a sua boca e ela prova avaliando o sabor, minha filha daria uma ótima crítica de restaurante. — Boa? — Fazendo uma cara de dúvida, abre a boca mais uma vez, esse era seu sinal de aprovação, Miranda e minha mãe sorriem, porque sabem que a pequena não vai mais protestar contra a sopa. — Quem era? — Pergunto a minha mãe.

— Sua irmã, ela está voltando para Blumenau, deve chegar de madrugada. Amanhã cedo ela, Caíque e Savana estarão aqui. Seu irmão está a caminho logo chega, seu pai e Gael já estão chegando também, falei com eles há uns minutos.

— Todo mundo vindo, eba! — Isa fala animada, meio pulando sentada.

— Nada disso! A senhorita vai dormir cedo hoje.

— Mame? — Isa nunca esquecia, mesmo que ela se distraísse com outras coisas ela nunca esquecia. Seguro seu rostinho delicado de boneca de porcelana.

— Sim, vamos falar sobre a mamãe. — Ela sorri, solto seu rosto e dou mais uma colherada de sopa. Quando desvio minha atenção da Isa percebo minha mãe nos olhando com os olhos marejados. Sei que se ela pudesse trocaria de lugar comigo, só para que eu não sentisse essa dor infinita, isso era ser mãe, Duda não era muito diferente. Volto a me concentrar na tarefa de alimentar minha pequena.

Assim que termino de dar o jantar da Isa, a levo para o quarto, coloco seu pijama de joaninha, aquele era o seu preferido, ainda bem que minha mãe lembrou de trazê-lo se não, minha pequena não dormiria. Essa seria nossa primeira noite a sós, a primeira de muitas que viriam depois dela, dormiríamos juntos no meu quarto de infância. Era entre aquelas paredes que alguns dos melhores momentos da minha vida estavam guardados e agora no pior momento da minha vida o enxergo como um refúgio, para não sentir tanta dor. Depois de escovar seus dentes e acomodá-la entre as cobertas da minha cama, deito ao seu lado, seguro uma das suas minúsculas mãos entre as minhas, elas eram tão parecidas com as da mãe. Estar perto da minha filha era como ter um pedaço da Duda comigo.

— Filha! Vamos falar sobre a mamãe? — Isa se apruma, para ficar de frente para mim.

— Ela está no douto de novo? Por que tá dodói? — Se tem uma coisa que aprendi como pai nesses últimos anos, foi que a sinceridade era sempre a melhor forma de explicar algo a uma criança.

— A mamãe foi até o hospital porque estava doente sim, o médico cuidou dela, examinou e passou remédios. Mas dessa vez ela não ficou boa. — Me apoio na cabeceira da cama, buscando analisar minhas próximas palavras, minha filha não fala nada, apenas espera, me encarando atentamente. — Ela não vai mais voltar para casa, filha. — Observo sua

reação atentamente, esperando suas perguntas para poder continuar. Ter aquela conversa era a última coisa que eu queria. Lembrar que Duda não estava mais aqui, que nunca mais estaria, era me torturar lentamente.

— Ela foi morar com o papai do céu, para virar uma estrelinha perto dele? — Sua pergunta me surpreende.

— Sim. — Tento reelaborar uma resposta melhor do que "sim", procuro tentar me recompor da melhor forma possível.

— Mame disse que ia morar com ele, disse que eu não tinha que ficar tristinha, porque um dia ela ia me vê de novo. — Seu relato me faz recordar das inúmeras tarde que mãe e filha passaram juntas na varanda da nossa casa. — Mas tô triste papai, vou sentir saudade. — Sua frase me traz de volta para o presente.

— Eu também vou sentir saudades da mamãe, filha, mas nós dois estamos juntos e vamos cuidar um do outro agora. E um dia iremos voltar a ficar juntos novamente, não importa quanto tempo demore, um dia estaremos juntos. — Isa fica pensativa por um momento.

— Vou poder visita a mame?

— Não, você não vai poder ir e nem a mamãe poderá vir até nós. Onde ela está é muito longe. — O esforço que estava fazendo era sobrenatural. Por mais algum tempo Isa permanece pensativa.

— No céu... Quem vai me contar historinha pra dormir? — Pergunta.

— Eu, pequena. — Suas feições eram um pouco de dúvida, com um misto de curiosidade.

— E minha trança linda? Você não sabe faze, papai!

— Posso aprender, a vovó pode me ensinar. — Ainda em dúvida, faz uma caretinha.

— Mame disse que precisava ter *peciencia* — minha pequena nem sabia o significado da palavra paciência, o que não a impediu de pronunciá-la. Aparentemente as duas conversaram muito.

— O nome é paciência. Vou ter toda paciência do mundo, se me prometer ter paciência com o papai também. — Ela concorda vigorosamente com a cabecinha, aproxima-se me envolvendo em um daqueles abraços que apenas filhos conseguem dar aos pais, e que me fez perceber que não estou sozinho.

— Papai! — Chama minha atenção soltando-se do abraço. — Você também vai vê se minha meleca tá dodói? — Mães nunca tinham nojo de

nada, o mesmo não se aplicava aos pais, só de pensar me arrepiava.

— Podemos encontrar alguém pra vê isso. Que tal sua tia Lys, tenho certeza que ela vai gostar muito de verificar se suas melecas estão dodóis. — Lys era mulher, talvez ela possa fazer isso, se bem que ela não era mãe. Talvez não fosse boa ideia. — Ou possamos pedir a tia Samara, vamos dá um jeito nisso, filha, não se preocupa tá? — Ela fica na dúvida, por fim balança a cabeça confirmando e se aconchega em mim.

Enquanto embalava seu sono, minha cabeça fica dando voltas, meu coração aperta e sinto uma forte pressão no meu peito.

— Já sinto saudades, meu amor. — Falo em voz alta como se Duda pudesse me ouvir.

O corpo da Isa relaxa e a ouço ressonando suavemente, fico mais um pouco para me certificar de que tinha dormido, beijo sua testa, retiro meu braço debaixo dela e a acomodo confortavelmente entra as cobertas. Quando olho no relógio já passava das nove da noite, parecia que essa noite seria longa, me levanto da cama e vou até a janela, pela mudança no clima, amanhã seria um dia frio. Volto a observar minha Isa mergulhada nos braços de *Morfeu*[4], sinto um pouco de inveja, queria poder dormir e só acordar quando tudo aquilo tivesse acabado ou despertar e descobrir que tudo não passou de um pesadelo. Meu pai, tio e irmão já devem ter chegado, mas a última coisa que quereria nesse momento é uma conversa onde todos vão tentar me consolar. Decido não descer, sento-me na poltrona próxima a janela, hoje não conseguiria dormir.

Os primeiros raios de sol clareiam o dia e juntamente com ele vem à certeza de que seria o dia mais difícil de toda minha vida. Não era nem cinco da manhã. Passei a noite toda acompanhado por lembranças que continuaram existindo apenas em minhas lembranças. Como enterrar a única mulher que amei verdadeiramente? Como dizer adeus? Essas duas perguntas me consumiam, preenchendo em minha cabeça com perguntas sem respostas. Ouço batidas na porta que me trazem de volta ao presente.

— Pode entrar! — Tento não falar muito alto para não acordar minha filha.

— Bom dia! — Minha irmã entra, caminha até mim e se senta em um pequeno banco a minha frente. — É assustador, como mamãe consegue manter nossos quartos iguais, desde a época em que éramos aqui.

— Pensei o mesmo ontem, só que contextualizei minhas impressões de um modo diferente. — Samara dá um meio sorriso e apenas me encara por um tempo, se aproxima sentando-se em uma cadeira a minha frente.

— Mael disse que ontem não desceu para jantar. — Não senti sua fala como uma sendo uma cobrança, era preocupação. Sam, era a irmã mais velha, sempre se preocupou demais comigo e com Mael, ela tinha muito da nossa mãe nela.

— Queria ficar sozinho. Depois de explicar a Isa sobre o que aconteceu e do dia horrível que eu tive, precisava apenas ficar sozinho com meus pensamentos, tentar me preparar para hoje.

— Imaginei que fosse isso. — Dizendo isso ela olha para minha filha, ainda dormindo enrolada nos lençóis. — Como ela recebeu a notícia?

— Duda e ela andaram conversando. Além disso, Isa só tem três anos e meio, a noção de tempo para ela é inexistente, assim como distâncias e até mesmo a saudade. O grau de entendimento dela é diferenciado do de um adulto.

— Mas isso não significa que ela não compreendeu, Gaspar, significa apenas que ela vê o mundo de modo diferente. Isa sempre foi precoce nas atitudes e sempre aprendeu rápido.

— Eu sei.

— Queria ter essa inocência e esse modo único de enxergar o mundo. Mas acho que esse dom é exclusivo das crianças. — Olho para minha filha, viveria por ela agora.

— Sinto muito, irmão, não consigo nem dimensionar o tamanho da sua dor.

— Nem se você tentasse conseguiria. Como vou cuidar de uma garotinha sozinho?

— Você sempre foi um ótimo pai.

— Porque Duda me ensinou a ser, e quando fazia alguma besteira ela estava lá, para me mostrar que eu tinha errado em alguma coisa.

— Sim, e ela fez um ótimo trabalho te ensinando. Além disso, não está sozinho. Acha mesmo que dona Lívia não vai estar ao seu lado? Nossa mãe sempre foi a mãe terra reencarnada, ela sempre vai te apoiar em tudo. Sem

mencionar que também tem a mim, tem a maluca da Lys, tem a Laura que ama a Isa acima de qualquer coisa. Quer que eu continue? Porque falta nosso pai, irmão, nosso tio, o doido do Henrique estaremos sempre ao seu lado. — Sabia que poderia contar com o apoio deles, mas o pai da Isa sou eu, nem sempre vai caber a eles as decisões e sempre que pensava sobre isso tinha medo de cometer erros. Só que neste momento, meus medos não cabem na discussão.

— Vou pensar melhor sobre isso amanhã, porque hoje tem algo maior que terei de lidar e isso é algo que terei que fazer sozinho — minha irmã assente.

— Que horas começa o velório?

— Às nove horas, vai até uma hora da tarde e depois o enterro. Queria te pedir um favor. Poderia ficar com a Isa, não quero que ela acompanhe o velório, nem o enterro. — Ela ainda era apenas um bebê.

— Acho que Isa deve se despedir da mãe.

— Quero que ela guarde uma boa lembrança da Duda e velórios não são lugares para crianças.

— Tudo bem, fico com ela. Não concordo com a sua decisão, mas a escolha é sua, Savana não estava querendo ir ao enterro, ela fica comigo fazendo companhia à prima, as duas podem brincar.

— Obrigada, vou tomar banho e me vestir.

Quando saio do banheiro minha filha já está desperta e conversando com a tia animadamente, Samara explica que ficarão em casa, enquanto vou sair com o vovô e a vovó. Ao me ver ela se joga nos meus braços e me beija, retribuo seu carinho, beijo sua cabeça, depois vamos fazer sua higiene pessoal, Isa sempre detestou escovar os dentes, mas com o tempo entendeu que não adiantava reclamar nem fazer careta. Quando estamos prontos descemos os três para tomar café, já passavam das sete da manhã, todos estavam ao redor da mesa em silêncio, apenas com algumas conversas paralelas sussurradas. Foi desse clima que fugi ontem.

Meu pai é o primeiro a notar nossa presença, tinha certeza que ele não foi ontem até meu quarto para me dá espaço, ele sempre foi mais discreto do que minha mãe, nunca foi de forçar a barra, mas sempre esteve disposto a nos ouvir e dar seus sábios conselhos. Ele se levanta da mesa, vem até onde estamos e me abraça meio desajeitado porque estou com Isa em meus braços, nunca tivemos dificuldade em expressar nosso carinho e amor uns pelos

outros desde criança, fomos criados cercados de amor e compreensão.

— Bom dia, filho? — Fala ao se afastar um pouco.

— Bom dia! Estou bem, pai, na medida do possível eu estou legal. — Não estava nada bem e ele sabia disso, mas apenas acena com a cabeça, pega Isa dos meus braços, que pergunta no ouvido do avô se eu estava triste e ambos acabam mergulhando em uma conversa repleta de perguntas, da parte da minha filha, claro.

Depois minha mãe faz o mesmo, meu irmão, Caíque, esposo da minha irmã, meu tio Gael e por último Henrique.

— Desculpa não ter ido para o hospital, mas estava em uma reunião com alguns fornecedores quando recebi a notícia. Te liguei algumas vezes, mas como não atendeu, não quis te incomodar, imaginei que quisesse ficar um tempo sozinho. Sinto muito de verdade. — Ele não precisava se justificar, o que Henrique fez por mim no último ano apenas um irmão faria.

— Não precisa se justificar, Henrique, ficou onde precisava de você. Sei como você adorava ela. — Ele assente e sinto como está emocionado.

— Falou com a Lys?

— Muito rapidamente, ontem a deixei com a Laura, foram elas que providenciaram as coisas. Não conseguir ficar lá, falei com ela pelo celular também, mas foi tudo muito rápido.

— Como ela está?

— É a Lys, Henrique, ela tem o modo dela de lidar com toda essa merda. Acho que ainda não chorou e deve estar se torturando por isso. Não tenho certeza, não conversamos direito. — Seu olhar de reprovação me surpreende. O que ele queria que eu fizesse? — Pode parar de me encarar assim!

— Acho que vocês deveriam ter conversado, não custava ter falado com ela. Se ela ligou foi porque ficou preocupada. — Alyssa era o menor dos meus problemas, minha cabeça estava a mil, assim como minhas emoções, tudo dentro de mim estava um turbilhão. Antes que eu pudesse responder minha mãe chama.

— Vamos tomar café, vocês dois venham pra cá.

— Estou sem apetite, mãe.

— Mas vai comer alguma coisa, querido, por favor.

— Melhor você ir logo, tia Lívia não vai descansar até comer alguma coisa.

Acabo cedendo e comendo uma salada de frutas, isso é tudo o que consigo ingerir. Conversei um pouco com minha família, depois fomos todos para o velório, menos as crianças, minha irmã e Caíque. Não estava muito legal para dirigir, então resolvo ir com meu irmão, meus pais e os outros foram em carros separados. No caminho tento preparar meu emocional, meu coração que já estava mutilado, aperta no meu peito.

— Tenta não pensar muito. — Volto minha atenção para o Mael, não entendi o que ele queria dizer com aquele comentário. — Se pensar demais, não vai conseguir passar pelo dia de hoje sem desabar. Apenas respira e se despeça dela, por você e pela Isa.

— Vou desabar de qualquer jeito, mas você tem razão, vou tentar não pensar muito.

O restante do caminho mantemos o silêncio. Não seria fácil, nada naquela droga de situação seria fácil ou simples e exigiria de mim uma força que não sei se tenho.

Capítulo 11

Fevereiro de 2013

O velório foi uma tortura lenta e desgastante. Pessoas me rodeavam dando os pêsames e falando da Duda como se a conhecessem, como se fossem íntimos dela, a maioria deles conheciam apenas a Duda professora, estudante, ou a que ajudava. Eles não a conheciam como eu. Não sabiam que ela só conseguia dormir usando meias porque seus pés sempre estavam gelados, que quando ela mentia mordia a parte de dentro da bochecha, que para ela não existia doce mais incrível do que Romeu e Julieta e da sua doçura e força ao impor sua opinião. Nem um deles sabia nada disso.

A previsão do tempo para um dia nublado e parcialmente chuvoso se concretizou, não fazia a menor ideia do que o pastor estava falando, manter minha concentração por mais de alguns minutos já era um sacrifício, permanecer sentado naquela cadeira, então, era um sacrifício sobre-humano, concentrado na fala de uma pessoa tentando expressar seu pesar por alguém que ele encontrou pouquíssimas vezes. As primeiras gotas de chuva caem sobre nós, agradeço silenciosamente porque graças a elas o pastor acelera seu sermão. Curioso, como em alguns momentos nos sentimos sozinhos, mesmo quando estamos rodeados de pessoas, esse era meu sentimento neste momento.

Olho para minha frente e vejo Lys, percebo que ela estava submersa dentro de si mesma, meu primo está a seu lado dando apoio, a amizade que eles construíram com os anos se tornou sólida, Laura estava sendo apoiada pela dona Clara e pela Liliana. Talvez Henrique tivesse razão, deveria ter ido falar com a Lys, nem durante o velório conversamos direito. Sabia que ela não estava legal, mas eu também não estava, abaixo minha cabeça, queria que esse bendito sermão acabasse de uma vez, daria qualquer coisa para estar sozinho em outro lugar, bem longe daqui. Sinto alguém me observando, ergo

minha cabeça, Lys me olha e nos encaramos por alguns segundos, seus olhos ainda estavam secos, mas na profundidade deles, existe uma tristeza, saudade e dor que metade das pessoas naquele enterro não sentiam e mesmo assim choravam, que irônico. Volto minha atenção para o discurso infinito que o pastor recitava.

Me esforço em tentar ouvir as últimas palavras que estão sendo pronunciadas, só que não consigo. Encaro o caixão lacrado e me dou conta que minha ficha não tinha caído até este momento, assim como o entendimento de que esse adeus era para sempre.

As lágrimas que tentei controlar vêm à tona novamente. Um filme de momentos passa na minha cabeça, o dia em que nos conhecemos, nosso primeiro beijo, quando pedi que ela namorasse comigo, nossa primeira noite juntos, quando descobrimos que a Isa estava a caminho, nosso casamento e a vida que dividimos juntos nos quase cinco anos convivência. Daria tudo o que tenho e o que sou para tê-la de volta.

Finalmente aquele pesadelo termina, a pior parte dele foi presenciar o pesado caixão sendo abaixado até o chão escuro da sepultura. Meus pais e irmão se aproximam, falam comigo, Mael pergunta se eu quero que ele espere para voltarmos juntos, recuso. Meu tio Gael também se aproxima, me abraça, fala algumas palavras de conforto como se elas ajudassem muito. Assim que minha família se distancia dona Clara e Liliana se aproximam, elas era incríveis, mulheres muito fortes que tiveram grandes perdas na vida, elas me abraçam, falam poucas palavras apenas expressam o carinho que tinham pela Duda, não demoram muito e vão falar com meus pais. Não noto quando Laura chega ao meu lado e segura uma das minhas mãos, ela apenas me encara, acaricia meu rosto, logo depois me abraça.

— Obrigada por ter amado tanto minha filha. — Fala com a voz sussurrada.

— Ainda amo e sempre irei amá-la com todas as minhas forças — ela assente.

Nos afastamos, mais uma vez ela acaricia meu rosto, vira-se e caminha até onde Lys está.

Antes que eu conseguisse escapar, um pequeno aglomerado de pessoas retardatárias se forma ao meu redor, me dando os pêsames e expressando seus mais profundos sentimentos. Assim que consigo ficar livre de todos, Henrique se aproxima de mim.

— Quer conversar um pouco? Estou indo para o Nixy's, Nicholas não vai abrir o bar hoje, pensei que talvez pudéssemos conversar um pouco entre amigos, chamar o Mael e o Caíque também. Por que não vem?

— Não estou no clima, outro dia quem sabe, hoje minha melhor companhia são meus pensamentos. — Eu sabia que Henrique queria apenas ajudar, mas uma reunião entre amigos para beber não ajudaria em nada. — Não seria uma boa companhia para ninguém.

— Tudo bem, mas se mudar de ideia aparece por lá.

— Pode deixar. — Até parece. Não preciso de uma "reunião entre amigos" preciso da minha mulher de volta.

Assim que ele sai percebo alguns funcionários do cemitério trabalhando na cova, retirando as coroas de flores que estavam ao redor, para poder começar a cobrir com terra. Meu coração parece querer parar quando me aproximo, observo, enquanto eles jogam terra sobre o caixão. Parecia inconcebível alguém morrer tão jovem, na verdade acho que a morte se mostrava como algo inconcebível. Se alguém me pedisse para dimensionar minha dor não conseguiria mesmo que eu quisesse, parecia ser impossível *"Você não podia ter me deixado sozinho. Íamos envelhecer juntos, lembra? Queríamos ter mais um bebê, me lembro de quando disse que estava pronta para aumentarmos nossa família. Até que o mundo desabou sobre nós, e nosso tempo que era infinito se tornou limitado. Como vou viver sem você? Até mesmo respirar é difícil sem você. Meu amor, volta pra mim, volta..."* meu clamor silencioso é interrompido quando percebo a aproximação da Lys, ela para ao meu lado e fica observando os funcionários do cemitério trabalhar.

— Fiquei tão furioso com ela... — As palavras saltam da minha boca. — Por ter desistido. — Realmente fiquei com muita raiva da decisão que tomou, nunca tinha pronunciado com todas as palavras para outra pessoa.

— Você não acha que está sendo injusto? Ela não desistiu, sabe disso melhor do que ninguém. — Seu tom não era de raiva, ira, chateação ou nada do gênero parecia apenas estar expressando sua opinião. — Ela lutou durante um ano, fez uma escolha, mas nunca deixou de lutar. Primeiro pela Isa e por você, depois pela vida. — Até certo ponto ela estava certa, mas não em tudo porque Duda desistiu da vida e da família no momento em que escolheu interromper o tratamento, só que me sentia tão esgotado e eu já tinha ouvido aquele discurso antes. — Ela escolheu viver seus últimos dias com as pessoas

que ela amava, estando lúcida e forte o bastante para ficar presente, ao invés de dopada, com drogas fortes e passando mal a maior parte do tempo. — Retiro meus óculos, com certeza meus olhos estavam vermelhos. Entendi o que Lys estava falando, mesmo assim não tornava nada daquilo fácil.

— Eu sei, ainda assim não deixa de ser difícil. Ela é o grande amor da minha vida, minha outra metade. — Nunca amaria outra mulher como a amei, como a amo pelo menos não, enquanto eu viver. Queria sair daquele cemitério.

— Sabe, ficar aqui não vai fazer bem a nem um de nós dois, e eu aposto que a Duda ficaria uma fera com a gente — ela parecia ter lido meus pensamentos e fala tentando expressar um falso humor. — O que acha de irmos para casa ou para o Nixy's? O Nicholas fechou, mas deve estar no apartamento em cima do bar. Não queria ir para Nixy's, não queria o Nicholas ou o Henrique ao meu redor fingindo que entende pelo que eu estava passando. Nick foi apenas ao velório, mesmo odiando enterro ou cemitério ele foi por consideração a nossa amizade, achei muito legal da parte dele, mesmo que não fizesse muita diferença.

— Contanto que você não encha a cara e caia matando em cima de mim, para me consolar ou encontre algum ex-namorado babaca e queira me usar para fazer ciúmes, eu topo — não resisto em soltar aquela piada ridícula, foi assim que a conheci, graças à amiga louca que me agarrou e me beijou sem saber nem meu nome.

— Por que insiste em relembrar daquilo? Pelo amor de Deus, meu estômago ainda embrulha. — Lys detestava quando tocava no assunto, implicar com ela ajuda a não pirar, essa que é a verdade.

— Não foi o marco da minha vida, mas é impossível não lembrar. Foi naquele dia que conheci a Duda.

— Vem! Vamos encher a cara. Aproveitar que a Samara está com a Isa. — Queira mesmo dá um tempo antes de ir buscar a Isa para irmos para casa e dar de cara com meu quarto vazio, sem sua presença. Só bebendo mesmo, mas não queria deixar minha filha sozinha muito tempo também.

Lys segura minha mão e me puxa em direção ao seu carro, passo pelos meus pais que conversavam com dona Clara e com Liliana, me despeço de todos e seguimos nosso caminho com Lys ainda me rebocando.

— Não estou com disposição de encontrar ninguém, Lys. — Tenho certeza que ela também não estava muito afim.

— Eu também não estou, vai ser apenas nós dois, vamos para casa. – Como imaginei.

— Não quero ir para casa agora, as lembranças irão me esmagar.

— O Nixy's está fechado, não tem ninguém, talvez o Henrique esteja, mas ele é da família.

— Podemos ir para seu apartamento? Não quero ver ninguém, não tenho humor para isso. — Continuo encarando o mundo fora do carro, que passava por nós, o tempo não para, mesmo quando alguém que significava a maior parte da sua vida morre.

— Claro! Acho que tenho uma garrafa de tequila em algum lugar. – acho meio difícil ela ter uma garrafa de tequila em casa, mas esperava do fundo do meu coração que ela realmente tivesse.

Não demoramos muito até chegarmos a um pequeno prédio de tijolos avermelhados.

Lys para o carro em um pequeno estacionamento lateral, o prédio era bem charmoso, lembro quando ajudamos em sua mudança, ela disse que era seu pequeno sopro de independência. Mesmo amando a avó e a tia, Lys sempre foi alguém que privou pelo seu espaço, sempre foi assim antes de ir morar fora do Brasil e quando voltou esse princípio estava ainda mais forte nela. Apenas alguns lances de escada e chegamos, não sinto a necessidade de avisar a Samara, meus pais sabem que estou com Lys, eles nos viram saindo juntos e minha filha está na casa deles, o que me deixa tranquilo. Assim que entro no apartamento, retiro o blazer e me jogo no confortável sofá da sala, Lys vai até a cozinha. Seu apartamento era repleto de personalidade, a decoração principalmente, alegre e cheia de vida, bem diferente do meu estado de espírito atual.

Encaro a parede repleta de desenhos coloridos e engraçados, que pareciam ter sido feitos por crianças do jardim de infância, estranhei um pouco da primeira vez que vi e achei que depois ela pintaria a parede, ao mesmo tempo achei incrivelmente criativo, Lys sempre foi assim, espontânea e criativa. Vejo os três pares de mãos marcados em um dos cantos da parede, não consigo encarar por muito tempo.

É impossível não rir da minha amiga de anos e de seu espírito artístico livre. Passo meu olhar pelo ambiente aberto e arejado, vejo seu violoncelo apoiado em uma cadeira de madeira, com um suporte de partitura ao lado, a iluminação naquele canto da sala era a melhor.

— Não encontrei a tequila, mas encontrei vinho branco. Quer um pouco? — Fala invadindo a sala com seu modo expansivo de sempre.

— Quero. É melhor que destilado mexicano, com certeza. — Lys pega a garrafa, duas taças e senta ao meu lado no sofá. Vinho era como uma ferramenta de trabalho para mim, sempre adorei cozinhar usando como ingrediente, por causa disso acabei aprendendo bastante sobre eles. Ela me entrega uma taça, tomo o primeiro gole e me apoio ao encosto do sofá.

— Achei que depois de um tempo pintaria a parede.

— Por que faria isso? Adoro os desenhos, além do mais Isa ficaria decepcionada se chegasse aqui e não encontrasse seu trabalho. — Ela ficaria mesmo. Faço apenas assentir. Bebemos um pouco mais e por um tempo ficamos em silêncio.

— Queria que esse dia acabasse logo. — Falo passando as mãos pelos cabelos.

— Por quê? — Encaro-a sem entender sua pergunta. — Quando acordar amanhã, tudo ainda estará igual. Duda não estará aqui, você ainda vai ser um viúvo com uma garotinha de três anos para criar e ainda vai continuar sendo o mesmo. Então te pergunto novamente, por que tanta pressa para que o dia termine? — Ela estava certa, isso me ajudava a clarear meus pensamentos.

— Não faço a menor ideia, talvez pelo que ele simboliza, acabei de enterrar minha mulher.

— Sim, mas essa sensação de perda não vai desaparecer quando o dia acabar. A realidade vem, depois a saudade se instala e por último o entendimento de que a vida continua e com o tempo a dor diminui. — Seu modo de vivenciar aquele momento me parecia ser tão frio e distante.

— Quem te ouve falar e não te conhece acharia que não se importa. — Ela coloca as pernas para cima do sofá, cruza-as em posição de meditação e me encara.

— Posso não ter conseguido chorar ainda, mas acredite em mim, eu me importo.

— Eu sei que sim. — Esvaziamos nossas taças e ela coloca mais. — Por que acha que não consegue chorar?

— Não faço a menor ideia. Vovó acha que é porque ainda não estou pronta, não me pergunte pronta para quê, ela não me disse, tia Liliana acha que eu estou em estado de negação. — Não acreditava que seja pelo primeiro

motivo, talvez negação. — Enfim, no final das contas não consigo expressar o que estou sentindo e isso está me sufocando. Sabe aquela sensação de afogamento que as pessoas sentem quando procuram pelo ar para encher os pulmões e não encontram? – faço que sim com a cabeça. – É exatamente essa a sensação que estou vivenciando desde ontem. – Me sentia parecido, só que no meu caso consigo colocar para fora e isso me alivia um pouco.

— Cada pessoa sente o luto de um modo diferente, não conseguir expressar o que está sentindo não significa que está sentindo menos, significa apenas que sente de modo diferente. Está tentando lidar da melhor maneira que consegue.

— Você não entende. Duda era minha melhor amiga, era com ela que eu dividia tudo, é como se algo dentro de mim tivesse...

— Se quebrado, se rompido, como se fosse impossível consertar, conheço bem esse sentimento. A diferença é que nada quebrou dentro de mim, foi arrancado. Sinto como se meu coração tivesse sido arrancado do meu peito. — Interrompo seu discurso, não era minha intenção competir com a dor dela, nós dois estávamos tendo que lidar com aquilo e não estava sendo fácil nem para mim nem para ela.

— Sinto muito, Gaspar — diz após alguns instantes. — São situações muito diferentes mesmo.

— Não estou julgando sua dor como se ela fosse maior ou menor que a minha, são situações bem diferentes. Não perdi apenas minha esposa, perdi minha mulher, minha melhor amiga, minha confidente, a mãe da minha filha, ela era meu tudo e sinceramente não faço a menor ideia de como continuar sem ela. — Tudo isso era uma merda. — Não sei se consigo sem ela. Como vou cuidar da Isa sem ela? Minha filha precisa da mãe. — Volto a chorar, parecia que tudo o que a Lys não conseguia chorar, eu conseguia em dobro.

— Vai se sair bem, tenho certeza. Sempre foi um ótimo pai, Isa te ama e vocês vão conseguir passar por isso juntos. — Falando assim parecia muito mais possível do que realmente era, ainda assim minhas incertezas eram muito maiores.

— Queria ter sua certeza. — Termino de tomar o vinho, decido ir embora, as respostas para as minhas perguntas não cairiam no meu colo. — Melhor eu ir, tenho que pegar a Isa na casa dos meus pais, está na hora de voltar pra casa. — Coloco a taça vazia sobre a mesinha e me levanto, Lys repete meus movimentos.

— Gaspar! — Me chama segurando meu braço, assim que me viro para pegar o paletó me volto em sua direção.

— Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, me liga, promete? — Concordo de modo automático, todos os meus movimentos pareciam ser assim.

— Laura ainda está lá, pelo menos por um tempo, mas se precisar ligo.

— Vai pegar um táxi? Se quiser, posso te dá uma carona?

— Obrigada, mas vou caminhando, preciso de um tempo sozinho comigo mesmo. — Me despeço dando um beijo no seu rosto e saio.

Caminho pelas ruas, talvez por conta do horário elas não estavam muito movimentadas, ainda caía uma fina garoa, mas não me incomodava. Refletir sobre a vida era algo que não costumava fazer com muita frequência, mas acabou se tornando um hábito nos últimos meses. Era impossível não pensar como seria daqui para frente sem a Duda, sem as rotinas semanais de idas ao hospital, sem sua opinião e teimosia, sem sua presença, sem seu amor, tudo parecia uma tela em branco. Precisava voltar ao comando do meu restaurante disso tinha certeza, não sabia como ainda, mas retomar meu trabalho seria necessário, talvez construir uma nova rotina para Isa, sim, isso era uma boa ideia. Não sabia os planos da Laura, se ela permaneceria em Blumenau ou retornaria para Florianópolis, teria que conversar com ela sobre isso. De qualquer modo, tentaria encontrar um novo rumo para mim. Desejo com todas as minhas forças que Laura fique por um bom tempo.

Enquanto caminho, observo as pessoas na correria do dia a dia, cada uma delas com sua própria história ou até mesmo tentando encontrar soluções para seus problemas, talvez alguém esteja tentando suportar alguma dor parecida com a minha. O meu futuro tinha sido reescrito quando ela parou de respirar, com isso todas as minhas certezas desapareceram restando apenas uma, apenas uma única certeza, a de que eu teria que encontrar um modo de continuar vivendo, porque fiz uma promessa e iria cumpri-la independente de qualquer coisa.

Capítulo 12

6 Meses depois...

O tempo é o detentor de um poder sem igual, o de curar, apenas ele tem a capacidade de cicatrizar feridas, minimizar dores, responder perguntas que muitas vezes não temos respostas e apaziguar nosso coração quando acreditamos que não há mais escolha.

Quando o Gaspar saiu da minha casa no dia do enterro da Duda, fui tocar meu violoncelo, e a cada nota que ressoava pelo instrumento, junto a ela vinha uma lembrança, de uma infância compartilhada com alguém que se tornou mais do que uma amiga, de uma pessoa que se tornou minha irmã, parte da minha família, algo que foi conquistado de modo tão natural, que ela parecia ter nascido naquele ambiente. Foi naquele momento enquanto dava voz ao meu instrumento, que percebi que ela nunca mais estaria novamente ao meu lado, segurando minha mão e me apoiando nas minhas escolhas.

Então desabei, minhas lágrimas transbordaram de dentro de mim como uma represa transbordado com toda sua força, em uma hora chorei o que não havia chorado nas vinte quatro horas, desde que recebi a notícia de seu falecimento até o momento do seu enterro. Quando terminei, foi como se meu corpo tivesse realizado um esforço sobre-humano, como se eu tivesse terminada de escalar a maior montanha, depois uma paz inexplicável me preencheu, foi algo que nem sei como explicar.

Desde aquele dia havia se passado seis meses, mantive minha rotina, segui minha vida ou pelo menos estou tentando fazer isso. O aniversário de quatro anos da Isa tinha sido comemorado no último final de semana, apenas com a família, não foi um momento completamente feliz, mas pelo menos nos esforçamos.

Hoje depois da aula, tia Laura pediu para que eu fosse encontrá-la no

apartamento, aproveitaria para levar a Isa em casa. Ela não entrou em detalhes sobre o assunto, mas sei que está relacionado com a Duda, insisti bastante para que ela me contasse algo, mas não obtive sucesso. Isa canta animada uma música do Balão Mágico, ela ouvia essas canções dos anos oitenta desde que era um bebê, coisa da Duda, que levantava a bandeira de que a filha devia conhecer as coisas boas de uma geração que sabia como viver a vida. De acordo com ela, as melhores décadas que o mundo já vislumbrou, anos dourados que não retornariam, infelizmente. Assim que chegamos Lika avança em nossa direção, a cadelinha estava enorme.

— Chegaram na hora certa, acabei de terminar o almoço. — Laura fala pegando Isa no colo enchendo-a de beijos, enquanto Lika pulava alucinada tentando arrancar um dos sapados da pequena, que parecia estar achando toda a situação incrivelmente divertida. — Quem é a garotinha mais linda da vovó?

— Eu, eu, eu...

— Acertou. Entre, Lys! Como está? — Entro fechando a porta atrás de mim.

— Estou bem, correndo como sempre, entre as aulas e os ensaios, às vezes não sobra muito tempo para ir até a chácara, mas esse fim de semana quero ficar com a vovó e com minha tia. — Ela caminha até a cozinha e a sigo, enquanto Isa vai em direção à área de serviço sendo acompanhada de perto por Lika que não parava de derrubar as coisas balançando a cauda freneticamente.

— Gaspar vai ter que comprar tudo de plástico ou acrílico nesta casa, Lika e Isa destroem tudo o que encontram pela frente. Me admira muito que a cozinha ainda permaneça inteira. — Me sento em um dos banquinhos do balcão.

— Minha querida, esta cozinha é terminantemente proibida ao alcance de nossa pequena monstrinha. — Até tento me conter por seu comentário, mas não consigo e acabo caindo na risada.

— Ela ainda vai deixá-lo maluquinho, principalmente quando estiver na adolescência.

— Não tenho nenhuma dúvida disso — vê-la organizando a mesa é tão familiar, já vi isso inúmeras vezes, só que quem costumava fazer isso era a Duda.

— Com toda certeza ele vai ficar perdido igual a uma barata tonta,

tenho certeza que algumas vezes nem vai saber o que fazer. — Falo tentando me manter na conversa para não ficar perdida em meio às lembranças. Se eu ficava assim e só vinha neste apartamento de vez em quando, fico imaginando o Gaspar que tinha que conviver com lembranças como essas todos os dias.

— Bom, acho que ele vai ter que aprender. Laura fala terminando de colocar a última travessa sobre a mesa.

— Como assim? Eventualmente, é claro que ele vai aprender, com você para ensinar, tenho certeza que ele vai se sair bem.

— Vou voltar para Florianópolis! — Ela já está na minha frente, assim que termina de jogar a bomba no meu colo.

— Pensei que ficaria mais tempo, até que eles se readaptassem. — Ela não diz nada apenas continua lá de pé me olhando. — Tia Laura, eles precisam de você aqui, Isa precisa de você.

— Não, minha querida, minha neta precisa do pai, da presença dele, da sua atenção e carinho. Enquanto eu estiver aqui isso não vai acontecer, Gaspar precisa aprender a ser pai.

— Ele sabe ser pai, ele é um ótimo pai, essas são palavras da Duda, mais de uma vez ela me disse.

— Gaspar precisa aprender a ser pai sem a Duda. Não vai ser fácil no início, mas é algo que ele tem que aprender sozinho. Ninguém pode mostrar e enquanto eu estiver aqui ele vai continuar se refugiando no trabalho, porque sabe que Isa estará segura e bem sobre meus cuidados. — Seu olhar sobre mim era intenso, como se estivesse esperando ser questionada ou que eu discordasse de algo que ela havia dito. Sabia que Gaspar tinha mergulhado de cabeça no trabalho, Henrique me falou, sabia que ele passava mais tempo enfurnado na cozinha do que em casa e sabia exatamente o motivo pelo qual ele estava agindo daquele modo. As lembranças com o tempo se tornam lembretes de algo que nunca teria novamente e elas eram constantes. Não que ele tivesse me dito algo, Gaspar jamais faria algo do tipo.

— Quando pretende ir?

— Daqui a alguns dias, estou organizando algumas coisas antes de ir.
— Fico surpresa com sua determinação, entendo sua decisão, mas não significa que eu não ache que seja extremista demais.

— Já falou com ele?

— Sim, ontem à noite.

— E como foi?

— Uma conversa de adultos. Gaspar entendeu meu ponto de vista, além disso, sempre que eu puder venho passar o fim de semana com a Isa, não pretendo me afastar da minha neta, ela é tudo o que me restou. — Queria falar algo para que ela mudasse de ideia e ficasse, mas vi em seus olhos que não deveria nem tentar.

— Vovó, já coloquei água pra Lika, tô com fome. — Voltamos nossa atenção à pequena que estava molhada e com a farda completamente marcada por patas de cachorro.

— O que acha de um bom banho primeiro? — Isa faz uma careta fofa para a avó, isso com certeza significou que ela não curtiu muito a ideia.

Nós três almoçamos juntas, Gaspar ligou avisando que tinha uns compromissos e pediu que não esperássemos por ele, tia Laura disse que não foi à primeira vez que ele agiu dessa forma. Depois que levamos Isa para sua aula de balé voltamos para o apartamento, tia Laura me pediu para ajudá-la a organizar algumas coisas que o Gaspar insistiu para que fizesse antes de voltar para Florianópolis.

Passamos o restante da tarde no quarto que era deles, organizando as coisas que eram da Duda. Tudo estava lá exatamente como me lembrava, ele não havia mexido em nada, Laura me contou que ele não dormia lá, ficava no quarto de hóspedes ou acabava caindo no sono no quarto da Isa. Laura era realmente uma mulher muito forte, vi no olhar dela como mexer naquelas coisas era doloroso, mesmo assim ela separava e organizava tudo com muito cuidado. Ela me disse que Gaspar havia separado algumas coisas que ele queria, apenas uns objetos pessoais de valor sentimental, todo o resto ele pediu que entregasse para a doação, também me disse, que às vezes em meio às inúmeras noites de insônia o via zanzando pela casa, indo da sacada até o quarto sem conseguir dormir e sempre acabava indo mexer nas coisas da Duda.

Tinham muitas memórias naquele pequeno closet, cada vez que guardava uma peça de roupa ou abria uma caixa com fotos, uma enxurrada de lembranças vinha à tona e penso como deve ser doloroso para Gaspar olhar todas aquelas coisas revivendo momentos felizes.

— Sempre achei essa medalhinha linda. — Retorno das minhas reflexões ao ouvir o comentário da Laura.

— Deveria ficar com ela, acho que o Gaspar não vai se importar.

— Não peguei nada para mim, lembranças são boas, mas às vezes magoam também. Tenho lembranças boas da Duda usando ela.

— Então acho que deveria ficar com ela, tia, vai te fazer bem.

— Então vou ficar — sorrimos uma para a outra.

— Bom, acho que já terminamos, restou apenas essas caixas, que eu sei que são da época da faculdade, Duda sempre foi muito organizada, quase não tivemos muito trabalho.

— É verdade.

— O que vai fazer com as roupas? — Pego uma caixa um pouco maior que as outras, essa quem havia separado foi Laura, eram sapatos.

— As de frio pensei em doar para um abrigo, as outras pensei em um bazar online que arrecada dinheiro para o hospital do câncer. O que você acha?

— Ótima ideia. Posso dá uma olhada nesta caixa aqui?

— Claro, essa separei hoje mais cedo, assim que comecei.

Abro a caixa e vejo os pares de botas, tinha uma em especial que eu achava linda. Abro a caixa e as vejo enfileiradas com outros pares, retiro elas da caixa e fico olhando. Fui eu quem dei aquelas botas para ela, comprei em uma viagem que fiz para São Paulo na época da faculdade, visitei a galeria do Rock e comprei as botas. Quando Duda as viu ficou louca por elas, me pediu e depois de vários argumentos dela, acabei dando as botas de presente por livre e espontânea pressão. Lembrar dessa história me vez sorrir.

— Posso ficar com as botas?

— Claro que pode, Duda as adorava, sempre achei essas botas muito alternativas. Acho que vão combinar muito com você.

— Obrigada. — Separo as botas e coloco em uma bolsa. Não tinha intenção de pedir nada, mas essa lembrança era realmente especial.

Assim que terminamos de separar todas as caixas, vou ajudar Isa com a lição de casa, que era basicamente desenhos e bricolagem, que eu adorava ajudar a fazer. Acabo perdendo a noção do tempo, quando olho para o relógio vejo que passei da hora, hoje tinha ensaio um pouco mais cedo. Despeço-me delas e saio apressada, assim que entro no elevador começo a procurar a chave do carro que aparentemente criou pernas e saiu andando, odiava com todas as forças do meu ser quando isso acontecia. Chego à garagem ainda procurando, minha experiência me diz que um buraco negro se abriu engoliu a droga da chave e que só irá colocá-la para fora quando bem entender, não

me lembro de ter tirado de dentro da bolsa. Esbarro acidentalmente em alguém, estava com quase toda minha cabeça mergulhada dentro da bolsa, nem percebi alguém se aproximando.

— Ai! — Quase caio ao esbarrar na parede humana e minha bolsa se esparrama no chão derrubando tudo.

— Você adora atropelar as pessoas? Não consigo deixar de me perguntar se é proposital — quando ia responder ao estranho metido, não era um estranho, era apenas metido mesmo e aparentemente mal-humorado também.

— Não foi de propósito, engraçadinho, foi um acidente, estava procurando as chaves do meu carro que se esconderam de mim. — Falo já de joelhos recolhendo a bagunça que caiu da minha bolsa. — Você bem que podia me ajudar, Gaspar, a culpa também foi sua.

— Minha? Você não sabe onde colocar suas chaves no meio desse pântano que é sua bolsa e a culpa é minha. — Diz se abaixando para me ajudar.

— Sua sim, que ficou no meio do caminho, eu estava ocupada. Se tivesse saído da minha frente, não teríamos nos esbarrado. — Aproveito que está tudo esparramado no chão para procurar minha chave e nem sinal delas, que grande porcaria, elas tinham que está em algum lugar, se tivesse perdido elas não teriam vindo da escola para o condomínio. Gaspar recolhe minhas canetas que tinham se espalhado por todo o piso.

— Por que as mulheres compram tantas canetas coloridas e tantas da mesma cor? Até onde eu sei vocês só têm duas mãos. — Diz recolhendo as últimas e colocando no meu estojo, enquanto termino de colocar o resto das minhas coisas dentro da bolsa.

— Adoro canetas, por isso. — Minha resposta é mecânica, já respondi a essa pergunta milhares de vezes, não tenho culpa se adoro canetas, é como uma fixação. —Vou perder o ensaio, tenho certeza.

— Talvez você tenha deixado a chave lá em casa — termino de recolher tudo e me levanto, Gaspar faz o mesmo.

— Tenho certeza que não tirei da bolsa.

— Suas certezas são anuladas quando sua cabeça passa mais tempo no mundo da lua do que no Planeta Terra. — Definitivamente hoje o humor dele não estava dos melhores e para ser bem sincera eu não estava nem aí, ele deveria passar mais tempo com a filha, isso sim.

— Sabe, Gaspar, não tenho culpa se seu dia foi uma merda, só não vem descontar suas frustrações em mim. Outra coisa, deveria passar mais tempo com a Isa, ela sente falta do pai. Você não é a única pessoa que está sofrendo. Perdeu sua esposa, mas Isa perdeu a mãe, Laura perdeu a filha, eu perdi minha melhor amiga e...

— Chega, não precisa continuar sua lista de pessoas sofrendo, assim como não precisa se preocupar com a minha filha, dela cuido eu. — Detestava quando me interrompiam.

— Quando começar a fazer isso de verdade pode argumentar comigo — quem ele achava que era? Sua vitimização estava me dando nos nervos. — Até lá espero que enxergue o quanto ser o pai da Isa é um presente. — Meu comentário o deixou furioso, mas antes que pudesse me responder, somos interrompidos.

— Ainda bem que você ainda está aqui. — Laura fala andando apressadamente em nossa direção. — Esqueceu sua chave.

Não tenho tempo de contar nem até cinco, antes do Gaspar passar na minha cara que eu só não perdia a cabeça porque ela estava pregada no meu pescoço. Como uma pessoa sozinha pode acumular tanto mau humor, meu Pai do céu, Duda já teria freado esse mau humor dele.

— Tenho certeza que há uma explicação racional para essa chave ter pulado para fora da minha bolsa, não fui eu que tirei.

— Claro que não! — Detestava aquele maldito tom irônico, que ele sempre usava quando queria me criticar. Quem ele achava que era? A perfeição reencarnada?

— Encontrei no quarto da Isa, acho que foi ela que retirou da sua bolsa, ela adora seus chaveiros. — Laura diz antes que eu possa dar uma resposta que calasse a boca dele, encaro-o usando minha melhor cara de desafio, quero só vê se ele não vai me pedir desculpas pelas acusações.

— Tenho certeza que a Isa não fez por mal, ela só queria brincar. — Ele diz com a maior cara de pau do mundo e sem se desculpar por me chamar de cabeça de vento, inacreditável, se tivesse uma marreta aqui tascava na cabeça dele.

— E... — Ele faz cara de desentendido, tia Laura continua nos observando, parecendo não entender bem nosso diálogo. – Não está esquecendo algo?

— Acredito que não. — Como eu definitivamente queria uma marreta

agora, talvez esfregar a cara dele no asfalto ajude também.

— Tem que me pedir desculpas por ter me falado tudo aquilo. Evidentemente a culpa não foi minha. — Ele dá um sorriso meio debochado, mas quando vê minha cara de poucos amigos, volta a ficar sério.

— Ok! Me desculpe, exagerei nos comentários — doce sabor da justiça.

— Está desculpado. Obrigada, tia Laura, por trazer a chave, vou indo antes que eu chegue ainda mais atrasada do que já estou.

— De nada, meu bem, até amanhã. — Tentei fingir não ter visto o olhar de questionamento que Laura deu para Gaspar, não entendi muito bem por que, mas talvez tenha sido apenas impressão minha. Sigo meu caminho torcendo para não chegar muito atrasada.

O caminho não é tão longo, Blumenau não era uma cidade muito grande, chego ao ensaio com quase quinze minutos de atraso. Minha sorte foi que eles tinham acabado de começar. Minha colocação na orquestra, que era temporária, se prolongou e logo depois se tornou efetiva. Amava minha profissão, fazer música era algo que me completava. Nosso ensaio era focado na turnê de final de ano, nossas apresentações seriam por todo o estado de Santa Catarina e em algumas cidades de São Paulo, finalizando aqui mesmo na cidade no festival de final de ano.

Após quase três horas de ensaio volto para casa esgotada, o dia foi cansativo, mas produtivo. Manter minha cabeça sempre ocupada era um modo de não sentir tanta falta dela. Quando já estou de frente para meu prédio dou de cara com Gaspar, já passava das oito da noite, o que diabos ele estava fazendo aqui?

— Errou o caminho do restaurante? — Tento não parecer tão debochada.

— Acho que mereço isso depois de ter agido como um idiota.

— Não posso discordar de você quanto a isso. — Assim que me aproximo ele me dá espaço para destrancar o portão, em seguida entramos juntos. — Não deveria estar trabalhando? — Ele me segue subindo as escadas, um pouco atrás de mim.

— Deveria, mas estou sem cabeça, ia acabar colocando sal no doce e açúcar no salgado. — Encaro-o sem acreditar no que acabo de ouvir, o senhor "não cometo erros" admitindo que não é perfeito, tinha que ter gravado isso.

— Você é bipolar? Tem algum transtorno de personalidade e não me

disse nada? — Ironizo. — Há algumas horas você estava com o pior humor do mundo e agora está aqui na minha frente reconhecendo que não é o Deus reencarnado da perfeição. — Falo parada no meio da escada encarando-o. — Dos dois um ou você está com alguma patologia ou aconteceu algo muito sério para que esse diálogo maluco esteja acontecendo. Entre as duas opções, fico com a primeira. — Ele passa as mãos pelos cabelos, talvez se ele fosse menos bonito, seria mais fácil de mandá-lo cair fora. O que deu em mim? Só podia estar ficando maluca. Talvez quem esteja com alguma patologia psicológica seja eu. Balanço a cabeça como se esse gesto fosse desembaralhar meus pensamentos, volto a seguir meu caminho. Estava faminta desesperada por alimento, ouço os passos dele bem atrás de mim. Será se eu pedir, ele cozinha alguma coisa? Só acho que ele deveria falar logo o que quer. Já de frente para a porta do meu apartamento, ele se coloca ao meu lado, enquanto procuro as chaves, antes de abrir o encaro, definitivamente ele não parecia estar no seu normal.

Entramos e enquanto acendo todas as luzes possíveis, sempre detestei a escuridão, Gaspar se acomoda em um dos bancos do pequeno balcão que dividia sala e cozinha. Vou até a cozinha vê se tem algo que seja comestível, nem sei por que faço isso, tinha certeza que não tinha nada, cozinhar não era meu forte e hoje eu tinha saído tão apressada que não fiz nada, nem uma saladinha.

— Me desculpa pelo meu péssimo humor de hoje cedo — ele fala, enquanto vasculho a geladeira. – Estava mal, ando sentindo saudades dela mais do que o habitual, minha frustração me deixa daquele jeito, sinto muito.

— Relaxa, também não foi o fim do mundo, sempre alfinetamos um ao outro. Não foi como se você tivesse me estapeado ou como se tivéssemos rolado no chão como duas crianças. — Fecho a geladeira e abro os armários, encontro um potinho de nutella e pacotinho de batatinha pego os dois e levo para o balcão, Gaspar me encara e dou de ombros. Se ele quer que eu coma comida de verdade, ele que cozinhe, sou muito lesada mesmo.

— Esse vai ser seu jantar?

— Sim. Não tive tempo de fazer nada hoje antes de sair. Nutritivo não acha? — Sua cara é impagável.

— Muito e se continuar assim não chega aos quarenta anos — fala se levantando, dando a volta no balcão, pegando minha nutella e minhas batatinhas, protesto, mas ele não dá a mínima, começa a vasculhar meus

armários. Pega meu último pacote de espaguete, azeite, abre a geladeira, pega um restinho de extrato de tomate, um pedaço de queijo parmesão, dois ovos e alguns temperos, sem falar nada começa a cozinhar.

— Vai fazer meu jantar? — A pergunta que vale um milhão.

Ele me encara com a sobrancelha erguida com um "o que você acha?" estampado na cara. Talvez minha pergunta tenha sido estúpida.

— Pergunta idiota. Ok! Então vou tomar banho. — Precisava de um banho mesmo, relaxar uns minutinhos. Vai ser ótimo.

— É como se eu estivesse vazio por dentro. — Gaspar fala, e em seu olhar consigo compreender o que ele diz, seu jeito sarcástico e sedutor estava apagado. Estávamos jantando o espaguete a carbonara delicioso que ele fez — Ou talvez fosse melhor dizer que me sinto morto. Meu coração bate, o ar entra pelos meus pulmões, mas eu não sinto nada. — Seu sorriso de lado, que antes era atrativo e encantador, agora estava obscurecido e sem vida. — Eu posso até sorrir, mas não estou feliz. Levanto-me todos os dias, só que não tenho motivos para isso, é como está sendo consumido todos os dias, sinto tanta saudade. A presença dela é tão constante, quando eu vou dormir sonho com ela e quando estou acordado o cheiro dela não está mais no travesseiro, meus pensamentos divagam por momentos que fazem parte de um passado que não existe mais, e a realidade parece zombar da minha dor. — As lágrimas que antes brilhavam em seus olhos finalmente caem.

Após algum tempo em silêncio, ele me pergunta.

— Eu estou vivo, Lys?

— Está sim!

— É mesmo? Para quem? Se eu só existo por existir.

— Para sua família, seus amigos, todas as pessoas que amam você. — Ele abaixa a cabeça, tentando enxugar as lágrimas que teimavam em cair. — Olha pra mim! — Peço, quero que ele me encare. — Perdi mais pessoas do que posso contar em meus dedos das mãos, algumas delas me deixaram marcas que tenho que enfrentar diariamente, lembranças ruins e boas. Sabe como eu consegui seguir em frente? — Ele não fala nada, apenas continua me encarando, nossos olhares estavam presos um no outro. — Vivendo um

dia de cada vez, tentando tirar de tudo o que vivi aprendizados e motivos para continuar. Se a Duda pudesse te vê agora, ela estaria uma fera com você. Sei que está doendo, é a mesma dor que eu sinto, também a amava, ela era uma extensão de mim, como minha avó sempre fala "meu lado bom" — dessa vez ele sorri e abaixa a cabeça, aquele era o primeiro sorriso espontâneo e verdadeiro que via nele, desde muito tempo.

— É tão injusto que a Isa não conheça a mãe, que ela não tenha lembranças claras. Não quero que minha filha esqueça o quanto ela foi amada.

— Isso é fácil de resolver. É só não deixar que aconteça, falar sempre da Duda para ela, dizer como foi amada, assim ela nunca vai esquecer — termino de comer, estava realmente faminta. — Obrigada pelo jantar delicioso. — Levanto, pegando nossos pratos. Fazia algum tempo que ele tinha acabado de comer, enquanto eu repeti duas vezes.

— Que bom que gostou! — Ele me ajuda a limpar o balcão onde comemos, lavo os pratos e ele enxuga.

— Gostar é um eufemismo, adorei.

— Deve ter sido por isso que repetiu duas vezes, nem tinha percebido.

— Não cansa de ser tão sarcástico? — Ele abre um sorriso que não via há muito tempo, um divertido.

— Dizem que faz parte do meu charme.

— Até parece. Voltando ao assunto da Isa. Sabe o que eu acho? — Como ele não se manifesta continuo. — Que está com medo, está com medo de enfrentar essa enorme responsabilidade sozinho. E acho que não deveria ter medo, você é um pai incrível. Várias vezes Duda me falava que você cuidava da Isa melhor do que ela, sem mencionar que vocês dois tem uma conexão incrível.

— Sempre a tive como meu chão, Duda era minha bússola, sempre me mostrando o caminho, sem ela para me guiar não sei como vou fazer para conseguir fazer isso.

— Vai se sair bem, tenho certeza. Vocês dois vão conseguir, não estou falando que vai ser fácil, mas vocês têm um ao outro e com o tempo irão encontrar um equilíbrio para conseguir passar por tudo isso. Ela precisa do pai, do seu carinho, amor e segurança, é apenas disso que a Isa precisa, tudo isso ela já tem de você.

— Queria ter essa certeza. Sem a Laura vai ficar bem difícil. —

Termino de lavar os pratos e dou o último para ele secar.

— Não é porque tia Laura vai voltar para Florianópolis que você vai estar sozinho. Sabe disso, não é?

— Eu sei. — Fala se escorando na pia me encarando. — Você já tem ajudado muito.

— Amo a Isa, fiz uma promessa e pretendo cumpri-la, independentemente de qualquer coisa, sempre estarei ao lado dela.

— E agradeço imensamente por isso, ter você ao lado dela é como ter um pedacinho da Duda sempre por perto.

— Acho que esse foi o melhor elogio que você já me fez desde que nos conhecemos, sem dúvidas foi à coisa mais incrível. — Seu sorriso retorna e o meu próprio surge.

— Enquanto ela tiver nós dois, sempre terá um pouco da Duda.

— Está certa, ela sempre vai ter. Você deveria comprar mais comida de verdade, abastecer essa geladeira. — Eu mereço.

Ficamos conversando por um bom tempo, já era bem tarde quando Gaspar foi embora, ele parecia bem mais leve quando saiu do meu apartamento, ajudá-lo de algum modo me ajudou também. Pela primeira vez desde que a Duda se foi, senti que conseguiríamos seguir em frente de verdade, essa certeza me trouxe paz.

SEGUNDA PARTE

Capítulo 13

3 anos depois... 2016

Hoje certamente seria um daqueles dias de muito trabalho no restaurante, com certeza vou ter que me desdobrar em mil. Me pergunto onde eu estava com a cabeça, quando embarquei na ideia doida do Henrique de abrir um segundo restaurante e uma loja gourmet para buffet de eventos. Obviamente essa era uma pergunta retórica, sabia perfeitamente onde estava com a cabeça. Desejava mantê-la ocupada o suficiente para não ter tempo de pensar e deu certo. Entre meu trabalho e cuidar da minha filha não me restava muito, o pouco tempo livre era preenchido pela solidão, que com o tempo aprendi a apreciar.

— Chef... Chef... — desperto ao ouvir o chamado de um dos funcionários, Daniel, ele era um dos nossos melhores barmens.

— Onde é o fogo? — Falo naturalmente em tom de brincadeira, Daniel era um jovem universitário de vinte e dois anos, o mais jovem da equipe e um dos mais divertidos e zoados também.

— Fogo? Quem falou em fogo? — Sem mencionar que parecia sempre levar tudo ao pé da letra. — Não tem fogo nenhum chef, ligação para o senhor. É da escola da Isa, acho que ela está encrencada. — Cristo, um arrepio subiu pela minha nuca. O que será que meu furacão particular aprontou dessa vez?

— Obrigada, Daniel! Vou puxar a ligação para meu escritório. — Saio da adega, onde estava tentando catalogar os vinhos que estavam faltando, para repor com os fornecedores.

Essas tarefas não costumavam ser minhas preferidas, mas com a

expansão dos negócios muitas coisas do trabalho que eram feitas pelo Henrique e pelo Carter acabaram tendo que ser feitas por mim também, mesmo não gostando muito. Minha praia era a cozinha, lidar com papelada nunca foi para mim, por isso que chamei Henrique para ser meu sócio, infelizmente, às vezes não conseguia escapar. Fecho a porta do escritório assim que entro e já atendo o telefone.

— Bom dia, Gaspar! Como vai? — A senhora Pinheiros e eu éramos velhos conhecidos, ela não chegou a conhecer minha mulher, mas trabalhava há dois anos como diretora da escola e o que eu posso dizer é que foram dois anos bem animados.

— Estou bem, Vitória. E você? — Ela sempre teimava em me chamar pelo sobrenome, mas depois de tantas idas à escola acabamos ficando amigos, aprendi com o tempo que quando se tem uma filha que não consegue parar quieta um único segundo era sempre bom apelar para a cordialidade mútua, então era isso o que eu fazia e para minha sorte dava certo.

— Estou muito bem, pena que não posso dizer o mesmo de uma certa garotinha que adora desaparecer na hora no intervalo e reaparecer com alguma novidade. — Por que será que isso não me surpreende?

— Pelo visto minha pimentinha aprontou de novo.

— Aprontar é um eufemismo para o que ela fez. — Mesmo com medo de perguntar o que ela tinha feito era meu dever como pai.

— O que exatamente ela fez?

Vinte minutos até a escola, esse foi o tempo que eu gastei. Agora estava indo até a enfermaria. Como uma garotinha tão pequena conseguia sozinha se meter em tantas encrencas? Tenho que admitir que esse DNA para confusões, minha pequena herdou do meu lado da família. Assim que chego ao pequeno ambulatório dou de cara com uma a enfermeira saindo, Hortência era mais um dos membros do corpo docente que acabei me aproximando com o tempo.

— Olá, Gaspar! — Fala com um sorriso divertido, a filha dela Camille, é a melhor amiga da Isa.

— Se está sorrindo significa que a Camille dessa vez não foi

corrompida pelas ideias criativamente diabólicas da minha amada filha. — Hortência até tenta se conter, mas falha vergonhosamente e cai na risada.

— Me desculpa, não consegui me conter. — Sério? Não me diga? Como se eu não tivesse percebido. — Desculpa! — Repete novamente, dessa vez mais controlada. — Dessa vez minha borboletinha não está envolvida, ela não veio para escola, está com catapora. — Dá um meio sorriso de sinto muito que eu não comprei nem por um segundo sequer.

— Sorte dela então. Bárbara ficou cuidando dela? — Hortência e Bárbara estavam casadas há quase quatro anos quando Camille chegou à vida delas para complementar a família e conquistar seus corações, as três eram como a soma de um todo. Minha filha e Camille não se desgrudavam desde o jardim, ela foi muito importante para minha bonequinha quando a Duda se foi. Com o tempo também acabei construindo um vínculo de amizade com Hortência e Bárbara algo inevitável já que Isa era uma paciente muito assídua no ambulatório da escola.

— Acertou em cheio. Sua filha está lá dentro com a Lys. Nem vou te falar para não ser muito duro com ela, basta só um olhar fofo que você sempre se derrete inteiro. — Fala dando uma risadinha irônica ao sair.

A porta estava meio entreaberta, então não precisei bater, as vozes ficam mais nítidas quando estou dentro da pequena sala de espera. Diferente de uma enfermaria normal aquela tinha papel de parede de bichinhos e era muito colorida. No tempo que estudava esses ambientes eram bem assustadores, ainda bem que os tempos mudam.

— Não acredito que fez aquilo. Podia ter se machucado feio. Sabia disso? — Sempre que a Lys falava com ela, usava um tom de voz doce.

— Mas me machuquei feio, dinda, quebrei o braço. — Quase entro em pânico com sua declaração, mas sei que não foi exatamente isso o que aconteceu, então seguro minha onda, quando me lembro das informações que Vitória me passou.

— Você não quebrou o braço, gatinha, foi apenas uma torção logo, logo vai estar ótima e pronta para outra. — Me aproximo um pouco mais da porta que dava acesso à sala de atendimento.

— Não fala assim para o papai senão vou ficar bem encrencada. Por favor, dinda, ele vai ficar bem bravo. Se a senhora disser que eu quebrei o braço aí ele fica com pena e me faz carinho e dá chocolate, por favorzinho. — Nossa, não é que a menina é boa. Com quem será que ela aprendeu?

— Você deveria ser atriz, pequena, ganharia muito dinheiro, principalmente em novelas bem dramáticas.

— Não quero ser atriz, dinda, quero ser Chef como meu papai e fazer música como você.

— Eu te amo, sabia disso? — Ouço sons altos de beijos molhados, Lys devia estar afogando minha filha em beijos, era algo que ela fazia constantemente, se justificava dizendo que não aguentava tanta fofura, a entendia completamente e também era muito grato pelo amor que ela dedicava a Isa.

Às vezes era muito difícil para mim ter que fazer o papel de pai que educa, coloca de castigo, falar sério e corrige, mas quando era necessário tinha que ser feito. Abro a porta e as duas olham para mim ao mesmo tempo, de modo sincronizado, pareciam até que tinham combinado. Teria sorrido se não tivesse um sermão de pai para dá.

— Não acredito que subiu no teto da escola para pegar um ninho de passarinhos. O que falamos sobre lugares altos e sobre se colocar em perigo? — O olhar que a Lys me direciona é de completa e total desaprovação, mas sou o pai e não era a primeira vez que ela fazia algo do tipo por causa de algum bichinho ou apenas pelo prazer de me causar uma parada cardíaca, então simplesmente ignoro sua expressão reprovadora.

— Desculpa, papai, mas tinha um gatinho mal e ele queria pegar o ninho e matar os passarinhos. Não podia deixar que ele fizesse isso, tinham dois filhotinhos que iam ser devorados.

— Então você achou que subindo no teto da escola escondida, correndo o risco de se machucar gravemente seria a melhor atitude? — Colocar limites não deveria ser tão difícil, mas era algo necessário, Isa sempre teve um coração enorme e espírito livre, se limites não fossem impostos a ela, subir em telhados para resgatar filhotinhos de passarinhos seria a menor das minhas preocupações.

— Papai, se eu não fizesse algo eles iriam ser comida de gatinho. O senhor queria que eu não fizesse nada?

— Chamar um adulto nem passou por essa cabecinha aventureira?

— Os adultos complicam tudo ou nem ligariam, papai, o senhor sabe disso. – Sua carinha dizia ainda mais que suas palavras e eu conhecia bem aquela expressão de teimosia.

— Não quero mais que faça isso, nada de bancar a heroína, nem subir

em lugares altos ou se enfiar em buracos, sem qualquer tipo de atitude heroica para salvar animaizinhos fofos. Estamos entendidos? — Em nenhum momento alterei minha voz, mas os olhos dela estavam repletos de lágrimas, me senti culpado, mas a culpa foi embora quando imaginei que ela poderia ter batido com a cabeça ou quebrado muito mais que o braço, então me mantive firme. — Estamos entendidos, Isabella? — Ela não responde de imediato, apenas acena de modo positivo com a cabeça concordando.

— Sim, papai! Mas não acho isso nada justo. — Responde com sua carinha de choro, teimosa.

— Não precisa concordar comigo, apenas me obedecer. — Encaro Lys que continuava aparentando desaprovar minha atitude. Não era nada fácil criar uma filha sozinho, quando essa filha era a Isa se tornava quase uma missão impossível. Mesmo sendo mulher ela não era mãe, então não fazia ideia das batalhas que eu travo desde que Duda se foi.

Antes que pudéssemos iniciar outro debate sobre o que era justo ou não, Hortência retorna, agradeço silenciosamente por isso.

— Vou à diretoria, falar com a diretora e pegar sua liberação. Pode se comportar por alguns minutos?

— Fico com ela até voltar. Podemos conversar um minuto antes de ir falar com Vitória? — Conseguia imaginar qual seria o assunto, essa era a desvantagem quando se conhecia alguém tão bem.

— Tudo bem. Filha, já volto para irmos para casa, Miranda deve ter feito lasanha hoje. — Falo tentando animá-la, enquanto Hortência retirava uma faixa e colocava um imobilizador.

Mas parece que não tive muito sucesso na minha tentativa. Ela dá um sorriso meio sem graça que se mistura com uma caretinha, quando a enfermeira pega no braço dela para reajustar o imobilizador.

— Volto logo, gatinha, só um minuto. — Lys fala caminhando em direção à saída e me arrastando junto.

Quando estamos no corredor, ela fecha a porta e me encara cruzando os braços, com uma postura intimidadora, que não me colocava nem um pouco de medo.

— Não acha que exagerou um pouco, repreendendo-a daquele jeito?

— Não, não acho. Acredito que fui bem razoável nos meus argumentos, considerando o que ela aprontou por causa de um ninho de passarinhos.

— Ela é só uma criança, não fez por mal, sabe tão bem quanto eu que

Isa é apaixonada por animais.

— Ela é uma criança que precisa de limites. Conheço-a bem o bastante para saber do seu amor pelos animais e também de como é impulsiva, sempre faz primeiro e pensa depois, algo grave poderia ter acontecido, ela poderia ter fraturado muito mais do que um braço, são dois andares quase dez metros.

— Poderia ter acontecido, mas não aconteceu e você poderia ter sido apenas um pouco mais suave. Nunca teve sete anos na vida?

— Sim, já tive e é exatamente por isso que estou impondo limites. Sou muito grato aos meus pais por terem feito comigo, tenho certeza que Isa também vai ser muita grata a mim. — Em momentos como esse Lys me dava nos nervos, conhecia bem de mais minha filha para saber que se não colocasse limites nessas aventuras, elas voltariam a se repetir.

— Não estou dizendo que não tem que impor limites...

— Não, está dizendo como devo educar minha filha, o que me parece bem mais evasivo. — Falo interrompendo-a de modo irônico.

— Seu mau humor não me intimida, pode falar o que quiser. Acho apenas que deveria ser menos rígido, Isa não faz travessuras por mal, seu objetivo é ajudar e você trata isso como se fosse algo errado, ao invés de tentar compreender.

— Está falando sério? Está dizendo que tenho que incentivar essas estripulias mirabolantes dela? — Ela só podia está de brincadeira, sou eu quem tem que lidar com braços, pulsos, pernas e cabeça fraturadas e não ela. — Quem tem que lidar com as fraturas dela e com os sermões da diretoria da escola sou eu. Só pode estar de brincadeira!

— Falei em compreensão e não em incentivo. Existe uma enorme diferença entre os significados das duas palavras. Você é tão irritante, como Duda aguentava essa teimosia e... — Ela para no meio da frase, em seu olhar havia um pedido de desculpas. Ainda era difícil, três anos depois e a saudade existente pela sua ausência parecia tão presente quanto antes. — Sempre falo mais do que devo, minha boca grande e teimosa são irmãs. — Percebo que ela ainda tinha a mesma mania da época da faculdade, olho suas mãos e a vejo tentando arrancar de modo frenético a pelezinha ao redor da unha, aquela pele morta que fica meio solta. Quando ela ficava nervosa começava a puxar essa pelezinha até sair junto com o sangue, isso me dava nos nervos. Seguro suas mãos fazendo-a parar. — Me desculpa!

— Tocar no nome dela não é nenhum crime, relaxa. Vamos deixar esse

lance da Isa para discutir depois. Tenho uma diretora para acalmar, vai lá ficar com minha filha. — Lys encara minhas mãos sobre as suas e se solta tentando disfarçar que estava desconfortável com a situação. Quando se conhece alguém como nos conhecemos é difícil não perceber quando essa pessoa se sente desconfortável com você. Apenas não entendi bem o motivo.

— Certo, vou voltar no ambulatório, acho que Hortência já deve ter terminado. — Sem dizer mais nada volta para pequena sala.

Sigo até a diretoria, um percurso que conhecia muito bem. A última chamada foi por causa de uma briga com uma garotinha dois anos mais velha, que implicou com Camille por ela ser bolsista, em outras palavras bullying, minha pequena heroína colocou goma de mascar no cabelo dela e a empurrou em uma poça de lama. Para ser bem sincero tive muito orgulho dela, da sua posição em defender sua amiga, que estava sofrendo preconceito e humilhação gratuitamente apenas por não ter tanto dinheiro como as outras, infelizmente, como pai tive que repreendê-la e deixá-la de castigo, essa foi uma das coisas mais difíceis que eu já fiz na vida. Mas sempre tento explicar da melhor forma possível o motivo do castigo, sempre tento esclarecer que é pela atitude tomada, que poderia ser resolvida de outra maneira e não porque sua opinião sobre o assunto está errada. Educar filhos não é fácil, sozinho, então é uma missão complicada demais.

Bato na porta da diretoria, ouço um "pode entrar", respiro fundo antes de enfrentar pela terceira vez em menos de cinco meses a diretora Vitória.

— Bom dia, Vitória! — Uso meu melhor tom de cordialidade.

— Bom dia, Gaspar! Por favor, sente-se. — Sua postura era profissional, mas não rígida, ela não era uma mulher inflexível e tenho que admitir que já passou a mão na cabeça da Isa várias vezes.

— Já viu a Isabella?

— Sim, acabei de deixá-la no ambulatório com a Lys. Quando cheguei já estavam lá, como sabe ela e a madrinha são bem próximas.

— É verdade, elas têm uma ligação muito especial. Bem, como já esteve lá acredito que obteve algumas informações sobre o que aconteceu.

— Sim, elas foram bem claras na narrativa e garanto que irei tomar sérias providências, para que isso não volte a acontecer. — Tento demonstrar o maior nível de segurança possível em minhas palavras. A verdade era que essa situação já se repetiu outras vezes, meu maior temor era que continuasse a acontecer até o fim dos meus dias.

— Gaspar, sabemos que Isa é uma criança cheia de vida, sei que as estripulias dela não são feitas com o intuito de ferir ou magoar ninguém, muito pelo contrário, ela geralmente se mete em confusão para proteger, mas ela subiu no teto da escola, dois andares e caiu de lá, se ela tivesse caído diretamente no chão ela teria se ferido gravemente ou coisa muito pior, ainda bem que havia sacos de lixo repletos de folhas para amortecer a queda. A impulsividade das atitudes que Isa toma é o que me preocupa. — Meu sangue gelava só em imaginar o que poderia ter acontecido.

— Acredite em mim, essa impulsividade me amedronta também. Teremos uma conversa muito séria, quando chegarmos em casa.

No final Vitória apenas pediu que eu assinasse uma advertência e nada mais, agradecia imensamente por isso, da última vez foram dois dias de suspensão. Quando volto para a enfermaria encontro Isa no colo da Lys e com um pirulito na boca, ótimo agora ela não vai almoçar direito. As duas me encaram e Isa abre um enorme sorriso, minha pequena pimentinha.

— Vamos?

— Tudo resolvido com a general? — Pergunta agora sem o aberto sorriso. — Quanto tempo vou ficar em casa de castigo? — Uma curiosidade muito interessante sobre meu pequeno pedaço de gente é que para ela não existe castigo pior no mundo do que ficar suspensa sem ir à escola, por isso raramente a colocava de castigo, nada era pior do que ficar sem a escola, não conhecia muitas crianças que aos sete anos via isso como um castigo.

— Dessa vez sem suspensão, mas quando chegarmos em casa vamos ter uma conversa séria. — Ela assente voltando a sorrir, muito feliz com a ideia de não ficar longe da escola.

— Vamos embora, pimentinha. — Ela sai do colo da Lys e vem segurar minha mão.

— Dinda, vai jantar hoje lá em casa?

— Não posso, prometi jantar na chácara. Se eu não for vovó e tia Liliana vão ficar bem chateadas.

— Mas faz um tempão que você não janta lá em casa. — Nem tinha percebido, mas Isa tinha razão, fazia um tempo mesmo. Lys aproxima-se com um sorriso aberto e se abaixa para poder falar.

— Não faz tanto tempo assim, apenas umas semanas. O que me diz de combinarmos para outro dia?

— Certo, mas tem que prometer de dedinho — Isa estende o dedo

mindinho e Lys estende o dela fazendo um movimento cruzado. — Esse final de semana no domingo, promete? — Minha filha era realmente muito boa em conseguir o que quer, assustava um pouco, me pergunto onde aprendeu esse charme persuasivo, até mesmo comigo funciona. O que me parece assustador.

— Domingo, prometo e é bom você convencer seu pai a preparar algo bem delicioso.

— Pode deixar comigo, sou muito boa em convencer. — As duas adoravam conversar como se eu não estivesse presente.

— Ok, senhorita boa de papo furado, hora de ir. Te espero no domingo, Lys. — Nos despedimos e seguimos para casa.

Não acredito que exista nada melhor do que o aroma que vinha de uma culinária bem-feita, era esse aroma que preenchia todo o apartamento, quando chegamos.

— Ai, Lika, calma, fica calma, garota. — Se Isa era uma pimentinha, Lika era um terremoto, a cadelinha que adotamos se tornou um monstrinho, agora com quatro anos ainda parecia ter apenas um, sua energia não diminuiu nada e a única pessoa que ainda tinha algum domínio sobre ela era a Isa.

— Chegaram cedo hoje — Mira fala vinda da cozinha e se cala ao olhar para Isa que já estava esparramada no chão se embolando com Lika.

— Fui chamado na escola, Mira, longa história. — Ela franze a testa sem deixar de encarar Isa e examinando minuciosamente para ter certeza que ela tinha apenas machucado o braço.

— O que aconteceu? — Pergunta ainda com um ar preocupado. Miranda era diarista dos meus pais há muitos anos, uma cozinheira de mão cheia, uma senhora adorável por quem sempre tive muito respeito.

Depois do que aconteceu com Duda e após a partida da minha sogra de volta para Florianópolis, Mira apareceu na minha porta dizendo que iria passar um tempo conosco, ela me ajudou a construir uma nova rotina, antes disso estava perdido sem saber por onde começar, foi como encontrar um rumo. Realmente precisava de uma pessoa que me desse cobertura e isso era algo que tinha que ser feito sem a minha família. Quando parei para pensar nos motivos que levaram Laura compreendi a importância da sua partida.

— Salvei um ninho de passarinhos com filhotinhos dentro. Quieta, Lika, assim não pode — reclama quando sua cúmplice de crimes tenta morder sua orelha. — Lika, feia, para um segundo. — Sempre acho engraçado como Isa coloca moral na mascote, seu tom sério era muito divertido, mas no final das contas sempre dava certo e Lika parava.

— Ela subiu no telhado da escola e despencou de lá, a queda foi amortecida por sacos de lixo com folhas e galhos secos. – Mira faz uma cara hilária de incredulidade, para ela Isa era uma anjinha delicada, sua visão da minha filha era muito fantasiosa.

— Essa parte é apenas o lado ruim da história, papai, o lado emocionante é que os passarinhos estão seguros e eu estou bem, só quebrei o braço. — Ergue o braço com o imobilizador para mostrar, como se não estivéssemos vendo, minha filha era inacreditável.

— O lado emocionante é que hoje foi dia de manutenção nos jardins da escola, senão você teria fraturado muito mais que um braço se não fosse os sacos cheios de folhas.

— Poxa, papai, vai me dar outro sermão? Veio da escola até aqui me dando bronca, prometo que aprendi a lição não faço mais, se acontecer de novo chamo um adulto, como combinamos. — Quem a ouvisse realmente acreditaria em suas palavras, mas conheço bem demais minha filha pra saber que quando se trata de salvar a vida de alguma criaturinha ela não media esforços, risco, consequência ou qualquer outra coisa, tudo o que importa para ela era evitar que o pior acontecesse.

— Ótimo, espero que se lembre dessa promessa, agora banho para almoçar, mais tarde continua sua disputa com a Lika. — Respira fundo fazendo uma caretinha fofa e segue para o banheiro, Lika vai logo atrás.

— Ainda não acredito que ela fez isso, meu Jesus amado, como ela subiu no telhado?

— Não faço a menor ideia, para ser bem sincero depois de tudo o que Isa já aprontou pouca coisa que ela venha a fazer pode me chocar — abro meu melhor sorriso complacente e encaro-a. Acho que ela não gostou muito do que eu disse, falei apenas a opinião de um pai que conhece bem a filha que tem. — O cheiro vindo da cozinha está delicioso. Fez lasanha?

— Claro que sim, acabei de finalizar a montagem, esse cheiro é do molho. Ainda sobrou um pouco. Você quer?

— Pode ter certeza que sim. — Meu paraíso particular, molho caseiro

de tomate com pão italiano.

Minha vida seguia um cronograma de rotina onde tudo se encaixava de modo perfeito. Depois do almoço ajudo Mira com a cozinha, depois me dedico às atividades da escola com Isa, quando terminamos passeamos com Lika, assistimos tv, perto do fim da tarde tenho que voltar para o restaurante, Mira fica com Isa até a babá da noite chegar. Todos os meus dias seguiam mais ou menos esse padrão, às vezes Lys leva Isa para a ONG onde dá aulas uma vez por semana, acho importante que minha filha perceba que a vida não é igual para todos, no final das contas ela adorava ir, fez muitas amizades lá. Bem cedo, quase todas as manhãs, tinha a missão de ir à feira orgânica, comprar o hortifruti que usaríamos, nesses dias Lys passa em casa para levar Isa à escola. Era confortável ter horários a serem seguidos, para Isa era saudável, os pediatras sempre falam que rotina é fundamental na vida das crianças, isso eu estava fazendo direito, de bônus mantinha minha mente a todo vapor e não pensava bobagens.

Quando chego ao restaurante encontro a equipe reunida ao redor da mesa como de costume, fazíamos isso rotineiramente para repassar o cardápio e a carta de vinhos. Saborear um delicioso espaguete ou qualquer outro prato que os ajudantes faziam era um bônus.

— Boa tarde, pessoal! Desculpem a demora — dou uma olhada rápida pela mesa e não localizo o Henrique, apenas Carter.

— Boa tarde, Chef! — Adorava a pronúncia daquela palavra em coro, principalmente na cozinha, podem até achar narcisismo, mas o som daquela palavra sendo pronunciada direcionada a você era certamente uma das melhores coisas do mundo, foi para isso que trabalhei a vida toda, por esse reconhecimento.

— Carter, onde está o Henrique?

— No escritório, falando com o fornecedor das trufas, deu problema com a encomenda da semana. — Que saco, era a segunda vez que acontecia este mês.

— Certo vou até lá, não demoro muito. Podem iniciar a passagem do cardápio e da carta para não haver atrasos.

Direciono-me até a parte dos fundos do restaurante, onde ficava nosso escritório ao lado da cozinha, as paredes que dividiam a pequena sala de onde a magia gastronômica acontecia era toda de vidro e as portas ficavam sempre abertas a não ser que estivéssemos em reunião. Aquele restaurante era um projeto de toda uma vida, se não tivesse sido pelo Henrique com a ajuda do Carter teria me desfeito dele, nos tempos difíceis com a Duda e não pensaria duas vezes.

— Inacreditável, Marco, como consegue colocar obstáculos em tudo... — entro no escritório e encontro Henrique falando com o fornecedor ao telefone, seu tom estava um pouco alterado, o que não era muito comum, raramente ele perdia a calma, principalmente no que diz respeito ao trabalho, Marco deve estar tirando sua paciência. Sento-me no sofá e espero que ele finalize sua discussão. — Você disse o mesmo há menos de três semanas e nós acabamos tendo que improvisar já que não tínhamos o produto. E adivinha só Marco?! Clientes não gostam de improviso, somos um restaurante de renome, estamos no guia Michelin. Sabe o que isso significa? Que somos ganhadores do Oscar da gastronomia mundial, a elite e que não podemos nos dar ao luxo de fazer improvisos... — ganhamos a "Estrela Michelin" ano passado e entramos para os restaurantes gourmets de elite do Brasil, acredito que o Marco entende o que isso significa, mas duvido que ele se importasse tanto assim. — Acho que não está entendendo, Marco, então vou ser mais claro, se não me trouxer os produtos pelos quais eu paguei amanhã cedo, nunca mais irá fazer negócios com nem um restaurante de Santa Catarina. Fui claro o bastante agora?... Ótimo, então nos vemos amanhã. — Fala por fim encerrando a ligação, ele desaba ao meu lado no sofá esfregando os olhos.

— Esse cara é inacreditável, vou procurar com meus contatos outro fornecedor, não dá mais para confiar. — Fala apoiando a cabeça no sofá.

— Pelo menos ele se comprometeu a entregar as trufas amanhã? — Ele ergue a cabeça e me encara.

— O que acha? Me ouviu ao telefone, sou profissional. — Tenho que admitir que vê o Henrique colocando moral era no mínimo engraçado.

— Ouvi sim, parecia o poderoso chefão colocando moral — nos encaramos e inevitavelmente temos uma crise de riso.

— Espero que ele tenha levado a sério. Acha que ele levou a sério? Porque falei muito sério. — Não importava a situação Henrique sempre

parecia leve, mesmo irritado com um fornecedor idiota que não cumpria contratos.

— Você sabe ser bem convincente quando quer e também estava bem bravo, acho que amanhã terei as trufas para os meus molhos.

— É disso que estou falando, um pouco de reconhecimento pelo meu ótimo trabalho — aparentemente o bom humor dele tinha voltado, se é que foi embora em algum momento, mesmo nas raras vezes que ele se alterava por causa do trabalho era difícil ficar muito tempo chateado.

Escolho não rebater seu comentário sobre reconhecimento no trabalho, iniciar uma discussão sobre esse assunto com Henrique não seria inteligente da minha parte, ele adorava uma chantagem emocional, éramos sócios igualitários, dividido meio a meio. Sempre ficou determinado a divisão nas nossas obrigações, minha função era a parte criativa, a cozinha e o cardápio, já ele ficou com a administração, parte chata na minha humilde opinião, mas que ele adorava, só nos metíamos a área um do outro em casos emergenciais. Duda costumava dizer que realizamos o casamento perfeito nos negócios, ele a razão e eu a emoção.

— Como está indo à finalização da papelada para a abertura do buffet Sabores gourmet? — Pergunto mudando de assunto, estamos trabalhando dobrado, por causa desse novo projeto.

— Estou com tudo pronto, o aval para bebidas saiu, assim como o da vigilância sanitária e dos bombeiros, então falta apenas você entrar com seu toque de mestre para finalizar.

— Ótimo, amanhã mesmo começo, já tenho o projeto pronto é só colocar em prática.

— Fiquei sabendo que foi chamado na escola, de novo. O que a pequena delinquente aprontou dessa vez?

— Para de chamar a minha filha de pequena delinquente. E para sua informação ela salvou um ninho de passarinho com filhotes dentro. — Omitir detalhes sobre ela ter despencado do telhado talvez fosse melhor.

— Primeiro, pequena delinquente é um jeito carinhoso de chamar aquela coisa fofa e que adora uma boa encrenca e segundo, não acredito nem por um segundo que tenha sido apenas isso — ele se ergue e bate na minha perna. — Mas, infelizmente ou felizmente dependendo do ponto de vista temos um cardápio para repassar e uma *mise en place*[5] para fazer antes da

abertura, então deixaremos esse assunto para depois.

— Como você é caridoso, me deixou tocado — sigo-o para fora da sala. — Não foi tão ruim assim, poderia ter sido pior — no final ele acabaria descobrindo o que aconteceu de um jeito ou de outro.

— Tenho certeza que não foi. — Definitivamente deboche era de família.

Capítulo 14

Alyssa

— Não estou dizendo que ele está errado, acho apenas que foi muito severo com ela, Isa tem um coração inocente e verdadeiro, foi desnecessário o modo como se portou com toda a situação. — Depois do ensaio da orquestra vim jantar na casa da minha avó, estava ajudando a lavar os pratos e continuando a discussão iniciada na mesa sobre o incidente acontecido na escola mais cedo.

— Gaspar é o pai, é dever dele educar e dizer não — minha tia sempre racional e lógica sempre dava as opiniões mais assertivas sobre qualquer assunto que falássemos. — E venhamos e convenhamos Isa não é uma criança muito fácil de lidar, não por ela ser uma travessa, mas porque todas as encrencas em que ela se mete são por motivos altruístas e sinceramente fica até difícil de castigar. O grande problema é que ela acredita ser uma super-heroína indestrutível, não é a primeira vez e certamente não será a última, que ela vai se meter em situações como esta. — Ela tinha razão, enquanto Isa acreditar que pode ajudar de algum modo ela vai continuar ajudando, ela era assim não importava se fosse uma pessoa ou um animalzinho ela sempre estava disposta a ajudar, proteger e defender quando fosse necessário.

A cada dia ela ficava mais parecida com a mãe não apenas fisicamente, mas no jeito também, Duda era exatamente assim, protetora, principalmente com as pessoas que ela amava, mas esses seus instintos também se estendiam para os indefesos e necessitados.

— A menina é uma querida e concordo com Lys, Gaspar exagerou — Vovó sempre é a favor da liberdade de expressão de modo natural, temos isso em comum e também o espírito livre artístico.

— De qualquer modo cabe a ele decidir, afinal não é fácil criar uma filha sozinho e Gaspar vem fazendo um ótimo trabalho todo esse tempo. — Como sempre, minha tia tinha razão, principalmente sobre ele está fazendo

um ótimo trabalho com Isa.

— Está certíssima, querida. — Vovó fala concordando.

— Concordando comigo, mãe? Isso sim é novidade. — Estavam começando um daqueles momentos onde elas rebatiam uma a outra como gladiadores, adorava quando faziam isso.

— Não seja uma filha ingrata, sempre concordo com você quando se mostra coerente.

— Mesmo, mãe? Não me acha séria demais, e que levo sempre tudo ao pé da letra? — O tom irônico na voz dela e a cara engraçada da minha avó me dava muita vontade de rir.

— Acho que ganhou dessa vez — não consigo mais evitar e caio na risada. Vovó era a melhor, sempre acabava com a fingida discussão dando razão a tia Liliana, que agora também estava se acabando de rir. Terminamos de limpar tudo, sempre me divertia limpando com elas.

— Por isso te amo, mãe. — Vovó me encara e pisca um olho, o divertimento estampado em seu rosto. — Bom, acho que terminamos aqui, tenho que terminar umas mudas de bromélias para a finalização do jardim daquela nova casa de recepções no centro. Vai agora, Lys?

— Não, vou ficar um pouco mais.

— Passa na estufa para se despedir antes de ir.

— Passo sim. — Sai pela porta que dá acesso ao jardim dos fundos e laterais. Às vezes achava minha tia tão sozinha, desde o divórcio e a perda do filho nunca se envolveu com ninguém, nem mesmo me lembro de tê-la visto com algum namorado. Encaro minha avó que terminava de organizar uma das suas prateleiras de louça, ao perceber meu olhar se volta em minha direção.

— Pode perguntar, estou ouvindo as engrenagens dentro dessa cabecinha. — Vovó sempre sabia quando minha cabeça estava dando voltas.

— Nunca vi a tia namorando ou, sei lá, conhecendo alguém.

— Conhece Liliana, ela sempre foi bem reservada. Mas a verdade é que desde o divórcio ela realmente não se envolveu com ninguém, os poucos que tentaram se aproximar ela os repeliu. Sempre diz que um casamento já foi mais que suficiente.

— Casamento? — Falo meio espantada, de namoro a casamento é um passo enorme ou melhor são vários passos enormes.

— Exagero demais, sei disso, mas vai dizer isso a ela, conheço Liliana

há quarenta e quatro anos, ela passou por muitas coisas e não desmoronou, bem diferente da Clarissa — sempre era difícil para minha avó falar sobre minha mãe, todas as escolhas que ela fez, as decisões que a levaram ao fim. — Liliana é muito forte e determinada, sempre foi desde que era criança, Clarissa por outro lado sempre foi dependente, ciumenta e possessiva, sempre me pareceu que para ser feliz precisava do mundo aos seus pés. Agradeço a Deus todos os dias por você ter traçado seu próprio caminho. — Vovó podia ser forte, extrovertida e leve, mas também tinha suas fragilidades como todo e qualquer ser humano. Sabia que ela se preocupava muito com minha tia e comigo, assim como se preocupou com minha mãe a vida inteira, ela daria a vida pela da minha mãe, se pudesse teria feito isso, felizmente ela não podia, ninguém podia, ela havia traçado o próprio destino.

— Espero de verdade que não se culpe pelos erros que minha mãe cometeu.

— Não, querida, não me culpo, mas sou mãe, então é inevitável não me perguntar se as coisas não poderiam ter acontecido de outro modo. Depois que Clarissa se casou com César ela colocou uma barreira entre nós, apenas após o divórcio foi que voltamos a nos falar.

— Me lembro um pouco dessa época, ela nunca queria que eu viesse passar um tempo aqui, o vovô que sempre ia me buscar e falava umas verdades a ela e me trazia para a chácara, lembro que meu pai sempre ficava ao lado do vovô. Isso a deixava bem irritada.

— Sim, Clarissa tentava manter a família bem longe de nós. Nunca compreendi muito bem esse distanciamento do seu pai depois do divórcio, ele sempre me pareceu um homem razoável — esse era um assunto que me magoava muito, algumas lembranças da minha primeira infância não são muito claras para mim, as poucas coisas de que me recordo são depois dos seis anos, lembro das brigas entre meus pais, mas também me lembro de como eu e meu pai éramos próximos, da promessa que ele me fez de sempre estarmos juntos. Algo que ele não cumpriu. — Nunca achei que ele abandonaria a própria filha nas mãos de uma mãe relapsa.

— Podemos não falar sobre esse assunto? O passado tem que ficar no passado, vovó, é onde ele pertence. Tenho que ir, te amo.

— Também amo você — ela se aproxima me abraça apertado e beija minha testa. — Não esquece de passar na estufa e se despedir da sua tia.

— Claro que não, ligo amanhã — ela faz que sim.

Sigo em direção à estufa. Minha tia fez uma pequena reforma para aumentar a área de cultivo. No início desse ano ela ganhou dois prêmios com seus projetos, os trabalhos dela eram conhecidos em todo o estado. Florianópolis, Joinville, Criciúma, Concórdia, Canoinhas, Chapecó todas essas cidades tinham projetos dela, o mais impressionante é que na sua equipe só tinham mais três profissionais, muitas pessoas tentaram sociedade e todas as propostas foram recusadas. Uma vez perguntei por que ela não expandia a empresa, ela simplesmente respondeu que seu diferencial era a simplicidade e exclusividade, cada um dos projetos é único e com características próprias, disse que o dinheiro e reconhecimento eram apenas consequências de um trabalho bem feito, não pude discordar do seu argumento.

— Já estou indo — falo passando pela porta.

— Pensei que iria demorar um pouco mais, pode pegar a tesoura de poda? — Dou uma olhada na bancada e vejo a tesoura em cima da caixa de ferramentas, pego e entrego a tia Liliana.

— Tenho que acordar cedo amanhã, estou ensaiando com as crianças para o concerto de natal. As bromélias estão lindas — algumas mudas já estavam finalizadas, as plantas com grandes e espessas folhas estavam cheias de vida, a cor era de um roxo intenso muito bonito.

— Obrigada! Imagino como devem estar todos muito animados, mas não é um pouco cedo para começarem os ensaios, ainda falta muito até o natal?

— Não, temos três meses de ensaio, começamos semana passada. Pode parecer muito tempo, mas não é, na verdade é bem pouco — e era mesmo, se fosse comparar com ensaios normais de apresentações grandiosas onde era necessário que ensaios fossem feitos diariamente, como em orquestras profissionais. Mesmo sendo duas situações diferentes, uma apresentação era uma apresentação no final das contas, mas meu único desejo era que as crianças se divertissem. — Vou indo, te amo. — Beijo seu rosto, ela era como uma mãe para mim, a amava como se fosse.

— Também, não some.

— Pode deixar.

O sábado foi bem animado, acabei passando o dia todo na ONG. A instituição não governamental ficava no Loteamento Sol Nascente, foi onde fiz meu trabalho voluntário na época da faculdade. Cristina, diretora do

projeto, se tornou uma boa amiga, ela costumava dizer que seu único desejo é construir oportunidades. Todas as quintas eu dava aula de partitura às crianças, que não eram bem crianças estavam mais para pré-adolescentes e adolescentes, a festa de final de ano tinha como objetivo atrair mais colaboradores, todos os sábados vinha ajudar com os ensaios da pequena orquestra composta por vinte e oito adolescentes entre onze e dezessete anos. Todos os instrumentos eram doados, sete violinos, quatro trompetes, alguns instrumentos de percussão, seis flautas doce, dois oboés, três trombones, uma tuba e quatro violoncelos um deles doado por mim.

O regente era Nathaniel, um músico aposentado muito simpático, que tinha uns sessenta anos e que era muito querido por todos pela sua paciência e doçura, muitos dos instrumentos foi Nathan que conseguiu com seus contatos. A apresentação vai ser no Parque Villa Germânica dia 24 de dezembro, todos eles estão muito felizes e animados é a primeira vez que a Orquestra Esperança da ONG Nova Esperança do Sol Nascente (NESN) vai se apresentar, acho que eu estava mais nervosa do que eles. Ensaiamos repetidamente o repertório, depois da terceira vez parei de contar. A única palavra que definia os meus sentimentos por participar de tudo aquilo era amor.

Quando chego em casa já passava das cinco da tarde, estava faminta, mas definitivamente não queria comer congelado de novo, isso de jeito nenhum. Onde será que coloquei os cardápios de entrega daquele restaurante japonês? Procuro por toda parte e não encontro em lugar algum, acabo desistindo e como sempre indo para o plano B.

— Oi, Raquel, é a Lys... — Sabores era o único restaurante que eu sabia o número decorado. — Estou ótima, Henrique está por aí?... Pode passar para ele?... Obrigada! — Espero alguns segundos na linha até ouvir sua voz, algo que nunca mudou com o tempo foi a minha amizade com Henrique.

— Fico muito feliz em saber que ainda lembra de mim.

— Lembro sempre, meu bem, você está em meus pensamentos todos os dias — sua resposta é uma risada descontraída e gostosa.

— Amo sua honestidade, ela me comove, sabia? — Agora quem não consegue evitar sorrir sou eu.

— Me conhece, a verdade sempre, acima de qualquer coisa.

— Certo e do que precisa exatamente senhorita "verdade sempre acima

de tudo"?

— Preciso de uma porção de bruschettas, pappardelle à moda do chef e tiramisú à brasileira...

— *Nossa, a quem você quer impressionar?* — Pergunta interrompendo.

— É tudo para uma pessoa, seu paspalho, porque minha vida é um tédio solitário e eu não namoro há quase oito meses. Em quanto tempo pode entregar? Cheguei quase agora da ONG e estou morrendo de fome.

— *Sem drama sobre sua vida existencial amorosa, por favor. Se tivesse ligado antes de chegar em casa já estaria a caminho, sabe o número decorado, mas como sempre deixa tudo para cima da hora. Me dá uns trinta minutos, que vejo o que consigo com o chef, tá legal?*

— Então irei morrer à míngua no deserto, Gaspar vai fazer aquele sermão, o mesmo que acabou de fazer sobre meus pedidos em horários impróprios.

— *Ele pode até reclamar, mas sempre faz o que você pede e sabe bem disso.* – Meu sorriso se abre espontaneamente, era verdade ele sempre reclamava, mas sempre acabava fazendo o que eu pedia. — *Lys, vai tomar um banho, relaxar um pouco, seu jantar chega em alguns minutos.*

— Te amarei sempre por toda a eternidade.

— *E sem bajulação que meu ego já é bem grande.* — Diz em um tom divertido. — *Seu jantar chega logo, até mais.*

— Até. — Ele desliga e decido seguir seu conselho e ir tomar banho.

Quarenta minutos depois, Henrique bate na minha porta com um monte de sacolas e com seu ar descontraído de sempre. A quantidade de comida dava para um pequeno batalhão.

— Não acredito que fugiu do trabalho para jantar comigo, Gaspar vai ter um ataque — falo dando passagem para ele entrar.

— Carter está lá, treinei ele para ser uma cópia perfeita minha, só que sem meu charme, então está tudo sobre controle. — Me dá um beijo no rosto e vai em direção à cozinha. — Além do mais, fiquei com pena de deixar você jantar sozinha, como o cachorrinho que caiu da mudança.

— Obrigada, pela parte que me toca. Sua modéstia me deixa em choque, e só para saber, me dou muito bem com minha solidão, às vezes é melhor está sozinha do que mal acompanhada. — Ele me encara com um meio sorriso, enquanto vai retirando os pacotinhos de comida dos sacos, me sento na bancada e fico olhando.

— Não posso discordar de você sobre esse assunto, mas faz quase um ano que não fica sério com um cara. Amanhã vai ser aniversário de um amigo meu em uma boate, ele alugou o espaço por uma noite inteira, o que acha de vir comigo e se diverti um pouco? — Quase nove meses não era tanto tempo assim, ele estava exagerando.

A verdade era que eu estava cansada de me envolver com os caras errados, nunca tive um relacionamento que fosse leve, natural e que eu sentisse algo realmente verdadeiro.

— Amanhã não dá, já dei minha palavra para a Isa, prometei jantar com ela.

— Não acredito que vai recursar ir em uma festa de fim de semana para ficar com uma garotinha de sete anos. As coisas por aqui estão realmente bem mudadas, está parecendo o Gaspar. — Ele estava falando para me provocar.

— Nos últimos tempos tenho me divertido muito mais em momentos familiares do que em baladas — Henrique termina de colocar as refeições nos pratos, ajudo a organizar o balcão, o cheiro estava incrível, minha boca saliva apenas com o aroma. — E também adoro ficar com a Isa, nem sei por que estou me justificando e não me compara com seu primo, sou bem mais descolada do que ele. — Na primeira gafada já fecho meus olhos, simplesmente perfeito. — Falando nele, é ele que está na cozinha hoje? — Pergunto sabendo a resposta.

— Sim — sua resposta vem acompanhado de um sorriso, enquanto saboreia a comida. — O cara é um artista, por isso ganhamos a estrela.

Uma boa palavra para definir o trabalho dele "arte" era isso que Gaspar fazia, e agora ele tinha sido reconhecido como um dos melhores do Brasil.

— Você não fica falando isso para ele o tempo todo, não é? Porque ele já tem o ego dele bem elevado, aliás acredito que seja um mal de família, se ficar falando que ele é um artista vai acabar deixando-o ainda mais insuportável do que já é. — Henrique quase engasga com a comida em meio a uma crise de riso, me ergo um pouco do banco e bato em suas costas.

— Isso seria impossível, Lys, ele é arrogante por natureza, está no sangue — fala assim que se recompõe. — Todos os Chefs de cozinha que são brilhantes são arrogantes. Mas devo defender meu primo, sua arrogância é moderada e se limita à cozinha.

— Não vou discordar em relação a isso.

Nossa conversa durou um bom tempo, perdemos até mesmo a noção da hora. Não era tão fácil termos momentos assim, todos trabalhávamos muito, eu tinha dois empregos mais a ONG, Henrique tinha o Sabores e estavam abrindo um novo restaurante e um buffet gourmet para casamento e eventos, nossas vidas eram todas meio caóticas, via com mais frequência o Gaspar por causa da Isa e da escola, sentar com Henrique para conversar era um luxo e sempre perdíamos noção do tempo quando isso acontecia.

— Se mudar de ideia me liga, você está precisando dá uma volta e relaxar um pouco.

— Estou ótima e você vai ficar bem encrencado com seu sócio artista se demorar mais, ele já te ligou umas cinco vezes. — Falo caminhando com ele até a porta.

— Mais uma prova de que ele não sabe viver sem mim.

— Sua modéstia me assombra. Caso mude de ideia ligo para você, melhor ir logo. — Depois de beijar meu rosto, nos despedimos e ele vai embora.

Organizo a cozinha, depois que está tudo em ordem, decido ensaiar um pouco, tinha cinco passagens para repassar, quando tocava meu violoncelo o mundo parava. Vem na minha mente aquele momento, não entendo porque retirei minha mão da dele daquela forma. Me coloquei em uma posição defensiva e nem entendi muito bem, por que fiz isso. Era o Gaspar afinal de contas, o conhecia há quase dez anos, ele apenas colocou a mão dele sobre a minha, não foi nada demais. Tudo bem que senti um choque, erro as notas da segunda passagem pela segunda vez e repito novamente, dessa vez acerto. No final das contas desisto, meus pensamentos estavam me distraindo, não adiantava continuar ensaiando se minha cabeça estava em outro lugar.

O dia amanhece chuvoso e bem frio, dou uma olhada no relógio e já passava das nove, era a primeira vez em muito tempo que passava da hora. Me estico, alongo meus músculos ainda com uma preguiça horrível de levantar da cama, em dias assim só desejava ficar embaixo das cobertas. Dou uma olhada pelo meu quarto, ele estava precisando de uma geral, toda semana inventava alguma desculpa para não limpar aquela zona, decido que

hoje era um bom dia, com chuva ou sem chuva decido que hoje seria o dia da limpeza.

Passo a manhã e a tarde inteira limpando, tinha começado no meu quarto e se expandiu por toda a casa. Nem tinha me dado conta de quanto tempo fazia que eu não limpava o apartamento, encontrei pizza de duas semanas dentro da geladeira. Dizem que o ambiente diz muito sobre você, bem, o meu dizia que minha vida estava uma zona, o que não era exatamente verdade, minha vida profissional estava ótima, só a amorosa que estava meio estacionada no tempo e espaço, o que para mim era algo surreal, nunca fiquei tanto tempo sem estar em um relacionamento. Não que isso fosse algo ruim, não era, só estranho para alguém como eu que adorava namorar e manter contato, principalmente físico.

Quando termino a limpeza já passava das cinco da tarde, me apresso para tomar banho. Tinha parado de chover, mas o tempo ainda estava nublado. Nem estava tão tarde, mas prometi que chegaria cedo, separo uma roupa confortável e quente mais botas de cano alto sem salto, me visto rapidinho só coloco um gloss e estou pronta, não curto muito maquiagem, não que eu tivesse nada contra, apenas não gosto de usar muito.

Da minha casa até a do Gaspar era mais ou menos de quinze a vinte minutos de carro, a pé era mais ou menos o mesmo tempo às vezes até menos, já que de carro tinha o fator "trânsito" que não ajudava muito, então decido ir caminhando, o tempo estava gostoso de se caminhar, pelo menos para mim estava. Eu amo Blumenau, o cenário histórico e aconchegante em um contraste direto com o moderno me dava uma sensação de acolhimento ao caminhar pelas ruas da cidade. O tempo de caminhada foi de vinte e um minutos, se voltasse a chover mais tarde, poderia chamar um taxi. Não sou anunciada quando chego os porteiros já me conhecem, apenas cumprimento seu Manuel e subo.

Assim que aperto a campainha ouço o grito da Isa "Eu atendo", abro um sorriso involuntário. A porta é aberta acompanhada de um "Como a senhora demorou, Dinda" meu sorriso se abre ainda mais, já conversamos muitas vezes sobre ela me chamar de senhora, definitivamente não gostava dessa palavra. Infelizmente, o pai dela era chato demais com essa coisa de tratar os mais velhos, sem exceções.

— Demorei um pouco mais, porque vim caminhando — falo entrando e retirando meu casaco, o aroma de molho italiano impregnava a casa —

Nossa, que cheiro bom!

— Veio caminhando na chuva? O cheiro tá bom, né? Eu estava ajudando o papai, ajudei na massa. Veio mesmo andando até aqui? — Isa parecia uma metralhadora, sempre teve a mania de fazer mil perguntas ao mesmo tempo.

— Sim, vim caminhando não está mais chovendo só um pouco frio e gosto de caminhar quando o tempo está assim. Se estava ajudando seu pai a comida deve estar ainda melhor — pisco um olho para ela, que abre um enorme sorriso. — Onde Lika está? Ela vive sempre atrás de você. — Minha pergunta é respondida quando Gaspar surge na sala enxugando as mãos em um pano de prato, parecia estar de bom humor, mesmo com Lika em seus calcanhares abanando o rabo freneticamente. Um alarme soa na minha cabeça gritando sexy, ele usava um *suéter* escuro de mangas longas que estavam puxadas até os cotovelos, deixando os antebraços expostos, uma calça de moletom e um meio avental, a única coisa que eu esperava era não estar babando.

Me parecia pouco razoável que um pano de prato e um avental pudessem ser tão atraentes, ou talvez fosse apenas minha inegável carência. Tento apagar aquele pensamento ridículo da minha cabeça, o que seria muito mais simples se ele fosse menos bonito, meu tico e teco não estavam se entendendo muito bem, só podia ser isso.

— Boa tarde! — Fala abrindo um meio sorriso vendo a agitação da Isa — Alguém estava meio impaciente com seu aparente atraso.

— Percebi. O cheiro está incrível. — Uma das suas sobrancelhas levantam e seu sorriso alarga um pouco mais, aí está a arrogância do Chef de cozinha.

— Tive uma ótima sous chef, não é filha? — Com isso ele derruba meu comentário sobre sua arrogância.

— Quieta, Lika, é sim, papai. Sou uma ótima aprendiz, melhor que metade dos cozinheiros com quem ele já trabalhou, papai que disse.

— A melhor de todas. — Encaro-o e ele dá de ombros. — Falei apenas a verdade.

— Quem sou eu para questioná-lo, você é o chef experiente.

— Melhor guardar o casaco — tinha até esquecido, vou colocá-lo no cabideiro atrás da porta. — Filha, leva a Lika para a área de serviço acho que ela está apertada, com esse tempo não tem como levá-la lá fora.

— Levo papai, vem Lika. Já volto.

— Ela te adora, é o herói dela — não consigo evitar e comento, mas era a verdade, Isa idolatrava o pai. Depois da morte da Duda, eles dois construíram laços estreitos.

— E ela é minha vida, tudo o que tenho. Vamos para a cozinha. — Fala já se direcionando, sigo logo atrás.

— Sei bem disso, você só ladra, mas não morde, sempre acaba fazendo as vontades dela, mas não posso culpá-lo por isso acabo sempre fazendo a mesma coisa. Sei que não a colocou de castigo pelo que aconteceu com os ninhos de passarinho.

— Não, mas fui bem severo — ele destampa uma das panelas e o aroma que senti quando cheguei se intensifica. — Exigi que nunca mais fizesse isso e ela me prometeu que nunca mais faria.

— E você acreditou?

— Fingi acreditar, se voltar a acontecer vou ter que ser drástico, ela não pode se colocar em risco desse modo. E antes que você fale que estou exagerando, sabe bem que não é exagero, ela faz isso o tempo todo, qualquer momento ela pode se machucar de verdade por causa dessas aventuras de resgate, prefiro evitar antes que aconteça.

— Só ia falar que concordo com você, não precisa ficar tão na defensiva — a cara que ele faz é no mínimo engraçada. – Não sei por que parece tão surpreso com meu comentário.

— Talvez seja porque você nunca concorda comigo.

— Isso não é exatamente verdade, mas não vem ao caso agora. Você tem razão, Isa é impulsiva ela faz sempre o que acha certo sem pensar muito as consequências se não tiver freios pode acabar se machucando. — Ele ainda parecia meio descrente com minhas palavras, não entendia por que, sempre fui uma pessoa bem razoável. Tudo bem, talvez não sempre, mas quando estou errada não tenho vergonha em reconhecer meus erros.

— É um alívio saber que consegue ser razoável quando se permite isso. — Seu comentário não me surpreende, Gaspar sempre teve uma visão meio distorcida sobre mim, talvez seja pelo modo como nos conhecemos, as pessoas sempre falam que a primeira impressão é a que fica, o que não acho nem um pouco justo.

— Muito engraçado, sou muito madura em reconhecer quando tenho opiniões e ideias erradas.

— Estou feliz em finalmente conhecer esse seu lado depois de tantos anos — sabia que ele estava falando aquilo para me provocar, quando ia responder a altura Isa volta, sentando-se no balcão ao meu lado.

— Prontinho, papai, Lika demorou muito para fazer xixi, deixei ela na varanda.

— Obrigada, princesa — ele se aproxima e beija sua testa. — Quem está com fome?

— EUUU... — Isa e eu gritamos juntas erguendo as mãos e começamos a rir.

— Muito bem, o que acham de começarem a colocar a mesa?

— Não, papai, vamos comer na sala, no chão é bem mais divertido.

— Concordo com a Isa.

— Tudo bem, vão organizando, enquanto finalizo os recheios para os tacos e os molhos, as pizzas estão quase prontas também.

— Teremos México e Itália juntas hoje? — As duas comidas que eu mais amo no mundo inteiro, tacos e pizza, eu estava no paraíso.

— México e Itália com um pouco de temperos brasileiros.

— Vem, dinda, vamos logo preparar tudo, eu estou com fome. — Saímos da cozinha com Isa me arrastando até a sala.

Isa estava certa, foi muito mais divertido comer no chão. Rimos e nos divertimos muito brincando de mímica, a comida estava tão boa que comi mais do que devia, passava das nove quando Isa cansou de brigar contra o sono e capotou.

— Ela apagou, literalmente — Gaspar fala retornando do quarto, eu já estava terminando de organizar a zona que tinha ficado na sala. — Agora sei o que fazer quando ela não estiver a fim de dormir.

— Mesmo? O quê? — Limpo algumas bandejas que ainda estavam em cima da mesa de centro, enquanto aguardo sua resposta.

— Chamo você para jantar. — Encaro-o sorrindo.

— A cada dia ela está mais parecida com a Duda, é impressionante. — Era verdade, elas realmente estavam, volto a organizar as coisas, Gaspar junta-se a minha arrumação.

— Sim, não apenas fisicamente, mas na personalidade também.

— Principalmente na personalidade — ele estava certo. Terminamos de guardar o último brinquedo e pego a bandeja de pizza suja, levo até a cozinha, Gaspar vem logo em seguida trazendo as outras bandejas vazias.

— Infelizmente ela também tem muito de você na personalidade — comento para provocá-lo.

— Devo me sentir ofendido por seu comentário inoportuno? Pode deixar que faço isso. — Diz quando tento começar a lavar os pratos.

— Você cozinhou, eu lavo.

— Não, você é convidada pode deixar que me encarrego disso — fala retirando a esponja de pratos das minhas mãos. Ele me encara por alguns segundos segurando uma das minhas mãos, acho que nem percebeu, quando a escorrego para desvencilhá-la. — Além disso, tenho medo que acabe quebrando meus pratos do jeito que é desastrada. — Fala por fim.

— Não sou desastrada, consigo me virar muito bem, mas se insiste em não me deixar ajudar, para mim está ótimo. Posso me sentar aqui e apenas olhar. — É exatamente o que faço, me sento e fico olhando-o, enquanto lava e organiza tudo. Tinha alguma coisa em homens que se sentem confortáveis na cozinha, charme ou talvez um pouco de sensualidade ou talvez esteja ficando meio doida, estava era precisando de uma bebida para não pensar em tanta bobagem.

— Tem alguma coisa para beber?

— Tenho vinho, segunda prateleira dentro do congelador. — Me levanto, vou até a geladeira e pego a garrafa de vinho ainda lacrada, estava bem gelada do jeito que eu gosto.

— Não deveria colocar no congelador, pode congelar.

— Coloco apenas para gelar depois retiro. — Pego uma taça no armário, volto para meu lugar e mesmo sem querer começo a observá-lo novamente. Seu antebraço era forte, fico admirando a contração dos músculos, enquanto ele se movimentava, aquele era seu ambiente natural, Gaspar dominava a cozinha, era hipnotizante. Minha carência devia estar no limite, nunca tinha pensado nele desse modo, quer dizer, uma vez há muito tempo no dia em que nos conhecemos e agarrei-o sem nem saber o seu nome. Melhor parar de pensar nessas coisas, é algo que nunca vai acontecer.

— Quando pretendem inaugurar o novo restaurante? — O melhor caminho sempre era assuntos de trabalho ou o tempo, mas trabalho é o

melhor sempre.

— Se tudo continuar bem, na segunda semana de janeiro. Estão faltando alguns documentos e alguns detalhes que precisamos organizar. — Termino minha primeira taça e coloco mais vinho, não entendo muito sobre os vinhos, mas esse estava delicioso.

— Achei que vocês já estavam com quase tudo finalizado.

— E estamos, mas ainda falta o acabamento da obra e a liberação de alguns documentos, Henrique vai passar uma semana em Florianópolis no mês que vem para fiscalizar a finalização, não queremos inaugurar em dezembro por causa das festas de fim de ano e como sei que vamos ter muito trabalho assim que inaugurarmos achei melhor esperar até janeiro. — Entro na minha terceira taça. — Vai com calma, esse vinho é saboroso, mas tem um teor de álcool bem alto.

— Isa vai adorar passar as férias em Florianópolis. Para de fiscalizar o quanto estou bebendo, não seja chato. — Ele dá um sorriso discreto e balança a cabeça parecendo incrédulo.

— Você quem sabe, depois não diz que não avisei — ele termina de lavar e limpar tudo, coloca os pratos no escorredor, pega uma taça, senta de frente para mim no balcão e se serve do vinho.

— E quem vai tomar conta da cozinha no Sabores lá de Floripa? Você não vai poder tomar conta de dois restaurantes ao mesmo tempo, muito menos ficar carregando a Isa pra cima e pra baixo.

— Eu sei, já estou entrevistando alguns chefs com ótimas referências, meu plano é ficar apenas as duas ou três semanas iniciais só para adaptação e para mostrar o serviço, depois fico apenas aqui e dou um pulo lá uma ou duas vezes por mês para ter certeza de que está indo tudo bem.

— E o Buffet? Como vão administrar tudo? — Ele toma o vinho lentamente com seus olhos sobre mim.

— Tanta curiosidade — fala quando baixa a taça, completei minha taça novamente, enquanto ele ainda saboreava a primeira. — Contratamos mais pessoas para a equipe e como o buffet vai ser interligado diretamente com o restaurante aqui, vai ser direcionado a um tipo específico de evento, então estou tranquilo.

— Isso me parece muito bom, assim não diminui seu tempo com a Isa — nossa, já estava ficando meio zonza, não tomei nem cinco taças inteiras e já estava assim, Gaspar tinha razão, o vinho pode ser delicioso, mas é muito

forte.

Olho no meu relógio, já passava das dez, hora de ir para casa. Me levanto, mas tenho uma leve vertigem e seguro no balcão, não consigo conter uma risada idiota. Devia ter ouvido esse chato.

— Tudo bem? — Pergunta segurando meu braço. Como foi que ele chegou perto de mim tão rápido? Ele estava do outro lado do balcão, foi bem rápido.

— Estou legal — falo ainda sorrindo, me controlo um pouco e me apoiando no balcão consigo me erguer com um pouquinho de dignidade. — Sem danos permanentes. Viu só? Estou ótima.

— Estou vendo — o tom irônico em sua voz deixa bem claro que o que ele queria falar na verdade era "eu te avisei para não exagerar".

— Acho melhor ir para casa, amanhã nós dois temos trabalho. — Nem percebo o momento em que suas mãos vão parar na minha cintura, nem por que de repente ficamos tão próximos um do outro, talvez fosse minha cabeça me pregando peças.

— E eu acho melhor você dormir aqui, está apoiada no balcão, só por isso ainda não escorregou até o chão.

— Que absurdo, está exagerando. Estou ótima e não vou dormir aqui. Além disso vou chamar um taxi, em vinte minutos chego em casa. Melhor tirar as mãos da minha cintura, prometo não desmaiar ou escorregar até o chão.

— Desculpe — diz já me soltando. — Nem percebi que ainda estava te segurando. — Ou eu estava bêbada demais ou então imaginando coisas, mas poderia jurar que ele ficou sem graça, quando percebeu onde suas mãos estavam. Ele me solta e retoma sua postura teimosa. — Não vejo qual é o problema em dormir aqui, já fez isso várias vezes e é bem mais seguro do que ir para casa nessas condições.

— Não estou bêbada, talvez um pouco zonza, mas bêbada não. Não tem problema nenhum dormir aqui, apenas não me sentiria confortável.

— Que pena, porque já que não vai ficar, vai perder o café da manhã digno de hotel cinco estrelas que eu vou fazer, mas como não se sente confortável, não vou insistir.

Não entendia esse empenho dele para que eu ficasse, não estava tão alterada assim, talvez só um pouquinho, mas eu nem ia dirigir, agora usa um super café da manhã para me manipular era sacanagem.

— Isso não é nada justo, me manipular dessa forma, só para me convencer — ele dá de ombros. — Ok, vou ficar, mas quero deixar bem claro que sobre protesto e você deu sorte que amanhã tenho aulas a partir do segundo horário. Para seu bem, acho bom que essa mesa de café da manhã esteja igualzinha ao de um hotel cinco estrelas. — Dava muita vontade de bater na cara cheia de dentes dele.

O quarto de hóspedes estava impecável como de costume, Mira sempre o mantinha assim, principalmente por causa da tia Laura que às vezes vinha passar alguns dias com a Isa. Gaspar tinha muita sorte de ter a Mira, ela veio para ficar algumas semanas com eles e acabou se apegando a Isa e ficando, a pequena conseguiu o que a Lívia passou anos tentando fazer com que Mira ficasse com eles.

Saio do banheiro renovada, tudo de que precisava era de uma ducha. Visto um pijamão de flanela que vai quase até meus joelhos, ele era da Duda, uma das poucas coisas dela que ficou quando tia Laura e eu separamos seus objetos pessoais para doação. Assim que termino de me vestir, ouço batidas na porta.

— Pode entrar! — Gaspar entra trazendo um copo de suco de laranja e um comprimido e me estende. — E isso é o que exatamente?

— Vai se sentir muito melhor amanhã, esse comprimido é milagroso — ele cismou que estou bêbada, só fiquei um pouco zonza porque não tenho costume de beber vinho e exagerei um pouco, nada demais pelo menos nada que já não tenha acontecido antes.

— Estou bem, Gaspar, de verdade. Acabei de sair do banho e me sinto ótima, só exagerei um pouco no vinho — ele não diz nada apenas fica me encarando, meio estático. — Oi? Gaspar! — Chamo.

— Desculpe — diz retornando ao presente. — É que... Duda adorava esse pijama.

— Foi a única coisa que encontrei para vestir, se quiser posso tirar... — Não conseguia ficar de boca fechada — Achei que não ia se importar...

— Não me importo — fala me interrompendo. — É que faz tempo que não via, estava guardado dentro do closet, como encontrou?

— Como eu disse, fui procurar alguma coisa para vestir e encontrei o pijama, não é como se ele estivesse escondido, o encontrei pendurado atrás do espelho no final do closet.

— Tudo bem, toma o suco e o comprimido, vou dormir. Até amanhã.

— Ele nem me espera responder, simplesmente vai embora.

Não consigo dormir de imediato, parecia que meus pensamentos sempre teimavam em voltar para o mesmo ponto, Gaspar meus recorrentes pensamentos estranhos ou atração, de uns tempos para cá esses pensamentos vinham se apresentando mais constantemente do que gostaria. Depois de um tempo rolando na cama, tentando compreender o que estava acontecendo comigo, finalmente consigo desligar minha mente e dormir.

Capítulo 15

Mais um imprevisto com o fechamento contratual com um dos fornecedores do novo restaurante que eu tive que resolver, já que Henrique teve que viajar para Florianópolis, definitivamente meu departamento não é a área burocrática, mas a crise foi solucionada, e ele estava de volta. Ando contando os dias para a inauguração, dois meses para o final do ano e início das férias da minha pequena, faltava pouco agora. Tive que ir correndo comprar a fantasia de halloween dela para a festa da escola, porque mais uma vez acabei esquecendo, sempre esqueço essas coisas e quem me lembrou mais uma vez foi a Lys. Ainda estava tentando entender o que aconteceu comigo na noite em que ela dormiu na minha casa, quando a vi vestida com o antigo pijama da Duda foi estranho, mas não um estranho ruim, foi um estranho bom.

Ela estava tão linda, mas Lys é uma mulher linda. Sempre a achei atraente e sempre achei que os caras que ela namora são uns babacas que não a merecem, mas nunca tive sentimentos românticos por ela, só que naquela noite foi diferente. Se tivesse que descrever o que senti acho que atração poderia ser uma boa definição, ela ficou bem contrariada em ter que dormir na minha casa, algo que eu realmente não entendi muito bem, já tinha dormido lá inúmeras vezes, mas não podia deixá-la sair alterada daquela forma, mesmo que ela não fosse dirigir e ficasse insistindo que estava bem, sou superprotetor sempre fui assim. Mesmo que não tenha gostado, fiz o que achava certo.

Não tinha certeza se essa "atração" foi pelo pijama, algo que acho improvável, no final das contas é apenas uma roupa, ou talvez seja apenas minha solidão, ou quem sabe a saudade absurdamente infinita que sinto da Eduarda. Ainda pensava nela todos os dias e todas as noites, para ser honesto não saberia responder caso me perguntassem se algum dia seria capaz de não

sentir tanta sua falta, como sinto agora.

A última vez que estive ligado intimamente a uma mulher foi com ela, quando me refiro a intimidade, não falo de sexo e sim de estar conectado a outra pessoa por sentimentos reais, verdadeiros e não sinto isso há muito tempo, pouco mais de três anos para ser bem exato. Minha cabeça fica uma bagunça todas as vezes que penso sobre esse assunto, talvez seja apenas coisa da minha cabeça. O que vivi com a Duda é algo que só se tem uma vez na vida. Chega, ficar pensando sobre isso é ridículo, além disto Lys e eu convivemos por tempo demais, nos conhecemos o suficiente para nosso próprio bem, somos opostos como água e óleo. Me desconecto desses devaneios e volto a me concentrar em finalizar o cardápio e listar o que tenho que fazer no final de semana, esse seria bem movimentado, era final de mês.

A festa do halloween da escola vai ser amanhã, tinha que ser logo no sábado à tarde? Em um dos dias em que mais trabalho. Ouço risadas vindas da área do estoque. Raramente trazia Isa ao restaurante, mas quando ela vinha todos os funcionários caiam de amores, ela tinha um jeito único de convencer todos a deixá-la "ajudar" como costuma repetir sempre.

Vou até a sala do estoque, ficava quase ao lado da minha, encontro Henrique com minha filha quase dentro da área refrigerada tentando pegar alguma coisa, ambos de costas para mim cochichando animados, a risada da Isa denunciava que estavam aprontando, às vezes era difícil saber quem dos dois era mais criança, principalmente quando estavam juntos.

— Parece que estão se divertindo muito. — Os dois se viram na minha direção ao mesmo tempo e como suspeitei suas caras confirmam que estão de fato fazendo alguma coisa que não deveriam estar fazendo.

— Oi, papai! — Fala com uma expressão inocente, essa eu conhecia muito bem.

— E aí, Gaspar!

— O que estavam fazendo?

— Vamos fazer uma banana split com muita calda de morango. — Henrique dá um cutucão nela — Ai, tio, doeu!

— Não fiz com tanta força e tem sempre que contar tudo a ele? — Fala questionando minha pequena, como se tivessem ambos sete anos, sempre ensinei para Isa que a verdade entre nós dois era prioridade, nem sempre esse acordo era cumprido, mas na grande maioria das vezes sim.

— Claro que sim, tio, o papai não vai brigar, não é, papai?

— Depende — ela me encara com um lindo "o" na boca que me dá muita vontade de rir. Espero mais um pouco para fazer suspense. — Vocês estavam pensando em fazer para mim também? — O sol se abre no rostinho dela, através de um enorme sorriso iluminado. Pisco para Henrique que parecia incrédulo, era final de tarde, então normalmente não permito que Isa tome sorvete ou coma outras sobremesas antes do jantar, mas uma vez ou outra esporadicamente não tinha problema.

— Na verdade não, papai, mas podemos fazer. Não é, tio? — Henrique estreita os olhos me encarando.

— Não vai fazer um discurso dizendo que comer besteira a essa hora faz mal à saúde? Ou algo do tipo? Esse seu comportamento passivo está me assustando.

— Deixa de ser idiota, sou muito razoável, além do mais, às vezes abro exceções, quando se é pai de uma pimentinha que adora bancar a super-heroína ser flexível é a primeira coisa que se aprende.

— A super-heroína sou eu? — Pergunta animada.

— Quem mais seria, princesa? — Ela abre um sorriso, vem até mim erguendo os braços, pego-a, ela me beija na bochecha, segurando meu rosto com as duas mãozinhas.

— Você é o papai mais lindo do mundo todo.

— E você a filha mais esperta, corajosa, linda e maravilhosa de todo o universo.

— Vocês dois parecem um comercial de margarina. Cadê os sermões que os pais costumavam dar nos filhos por serem levados? — Henrique pergunta aparentando decepção, ele era inacreditável.

— Que engraçado você é, tio. — Diz sem levar o paspalho a sério. — Ajuda a fazer a banana split, papai?

— Claro que ajudo, amor, e depois de tomar seu sorvete vai para casa ficar com a Mira. — Sua careta é lindinha e tento segurar o riso para ser firme.

— Mas, papai!

— Sem mais, papai. O que estavam procurando?

— A calda de morango e chocolate, aquela caseira que sempre faz para colocar nas sobremesas e que parece um mocho doce ou algo do tipo.

— Não está aqui, os dois venham comigo. — Conduzo eles até a cozinha, que já estava a pleno funcionamento, os guio pelo único corredor

que ainda estava livre até a pequena área das sobremesas.

Pego os ingredientes e começo a preparar a banana split com a ajuda da Isa, ela adorava cozinhar, tinha adquirido o amor pela cozinha e pelos sabores assim como eu. Sempre que estava na cozinha ela me pedia para ajudar com alguma coisa, tinha muito orgulho da minha mini chef, caso decidisse seguir essa carreira, com certeza seria brilhante, mas isso dependeria dela, no final das contas Isa será o que desejar ser.

Aproveito que estou próximo do serviço e dou algumas orientações, dois auxiliares tiram dúvidas. Termino a sobremesa com muito chantilly e calda de morango para mim e para Isa, a calda de chocolate coloco para Henrique. Entrego a dele e pego a que vou dividir com a Isa, ele encara as duas sobremesas e olha para mim.

— A dela é maior que a minha, isso não é certo, sou quatro vezes maior que ela. — Isa solta uma risadinha. — Fica rindo porque é privilegiada, já que é a filha do chef.

— Você é bem engraçado, tio Henrique.

— Você sabe que ela tem apenas sete anos, certo? — Ele dá de ombro de um jeito engraçado. — Deixa de ser ridículo, essa não é apenas para a Isa é para mim também. — Não consigo acreditar nele às vezes, depois da minha declaração ele começa a comer, dou umas quatro colheradas e o restante Isa se esbalda. Enquanto degustávamos a sobremesa, Henrique me relatava todos os avanços do projeto, diz que está pensando em contratar outro administrador, com Isa distraída conseguimos colocar bastantes coisas em dia. Já eram quase seis horas e abríamos o Sabores às seis e meia.

— Hora de ir sous chef, papai tem que trabalhar.

— Não posso ficar só um pouquinho para acompanhar o início do serviço. —Meu coração fica dividido, ela já ficou algumas vezes, o problema é que quando fica, acaba ficando até o final do serviço. — Fico bem quietinha, prometo. — Uma vez só não tem problema e amanhã é sábado, argumento comigo mesmo.

— Tudo bem — ela bate palmas e agarra meu pescoço, faz isso com facilidade já que está sentada no balcão de inox. — Mas não...

— "Não vamos fazer disso uma habito, é apenas uma exceção" — Repete perfeitamente a frase que sempre uso quando abro uma concessão, tentando imitar meu jeito de falar sem muito sucesso.

Isa sempre foi precoce para a idade, quando tinha cinco anos a

orientadora pedagógica me aconselhou a solicitar uma avaliação com o objetivo de adiantar um ano letivo, a própria orientadora falou com a diretoria, como esperado Isa passou na prova com uma excelente pontuação, sua adaptação também foi muito boa e conseguiu acompanhar o ritmo da nova turma sem dificuldades, mesmo os alunos sendo um ou dois anos mais velhos. No início achei que talvez fosse superdotada, mas a psicopedagoga e a psicóloga disseram que ela apenas tem o *QI*[6] um pouco acima da média, algo que não é incomum, muitas crianças têm facilidade em aprender, algo a ver com a neuroplasticidade, foi o que ela disse.

— Exatamente! Vejo que entendeu direitinho. — Confirma balançando a cabeça com seu habitual sorriso.

Ligo para liberar Mira, geralmente quem ficava à noite era uma babá que cobrava por hora, mas às vezes Mira ficava, nos despedimos e assim que desligo o telefone ouço a porta de acesso se abrir.

— DINDA! — Grita pulando da mesa e saindo em disparada, indo em direção a Lys, que abre os braços para recebê-la, as duas se abraçam forte, Isa se desmancha em sorrisos e começam a conversar animadas. Isa começa a tagarelar sobre seu dia.

As duas pareciam uma coisa só quando estavam juntas, Lys não foi muito presente na primeira infância da Isa, quando ela foi estudar nos Estados Unidos, minha filha era apenas um bebê de meses, Lys acompanhou seu crescimento via internet. Assim que voltou ao Brasil, depois de tudo pelo que todos nós passamos, elas construíram um elo, uma forte ligação, como se de algum modo elas tivessem se tornado âncoras uma da outra para conseguirem superar a perda. E foi através dessa ligação que Lys manteve a memória da Duda viva para a Isa e isso é algo que nunca terei como agradecer.

— A senhorita não deveria estar em casa?

— Não, não, hoje é dia de ajudar o papai. — Lys me encara.

— Mesmo? E quem disse que hoje é o dia de ajudar o papai?

— Euzinha e o papai deixou. — Ela fica claramente surpresa com a afirmação, dou de ombros.

— Hoje é sexta-feira, uma vez não vai me tornar um pai relapso — Lys sorri e percebo Henrique revirando os olhos.

— Sabe o que eu acho? — Isa responde "não" balançando a cabeça. — Acho que a senhorita é muito espertinha e tem o papai ali na palma dessas mãozinhas pequenas. — Ela solta uma risadinha engraçada e dá um beijo

molhado no rosto da Lys que a coloca no chão, depois de retribuir o carinho.
— Estava passando e achei melhor pegar meu jantar já que estava por perto.

— A cozinha ainda não abriu. — Henrique fala ao se aproximar, cumprimentando-a com um beijo no rosto.

— Eu sei, ia tomar um sorvete enquanto esperava, não vai demorar muito tempo mesmo e posso ficar com a Isa, enquanto espero.

— Fizemos banana split, dinda, ajudei o papai e tudo. Mas já comemos tudinho. — Fala parecendo desolada.

— Que pena, adoro banana split, mas pode fazer outra para mim. O que acha?

— Posso sim. Papai, ainda tem sorvete?

— Tem sim, filha. — Pego os ingredientes novamente, coloco na bancada e ela começa a preparar a sobremesa do jeito dela.

Henrique se retira para organizar as reservas e verificar se tudo está pronto e alinhado para abertura, uma rotina diária que seguíamos religiosamente. Abrimos duas vezes por dia, no almoço e no jantar. Como tínhamos um pequeno intervalo entre os dois, respeitar essa rotina era essencial para realizarmos um bom trabalho. O cardápio era modificado e melhorado semanalmente, esse era nosso maior diferencial, assim como as adaptações que eu fazia nas receitas, colocando ingredientes brasileiros, até aqui está dando muito certo.

— Mira não pôde ficar com ela hoje?

— Pôde sim, só que trouxe ela para ficar um pouco e...

— Ela te convenceu a deixá-la ficar? — Pergunta interrompendo minha fala.

— Exatamente, fomos comprar a fantasia do halloween, de lá viemos para o restaurante. A propósito obrigada por ter me lembrado.

— Imaginei que tivesse esquecido.

— Imaginou certo.

— Acabei, dinda, prova. — Isa fala empurrando a taça de sobremesa para Lys, que prova colocando uma colherada na boca, impossível não querer rir com a carinha de expectativa que Isa faz esperando pela avaliação da madrinha, a ansiedade transborda dela.

— Hum... Está delicioso, vai ser uma ótima chef.

— Vou mesmo. — Fala com segurança e muito orgulhosa de si mesma.

— E muito modesta também. — Ela amplia o sorriso

— Chef! — Um dos auxiliares da cozinha me chama. — Não tenho certeza se o carré de cordeiro vai ser suficiente para hoje.

— Vai sim, eu mesmo verifiquei, mas vou dá uma conferida geral.

— Certo, a mise en place está finalizada. — Comunica por fim e se retira.

— Fico com a Isa, pode ir.

Dou um beijo na minha filha, agradeço a Lys e vou trabalhar.

Estava tudo pronto, não demora muito para o restaurante lotar quando as portas se abrem, coordenar mais de sessenta pratos diferentes ao mesmo tempo sempre era uma loucura, mas nada melhor do que a experiência para nos ensinar. Lys jantou no restaurante e acabou ficando com Isa, o que me deixou tranquilo, todos estavam bem ocupados e ela ficar solta pela cozinha não era uma boa ideia.

As duas ficaram conversando e observando o serviço, Isa sempre puxando conversa com os auxiliares ou com qualquer um que chegasse perto dela. Depois de quase três horas de serviço tiro um intervalo e deixo o Laerte assumir, em poucos meses seria ele a assumir a cozinha do Sabores de Florianópolis, e eu tinha que admitir que fiz uma ótima escolha, Laerte é um profissional muito competente.

Dou uma olhada ao redor e não vejo nem uma das duas, onde será que elas se meteram? Vou até meu escritório e encontro-as no sofá, Isa com a cabeça no colo de Lys ressonando suavemente, enquanto recebia cafuné da madrinha que parecia muito concentrada em mimá-la. Lys volta sua atenção para mim ao ouvir o som da porta abrindo e nos encaramos por uns instantes, ela realmente era uma mulher linda, um sorriso se forma em seus lábios, seus movimentos ao acariciar os cabelos de Isa são suaves.

— Ela começou a bocejar, então a trouxe para cá, não demorou nem cinco minutos e já estava assim. — Fala com um tom baixo na voz, mesmo que não fosse necessário, Isa já era acostumada com os barulhos vindos da cozinha, já tinha dormido naquele escritório inúmeras vezes. Entro fechando a porta atrás de mim.

— Tudo bem, o dia foi bem cansativo para ela, só deixei que ficasse porque amanhã ela pode dormir até mais tarde. — Sento-me na mesinha de centro de frente para ela e acaricio seus cabelos.

— Posso levá-la em casa, se quiser.

— Dispensei a Mira, ela ficaria com Isa, hoje é o dia da folga da babá.

— Fico com ela até você chegar, não tem problema nenhum, estou de carro e juro que não bebi uma só gota de vinho. — Diz com gracejo.

— Chego muito tarde, geralmente depois da meia noite, vai ficar tarde para você voltar para casa.

— Não sou uma donzela indefesa, além disso, são menos de vinte minutos da sua casa até a minha já que não tem trânsito. – Ela tinha razão, talvez estivesse exagerando, mas não conseguia evitar, sou assim, só que Lys é apenas uma amiga, então era melhor me frear.

—Tudo bem, levo ela até o carro. — Vou até minha mesa para pegar as chaves de casa e as entrego a Lys.

— Vamos! — Com sua ajuda ergo com cuidado Isa do sofá, ela abre a porta do escritório e seguimos para fora do restaurante pela porta dos fundos, minha princesa estava crescendo, às vezes esse pensamento me dava um pouco de medo e assustava, para mim ela sempre seria minha pequena.

Caminhamos lado a lado até o estacionamento lateral, onde Lys havia deixado o carro. Assim que chegamos ela passa na minha frente para destravar o carro abrindo a porta, uma pequena lufada de ar passa por mim e sinto seu perfume, nunca tinha tido tanta consciência dela como vinha tendo nos últimos dias, não sabia o que isso significava ou se realmente significava alguma coisa, o que me deixava ainda mais confuso. Com sua ajuda, acomodo Isa no banco de trás e coloco o cinto de segurança nela.

— Vou tentar chegar mais cedo hoje. — Minha preocupação não era Isa, sabia que ela estava em ótimas mãos. Estava receoso por causa da Lys, no fato dela ter que ir sozinha para casa de madrugada.

— Não se preocupa com isso, relaxa um pouco, não tem pressa, já disse que te espero. — Uma brisa discreta faz seus cabelos voarem e o seu cheiro me envolve me deixando embriagado. O que estava acontecendo comigo?

— Por que não dorme lá em casa hoje? – Realmente tinha acabado de convidá-la para dormir novamente na minha casa? Não que eu achasse algo demais, só que ela dormir lá porque exagerou na bebida é uma coisa, convidar sabendo que ela está de carro e mora relativamente perto é outra completamente diferente, apenas o fato de estar pensando incansavelmente sobre isso me fazia sentir meio idiota.

É a Lys, pois é, é a Lys e aparentemente estou me sentindo atraído por ela, acho que isso não é nada bom, na verdade parece uma péssima ideia.

— Porque tenho casa e ela fica bem perto da sua.

— Então, até mais tarde. — Ela me beija no rosto, algo que normalmente faz com todo mundo, abraçar, beijar e expressar carinho era algo muito característico dela.

— Até – diz entrando no carro, acena um tchau e vai embora.

Para mim era difícil acreditar que estava acontecendo. Depois de todo esse tempo, sentir algo assim por outra pessoa. Desde que Duda morreu foi como se parte de mim tivesse ido com ela, foram meses para conseguir me abrir até mesmo com minha família. Naqueles meses meu mundo se resumia a minha filha, depois que retornei ao trabalho, minha vida se resumiu a trabalhar e cuidar da Isa. O primeiro ano foi o pior, no segundo a dor foi diminuindo, hoje ainda é difícil, mas a saudade é mais presente que a dor. Estar com outra mulher na cama, depois de mais de cinco anos com uma única pessoa, sem mencionar nos quase três sem me envolver com ninguém, foi diferente do que imaginei, o sexo sem a intimidade e o amor era superficial, apenas uma satisfação momentânea, uma necessidade física. Não imaginei que esses sentimentos voltassem a fazer parte da minha vida, muito menos que seria a Lys que os despertaria, ela esteve presente todo esse tempo nos dando apoio e sendo um suporte na vida da Isa, algo que nunca terei como agradecer.

Retorno ao trabalho, o ritmo do serviço não diminui até dez horas, normalmente fechamos a cozinha às dez e meia, o bar um pouco mais tarde, hoje acabamos tendo que estender o funcionamento até um pouco mais tarde, meus planos de sair cedo foram por água abaixo, quando encerramos o expediente já era quase uma hora da manhã.

Henrique me convida para ir a uma casa de show que inaugurou há poucas semanas, às vezes ele esquecia que eu tinha uma filha ainda pequena, além do mais tinha que liberar a Lys, recuso o convite e vou para casa. O bom de morar no centro é que tudo fica perto, o que facilitava muito minha vida.

Quando abro a porta, não vejo Lys na sala ou na cozinha, nem no quarto com Isa, que já dormia profundamente, procuro no quarto de hóspedes e nada, quando volto para a sala percebo a porta da varanda aberta, as cortinas de linho esvoaçando suavemente com a leve brisa da madrugada, quando chego à porta, a vejo ressonando suavemente em uma das poltronas, com uma manta marrom cobrindo suas pernas. Dormindo ela tinha um ar delicado e sereno, bem diferente de quando está acordada. Ao me aproximar,

vejo um álbum de fotos em suas mãos, conhecia bem aquele objeto, Duda e ela fizeram quando Duda estava grávida. Eram as fotos de momentos especiais com nossa família, amigos e com a Isa, havia entregado aquele álbum a Isa depois da morte da Duda. Sento-me na mesinha de centro, retiro uma mecha do cabelo que estava em seu rosto e com cuidado tento retirar o álbum de suas mãos, nesse momento recebo um belo tapa que acerta diretamente meu nariz, não quebrou, mas a dor que senti foi como se tivesse sido quebrado.

— Ai, que droga, Lys... — falo com minhas mãos segurando meu nariz.

— Meu Deus, Gaspar, você está bem? — Fala com preocupação em sua voz, ela abaixa as pernas que estavam em cima da poltrona e mais uma vez sinto uma dor lancinante, dessa vez no meu pé esquerdo. Essa mulher queria me matar.

— Mas que droga... Quer acabar comigo?

— Desculpa, desculpa foi sem querer. Mas também a culpa é sua, não se desperta uma pessoa desse jeito. — Ela me encara, minhas mãos ainda estavam em meu nariz e meu pé agora latejava, seu olhar atento tenta de modo deplorável disfarçar seu desejo em rir da situação. No momento seguinte ela não se contém e rir descontroladamente, enquanto continuo segurando meu nariz, com receio de retirar as mãos e encontrar sangue.

— Acha engraçado, porque não é o seu nariz que está quebrado — Admito que estou exagerando propositadamente.

— Não seja tão exagerado — diz ainda em meio às risadas, seu sorriso era lindo, alegre e cheio de vida. Quando por fim consegue se controlar, acomodando-se melhor na poltrona. — Retira suas mãos e me deixa ver como está. — Ela coloca as mãos sobre as minhas. Não consigo deixar de encará-la.

Lys abaixa minhas mãos, passa a ponto do dedo em meu nariz, ainda sorrindo. Não estava doendo tanto agora. Continuamos a nos encarar.

— Viu só, nem uma única gota de sangue — diz quando deixa de analisar meu nariz examinando minhas mãos. — Sem danos permanentes. — Desvio minha atenção dos seus olhos para sua boca, seu sorriso se desfaz. — Nossa... — fala pigarreando discretamente. — Que horas são? Se adormeci sem me dar conta, deve ser bem tarde. — Desperto do meu desejo de beijá-la, voltando a prestar atenção em sua fala.

— É um pouco, já passa de uma da manhã. Desculpe pela demora, o

serviço foi encerrado um pouco mais tarde do que o habitual.

— Tudo bem, amanhã não vou para a ONG, as crianças irão fazer um passeio. Tenho apenas a festa de halloween da escola. — Sua fala expressava uma completa resignação.

— Foi premiada com a tarefe de supervisionar os alunos?

— Exatamente. Preferia apenas me divertir na festa, infelizmente isso não será possível, é meu dever ficar de olho nas crianças e em um monte de pré-adolescentes e adolescentes. Seu sorriso aparentava uma angústia engraçada. — Melhor eu ir, já está tarde. — Por mim ela dormiria aqui novamente, mas se pedisse para que ficasse sua resposta seria não. Mesmo que não me agradasse em nada ter que deixá-la ir para casa sozinha a essa hora, não queria impor nada.

— Está bem para dirigir? Acabou de acordar.

— Estou ótima, de verdade.

— Vai se fantasiar de quê amanhã? — Ela se ergue da poltrona e me encara.

— Não vou falar, vai ser surpresa, mas talvez se você mudar de ideia e ir fantasiado eu fale qual fantasia escolhi.

— Sou adulto e além disso não faço o tipo irreverente.

— Que absurdo. — Diz saindo da varanda, dá uma olhada pela sala procurando a bolsa e a encontra pendurada no cabideiro. — Está me chamando de criança?

— Jamais falaria algo do tipo. — Não consigo disfarçar meu toque irônico ao responder.

— Falaria sim. — Diz estreitando os olhos, com certeza pensando em falar mais alguma coisa, mas acaba desistindo. Vai até a cozinha, vou atrás dela, encosto-me à soleira da porta, enquanto a vejo pegar água na geladeira.

Mesmo não vindo aqui com tanta frequência como quando Duda estava conosco, ela sempre se sentiu em casa e gosto disso.

— Isa me mostrou a fantasia dela, eu adorei, deve ter sido difícil convencê-la a levar apenas uma. — Fala terminando de beber a água.

— Nem imagina como. Pode ficar feliz em saber que me arrependi bastante, por não ter seguido seu conselho.

— Estou saboreando essas palavras. — Seu sorriso se amplia a cada palavra que pronuncia. Ela pega as chaves do carro dentro da bolsa, se aproxima ficando de frente para mim encostada do outro lado da soleira. —

A princesa Mérida foi uma ótima escolha.

— Também achei, mas sempre suspeitei que Isa escolheria ela, sei o filme decorado de tanto que já fui forçado a assistir.

— Valente é o filme preferido dela e o meu também, amo a Mérida.

— Uma princesa corajosa e que não se dá muito bem com regras, parece ter muitas coisas em comum com vocês duas, sem mencionar a habilidade em se meter em problemas, essa característica pertence exclusivamente a minha linda e encantadora filha.

— Ela é corajosa mesmo, uma princesa valente.

— Bastante. — Um silêncio meio constrangedor paira por alguns segundos, até ela interromper.

— Melhor eu ir — desencosta da parede — Acho que amanhã vou até a chácara tomar café da manhã com a vovó e a tia.

— Manda um beijo para Clara e para Liliana.

— Pode deixar... — Lika passa por entre suas pernas, ela desequilibra caindo em cima de mim, seguro-a envolvendo meus braços em sua cintura, segundos é o tempo que demoro para ajudá-la a se reerguer com minhas mãos ainda a envolvendo.

Não consigo resistir, nem tento na verdade, o perfume dela meio que me invade. Parecia uma cena clichê de filme romântico, meus braços envolvendo sua cintura, uma mecha de cabelo caída sobre seus olhos, retiro a mecha sem conseguir evitar, acaricio seu rosto, ela olha para minha boca e eu olho para a dela, a cada momento dessa cena nos aproximamos mais um do outro, até nossas respirações serem espelhos uma da outra. Seguro sua nuca colocando minha mão entre seus cabelos, tudo me fazia desejar beijá-la, seu perfume, sua respiração, sua pele quente sobre minhas mãos e seu olhar que me convidava sem utilizar palavras e sem pensar em mais nada é exatamente isso que faço, a beijo.

Nossos lábios se tocam suavemente, uma suavidade que não demora muito para se intensificar, minha pulsação acelera, meu corpo aquece, imprenso Lys contra a soleira da porta. Uma das suas pernas estava erguida até meu quadril enquanto acariciava suas coxas, beijo seu pescoço, colo e retorno para sua boca, meu desejo por ela sendo alimentado a cada segundo, sinto suas mãos tocando minha pele por baixo da minha camisa e todo meu corpo reage. Repentinamente ela diminui seu ímpeto, Lys desliza as mãos afastando-as do meu corpo, me soltando ao mesmo tempo em que para de

corresponder aos meus beijos, ela ergue as duas mãos para cima, como um gesto de pare. Nos encaramos por alguns segundos, ambos sem folego, parecia que nem um dos dois sabia o que falar, tudo bem que eu não sabia o que dizer, mas também não estava arrependido do que tínhamos acabado de compartilhar.

Lys se abaixa para pegar a bolsa, que nem tinha prestado atenção quando caiu. Quando voltamos a ficar frente a frente, percebo em seu olhar um pedido silencioso de desculpas. Isso era tudo o que eu não queria, essa era a primeira vez em três anos que beijava uma mulher e não imaginava ou desejava que fosse a Eduarda, queria encontrar uma forma de explicar isso, sem que ela fugisse.

— Isso não deveria ter acontecido. — O evidente desconforto em sua fala me faz colocar em dúvida, se deixar me levar pelo momento foi uma boa ideia.

— Eu discordo. — Falo com firmeza apesar das minhas incertezas.

— Tenho que ir, boa noite, Gaspar. — Vira-se caminhando até a saída.

— Lys, espera. — Seguro sua mão, fazendo com que ela se volte para mim novamente. — Espero que não tenha ficado chateada, não quero que pense que foi premeditado ou algo do tipo, apenas aconteceu.

— Está tudo bem, foi apenas um beijo, nos vemos amanhã na festa. — Fala se desvencilhando do meu toque, virando-se e indo embora.

"Foi apenas um beijo" como sempre direta e sincera, não senti como apenas mais um beijo, mas também não vou impor nada. Senti que ela desejava aquele beijo tanto quanto eu, não foi coisa da minha cabeça percebi em sua respiração, assim como em seu olhar. Talvez estivesse me precipitando, mesmo assim tinha certeza absoluta que não foi coisa da minha cabeça. Deixei me levar pelo momento, mas agora que estava em minha cama pensando e relembrando cada minuto, fiz o que desejava fazer e não me arrependo.

Capítulo 16

Alyssa

O que deu em mim, o que deu nele? Nem sei por onde começar a descrever o que senti. Tenho consciência de que há algum tempo estamos flertando um com o outro, que algo estava acontecendo, mas não passou pela minha cabeça que fosse algo concreto, que aquele beijo fosse acontecer, não foi um simples beijo, era até difícil de colocar em palavras meus sentimentos. Tinha desejo no toque dele, não apenas desejo, paixão também. Todo meu corpo correspondeu ao seu toque, despertando em mim sensações que nunca havia sentido antes com ninguém. Fugi dos seus braços como se estivesse sendo perseguida pelos quatro cavaleiros do apocalipse, a verdade é que entrei em pânico, quando aconteceu me deixei levar pelo momento, quando fui engolida por todos aqueles sentimentos e emoções entrei em pânico e me afastei.

Não consigo parar de pensar, vim todo o caminho até em casa pensando e agora estou olhando para o teto sem conseguir desligar minha mente, já passa das duas da manhã, decido fazer um chá de camomila, enquanto a água ferve encaro o celular. Poderia ligar para ele e perguntar o que significou aquele beijo, por que ele me beijou, afinal foi ele quem deu o primeiro passo, que ficou com aquela cara super beijável, encarando minha boca daquele jeito. Ligar era uma péssima ideia, com certeza. O que está havendo comigo? Nunca fui insegura assim, certo, um pouco na época da faculdade, mas isso já tem muito tempo. Faço meu chá, tomo o primeiro gole, acho que depois de tomar tudo consiga dormir um pouco, pelo menos espero que consiga. Meu celular alarma avisando do recebimento de uma nova mensagem, encaro a tela e o nome dele brilhava.

Protelo para abrir, estou agindo como uma adolescente e não como a mulher adulta que sou, me recuso a ter esse tipo de comportamento. Tudo

bem, só vou saber o conteúdo da mensagem se abrir, do contrário minha mente fértil e repleta de conjecturas vai viajar até Marte e imaginar tantas coisas, sem sentidos ou com sentidos demais. Droga! Pego o celular e abro a mensagem, é inevitável não sorrir.

GASPAR: *Temos que conversar, por favor, não mantenha distância pelo que aconteceu. Talvez tenha parecido impulsivo, mas somos nós, então vamos conversar. Está bem?*

Nunca me afastaria deles, Isa precisa de mim assim como preciso dela, talvez nossa relação ficasse estranha, mas com a Isa seria sempre a mesma coisa. Ele ainda é o marido da minha melhor amiga, ainda o vejo dessa forma, ainda tenho claro em minha mente o seu sofrimento quando ela se foi, sei que ele ainda a ama. Vejo que está online e resolvo responder.

LYS: *Não se preocupa com isso, jamais me afastaria e como eu disse foi apenas um beijo.*

Vou para o inferno por mentir tão descaradamente, aperto em enviar.

GASPAR: *E se não tiver sido apenas um beijo?*

Como assim? Passo algum tempo encarando e relendo a pergunta, tentando encontrar algum outro significado para aquelas palavras.

GASPAR: *Lys, ainda está aí?*

Outra mensagem

GASPAR: *Talvez... Tenha feito a pergunta errada.*

Mais uma, ainda não consigo responder.

GASPAR: *Lys...*

Me chama novamente.

LYS: *Desculpa, estou aqui. Gaspar, acho melhor conversamos depois, agora estou com sono.*

GASPAR: *Tudo bem, pode ser amanhã depois da festa da escola?*

LYS: *E a Isa?*

GASPAR: *Ela vai ficar com minha mãe, não consegui babá e não tenho hora para sair do Sabores. Podemos levá-la na casa dos meus pais e depois conversar um pouco.*

LYS: *Pode ser, por mim tudo bem.*

GASPAR: *Até amanhã.*

LYS: *Tchau.*

Olho para minhas mãos e elas estão suadas, fico em dúvida se é de nervoso ou de ansiedade. Não sou assim, o tipo de mulher que fica com receios por

causa de uma simples conversa. No final das contas foi apenas um beijo, muito bom diga-se de passagem, intenso e bem quente, foco Alyssa, não é como se nunca tivéssemos nos beijado antes. Termino de tomar meu chá, vou me deitar, precisava tentar dormir, ainda demoro um pouco, mas finalmente consigo.

Quando o despertador toca a impressão que eu tenho é de não ter dormido nem meia hora, olho o relógio eram quase oito, normalmente no sábado vovó e tia Liliana tomam café depois de cuidar da horta, então se tomasse banho agora daria tempo de tomar café com elas. Pulo da cama e corro para o banheiro, o banho me ajuda um pouco a despertar.

Quando chego à chácara as duas já estão com a mesa do café pronta se deliciando, os quitutes da vovó eram os melhores. Sempre engordava no mínimo uns três quilos quando vinha visitá-las, coincidentemente minhas visitas eram geralmente no horário das refeições. Sou uma cara de pau mesmo, mas amava-as com todo meu ser, era sempre tão fácil conversar com elas, minhas duas mães e amigas. Quando vinha ficar com elas renovava minhas energias, como sempre o melhor café da manhã do mundo.

— Está pensativa, aconteceu alguma coisa? — Vovó pergunta encostando-se em um dos pilares da varanda, nem percebi quando ela se aproximou, depois de ajudá-la a organizar a mesa e a cozinha resolvi ficar um tempinho antes de ir.

— Estou bem, Nãna. — Ela levanta a sobrancelha estreitando os olhos. Não importa quantas desculpas inventasse. Não a chamo de Nãna faz anos, acho que desde a adolescência, vovó Clara me conhece muito bem para acreditar nas minhas desculpas.

— Não me chama assim desde os quinze anos, agora tenho certeza que aconteceu alguma coisa. Conheço você melhor do que a mim mesma, agora apouco estava sorrindo, mas seu sorriso não chegou até seus olhos. Sei que aconteceu alguma coisa, que está te deixando preocupada. Liliana disse que você falaria quando estivesse pronta, só que não gosto de ver minha menina angustiada com a cabeça repleta de caraminholas e não oferecer ajuda. Mas se não quiser falar sobre o assunto, não posso forçá-la. — Queria falar sobre

o assunto, o problema era que não sabia por onde começar. Vovó fica apenas ao meu lado em silêncio, ela sabia que eu estava pensando em como iniciar o assunto.

— Eu e o Gaspar nos beijamos. — Não tinha outro modo de falar sobre o que aconteceu, ir direto ao ponto é até melhor, detesto ficar enrolando mesmo. Olho para ela e seu sorriso me confunde. — Por que está sorrindo? Não é engraçado, pelo contrário, parece até meio trágico.

— Dramaticidade não combina com você, minha querida. Estou sorrindo, porque sempre me perguntei quanto tempo vocês dois continuariam resistindo. — O quê? Como assim, resistindo?

— Poderia me explicar do que está falando? Não entendi seu comentário.

— Meu bem, vocês dois conviveram juntos desde que a Duda se foi, construíram uma ligação muito forte ou realmente acredita que isso aconteceu apenas entre você e a Isa? O tempo é astuto e curioso, ele sempre nos prega peças sem que percebamos. Quando você começou a diminuir suas idas à casa dele, tive certeza de que estava acontecendo algo, que estava fugindo, do contrário não o evitaria.

— Não o estava evitando. — Ela ergue as sobrancelhas com aquela expressão de "você realmente não vai me enganar". — Talvez o estivesse evitando um pouquinho. — Ela sorri, balançando a cabeça com incredulidade.

— Admitiu, já é alguma coisa. A questão principal aqui é, esse beijo teve algum significado? Foi apenas desejo, carência ou algo mais?

— Direta como sempre dona Clara.

— Sabe que não gosto de enrolação, você não é muito diferente de mim, e minha pergunta não se refere a você e sim a ele. Os seus sentimentos, esses conheço bem. — Sento-me no sofá da varanda, ela se senta ao meu lado.

— Não faço a menor ideia, do por que ele me beijou, de verdade, vovó. Fiquei tão atordoada, que simplesmente peguei minhas coisas e fui embora.

— Então foi ele que beijou? Você correspondeu?

— Sim, foi ele que me beijou e sim eu correspondi. — Passo as mãos em meu rosto. — E agora estou me sentindo horrível e confusa, não sei o que fazer com o que senti, não sei o que fazer com o que estou sentindo e isso está me assustando como nada nunca me assustou antes. O que eu faço,

Nãna? — Por que falar sobre o que estou sentindo machuca tanto? Sentia que dentro de mim tinha um turbilhão, que reunia todos os sentimentos e emoções humanas existentes, meu medo era não conseguir lidar verdadeiramente com cada uma delas ou todas elas ao mesmo tempo. Isso era angustiante.

— Minha menina — minha avó acaricia meu rosto, beija minha testa, fica de frente para mim ainda sentada no sofá, acaricia mais uma vez meu rosto, segura minhas mãos. – Lys, sabe que não está fazendo nada de errado, certo? Nem um dos dois fez nada de errado, não está traindo a Duda, nem mentindo para ninguém. Não escolhemos o curso que nossas vidas seguem, é algo que está muito além do nosso controle, filha. – Minha mente compreendia suas palavras, mas meus sentimentos, meu corpo não entendiam em que momento comecei a sentir o que estava sentindo.

— Racionalmente eu entendo que não é errado ou desleal, mas meu coração vê como uma traição, sei que parece ridículo. Venho tentando fugir de sentir isso, evitando tudo o que ele desperta em mim, mas não adianta. Posso ficar dias sem vê-lo, mas quando nos encontramos tudo volta com mais força. — Era como se estivesse vomitando cada uma daquelas palavras, elas vinham me consumindo há tanto tempo. Tomo fôlego, vovó permanece em silêncio, então apenas continuo — Ninguém no mundo me conhece como você, sabe que não sou assim, essa não sou eu. Nunca fui o tipo de pessoa que lamenta ou se vitimiza. Sempre fui decidida, mesmo estando equivocada, mesmo me arrependendo quando descubro que estou errada. Só que quando se trata do Gaspar, tudo em mim muda, ele me desconstrói. — Nem percebi que tinha me emocionado, até sentir o calor morno de uma única lágrima rolando em meu rosto. Vinha guardando tudo aquilo por muito tempo. — Não posso estar apaixonada por ele, Nãna, não posso. — Quando uma segunda lágrima se junta com a primeira, ela passa levemente a ponta dos dedos em minha face para enxugá-las.

— Por que não? Não que seja algo que você possa ter sobre seu controle, porque não se pode controlar algo assim, é impossível escolher quem se ama. Só quero compreender, por que não pode amá-lo.

— Porque ele é marido da minha melhor amiga, porque somos diferentes como água e óleo, porque ele nunca vai retribuir meus sentimentos, ele sempre me achou impulsiva e meio doida. Quer que eu continue a listar?

— Gaspar é viúvo da sua melhor amiga e não marido dela, não é uma traição, Lys. Sobre as outras questões, bem, a vida sempre fica melhor

quando está repleta de emoções e de pessoas especiais que fazem cada dia valer a pena. São as diferenças que enriquecem os relacionamentos, são nas diferenças do outro que encontramos equilíbrio.

— Ele ainda a ama — não consigo conter meu pensamento, era evidente que Gaspar ainda a amava. — Competir contra a memória de alguém tão incrível como ela não é uma coisa que esteja em meus planos. Até porque as lembranças da Duda são vividas dentro de mim também, ela faz parte de cada momento único da minha vida. Mesmo que estivesse disposta a fazer isso, o que não estou, nem seria uma batalha justa, é impossível competir contra o tipo de amor que eles compartilharam.

— Claro que ele ainda a ama, não apenas pela vida que compartilharam juntos, mas pelo presente que ela o deu, Isa é uma ligação eterna entre eles. Mas isso não impede ele de se apaixonar por você. E não seria uma competição, existem tantas formas diferentes de amar, cada uma delas é única. Gaspar nunca vai amar ninguém como ele amou a Eduarda, o que não significa que ele não possa encontrar um modo próprio de amar você. — Apoia-se no sofá, olhando para o jardim. — Ninguém pode te dar certezas, pelo simples fato delas não existirem, o dom de adivinhar o futuro é algo que não existe, pelo menos para mim. Mas você sempre pode se permitir correr riscos — ela volta a me olhar. — Temos apenas uma vida e ela é curta demais para perdermos tempo sentindo medo de vivê-la, sem nos permitir correr alguns riscos. Não acha? — Concordo com a cabeça.

Conversar sobre o assunto me deixou mais leve e tirou um peso sobre meus ombros, ninguém era tão boa ouvinte ou conselheira como a vovó.

Antes de ir me despeço da minha tia. Aproveito o restante da manhã para fazer alguns pagamentos e resolver uns problemas. Vou ao salão dá um jeito no cabelo para a festa da escola, almoço no primeiro restaurante que encontro. Falo para mim mesma que não fui almoçar no Sabores porque ficava um pouco distante de onde estava, não era uma boa desculpa, mas era melhor do que admitir o real motivo. Quando já estou no carro prestes a voltar para casa, meu celular toca, coloco minha mão dentro da bolsa vasculhando, tentando encontrar, as pessoas costumam falar que bolsa de mulher cabe o mundo dentro, sou uma ótima definição disso. Quando finalmente o encontro ele está tocando ruidosamente pela segunda vez, era Hortência, a enfermeira da escola, uma grande amiga. Não consigo evitar uma pontada de decepção por não ser ele.

— Não consegue ficar muito tempo sem mim, não é?

— Levaria em consideração seu comentário, se eu não fosse casada, mas como não é o caso, vou fingir que não acabou de se insinuar para mim. — Era impossível conter a risada.

— Bárbara, não tem ciúmes de mim, sabe disso. — Era verdade, Bárbara, é companheira de Hortência, as duas eram mães da Camille, uma das minhas alunas mais promissoras, ela tinha um talento que não se encontra facilmente, ouvido absoluto, uma habilidade para distinguir notas musicais sem a ajuda de nenhum instrumento, ela tocava piano desde os cinco anos, agora aos oito, já é possível perceber que sua carreira na música será brilhante, se ela resolver seguir por esse caminho. Ela também é a melhor amiga da Isa, as duas não se desgrudam.

— Pior que ela não tem ciúmes de ninguém. Não devia ter me casado com uma pessoa tão segura de si, é meio frustrante.

— Tenho certeza que está se sentindo muito frustrada neste momento. — Ironizo sem conseguir evitar, se Bárbara fosse diferente do que é Hortência jamais a amaria como ama. *— Agora que finalizamos nosso flerte habitual, podemos ir direto ao assunto que fez você me ligar?*

— Sim, você precisa me salvar, Rodolfo está me enlouquecendo por causa da ornamentação da festa, é sério, Lys, não é para você ficar rindo como uma hiena descontrolada. — Rodolfo era nosso orientador pedagógico e o cara mais louco por festas que eu conhecia, ele e Hortência viviam em pé de guerra por causa de amenidades, mas sempre conseguiam entrar em um acordo, suspeitava que faziam isso para tornar suas vidas menos monótonas ou simplesmente gostam de se implicar, vai saber, no fundo tinha certeza que se adoravam.

— Todos os anos, em todas as festas comemorativas, vocês fazem a mesma coisa. Isso só pode ser tensão sexual.

— Eca, que nojo! Bela amiga você é me deixando a mercê desse lunático.

— Deixa de drama, vou em casa pegar minha fantasia e guardar umas coisas que comprei, chego em uma hora, talvez menos.

— Você tem minha gratidão eterna, te amo.

— Também, sua louca. Beijo. — Desligo e volto para a estrada.

Corro para casa, tomo um banho rápido, separo maquiagem e minha fantasia, com tudo pronto vou para a escola. Chego em meio a uma pequena

comoção, pessoas se movimentando, correndo de um lado para o outro. Encontro Hortência organizando a mesa onde ficariam os doces.

— Graças a Deus você está aqui — Diz quando já está ao meu lado. — Não estou brincando quando digo que ele me enlouqueceria, se continuássemos mais um minuto sozinhos.

— Agora estou aqui, pelo que vejo não falta muita coisa e ainda temos mais ou menos umas duas horas e meia, tempo mais que suficiente para deixar tudo pronto, então vamos começar.

Como aqueles dois adoravam complicar as coisas, tinha que ter muita paciência. Mas como a coordenação sempre os deixava como responsáveis, porque eles adoravam ficar a frente dos eventos festivos, fazê-los entrar em acordo não era tão difícil. Depois que consegui convencer Rodolfo de que uma ornamentação menos *dark* ficaria melhor com a temática infantil e convencer Hortência que a área dos brinquedos ficaria melhor onde estava, finalmente o trabalho avançou e começou a andar, em uma hora e meia finalizamos tudo.

— Obrigada por ter vindo. — Era a segunda vez que ela agradecia, estávamos nos arrumando para a festa, na sala de descanso dos professores.

— De nada, mas não fiz nada, vocês dois é que são complicados demais e adoram se implicar. Transformam isso em um esporte.

— Mesmo com as discussões, no final conseguimos entrar em acordo.

— Bom saber, que caso não tivesse vindo vocês dois seriam perfeitamente capazes de administrar tudo. — Ela faz graça me mostrando a língua.

— Com certeza conseguiríamos, mas você acelerou o processo. Foi por esse motivo que te liguei. Amo o Rodolfo, mas nem sempre tenho paciência com ele e a dele se limita a lidar com os problemas de orientação das crianças. — Às vezes ela falava coisas sem nenhum sentido. Voltamos a nos concentrar no nosso figurino.

Quando finalmente ficamos prontas, temos duas versões femininas bem criativas e sexys de um mágico e um chapeleiro maluco, com direito a cartolas enormes, malucas e bem chamativas e nem foi combinado. As quatro e meia da tarde a festa está a pleno vapor, era difícil saber quem estava se divertindo mais, se os adultos ou as crianças. Minha decoração preferida são as abóboras com caras divertidas. Mesmo tendo acabado de começar, a equipe recreativa estava desenvolvendo várias atividades.

— Gaspar, não vem?

— Vem sim, Isa escolheu se fantasiar de Mérida, a princesa do filme Valente. Ficou superanimada, ele não deixaria de trazê-la, talvez tenha se enrolado com alguma coisa. — Hortência e eu estávamos assaltando a mesa dos salgados.

— E a Bárbara e a Camille, elas já deveriam estar aqui?

— Babi acabou de me mandar uma mensagem, estão a caminho. — Vitória se aproxima. Sua fantasia de fada dos bosques estava incrível.

— Parabéns, ficou tudo maravilhoso, como sempre, bom trabalho Hortência. —Fala nos cumprimentando. — Sua fantasia está incrível, Lys, adorei.

— Obrigada! — Agradeço.

— Obrigada, Vitória, mas tive muita ajuda com a organização.

— Já parabenizei o Rodolfo também. As luzes, os ornamentos divertidos e alegres, é uma festa de dia das bruxas com humor. Vocês dois trabalham muito bem em equipe. — Hortência e eu nos entreolhamos, com certeza ela estava tentando conter o sorriso, assim como eu. — Vou falar com os pais, vejo vocês mais tarde? Vão ser juízas no concurso das fantasias?

— Claro. — Respondemos juntas.

— Vamos torcer para que ela nunca descubra como você e Rodolfo trabalham bem em equipe. — Falo e nós duas rimos.

— Ele realmente não tem senso de humor. — Hortência comenta olhando para a entrada do salão, balançando a cabeça. Gaspar estava de mãos dadas com Isa, ela estava muito linda vestida de Mérida, eles ainda não tinham nos visto.

Gaspar vasculha com o olhar o salão, provavelmente procurando alguém conhecido, ele devia estar se sentido um peixe fora da água, afinal era um dos poucos adultos que não estava fantasiado, isso era tão deprimente, Hortência tinha razão, ele não tinha senso de humor. Quando finalmente nos localiza, mostra a Isa onde estamos, ela solta a mão do pai e vem correndo até mim. Me abaixo para ficarmos da mesma altura, envolvo-a em um abraço apertado, quase que minha cartola cai.

— Chapeleiro maluco. — Sua voz me envolve, assim que fico de pé com Isa em meus braços. — Bem criativo. — Seu olhar me percorre de cima a baixo.

— Obrigada.

— Quem não está nada criativo é você. Está fantasiado de quê? — Hortênsia pergunta cheia de sarcasmos.

— De adulto. — A ironia na voz dele era até engraçada, não consigo evitar sorrir. Nos entreolhamos, isso era outra coisa, que também não estava conseguindo evitar.

— Adorei sua fantasia, dinda.

— Obrigada, gatinha, adorei a sua também, está uma Mérida muito linda. — Isa abre um enorme sorriso, muito satisfeita com o elogio.

— Sua fantasia também está muito bonita, tia. Também está de chapeleiro como a dinda?

— Obrigada, linda. Minha fantasia é de mágico. Ficou bacana né? — Isa concorda com a cabeça. As duas começam a conversar e por alguns segundos deixo de prestar atenção. O olhar que Gaspar direcionava a mim me tirava o foco e me deixava meio sem graça. Ele não estava sendo nada discreto.

— A Camille chegou! — Isa fala saindo dos meus braços, que estavam dormentes e nem tinha percebido, ela estava crescendo, logo não conseguiria mais colocá-la no colo.

Ela corre em disparada, indo em direção a Camille que vinha andando de mãos dadas com Bárbara. Hortência vai encontrá-las me deixando a sós com Gaspar.

— Você está linda! — Encaro-o, desviando minha atenção das meninas.

— Obrigada. Devo supor que decidiu me elogiar, quando estivéssemos sozinhos, para evitar olhares surpresos e perguntas? — Ele franze as sobrancelhas e depois fica sério, parecendo surpreso com meu comentário. Mas não comentei por maldade, falei apenas porque também não queria que as pessoas fizessem suposições.

— Quis apenas ser gentil, não foi proposital o fato de ter elogiado você quando ficamos a sós, mas se acha isso, acredito que não há muito que possa ser feito para mudar sua opinião, elas tendem a ser muito definitivas.

— Isso não é verdade, sou uma pessoa muito razoável e racional. Além disso foi apenas um comentário. — Mentira, estava protelando e omitindo, não sou assim. — Minha nossa, estou falando como uma chata metida. Isso é sua culpa. — Agora ele sorriu, um sorriso contagiante e não me incomoda em nada ser a fonte de seu divertimento.

— Não vejo como isso é minha culpa ou esteja relacionado a mim de algum modo. — Comenta ainda sorrindo.

— Você me faz ficar nervosa e falar coisas idiotas e sem sentido. — Acabei de admitir que ele me deixa nervosa? Ótimo... isso é ótimo, deve ter algo de errado comigo. — Viu só? Acabei de fazer de novo. — Seus olhos pareciam querer penetrar em mim, como se quisesse desvendar algum segredo, era meio inquietante, assim como a incerteza do que estava acontecendo entre nós.

— Lys, precisamos conversar, sobre... — sua fala é interrompida por duas pimentinhas, que quando se juntavam sai de baixo.

— Oi, tia Lys, oi, tio — Camille nos cumprimenta toda delicada.

— Depois. — Não pretendia fugir como ontem, ele assente.

— Olá, pequena, está muito linda. — Gaspar fala, se inclinando para beijar sua testa.

— Oi, querida, está linda mesmo. Está fantasiada é de Alice, acertei?

— Fiquei igualzinha, não foi?

— Parece ser a própria Alice. — Ela fica toda feliz com meu comentário, Camille era bem mais bonita que a Alice das histórias infantis. Uma moreninha com traços indígenas e um sorriso que brilhava.

— Achei a mesma coisa, Gaspar. — Bárbara comenta cumprimentando-o, depois vem me dar um abraço. Ela está linda com uma fantasia de marinheira, muito engraçada.

— Papai, posso ir na cama elástica? — Isa pede com os olhinhos brilhantes.

— Pode, mas com cuidado. — Ela apenas balança a cabeça concordando, acho difícil uma criança de sete anos ser cuidadosa brincando.

— Vem, Camille, aposto que pulo muito mais alto do que o Fabinho. — Isa fala, apontando para o colega de classe, que brincava animado no brinquedo.

— Posso, mamãe? — Camille pergunta se dirigindo a Bárbara. Ela chamava as duas de mãe, mas quando se tratava de pedir permissão para fazer alguma coisa, era sempre para Bárbara que ela pedia, a não ser, é claro, que ela não estivesse.

— Pode.

— Vamos! — Isa segura sua mão e sai puxando Camille.

— É, parece que fomos completamente esquecidos. — Hortência

comenta parecendo desolada. — Elas crescem rápido demais, ontem elas estavam aprendendo a andar, hoje estão correndo. — Diz suspirando em meio às suas reflexões.

— Só percebeu agora? Faz um tempo que percebi isso — Gaspar comenta. — Não nos resta muita coisa, a não ser aceitar o inevitável.

— Que seria? – Bárbara questiona.

— Que elas logo vão crescer e muito em breve deixaremos de ser o centro do mundo delas, ficando em segundo plano.

— Isso foi bem realista e profundo. — E foi mesmo, seu comentário me surpreendeu.

— É bom saber que seu lado pai protetor está amadurecendo, Gaspar, pelo menos você já vai se preparando para o primeiro namorado.

— Vai com calma aí, Bárbara, não falei em nenhum momento de namorado, quem está falando é você — o pai neurótico ataca novamente, ele era um caso perdido, coitadinha da Isa quando se apaixonar pela primeira fez. — Isa não vai estar preparada para esse tipo de coisa até os vinte e cinco ou talvez trinta anos.

Nós não resistimos e caímos na risada, ele era inacreditável. Fico me perguntando se todo pai agia dessa forma. Mas essa é uma pergunta que não teria como responder, tinha apenas oito anos quando meu pai tomou um caminho diferente do meu. Algo que nunca aconteceria com a Isa, Gaspar era um pai maravilhoso e a amava acima de tudo.

— Quem não tem maturidade é você com esse pensamento ciumento de posse. — Falo, tentando fazer com que ele enxergue o óbvio, continuo. — Isa é uma menina linda e muito inteligente, vai se tornar uma mulher maravilhosa e determinada, em parte por sua causa, pelo pai que você é, por tudo o que ensina e mostra a ela. Acredita mesmo que ela vai precisar de autorização para se apaixonar? — Ele me encara parecendo meio nostálgico, acho engraçado seu jeito, às vezes ele ficava meio bobo.

— Acho que não.

— Olha só ele concordou com você. — Hortência fala gracejando.

— Sempre concordo quando ela está certa ou é razoável, não foi a primeira vez e certamente não será a última. — Hortência olha de mim para ele, como se tivesse um terceiro olho em nossos rostos.

— Se está dizendo, certamente fico sem ter como argumentar sobre o assunto. — Ela comenta e Bárbara nos encara com carinho e um enorme

sorriso.

— Bom, vou dá uma olhada naquelas duas, conheço bem meu pedacinho de gente para deixar que fique muito tempo sem supervisão. Dá até medo do que pode aprontar. — Não podia discordar dele quanto a isso, Isa tinha um talento extraordinário para se meter em confusão.

— Acho melhor ir com você então.

— Não precisa, Bárbara, fico de olho nas duas.

— Que gentil, obrigada. — Diz provocando.

Ele sai indo em direção às camas elásticas ignorando a provocação dela, nem se eles fossem irmãos. Tinham duas camas elásticas, uma menor para as crianças menores do maternal e pré-escola e outra maior para as crianças até doze anos. Sigo-o com o olhar até ele se distanciar por completo, quando volto a encarar Hortência e Bárbara, as duas estão olhando para mim, me encarando com os braços cruzados, como se estivessem esperando algo ou que eu falasse algo.

— Pode começar a falar. — Hortência exige.

— Falar o quê? — Sabia perfeitamente bem ao que ela estava se referindo, tinha ficado claro para mim que elas tinham notado alguma coisa, mas não queria ter essa conversa com elas agora e com certeza não aqui.

— Sério, que vai se fazer de desentendida? Está na carinha de vocês que está rolando alguma coisa. — Bárbara comenta nada discreta, discrição não era o talento de nem uma das duas, mesmo que Bárbara fosse um pouco mais contida.

— Podemos falar sobre isso uma outra hora?

— Fala sério, sabe há quanto tempo torço para vocês dois se acertarem? — Antes mesmo que eu pudesse dar alguma resposta, ela mesma responde. — Desde que descobri que não eram um casal, ou seja, desde que conheço vocês.

— Não é para tanto Hortência, não é como se estivéssemos namorando ou algo do tipo, não aconteceu nada demais.

— Então aconteceu algo? Se não foi nada de mais, então pode nos contar agora.

— Até você, Bárbara? Prometo contar depois, agora vou pular um pouco.

— Como assim, vai pular um pouco?

— Vocês acham mesmo que vou perder a oportunidade de pular

naquela cama elástica gigante bem ali? Nem pensar. — Sempre quis pular em uma cama elástica como aquela, aproveito e fujo de ter essa conversa com elas, aquele não era o momento nem o lugar de falar sobre o que estava acontecendo entre nós dois, já foi difícil me abrir para minha avó. Preenchi minha cota do dia.

Não tinham muitas crianças, boa parte delas tinha ido brincar em outro brinquedo. Quando as meninas me veem ficam animadas, sento-me em um banquinho pequeno próximo à entrada do brinquedo, para retirar minhas botas e o Gaspar se aproxima.

— O que está fazendo?

— O que você acha? Estou tirando minhas botas, gênio.

— Não me diga — fala irônico. — Não foi isso o que perguntei, porque está tirando elas?

— Vou pular com as crianças. — Fico em pé já descalça e encaro-o.

— Vai mesmo fazer isso? — Pergunta sorrindo.

— Claro que sim.

Entrego minhas botas e minha cartola de chapeleiro para ele, dou uma piscadinha e vou falar com um dos monitores do brinquedo, digo que sou professora da escola, as meninas começam a gritar me chamando, entro no brinquedo. Eram no máximo umas dez crianças, a cama elástica era enorme, tamanho adulto, tinham outros brinquedos também, escorrega, piscina de bolinha, carrossel, circuito infantil, show de mágica, era a festa de halloween mais animada que eu já tinha participado. Divirto-me com as crianças como se tivesse a mesma idade delas. Adorava perder a noção da idade que eu tinha, não existia nada melhor, talvez sexo, mas como eu não fazia há um bom tempo era até injusto fazer comparações.

As meninas me derrubam e começam a fazer cócegas em mim, despertando em mim uma crise de riso. Tento pegar uma delas para fazer o mesmo e agarro a Isa, começo a fazer o mesmo com ela, quando olho para Gaspar ele está me encarando, sorrindo da nossa brincadeira, seu olhar estava repleto de encantamento, pelo menos foi assim que consegui denominar o modo como ele me fitava.

Capítulo 17

Às vezes me pergunto se Alyssa é real. De muitas maneiras que eram difíceis de explicar, ela era diferente de qualquer pessoa que eu já tenha conhecido, Duda costumava me dizer que a forma usada para criá-la foi usada apenas com ela. Quando a vejo brincando com as crianças, tão viva e natural, essa é sua essência, uma mulher com espírito de criança. Vê-la fantasiada me deixou meio zonzo, obviamente era a fantasia de um personagem masculino adaptada para o feminino. Muito bem adaptada por sinal meia calça listrada branca e roxa, um short marrom curto, suspensório caído, botas pretas de salto, um espartilho roxo com detalhes brancos, um lenço maluco que parecia uma gravata e um casaco marrom escuro com uma cauda assimétrica. Ela não deveria ter se fantasiado dessa forma para uma festa infantil, alguns pais ficavam olhando para ela, independentemente de serem casados ou não, notei que ela percebia alguns olhares, a maioria deles ela ignorava. Quando a vi, todo meu corpo vibrou, as lembranças do nosso beijo pareciam ter se tornado mais vívidas. Agora estava aqui feito um idiota, completamente hipnotizado pelo seu sorriso, enquanto ela se divertia com as crianças.

Foi difícil dormir na noite passada, fiquei rolando de um lado para o outro na cama, sem conseguir parar de pensar no gosto do seu beijo e em como foi intenso. Não resisti e enviei uma mensagem, pedindo para não se afastar. Mesmo depois da nossa troca de mensagens, não consegui. Acabei indo para a varanda ver o dia amanhecer e ficar folheando o álbum de fotografias, feito pela Duda e pela Lys. Cada foto guardava um momento e uma memória, que faziam parte de mim, cada umas delas interligada com a Duda. Não sei se o que estava sentindo pela Lys era paixão, nem sei se algum dia voltaria a amar novamente, mas de uma coisa eu tinha certeza, esses

sentimentos eram reais, não consigo lembrar com exatidão em que momento comecei a senti-los, mas eles existiam.

O brinquedo é aberto e as três saem juntas, assim como as meninas, Lys está completamente descabelada, corada, suada e linda, ainda mais linda se é que isso é possível.

— Papai, viu como pulei alto? — Pergunta animada e por incrível que pareça repleta de energia. Antes que eu pudesse afirmar que tinha visto seu desempenho no brinquedo ela continua. — Estou com fome, papai. — Fala se agarrando em uma das minhas pernas.

— Pulou muito alto, princesa, e claro que está com fome, não almoçou direito de tão ansiosa que estava.

— Cadê minhas mães, tio? — Camille pergunta, procurando pelo salão.

— Olha elas ali — Lys fala apontando em direção a uma pequena mesa, onde Hortência e Bárbara estava conversando com Vitória.

— Vou lá com elas, tio. A gente brinca depois, tia Lys.

— Pode ter certeza disso. — Parecia uma criança falando com outra.

— Tchau, Isa! — Camille se despede, Isa acena, enquanto a amiga sai saltitando animada indo na direção das mães, Lys não desvia o olhar dela, assim como eu, até ela chegar às mães.

— Dinda, meus sapatos... Me ajuda. — Ela nem termina de pedir direito e Lys já está agachada ajudando. — Obrigada, Dinda.

— De nada, gatinha. — E quando se ergue novamente me pede as botas, entrego e ela se senta, no mesmo banquinho de antes para calçá-las.

— Quer ajuda?

— Não, papai. Obrigada, já cuidei disso. — Responde olhando para mim sorrindo. Ela adorava tirar sarro de mim, me chamando de papai, porque de acordo com ela, eu não conseguia me desconectar do modelo de pai. Depois de um tempo percebi que ela estava certa, mas não me importava.

Quando termina, tenta dá um jeito no cabelo, acaba juntando tudo com as mãos e dando o nó, criando um coque todo bagunçado no alto da cabeça. Era uma moleca mesmo.

— Todos prontos? — As duas me encaram e respondem um sonoro sim. — Então, vamos comer. — Novamente responde um sonoro sim e saímos os três na direção do buffet, em busca de comida de verdade, torcendo para que não tenha apenas guloseimas e salgadinhos.

Para minha surpresa e felicidade tinha uma buffet de comida de

verdade, onde os pais se serviam e faziam pratos para seus filhos. A comida não era espetacular, mas estava gostosa.

Já alimentada minha pimentinha volta a correr e pular de um brinquedo para o outro incansavelmente. Queria que existisse um botão de liga e desliga, ou pelo menos para desacelerar, era energia demais para uma pessoa tão pequena. Depois de comer alguma coisa com a gente, Lys acabou sendo intimada pela diretora e tendo que circular, falar com alguns pais e com alguns colegas. Nesse tempo notei algo que nunca havia percebido antes, cada dez segundos a procurava, ficava admirando seu sorriso, sua alegria e espontaneidade, não conhecia muitas mulheres que fossem espontâneas, a maioria delas usava uma máscara social, a observo conversando com a mãe de um aluno e ela não parecia muito animada. Quando percebe que estou olhando, comenta algo com a mãe, que me encara concordando, provavelmente teve ter inventado alguma desculpa, ela se despede e vem em minha direção.

Ao se aproximar, pega o copo de água da minha mão, dá um bom gole e me devolve.

— Por que as mães às vezes são tão neuróticas? — Suspeitava fortemente de que sua pergunta era totalmente retórica, então espero um pouco em silêncio. — Acredita que aquela mãe estava me bajulando para dar um solo ao filho dela, na apresentação de natal? Ele é um bom menino, mas não curte muito música, na verdade ele também não tem muito talento musical, mas parece que ela discorda veementemente da minha opinião como professora de Música.

— Nem todas as mães são assim tão neuróticas — ela me encara erguendo uma das sobrancelhas de um jeito engraçado e bem Lys. — Ok, talvez a maioria das mães sejam um pouco neuróticas, quando se trata dos filhos.

— Um pouco é eufemismo. Espero sinceramente não ser uma mãe neurótica se algum dia me tornar mãe. — Sua fala é natural e me surpreende, um pouco.

— Não sabia que queria ser mãe? — Apenas me encara e dá de ombros.

— Amo crianças, ter um filho não é um planejamento ou sonho, mas um dia quem sabe. — Como sempre, de algum modo, ela conseguia me surpreender. — Tem muita coisa que você não sabe sobre mim, Gaspar.

— Não duvido disso nem por um momento. – Seu sorriso era especial, verdadeiro.

— Agradeceria se parasse de me olhar desse jeito, as pessoas vão perceber e começar a tirar conclusão precipitada. — Como se me importasse com o que as pessoas falam.

— Como estou te olhando?

— Sério? Quer mesmo que eu descreva esse seu olhar de caçador? — Agora sou eu que não controlo e começo a rir.

— Não sabia que se importava tanto com o que as pessoas pensam. — Comento provocando.

— E não me importo, só que estamos na escola, esse é meu trabalho e essas pessoas são pais dos meus alunos. E não quero que eles pensem que podem ter algum tipo de abertura comigo. — Ela estava certa, as pessoas sabiam que éramos amigos e que ela era amiga da minha esposa, mas apenas isso e se ficássemos flertando seria como dizer que estávamos transando, pelo menos na cabeça maluca deles.

— Desculpa, vou segurar minha onda.

— Tudo bem, vamos conversar mais tarde como combinamos. Dessa vez não vou sair correndo, tem minha palavra. — Balanço a cabeça, aprecio a sinceridade dela, Lys nunca foi de ficar de joguinhos.

— Bom saber.

Seguro sua mão de modo discreto, ela me olha de um jeito diferente. Poderia dizer que foi um reflexo, mas não foi, queria apenas tocá-la, queria tocá-la desde que cheguei, foi bem difícil não fazer isso e me contentar apenas com um beijo no rosto. Ela solta minha mão, para colocar uma mecha invisível do cabelo atrás da orelha.

Incomoda-me, o fato dela ter se desvencilhado do meu toque, me incomoda e muito, mais do que gostaria de admitir e mais do que tenho direito em me sentir incomodado. Decido ficar na minha, pode ser imaturidade, para ser sincero é pirraça mesmo, termino de beber minha água e fico apenas observando o movimento da festa. Um dos professores a chama para anunciar os vencedores do concurso de fantasia, Isa fica em segundo lugar, sua felicidade é contagiante, mesmo assim não consigo me desligar da conversa que precisamos ter.

Melhor festa de halloween de todas. Estava me divertindo muito, queria que a avó Laura estivesse aqui, ela iria gostar muito também, avó Laura era mãe da minha mãe e estava com muita saudade dela. Não lembro muito da mamãe, tinha só três anos quando ela morreu, mas quando fecho meus olhos antes de dormir e está silêncio, consigo ouvir sua voz bem direitinho, nem sempre dá certo, mas quando funciona é bem legal. Vejo meu pai conversando com minha dinda, acho que estão falando alguma coisa importante, estavam conversando bem de pertinho. Amo muito minha dinda, ela é muito importante para mim e para o papai também. Só não gosto quando ela tá namorando, porque os namorados dela são muito chatos e feios, ela bem que poderia namorar meu papai, eles ficam bonitinhos juntos. Acho uma boa ideia.

— Não gosto mais dele, o Fabinho é um bobo. — Camille diz quando chega perto de mim, paro de prestar atenção no papai.

— Por que tá falando isso? — Mille era minha melhor amiga da vida toda, nos conhecemos desde o prezinho.

— Ele tava brincando com a chata da Jaqueline, na sexta ela ficou implicando comigo o tempo todo, disse aquelas coisas feias sobre minhas mães, ela é muito má. — Jaqueline era uma metida, que só queria brigar com todo mundo e falar mal. Uma vez puxei o cabelo dela, porque ela ficou dizendo que a Mille foi encontrada dentro do lixo, por isso as tias ficaram com pena e adotaram ela, então coloquei chiclete no seu cabelo, puxei os cabelos e derrubei ela com empurrão. Fiquei de castigo uma semana**.**

Mas não me arrependo, ela é malvada, fala coisas feias para mim

também, zomba de mim porque não tenho uma mamãe. Ela sempre implica comigo, com Mille, com todo mundo da escola, nós nunca fazemos nada e ela fica implicando com a gente o tempo todo.

— O Fabinho nem gosta dela, não tô entendendo porque ele foi brincar com ela. Que estranho, né?

— Não entendi nada também, só sei que ele tava brincando com ela, muito falso ele. — Mille estava mesmo bem chateada. Acho que ela gosta dele, mas para namorar, nunca perguntei, mas a gente é criança, não é boa ideia namorar agora, além disso, acho brincar muito mais divertido.

— E se ele só tiver trolando ela? — Mille faz que não quer nem saber.

— Vamos escorregar?

— Vamos.

Subimos pela escadinha até a parte mais alta, escorregamos, subimos de novo e escorregamos de novo, brincamos mais vezes. Olho para os lados e não vejo a Mille, só vejo quando olho para cima, ela tava sentada, balançando as pernas, subo e me sento do seu lado, para balançar as pernas também.

— O tio está namorando com a tia Lys? — Pergunta um tempinho depois que sento, bem que eu queria que eles namorassem, assim eu ia ter uma mamãe de novo, uma bem bonita e divertida.

— Acho que não estão.

— Tem certeza? — Balanço a cabeça confirmando. — Então por que eles estão falando tão perto e de mãos dadas? — Ela aponta para onde eles estão. — Estavam mesmo de mãos dadas, isso me deixa muito feliz. Será que estão namorando de verdade? As mãos se soltam, tia Lys coloca as mãos nos cabelos, papai fica meio sério. Que estranho, será que já brigaram?

— Já soltaram. — Minha animação acaba.

— Hum... pena, eles ficariam bem bonitos juntos, você não acha? — Iam ficar mesmo.

— Sim, mas papai conhece a dinda há muito tempo, ela era melhor amiga da mamãe, como a gente, antes até de conhecer o papai elas já eram muito amigas. Talvez o papai não queira namorar ela, ia ser muito legal se eles namorassem, mas não sei se vão. — Suspiro pensativa, queria que o papai namorasse de novo, ia ser muito legal, mas não pode ser qualquer mulher, tem que ser alguém que vai fazer ele feliz, não vejo ele sorrindo com mais ninguém como ele sorri quando está com a dinda.

— E o que tem a ver, ele namorar a melhor amiga da sua mãe? Não

vejo nada demais nisso, melhor namorar uma amiga do que alguém que é má ou encrenqueira.

— Também acho, mas os adultos são muito complicados. Papai sempre diz que eles são só amigos. Então, não sei.

— E se você ajudar eles a se entenderem? — É um bom plano, mas como eu faria isso? Além disso, sempre me falaram para não me meter em assuntos de adulto.

— Não sei não, Mille, vovó Lívia sempre diz que criança não pode se meter em assunto de adulto. E também não saberia o que fazer. — Mille sorri para mim. — Não conheço ninguém tão boa como você para fazer planos e eles sempre dão certo. — Olho para ela sem entender de onde ela tirou que meus planos sempre dão certo. — Tudo bem, talvez nem sempre deem certo.

— Quase sempre me meto em problemas quando tento ajudar, isso sim.

— Isso é verdade.

Olho para eles, a dinda sai e o papai fica lá olhando enquanto ela caminha para longe. Talvez ele goste dela, eles só precisam de um empurrãozinho, poderia falar com o papai e perguntar se estão namorando, vou fazer isso, vou perguntar, não vou estar me metendo em assunto de adultos, é só uma pergunta e não faz mal a ninguém, vou perguntar a dinda também, pronto, já decidi vou fazer isso. Não vou está me metendo muito, só um pouquinho.

— Vou perguntar a eles. — Falo o que pensei e Mille me encara.

— Como assim vai perguntar?

— Vou perguntar ao papai se ele tá namorando a dinda, se gosta muito dela e vou perguntar a mesma coisa para ela, assim quem sabe, as dúvidas se acabem. — Mille fica pensativa.

— É uma boa ideia, mas você acha que só perguntar vai fazer a dúvida acabar?

— Não sei, mas pode ajudar.

— Talvez dê certo. — Faço que sim com a cabeça. — Vamos brincar na cama elástica? Quero ir de novo.

— Vamos.

Voltamos a brincar nos brinquedos de novo, foi a melhor festa, me diverti muito. Brinquei tanto que até fiquei um pouco cansada. Mille e Fabinho fizeram as pazes, quando ele explicou que só tava brincando com a Jaqueline por causa de uma aposta que ele fez com os outros meninos e

acabou perdendo, o castigo foi ter que brincar com a chatonilda. Chega a hora de ir para casa, papai me chama. Hoje vou ficar na casa da vovó Lívia, gosto muito de ficar na casa da vovó, principalmente quando minha prima Savana fica comigo, a gente se diverte muito e sempre dormimos no mesmo quarto. Como não temos irmãos, somos como irmãs uma da outra, mas ela está viajando com a tia Samara, foram visitar a família do tio Caíque em São Paulo e só voltam segunda, de qualquer jeito, ficar com a vovó e o vovô sempre é muito divertido, eles brincam comigo e me contam histórias, é muito legal.

— Vamos, filha, hora de ir, tenho que trabalhar daqui a uma hora e meia. Se despede dos seus amigos que eu vou me despedir da Hortência e da Bárbara e chamar a Lys. — Estou brincando no escorrega quando ouço, papai fala bem alto, me chamando.

— A dinda vai com a gente?

— Vai, vou dar uma carona a ela.

— Tá bom, vou me despedir dos meus amigos.

Me despeço da Mille, do Fabinho, de alguns colegas da minha turma e vou correndo encontrar o papai. Encontro ele falando com a diretora Vitória e com a Dinda. A diretora era bem legal, menos quando ela chamava meu pai para falar sobre meu comportamento, aí não acho ela nada legal.

— Já podemos ir, papai. Dei tchau a todo mundo. — Estava animada em ir para casa com eles, talvez falasse sobre eles namorarem.

— Então vamos, até logo Vitória, a festa estava muito bonita.

— Nos vemos na segunda, Vitória — Dinda fala, dando um abraço e se despedindo.

— Obrigada, Gaspar, mas o mérito é todo dos funcionários, que se voluntariaram fazendo com que tudo fosse possível. Até segunda, Lys.

— Tchau, diretora Vitória. — Ela sorri e acena.

— Vão com cuidado. — A diretora fala e vamos caminhando. Seguro a mão do meu papai e a mão da dinda, sempre que andávamos assim, eu gostava.

No caminho indo pra casa da vovó, do banco de trás onde estava, vejo a Dinda olhando para o papai, quando ele olhava de volta ela disfarçava. Por que os adultos são tão complicados? Papai para no sinal vermelho, foi a dinda que me ensinou desde que eu era bem pequena, quando o sinal fica vermelho tem que parar. Acho que é uma boa hora para perguntar se eles estão

namorando.

— Vocês estão namorando? — Os dois se viram pra mim, fazendo uma cara engraçada.

— De onde você tirou isso, gatinha? — Dinda pergunta ainda com uma cara engraçada.

— Vi vocês de mãos dadas e falando bem pertinho duas vezes. — Eles olham um para o outro, com cara de susto. — Acho bem legal, vocês namorando, ficam muito bonitos juntos. — Dou um sorriso para mostrar que estou feliz de verdade e estava mesmo.

— Filha, acho que esse assunto... — Uma buzina soa bem alto.

Papai olha adiante, olho para trás na mesma direção e vejo uma fila de carros. Dinda e papai me encaram de novo e voltam sua atenção para frente, começamos a nos movimentar.

— Querida, eu e seu pai não estamos namorando. — Esse comentário me desanima um pouquinho. — Papai me encara pelo retrovisor, quando o encaro de volta ele pisca um olho e sorri, retribuo e seguimos nosso caminho.

Logo chegamos à casa dos meus avós. Já na entrada vovó Lívia nos esperava, sorridente. Me solto do cinto de segurança, abro a porta, pulo do carro e corro em sua direção, ela se abaixa para me pegar e abraça apertado.

— Cada vez que te vejo está mais pesada e alguns centímetros maior. — Diz beijando meu rosto e faz cosquinha.

— Oi, mãe. — Papai se aproxima para beijar vovó, ela me coloca no chão e acaricia o rosto dele.

— Como está, filho?

— Muito bem, mãe. E a senhora? Teve notícias do meu irmão?

— Lys, como vai, querida? Fantasia interessante. — Dinda abraça vovó.

— Estou bem, chapeleiro maluco. Gostou?

— Maravilhosa, muito criativa. Seu irmão está no Piauí, filho, em Milton Brandão com o projeto. Ele está bem, mas me pareceu um pouco angustiado com a situação do povo. Pelo que me disse, as pessoas são muito carentes, saúde e educação são muito precárias. O pessoal do Sertão Solidário está fazendo o que pode para ajudar, mas a situação é muito complicada. — Meu tio Mael era um herói, ele viajava quase o ano todo levando ajuda para as pessoas pobres, que não tinham médico, como ele é médico, ajudava todos elas, acho muito bonito, falo para todos que ele é um herói. Quando ele volta

pra casa, vovó faz uma festa e ele traz presentes para todo mundo, é bem legal.

— Posso imaginar. Quando falou com ele? Ele disse quando volta?

— Falei hoje, não disse, talvez só no Natal ou em janeiro, conhece seu irmão.

— Acho lindo o trabalho que o Sertão Solidário faz, essas pessoas precisam de assistência digna. O trabalho que Mael presta é louvável. – Dinda elogia meu tio, nem sei o que é "louvável", mas deve ser algo bem legal, ela gostava muito do meu tio Mael, depois procuro no dicionário o significado da palavra. Eles começam a conversar sobre um monte de coisa, adultos conversam muito. Deixo eles lá falando e vou procurar meu vovô e não encontro.

— Cadê o vovô? Procurei em todo lugar. — Pergunto quando volto pra perto deles.

— Ele foi buscar a Lika, querida, saiu tem uns dez minutos, logo ele está de volta. — Fico mais animada ainda, quando a vovó responde, já que minha prima Savana não está aqui ia ser bom a Lika aqui para brincar comigo.

— Mãe, precisamos ir, ainda vou levar Lys em casa antes de ir para o restaurante.

— Claro, filho, pode deixar que cuido dessa sapeca — ouço vovó falar, não era nada sapeca. — Seu pai já deve estar voltando com Lika, ele achou maldade deixar a coitadinha sozinha no apartamento, hoje o dia todo até amanhã.

— Ele tinha me avisado, sempre deixo uma cópia da chave com a portaria. Filha, – papai me chama. – Se comporta com seus avós, amanhã nos vemos, venho almoçar e te busco.

— Sempre me comporto, papai.

— Claro que sim. — Ele coloca a mão na minha cabeça, bagunçando meus cabelos, se abaixa, papai é muito grandão, dá um beijo no topo da minha cabeça e aproveito para perguntar.

— Não estão mesmo namorando. — Pergunto bem baixinho em seu ouvido. — Ia gostar muito se namorassem. — Papai sorri, beija meu rosto e fica de pé.

— Vamos! – Chama a Dinda para irem embora, antes de ir, ela me beija e se despede da vovó, caminha até o carro, aceno para eles, enquanto

vão embora.

Espero que tenha ajudado com alguma coisa, papai sorriu isso deve ser bom sinal.

Quando saímos da casa dos meus pais, o clima fica meio estranho. Sabia que Isa era perceptiva, mas não imaginei que fosse tanto assim. Seus comentários me fizeram pensar sobre algumas coisas, que estavam martelando na minha cabeça. Lys retira as botas, abre a bolsa pegando sandálias rasteiras simples e calçando, depois começa a arrumar os cabelos, que devo admitir, estavam parecendo um ninho de passarinhos. A comparação me faz rir, ela me encara.

— Posso saber o que é tão engraçado? — Pergunta com a sobrancelha levantada.

— Nada de mais — uma coisa que aprendi com meu pai, nunca fale a verdade sobre o cabelo de uma mulher, caso ele esteja um desastre. Quando ela termina de arrumá-lo, está bem melhor. — Vamos dar uma volta para conversarmos? Ainda tenho mais ou menos uma hora. — Precisava esclarecer o que estava acontecendo entre nós dois, esclarecer o que estava sentindo, foi preciso que uma garotinha de sete anos fosse sincera para me fazer entender e clarear meus pensamentos.

— Prometi não sair correndo novamente e não vou. Então vamos conversar.

— Ótimo. — Falo sorrindo, se ela não vai correr já é um bom começo.

O caminho que tomo é em direção a Villa Germânica, adorava aquele lugar, mas geralmente, só costumava vir quando tinha o O*ktoberfest*[7], este ano só consegui vim um dia, em meio à correria da minha rotina, foi o tempo que consegui. Estaciono em um estacionamento pequeno próximo a uma praça florida, encaro-a.

— Vamos conversar dentro do carro ou podemos dar uma volta. — Convido.

— Vamos dar uma volta. — Fala parecendo determinada, com essa postura sai do carro, sigo-a fechando a porta e acionando o alarme atrás de mim.

Caminhamos juntos até a praça e nos sentamos em um pequeno banco de praça, feito de um tipo de madeira envernizada, ficava sobre a sombra de uma árvore. Ficamos um tempo em silêncio, a cada segundo fico mais ansioso, resolvo falar de uma vez, afinal de contas fui eu quem insistiu para termos essa conversa.

— Não foi apenas um beijo para mim — acho melhor começar por onde terminamos da noite passada. Lys me encara. — Fazia muito tempo que não sentia nada parecido com o que senti na noite passada.

— E o que você sentiu, Gaspar? — Não sei se sua pergunta foi por curiosidade ou apenas para entender o que tudo aquilo significava, difícil saber.

— Me senti vivo, como não me sentia há muito tempo. — Queria encontrar as palavras certas, para explicar meus sentimentos. — Estou tentando colocar em palavras, mas acho que não é tão simples como pensei. — Dou um sorriso meio sem graça. Antes era tão fácil, com a Duda eu apenas sentia e falava, mas com a Lys isso parecia ser algo tão difícil.

— Talvez não encontre as palavras certas porque esteja confuso. Esses últimos anos ficamos mais próximos, nossa amizade se fortaleceu pela Isa, pela rotina que construímos com o tempo. — Odiava quando ela fazia isso, quando tirava a importância das coisas, apenas por medo de se magoar ou por medo de assumir o que está sentindo.

— Não faz isso!

— O quê?

— Não tira a importância do que aconteceu, conheço você, não teria retribuído o beijo daquele modo se não sentisse nada, o mais provável seria

que tivesse me empurrado e me dado um soco no meio da cara. — Ela sorri, me encara e depois olha para o chão, poderia continuar falando, mas tinha certeza de que neste momento seus pensamentos estavam dando voltas e ela precisava de um segundo.

— Realmente me conhece bem. Gaspar, você é marido da minha melhor amiga, acompanhei a história de vocês do início ao fim, pode imaginar como é para mim estar aqui com você tendo essa conversa? Sei que pode parecer ridículo, mas para mim não é.

— Não é ridículo, entendo o que quer dizer, mas não posso fingir que não aconteceu e não posso fingir que não senti tudo o que senti, não sou assim. — Penso em um modo de fazê-la entender, respiro fundo e tento novamente. — Esses últimos três anos vivi minha vida como se estivesse no limbo, no primeiro ano quase não conseguia respirar, sabe disse, esteve ao meu lado a maior parte do tempo. Permaneci vivo por causa da Isa, foi por ela que reaprendi a viver sem a Eduarda, foi com a sua ajuda que consegui. — Passo as mãos em meus cabelos, precisava fazê-la entender como sua presença na minha vida foi e é importante e essencial. — Seu apoio e o seu sorriso eram como uma brisa de suave, você me ajudou a continuar e enquanto ajudava a minha filha a superar a perda da mãe, me ajudou a entender que de algum modo ainda estava vivo. Que precisava continuar. Entende? — Seu olhar sobre mim era fixo e confuso. Ela não me responde e isso me deixa nervoso. — Certo, me deixa tentar de novo. Quando voltei ao mundo dos vivos, continuei no limbo estava com os vivos, só que pela metade, quando saí pela primeira vez com outra mulher ainda estava vazio. Era como se estivesse fazendo aquilo porque tinha que fazer, porque precisava tentar provar que ainda sentia alguma coisa. Depois da primeira, saí apenas com mais uma, desisti, era como se estivesse traísse quem eu sou, como se eu mesmo estivesse me sabotando. Mas com você, sempre que estou com você é como estar... Em casa, como se fosse meu lar. — As emoções que estampavam seu rosto, me deixava ainda mais inquieto.

— Gaspar, nem sei o que dizer... Me parece tão absurdo que um peixe e um pássaro possam ficar juntos. Sempre fomos tão diferentes e seus sentimentos pela Duda, isso é tão forte, tão poderoso. — Seu olhar me diz tanto, ela respira fundo e continua. — Jamais, nunca pediria para que esquecesse ou tentasse esquecer tudo o que viveu ao lado dela, porque sei que é impossível, seria como te pedir para esquecer como caminhar. Mas acima

de qualquer coisa, também a amava, ela era minha irmã, muitos momentos importantes da minha vida estão de algum modo interligados a ela. — Lys dá uma pausa antes de continuar. – Não vou mentir para você, falar que não senti nada estaria mentindo, na verdade, foi até um pouco mais do que isso, nunca foi tão forte com ninguém. — Suas palavras me dão esperança de que talvez se tentarmos possa funcionar.

Entendia seus medos, Lys estava certa, amo a Duda, não apenas por ela ter me dado a pessoa mais importante da minha vida, mas também por tudo o que vivemos juntos. Seguro sua mão, acaricio seus dedos, eles eram delicados, nossas mãos se entrelaçam encaixando-se perfeitamente. Podíamos fazer dar certo, se nós dois quisermos de verdade. Encaro-a, coloco um cacho solto de seu cabelo atrás da orelha, acaricio seu rosto, ela é uma mulher linda não apenas por fora, mas por dentro também.

— O que você acha de construirmos um par de asas para o peixe? — Seu sorriso surge com minha pergunta.

— Tem que ser um par de asas e um respirador. — Sua resposta me traz uma sensação de reconforto.

— Você quer tentar? Vê aonde isso vai dá? — Ela apoia seu rosto na palma da minha mão.

— Quero — seus olhos brilham, ela coloca sua mão sobre a minha que estava em seu rosto. — Mas não somos apenas nós dois, tem a Isa no meio disso tudo e a última coisa que quero é fazê-la sofrer. Se não der certo, tem que me prometer que continuaremos amigos, que independentemente de qualquer coisa, Isa sempre será prioridade. Promete?

— Prometo, tem minha palavra, que mesmo que não dê certo entre nós, sempre estaremos os três juntos. — Não conseguiria me afastar dela mesmo que quisesse, essa era uma promessa fácil de cumprir.

Seu sorriso ilumina seu olhar, ela solta minha mão e leva até meu rosto, o acaricia, percorre minha face até chegar a minha nuca, mergulha seus dedos em meus cabelos, como se estivesse verificando a textura dos fios. Sem resistir faço o mesmo com ela, nossos movimentos me davam a impressão de que estávamos gravando em nossas mentes cada um dos nossos movimentos, para associar aquele momento, construindo uma memória do nosso primeiro momento juntos. Nos aproximamos um do outro sem pressa, nossas bocas ficam a milímetros de distância, conseguia sentir seu hálito e seu perfume me embriagava, nossos narizes encostam-se com um sorriso leve, para me

provocar me dá um beijo de esquimó. Não resisto, puxo de leve seus cachos e toco sua boca com a minha, elas se abrem no mesmo instante. Fico perdido no meio de uma confusão de sensações, nossas línguas se entrelaçam com lentidão, mas ainda assim com uma urgência tangível.

Desconheço quanto tempo ficamos perdidos naquele momento, até pararmos para recuperar o fôlego, esse breve instante me traz de volta a realidade e me dou conta de onde estamos. Encosto minha testa na dela e respiro profundamente me esforçando para encontrar controle, ela também parece ter notado que estávamos em um local público. Nos separamos, nossos olhares se fixam, os dela brilhavam, simplesmente não consegui parar de sorrir.

— O que acha que todos eles vão achar, desse nosso... — ela dá uma pausa. — Como vamos chamar? — Não consigo não sorrir.

— O que acha de "relacionamento"?

— Uma boa nomenclatura. — Fala me beijando, apenas um encostar de lábios.

— O que quer dizer com "O que eles vão achar"?

— Sua família, tia Laura, Isa e todas as pessoas que nos conhecem.

— Tenho uma forte suspeita de que Isa vai adorar a ideia — ela sorri. — Os outros ficarão felizes depois que se acostumarem. Quero contar para a Laura, tudo bem?

— Por mim tudo bem — me aproximo e voltamos a nos beijar, parecia difícil ficar muito tempo sem fazer isso. — Temos que ir, você tem que trabalhar e eu preciso ensaiar, tenho apresentação com a orquestra no Carlos Gomes, a agenda de apresentação do teatro está completamente lotada em novembro e dezembro, duas semanas em cada mês. — Queria ficar com ela só para mim por mais um tempinho, mas ela estava certa já devia estar atrasado e precisava pensar em como contar para a família sobre nós dois, começar pelo Henrique me parece uma boa ideia.

— Tem razão, vamos — ela acena concordando e nos levantando seguindo em direção ao carro, pela primeira vez andando de mãos dadas como se sempre tivéssemos feito, era natural e delicioso estar com ela.

Capítulo 18

Ainda estava tentando entender tudo o que aconteceu, difícil acreditar que concordei em tentar, nós dois somos tão diferentes. As palavras da minha avó não saiam da minha cabeça, sobre encontrar nas diferenças do outro algum equilíbrio, estar com Gaspar, de algum modo me fazia ser melhor.

Depois da nossa conversa na praça, ele me trouxe em casa e foi trabalhar, já estava atrasado. Precisava ensaiar para as apresentações dos próximos meses, mas estava difícil me concentrar, cada beijo que compartilhávamos parecia ser mais intenso do que o anterior, não foi diferente quando nos despedimos algumas horas atrás, tentava me desligar, mas não conseguia. Deveria parecer estranho, mas não sentia assim. Ficava imaginando como seria quando todos ficassem sabendo, como seria.

Combinamos de contar aos poucos, hoje ele contaria para Henrique, queria ser uma mosquinha para ver sua reação, principalmente porque ele é a pessoa mais tranquila e sem preconceitos que conheço, se sua reação fosse péssima, então as outras pessoas iriam pirar. Nunca fiz o tipo medrosa, insegura ou que se importasse tanto com a opinião das outras pessoas, mas aquelas pessoas era muito importantes para mim, tinha muito respeito pela Lívia e Ettore, tinha um carinho muito especial pela Samara e sua família, assim como por Mael, eles eram um pouquinho minha família também. Gostaria que eles aceitassem.

No meio desse turbilhão, não tive coragem de ligar para minha avó, nem para minha tia e contar. Não tinha dúvidas de que elas me apoiariam, as duas adoravam o Gaspar. Desisto de ensaiar, vejo no relógio e já passava das nove. Nem notei o tempo passando. Qual era meu problema? Queria apenas saber como ele se sentia de verdade, talvez nem ele mesmo compreenda. Bate uma fome, sempre fico com fome quando estou nervosa ou ansiosa, abro os

armários da cozinha e a coisa mais rápida e prática que encontro é macarrão instantâneo, coloco a água para ferver, decido fazer um chá de valeriana para me ajudar a dormir, posso tomar depois que comer talvez me ajudasse a dormir.

Me sento na sala de frente para minha parede com desenhos de jardim de infância e com minha tigela de macarrão nas mãos, como amava aquela parede, as lembranças daquele dia. Penso em assistir a um filme e desisto logo em seguida, minha inquietação não me dava paciência para assistir. Sentia tanta saudade da Duda, era sempre com ela que eu compartilhava minhas inquietações, confusões e meus medos. Queria conseguir encontrar as respostas dentro de mim.

— O que estou fazendo? — Pergunto em voz alta, esperando por uma resposta que nunca viria. Antes de dá a segunda garfada no macarrão instantâneo, a campainha toca.

Definitivamente o sistema de segurança desse prédio não funciona. Levanto-me para atender. O que ele estava fazendo aqui? Fico surpresa ao olhar pelo olho mágico e me deparar com Gaspar, em minha porta. Olho-me no espelho que ficava em uma parede lateral ao lado da porta, usava uma camisa enorme do Bob Esponja, que já estava meio puída, mas adorava aquele pijama e também minhas velhas pantufas rosas com bolinhas roxas e enorme unhas de monstro, pelo menos eu achei que eram de monstro quando comprei nos Estados Unidos, até hoje não tenho certeza.

Suspiro, a campainha toca novamente, bem se ele correr ao se deparar com minha aparência normal, vai deixar claro que não fomos feitos para sermos um casal. Meus pensamentos são muito sem noção às vezes. Destranco a porta, ele podia ser menos bonito, seria mais fácil pensar perto dele, se tivesse acne, caspa e um rosto desproporcional, mas não, ele tinha que ser limpinho, cheiroso, ter uma pele perfeita e olhos tão profundos que pareciam enxergar dentro de mim.

— Vai a outra festa de halloween — ótimo, ele estava de bom humor, enquanto o meu não poderia estar mais confuso, invertemos os papéis, maravilhoso. — Deveria sempre se vestir assim, fica ainda mais linda, sem mencionar que é realmente muito sexy. — Fala me olhando de cima a baixo, com um olhar de desejo que me deixa sem jeito. Quando foi que na minha vida, o comentário de um homem me deixou sem jeito? Se alguma vez aconteceu, não recordo.

— Infelizmente não tem festa nenhuma, mas se tivesse acho que seria do pijama. Obrigada pelo “linda”, mas não acho que esteja assim tão sexy — falo dando passagem para que ele entrasse. — Não deveria estar no restaurante?

— Deveria, mas resolvi dar um pulinho aqui, já que mandei milhares de mensagens e liguei pelo menos umas quatro vezes e seu celular dava apenas fora de área ou desligado. — Droga! Desliguei o celular e coloquei para carregar, sempre faço isso esqueci de avisar. Caminhamos juntos para sala, enquanto ele continua falando. — Considerando que acabamos de iniciar um relacionamento e que ficou tudo meio confuso, porque não tivemos tempo de deixar as coisas completamente resolvidas, achei que talvez tivesse mudado de ideia sobre nós. — Meu sofá confortável, aconchegante e anormalmente grande para mim fica pequeno com ele sentado no mesmo lugar que eu estava há segundos antes, sento-me ao seu lado.

— Desliguei meu celular para carregar, não gosto de carregá-lo ligado, dizem que a durabilidade da bateria é bem maior, se usado do modo correto. — Ele sorri se aproxima de mim, me beija suavemente, parecia com receio, o beijo é suave e deliciosamente demorado.

Quando nos afastamos ele me encara, coloca uma mecha solta do meu cabelo atrás da orelha me avaliando, ele parece perceber os conflitos que acontecem submersos, dentro de mim.

— O que houve?

Me apoio ao encosto do sofá, respiro fundo, decido não esconder nada ou mentir dizendo que não é nada, se vamos começar algo não pode ser fingindo que tudo está um conto de fadas, quando não está. Mesmo correndo o risco de ser chata ou irritantemente insegura, duas coisas que nunca fui, mas que aparentemente não conseguia evitar sentir, Gaspar parecia ter o poder de despertar dentro de mim todos os meus medos e inseguranças, ele me deixava vulnerável e exposta, isso me amedrontava, opto por falar o que estou sentindo.

— Tentei evitar pensamentos que me tornam uma chata covarde, mas não consegui, no final das contas sou apenas eu, eu acho. — Falei coisa com coisa e no final não disse nada. Podia ser menos enrolada e mais objetiva. Gaspar me encara com uma das sobrancelhas erguida. — Não consigo parar de pensar na reação das pessoas quando souberem sobre nós. Preocupo-me com o que seus pais irão achar, no que a tia Laura vai dizer. Não sei, Gaspar,

mas a impressão que tenho é que talvez estejamos sendo egoístas, pensando apenas nos nossos sentimentos, sem levar em consideração as pessoas importantes, que fazem parte das nossas vidas. — Falo sem pausa, tomando fôlego apenas quando termino.

— Minha família te adora, meus pais, meus irmãos, Henrique, tio Gael e a pessoa mais importante da minha vida, minha filha, todos amam você. Enquanto a Laura, bem... Vocês sempre foram próximas, ela te ama, com o tempo vai acabar se acostumando, tudo vai se resolvendo com o tempo. — Ele pega uma das minhas mãos e começa a acariciar, vira a palma para cima e começa a contornar as linhas da mão com a ponta dos dedos. — Acho que deveria ter um pouco mais de fé em nós. — Não deixo de sorrir com seu comentário.

— Como regra geral, sou eu a pessoa que sempre tem uma visão positiva e animadora sobre as coisas, quem vive o momento sem pensar muito no que vai acontecer amanhã. — Gaspar continua acariciando minha mão, seu toque me acalma, é muito bom. — Me pergunto quando foi que nossos papéis foram invertidos? Quando foi que esse sentimento surgiu entre nós? Ainda me parece meio surreal e sempre que penso sobre isso, não consigo deixar de pensar que se eu estou com dificuldade em encontrar respostas para essas questões, como vai ser quando as pessoas perguntarem.

— Sabe o que eu acho? — Nego balançando a cabeça. — Que não deve se importar em dar detalhes das nossas vidas a todo mundo. — Fala me encarando sem deixar de contornar os traços das minhas mãos, indo e vindo. — As respostas para as perguntas que rodeiam sua mente vão chegar, aos poucos vamos conhecer nossos sentimentos, vamos fazer isso juntos. Tentei negar o que estava sentindo por você, não deu certo. Dizia a mim mesmo que era apenas coisa da minha cabeça, que meu desejo de te tocar, de ficar com você era apenas pela intimidade e proximidade que se intensificou entre nós, que cresceu nos últimos três anos. Depois de te beijar, entendi claramente que estava completamente equivocado. — Fala soltando minhas mãos, colocando as suas em meu rosto. — Lys, gosto de você, não... "Gostar" me parece uma palavra tão pequena para descrever o que estou sentindo por você.

— E o que sente por mim? — Precisava ouvir as palavras saírem da sua boca.

— Estou apaixonado por você. — Abro um sorriso idiota. — Desculpa por não ter deixado isso claro, deveria ter esclarecido quando conversamos

mais cedo, só que foi tudo tão rápido, tantas coisas foram ditas e tantas outras ainda precisam ser faladas. Mas temos tempo, Lys, vamos descobrir tudo isso juntos. — A única coisa que consigo fazer é assentir concordando, enquanto chegava mais perto dele, subindo em seu colo.

Era engraçado como me sentia forte e frágil ao seu lado, era como se ficasse pequena, mas não de um jeito ruim. Nunca me senti assim com ninguém, nem um cara com quem namorei, fiquei ou tive qualquer rolo, me fazia sentir esse conflito de sentimentos. Sempre fiz mais o estilo durona do que o da mocinha indefesa que precisa ser protegida, mas com Gaspar parecia que eu não tinha medo de demonstrar minhas vulnerabilidades, ao mesmo tempo em que isso me deixava feliz, também me dava muito medo.

O sentimento de depender emocionalmente de outra pessoa me amedrontava, medo de me perder de quem sou, acho que essa era a melhor definição. Acaricio seu rosto, contorno seu sorriso com a ponta dos meus dedos, me sentia uma adolescente em seus braços, ele despertava isso em mim.

Todas essas sensações e emoções que afloravam em mim através dele eram boas, intensas e me faziam sentir vida. Aproximo meus lábios dos seus, ele não diz nada. Apenas um leve encostar, Gaspar fica parado esperando minha iniciativa, o que vou fazer. Essa proximidade entre nós é tão nova para mim, mas decido por um momento parar de pensar e deixar que meu corpo apenas responda.

— Quanto tempo você tem para voltar ao restaurante? — Pergunto com nossas bocas encostadas uma na outra. Não fazia ideia do que estava fazendo, queria apenas viver aquele momento com ele. Um sorriso se abre em seus lábios.

— Sou dono do restaurante, se quiser nem volto mais hoje.

— Isso pode levantar suspeitas? — Falo beijando seu pescoço.

— Não estou me importando muito com isso. Ainda não falei com Henrique, porque não tivemos tempo, mas de amanhã não passa. — Seu sorriso desaparece e sua voz fica visivelmente afetada pelo meu toque.

Gaspar segura minha nuca puxando minha boca na direção da sua e nos perdemos um no outro, é como se o mundo ao nosso redor parasse, tudo parecia ter desaparecido. Mergulhamos nas sensações que despertávamos mutuamente. Ele parecia ter fome de mim, a mesma fome que me dominava, seu beijo tinha uma intensidade que penetrava meu ser, deixando meus

pensamentos desconexos, nossas línguas se entrelaçavam com uma urgência faminta.

Meus batimentos aceleraram, batendo como tambores batucando fora do ritmo, seus beijos em meu pescoço e colo deixam um rastro de fogo e desejo que a cada segundo me fazia desejá-lo mais. Suas mãos suavizam o aperto da minha cintura, indo para minhas pernas, subindo até minhas coxas levantando meu pijama, torço mentalmente para que ele goste do Patrick, porque minha calcinha era o rosto dele. Sempre fui livre em relação ao sexo, nunca tive medos e sempre me entrego por inteiro, neste momento era exatamente isso o que desejava, não éramos mais criança para ter que esperar e o desejo que me consumia certamente também não queria esperar.

Nossos toques ficam ainda mais ousados, coloco minhas mãos por baixo da camisa dele, quando estou prestes a puxá-la, Gaspar me impede segurando minhas mãos. Seus lábios deixam os meus, ainda com a respiração ofegante, encosta sua testa na minha, seus olhos continuavam fechados, como se ele estivesse fazendo um esforço descomunal para se controlar. Ficamos apenas assim por alguns instantes, até que eu não conseguisse mais me manter em silêncio.

— Por que parou? Você não quer? — Ele dá uma risada sem nenhum humor e com uma evidente contrariedade.

— Acredite em mim... — Fala abrindo os olhos me encarando. — Eu quero e a desejo mais do que possa imaginar.

— Também quero e te desejo muito, Gaspar. Então o que acha de continuarmos? — Pergunto, colocando minhas mãos por baixo de sua camisa, ele novamente a retira, levando-as aos lábios depositando um beijo em cada uma delas, o que me deixa bem frustrada. O beijo foi usado como subterfúgio para suavizar seu gesto.

— Não assim, nem agora. Não vamos agir por impulso, de modo prematuro, ainda é cedo. — Ele só podia estar de brincadeira. — Não quero apressar as coisas, Lys, vai acontecer quando menos esperarmos, apenas não quero que seja assim, depois de uma conversa que tivemos, onde o assunto te deixou tão sensível. Além disso, iniciamos nosso "relacionamento" ontem, literalmente. Precisamos de tempo para absorver e entender tudo isso. Não se sinta frustrada, não é uma recusa e sim um adiamento, está sendo tão ou mais difícil para mim, acredite.

— Não precisa ser difícil, podemos apenas deixar acontecer. Você não

tem que ter tanto alto controle. Quero você, Gaspar.

— Também te quero, mas também quero que funcione entre nós, não quero que sejamos mais do mesmo, Lys, você vai descobri que sou bem diferente dos caras modernos que você costuma namorar, principalmente quando quero muito uma mulher.

— Isso é algo que não preciso descobrir, porque já sei disso há muito tempo. — Toco seu rosto, acaricio seus lábios com os meus, beijo seu maxilar construindo uma trilha de beijos até seu pescoço. Adorava como sua musculatura se contraía com meus carinhos e toques. Ele coloca as mãos entre meus cabelos, puxando minha cabeça interrompendo meu momento feliz.

— Poderia por favor facilitar minha vida? — Apenas sorriu.

— Quem quer esperar é você e não eu. Só para confirmar, sabe que não sou uma donzela virgem, certo?

— Sim. E também sei que não somos crianças, não quero agir com impulsividade. — Percebo nesse momento que meu maior medo não era tentar e sim amar sozinha.

— Tecnicamente sei que está certo, mas me conhece bem o bastante para saber que sempre gostei mais de viver o momento.

— Sei bem disso, vi rolar, temos muito tempo. — Termino me conformando, espero apenas que não demore muito para rolar.

Sento-me ao seu lado, beijo seus lábios e me aconchego ao seu corpo, seus olhos se fixam na tigelinha com macarrão instantâneo, nada saudável, que devia estar mais do que frio, quase gelado.

— Estava jantando a essa hora macarrão instantâneo? — Senti uma pitadinha de incredulidade em seu tom.

— Sim, quando estou reflexiva, angustiada ou ansiosa a fome bate, mesmo tendo jantado quis comer de novo, então fiz a primeira coisa que encontrei no armário. Não queria pedir comida, então improvisei. — Termino de falar e beijo seus lábios, bem rápido apenas um encostar suave, sua expressão de incredulidade agora estava em seu rosto.

— Não vai comer isso, sabe o quanto de conservante tem nessa coisa? Sem mencionar que é extremamente cancerígeno. — Nossa que drama, não é para tanto, como era exagerado.

— Acho que está exagerando.

— Não estou e isso não é comida de verdade. Ainda está com fome? —

Não consigo evitar um sorriso com sua pergunta.

— Na verdade, estou um pouco. — Ele se ergue e estende as mãos me ajudando a ficar de pé.

— Vou fazer alguma coisa para você comer. Vem!

Tento lembrar como foi que Gaspar transformou os poucos ingredientes que tinha na minha geladeira em comida de verdade, mas não fazia a mínima ideia, sempre fui mais propensa a comer do que a preparar, aquela fritada foi a melhor que já tinha comido na vida toda.

— Uma delícia, acabou de me conquistar por completo. — Ele sorri para mim se curvando sobre o balcão beijando a ponta do meu nariz.

— Bom saber que ainda consigo conquistar uma garota pelo estômago.

— Acredito que esse seja seu dom natural.

— Verdade.

— Pena que a modéstia também não seja. — Implico, depois beijo seu rosto.

— Isso também é verdade – fala abrindo ainda mais o sorriso. – Preciso ir, acho que já devem estar fechando a cozinha, disse ao Carter que voltava antes de fecharem tudo.

— Pensei que o dono não tinha que dar explicações a ninguém.

— E não tenho, mas já ouviu aquele ditado que diz "O olho do dono é que engorda o gado" gosto de sempre ser presente, mesmo tendo ótimos funcionários.

Caminhamos juntos em direção à porta da sala, nós voltamos um para o outro, Gaspar me envolve em seus braços, enterra uma de suas mãos em meus cabelos e me beija intensamente, se seu outro braço não estivesse em volta da minha cintura, certamente teria escorregado até o chão. Assim como ele fez comigo, também o envolvo lançando meus braços em seu pescoço, minha pele aquece ficando quase febril, Gaspar tinha esse efeito sobre mim. Como ele diz para esperarmos e me beija dessa forma, chegava até a ser desumano. Abruptamente ele interrompe o beijo sobre meus protestos, encosta a testa na minha e sorri, adorava seu sorriso, mas neste momento o acho bem desnecessário.

— Quando diz que acha melhor esperarmos e logo em seguida me beija dessa forma, fico em dúvida se é isso mesmo que você quer.

— Não consigo evitar, você é tentadora demais. — Diz dando um beijo na ponta do meu nariz. — A gente se vê amanhã à noite lá em casa? —

Concordo com um movimento de cabeça, me dá um último beijo de despedida, e vai embora.

Ontem acabei chegando do trabalho bem tarde e hoje passei um pouco da hora, mas foi bom ter ido até a casa da Lys, foi bom esclarecer algumas coisas que ficaram rondando a cabeça dela e de certo modo a minha também. Dúvidas que ficam martelando na cabeça e que não são esclarecidas se tornam bolas de neve gigantes que quando colidem com muros de incertezas podem causas alguns danos. A conversa que tivemos sobre sexo, também foi importante, não queria que fosse apenas um momento de desejo e tesão, que acontecesse em meio aos impulsos da nossa paixão, Lys não era qualquer mulher e jamais a trataria como tal. Podem me chamar de antiquado, careta ou qualquer outro adjetivo comparativo com homens do século passado, não me importo, para mim o que realmente importa é tentar fazer funcionar, por nós dois e também pela Isa.

Essa conversa nos ajudou a compreender melhor boa parte das dúvidas que nos rondava, saí do apartamento ainda mais decidido a contar logo a minha família, começando pelos meus pais, depois a Isa e quando meus irmãos chegassem de viagem a eles, tinha falado ontem para Henrique e para minha surpresa ele disse apenas para eu fazê-la muito feliz ou meu pescoço rolaria para fora da minha cabeça, foi um pedido razoável. Hoje seria uma ótima oportunidade para contar aos meus pais, estava indo tomar café da manhã com eles.

Chego em casa, quase às oito da manhã, quando entro, a mesa do café

já estava posta, o perfume me convidava.

— Bom dia! — Cumprimento meus pais que já estavam sentados à mesa, como de costume, meu pai com seu habitual jornal da manhã e minha mãe fazendo sua lista diária de afazeres, meus pais realmente eram a melhor definição de casal propaganda de margarina, tanto Mael como eu brincávamos muito com eles sobre isso. Desde que eu era criança que essa mesma cena se repetia todas as manhãs, meus pais eram o tipo de casal acostumado com a rotina, mas que independente dela se amavam e se respeitavam acima de qualquer coisa, em trinta e dois anos, nunca os vi discutir, não sei se faziam longe dos filhos, mas na nossa presença nunca fizeram. Admirava-os ainda mais por isso.

— Bom dia, filho! — Meu pai responde e em seguida minha mãe, faltou pouco para os dois responderem ao mesmo tempo.

— Está com um ar ótimo, viu o passarinho verde? — Minha mãe pergunta deixando de lado suas anotações no caderninho voltando sua atenção para mim.

— Isa ainda não acordou? — Foi proposital responder à pergunta dela com outra, precisava saber onde meu pedacinho de gente estava antes de abrir o jogo com meus pais.

— Quando desci para o café da manhã ela ainda estava dormindo, ontem ficamos assistindo filmes até tarde — queria entender como funciona a cabeça dos avós, que são rígidos quando se trata da criação dos filhos, mas quando o assunto são os netos eles fazem ao contrário. — Não me olhe assim, Gaspar, hoje é domingo e não tem nada de mais passar um pouco da hora de acordar, além disso, é provável que ela já tenha despertado. — Decido não discutir esse assunto agora, então não insisto.

— Por que não fala logo o que quer falar, filho? — Meu pai sentencia por fim, ele me conhecia muito bem, muito melhor que minha mãe.

— Vou falar, queria apenas me certificar que a Isa não iria ouvir.

— Quanto suspense, filho, estou começando a ficar preocupada.

— Não precisa, mãe, é novidade boa, muito boa na verdade. — Meus pais se entreolham, depois me encaram sem falar nada, ficam apenas aguardando, decido falar logo de uma vez.

— Vocês sabem que desde que a Duda se foi não me envolvi de verdade com mais ninguém. Sempre estiveram ao meu lado e sabem melhor do que ninguém tudo pelo que passei. Vivi um inferno na terra por quase dois

anos, foi minha pior versão de mim. — Meu pai assente, já minha mãe apenas continua prestando atenção atentamente. — Faz muito tempo que não me sinto vivo como estou me sentindo agora, mas o que me deixou surpreso não foi voltar a ter esse sentimento, o que me surpreendeu de verdade foi descobrir que a pessoa responsável por despertar esse sentimento dentro de mim foi a Lys.

A cara de espanto tanto do meu pai como da minha mãe foram bem interessantes.

— Calma, filho, de que Lys está falando? — Ele nem espera minha resposta à sua pergunta e continua. — Da nossa Lys, da Alyssa?

— Querido, quero que tenha em mente que ela é como da família, sabe que todos nós temos um carinho muito especial por ela. Agradeceria se nos explicasse desde o início como tudo isso aconteceu. — Minha mãe fala de modo sucinto. Sento-me à mesa de frente para eles.

— Se a senhora quer detalhes de como tudo começou, a única coisa que posso falar é que ontem conversamos e decidimos que estava difícil para ambos continuar negando o que estava acontecendo. Então decidimos tentar e vê no que dá.

— Nunca fui de me intrometer nas escolhas de nem um de vocês, mas preciso perguntar. Tem certeza do que está fazendo, Gaspar? Lys não é qualquer mulher, como sua mãe mesma falou, ela é muito querida por todos dessa família, tem uma forte relação com a Isa. Sem mencionar que era como uma irmã para sua esposa, Laura a considera como uma filha, tem muito carinho por ela. — A seriedade na voz e no semblante do meu pai não deixava brechas para discussões, o que ele queria de mim eram certezas e isso ainda não poderia dar, me restou apenas esclarecer os meus sentimentos para que eles compreendessem o que estava acontecendo.

— Não posso dar as certezas que o senhor que, pai, simplesmente porque não as tenho. Mas o que a Lys desperta em mim não é apenas paixão. Nos conhecemos muito bem, tenho certeza que esse sentimento é mútuo, nos últimos anos fomos a âncora um do outro, o mundo não é feito de certezas, pai, os relacionamentos também não são. —Pelo olhar do meu pai ele entendeu que o que estava acontecendo era sério e não uma brincadeira inconsequente, encorajado por esse olhar continuo. — Tudo isso o que vocês dois expuseram, conversei com a Lys, mesmo tendo esse jeito impulsivo ela é uma mulher incrível de muitas formas e forte também. Não foi uma decisão

tomada no calor do momento, conversamos bastante, esclarecemos muitas questões e nós dois queremos isso.

— Tudo o que eu quero, como mãe é que você seja feliz, se estar com a Lys é o que faz você feliz, então nada me deixa mais maravilhada. A única coisa que te peço, meu filho, é que não procure a Eduarda na Alyssa, são duas pessoas completamente diferentes. — Nunca passou pela minha cabeça alguma comparação entre elas, seria como comparar água e vinho ou a noite e o dia, elas eram melhores amigas mais sempre foram completamente diferentes.

— Não estou procurando a Duda na Lys, mãe, além delas serem muito diferentes, o que eu sentia pela Duda era muito diferente do que sinto pela Lys.

— E o que você sente pela Lys? — Meu pai pergunta simplesmente e fica aguardando minha resposta, assim como minha mãe.

— Estou apaixonado por ela, sinto um carinho enorme, respeito, admiração. — Fui sincero, disse apenas o que sentia.

— Mas não a ama?

— Amor, é uma palavra forte demais, mãe, a dimensão do significado é igualmente forte. Não sei se algum dia vou amar novamente, nem sei se o que sinto pela Lys pode vir a se tornar amor. — Passei a minha vida inteira acreditando que um sentimento assim só se vivia uma vez durante toda a vida, que minha cota de felicidade tinha esgotado com a Duda, achei que nunca me apaixonaria novamente, agora, não tinha mais certeza de nada. — Mas quando estou com ela, fico leve, me sinto vivo. — Meus pais me encaram e abrem um sorriso.

— Vai encontrar as respostas para as suas dúvidas, tenho certeza — engraçado como meu pai sempre tinha as palavras certas. — É sua vida, são suas escolhas, sempre terá nosso apoio.

— Estou feliz que é a Lys, ela é muito especial e tenho certeza que Isa vai adorar a novidade.

— Também acho, ela já estava tentando bancar o cupido, acho que vai adorar saber que estou namorando com a madrinha dela. Vamos conversar e vou explicar tudo.

— Devia aproveitar e fazer isso agora, acho que ela já deve ter acordado. Enquanto isso vou pedir para a Tereza preparar os cereais da Isa.

— Quem é Tereza, mãe?

— Nossa nova funcionária, já que fez o enorme favor de roubar nossa Mira, tive que procurar outra pessoa. — Fala se erguendo da cadeira e indo em direção à cozinha.

— Ela nunca vai esquecer essa coisa com a Mira né?

— Pode ter certeza que não vai. — A resposta do meu pai vem acompanhada de um enorme sorriso, o companheirismo que ele compartilhava com dona Lívia, mesmo depois de mais de trinta e cinco anos de casamento é algo que busquei e encontrei com a Duda e que talvez não volte a acontecer, mas com o tempo quem sabe.

— Obrigado, pai. — Agradeço quando nossos olhares se cruzam. — Obrigado por sempre me apoiar.

— Não precisa agradecer, é meu dever como pai, está escrito na cartilha. — Impossível não rir com seus impropérios sobre o assunto paternidade, ele sempre diz que filhos são poupanças furadas.

— Tem feito um ótimo trabalho, todos os dias tento sempre ser um pai mais parecido com você, seguindo os exemplos que me deu a vida toda.

— Não precisa se esforçar tanto, você já é um pai melhor do que eu, sinto muito orgulho de você. Quantos pais conseguem falar isso a um filho e serem sinceros? — Meu pai é o melhor homem que conheço, sempre foi.

— Poucos, tenho sorte por você ser meu pai.

— E eu de tê-lo como filho. — Levanto-me, circulo a mesa, beijo o topo de sua cabeça já um pouco calva.

— Vou ver se minha pimentinha está acordada e carregar ela para o café.

— Faça isso, filho, fale a novidade e não demorem, estou com fome.

Subo as escadas, o quarto era o terceiro do corredor, bato de leve na porta, espero uns segundos como ela não responde bato novamente e nada. Quando já ia entrar, a porta do banheiro que ficava ao lado do quarto do Mael é aberta e minha pimentinha sai toda animada e sorridente.

— Oi, papai! Bom dia! — Fala se jogando sobre mim, carregada de energia e entusiasmo, com um sorriso que pode ser comparado ao sol, era aquele sorriso que fazia com que tudo em minha vida valesse a pena. Nos afastamos.

— Bom dia, princesa! Acordou animada? — Não deixo de notar, que mesmo estando já vestida ainda continuava descalça, ela sempre deixava as sandálias ou sapatos por último, adorava ficar descalça, uma mania que ela

adquiriu da convivência com a Lys.

— Bem animada, vi no calendário ontem com a vovó que falta menos de dois meses para o Natal, o Novo Ano e as férias. — Suas palavras poderiam ser acompanhadas de pulinhos tamanha sua empolgação, mas apenas passa por mim e entra no quarto, sigo logo atrás dela.

— É verdade, falta pouco, vamos passar alguns dias das férias em Florianópolis por causa do restaurante novo, você aproveita e fica um pouco com a Laura. — Ela concorda balançando a cabeça com movimentos amplos, seguindo diretamente para o guarda-roupa grande demais para sua estatura, depois de olhar embaixo da cama e não encontrar o que procurava.

— Estou com muita saudade da vovó.

— Tenho certeza de que ela também está. Princesa, precisamos conversar.

— Juro que não fiz nada dessa vez, papai. — Fala parando de vasculhar o guarda-roupa e voltando sua atenção para mim.

— Sei que não fez, o assunto que quero falar com você não tem nada a ver com alguma das suas travessuras, a não ser que tenha aprontado alguma coisa de ontem para hoje. — Ela balança a cabeça negando, me sento na cama, bato com a mão no colchão, ela caminha até mim com um par de sandálias cor de rosa nas mãos, que nem percebi de onde surgiram e senta-se ao meu lado.

— Então, pode falar, papai. — Se acomoda ao meu lado e a seriedade como fala é até engraçada, me seguro para não rir.

Me aprumo para ficarmos de frente, ela apenas me encara, esperando que eu inicie a conversa. Procuro em minha cabeça o melhor modo de abordar o assunto, fazer com que Isa compreenda tudo de uma forma simples. Ela sempre foi uma garotinha inteligente, mas esse assunto envolve bem mais do que entendimento, envolve sentimentos e tudo o que eu não desejava era que minha filha criasse um mundo de expectativas que poderiam talvez não acontecer.

— Primeiro, quero que entenda uma coisa, independentemente do que possa acontecer, sua vida vai permanecer a mesma coisa. Tudo bem? — A carinha dela é muito fofa, mesmo assim ela concorda com a cabeça sem falar nada e continuo. — Certo, ontem você perguntou se eu e sua dinda, se nós dois estávamos namorando... — dou uma pequena pausa, os olhinhos dela ficam ainda mais atentos e brilhantes novamente, ela balança a cabeça. —

Então, nós dois tivemos uma conversa séria ontem mesmo e descobrimos que gostamos muito um do outro mais do que amigos e decidimos namorar. — Seu sorriso se amplia e ela se atira em meus braços.

— O dia agora ficou muito incrível — fala afastando-se de mim. — Estão mesmo namorando de verdade? Tipo pra valer mesmo? — A emoção em sua voz era evidente assim como sua alegria, isso me deixava feliz, mas também com receios.

— Sim, nós estamos, mas, filha, quero que preste atenção no que vou falar. — Era necessário que tudo fosse esclarecido, faria o possível para que esse relacionamento desse certo, assim como tinha certeza que a Lys faria o mesmo, mas Isa precisava saber que talvez não funcionasse. — Nós, eu e a Lys, estamos namorando para saber se vai dar certo, nem sempre os relacionamentos entre duas pessoas funcionam, isso não significa que elas não se gostam, significa apenas que não dão certo como um casal. Você entende, princesa?

— Entendo sim, papai. É como os pais da Cris, eles se separaram porque não se amavam mais, mesmo assim continuaram sendo amigos, a Cris me disse que eles falaram para ela que ainda se gostam muito, mas como amigos.

— É exatamente isso, só que comigo e com a Lys é um pouquinho diferente porque não somos casados.

— Mas podem casar, não é? — Se ela continuasse com todo esse empenho para me fazer namorar, estaria no altar antes do final do ano.

— Vamos com calma, princesa, nós acabamos de começar a namorar, as coisas não funcionam tão rápido assim, vamos devagar.

— Tudo bem — ela tenta, mas não consegue disfarçar a decepção perante minha resposta, uma característica muito forte na Isa era sua transparência.

— Filha, eu e a Lys estamos tentando entender o que sentimos, tentando entender nossa relação, ainda é um pouco complicado para mim, sabe que amei muito a mamãe, que ainda amo de certo modo. Não sabe? — Ela assente.

— Sabe, papai, já ouvi muitos adultos falarem que existem muitos tipos diferentes de amor e que nosso coração é bem grande e tem lugar para todo mundo, mas aí eles ficam complicando tudo e inventando desculpas, como se fosse errado amar mais de uma pessoa. — Fico me perguntando como uma

garotinha de sete anos consegue falar tanta verdade. — Acho os adultos complicados demais, falam uma coisa e fazem outra coisa diferente. — Fala concluindo e dando de ombros.

— Princesa, você tem toda razão, somos muito complicados e difíceis.

— Sei bem disso, papai, estou muito feliz que está namorando a dinda. Vamos tomar café? Já estou pronta.

— Vamos, pimentinha. — Fico de pé, ajudo-a a calçar as sandálias cor de rosa, depois seguimos para fora do quarto.

— Papai, a dinda vai passar o natal com a gente? — Pergunta, enquanto descemos as escadas de mãos dadas. Quando a orquestra tinha apresentações em outras cidades, Lys não conseguia ficar com a gente.

— Acho que sim, acho que a Clara e a Liliana também.

— Ia ser bem legal se a vovó Clara e a titia Liliana viessem também, acho melhor assim todo mundo sempre junto. — Seu sorriso se alarga.

— Então vamos torcer para que a Lys não tenha apresentações com a orquestra em outras cidades na véspera de natal.

— Já estou torcendo. — Fala fazendo um sinal, cruzando os dedos e me mostrando.

Capítulo 19

Entre minhas aulas na escola, meus ensaios com a orquestra e meus encontros rápidos com Gaspar, meus dias se passaram e mais uma semana chega ao fim. Dentro de mim o alívio e a felicidade se apoderaram do meu ser, muito desse sentimento se dava pela aceitação da Isa, seu entusiasmo ao saber sobre mim e Gaspar, quando ele me contou com detalhes sobre a conversa dos dois e depois de conversar com ela, parte das incertezas dentro do meu coração se apaziguaram. Ainda não falei com Lívia ou com Ettore, mas pelo que Gaspar me disse eles também aceitaram a novidade, Samara retorna da viagem, assim que ficou sabendo sobre nós me ligou eufórica perguntando se realmente era verdade e exigindo detalhes de como tudo aconteceu, almoçamos juntas e tentei contar resumidamente tudo o que houve. Ganhei uma sobrinha adolescente linda, que ficou igualmente animada ao saber que estava namorando seu tio, Savana era um doce. Já Henrique, pelo que Gaspar me disse, mesmo tendo ficado surpreso pediu apenas que ele me fizesse feliz, óbvio que ameaçou Gaspar fazendo seu pequeno dramalhão, se não tivesse feito isso não seria ele.

Minha avó e tia Liliana estão felizes, depois de serem "surpreendidas" com a notícia, elas se abraçaram a mim, como sempre me dando carinho e apoio incondicional, desejando toda felicidade e sorte do mundo. Na terça recebi um convite formal para jantar hoje na casa dos Bianucci, Lívia fez questão de preparar um jantar de comemoração, de acordo com ela minha chegada oficial a família tinha que ser celebrada, não que estivéssemos nos casando, bem longe disso, na verdade, ainda nem tínhamos feito sexo, o que é bem frustrante por sinal, mas se ela queria dar esse jantar, não seria eu a jogar um banho de água fria em seu entusiasmo.

Quase quatro horas de ensaio direto, com apenas um pequeno intervalo de quinze minutos, pela segunda vez estávamos repassando "Noite feliz", das

músicas clássicas de Natal essa era sem dúvida a que mais gostava. Nossa agenda de final de ano estava repleta de apresentações, o início delas está marcado para dia dez de novembro, este sábado. Faltando pouco mais de um mês para as festas de fim de ano tudo andava uma correria, aqui na orquestra, na escola, para o Gaspar as coisas não estavam muito diferentes entre o Sabores que estava para ser inaugurado em Florianópolis, o buffet e o Sabores aqui de Blumenau, tudo estava uma turbulência.

— Quase perfeito — ouço o maestro falando ao fim do último acorde. — Amanhã corrigimos os pequenos atrasos e acertamos os compassos de Bach, estão liberados. — Finalmente, minhas pernas já estavam começando a ter cãimbras.

Pego o estojo do meu violoncelo, desmonto o suporte de partitura e vou guardando tudo, era pelo menos cinco minutos para organizar tudo, isso porque eu já tinha experiência.

— Alyssa! — Uma das violinistas me chama, ela não estava há muito tempo na orquestra, acredito que apenas há uns seis meses, não havia falado muito com ela, em meio à correria que se tornou minha vida, com dois empregos, a ONG, a Isa e o Gaspar os últimos três anos foram bem turbulentos, mas não tenho do que reclamar. — Talvez não se lembre de mim, faz pouco tempo que entrei para a OSSCA... — sorri meio sem jeito, retribuo seu sorriso para tranquilizá-la, sua fala era tão apressada parecia que estava nervosa ao falar comigo — Não falei com muitas pessoas, você falou comigo uma vez, acho que não deve estar entendendo porque estou falando coisa com coisa, desculpe... — quanto mais depressa falava mais atropelava as palavras. — Acho melhor tentar de novo.

— Também acho, por que não respira e começa do início? — Falo sorrindo na tentativa dela ficar mais calma, acho que funciona, ela respira fundo enchendo bem os pulmões antes de começar.

Enquanto ela parecia reorganizar seus pensamentos, volto a recolher meus materiais e organizar minhas coisas, Gaspar disse que viria me buscar às oito e meia, dou uma olha discreta no celular, já eram oito e vinte e cinco.

— Desculpa, acho que me atrapalhei um pouco.

— Relaxa, tenho cinco minutos, pode ir falando, enquanto guardo tudo.

— Se estiver com pressa, posso falar com você depois. — Encaro-a, ela era bem novinha, me faz lembrar de mim quando comecei, tento puxar com a mente e me lembrar do seu nome, acho que era Téssia ou Tessa, acho que é

Tessa mesmo ou alguma coisa parecida com isso, só não entendi por que estava tão nervosa.

— O que acha de falar logo o que quer me falar? — Termino de guardar tudo, fico ereta e encaro-a. — E então?

— Certo, então... Basicamente participo de um quinteto de cordas que iniciei com umas amigas quando estava na faculdade, apenas mulheres... — muito interessante, ela consegue prender minha atenção, mesmo falando rápido e meio atropelada. — Apenas eu e outra menina tocamos aqui na orquestra, as outras são formadas em Música, mas dão aulas ou fazem outra coisa, enfim, acho que isso não é relevante neste momento. — Queria pedir que ela fosse direto ao ponto, mas como ela estava meio afobada, espero continuar. Depois de respirar fundo, prossegue. — Vou ser mais objetiva, nosso quinteto agora é quarteto, Alessandra era nossa violoncelista, mas ela recebeu uma proposta de estudos em Portugal e foi embora, tem umas semanas e meio que estamos desfalcadas. São duas violinistas, uma violoncelista, uma contrabaixista e uma viola d'arco, então estamos mais do que desfalcadas, estamos bem ferradas. Marcamos algumas apresentações para este mês e o próximo, na verdade são apenas quatro em dois eventos diferentes e não temos como substituir e... — Estava na dúvida se seu nervosismo era pelo problema que o grupo estava enfrentando ou outra coisa, ela engasga e dá uma pausa.

— Calma, respira. — Sua respiração profunda, demonstra que me ouviu. — Em outras palavras estão precisando de uma violoncelista com urgência para tampar o buraco deixado por sua colega? — Seus olhos se arregalam, mas ela assente. E está pedindo minha ajuda? — Mais uma vez ela assente, ela senta-se em uma cadeira a minha frente e curva os ombros para frente sem desviar sua atenção de mim.

— Sei que está em cima, mas temos que cumprir com esses compromissos, demos nossa palavra, vão ser nossas primeiras apresentações em eventos musicais importantes. Sei que você é bastante ocupada e que é uma musicista de reconhecida, estudou fora, tocou na OSESP e tudo mais, só seriam essas apresentações, depois daríamos um jeito. — Dava até pena de como estava nervosa e visivelmente angustiada.

— Olha Tessa, é Tessa, não é? — Ele parece meio perplexa, espero que não seja por eu ter falado ser nome errado, porque se fosse pela minha suposta fama a coitada ia sofrer uma grande decepção, já que todas as coisas

que ela mencionou são fofocas que se espalham e acabam sendo aumentadas tornando-se maiores do que verdadeiramente são. Mesmo sendo muito boa no que faço, sem achismos, realmente sou muito boa, não era uma musicista famosa e reconhecida. Antes de falar qualquer coisa ela assente, confirmando que eu havia acertado seu nome, que bom.

— Me chamo Tessa, mas o pessoal me chama de Tes, até prefiro, é mais curtinho e... — Ergo a mão fazendo um sinal de pare. — Desculpa, às vezes falo demais, principalmente quando estou nervosa.

— Primeira coisa, para de me pedir desculpas, você não me fez nada para ficar pedindo desculpas a cada meio minuto, além do mais, é meio repetitivo e chato, segunda coisa, não sou nem uma celebridade internacional nem nacional ou um grande ícone como o *Antônio Menezes*, então respira e tenta conter o nervosismo que não sou grande coisa e terceiro se vou fazer isso preciso do calendário para poder me programar — seus olhos se arregalam, sua expressão era de incredulidade total. Como se estivesse esperando minha recusa. Sempre que está dentro das minhas possibilidades procuro ajudar, se ela veio até mim jamais me recusaria a ajudar a não ser que realmente não pudesse. — Tes, consegui fazer especialização fora, porque ralei muito para conseguir uma bolsa de estudos em Boston e só consegui através de um programa do governo juntamente com a faculdade, toquei na OSESP por um mês, porque um grande amigo meu precisava de ajuda, ele estava se recuperando de um acidente e fui substituí-lo e mesmo assim fiz um teste nada agradável para ser aceita e só consegui ir porque estava de férias da escola, isso tem mais de um ano, então pode parar de romantizar esses acontecimentos, que as pessoas parecem ter o prazer de engrandecer coisas que quando trazidas à realidade, não são nada grandiosas. — O jeito que ela me encarava era como se tivesse um terceiro olho no meio da minha testa.

— Vai nos ajudar? — Pergunta meio descrente.

— Claro que sim — parecia que estava prendendo o ar, até este momento. — Ouviu alguma coisa do que eu disse? Ou apenas a parte da ajuda? Meu discurso foi bem inspirador. — Tento usar o humor para fazer com que ela perceba que somos iguais e estamos no mesmo barco.

— Ouvi sim, é que faz um tempo que tento criar coragem para falar com você, as meninas falaram que você não aceitaria, porque a grana é pouca e mais um monte de coisas. Nem sei como agradecer, muito obrigada. Tinha perguntado as outras, mas nem uma delas topou. — Sua fala quando estava

nervosa era muito apressada e até engraçada, ela apoia-se no encosto da cadeira, em seu semblante um alívio visível.

— Ok, agora chega de agradecimentos, preciso que me passe o calendário das apresentações, o repertório junto com as partituras e os dias de ensaio. Pode me enviar pelo whatsapp, inbox ou e-mail, se me enviar nos três fica mais fácil para visualizar, sou meio esquecida. — E era mesmo, às vezes quando esquecia de verificar algum deles acabava perdendo alguma mensagem importante. — Tenho que organizar meus horários e falar com o Gaspar, ele não vai dar pulinhos de alegria, mas com jeitinho tudo se resolve. — Vou precisar de muito jeitinho, mas acho que ele vai entender, tenho quase certeza de que vai.

— Você tem namorado? Espero que nos ajudar não te traga problemas, com todas suas atividades fora a orquestra e agora o quinteto. — "Namorado" devia ser estranho ouvir essa palavra sendo direcionada ao Gaspar, mas não era. Não demos um nome ao que estávamos vivendo, pelo menos por enquanto, mas talvez isso não tivesse muita importância por enquanto.

— Relaxa, meu namorado trabalha tanto ou mais do que eu, além disso, sei me organizar muito bem. Falando nele, tenho que ir, ele já deve estar me esperando há uns cinco minutos. — Verifico a posição das alças do estojo, que parecia mais uma mala gigante com braço, nem era tão baixa, mas sempre tinha que ter todo um jeitinho de colocar o estojo nas costas.

Tessa se levanta e me ajuda, ela parecia ser uma garota legal, espero que as outras três também sejam.

— Obrigada, não esquece de me mandar tudo o que pedi. — Ela sorri e assente, parecia estar menos nervosa agora.

— Hoje mesmo mando tudo o que me pediu, inclusive... – enquanto caminhava até a saída, continuávamos a conversa, se ela gosta de falar quando está nervosa, quando está calma parecia gostar ainda mais. — Amanhã vamos nos reunir, você não precisa ir, é claro, mas vou aproveitar para contar a novidade, se puder ir vai ser legal, mas caso não possa não tem problema nenhum. — Muito em cima da hora, amanhã tinha ensaio na ONG.

— Amanhã não posso, tenho ensaio na ONG, os meninos estão superanimados com a preparação para as apresentações de final de ano, então não posso ir, a não ser que seja à noite... — paro de falar quando lembro que combinei com Gaspar de ir para o Sabores. — Acabei de lembrar que a noite já tinha combinado de ver meu namorado, acho que realmente não vai dá. —

Precisava falar com o Gaspar sobre essa coisa de namorado, tinha que nomear ele de algum modo ao apresentar ele a algum amigo ou ao mencioná-lo.

— Não tem problema, vai ser bom contar a novidade sozinha, assim caso elas surtem, não vai ser na sua frente. — Espero sinceramente que esse seu comparativo seja um exagero.

Chegamos ao hall de entrada do espaço da faculdade onde estávamos ensaiando temporariamente, durante a preparação para a turnê nos dividíamos entre os ensaios em Florianópolis no Teatro do Sistema Bardall e aqui em Blumenau, atualmente temos ficado mais aqui do que lá, ainda bem, porque teria que viajar todos os dias e isso iria acabar comigo.

— Ótimo, então estamos combinadas. Fico a espera das mensagens — ela confirma, damos um meio abraço sem jeito, o estojo não ajuda. — Bom jantar! — Nos despedimos e sigo para fora do prédio.

Vejo-o primeiro, ele estava distraído voltado completamente para o celular, como havia colocado o meu dentro do estojo, acabei me distraindo com a Tessa, caso ele tenha mandado alguma mensagem nos últimos minutos ficou sem resposta, já que não as li. Caminho em sua direção, ele estava encostado no carro e ainda não havia me visto, apenas alguns metros de distância, meu plano era surpreendê-lo, mas sua atenção se desvia para mim ao erguer a cabeça, nossos olhares se cruzam.

Continuo caminhando, seu sorriso aumenta à medida que me aproximo, uma das coisas que me encantava nele era seu olhar, não me lembro de nem um cara olhar para mim como ele.

— Faz tempo que está esperando? — Pergunto quando estamos frente a frente.

— Uns dez minutos, estava tentando falar com você — diz balançando o celular. Quando estamos apenas a alguns centímetros de distância, ele segura minha cintura me puxando para si e me beija, coloco meu estojo no chão e jogo meus braços em seu pescoço, intensificando nosso beijo me colando ao seu corpo.

Ouço assobios e risadas alegres, interrompemos o beijo e olho para trás era o pessoal do conjunto de instrumentos de cordas, eram um bando de bagunceiros, meu conjunto sem dúvidas era o mais animado.

— NUNCA VIRAM NINGUÉM BEIJANDO? — Falo alto, quase esbravejando. Eles riem ainda mais, soltam beijos para mim e saem dando

tchau. — Desculpa por isso, achei que todos já tinham ido. — Dou mais um beijo de leve ainda sem nos separar do abraço, ele sorri e beija a ponta do meu nariz.

— Sem problemas. Por que demorou?

— Estava conversando com a Tessa, ela é uma das violinistas, veio me pedir ajuda. — Não queria explicar agora meu mais novo projeto, já estávamos tendo que nos desdobrar para conseguirmos nos vê, com esse novo trabalho que arrumei seria ainda mais complicado, mas eu daria um jeito, sempre dou. — Mas depois te explico melhor. — Beijo seu pescoço e me solto do seu abraço para contornar o carro indo para o banco do carona. Gaspar, pego o estofo e o coloca no banco de traz.

— Nunca falou dessa garota, ela está com problemas? — Pergunta já entrando no carro, também entro.

— Faz pouco tempo que ela está na orquestra, apenas alguns meses. Nos falamos só umas duas vezes. Achei-a ótima pessoa, só meio tiete. — Coloco o cinto de segurança, Gaspar se ajeita no banco e dá partida no carro.

— Como assim tiete? Quem ela estava tietando?

— A mim — ele me olha risonho, depois volta à atenção para a direção. — Sei que é meio absurdo, mas foi bem engraçado, me achei o Yo-yo Ma ou o próprio Antônio Menezes. — Falo gracejando.

— Imagino, mas por que ela te tietou?

— Você sabe que fofocas se tornam bolas de neve, as pessoas têm o mau hábito de enaltecer acontecimentos que nem sabem direito como aconteceram, mas fazem isso só para terem o que conversar. — Definitivamente preferia dedicar meu tempo a outras coisas, para mim sempre foi preferível cuidar da minha própria vida do que querer saber da vida das outras pessoas. — Pelo que entendi, ela ouviu falar que fiz especialização em Boston e toquei na OSESP. Lembra quando o Thiago sofreu aquele acidente e me pediu para quebrar um galho pra ele, fiquei trinta dias em turnê para ajudá-lo?

— Lembro sim, foi nas férias, isso tem mais de um ano.

— Aparentemente, Tessa acha que esses acontecimentos e o fato de ter feito alguns solos me tornou um ícone da música erudita, ou algo do tipo. Mas acho que nossa conversa desmistificou seus ideais. — As pessoas adoravam romantizar os acontecimentos e esquecem que por trás de cada vitória há um esforço e uma batalha para chegar lá.

— Acho que ela deve ter ficado decepcionada ao descobrir que vocês são bem mais parecidas do que ela imaginava.

— Sua expressão desolada cortou meu coração. — Falo brincado.

— Pobre garota — nós dois temos uma crise de riso ao mesmo tempo.

O assunto morreu, depois que nos recuperamos dos risos, pretendia falar com ele sobre o convite que aceitei, mais tarde quando estivéssemos a sós em casa. Ele me perguntou como foi meu dia, depois falou um pouco como tinha sido o dele, disse que Isa perguntou por que não tinha ido ficar com ela aquela noite. Se dependesse dela já teria me mudado para a casa deles, mesmo eu tendo explicado que estávamos indo devagar, mas ela era apenas uma criança e elas têm a tendência a simplificar tudo, ou como Isa costuma dizer, os adultos que adoram complicar as coisas. Chegamos à casa dos seus pais vinte minutos depois, para minha surpresa estavam quase todos reunidos na sala, até mesmo minha tia e avó tinham vindo, assim com o Gael que estava morando em Criciúma, nem sabia que ele viria. Mas Isa não estava na sala nem Savana, provavelmente estavam juntas.

— Já estou com fome, por que demoraram tanto? — Henrique fala todo melodramático, assim que adentramos na sala.

Estavam todos espalhados. Samara e Caíque estavam no sofá maior, com Henrique ao lado esparramado, ele sempre procurava se sentir confortável e à vontade em qualquer lugar que esteja. O restante da família estava no chão ou nos sofás menores.

— Deixa de exagero, Henrique, você não para de comer desde que chegou. — Samara diz recriminando com uma irritação fingida.

— A culpa foi minha, tive um pequeno contratempo depois do ensaio.

— Não se preocupe com isso, conhece Henrique, exagero é seu nome do meio. — Lívia fala encarando o sobrinho e aproximando-se de nós, me beijando e beijando Gaspar no rosto. Nos sentamos na única poltrona desocupada.

— Vocês dois me saíram melhor que a encomenda — Gael fala se colocando logo atrás da Lívia, tomando seu lugar, me abraça e logo em seguida faz o mesmo com o sobrinho. — Começam a namorar e sou o último a saber.

— Não foi o último, tio, está mais para um dos primeiros, ainda não demos a notícia a Laura, estamos planejando fazer isso no Natal, é algo que deve ser falado pessoalmente. — Gaspar diz com uma nítida convicção em

sua voz.

— Está coberto de razão, Laura ficará muito contente por vocês, quando ela se acostumar, assim como aconteceu com todos nós. — Vovó fala com gracejo e uma pontinha de ironia.

— Mãe, por favor. — Tia Liliana diz, percebendo o tom irônico.

— O quê? Não disse nenhuma mentira, foi uma surpresa para todos nós, quase para todos pelo menos, eu já estava meio que sabendo — fala olhando para mim, dando uma piscadela, vó Clara era o que podemos chamar de singular, para dizer o mínimo e muito sincera. Vou até ela e a beijo no rosto.

— Concordo com a Clara, Laura, ficará muito contente por vocês, tanto quanto todos nós estamos, não foi tão difícil se acostumar em vê-los juntos, fazem um lindo casal.

— Isso é verdade, Ettore. — Gael diz concordando.

— Bom saber que nos acham lindos — Gaspar fala gracejando. — Alguém poderia me dizer onde está minha filha?

— Verdade, Savana também. Onde elas estão? — Pergunto.

— Savana foi ajudar Isa com a prova da fantasia de anjinho para a peça da escola. — A peça seria sobre o anúncio e nascimento de Jesus, mais seria caricata, o professor de Artes junto com a professora de Filosofia tinham escrito e dirigido. Era uma tradição da escola.

— Fiz a prova final do figurino com ela há dois dias. — Gaspar havia comprado a fantasia de anjinho, só que ficou um pouco grande e ela também tinha achado meio sem graça, o que em outras palavras, significa sem brilho e sem plumas suficientes, então comprei glitter furta cor, plumas brancas e customizei e modéstia parte ficou incrível.

— Acho que não entendeu, Lys — Samara fala sem disfarçar o sorriso. — A prova final é para nos mostrar como a fantasia ficou extraordinariamente maravilhosa, depois do seu toque de estilista. — Ela estava certa, Isa mostrava a todos sua fantasia e convidando todo mundo, começando pelos porteiros do condomínio e finalizando com toda a família. — Acho que se o Gaspar deixasse ela dormiria e tomaria banho com a fantasia.

— Não tenho a menor dúvida de que ela faria algo assim, aquele pingo de gente tem todos ao redor dela na palma daquelas mãozinhas pequenas. — O comentário de Henrique deixava claro, que ele estava incluído no grupo de

pessoas que estavam nas mãos dela, o carinho em sua voz não deixava dúvidas, os dois se amavam muito e a simpatia e carisma da pequena eram irresistíveis.

— Acho que essa família precisa de mais crianças — encaro minha avó, espero sinceramente que ela não esteja se referindo a mim. — Não se preocupe, querida, não precisa ficar com essa cara assustada, não estou me referindo a você, ainda. — Ela me dá uma piscadela, rindo da minha cara, vovó era inacreditável, a amo muito, mas ela parece adorar me colocar em saia justa. — Estou me referindo a você, Samara, afinal de contas Savana já é uma mocinha e vocês dois ainda são jovens. Ela está com quantos anos mesmo?

— Com quatorze, vai fazer quinze ano que vem. Mas outro filho por enquanto é algo que não está em nossos planos, meu trabalho na editora está indo muito bem, não quero abrir mão dele agora. — Samara encara o marido com um leve sorriso.

— Fale por você, amor, sempre quis ter um menininho. Além disso, com seu talento duvido que seu chefe vá querer te perder por ter engravidado. — Caíque diz beijando-a levemente. — Acho que a Clara está certa, devíamos pensar em um irmãozinho para a Savana, enquanto ainda temos pique, quando ficarmos velhinhos vai ser mais difícil. — Ele sempre foi um brincalhão, mas também um homem muito sensato que sempre apoiou as escolhas da Samara.

— Olha o problemão que me arrumou, Clara — ela diz brincando. — Conversamos sobre esse assunto depois, filho agora só se for bem planejado. — Devolve o beijo. Eles estavam casados há quinze anos, Samara casou grávida, eram muito jovens quando tiveram Savana, mas o casamento deu muito certo. Caíque e ela compartilhavam uma cumplicidade que vi em poucos casais.

— Papai! — uma voz animada se amplifica pela sala, quando esbraveja descendo as escadas chamando por Gaspar — Chegou e nem foi me chamar? — Como Samara havia falado ela usava o figurino de anjinho. Savana desce as escadas logo em seguida.

— Seus avós me disseram que a senhorita estava com sua prima fazendo uma coisa muito importante, então achei melhor esperar aqui. — Isa se joga no colo do pai.

— Estava provando minha fantasia da peça. Estou linda, papai? —

Pergunta puxando a fantasia para esticá-la.

— Linda, filha, parece um anjinho de verdade.

— Seu pai tem razão, parece um anjinho de verdade. — Ela olha para mim com um enorme sorriso, quando os olhinhos brilhando.

O jantar foi ótimo. Nos divertimos e demos muitas risadas. Mael ainda estava no interior do Piauí, mas pelo que disse à Lívia, no Natal estaria em casa, para minha surpresa ela não ficou surpresa ao saber sobre nosso relacionamento. O jantar estava incrível, Tereza cozinhava incrivelmente bem, até Gaspar se encantou com os pratos.

Depois do jantar percebi que minha tia e o Gael ficaram conversando por um bom tempo, entre sussurros, posso imaginar o teor da conversa, queria que minha tia desse uma chance para o Gael, que dissesse sim aos seus convites insistentes para sair, ela merecia ter uma segunda chance. Talvez dessa vez tenha sido diferente, quando eles se separaram, Gael estava com o sorriso de orelha a orelha. Demos boas risadas com vovó, ela era o tipo de pessoa que sabia se divertir. Quando nós nos despedimos já passava das onze da noite, todos combinaram que repetiriam a dose no Natal.

Isa saiu animada da casa dos avós, mas no caminho para casa perdeu a luta contra o sono e capotou. Meu medo deles não aceitarem bem nossa relação se esvaiu, Gaspar tinha razão, exagerei um pouco sobre isso, conheço-os há muitos anos, sempre tivemos uma ótima relação, foi besteira minha.

— Quantos pensamentos, consigo ouvir suas engrenagens daqui? — Desvio minha atenção das ruas que passavam freneticamente, pela janela do lado de fora e o encaro. — Seus pensamentos parecem distantes, como se tivesse fora de órbita. — Sua compreensão de mim, com o passar do tempo cresceu. Comecei a notar isso, não tem muito tempo.

— Estava apenas pensando, como foi bobagem sentir tanto receio sobre sua família, receio deles talvez não aceitarem nossa relação e que você estava certo sobre meu exagero em ter medo, como se não os conhecesse.

— Foi o que estava tentando te falar desde o início, eles te adoram. Além do mais, se estivermos felizes, elas vão estar também, isso vale para a

Clara e para a Liliana também — diz se virando para me encarar um pouco e depois voltando sua atenção para a direção.

— Eu sei, acho que devo ter entrado em pânico ou pirado um pouco, sei lá, tudo aconteceu tão de repente. — No fundo acho que era esse o ponto, a velocidade, a forma como tudo aconteceu repentinamente e o meu medo de que tudo acabe do mesmo modo que começou, de me entregar de verdade ao que estou sentindo e no final tudo acabar de repente. Volto a olhar para fora da janela.

— Não foi de repente, Lys, sabe disso. Sempre fomos amigos, uma amizade que teve início através da Duda e que cresceu depois que ela se foi, você esteve comigo no pior momento da minha vida, foi uma fresta de luz dentro da escuridão em que estive. — Sentada ao seu lado me volto por completo, ficando de frente para ele, não falo nada, aquele não me pareceu o momento de falar e sim de ouvir. Gaspar olha pelo retrovisor do banco de trás, onde Isa dormia tranquila, ressonando suavemente e continua. — Lembra do aniversário de um ano de morte dela? Aquela noite te pedi para cuidar da Isa, para que pudesse trabalhar, era folga da Mira, você a levou para sua casa, porque tinha que ensaiar para um concerto. Apareci completamente bêbado na sua porta, naquela época estava bebendo bastante, mais do que gostaria de admitir e menos do que deveria. Lembra-se disso? — Pergunta me olhando de lado.

— Lembro, não é uma das lembranças mais agradáveis que tenho, mas me lembro bem desse dia. Fiquei aterrorizada, assustada com a cena, com medo que a Isa acordasse e visse o pai naquele estado. — Era de madrugada quando Gaspar bateu na minha porta com a cara esmurrada, cortada, completamente bêbado e chorando, demorei uns segundos para entender o que estava acontecendo e segurar a onda para tentar ajudá-lo, não foi nada fácil, sem dúvida uma das coisas mais difíceis que já fiz.

— Você cuidou de mim — ele continua. — Não me fez perguntas, apenas me levou para o seu quarto, trancou a porta e cuidou de mim, curou minhas feridas e dores, foi paciente, carinhosa, mesmo quando me jogou na água gelada. No dia seguinte quando acordei, Isa já tinha ido para a escola e nossa conversa foi bem longa. — Foi uma espera longa para mim, passei a noite em claro, pensando no que diria a ele.

— Suas palavras, tudo que me disse fez sentido para mim. Foi um tapa na cara, mas me arrancou do fundo do poço onde tinha me colocado,

continuou sendo difícil e doloroso, só que naquele dia percebi que estava me autodestruindo e não podia continuar daquele jeito — estacionamos, olho em volta e estávamos na garagem do condomínio, nem tinha percebido que tínhamos chegado. Gaspar retira o cinto de segurança, repito seu movimento, ficamos de frente um para o outro. — Naquele dia você me fez perceber, como estava sendo egoísta e que existia alguém que era mais importante do que qualquer outra coisa, mais importante do que minha dor e que dependia cem por cento de mim. Você foi minha razão, minha âncora.

— Fomos a âncora um do outro.

— Você me salvou de mim mesmo, nunca vou te agradecer o suficiente por isso.

— Nem precisa.

— Nossa história não começou como uma linda e romântica história de amor, mas é nossa. Nossos sentimentos não surgiram da noite para o dia, eles foram crescendo à medida que nós nos curávamos da perda.

— Incrível, como você consegue falar as coisas certas, nos momentos certos. — Acaricio seu rosto e me inclino para beijar seus lábios. — Acho melhor levarmos ela para casa, dá até pena vê-la dormindo toda torta.

— Toda aquela bagunça e agitação cobrou seu preço. — Fala sorrindo, meu Deus, como eu amava seu sorriso. — Vem, vamos subir. — Diz me dando um último beijo de leve antes de sair do carro.

Acendo as luzes à medida que vou entrando no apartamento, Gaspar vem logo atrás com a Isa no colo, ela estava tão grande e esperta. Abro a porta do quarto dela, organizo os lençóis, Gaspar a coloca na cama, retira seus sapatos, meias e casaco, arruma seu cobertor dando um beijo de boa noite em sua testa.

— Bons sonhos, filha! — Sua voz era apenas um sussurro, mas pude ouvir.

Encosto-me à soleira da porta e fico olhando, ele não precisava me agradecer, sempre foi um pai maravilhoso, mesmo tendo se perdido no meio do caminho. Naquele dia ele parecia um nervo exposto, no dia seguinte tentei o melhor que pude fazê-lo entender onde tudo aquilo iria parar, perguntei se aquele era o pai que ele queria ser para a Isa, depois daquele dia aquela cena nunca mais se repetiu.

Não notei quando ele se levantou, mas estávamos bem próximos, suas mãos vão para minha cintura, seus lábios para meu pescoço, depois nos

separamos e ele segura minha mão, me arrastando para o corredor, deixando a porta entreaberta. Não damos nem três passos direito, quando sou imprensada contra a parede sua boca beija a minha com fome, tudo em mim aquece e ganha vida, me rendo aquele momento, como me rendi a todos os outros antes dele. Perco a noção, sem ter a menor ideia de quanto tempo estávamos no corredor dando uns amassos. Quando paramos um segundo para respirar, minhas pernas estão ao redor dos seus quadris e minha mente está completamente nublada.

— Melhor eu ir, tenho que acordar cedo, amanhã tenho ensaio com as crianças da ONG — consigo dizer, me esforçando ao máximo para controlar minha respiração, Gaspar não parava de beijar minha nuca, meu pescoço, meu colo e minha boca, hoje ele parecia não estar nada preocupado em se segurar. — Gaspar, é sério. Isso que está fazendo é maldade, como posso me controlar com você me tocando desse jeito? — Ele para com os beijos e me encara.

— Fica.

— Acho melhor não.

— Por quê? Já ficou aqui várias vezes, não vejo problema nenhum.

— Eu ficava no quarto de hóspedes sozinha, se eu ficar não vou querer dormir sozinha.

— Bom saber, não estou nem um pouco a fim de deixar você dormir sozinha. — Fala beijando meu pescoço, deixando uma trilha de beijos até minha boca, mais uma vez nos perdemos dentro do nosso desejo. Minha mente às vezes funcionava um pouco devagar quando ele ficava me beijando desse jeito, mas quando finalmente processo o que ele falou, pensando no que ele tinha acabado de me propor empurro-o de leve para olhar em seus olhos.

— Está propondo passarmos a noite juntos? — Ele franze aquele espacinho entre as sobrancelhas, fazendo uma cara linda e sorrindo para mim.

— Parece que estou.

— Precisava perguntar para ter certeza, podia ser apenas uma brincadeira, daquelas bem sem graça ou sei lá algum tipo de pegadinha, quer dizer, você inventou esse lance de esperarmos e...

— Para de falar. — Diz antes de me calar com um beijo, outra coisa que eu amava fazer, provocá-lo.

Ainda com minhas pernas em volta dele, sinto quando minhas costas desgrudam da parede, sou carregada, interrompo o beijo. Quando abro meus

olhos, estamos em frente ao quarto dele, o mesmo quarto que ele dividia com a Duda e que estava praticamente igual desde a morte dela.

— Gaspar, espera um segundo — seus lábios estavam no meu colo, ele para no lugar e me olha. — No seu quarto não, não me sentiria confortável.

— Desculpa, sou um idiota — solto minhas pernas da sua cintura e escorrego até o chão.

— Às vezes você é — ele faz careta, fico na ponta dos pés e beijo seu pescoço — Mas dessa vez, esse não é o caso... — entrelaço meus dedos aos dele e o puxo em direção à sala.

Poderíamos ter continuado, mas a verdade é que não teria sido a mesma coisa. Nos sentamos no sofá maior, adorava aquele sofá, era enorme e muito confortável, me esparramo ao seu lado jogando minhas pernas sobre seu colo.

— Acho que faz muito tempo que não fico com alguém realmente importante para mim, devo ter perdido o jeito — diz pegando minhas pernas, massageando meus pés.

— Não perdeu não, o problema sou eu, Gaspar. Parece que tem alguma coisa dentro de mim que me puxa para longe, talvez sejam minhas lembranças, você é o marido de uma das pessoas mais importantes da minha vida, Duda esteve comigo desde sempre, éramos irmãs. Você não tem noção de como ela te amava. — Apoio minha cabeça no encosto do sofá e fico olhando para ele, não deveria ser tão difícil.

— Tenho sim. — Balanço minha cabeça, talvez ele tivesse, mas não tanto quanto eu, não com o meu olhar. Sempre fui a confidente, quem ouvia como ele era perfeito, carinhoso, romântico, bom no sexo a lista era infinita.

— Talvez... Quando ela decidiu interromper o tratamento, foi a escolha mais difícil que a Duda já fez, ela sofreu tanto, mas ela fez isso para poder estar com você, com a Isa, com a Laura, comigo, com as pessoas que ela amava e que eram importantes em sua vida. — Suas mãos continuam massageando meus pés e seus olhos se desviam dos meus, por uns segundos. — Me desculpa, estraguei o restante do clima, sou meio tonta. — Nossos olhares se conectam e ficamos apenas ali, no silêncio, perdidos naquele momento.

Lembro-me de um filme que eu adorava, tinha toda a trilha sonora decorada, as músicas pareciam falar comigo quando as ouvi pela primeira vez, deu vontade de mostrar uma das músicas para ele, uma em especial.

— Quero te mostrar uma coisa, um segundo — falo me erguendo do

sofá, para procurar minha bolsa.

— Não vai vestir uma fantasia erótica e fazer um *strip* para mim, vai? Porque se for vou ter que me preparar adequadamente. — Ele andava muito engraçadinho ultimamente, o encaro e ele dá de ombros. — Não custa tentar, vai que dou sorte.

— Anda muito engraçadinho — encontro minha bolsa sobre a mesinha de canto próxima a porta, abro e pego meu Mp4. — Não me lembro desse seu bom humor tão carregado.

— Sempre esteve dentro de mim, só não mostrava para você. — Caminho até o aparelho de som.

— Acredito em você, Duda sempre me dizia que você tinha um ótimo senso de humor, eu que nunca acreditava. — Conecto o Mp4 na entrada USB, procuro Bulb went blue de Johnny Flynn, deixo no ponto do play e volto para o sofá com o controle. — Quero que ouça com atenção — aperto o play e os primeiros acordes começam a soar, uns segundos depois a voz melodiosa e forte do Flynn. – Essa música é uma das minhas preferidas, faz parte da trilha sonora de um dos melhores filmes que já assisti Song One. — Gaspar fica apenas me olhando enquanto a música continuava a tocar, a cada verso parecíamos mais próximos, quando a música termina, Gaspar me puxa para seu colo.

— É linda, incrível e acho que ela deve ficar perfeita no violoncelo. — Não consigo não sorrir, ele acaricia meu rosto, neste momento a música volta a tocar novamente. — Pode fazer uma coisa por mim? — Faço que sim com a cabeça. — Pode esquecer tudo a nossa volta e apenas ficar comigo?

— Posso. — Suas mãos mergulham nos meus cabelos, sua boca toma posse da minha e mais uma vez me vejo perdida em meio às sensações que ele desperta dentro de mim.

Seu toque despertava em mim algo que ninguém nunca conseguiu despertar, era como uma vida pulsante, dentro de mim, que me dominava. Um sentimento que me assustava ao mesmo tempo que me atraía para perto dele, como um ímã. Nosso beijo se intensifica, me ajeito em seu colo, colocando minhas pernas, uma de cada lado ficando em cima dele, sua boca deixa a minha para beijar meu pescoço, ele puxa a manga da minha blusa, deixando meu ombro descoberto, aproveitando para mordiscá-lo. Minha pele fica em chamas, um desejo latente me domina, fico ainda mais colada a ele, suas mãos passam por todo meu corpo, me afasto uns centímetros e retiro

minha blusa, Gaspar me encara.

— Linda. — Fala segurando minha cintura, suas mãos sobem e acariciam meus seios.

Voltamos a nos beijar, nossos toques se intensificam, suas mãos vão para meus quadris e descem para minha bunda, me segurando firme ele se levanta e aperto minhas pernas em volta dele, caminha até o aparelho de som para desligá-lo, depois caminha indo em direção do corredor. Não fazia ideia de para onde Gaspar estava me levando, mas para ser sincera, não dava a mínima, tudo o que eu queria neste momento era ser dele, de todas as formas que fossem humanamente possíveis.

Ouço uma porta se abrir e entramos, ele me joga em cima de uma cama, estávamos no quarto de hóspedes, no que costumo ficar sempre que durmo lá. Ele me encara com um sorriso malicioso, retira a blusa, depois a calça ficando apenas de cueca boxe, seu corpo era perfeito, pelo menos para mim e me dava água na boca, literalmente ele me deixou salivando, a risada vem junto com meus pensamentos malucos.

Estava apoiando meu corpo com os antebraços, ele vem até mim, me beija e continuamos de onde havíamos parado. A cada toque, a cada olhar, meu coração batia mais forte, nem percebo quando o restante das minhas roupas deixa meu corpo, é como se todo o resto perdesse a importância e apenas aquele momento existisse. Seus lábios percorrem meu corpo com fome, a lascívia do seu toque me conduzia ao delírio, proporcionando um prazer indescritível, estava completamente entregue e sem temores. Seus lábios sugam meu seio com avidez se deliciando, enquanto sua boca se ocupava dos meus seios, uma de suas mãos estava entre minhas pernas me guiando até meu primeiro êxtase, que não demorou a chegar. Depois dele, outros vieram de modo sucessivo. Por fim nos conectamos intensamente, meu ritmo e movimentos eram guiados pelos dele e os dele pelos meus, à medida que iam se intensificando e ganhando intensidade, dentro de mim a excitação ganhava força me conduzindo novamente ao ápice do êxtase.

À medida que nossas respirações voltavam a normalidade, uma sensação de plenitude me invadia, era um sentimento tão bom e também desconhecido. Apoio meu corpo no seu peito e minha cabeça em seu braço, meus dedos desenham círculos em seu peito, em meio a um silêncio confortável.

— Me arrependi — Ele não podia estar falando sério, aprumo meu

corpo para encará-lo, ele me olha com aquele olhar penetrante. — Não devia ter esperado tanto tempo. — Meu sorriso se abre automaticamente, volto a deitar minha cabeça em seu braço.

— Não posso discordar, tentei te alertar sobre o que estava perdendo. O único culpado é você — ele gargalha alto. — Não sei onde está a graça.

— Em você, não me arrependo de ter esperado pelo momento certo, valeu a pena e nem foi tanto tempo assim. — Se está dizendo. — Provoco, ele mordisca meu ombro, depois beija meu pescoço.

— Não seja malvada. — Nos beijamos de novo, de novo, de novo e antes de percebermos estávamos novamente perdidos um no outro.

Passamos boa parte da noite namorando e conversando, falo para ele sobre o quinteto de cordas e o convite que recebi da Tessa para participar. A primeira coisa que ele falou foi sobre nosso tempo juntos, como ia ser bem mais complicado para ficarmos juntos, mas com jeitinho resolvemos isso e com jeitinho, quero dizer, com muitos beijos. Nosso futuro parecia repleto de incertezas, mas contanto que estivéssemos juntos e que fizéssemos o possível para que tudo desse certo, tudo ficaria bem.

Capítulo 20

Segunda semana de dezembro, as luzes brilhantes e coloridas invadiam cada pedacinho de Blumenau acompanhando a decoração branca, vermelha, verde e dourada do Natal. Minha vida tinha mudado por completo, nas últimas semanas construí uma nova rotina junto com a Lys e descobri no pouco tempo em que estamos juntos, que ela adora bancar a supermulher. Conduzindo e ensaiando duas pequenas orquestras, a da escola onde leciona e a da ONG, tendo que ensaiar exaustivamente, pulando de uma apresentação para a outra com a OSSCA e agora ensaiando e se apresentando com o quinteto de cordas das meninas, ela se desdobrava e no meio dessa loucura consegui tempo para ficar comigo e com a Isa, muitas vezes arrastando minha pequena com ela para os ensaios, Isa adorava e sempre se divertia muito.

Seu tempo estava corrido, mas Lys sempre conseguiu administrá-lo e conseguir fazer todas essas coisas, só queria que ela apertasse o pause de vez em quando. Sempre que toco nesse assunto ela repete o mesmo discurso "É temporário, em janeiro as coisas se acalmam e voltam ao normal" quem dera que isso fosse pelo menos cinquenta por cento verdade, a conheço bem o bastante para saber que esse é seu normal. O máximo de tempo que Lys já ficou de descanso foram duas semanas, sempre foi assim desde que a conheço, dessa vez vai ser diferente, tenho meus próprios planos e ela está inclusa em todos eles, nem que eu tenho que sequestrá-la.

Nosso relacionamento, acho que posso definir como um permanente esporte radical, repleto de emoções, muita adrenalina e bastante divertimento, Lys tem o dom de me fazer rir todos os dias, tem algo nela que me deixa sem fôlego e adoro perdê-lo.

— Papai, tem que ir mais rápido ou vamos chegar atrasados, quero pegar do início. — Volto ao presente quando ouço minha pequena, olho pelo

retrovisor e a impaciência em seu semblante era engraçada, volto minha atenção para a direção.

— Vamos chegar a tempo, não precisamos correr, além disso, pressa não nos leva a lugar nenhum, segurança...

— “... vem sempre em primeiro lugar." — Falou junto comigo, a risada dela invade o carro, olho novamente pelo retrovisor, seu sorriso era muito parecido com o da mãe, mas sua espontaneidade era da Lys, convivem há tanto tempo que acabou adquirindo alguns traços da personalidade da madrinha.

— O senhor sempre fala a mesma coisa. É engraçado. — Nossos olhares se cruzam pelo retrovisor, sempre com um sorriso ampliado e contagiante, ela era assim. Apesar da perda prematura da mãe sempre procurou enxergar o lado bom e positivo das coisas e das pessoas, o orgulho que eu tinha de ser o pai dela transbordava de dentro de mim.

— Um pouco de paciência, princesa, já estamos chegando só mais uns dez minutos. — Nosso destino era o Parque Ramiro Ruediger, onde o quinteto iria se apresentar no Festival de Artes, abrindo as apresentações para o concerto da OSSCA e para outros meios de manifestação artística, vai ser um belo espetáculo.

— Estou muito paciente, papai. — Impossível não rir com as figurinhas carimbadas que ela costumava falar. O sinal fecha, no mesmo momento em que Isa me chama. — Papai, quando vai pedir a dinda em casamento? — Viro-me para encará-la. Fico me perguntando, de onde ela retira essas coisas?

— Posso perguntar de onde retirou essas ideias?

— A mãe da Larissa vai se casar no final de janeiro, ela é divorciada e a Larissa me disse que como você é viúvo também pode casar de novo. Achei que seria muito legal se você e a dinda se casassem, já estão namorando mesmo. — Queria por um segundo entrar na cabeça dela e enxergar o mundo com tanta simplicidade como ela faz, deve ser algo realmente extraordinário, ver as coisas ao nosso redor sem dificultá-las, um exercício diário que as crianças fazem de modo contínuo.

— Certo, primeiro, casamento é coisa muito séria e não deve ser usado de maneira leviana para os adultos brincarem de casinha, mesmo que a maioria deles faça isso, é um ato sagrado de união e comunhão, é realmente sério. Segundo, esse é um assunto de adultos, com isso quero dizer que é um assunto que diz respeito apenas a Lys e a mim. — Não a estava recriminando

estava colocando limites, às vezes fazer isso era necessário se não Isa acabaria se tornando minha mãe ao invés de filha.

— Não estão namorando sério? Não sabia que não era. — E mais uma vez ela me deixa de boca aberta. Será que na maternidade tiraram minha filha e colocaram em seu lugar algum tipo de cyborg?

— Claro que é sério, filha, que ideia, só que estamos juntos há pouco tempo e... — Uma buzina soa, avisando que o sinal abriu, voltamos a seguir nosso caminho em direção ao parque, com toda certeza ela puxaria o assunto depois, Isa tinha uma ótima memória, principalmente quando se tratava de assuntos delicados e de adultos.

Quando chegamos já tinha muitas pessoas, olho para o relógio ainda nem eram seis da tarde, a abertura estava marcada para às seis e meia. Procuro alguma vaga para estacionar, rodo com o carro cerca de quinze minutos antes de encontrar um local para estacionar, enquanto minha filha ficava me olhando com aquela carinha séria de "eu te avisei", apesar de não falar sua expressão já falava por si só.

Seguimos para os bastidores, próximo ao palco onde ficavam os grupos e artistas individuais que iriam se apresentar, vejo de cara o pessoal da orquestra, conhecia-os apenas de vista. Depois de uns minutos a encontro conversando com a Tessa, violinista da orquestra e do quinteto, a conheci há alguns dias quando fui pegar Lys, no final do ensaio. Tessa é a primeira a nos ver, ela fala algo para Lys, que se volta para mim sorrindo, Isa larga minha mão imediatamente quando vê a madrinha e corre até ela, as duas se abraçam. Fui esquecido, caminho até elas.

— Boa noite, Tessa! — Cumprimento assim que estou ao lado delas.

— Boa noite, Gaspar! — Responde, meio tímida. Ela era uma morena baixinha, toda delicada, com traços orientas e gente boa.

— Nervosa?

— Muito, é minha primeira apresentação oficial com a orquestra, estou meio que quase entrando em pânico. — Lys coloca Isa no chão, volta sua atenção para nós dois.

— Não deveria, você é brilhante, vai se sair muito bem. — Lys fala tocando o ombro de Tessa, em um gesto tranquilizador. — Vocês demoraram! Aconteceu alguma coisa? — Diz aproximando-se para me beijar, apenas um tocar leve e não muito demorado de lábios, um gesto carinhoso, que com o tempo descobrir que ela gostava muito de fazer e adorava quando

ela fazia, retribuía sempre. Nem tinha me dado conta, de como senti falta desse tipo de intimidade.

— Papai se enrolou no caminho, dinda. — Outra coisa que Isa adorava fazer, me deixar constrangido.

— Ei, não me enrolei nada, o trânsito que estava horrível e quando chegamos aqui quase não encontro lugar para estacionar. — Isa dá de ombros, ela já estava ao meu lado segurando minha mão.

— Avisei para chegarem cedo que o estacionamento lota rápido.

— Está vendo só, papai, eu avisei. — Essa era uma frase que ela adorava pronunciar.

— Avisou, mas não podia passar por cima dos carros, não é mesmo? — Olho para ela com meu melhor olhar de pai, isso é suficiente para que ela não voltasse a me contestar.

— Está na hora, Charlote está chamando. Oi, Gaspar! — Anara fala surgindo do nada, ela toca contrabaixo, que para mim, mas parece um violoncelo gigante, dou um "oi" de volta. — Por que ainda estão aí paradas?! Vamos logo. Não podemos atrasar a apresentação.

— Então vamos, não podemos deixar nossos fãs esperando. — Tessa fala irônica segurando na mão da amiga, arrastando-a em direção ao palco, nos olha revirando os olhos, Lys sorrir.

— Elas são jovens, mas todas têm muito talento.

— Não duvido nem por um segundo do talento delas.

— Sarcasmo não é legal, papai. — Olho para minha filha e ela passa um zíper imaginário na boca.

— Não falei com sarcasmo, sei que todas são muito talentosas, mesmo algumas sendo um pouco excêntricas. — Lys balança a cabeça e sorri para mim.

— Podem assistir daquela área próxima ao palco, os familiares assistirão de lá. — Fala ignorando os conflitos pai e filha, não era minha culpa se a pequena pestinha tinha apenas sete anos, mas aparentava ter trinta, mesmo que cinquenta por cento da genética seja minha.

— Clara e Liliana não vieram? — Apenas agora me dei conta da ausência delas.

— Elas estão em algum lugar perto dos food trucks, foram comprar algo para comer e até agora não voltaram, acho que vão assistir de lá mesmo. — Ela volta a me beijar, dessa vez um pouco mais demorado, se inclina

beijando o rosto da Isa e dando uma piscadela. — Vejo vocês depois da apresentação da orquestra. — Diz antes de caminhar em direção ao palco.

Sinto o olhar da minha pimentinha sobre mim e a encaro, ela exibia um sorriso enorme e bem travesso.

— O que foi? — Faço a pergunta com medo da resposta, o que se passa na cabeça da minha filha sempre é um mistério para mim, normalmente ou ela me surpreende ou me deixa chocado com suas respostas.

— Você está feliz, papai, muito feliz. — Uma resposta razoável, claro que estava feliz.

— Claro que estou, princesa. Por que não estaria? Apenas os problemas me deixam triste, no momento não tenho nenhum. — Falo, enquanto caminhamos juntos até o local indicado pela Lys.

— Felicidade de verdade, papai, a dinda te faz feliz, seus olhos brilham como duas estrelinhas quando estão juntos, é bem bonito vocês. E antes você não sorria tanto como sorri agora. — Entendi bem o que ela quis dizer, de certo modo, Isa estava certa, minha pequena tinha sensibilidade para compreender coisas que muitas vezes, nós adultos não conseguimos. Estar com a Lys me fazia muito feliz.

Assim que chegamos aos nossos lugares e nos acomodamos, a iluminação do palco se modifica, ficando dourada, verde e vermelha, percebo cinco cadeiras e suportes de partitura bem no centro, formando um tipo de meia lua. As cinco musicistas entram, uma seguida da outra, tomando cada uma seu lugar. Tessa é a única que não se senta, caminhando até o microfone, que fica em um pedestal na lateral direita do palco, parecia estar um pouco nervosa, mas não deixava transparecer muito.

— Boa noite a todos e todas que vieram prestigiar esse lindo evento que celebra acima de qualquer coisa a arte, expressada em suas mais variadas formas. Nós somos o quinteto Cinco Sons, apresentaremos alguns sonetos contemporâneos para realizar a abertura das apresentações de hoje. Espero que apreciem! — Fala encarando por fim seu breve discurso retornando para seu lugar.

Ao meu lado, Isa aplaude animada, depois acena para Lys, que dá uma piscadinha em nossa direção, enquanto preparava seu instrumento para iniciar a primeira música, sua posição era a última, da direita para a esquerda.

Quando os primeiros acordes começam a soar, não reconheço a música de imediato, uns segundos depois reconheço Carinhoso do Pixinguinha, essa

era a música dos meus pais, tenho memórias claras da minha infância, deles dançando. Uma bela música, ao som dos instrumentos clássicos a melodia ganhava uma suavidade ainda maior. As cinco eram maravilhosas, pareciam tocar juntas há anos, ninguém poderia imaginar que ensaiaram apenas alguns dias antes da primeira apresentação. Lys parecia em transe quando tocava, sua compenetração e concentração eram admiráveis, tinha esquecido de como era incrível vê-la tocar, preciso pedir a ela para fazer uma apresentação particular, só para mim, acabo rindo do meu pensamento nada apropriado para o momento.

Pouco mais de quinze minutos, esse foi o tempo que durou a apresentação das meninas, que foram aplaudidas de pé, depois de interpretar brilhantemente cinco canções extraordinárias. O concerto da OSSCA foi maravilhoso, fazia algum tempo que não via um concerto de verdade, acho que a última vez foi quando a Duda estava bem, antes dela ser diagnosticada, naquele tempo Lys estava em Boston. Quando terminou Lys veio ficar com a gente, outros grupos apresentaram música, dança e teatro, foi maravilhoso. Clara e Liliana nos encontram depois, no meio das apresentações. Quando terminou fomos jantar, um programa em família. Há quantos anos não fazia isso? Com certeza muito mais do que deveria. Cada segundo foi especial e único.

O Natal chegou em meio à correria do dia a dia, entre minhas noites atribuladas no Sabores e as viagens da Lys com a OSSCA, foram poucas as vezes que conseguimos ficar a sós nas últimas semanas, mas por causa da sua agenda com a orquestra do que da agenda com o quinteto, a última apresentação das meninas tinha sido no último domingo, a escola já estava de férias. Todas as apresentações das crianças foram lindas, na escola o grupo de música e o teatro foram maravilhosos e a apresentação do grupo de música da ONG foi emocionante, compareci em todas. Uma coisa ficou clara para mim, Lys era brilhante em tudo o que ela se propunha a fazer, seu trabalho era maravilhoso.

Infelizmente ainda restavam duas apresentações da orquestra, só depois ela iria tirar algumas semanas de férias, não vou mentir dizendo que adoro

nossos encontros limitados. Talvez esteja exagerando, afinal não namoro há tanto tempo e nos anos em que eu e Duda estivemos juntos ela sempre tentou organizar sua rotina em torno da família, com a Lys é diferente, isso sem dúvida era um assunto que temos que conversar. Amanhã é véspera de Natal, hoje tive que ficar em casa, Isa está com uma leve virose, mesmo sendo leve, quando ficava assim, tudo o que quer é colo e apenas o meu serve, então dispensei a Mira. Olho no relógio, quase dez horas, Lys já deve estar chegando, na última mensagem que ela me mandou disse que iria em casa apenas tomar banho e trocar as roupas para vir passar a noite comigo, mesmo tendo acabado de chegar de São Paulo.

Desperto dos meus devaneios ao ouvir o toque do meu celular, era sempre assim quando tentava trabalhar, não demorava muito até meus pensamentos serem guiados até a Lys, fazia umas duas horas que estava tentando rever o projeto do restaurante em Florianópolis, sem muito sucesso. Olho no visor do aparelho e vejo a foto da Laura brilhando, ainda não falei nada para ela, escolhi esperar para conversarmos pessoalmente, sua viagem até Blumenau foi adiada duas vezes nas últimas semanas, para meu azar. Atendo no quinto toque.

— *Boa Noite, Gaspar! Espero não estar incomodando*.

— Não está, Laura, estou em casa hoje, Isa resolveu adoecer nos primeiros dias das férias.

— *Ela está bem?* — Pergunta com uma voz contida, mas sem conseguir disfarçar por completo sua preocupação, Laura é uma mulher sensata e racional, mas muito carinhosa e compreensiva, uma das melhores pessoas que já conheci.

— Está, sim. É apenas uma virose, se tem uma coisa que as viroses adoram é criança nessa idade, mas já dei um chá e mediquei. Logo ela vai estar saltitando.

— *Que bom, ficou ótimo em curar viroses, ainda me lembro de quando me ligava desesperado por causa de uma dor de cabeça.*

— Verdade, não foi nada fácil pegar o jeito, mas consegui. — Tenho muito orgulho do trabalho que estou fazendo, não que esteja sendo fácil, bem longe disso, mas valia muito a pena.

— *Isso sem sobra de dúvidas, mesmo fazendo Samara ou Lys correr até sua casa no meio da madruga, mas conseguiu* — sua voz denuncia seu desejo de rir ao lembrar do meu desespero. — *Certo, não liguei para*

fazermos uma sessão nostalgia ou rir da sua falta inicial de talento com cuidados infantis.

— Bom saber, já estava achando que ligou para fazer bullying comigo.

— *Engraçadinho você, mas não, queria apenas dizer, que chego amanhã bem cedo.* — Seria agora ou nunca então, Lys estava vindo dormir aqui, não faço a menor ideia de como ela vai receber a notícia, mas no final das contas o que estou fazendo é comunicar e não pedir sua permissão, mesmo que a sua aprovação tenha significado para mim.

— Isa vai adorar, ela está morrendo de saudade da avó. Não para de me perguntar quando você vem.

— *Não diz nada a ela, quero fazer surpresa.*

— Pode deixar.

— *E como estão todos? Soube que Lys está correndo com a turnê da orquestra.*

— Todos estão ótimos, o Natal vai ser na casa da minha mãe, a propósito ela também está com saudades. Lys está correndo um pouco sim, mas faltam apenas mais duas apresentações, na verdade apenas uma se contarmos com a de ontem, depois ela vai tirar umas semanas de férias.

— *Isso é ótimo, ela está precisando, não consegue parar um segundo.*

— Realmente ela não consegue. Sabe mais ou menos que horas chega? — Como Lys vai dormir aqui, preciso saber o horário que vai chegar.

— *Acho que umas oito ou nove por aí, talvez mais cedo se o trânsito estiver bom.*

— Certo — ouço o arranhar discreto na porta, com certeza a Lika pedindo para sair para a área de serviço. — Te espero amanhã, então, para o café da manhã.

— *Então, até logo. Nos vemos amanhã*. — Nos despedimos e desligo o telefone.

Quando olho em direção à porta da área de serviço, vejo Lika sentada me encarando, abanando o rabo gigante freneticamente como uma passista de escola de samba.

— Oi, garota! Sua amiga continua dormindo? — Seu rabo se abana ainda mais rápido, se é que isso é possível. — Acho que isso é um sim. — Vou abrir a porta, deve estar bem apertada para ter saído de perto da Isa. — A cadela meio vira-lata, meio labrador, pelo menos foi o que o veterinário disse, me segue, abro a porta e depois de cheirar mil vezes cada canto da área de

serviço, mesmo conhecendo tão bem o espaço, finalmente se alivia, depois volta a entrar em casa, indo direto até sua vasilha com água. Animais são extremamente leais, desde que Isa acordou com febre e o corpo mole que Lika não saía do seu lado.

Enquanto bebia água, seu rabo que havia dado uma trégua, volta a se sacudir descontroladamente, não demoro dez segundos até ouvir o som da porta de entrada abrindo. Lika abandona sua vasilha e se apressa até a entrada, vou logo atrás.

Ao chegar a sala, lá está ela, com seus cabelos repleto de ondas, suas roupas confortáveis pouco apropriadas para o clima frio que fazia essa noite e aquele sorriso que era só meu. Uma das coisas sobre a Lys, que me deixa completamente fascinado, ela tem vários tipos diferentes de sorrisos e esse que ela estava dando agora era apenas meu. Ela se ergue depois de afagar Lika, larga a mochila no chão, vem até mim, se jogando em meus braços, envolvendo minha cintura com suas pernas, acomodando seu rosto em meu pescoço inalando meu cheiro, enquanto eu fazia o mesmo com ela, meu aroma favorito. Seus lábios se encostam a minha pele, Lys constrói uma pequena trilha de beijos delicados até minha boca, a delicadeza se transforma em urgência e tudo o que mais quero é levá-la para meu quarto, para amá-la. Só que precisamos conversar primeiro, tenho que falar sobre a Laura.

— Senti saudades — diz quando nos afastamos uns centímetros para tomar fôlego.

— Também senti — realmente senti muito sua falta, foram dois dias apenas, mas depois que me acostumei em vê-la todos os dias, pareceu ser um tempo bem maior. Volto a beijá-la dessa vem com mais intensidade.

— Com fome? — Pergunto quando novamente nos separamos.

— Faminta.

— Então acho melhor alimentá-la logo.

— Assino embaixo — fala soltando as pernas que ainda estavam a minha volta e escorregando até o chão. Beijo a ponta do seu nariz, agarro sua mão e trago-a comigo para a cozinha.

Como de costume, ela se senta em um dos banquinhos do balcão, enquanto preparo algo para ela comer.

— Como foram as apresentações em São Paulo?

— Muito boas, sem grandes dramas. Como Isa está?

— Bem melhor, medicada, dormiu tem algumas horas. A última vez

que medi sua temperatura estava baixa. — Pego uma frigideira e o óleo de coco. Com toda certeza esses dias, ela só deve ter comido bobagem, então vou fazer uma comida de verdade e leve.

— Que bom, graças a Deus. Então, essas ruguinhas entre suas sobrancelhas não são por causa da Isa, a pergunta que não quer calar é: são por que motivo? — Apoia seu queixo em uma das mãos e fica me observando enquanto cozinho, esperando por uma resposta. É isso o que acontece quando as pessoas se conhecem tão bem. Pego a abobrinha fatiada que sobrou do jantar, ligo o fogo e coloco dentro da frigideira o óleo de coco para saltear a abobrinha fatiada, nem sei se ela gosta de abobrinha, mas geralmente ela come tudo o que eu faço.

— Que ruguinha? — Pergunto desligando o fogo, olho para ela, caminho até a geladeira, pego abacate, acho que vai ficar incrível com molho frio de abacate. Pego todos os ingredientes que vou precisar, *hum... Manjericão, ótimo, isso vai ficar muito bom mesmo*, pego o mixer.

— Sério, vai se fazer de desentendido? — Volto a encará-la, ela tinha razão e de qualquer modo iria contar mesmo. — Estou falando dessa ruguinha, que fica entre suas sobrancelhas sempre que está preocupado ou querendo me falar alguma coisa e não sabe como.

— Não estou preocupado, talvez um pouco. — Coloco o abacate, o suco de limão-siciliano, azeite, pimenta dedo de moça, manjericão, sal rosa e uma pitada de pimenta do reino tudo dentro do mixer e bato.

— E por quê?

— Falei com a Laura, na verdade quando chegou tinha acabado de desligar a ligação, ela está vindo passar o Natal, chega amanhã cedo. — Bato mais um pouco e desligo, abro o mixer, provo o molho frio, estava perfeito. Falar logo sempre é a melhor coisa a se fazer.

— Nossa, vai falar mesmo com ela amanhã?

— Esse é o plano — pego um prato de porcelana branca, coloco o espaguete de abobrinha já refogado, em seguida coloco o molho frio de abacate, giro o prato que coloco em sua frente com um garfo. Ela olha fazendo careta, exatamente como imaginei, verde demais.

— Estou achando isso verde demais — seguro o sorriso.

— Por que não prova antes de julgar?

— Certo — ela adora experimentar coisas novas, dá a primeira garfada e fecha os olhos, fica alguns segundos saboreando antes de abrir os olhos. —

Simplesmente perfeito, é com abobrinha?

— Espaguete de abobrinha com molho frio de abacate. Bom, né?

— Maravilhoso, devia colocar no cardápio. — Fala comendo mais um pouco. — Se a tia Laura estará aqui amanhã cedo, acho melhor não dormir aqui, vocês precisam conversar e talvez minha presença cause algum desconforto, não quero isso. — Outra coisa sobre a Lys que, às vezes, me deixava maluco era ela achar que nossa relação tem que ter a aprovação de todos a nossa volta. Vou até a geladeira, pego o Merlot e no armário duas taças de vinho, coloco sobre o balcão e nos sirvo.

— Não vou pedir a permissão dela, vou apenas contar que estamos namorando. Vai ser ótimo se ela ficar feliz por nós, mas se por algum motivo ela reprovar nosso relacionamento, não há nada que possamos fazer.

— Sei disso, mas é importante para mim que ela entenda que não foi algo que planejei, não acordei um belo dia e decidi que estava apaixonada por você. Laura é importante para mim, a considero da família. — Termina de comer e afasta o prato, pega a taça e toma um bom gole do vinho.

— Sabe como tenho carinho e respeito pela Laura, ela é uma das pessoas mais racionais e razoáveis que eu conheço, sem mencionar que é amorosa e tem um coração imenso. Ela te ama, tem um carinho enorme por você, claro que no início ela vai achar estranho, assim como todos acharam, mas depois ela vai entender. — Sempre transparente, seu rosto não oculta seus receios, pega o prato e a taça que ainda tinha o pouco de vinho, contorna o balcão indo até a pia e começa a lavar a louça, ficando de costas para mim.

— E se ela não entender?

— A opinião dela vai mudar o que sente por mim? Porque não vai mudar o que sinto por você. — Lys sempre foi uma garota determinada, decidida e impulsiva, sempre viveu sua vida como quis viver, nunca se importou com a opinião dos outros, sempre buscou a própria felicidade. Perdi as contas de quantas vezes ouvi seu discurso sobre a importância zero que dava da opinião alheia, no que diz respeito a suas escolhas e seu modo de viver, mas quando era sobre família, a opinião da família, o senário mudava um pouco.

— Claro que não vai mudar, mas também não vou fingir que a opinião dela não é importante para mim. — Levanto-me e vou ficar ao seu lado, me encosto no balcão de mármore ao lado da pia, enquanto ela terminava de lavar a louça.

— Nos apaixonamos, não cometemos nenhum crime, Laura vai ter que aceitar o que estamos vivendo. — Ela termina o serviço e toma o último gole do vinho.

— Você está certo. Pode colocar mais vinho? — Coloco a bebida em sua taça e ela se encosta na pia ficando ao meu lado. — Obrigada! Ultimamente ando me importando mais do que deveria com a opinião das pessoas. — Fala por fim, depois de um tempo em silêncio. — Ao mesmo tempo, não é qualquer pessoa, Laura é importante para mim.

— Eu sei. — Termino de beber minha segunda taça, me desencosto do balcão, ficamos de frente. — Vou falar com ela, assim que ela chegar e contar tudo. — Coloco minhas mãos, uma de cada lado dela e me aproximo. — Mas, por enquanto, podemos esquecer esses problemas por algumas horas? — Falo enterrando minha mão em seus cabelos, deixando seu pescoço descoberto, ela me olha intensamente e lá estava mais uma vez meu sorriso.

— Acho uma ótima ideia — seguro firme seus cabelos, seu sorriso dá espaço a intensidade daquele momento, nosso momento.

Encosto meus lábios nos seus, apenas um roçar suave, com a boca entreaberta, para provocá-la, beijo seu pescoço, colo e volto para sua boca, no início suave, carinhoso e à medida que nosso toque vai se aprofundando nosso beijo se torna febril, fazendo meu desejo se tornar cada vez mais faminto. Era assim que acontecia, era assim que me perdia nela, existia dentro de mim uma ânsia de tê-la por completo, deixo sua boca, beijo sua nuca, inalo seu cheiro que me embriaga e me consome. Minhas mãos parecem ganhar vida, passo elas por todo seu corpo, sem deixar um centímetro sem minhas carícias. Tudo em mim ultrapassa a necessidade, seguro sua cintura, a ergo sentando-a no balcão e suas pernas envolvem minha cintura. Seus suspiros me deixam ainda mais maluco de desejo.

— Se continuarmos assim... — fala com a respiração irregular — Vamos acabar sem roupas no meio da cozinha. — Não paro de beijá-la, tirar suas roupas era tudo o que eu mais queria neste momento. — Gaspar, é sério...Temos criança em casa... Imagina se a Isa resolve acordar... Procurar por você... E... Gaspar... — Adorava deixar ela assim, desconcentrada e perdendo a linha, paro com os beijos e encaro ela.

— É muito difícil, Isa, me procurar no meio da noite, sabe disso. — Falo acariciando seu rosto. — E com certeza ela não começaria pela cozinha, mas você está certa, então, o que me diz de irmos para o quarto continuarmos

lá o que começamos? — O sorriso se alarga.

— Arrumei um namorado muito esperto.

— Sou mesmo, te agarrei. — Levanto-a do balcão e suas pernas se apertam com mais força a minha volta.

Vamos para o quarto de hóspedes, tentando ao máximo não fazer barulho, ainda bem que aquele quarto ficava afastado do da Isa.

Amar Alyssa era intenso, explosivo e único. Nunca imaginei que viveria esses sentimentos novamente, às vezes tinha a impressão de que esses sentimentos estavam me consumindo por inteiro, mas não de um modo ruim.

Depois do êxtase ficamos ali, apenas nos tocando, nos acariciando, nos olhando, ela era tão linda, perfeita em meio às suas imperfeições, completamente maluquinha e amava isso nela. Não sei por quanto tempo ficamos nos apreciando, minutos, horas, não saberia dizer. Quando ela boceja, percebo que talvez seja realmente bem tarde, me ergo para pegar minha camisa, que nela parecia um vestido, ela apenas me observa.

— Melhor vestir isso, caso tenhamos visita amanhã de manhã. — Talvez por causa do sono, demora um pouco para compreender de quem estava falando.

— Acha que ela pode vir até o quarto de hóspedes?

— Se for até meu quarto e não me encontrar, com certeza, ela sabe que quando você dorme aqui em casa, ficamos juntos. — Queria meu celular para filmar a cara dela. Seus olhos se arregalam, sua boca fica meio entreaberta e seus rosco cora de leve, não lembro de vê-la corar, nunca. Lys passa por cima de mim, ficando atravessada na cama sobre mim, começa a procurar alguma coisa no chão ao lado da cama, quando se ergue está segurando minha calça de pijama e a calcinha dela, me encara, sorrindo e balançando as peças, fica ao meu lado, me entrega a calça e veste a calcinha, faço o mesmo e visto minha calça, era melhor prevenir.

Sua naturalidade me encantava, desde nossa primeira vez juntos, nunca teve vergonha de ficar nua na minha frente e nas últimas semanas ficamos ainda mais íntimos, não existia entre nós nenhum tipo de receio, quando o assunto era sexo. Depois de vestidos entramos nas cobertas, ela se aninha em meus braços, boceja mais uma vez.

— Sobre amanhã... — impeço que continue beijando sua boca.

— Amanhã, ou melhor, daqui a pouco resolveremos esse assunto, agora a senhorita vai descansar — balança a cabeça afirmando e bocejando mais

uma vez, se encolhe mais ao meu lado e não demora muito, até estar ressonando profundamente.

Olho o relógio na cabeceira, quase três da manhã. Estava com sono, mas não conseguia desligar minha mente, saio devagar para não acordar a Lys e vou até o quarto da minha pequena, ela respirava de modo suave, coloco minha mão em sua testa para verificar a temperatura, graças a Deus estava sem febre. Vou até à cozinha, bebo água e volto para o quarto de hóspedes, dessa vez adormeço quase de imediato.

Desperto com um par de enormes olhos azuis me encarando de modo curioso.

— Bom dia, princesa! — Minha voz ainda era de sono e sussurrada, Lys estava com as costas contra meu peito, acabamos mudando de posição durante a noite e ficamos de conchinha.

— Bom dia, papai! Que horas a dinda chegou? — Pergunta também aos sussurros toda bonitinha.

— Era bem tarde, filha. Que horas são? — Isa ainda estava de pijama, mas pela sua carinha, com certeza, já tinha lavado o rosto e escovado os dentes.

— Quase sete, a dinda parece bem cansada. — Achei que fosse mais tarde, com cuidado tiro meu braço que está embaixo da Lys, tento levantar sem fazer muito barulho.

— Está sim, vamos deixá-la dormir mais um pouquinho, vem amor. — Falo já de pé, segurando em sua mão e saindo.

Sigo em direção ao meu quarto para lavar meu rosto e escovar os dentes, Isa fica atrás de mim e atrás dela Lika abana o rabo freneticamente. Saio do banheiro enxugando o rosto e me aproximo dela.

— Como se sente, filha? — Pergunto com a mão em seu pulso e depois na testa, sem febre, graças a Deus, coloco a tolha no ombro e a seguro no colo, saímos do quarto e a levo em direção à cozinha.

— Bem, só com fome. — Na sala pego seu remédio, era bom que ela tomasse logo, para impedir a febre de voltar. Lika sai enroscando nas minhas pernas tentando puxar a toalha.

— O que me diz de um café da manhã caprichado? — O sorriso que começa todos os meus dias surge. — Vou precisar da minha sous chefe. Me ajuda?

— Sim, papai.

— Escovou os dentes e os cabelos? — Pego seu avental e ajudo a colocar.

— Claro né, papai, que pergunta! — Seu ar de ofendida era muito engraçado.

— Tenho uma novidade e um pedido. — Vou até a área de serviço, preciso trocar o sanitário higiênico da Lika, estendo minha toalha no varal e troco o sanitário higiênico da Lika, depois volto para a cozinha, Isa estava sentada no balcão à minha espera, ela sempre escalava os banquinhos para sentar no balcão.

— Vovó Laura está chegando. Ela ligou ontem à noite e deve chegar daqui a pouco — seus olhos brilham de felicidade, começa a bater palmas de alegria, depois que ela comemora bastante continuo. — Querida, a vovó não sabe que estou namorando a Lys, ainda não contei, não é um segredo, apenas queria contar pessoalmente e por esse motivo ela ainda não sabe, vou fazer isso hoje, então...

— Não vou dizer nada, papai, pode deixar. — Isa era muito inteligente e tinha sensibilidade para perceber as coisas, minha filha é incrível.

— Essa é minha princesa — ergo a mão e ela bate. — O que acha de waffles?

— Que é perfeito. Vamos todos para casa dos meus avós, depois que você falar com a vovó Laura?

— Sim, depois que todos tomarmos café da manhã. Vamos começar? — Balança a cabeça concordando e começamos a trabalhar, pego tudo o que vamos precisar e vou separando, Isa adorava quando cozinhávamos juntos e eu também.

— Papai, porque você e a dinda sempre dormem no quarto de hóspedes, quando ela vem dormir aqui em casa? — Pergunta, quando já estamos colocando a mesa, sua pergunta me surpreende, me pegando desprevenido.

— Por que a pergunta, filha? Acha estranho ela dormir aqui? — Pergunto tentando entender de onde surgiu esse questionamento.

— Não acho, ela sempre dormia até antes de vocês estarem namorando,

é só que — fica em silêncio uns segundos antes de continuar. — Camille me disse que quando as pessoas são namoradas ou casadas não dormem no quarto de hóspedes, pelo menos foi o que ela me disse quando perguntei — fala com naturalidade, enquanto arruma as frutas.

— Princesa, acho que não deveria se preocupar com essas coisas de adultos — ainda na dúvida se respondo a seus questionamentos ou não. Decido falar a verdade, Isa era inteligente demais, para seu próprio bem e meu completo desespero. — Mas se para você é tão importante... Bem, sabe que a Lys e a mamãe eram muito amigas, desde que elas tinham sua idade — confirma com um movimento de cabeça. — Então, sua dinda não se sente confortável dormindo no meu quarto, porque ela acha que está invadindo um espaço que era da mamãe e meu, entende? — Ela fica pensativa por um tempo, depois me olha.

— Entendo, os adultos são complicados mesmo, talvez se o senhor mudar as coisas no quarto ela se sinta menos desconfortável. Ela deve sentir muitas saudades da mamãe, talvez seja por isso que não goste de ficar lá. — Em meio a sua inocência meu pedacinho de gente, como sempre me dava lição de como ser adulto.

— Te amo, filha, e essa é uma ótima ideia. — Falo beijando o topo da sua cabeça, Lika começa a latir.

Em seguida a campainha toca e já posso imaginar quem seja, Isa fica eufórica, louca para ir receber a avó, mas peço que ela termine de organizar as frutas e vou atender, Lys ainda estava dormindo e se conseguisse conversar com Laura, antes delas se encontrarem seria o ideal.

— Bom dia, Laura! — Cumprimento-a assim que abro a porta.

— Bom dia, Gaspar! — Nos abraçamos, tenho muito carinho por ela, não apenas por ser a mãe da Duda, mas principalmente pela pessoa maravilhosa que é.

Tudo que eu espero é que nossa relação não mude depois que souber sobre meu relacionamento com a Lys.

Capítulo 21

Laura

Sempre era muito bom voltar a Blumenau, mas apenas para visitar, mesmo sendo uma linda cidade e minha netinha morando aqui, preferia Florianópolis. Desde que minha Eduarda se foi, meu trabalho na associação de crianças com câncer e a vida que construí se tornaram minha tábua de salvação. Essa era uma dor que não desejo nem a pior pessoa do mundo, apenas quem viveu sabe a dimensão, é insuportável. Ainda hoje me pergunto como consigo continuar, então penso nela, em como era cheia de vida, isso me dá forças para continuar. Todos seguiram em frente, foi a única coisa que nos restou, continuar seguindo com nossas vidas, com o tempo restou apenas a saudade.

Gaspar é um bom homem, sempre foi um bom pai, um trabalho que foi se aprimorando ao longo dos anos, ele e Isabella aprenderam a lidar com a perda, em meio à rotina que construíram no dia a dia e com a ajuda da Alyssa, melhor amiga da minha Duda, uma jovem brilhante e aquém, tenho muito carinho, seu apoio e amizade foram primordiais para que Gaspar e minha neta seguissem em frente.

Quando fui embora, tive medo que eles não conseguissem, mas conseguiram e isso me trouxe paz. Os dois precisavam aprender a seguir em frente juntos. Mais cinco minutos estou em frente ao condomínio, uma viagem tão curta e mesmo assim cansativa. Fazia quase seis meses que não vinha aqui, mas nunca deixo de falar com Isa, todos os dias ligo para saber como ela está, tomara que esteja melhor da virose, é terrível passar as festas de final de ano doente, principalmente para uma criança. Desço do carro, pego minha pequena mala e uma bolsa de mão, será apenas uma semana, depois vou passar o réveillon com minha irmã. Cumprimento o porteiro, informo meu nome, sou autorizada a subir sem precisar ser anunciada, morei

nesse prédio durante um longo período.

Passa das oito da manhã, com certeza já devem estar acordados, mesmo sendo véspera de Natal, sempre acordam cedo, Isa é extremamente diurna e muito ativa, um verdadeiro reloginho independente do dia da semana. Toco a campainha, não demora muito até ouvir os passos e a porta se aberta.

— Bom dia, Laura! — Gaspar me cumprimenta, ele usava seu meio avental por cima da calça de pijama e uma camiseta.

— Bom dia, Gaspar! — Falo abraçando-o com carinho e ele retribui do mesmo modo, porém sinto um pouco de tensão ou é apenas impressão.

— Venha, vamos entrar. — Ele pega minha mala, a coloca em um canto. Lika, o terremoto que eles chamam de mascote, circula minhas pernas, abanando a cauda loucamente, a cachorra tinha ficado enorme.

— Como vai, monstrinha? — Acaricio sua cabeça, atrás da sua orelha e incrivelmente sua cauda balança ainda mais.

— Se a chamar assim, vai acabar magoando os sentimentos dela. — Só o que me faltava, ele sorri, provavelmente achando graça da minha cara.

— O cheiro que vem da cozinha está ótimo. E onde está minha neta? — Antes que pudesse me responder, ouço sua voz.

— Aqui, vovó — vem até mim se jogando em meus braços. — Feliz Natal! — Que saudade senti desse abraço.

— Feliz Natal, meu amor! Deus, a cada ano fica mais parecida com a sua mãe — Digo assim que nos afastamos um pouco, ela abre um imenso sorriso e volta a me abraçar. Lika começa a latir alucinadamente, cachorra com ciúmes, não falta acontecer mais nada.

— Eu e o papai fizemos um super café da manhã, fica quieta, Lika, não seja malcriada — incrivelmente a cachorra obedece a seu pedido — tem que se alimentar bem antes de ir para casa dos meus outros avós, vamos ajudar na ceia de Natal. — Adoro as festas dos Bianucci, Lívia era maravilhosa e sempre me divertia muito.

— Sabe o que dizem sobre o café da manhã? — Pergunto para Isa, que parece tentar puxar pela memória, em seguida abre um enorme sorriso.

— Que a refeição mais importante do dia. — Diz toda orgulhosa.

— Isso mesmo meu amor. — Balança a cabeça concordando. — Então, melhor nos alimentarmos bem logo para não nos atrasarmos. O que me diz Gaspar? — Pergunto, não foi impressão minha, ele realmente estava tenso, na verdade era mais do que isso, desde que cheguei, parece apreensivo. Estendo

minha mão para Isa, que pega prontamente.

— Claro. — Responde simplesmente, definitivamente, ele não estava em seu normal.

— Está tudo bem?

— Sim, mas gostaria de conversar com você antes de irmos para a casa dos meus pais. Tudo bem?

— Sim. Agora vamos tomar café, acabo de me dar conta de que estou faminta. — Quando me viro para ir até à cozinha, ainda de mãos dadas com Isa, ouço a voz de Alyssa ressonando pelo apartamento, mas não foi sua voz que me deixou surpresa.

— Gaspar, já são oito horas, por que não me acordou? Deveria ter me acordado, jogado um balde de água na minha... — Se cala e para no meio da sala ao me ver, olhando em sua direção. O que me fez perder a voz foi a roupa que estava usando e o modo íntimo que falou, ela usava uma camisa e um short velho de Gaspar, os cabelos estavam bagunçados.

— Bom dia, Alyssa! — Digo sem conseguir evitar olhá-la de cima a baixo.

— Bom dia! — Sua voz transparecendo desconforto. Tinha alguma coisa errada, isso estava bem óbvio para mim.

Lys nunca se comportou desse modo antes, sempre ficou feliz ao me ver, me abraçava e agora parecia estar paralisada. E não podia deixar de me perguntar, por que estava usando as roupas dele? Ter dormido aqui era normal, já fez isso inúmeras vezes, meu estranhamento é o fato de Gaspar não ter me falado que ela estava aqui e as roupas que estava usando. Toda essa intimidade parecia ser coisa de casal. Casal! Os dois? Não, eles não fariam isso? Ou fariam? Se estão tendo um caso, desde quando isso está acontecendo? Na casa que era da minha filha? Lys cresceu ao lado de Duda como se fossem irmãs. Como ela pôde fazer algo assim com a melhor amiga?

— Acho melhor tomarmos café, estou com fome, pessoal. — Isa finalmente fala interrompendo o silêncio.

Se eles estiverem tendo um caso, nem sei o que pensar. Aparentemente isso não é um problema para Isa, que claramente não fica desconfortável com a presença da madrinha usando as roupas do pai. Posso estar me precipitando, pode não ser nada, mas também pode ser tudo. Eles são adultos, suas escolhas são deles, queria apenas entender, por que não me falaram nada. E com tantas mulheres no mundo, ele tinha que escolher logo a melhor amiga

da minha filha, para recomeçar a vida ao seu lado?

— Podem ir, vou tomar um banho, trocar de roupa e encontro vocês, gatinha. — Seu desconforto estava gritante. — Que bom que chegou, estava com saudades, tia, é muito bom te ver. — Fala antes de sair, não consigo dizer nada, milhares de coisas passam pela minha cabeça e simplesmente não sei o que dizer.

— O assunto que tem para falar comigo tem alguma coisa a ver com isso? — Pergunto encarando-o. Isa não parava de olhar para mim e para o pai, de um para o outro.

— Sim. — Essa é sua única resposta.

Vamos para a cozinha, a mesa estava muito bonita, tudo parecia delicioso, infelizmente, minha disposição para o café foi afugentada, como apenas as comidas mais leves, frutas e cereais. Esforço-me ao máximo para não pensar demais e acabar tirando conclusões precipitadas, a verdade é que foi a primeira vez que os imaginei juntos e vê-los desse modo está sendo estranho, honestamente, foi chocante. A tagarelice da minha neta é a única coisa que consegue me distrair dos meus pensamentos, enquanto comemos, Isa falava animadamente da peça da escola, das brincadeiras com os amigos, principalmente com Camille, sua melhor amiga no mundo, uma descrição perfeitamente acertada de uma criança inocente.

Quando Lys junta-se a nós para o café demonstrava uma plácida tranquilidade. Isa continua tagarelando, procurando envolver todos nós em seus relatos, nos fazendo rir, fazer as pessoas rirem parecia algo natural para ela. A cada ano se tornava ainda mais esperta, minha garotinha, tão parecida com sua mãe, sempre que estou aqui me dou conta de como sinto imensamente sua falta. Me distraí perdida em meio às minhas lembranças, o assunto havia mudado, eles agora conversavam sobre as apresentações da orquestra em São Paulo, nem percebi quem entrou no assunto, tão pouco em que momento ocorreu. Os três pareciam tão entrosados e à vontade, como se já fossem uma família há muito tempo, o que me fez pensar novamente, desde quando estão envolvidos.

— Achei que ainda estivesse viajando? — Pergunto sem me dirigir para ninguém em particular.

— Estava, mas ontem foi nossa última apresentação em São Paulo e não quis passar mais uma noite em um hotel.

— Realmente, passar a noite em um ambiente acolhedoramente

familiar me parece bem mais atrativo do que na cama de um hotel — não foi minha intenção falar de modo tão ofensivo, pareciam palavras venenosas e sujas. Tento conter minha língua, que parecia ter vida própria, mas ela parecia pouco interessada em me obedecer. — Mas é absolutamente compreensivo, já passou tantas noites aqui. Não é mesmo? — Meus esforços são inúteis.

Encaro Alyssa que retribui igualmente meu olhar. Gaspar também faz o mesmo, não estava vendo, mas senti seu olhar sobre mim. Não sou assim.

— Filha, já terminou seu café?

— Sim, papai! — Ela com certeza notou a tensão no ambiente, Isa tinha muita sensibilidade para perceber as coisas a sua volta.

— Pode ir organizar suas coisas para irmos para a casa dos seus avós, por favor? — Isa assente, levantando do seu lugar e chamando Lika que se ergue prontamente e a segue em direção ao quarto.

— Acredito que agora possamos conversar como adultos. — Sua postura deixa claro que ele não permitiria que essa fosse uma conversa agressiva, mesmo tendo sido a causadora do mal-estar, não tinha a intenção de ir longe em minhas insinuações. Queria entender desde quando isso vinha acontecendo, desde quando a melhor amiga da minha filha havia se tornado amante, namorada, ou seja, lá o que aqueles dois são um do outro.

— Acho uma ótima ideia. Podem começar, gostaria muito de ouvir, quando e como o marido e a melhor amiga da minha filha se tornaram um casal. — Não altero minha voz, mas também não consigo evitar o sarcasmo impregnado nela. Alyssa não desgrudou os olhos de mim, nem por um segundo, mas continuava em silêncio. Quando Gaspar ia começar a falar ela quebra seu silêncio.

— É isso o que acha? Que o marido e a melhor amiga da sua filha são amantes, que traímos a confiança dela, que fomos tão frios e cruéis ao ponto de estarmos juntos todos esses anos, até mesmo antes da Duda partir? Que tipo de pessoa acho que eu sou? — Se minhas palavras carregavam sarcasmo e hostilidade, as dela estavam repletas de mágoa e tristeza, até mesmo decepção. Deveria me sentir uma pessoa horrível, mas não me sentia assim, se eles não queriam que pensassem algo do tipo, não deveriam ter mantido seu envolvimento em segredo. Na verdade, não acredito que eles tenham mantido um romance enquanto minha filha convalescia, mesmo assim, por que mantiveram segredo?

— Não disse isso, está colocando palavras na minha boca. Apenas me pergunto por que mantiveram o relacionamento em segredo?

— Não mantivemos nada em segredo, Laura, minha família sabe, assim como a família da Lys e talvez não tenha percebido, mas minha filha também sabe, não fizemos ou estamos fazendo nada de errado. — Mesmo com a voz calma e contida, percebo que Gaspar não estava disposto a tolerar intromissões em sua vida.

Ouvir que todos sabiam o que estava acontecendo, menos eu, me fazia sentir sem importância, eles eram adultos e não deviam satisfações das suas vidas a ninguém, mesmo assim gostaria de ter sido avisada, ao invés de ser pega de surpresa. Contenho meus sentimentos, neste momento era o melhor a ser feito, sempre me considerei uma mulher centrada e bem esclarecida, mas estava agindo como uma ignorante, perceber isso me faz procurar ser mais racional.

— Entendo, suponho então que já faz tempo que estão juntos? — Pergunto tentando modular minha voz, gostaria de entender como tudo começou.

— Faz pouco mais de um mês que estamos juntos. — Lys responde meio sem jeito, ainda assim mantendo a mesma voz firme, desde que me questionou. — Sei o que pode parecer, mas acredite, não planejei nada disso. Tudo aconteceu sem que eu percebesse, quando me dei conta do que estava sentindo, já estava envolvida e o Gaspar sentia o mesmo, então... — ela se cala, parecendo tentar encontrar a palavra certa.

— Decidiram seguir com suas vidas e serem felizes. — Continuo, minha fala é retórica, mais uma vez não a direciono a ninguém em especial, mas cada palavra dita era a mais pura verdade.

No fundo, sabia que eles tinham todo o direito de buscar sua felicidade. Olho para os dois, meu carinho por eles era imenso, ambos tiveram uma enorme importância e significado na vida da minha filha, a fizeram feliz, presenciei o sofrimento deles pela perda dela. Me envergonho pelo meu comportamento, os dois são tão importantes para mim, assim como foram para a Duda, abaixo minha cabeça envergonhada. Todos nós ainda em silêncio.

— Vocês têm todo o direito de viverem suas vidas, de serem felizes — digo erguendo minha cabeça e interrompendo o silêncio sepulcral que tinha se abatido entre nós. — Acho que fiquei... — Tento procurar a palavra certa

para descrever como estou me sentindo.

— Chocada, surpresa? — Lys tenta completar minha fala como tinha feito há pouco com ela.

— Mais ou menos por aí — nos entreolhamos, ela sorri pra mim e retribuo seu sorriso.

— Não contamos antes porque queríamos te falar pessoalmente, assim como fizemos com meus pais, com a Clara e com a Liliana. Você é muito importante para nós dois, não queríamos te contar por telefone que nos apaixonamos. — Sua fala tinha tanta convicção, ele tinha certeza do que sente por ela, isso ficou bem claro para mim, agora. Apaixonados, os dois, parecia ser um pouco estranho. — Conversamos bastante e decidimos contarmos juntos quando viesse a Blumenau, não fizemos isso para magoá-la ou excluí-la. Essa nunca foi nossa intenção. — No final, tudo era apenas detalhes. Depois de ouvi-los e agora mais calma, não parece tão absurdo assim que eles tenham se envolvido.

— Me desculpem pelo modo como agi agora há pouco, não tinha o direito.

— Não tem que se desculpar, tia Laura. — Ela me chama de tia Laura desde criança, sempre foi uma garotinha especial, até meio maluquinha e se tornou uma mulher linda, inteligente e sensível.

— Preciso sim, pensei o pior. Mesmo nunca imaginando os dois juntos, não tinha o direito de agir desse modo. Conheço você desde menina, não tinha o direito de duvidar do seu caráter, ou o do Gaspar. Vai ser muito estranho vê-los como casal, não vou mentir, talvez seja algo que tenha que me acostumar, apenas isso. Sempre gostaram de implicar um com o outro. — Era verdade, perdi as contas de quantas vezes presenciei Gaspar criticar ou implicar com Lys, pelo jeito meio impulsivo e espontâneo dela.

— Pode fazer isso na semana que ficará conosco. Sobre implicar um com o outro ainda fazemos isso às vezes, mas estamos aprendendo. — Eles sorriem um para o outro com cumplicidade.

— Não acredito que ficar aqui seja apropriado, Gaspar, ir para um hotel seria melhor.

— Por favor, Laura, faço questão que fique aqui, sua neta sente sua falta, quer passar esta semana com você. Além disso, me ajudaria muito, dei uns dias de folga para Mira ficar com a família, vou ter que trabalhar muito esses dias que antecedem o ano novo e Lys ainda tem mais uma

apresentação, então se ficar me ajudaria bastante.

— Se vou ajudar ficando, então tudo bem, também estou com muita saudade dela.

— Ótimo, agora que tudo foi esclarecido, o que acham de limparmos tudo, para irmos logo? Tenho certeza que todos já devem estar se perguntando onde estamos. Prometemos ajudar com os preparativos.

— Tem razão, enquanto limpam vou ver se Isa está pronta. — Não espero resposta, era claramente uma desculpa para deixar a mesa, não me esforcei para disfarçar, foi totalmente proposital, levanto-me e sigo para o quarto da Isa.

Queria um momento para digerir tudo, minha reação não foi das melhores, mas tão pouco vou me crucificar por causa disso, já me desculpei, o resto o tempo conserta aos poucos. Depois de tudo não queria ficar aqui com eles, pelo que pude perceber Lys passa bastante tempo com eles e não desejo causar desconforto em ninguém, mas ele pediu pela Isa e minha neta é tudo o que tenho, não poderia negar nada a ela, mesmo que quisesse o que não era o caso. Se eles se amam e querem ficar juntos, não seria eu a impedir que vivessem esse sentimento, não vai ser fácil agir com naturalidade, mas posso me acostumar.

Depois que a Laura sai, indo em direção ao quarto da Isa nos deixando sozinhos, encaro Gaspar sem saber bem o que falar, me levanto e começo a arrumar a mesa. Percebo pela minha visão periférica seus movimentos, ele se ergue e vem até mim, pega a tigela que estava segurando, volta a colocar sobre a mesa e ficamos frente a frente.

— Deveria ter mandado Isa te avisar que ela estava aqui. Desculpa.

— Não precisa pedir desculpas, poderia ter sido pior, na verdade imaginei que seria pior, mas assim, magoou muito ela ter achado que estávamos tendo um caso há anos.

— Eu sei, mas ela entendeu. Não precisamos da aprovação de ninguém, é nossa vida, e ninguém vai ficar entre nós? — Parece tão fácil ouvindo-o falar.

— Sabe o quanto odeio essa minha insegurança? Nem sabia que tinha isso dentro de mim até ficarmos juntos. Detesto me colocar nessa posição, me sinto uma idiota. — No pouco tempo que estamos juntos, descobri algumas coisas sobre mim mesma, que até então desconhecia, não sei até que ponto isso é bom ou ruim.

— Para de bobeira, você não é idiota, é humana e como tal tem suas inseguranças, dúvidas e medos, não fica achando que esses sentimentos e dúvidas são privilégios apenas seu. — Ele era bom em estar certo. Algo que descobri, acontecia frequentemente.

— Detesto como sempre está certo! — Seu sorriso me desmonta, ele acaricia meu rosto, coloca uma mecha do meu cabelo para trás. — Não é boa ideia, não podemos abusar da sorte com a Laura aqui.

— Do que está falando? — Se faz de desentendido.

— Desse seu olhar sedutor.

— Acha meu olhar sedutor? — Pergunta aproximando-se mais, colocando as mãos em minha cintura me envolvendo. — Hoje não te dei bom dia direito. — Seus lábios roçam os meus.

— Gaspar, elas estão no quarto, podem entrar a qualquer momento.

— Quero só te dar bom dia. — Uma das mãos larga minha cintura, indo para meus cabelos, mergulhando seus dedos neles.

Antes que pudesse protestar, sua boca estava sobre a minha. Sempre que ele me tocava, tudo a nossa volta parecia sumir, todos os nossos problemas pareciam pequenos, e cada vez que isso acontecia eu tinha medo, medo de até aonde essas ondas de sentimentos iriam me levar. Assim que nos separamos ele beija a ponta do meu nariz, abre aquele sorriso incrível e beija de leve meus lábios.

— Agora sim, é um bom dia.

— Bobo — Beijo-o novamente. — O que acha de terminarmos de limpar essa mesa, organizarmos tudo e irmos para a casa dos seus pais?

— Acho muito boa ideia, sua mãe já deve estar surtando, dando ordens

para todo mundo.

— Pode ter certeza.

Começamos a recolher e limpar a mesa, quando estávamos quase terminando Isa e tia Laura se juntam a nós, lavamos a louça e depois que tudo está limpo, finalmente conseguimos nos organizar e saímos de casa.

No caminho, enquanto Isa conversava animada contando tudo para tia Laura e ela se esforçava tentando demonstrar que tudo estava bem e normal, Gaspar segura minha mão e a beija, sempre que ele fazia isso a tormenta dentro de mim se acalma. Esse poder que ele exercia sobre mim estava começando a me assustar. Uma vez, quando estava conversando com Hortência sobre esses sentimentos, essa calma que o Gaspar desperta em mim, ela me disse que estava assustada porque nunca senti isso por ninguém antes dele, o que não era completamente verdade, já me apaixonei, não como estou por ele, mas tenho certeza que era paixão. Quando lhe expus meu ponto de vista, ela simplesmente me falou que era diferente, porque o que eu sentia não era paixão e sim amor, nunca mais isso saiu da minha cabeça, essa conversa sempre ficava martelando. Não podia estar amando ele, se estiver acontecendo, vou acabar magoada, sei que vou e não tenho a menor ideia do que fazer para não amá-lo.

— Tudo bem? — Faço que sim, balançando a cabeça antes de responder.

— Sim. — Quando se trata dele, não sou boa em dar desculpas.

Lika é a primeira a descer do carro e correr alucinadamente pelo gramado do jardim, quando chegamos à casa da Lívia. Tudo já estava uma loucura, com minha quase sogra dando ordens em todo mundo, ela abraça Gaspar, Isa, Laura e depois me abraça. Ettore entra em seguida, Isa se joga sobre o avô, depois que se separam, ele vem nos cumprimentar. Sempre adorei todos eles, são o tipo de família que dá vontade de fazer parte.

— Precisava ver com meus próprios olhos para ter certeza. — Todos nós nos viramos para dar de cara com um Mael suado e com roupas de corrida, o mais novo dos irmãos Bianucci. Isa corre em direção ao tio, que a ergue distribuindo beijos barulhentos e abraços suados. — Vocês são realmente um casal de mãos dadas e tudo mais, impressionante — fala em um tom de gracejo, levando a sobrinha até o chão.

— Muito maneiro, o papai e a dinda namorarem, não é tio?

— Muito maneiro, macaquinha. — Ela se desmancha em sorrisos, fazer

mulheres se renderem parecia ser um dom natural para irmãos Bianucci, assim como a beleza. Mael era um homem muito bonito e extremamente atraente, tem vinte e oito anos, um coração enorme, diferente do irmão um irreverente senso de humor e desde que terminou a residência e a especialização não para quieto, sempre viajando, levando assistência médica de qualidade aos mais necessitados.

Se aproxima de mim nos abraçamos, seus braços me apertando, suspeitava que essa sua intensidade repentina tinha como propósito única e exclusivamente provocar Gaspar, que faz uma cara nada amigável encarando-o, acho até meio engraçado.

— Estou adorando ter você como cunhada, acho que vou me divertir muito. —Sussurra em meu ouvido, sempre nos demos muito bem, somos amigos como sou de Henrique, Mael sempre foi o nerd gênio da família, sua preocupação esteve sempre voltada para os estudos.

— Para com isso, Mael. — Falo dando um tapinha em seu ombro quando ele me aperta ainda mais.

— Será que dá para você largar minha namorada? — Diz com um ar meio emburrado e fico me segurando para não rir. Ciúmes do irmão era até meio ridículo.

— Para de implicar com seu irmão, querido. Ele ainda está se adaptando. — Lívia fala piscando um olho para mim.

— Ele pode se adaptar largando minha namorada — Mael me aperta um pouco mais pela última vez, antes de me soltar com um enorme sorriso.

— Quem diria hein, irmãozão, ciumento desse jeito? — ele diz já se aproximando de Gaspar e abraçando-o.

— Não é ciúmes, conheço bem sua fama de galã na Faculdade de Medicina — separam-se — É bom tê-lo em casa. Quando chegou?

— Ontem à noite, vou passar um tempo por aqui, minha licença no hospital venceu e estava morrendo de saudade da família.

— Certo, agora vamos todos entrar, podem continuar a conversa lá dentro, tem muito a ser feito até à noite. — Ainda estávamos na área de entrada, Lívia entra e a seguimos. — Foi tão chocante para você como foi para todos nós, Laura, quando eles contaram? — Olho para tia Laura que aparentava tranquilidade.

— Nem imagina o quanto. — Responde simplesmente.

Todos nos acomodamos na sala, Samara, Caíque e Savana se juntam a

nós, a conversa gera em torno de tudo e de nada ao mesmo tempo. Depois que todos ou pelo menos quase todos terem colocado as novidades em dia, Lívia delega as tarefas de todos, fui escalada para colocar a mesa e organizar a louça junto com Isa e Savana, fico até feliz com minha tarefa, sou péssima na cozinha. Gaspar é direcionado diretamente para a cozinha juntamente com o restante da família, hoje ele tinha perdido seu posto de chef para a própria mãe. Henrique e Gael chegam algumas horas depois, Gael é imediatamente jogado dentro da cozinha para ajudar, já Henrique consegue escapar argumentando que tinha trabalhado muito hoje, ele sempre fazia isso.

— Vocês não vão abrir o restaurante hoje?

— Vamos sim, mas o quadro de funcionários foi reduzido, deixei o Carter e o novo chef comandando tudo. Eles são muito bons e de confiança. Deixei ordens para fecharem as portas mais cedo, hoje. Amanhã é feriado, então não iremos abrir. — Faço que sim, estávamos em uma mesa de canto na cozinha vendo a família cozinhando, Gaspar era realmente incrível e ficava muito sexy de avental. — Devia colocar um babador, a baba está escorrendo. — Fala rindo da minha cara.

— Você é um babacão, sabia disso? Por isso, não tem um relacionamento verdadeiro com uma garota legal.

— Primeiro, para que vou ficar apenas com uma garota legal, se posso ter várias. Segundo, você nem disfarça que está caidinha. — Encaro-o sem acreditar no que estava ouvindo, ele era mesmo muito cínico.

— Você é um grande cínico, filho da mãe, sabia disso? — Sem responder, Henrique apena sorri, olho para Gaspar, que parecia estar se divertindo, com alguma coisa que Samara dizia. — E se eu estiver caidinha, tem algum problema? — Pergunto sem tirar os olhos dele.

— Nenhum — a voz de Henrique muda ao responder minha pergunta, ficando mais branda, desvio minha atenção e o encaro. — Não quero que se machuque, sabemos que não está apenas apaixonada por ele. — Me encara como se esperasse uma confirmação ou uma negativa, mas infelizmente não podia fazer nem uma coisa, nem outra.

— Lys, vamos jogar UNO — sou desperta pela chegada de Savana. — Por favor, se não a segunda opção é aqueles jogos de videogames de lógica e definitivamente vou pirar.

— Tudo bem, vamos jogar. E a Isa, onde ela está?

— Rolando no chão da sala com a Lika, mas daqui a pouco ela vai vir

aqui e se você não for jogar com a gente, ela vai querer o videogame e... – Impossível não se divertir com seu quase desespero, quando se é adolescente tudo parece bem maior do que realmente é.

— Vou jogar com vocês, ainda temos umas horas até o almoço.

— Você vem também, tio Henrique?

— Vou sim, antes tenho só que falar com o tio Ettore, ele escapou da cozinha assim que teve uma chance, tenho que falar com ele sobre uns investimentos. Depois vou encontrar vocês. — Antes dele sair, indo para o escritório, nos encaramos.

— Melhor irmos, antes que a Isa corra para o jardim com a Lika e façam alguma besteira. — Savana concorda assentindo. — Pessoal, estou indo ficar com as meninas no terraço lateral.

— Se por acaso esbarrar com meu marido, poderia pedir para ele voltar que estamos precisando dele?

— Pode deixar, Lívia. — Savana e eu nos entreolhamos, depois que o Ettore escapa é bem difícil ele voltar. Saímos rindo de fininho.

Foi um dia muito bom, um daquele que é perfeito. Vovó e tia Liliana chegaram depois do almoço, com uma torta de maçã que de longe dava para sentir o perfume, as duas se enfornaram dentro da cozinha com o restante da família. Depois que Isa foi tirar um cochilo, Savana se encostou em algum lugar da casa com o celular que parecia ser uma extensão dela, Henrique, Mael e eu fomos intimados a lavar uma pilha de louças que parecia ir ao infinito e além, enquanto a família continuava cozinhando ao nosso lado, nos divertimos muito, tenho que admitir. Mael nos contou mais sobre seu trabalho com o projeto e a ONG, falo um pouco sobre o meu trabalho com as crianças, Gaspar sempre se aproxima para me beijar, como eu havia dito, um dia perfeito.

Capítulo 22

Quando a noite chegou, tudo já estava pronto e organizado, com as luzes da árvore de Natal iluminando a casa, eu e as meninas conseguimos deixar a mesa linda e as louças todas colocadas organizadas na mesa auxiliar e fizemos uma decoração incrível. Mesmo não sendo muito fã do Natal e preferindo mil vezes o Ano Novo, amava as festas que Lívia dava todos os anos.

Em meio à confusão com todos correrem para se arrumar, Isa preferiu tomar banho e se arrumar comigo e mesmo tendo me atrasado, adorei ela ter me escolhido.

— Lys — Gaspar me chama.

— Aqui, no banheiro. — Simplesmente adorava o quarto dele ser suíte. Entra e envolve minha cintura.

— Isa está parecendo o anjinho da árvore de Natal, ela está linda. — Diz antes de beijar meu pescoço, o que Henrique me falou quando estávamos na cozinha não sai da minha cabeça, sei perfeitamente porque ele disse aquilo. Gaspar ergue a cabeça, me encarando com o cenho franzido.

— Não vou perguntar se está bem, porque sempre que pergunto você inventa alguma desculpa ou responde que está tudo ótimo, mesmo sabendo que não está. Então serei bem direto, o que está acontecendo? — Pergunta tranquilo sem se alterar.

— Podemos conversar depois da festa ou amanhã? — Não queria que minhas inseguranças estragassem a festa, me sentiria ainda pior. — Não quero que se preocupe com isso, não é nada demais, de verdade.

— Se for alguma coisa, que a Laura... — calo sua boca, tampando com minha mão, depois tiro e o beijo.

— Tia Laura não tem nada a ver com isso, são apenas coisas que estão na minha cabeça confusa e maluca, vamos falar sobre isso depois, mas agora

preciso terminar de me arrumar e você precisa tomar banho e fazer o mesmo. — Ele assente. — Ok. Quantas pessoas sua mãe convidou?

— Não faço a menor ideia. Mas pode se preparar que em algum momento da festa ela vai te pedir para tocar.

— Não trouxe meu violoncelo.

— Ela pediu para o Henrique dá um pulinho no seu apartamento e pegá-lo, Clara conseguiu suas chaves. Em minha defesa, fiquei sabendo depois que eles tinham feito. — Diz na defensiva.

— Fala sério que fizeram isso? — Ele balança a cabeça afirmando. — Isso é invasão de propriedade privada, é crime.

— Adorou a ideia que eu sei.

— Não acredito que fizeram isso, inacreditável.

Termino de me arrumar, olho meu reflexo no espelho, estava me sentindo bem bonita, o vestido caiu como uma luva, era curto alguns centímetros acima das coxas, escuro com estampa floral, em tons de rosa, com um decote discreto entre os seios, que dava todo um charme, combinou bem com o penteado que fiz deixando meus cabelos meio soltos. Uma maquiagem discreta e um salto bem alto, estava realmente muito bem. Foi só mais uns últimos retoques, Gaspar já estava pronto e tinha descido para dá uma olhada na Isa, homens são tão mais práticos, sentia até inveja. Com uma calça mais moderna, uma camisa e um colete ele tinha ficado simplesmente perfeito, não demorou nem trinta minutos, enquanto a mim, fazia uns cinquenta minutos que estava aqui, mas finalmente estava pronta e valeu muito a pena.

Quando desço as escadas, a casa já está agitada, com pessoas zanzando para lá e para cá, Gaspar para na minha frente, sorrindo como um bobo.

— Linda, você está perfeita. — Ele se aproxima de mim, envolve minha cintura, envolvo seu pescoço, nos beijamos de leve no início, depois foi intensificando e como sempre nos perdemos dentro daquele momento. Nunca estar com alguém foi tão bom, tão perfeito e intenso.

— Não sou a única linda, você também está bem gato — falo assim que nos separamos uns centímetros, ele beija a ponta do meu nariz rindo. — Cadê o resto da família?

— Estão espalhados, dona Lívia está recebendo os dois garçons que vão servir, o restante das mulheres está terminando de se arrumar, Isa e Savana estão roubando rabanada escondidas lá na cozinha. — As duas

sempre faziam isso, apesar da diferença de idade, sempre foram próximas, Isa sempre foi a bonequinha da Savana. — Achando que ninguém as viu.

— Mas você as pegou no flagra?

— Sim, ainda bem que fui eu e não minha mãe, já imaginou.

— Lívia adora as duas, tenho certeza que iria fazer o mesmo que você, acobertar.

— Isso não é verdade, não estou acobertando, não muito pelo menos. — Voltamos a nos beijar, dessa vez até quase perder o fôlego. — Vem, vamos atrás das pestinhas, daqui a pouco a casa vai está cheia e se elas comeram todas as rabanadas, aí sim, minha mãe vai ter um ataque, porque vão ficar com dor de barriga. — De mãos dadas saímos a caça das duas.

Não demorou muito até a casa encher de pessoas, apenas alguns poucos amigos foram convidados, a grande maioria era família. Tudo estava impecável, aquela família sempre dava as melhores festas, me divertia muito.

— Eu já disse como adoro as festas de Natal? — Henrique fala ao se aproximar de mim na varanda, depois que quase todo mundo já havia ido embora.

— Não, na verdade ainda não tinha mencionado isso — falo olhando para cima encarando-o.

Depois da ceia, todos se reuniram na sala principal, toquei Noite Feliz e Bach Cello suit no 1, sabia os dois sonetos decorados, também toque Se Deus Me Ouvisse os acordes eram uma delícia e a letra era como uma oração, tocá-lo me trazia calma. Após o pequeno concerto, as pessoas foram se dispersando aos poucos até que restasse apenas a família, agora restavam apenas os Bianucci, minha avó e tia. Estava na varanda tomando um ar, Henrique me olha sorrindo.

— Percebeu como meu pai e sua tia ficaram próximos a noite toda? — Fala sentando na minha frente, claro que tinha notado, mas achei melhor ficar calada.

— Achei que tinha sido a única a perceber. Sabe de alguma coisa?

— Na verdade não, meu pai sabe ser bem discreto quando quer, além disso, não sou muito de me meter em suas conquistas amorosas — ergo uma sobrancelha e o encaro. — Claro que a Liliana não se encaixa nessa categoria, mesmo sendo uma mulher extremamente atraente e linda. Meu pai tenta conquistá-la há tanto tempo que pensei que tinha desistido, quando saiu com aquela ruiva. Lembra dela? Tinha uns peitões e... — Quando percebe

que falou demais se cala. Ainda ficava chocada com as baboseiras que saiam da sua boca, impossível não rir do tanto de asneiras que Henrique falava às vezes.

— Aparentemente essas questões não nos dizem respeito, no final das contas, acho que Gael gosta muito dela e talvez seja recíproco, pelo menos suspeito que seja. — Queria muito que minha tia encontrasse a felicidade, depois de tudo pelo que passou, a vida poderia lhe dar isto. — Acho que os dois merecem uma chance. — Ele assente e nos entreolhamos, ficamos um tempo em silêncio.

— Quando o Gaspar me contou sobre vocês, a primeira coisa que pensei foi que ele estava sacaneando com a minha cara. — Fala por fim, interrompendo a infinita quietude.

— Nossa! A ideia de sermos um casal é tão horrível assim?

— Não, a ideia dele magoá-la é. Lys, conheço o Gaspar a minha vida toda, somos primos e grandes amigos, sabe disso. Ele é um cara incrível, do contrário não o amaria como ama — Se tinha algo que eu detestava acima de qualquer coisa, era quando as pessoas ficavam tendo suposições sobre minha vida, como se soubessem o que sinto e o que penso.

— Você fala com uma certeza sobre minha vida, certeza que nem eu mesma tenho. Foi por isso que fez aquele comentário quando estávamos na cozinha?

— Essa foi uma das razões, mas existem outras que não vem ao caso agora. Tenho muito carinho por você, a considero como uma irmã e não quero que sofra. —Sua certeza em relação a um possível sofrimento, que eu venha a passar me incomoda.

— Henrique, somos amigos há anos, até tentamos ser mais que amigos, o que foi péssima ideia, por sinal — tento ser atenta ao que falo, não queria ser grosseira, não sou assim e definitivamente não começaria a ser desse modo com ele. — Os meus sentimentos são meus, se em algum momento começar a amar o Gaspar, caso ele não me corresponda terei que lidar com isso sozinha, pode ter certeza que não vou agir como minha mãe, ficando uma louca depressiva e amargurada, por ter sido rejeitada. Então não precisa se preocupar comigo. — Tentei manter meu tom calma e consegui.

— Ok. Entendi que estou sendo um babaca intrometido, apenas... — faz uma pausa, olha em direção à porta que dá para sala. — Se precisar de mim, sabe que pode contar comigo, com meu apoio, certo?

— Sei que sim. — Estendo minha mão, ele segura apertando meus dedos de leve e retribuo.

— Que momento lindo! Estou atrapalhando? — Soltamos nossas mãos, Mael tinha que ter herdado toda inteligência acadêmica extra da família e no processo também todo o senso de humor ácido.

— Não está atrapalhando nada, pentelho. Onde estão as outras pessoas dessa família? — Henrique pergunta, Mael entra na varanda e senta-se ao meu lado, colocando os pés para cima e encostando-se a mim.

— As crianças subiram, estão se aprontando para dormir, os adultos estão terminando de organizar a cozinha, você bem que podia tocar mais um pouquinho, Clara e Liliana vão dormir aqui, já está tarde e mamãe não quis que elas fossem sozinhas para a chácara, muito longe.

— Acho que vai ser uma manhã de Natal bem animada, se eu tocar as meninas não vão dormir, então sem mais concertos particulares por hoje.

— Sem dúvida vai ser divertido e você é uma estraga prazeres, amanhã é feriado de Natal — seu divertimento era bem visível, Mael era o tipo de pessoa que se adaptava com facilidade, quando estava em casa realmente se mantinha presente, procurava não falar sobre o trabalho, a não ser que perguntassem. Talvez essa facilidade tenha sido adquirida durante suas viagens. — Não pretendo dormir agora, o que me dizem de jogarmos banco imobiliário?

— Isso com certeza vai fazer com que o sono das meninas desapareça, assim que elas descerem para dar boa noite.

— Então vamos logo começar a jogar, assim quando vierem dar boa noite, já ficam de uma vez. — Fala piscando um olho para mim.

— Gaspar não vai achar isso nada engraçado.

— Henrique, meu caro, por que tem sempre que ser tão pessimista? Tenho certeza que minha cunhadinha vai amansar a fera. Não é mesmo? — Conhecia bem aquele ar de quem não quer nada, também não via nada de mais em as meninas ficarem acordadas um pouco mais, Savana já é uma adolescente e Isa adora jogar.

— De qualquer modo sou voto vencido mesmo. Vamos pegar o jogo.

Ficamos até bem tarde jogando com as meninas, todos foram se recolhendo aos poucos, Gaspar ao contrário do que Henrique pensou não se opôs a Isa ter ficado jogando, ela acabou dormindo nos braços do pai.

Foi um Natal diferente, no mínimo pitoresco. Normalmente dona Lívia não costuma convidar pessoas, que não sejam da família, mesmo sendo apenas poucos amigos, mas tudo bem, a festa não perdeu seu toque familiar por causa disso, o primeiro Natal que eu e Lys passamos como um casal certamente excedeu as expectativas com uma pitada de drama. A reação da Laura foi melhor do que esperava, no início ela ficou incomodada, ainda estava, mas pareceu entender.

A semana que antecedeu o Réveillon foi bem agitada, tive muito trabalho, precisava deixar tudo encaminhado para passar as primeiras semanas de janeiro em Florianópolis, o novo Sabores iria ser inaugurado, então precisava deixar tudo encaminhado. Nesses dias de correria, Laura esteve conosco, partiu apenas no dia trinta, ela foi para casa da irmã, o tempo que passou conosco foi muito bom para sua relação com Isabella, as duas precisavam desse tempo juntas. Sobre meu relacionamento com a Lys, bem, ela não interferiu ou falou algo contra, mas seu desconforto estava claro, seu comportamento em determinados momentos evidenciou isso.

Diferente do Natal, nosso Réveillon foi bem mais tranquilo, fomos todos para a chácara da Clara, pelo menos quase todos, meu irmão foi escalado para um plantão no hospital, Henrique viajou com uns amigos e Samara foi com a família para a casa dos sogros, ou seja, metade dos Bianucci se dispersaram, como tão sabiamente colocou Gael, que eu suspeitava ferrenhamente, que só tinha ido por causa da Liliana. Mesmo assim nos divertimos muito.

Restavam apenas mais três semanas de férias, antes das aulas voltarem, tanto para Isa como para Lys, passaríamos uma semana em Florianópolis

para a inauguração do novo restaurante. Depois de insistir até conseguir dobrá-la, Lys aceitou ficar essa semana conosco. Desde que começamos a namorar não ficamos mais de dois dias separados, aparentemente ficarmos longe por muito tempo se mostrou ser algo bem difícil, pelo menos para mim, até dormir ficava difícil nos dias que não estávamos juntos.

— O tempo está bom em Florianópolis. Acha que devo levar mais um vestido? – Olho para a mala sobre sua cama, para alguém que pretendia passar apenas uma semana viajando, acho pouco provável que ela vá usar todas as peças que estava levando.

— Acho que já está levando mais que o suficiente, serão apenas alguns dias e três vestidos são suficientes.

— Vou levar — nem sei por que ela ainda me pergunta se sempre faz o oposto do que falo, impossível não rir, esse seu jeito meio doidinho era o que me deixava cada dia mais encantado. — Não sei por que me pergunta, se nunca escuta o que falo. — Falo apenas para provocar.

— Gosto se ser uma mulher prevenida, pergunto apenas por desencargo de consciência. — Pisca um olho para mim e volta a organizar o que para ela era uma pequena mala, mas que de pequena não tem absolutamente nada.

Uns vinte minutos depois estamos prontos para voltarmos ao meu apartamento. Quase todas as noites ficamos juntos, quando não na minha casa, na casa dela, devo admitir que ficar na dela é bem mais confortável para nós dois, quando toco no assunto ela sempre tenta mudar o foco da conversa de alguma forma e depois que Laura veio e foi embora o desconforto que ela sentia pareceu se evidenciar mais. Vou aproveitar nossa viagem para conversar melhor sobre isso. Não demoramos muito até estarmos em casa.

— Chegaram! — Isa vem correndo até nós, com Lika em seu encalço e como sempre ela quase derrubava Lys.

— Ei, vai com calma, monstrinha. — Lys fala puxando a mala, com Lika passando entre suas pernas.

— Poxa, dinda, não chama ela assim, tadinha. Deixa que te ajudo. — Diz soltando minhas pernas. Depois de abraçá-las, ela vai até a mala com o dobro do seu tamanho, ainda bem que tinha rodinhas.

— Vai passar mais de uma semana em Florianópolis? — Mira pergunta quando Isa passa por ela arrastando a bendita mala.

Encaro Lys sorrindo, coloco minha melhor expressão de bem que avisei, ela me mostra a língua.

— Gosto de ter opções, Mira, não seja chata. — Beija o rosto dela cumprimentando-a.

— Não é chatice, estou apenas falando, no final é uma constatação. — Ela pisca para Gaspar, como se não estivesse vendo.

— Falei a mesma coisa, Mira. O que temos para o jantar? O cheiro está incrível. — Tento mudar de assunto quando encaro o olhar estreito da Lys dirigido a minha pessoa, ficava ainda mais gata quando estava bravinha.

Vamos os três para a cozinha, dou uma olhada nas panelas, tudo estava com o cheiro ótimo, Mira tinha mãos de fada.

— Papai — Isa entra na cozinha, me chamando daquele jeito fofo, que entrega quando ela ou Lika aprontaram. — Acho que a Lika comeu seu cachecol marrom. — Quando ela diz "acho que" quer dizer que tem certeza, tento não surtar. Ser pai da minha princesa era um teste constante para manter minha sanidade, ainda bem que o cachecol estava velho, mesmo que realmente gostasse muito dele. Com o tempo acabei me acostumando a ter alguns sapatos e peças de roupa customizados pela Lika.

— O castigo dela já está traçado, vai passar uma semana com a Mira — olho para a mulher que tem sido meus braços nos últimos três anos, ela sorri sempre com seu olhar doce de mãe. — Vai entrar na linha por bem ou por mal.

Lika era engraçada, às vezes chego até a acreditar que realmente compreende o que falamos, principalmente quando menciono castigo e seu nome na mesma frase, ela se encolhe toda, baixando a cabeça e ficando quietinha.

— Coitadinha, papai, ela é só um bebê, não entende — fala sentando ao lado da Lys no balcão. – Ba, você vai ser bem boazinha, não é? — Ela aprendeu a chamar Mira de Ba, desde que começou a falar, seus olhinhos brilhavam, ansiosa pela resposta.

Mira olha para mim e depois para Lys, que se esforçava para não rir.

— Claro que sim, minha querida, vou cuidar muito bem dessa danadinha, pode confiar. — Tinha certeza que ela faria isso, Mira tinha apenas o jeito de durona, mas era uma verdadeira manteiga derretida.

— Viu só, papai. — Minha princesa fala vitoriosa.

Viajamos bem cedo no dia seguinte, a viagem foi tranquila, fomos de carro e não houve nenhum contratempo. A inauguração vai ser amanhã no final da tarde, nem tive tempo para respirar, assim que cheguei fui direto para

o restaurante depois de deixar minhas meninas no hotel, precisava verificar se estava tudo encaminhado para o grande dia, felizmente a empresa de eventos que Carter contratou estava realizando seu trabalho com primazia.

A noite caía silenciosa banhando os céus, quando retorno para o hotel. Assim que entro no quarto as duas estão deitadas no chão cercadas de almofadas, com um monte de salgadinhos, biscoitos e mais um monte de porcarias, morrendo de rir, assistindo o novo filme de comédia com a Ingrid Guimarães. Já vestidas com seus pijamas do sono, como Isa gostava de chamar. As duas olham para mim ao mesmo tempo e abrem um enorme sorriso.

— Parece que estão se divertindo muito — Lys estende a mão com um pedido para me juntar ao piquenique. Tiro meus sapatos e vou até elas, beijo Isa na testa e dou um beijo casto nos lábios de Lys, sento-me no chão ao seu lado.

— Estamos nos divertindo muito, papai, muito bom esse filme — fala voltando sua atenção para a tv, se concentrando na história do filme, que devia estar na metade.

— Deu tudo certo? — Lys pergunta, se recostando em mim.

— Sim, tudo encaminhado, pronto para amanhã, os funcionários me parecem ser uma boa equipe, Henrique e Carter fizeram um trabalho excelente.

— Que bom, tenho certeza que vai ser um sucesso, exatamente como o Sabores de Blumenau. Os rapazes e sua família chegam que horas amanhã?

— Henrique e Carter chegam ainda hoje, já estão a caminho, me mandaram uma mensagem avisando, a família chega amanhã, acho que depois do almoço. Minha mãe deve ligar avisando. — Ela assente e se aconchega mais em mim.

Antes que o filme chegasse ao fim, Isa já estava dormindo em meio às almofadas, Lys vai até o quarto conjugado ao nosso preparar sua cama, minha princesa ainda era pequena para ter um quarto individual. Depois de colocá-la na cama, vou até o banheiro tomar finalmente o banho para poder dormir, a água me relaxava enquanto corria pelo meu corpo, levando consigo meu esgotamento.

— Pedi uma comida leve para você. — Lys fala entrando no banheiro, sentando-se na tampa do vaso.

Quando a encaro ela está me olhando analiticamente, parecendo bem

interessada em meu corpo, sua falta de pudor era bem sensual, ela não tinha vergonha nenhuma de ficar nua na minha frente ou em qualquer momento íntimo como o banho, por exemplo, assim como também não ficava constrangida em ficar me admirando nesses momentos, ela é perfeita.

— Não pediu para você também? — Pergunto, me esticando um pouco, para fora do box.

— Já comi com a Isa.

— Espero que esteja se referindo a comida de verdade e não daquelas porcarias que estavam espalhadas pelo chão ao redor de vocês quando cheguei. — Como elas duas conseguem comer tanta porcaria? Cristo, sempre me pergunto isso, consigo regrar bem a alimentação da Isa, se deixasse ela passaria dos limites com os doces. No caso da Lys, infelizmente, ela é adulta, não posso controlar o que come, mas aos poucos vou convencê-la a se reeducar.

— Não seja rabugento, claro que comemos comida de verdade antes do piquenique.

— Adora me chamar de rabugento — sorrindo de lado, ela encosta-se à caixa acoplada do vaso e fica me olhando como se estivesse assistindo a seu filme preferido.

— Não é verdade, às vezes, gosto de te chamar de chato. — O gracejo explícito na sua voz, demonstra seu atrevimento jocoso.

Termino de lavar meus cabelos, começo a lavar meu corpo, enquanto ela continua me encarando, com seu olhar lânguido.

— Espero que esteja apreciando o show. — Sabia que estava revirando os olhos mesmo sem estar vendo, tinha certeza disso.

— Pode ter certeza que estou, a vista é deslumbrante. — Seu tom era provocativamente delicioso.

Coloco metade do meu corpo para fora do box, encarando-a.

— Por que não para de olhar e me provocar e vem tomar banho comigo?

— Porque se eu entrar aí não vamos tomar apenas banho e estou esperando o serviço de quarto trazer seu jantar. — Fala fazendo charme.

Sem desviar meus olhos dos dela, me inclino para beijá-la, seguro seu braço e a puxo para dentro do box, sua risada reverbera pelo pequeno banheiro do hotel. Sua roupa de dormir fica ensopada, mas também não era grande coisa, apenas um conjunto de short e camiseta de malha, ajudo-a a

retirar o tecido grudado em seu corpo, sua pele parecia seda, a suavidade e maciez dela me deixavam maluco. Beijo cada centímetro do seu corpo, cada toque meu trazia uma reação diferente em seu corpo.

— Você é perfeita, me tira o fôlego — falo enquanto deixo um rastro de beijos do seu ombro descendo até seus seios, os acaricio, beijo e sugo, todos os seus pelos se eriçam.

Ela não diz nada, apenas ronrona, nossos toques se intensificaram até nossos sussurros e gemidos ficarem incompreensíveis. Me perco em seu corpo, no desejo arrebatador trazido pelo êxtase, em meio ao que ela desperta dentro de mim, um sentimento que expande meu peito, de um modo como se não coubesse mais dentro de mim e isso me amedronta de um modo que nem consigo descrever. Já amei intensamente, sei o que esse sentimento significa, o que ele é e como nos domina, uma sensação que conheço bem.

Estamos entregues aquele momento de quietude, que vem logo após o ápice daquela tormenta de desejos, ela está aconchegada a mim, seu corpo nu colado ao meu, depois de nos entregarmos pela terceira vez a nossa ânsia urgente de estarmos perdidos um no outro.

— Consigo ouvir seus pensamentos daqui. O que foi? — Meus dedos passeavam pelas suas costas nuas, ela inala uma respiração profunda.

— Não é nada demais, apenas refletindo que você deveria comer agora e acho que sua comida já deve estar gelada.

— Mentirosa. — Se apoiando em seu antebraço, se posiciona para me encarar deixando seus seios expostos, tão linda e encantadoramente teimosa.

— Não estou mentindo. Amanhã vai ser um grande dia para você, é bom descansarmos um pouco e você precisa se alimentar, já deve ter passado das onze — ergo uma das minhas sobrancelhas, ela estava nitidamente mudando de assunto, nunca fui o tipo de cara que pressiona, então opto por respeitar seu silêncio.

— Não estou com fome, durante a reunião com a equipe teve a degustação do cardápio de buffet, para minha aprovação — ela faz uma carinha bonitinha, me inclino e beijo a ponta do seu nariz, depois seus lábios, mas apenas um roçar suave.

— Nunca tinha percebido que as pessoas sempre fazem o que você quer, pelo menos não até começarmos a namorar, parecem sempre buscar por sua aprovação. — Fico surpreso e satisfeito que tenha percebido isso, sou um cara muito metódico e gosto das coisas do meu jeito, uma mania que adquiri

junto com minha profissão. Chefiar uma cozinha exige controle de tudo o que acontece a minha volta, acabei levando isso para minha vida. Só me lembro de ter perdido esse controle uma única vez, quando Duda estava doente e por algumas semanas depois de sua morte, depois de mergulhar novamente em meu trabalho voltei a ser o mesmo metódico controlado de sempre. — Até no sexo, você é meio controlador. — Fala sorrindo, nunca tinha percebido isso, acabo rindo da sua observação.

— De onde tirou essas coisas?

— Do modo como sempre tenta controlar tudo para que fique do seu jeito.

— Essa é uma característica do meu trabalho, não sou tão controlador assim. Talvez seja um pouco fora do trabalho, mas no sexo nunca tinha percebido.

— Bem, você é, mas também é carinhoso e atencioso também, é acho que essa é uma boa definição — fala voltando a se recostar em meu corpo, estava bem sonolenta agora. — Mas, não estou reclamando, acredite seu controle e carinho são uma combinação perfeita. — Solta outra risadinha.

— Bom saber que curte — falo balançando a cabeça. Pego meu relógio sobre o criado-mudo, já era quase meia noite. — Já está tarde, por mais que adore você nua colada ao meu corpo, melhor vestir uma camisa minha, sempre temos uma visita pela manhã. — Ela ronrona algo que não compreendo, pego uma camisa minha que estava jogada sobre o abajur e ajudo a vesti-la. — Boa noite, maluquinha. — Sua resposta é um boa noite sussurrado, beijos seus lábios e ela se acomoda melhor, encaixando-se ao meu corpo e a envolvo com meus braços, não demoro muito para mergulhar na escuridão do mundo dos sonhos.

O dia seguinte foi uma loucura, depois de tomar café com as duas garotas da minha vida e deixá-la no shopping, fui me encontrar com Henrique e Carter para uma reunião rápida e também para verificar se tudo estava perfeitamente em ordem para a inauguração, nada poderia dá errado. Aproveitei para conversar com o chef que ficará encarregado da cozinha, discutimos mais uma vez o cardápio até finalmente ter a convicção de que escolhi o cara certo para o trabalho. Minha família chega, todos conseguiram vir, ainda bem, apoio nunca é demais.

A festa de inauguração é impecável, exatamente como imaginei que seria e quando ela acaba temos reservas feitas pelos próximos cinco dias.

Apenas uma coisa me deixou cismado, Lys, ela estava ótima, tranquila, conversando com todos, rindo com meus irmãos, mas próximo ao fim da festa ela ficou desconfortável e tensa, algo a estava incomodando. Quando perguntei se estava tudo bem, apenas desconversou falando que quando chegássemos ao hotel conversaríamos, então aceitei.

— Podemos conversar agora? — Pergunto de modo tranquilo, tento manter minha voz suave para não fazê-la se sentir intimidada. Me apoio no assoalho da porta e a observo retirando a maquiagem.

Fazia uns trinta minutos que tínhamos chegado da inauguração, nossa prioridade foi a Isa, como ela estava sonolenta a ajudamos no banho e a vestir seu pijama, a colocamos na cama. Lys ainda continuava estranha, não aparentava estar desconfortável como estava no restaurante, ainda assim continuava mais silenciosa que o normal.

— Acho que sim — ela responde se voltando para mim, terminando de passar o chumaço de algodão em sua face.

Depois que remove toda a maquiagem joga o algodão fora, encosta-se à bancada do banheiro pegando impulso para se sentar sobre ela, ainda continuava com o vestido que usou na inauguração, era preto com uma estampa branca assimétrica, seu cumprimento era dois dedos acima dos joelhos e se ajustava perfeitamente ao seu corpo. Continuo no mesmo lugar encarando-a, suas pernas balançavam, com ela sentada sobre a bancada sem deixar de me olhar, parecia pensar no que falar.

— Pareceu ficar incomodada, depois de um tempo que estávamos na recepção, aconteceu alguma coisa? — Tento me concentrar em nossa conversa, era um pouco complicado com suas pernas expostas, seu vestido tinha subido até o meio das coxas perfeitamente torneadas que eu adoro. Ela dá um suspiro profundo, antes de responder, ainda me encarando.

— Não era um incômodo exatamente, mas fiquei surpresa e isso me deixou um pouco tensa, acho que essa é a melhor definição — cruzo os braços e sinto minha testa franzi, era involuntário, espero que continue. — Vi Helena, ela veio junto com os críticos, o que não é nenhuma surpresa já que ela trabalha como crítica gastronômica.

— Que Helena? — Puxo pela memória, tentando lembrar se conheço alguém com esse nome, mas não vem ninguém em minha cabeça.

— Esposa do César. — César? Esse nome não me é estranho, então me lembro onde ouvi esse nome antes.

— Seu pai? — Ela assente, me aproximo, ficando em sua frente, ela abra as pernas, me encaixo entre elas e envolvo sua cintura.

Falar sobre seus pais era muito difícil para ela, eles foram pais horríveis, um pela negligência e abandono mesmo estando presente em sua vida fisicamente e o outro por esquecer sua existência. Minha maluquinha sofreu e sofre bastante por isso, se não fosse por Clara e Liliana, sua avó e tia, Lys não saberia o que é uma família.

— Meu desconforto não foi apenas por ela está lá, foi mais pela forma como ela me olhou, como se quisesse falar comigo, como se tivesse urgência para conversarmos, em determinado momento, tenho quase certeza que ela tentou se aproximar, mas Samara veio até mim, bem na hora — suspira, envolvendo meu pescoço com seus braços. — Isso não seria tão estranho, se algum dia tivesse dado pelo menos um bom dia uma a outra, só que não é esse o caso. Foram poucas as vezes que sequer a vi nos últimos vinte anos, conto nos dedos as ocasiões, acho que já disse uma vez que eles moram aqui — concordo com a cabeça, sim, ela já tinha mencionado há um tempo.

— Nunca pensou em procurar ele? Nem que fosse apenas para perguntar, por que ele fez isso com você?

— Ele teve quase vinte anos para fazer isso e nunca fez, não quero mais falar sobre isso, talvez tenha sido impressão minha, sei lá, vamos esquecer isso. Tem coisas mais urgentes, que precisam da nossa atenção completa — fala mordiscando meu maxilar, até a ponta do meu queixo, estreito mais sua cintura trazendo mais para perto. Se ela não queria mais falar sobre o assunto, era sua escolha e tinha que respeitá-la e apoiá-la.

— É mesmo? Como o que por exemplo? — Solto sua cintura e coloco minhas mãos em suas coxas, subindo o vestido no processo, enquanto ela contorna minha boca com a ponta da sua língua me excitando.

— Como, por exemplo, me satisfazer — diz sorrindo expansivamente, colo uma das minhas mãos entre suas coxas, imediatamente seu sorriso morre e seu olhar me penetra de modo intenso.

— Sabe que sou muito bom nisso — ela assente sem dizer nada, entreabrindo os lábios com a respiração desregular.

Sabia o que ela queria, seu desejo era esquecer todo aquele sentimento de angústia e substitui-lo por prazer, era sempre a melhor opção, então dou o que ela quer. Imergimos no nosso mundo de entrega e desejo, um mundo onde a cada dia aprendíamos mais sobre as necessidades um do outro, onde nos entregávamos e nos perdíamos nos gemidos inaudíveis e na paixão abrasadora que nos consumia. Meu coração faltava explodir pelos sentimentos que ela me despertava, principalmente quando sua fragilidade e temores vinham à tona, como tinha acabado de acontecer. Nesses momentos, tudo o que desejo é cuidar dela e torná-la ainda mais minha. Faço exatamente isso, durante toda a noite, dou meu carinho, o meu corpo e tento através dele apagar da sua mente, cada uma das suas dores.

Capítulo 23

Adoro viajar, mas voltar para casa é ainda melhor. Passamos duas semanas em Florianópolis, Gaspar precisava ter certeza de que o restaurante tinha começado com o pé direito. Mesmo trabalhando não deixou de aproveitar para passear e se divertir comigo e com a Isa, que depois de ter ido à praia, parecia não desejar mais voltar para Blumenau.

Os dias que passei em Florianópolis com eles foram maravilhosos, tentamos aproveitar ao máximo. Encontramos com a tia Laura, que me pareceu estar ótima, principalmente se levar em consideração que desde que soube do nosso namoro, essa foi a primeira vez que agiu com naturalidade sem o desconforto que demonstrou quando recebeu a notícia. No final das contas, o tempo sempre é nosso melhor amigo e remédio, não importa qual seja a circunstância.

Saímos todos juntos para almoçar e depois fomos ao cinema, nos divertimos muito. Mas tinha uma coisa que não saía da minha cabeça, que ficava martelando o tempo todo, Helena, ter esbarrado com ela, o modo como reagiu ao me ver, talvez nosso encontro tenha sido apenas coincidência, afinal de contas com seu trabalho seria inevitável sua ida ao Sabores. Talvez esteja apenas fantasiando, nos encontramos tão poucas vezes e na maioria delas sempre esteve acompanhada do meu pai, algo que convenientemente nos impediu de uma aproximação, não que fosse ser diferente se estivesse sozinha, mas não falo com César há muitos anos, sempre que os encontrava desviava meu caminho ou simplesmente fingia não os ter visto. Percebi quando tentou se aproximar de mim, isso não foi coisa da minha cabeça, depois de repassar a cena na minha cabeça inúmeras vezes, tive certeza absoluta de que mesmo relutando ela tentou se aproximar.

Exceto por esse encontro inusitado, ou quase isso, foi uma viagem

muito boa, Isa e eu nos divertimos horrores, até mesmo quando estávamos apenas nós duas, mas como tudo o que é bom dura pouco, tivemos que voltar. E era bom voltar para casa, sim, é um comentário perfeitamente contraditório, sorrio sozinha pelos meus pensamentos fora de contexto.

Fazem dois dias que voltamos, ainda me restavam três dias de férias antes do planejamento das aulas começarem, a ONG assim como a orquestra só retomaria suas atividades após o carnaval. Vai ser ótimo ter mais esse tempo. A campainha soa pelo meu apartamento me fazendo despertar, olho para o relógio da sala passava das nove da manhã, caminho em direção à porta para receber meus visitantes que estavam atrasados.

— Demoramos por causa do papai — Isa fala assim que abro a porta, um furacão peludo passa entre minhas pernas e sua dona vai logo atrás, passando com facilidade pela brecha da porta entreaberta, meu apartamento era sua segunda casa. Quando volto minha atenção para a figura alta a minha frente, aquele lindo par de olhos verdes me olhando.

— Minha filha sempre ajuda com sua sinceridade absoluta — diz com sarcasmo ao se inclinar para me beijar. — Desculpe a demora. — Abro mais a porta dando passagem para que entre, me beija novamente passando por mim, apenas agora percebo que carrega algumas sacolas.

Se direciona diretamente para a cozinha. Tranco a porta e vou atrás. Chegando à cozinha vejo Gaspar desempacotando tudo que tinha trazido, uma pequena feira de alimentos frescos e naturais, ele tinha cismado que ando comendo muita porcaria, o que não deixa de ser verdade, adoro comer porcaria às vezes, mas só às vezes, não entendo porque colocou na cabeça que faço sempre. Fico apenas olhando, enquanto desempacota tudo, concentrada em cada um dos seus movimentos, definitivamente muito sexy, suspiro.

— Achei que iria trabalhar o dia todo, mas pelo que estou vendo tem outros planos — questiono querendo entender porque trouxe tantos ingredientes. Ontem combinamos que Isa passaria o dia comigo, já que ele tinha que trabalhar o dia todo. Apenas me olha de lado, abrindo seu sorriso costumeiro, o mesmo que me deixa derretida e me encanta.

— Vou depois do almoço e só saio no final do expediente, umas onze por aí. Resolvi cozinhar para você. — Às vezes me perguntava se esse homem era real ou apenas fruto da minha imaginação. Obviamente ele tinha seus defeitos, mas quando comparados com suas qualidades, eles eram

insignificantes.

— Por isso se atrasou? Foi até o mercado?

— Sim, acordamos cedo, fui até alguns fornecedores encomendar produtos frescos, aproveitei e comprei algumas coisas para fazer o almoço, Isa adora os fornecedores. — Não duvido, assim como o pai adora comida natureba, eu que a desvio do caminho do bem e empurro algumas porcarias para ela comer. De vez em quando era bom fugir das regras, fazia bem ao espírito. Gaspar ficava maluco comigo, mas nunca discutíamos muito por essas coisas, normalmente ele demonstrava seu desagrado e eu fingia que não tinha nada a ver com aquilo e seguíamos em frente.

— Tenho certeza que os dois se divertiram muito. E qual vai ser o cardápio? — Estava curiosa, adoro boa comida, ao contrário do que o senhor super chef pensa, sou bem saudável quando quero, principalmente quando se trata da comida dele.

— Um Fricassé tradicional português, mas feito com carne seca e uma salada leve com pepino, tomates e rúcula — minha boca saliva apenas em ouvir sua descrição, devo admitir que não foi apenas a descrição em si, mas sua voz que me hipnotizava. —Para sobremesa, tenho uma surpresa que fiz ontem à noite. — Diz piscando, engulo em seco, olhá-lo cozinhar era como estar vendo uma dança, com movimentos rápidos e precisos.

— E onde está essa surpresa, posso saber?

— Na sua geladeira, mas não vai espiar, só depois do almoço. — Ele sorri ao me encarar, acho que devo ter feito cara de desgosto, decepção ou só uma cara patética mesmo.

Olho ao redor e percebo que tudo estava muito silencioso, até demais, considerando que tinha uma garotinha de sete anos que adorava não parar quieta e uma cachorra que mais parecia um filhote de leão em algum lugar do meu apartamento.

— Melhor ir atrás delas, devem estar aprontando alguma coisa. — Ele fala com a maior naturalidade, parecendo ler meus pensamentos, nem tinha desviado sua atenção dos preparos que estava fazendo, o encaro até voltar sua atenção para mim. — Não é muito difícil de pensar em algo assim, principalmente quando se tem uma filha como a Isabella. — Dá de ombros e volta a se concentrar no que estava fazendo. — Assustador.

— Devia ter me falado que era telepata.

— Sou uma coisa muito melhor — ergo minha sobrancelha e sem tirar

sua atenção do que fazia responde. — Sou pai. — Como se isso explicasse tudo, contorno o balcão, me aproximo e o beijo.

— Vou lá ver o que estão aprontando. — Ele assente, me devolve o beijo e saio da cozinha procurando pelas duas.

Não demoro muito até encontrá-las, pareciam estar bem a vontade no meu quarto. Lika parecia muito concentrada em destruir meu carpete. Adorava aquele carpete e agora vai ter um buraco enorme. Quando sente meu cheiro, ergue a cabeça me encarando com aqueles lindos olhos amendoados, tão doces, era difícil ficar mais do que poucos segundos chateada com ela. Parecendo ter percebido minha sutil mudança de postura, algo que talvez tenha compreendido como autorização, volta ao seu trabalho destrutivo. Isa estava sentada na minha enorme poltrona branca, parecia folhear um livro ou um caderno, não tinha certeza, ainda não havia notado minha presença, próxima à porta.

Quando ergue o enorme caderno de capa dura, o reconheço, era meu livro de memórias, tinha quatro cada um deles em fases diferentes da minha vida, foi uma sugestão da minha terapeuta na época que tive acompanhamento psicoterápico. Isso aconteceu algum tempo depois do meu pai ter ido embora, quando a intimação para a audiência do divórcio chegou e minha mãe surtou e me levou junto com ela. Foi tia Liliana que tomou uma atitude, por não suportar me ver daquela forma e me arrastou para um psicólogo contra a vontade da minha mãe, é claro, estava com nove anos na época. Fiz terapia até meus vinte.

Entro no quarto, finalmente Isa nota minha presença e abre aquele enorme sorriso, tão parecido com o da mãe.

— Oi, gatinha, achei que ia ajudar o papai a preparar o almoço. — Sento-me no apoiador de pés, de frente para ela.

— Encontrei um dos seus cadernos, esse aqui está bem cheio.

— Comecei esse quando era um pouco mais velha do que você, escrevi nele por muito tempo — faz que sim com a cabeça, sinalizando que entendeu, seu semblante é meio triste. — O que houve, gatinha, parece triste?

— Tem muitas fotos suas com a mamãe... — comenta, faz uma pausa, não era uma simples observação ou uma pergunta, havia tristeza em suas palavras. — Sinto saudade às vezes, acho que esqueci o cheiro e o som da voz dela, era muito pequena, quando... — meu coração aperta, a vida não foi justa em dar tão pouco tempo as duas, Isa merecia ter tido mais tempo com a

mãe incrível que teve.

— Também sinto muita saudade, tanta, que às vezes meu coração dói. — Mais uma vez ela assente. — Me levanto, estendo a mão para ajudá-la a levantar também, sento-me em seu lugar na poltrona e a coloco sentada no meu colo, com meu livro de memórias a nossa frente. — Ela tinha um cheiro muito bom de lavanda e baunilha, era tão gostoso, sua voz era alegre e repleta de vida, também tinha um pouco de suavidade — tento descrever da melhor forma que posso, cada detalhe armazenado em minhas lembranças. — Essa foto aqui... — Aponto para uma imagem nossa em praia Brava quando viajamos em uma excursão do colégio. — Foi feita na mesma praia que fomos em Florianópolis, tínhamos quinze anos, foi uma viagem muito legal. — Isa acaricia a foto, como se pudesse tocá-la. Falo sobre mais algumas fotos em que estamos juntas, descrevendo alguns momentos que compartilhamos, tento detalhar como ela era, menciono como são parecidas, Isa apenas escuta como se estivesse arquivando cada palavra narrada por mim, não era a primeira vez que eu fazia isso, se depender de mim ela nunca vai esquecer como a mãe foi incrível.

— Ontem o papai ficou muito triste — comenta do nada, não falo nada, nem demonstro surpresa, apenas espero que continue. — Vi ele empacotando algumas coisas da mamãe, que estavam no quarto. Ele separou tudo em caixas, os quadros, o quilt que mamãe fez, lembra? Aquele que eu queria muito que o papai me desse. — Claro que lembrava, vou perguntar a Gaspar, porque não deu a colcha para Isa, Duda o fez para a filha. — Todas as lembranças da mamãe, ele colocou tudo nas caixas. — Não tinha rancor ou raiva em sua voz, apenas tristeza, uma menina tão pequena para ter esses sentimentos, mas digo por experiência própria, que assim como os adultos, as crianças também têm suas preocupações, angústias e tristezas. — Papai não me viu, espiei pela brecha da porta. — Fala abaixando a voz, como se estivesse me confiando um segredo.

— Gatinha, talvez ele tenha feito isso apenas para guardar as coisas que pertenciam a Duda, não significa que vai se desfazer delas. — Tento explicar para deixá-la calma. — Se ele ficou triste, naquele momento, talvez seja porque sentiu saudade, assim como nós duas estamos agora. — Não queria sentir ciúmes, não queria ter conhecimento que a tristeza do Gaspar me afetava, mas me afetava, me dava ciúmes e me sentia horrível por ter esses sentimentos, não sou uma pessoa egoísta, mas estava me sentindo exatamente

assim.

— Acho que tem razão, dinda, vi ele chorando também e às vezes quando sinto saudade, também choro um pouco. — Definitivamente, não precisava saber esse detalhe.

— Às vezes, também choro quando estou com saudade. Está vendo como é normal se sentir assim? Não tem que se preocupar. Sobre o quilt, vou perguntar ao seu pai, pode deixar. — Seu sorriso volta ao seu rosto e isso para mim já vale a pena.

— Promete, dinda?

— Prometo, deixa que com o papai, eu me entendo. — Seu estado emocional se transforma completamente, como é bom ser criança e conseguir mudar o foco tão rápido, pulando de uma para outra rapidamente. — Agora, acho que seu pai está precisando de uma ajudante, você sabe como ele fica todo enrolado sem sua melhor ajudante. — Mesmo já tendo voltado ao seu normal, queria que ela esquecesse, pelo menos por enquanto.

— É mesmo, dinda, ele fica muito perdido sem mim, melhor ir logo. — Desce do meu colo dando um pulo.

— Também acho.

— Você não vem? — Combinamos que quando estivermos só nós duas, ela me chamaria de você, nosso segredinho. Precisava ficar um segundo sozinha.

— Vai na frente, gatinha, te encontro lá.

— Tá bom, mas não demora.

— Pode deixar, não demoro nadinha. — Beijo sua testa, porque era muita fofura para uma coisinha tão pequena e ela sai do meu quarto saltitando.

Não tenho muita paciência comigo mesma, quando decido ficar melancólica, detesto esse meu estado de espirito. Era difícil para mim admitir, mas o que a Isa me disse mexeu comigo e infelizmente os sentimentos foram inevitáveis. Sempre prezei tanto por minha liberdade, claro que desejava ter um relacionamento, dividir minha vida com alguém que fosse importante para mim, já me apaixonei tantas vezes, só que nunca passou pela minha cabeça abrir mão de algo que sempre prezei tanto, principalmente que faria isso por amor. Falando assim parece absurdo, mas se fosse sincera comigo mesma, é exatamente isso que estava acontecendo, não era apenas paixão o que sentia por ele, era amor, agora tinha certeza disso e

estava assustada.

Minha personalidade, não me permite ficar lamentando e sofrendo por muito tempo, respiro profundamente, olho para Lika que continuava muito dedicada a destruir meu carpete. Levanto e vou encontrá-los na cozinha, chega de ficar me torturando.

— Vem, Lika, não vou deixar você sozinha, se não vai acabar destruindo meu quarto. — Ela me encara com aqueles enormes olhos doces. — Nem adianta me olhar assim, anda, vamos logo. — Quando acho que ela não vai me obedecer, se ergue desengonçada pelo seu tamanho, agarra o carpete e sai arrastando, passa por mim abanando a longa cauda freneticamente. Como ela já tinha destruído, decido não me importar, depois compro outro e coloco no lugar, fazer o que.

Nem chego até o fim do corredor e já sinto o cheiro delicioso vindo da minha cozinha, algo que só acontecia quando Gaspar estava aqui. Encontro os dois na cozinha se divertindo muito em meio às panelas, Gaspar se aproxima de mim e me beija, sento no mesmo lugar onde estava antes e fico olhando os dois trabalharem animados.

A comida estava deliciosa, almoçamos juntos na minha sacada, ideia da Isa, nos divertimos muito, foi um almoço alegre. Depois nós três limpamos a cozinha, quando terminamos, Isa vai assistir e Lika vai atrás da amiga ainda carregando meu carpete na boca, suspiro conformada.

— Prometo que vou te dar um carpete novo. — Fala passando os braços entre meus braços, envolvendo minha cintura, minhas costas apoiam em seu peito e nossos corpos se encaixam, ele beija minha nuca e todos os pelos do meu corpo se arrepiam. Estava me refrescando com a brisa suave, encostada no assoalho da porta da varanda. O dia estava bem ameno hoje, a temperatura está gostosa.

— Ótimo, vou escolher, de preferência um bem caro. — Sinto sua risada, deposita outro beijo em minha nuca.

— Acho que merece isso. Vou te levar para escolher, com muito prazer — acabo sorrindo também, coloco meus braços sobre os dele. — Preciso ir trabalhar, Henrique já mandou mensagem. — Suspira, apoiando a cabeça em meu ombro. — O dever me chama. — Solta os braços a minha volta, me viro e ficamos de frente, envolvo seu pescoço, suas mãos voltam para minha cintura e nos beijamos tão intensamente, que ficamos perdidos um no outro, era sempre assim.

— Melhor ir logo, se não prendo você aqui e não te deixo sair mais. — Falo baixinho, com meus lábios ainda encostados aos dele.

— Está me expulsando e nem disfarça. Isso magoa, sabia? — Seu exagero não me comove, ele adora uma chantagem emocional.

— Nem começa, esse chororô não combina com você. Até contratarem um novo sous chef, vai ter que se desdobrar.

— Nem me fala, a cozinha está uma loucura. Agora é sério, te vejo quando voltar? Vai dá conta dessas duas sozinha?

— Sim. Claro que sim. Fala como se essa fosse minha primeira vez, como babá.

— Verdade, deve ser mania de pai. — Vem em meus pensamentos tudo o que a Isa me disse, não consigo disfarçar minha mudança de humor, mesmo que tenha sido por poucos segundos.

— Aconteceu alguma coisa? Ficou séria de repente, sabe que estou apenas implicando.

— Não foi nada, apenas algo que veio de repente à minha mente, podemos conversar quando chegar mais tarde.

— Tem certeza? Posso demorar um pouco mais e podemos conversar.

— Não pode demorar um pouco mais, se fizer isso, tenho certeza que daqui a pouco Henrique invade minha casa, arrastando você para o restaurante.

— Tudo bem então, conversamos quando eu voltar. — Nos beijamos mais uma vez. — Vou me despedir. — Segurando minha mão, me puxa para acompanhá-lo.

— Princesa, estou indo! — Fala quando chega à sala, onde Isa estava deitada no sofá, completamente concentrada assistindo Valente, ela adorava aquele filme, sabia todas as músicas, consequentemente Gaspar e eu também sabíamos. Ergue a cabeça e nos encara sorrindo.

— Bom trabalho, papai, divirta-se.

— E o meu beijo, mocinha? — Pergunta soltando minha mão, se aproximando dela, que sorrir ficando de pé sobre meu sofá, para se lançar nos braços do pai, dando aquele tipo de abraço que apenas uma filha é capaz de dá.

— Dá um beijo no tio Henrique, diz que eu tô com saudade — fala se afastando, Gaspar faz uma careta engraçada, realmente me esforço para não rir, mas é um esforço inútil, solto uma gargalhada, a cena vem na minha

cabeça e seria no mínimo hilária. Assim que consigo conter minha crise de riso, os dois estão me olhando, Isa sem entender muito bem porque tive um ataque e Gaspar com um ar ofendido.

— Acabei de lembrar de uma coisa muito engraçada. — Isa dá de ombros, beija o pai e volta a assistir ao filme. Levo Gaspar até a porta e nos despedimos com mais um beijo.

Passamos uma tarde ótima, nos divertimos muito preparando os materiais para escola, encapamos os livros, organizamos os cadernos, as canetinhas, eram muitas canetinhas de todas as cores e tipos, tinham muitas outras coisas. As escolas, hoje em dia, pedem muitas coisas, me pergunto se as crianças chegam a usar todos esses materiais. Sempre era muito divertido organizar os materiais escolares junto com a Isa, era nosso ritual de volta às aulas, jantamos o que sobrou do almoço, a comida estava ainda melhor. Assistimos a mais um filme, dessa vez a escolha foi minha, escolhi O jardim Secreto, era um filme lindo, Isa nunca tinha assistido e adorou. Quando a coloquei na cama já passava das nove, ela estava lendo *Extraordinário* da R. J. Palácio, dois capítulos todas as noites, era a segunda vez que lia esse livro, não a culpo o livro é maravilhoso. Assim que Isa cai no sono vou organizar a sala, a cozinha e trabalhar um pouco.

Passa das onze, quando finalizo meus planos de aula. Este ano as turmas foram divididas entre mim e uma nova professora, achei ótimo, com o tanto de coisa que tenho que dar conta este ano, se fosse pegar o mesmo número de turmas do ano passado seria bem complicado. Organizo meu pequeno escritório, que nada mais é do que uma pequena mesa estilo escrivaninha, que fica no cantinho da segunda sala, ao lago do meu local de ensaio. Não sou muito perfeccionista quando se trata de arrumação, mas gostava de manter as coisas em seus lugares, uma ótima tática para uma pessoa avoada nunca perder nada, esse com certeza era meu caso. Quando já estou terminando, ouço a porta abrir.

Vou até a sala de entrada e me deparo com Gaspar, tentava entrar sem fazer barulho, não entendi por que, não era nem meia noite ainda. Me encosto no assoalho da entrada que interligava minhas duas salas, cruzo meus braços e fico olhando.

— Se sua intenção é não fazer barulho, não está dando muito certo, vai por mim. — Não resisto e provoco, ele se assusta derrubando um globo de neve, que ficava em um banquinho perto da porta. Ele abaixa para pegar o

enfeite, ergue a cabeça para me encarar, estava usando um daqueles pijamas que eu tenho, superconfortáveis, mas nada sexys.

— Estava até você me assustar e me fazer derrubar esse seu enfeite. — Diz encarando a bola de acrílico com um desenho de uma cidade com neve.

— Ei! Não faz essa cara, ele é lindo.

— Lys, essa coisa é uma bugiganga, parece um globo de neve, mas não é um globo de neve. Só você para comprar algo assim. — Fala sorrindo, colocando o enfeite no lugar. — Achei que já estivesse dormindo — se aproxima e me beija, era para ser suave, mas coloco meus braços em volta do seu pescoço, ele envolve minha cintura e intensificamos o beijo. Vamos aos poucos nos acalmando, controlando nossa respiração, dou um beijo de leve e nos separamos uns centímetros.

— Tinha que terminar os planos de aula, as férias estão acabando e queria deixar tudo pronto. A propósito, Isa e eu já preparamos os materiais dela para a volta às aulas. — Minha voz estava mais contida, mesmo assim continuava afetada por ele, por sua presença e principalmente por seus braços a minha volta.

— Obrigada por isso. Estou realmente chegando esgotado esses dias, precisamos de pelo menos dois funcionários a mais na cozinha. Amanhã, preciso conversar melhor com o Henrique sobre isso. — Seu cansaço estava estampado em seu semblante.

— O que acha se tomarmos uma ducha... — destaco cada palavra com um beijo, primeiro seu maxilar, seu queixo, seu pescoço e continuo falando e beijando. — Depois posso te fazer uma massagem, o que diz? – Percebo quando sua pele inteira aquece.

— Que você tem as melhores ideias com toda certeza. — Ele larga minha cintura, envolve minha mão, sai me puxado indo em direção ao meu quarto, começo a rir. — Shiu! Se não vai acordar a Isa. — Pede sussurrando, tampo minha boca com a mão.

Entramos no quarto e seguimos direto para o banheiro. Tomarmos banho junto se tornou meu momento preferido, nunca fui de muita intimidade com meus outros namorados, mas adorava essa intimidade com ele. Ensaboo seu corpo, massageando suas costas, nos acariciamos, nos beijamos, sem perceber estamos entregues em meio ao nosso desejo. Bastava apenas uma pequena faísca para isso acontecer, parecia ser impossível ficarmos muito tempo sozinhos, sem nos entregarmos ao um ao outro.

— Ainda está cansado? — Pergunto ao sair do banheiro, enrolada na toalha, Gaspar estava sentado em minha cama, vestindo sua calça do pijama. Ele me encara e sorrir.

— Por incrível que pareça, estou ótimo, parece que drenou meu cansaço, ao invés das minhas forças. — Quando ele queria tinha um ótimo senso de humor, sempre que o usava ele me fazia rir, era uma coisa que eu adorava nele. — Parece que nosso sexo tem poderes curativos, mas ainda vou querer aquela massagem.

— Sim, senhor, o senhor é quem manda. — Termino de me enxugar, coloco uma calcinha e meu pijama do Pato Donald, de novo, tinha plena consciência do seu olho sobre mim. Pego um gel de massagem que ele adorava. — Deita. — Peço, já na sua frente. Suas mãos vão para minha perna, subindo para minhas coxas — Gaspar... – Falo como um pedido, empurrando suas mãos, sorrindo. — Se não se comportar, nada de massagem relaxante para você, deita logo, anda.

— Certo, mandona. — Diz, deitando no meio da cama. — Faz tempo que a Isa foi dormir? — Subo em suas costas e começo meu trabalho.

— Faz, acho que era umas nove e meia por aí. Lika aninhou-se ao pé da cama dela, não saiu de lá.

— E não vai, pelo menos não até amanhã. — Lika era uma guardiã fiel, um trabalho que ela leva muito a sério desde que foi adotada pela família. — Aiiis, nossa que delícia, bem aí, isso. — Diz quase gemendo quando começo a desfazer um nó muscular em seu ombro direito. — Está ficando cada vez melhor nisso.

— Obrigada.

— Quer falar sobre o que aconteceu, hoje, mais cedo?

— Podemos falar sobre esse assunto outro dia se estiver cansado?

— Estou menos agora. O banho, o sexo e essa massagem deliciosa que está fazendo me ajudaram a relaxar. — Seus olhos estão fechados e realmente sinto seu corpo solto e seus músculos relaxados. — Pode falar, Lys, eu sei que tem alguma coisa dando voltas na sua cabeça. Falar ainda é o melhor a ser feito, quando algo está nos incomodando. — Diz sem se mover. Respiro

fundo, ele está certo, assim tiro da minha mente esse monte de coisa que estão martelando.

— Não é exatamente um incômodo — começo a falar sem deixar de massagear seus músculos. — Isa comentou que te viu encaixotando as coisas da Duda, as poucas que restaram e que estava no quarto de vocês, inclusive o quilt que Duda fez para ela e que já devia ter sido entregue. Ela ficou achando que você fez isso para se desfazer de tudo, ficou um pouco triste por causa disso. — Faz um movimento indicando que vai se virar, saio de cima das suas costas, Gaspar se vira e senta ficando de frente para mim.

— Retirei tudo para guardar, não ia me desfazer de nada, pelo menos não por enquanto, coloquei no depósito do prédio. Olhar para aqueles objetos que eram tão íntimos dela todos os dias, me machucava. Tinha planos de entregar a colcha para Isa, depois que a lavanderia me devolvesse, estava empoeirado. — Me tranquiliza saber que ele vai entregar a colcha a Isa. — Vou conversar com a Isa, a cabecinha dela deve estar confusa. — Fica um momento pensativo me encarando, continuo em silêncio. — O que não entendo é por que não falou comigo. — Essa eu posso responder.

— Acho que foi porque te viu chorando — ele se surpreende. — Deve ter ficado confusa sem entender, achou que estava chateado com alguma coisa ou muito triste. Tentei explicar que quando sentimos saudades de alguém que amamos muito e que é muito importante na nossa vida e essa pessoa não está mais aqui, é normal chorar. — Seu olhar assim como seu silêncio, me parecem indecifráveis. — Acho que ela entendeu. — Ainda sem falar nada, Gaspar se aproxima, segura minha cintura, me puxa para seus braços me fazendo sentar sobre ele com as pernas uma de cada lado do seu quadril e me abraça, enterrando seu rosto em meu pescoço inalando meu cheiro.

— Você é muito especial, sabia? — Pergunta sem tirar seu rosto de onde estava. — Ainda não acredito que está comigo. — Do que ele estava falando? Não estava me sentindo nada especial nesse momento.

— Gaspar — me afasto uns centímetros para ele me encarar, seguro seu rosto e trocamos olhares. — Para com isso. Não sou especial nada, amo a Duda, amo a Isa e amo você, depois da minha família, vocês são as pessoas mais importantes da minha vida. Sabe disso, não é? — Ele assente. — Então não volta a insinuar que não me merece. — Fecha os olhos interrompido nosso contato visual.

Sentia dentro de mim, que seus sentimentos estavam uma bagunça, que ele estava confuso. Sobre amar. O tipo de amor que arranca de você tudo o que tem, um sentimento que já compartilhou com a Eduarda, um sentimento que talvez não voltasse a sentir novamente. Mesmo que isso me machucasse, entendo o que significa para ele, assim como entendo que ele gosta de mim e que está apaixonado, mas que amor era outra coisa.

— Às vezes, sinto que não estou inteiro com você, que merece mais do que te dou. — Diz voltando a me olhar. Entendo o que quer dizer, e isso machuca pra caramba.

— Você me dá felicidade, para mim isso é mais do que suficiente. — Mentira. — Respeito e sempre vou respeitar sua história com a Duda, sei que sente falta dela todos os dias — pelo menos isso é verdade, ele não fala nada apenas fica me ouvindo. — Sei como é difícil para você a ausência dela, nunca foi minha intenção ocupar o lugar dela, nem no seu coração, nem no da Isa... — Ele me interrompe.

— Sei disso, nem precisa disso, você tem seu lugar no coração da Isa e no meu também, sabe disso. Lys, você é tão importante para mim, não sei se suportaria passar por tudo pelo que passei sem você.

— Para mim isso é o importante, o resto damos um jeito com o tempo e se não der certo, ainda podemos ser amigos. — Não existiam mais nem uma dúvida sobre o que era nosso relacionamento para ele, mas neste momento não queria pensar sobre isso.

— Não fala assim, já está dando certo, estamos fazendo dá certo e vamos continuar, esquece aquela babaquice que fala sobre não merecer você na minha vida, está bom? — Sinto sua ansiedade esperando minha resposta.

— Não tenho a menor ideia do que está falando. — Digo dando uma piscadela, ele sorri achando graça, depois me olha de um modo intenso, seu sorriso morre e em seguida sua boca está sobre a minha, exigindo tudo de mim.

Me perco em seus beijos, no seu toque, na paixão e no desejo, novamente arrancamos nossas angústias e dúvidas, usando nosso êxtase para isso.

No dia seguinte, Gaspar conversou com Isa, que diz ao pai que já tinha entendido quando expliquei. O quilt que depois de três anos, finalmente foi entregue a sua dona alguns dias depois e foi colocado sobre sua cama. Quanto a mim e Gaspar não voltamos ao assunto sentimentos, mas estávamos

bem.

Alguns dias depois retornamos a nossa rotina na escola, nós duas muito animadas. Tudo parecia exatamente igual, ao mesmo tempo diferente, alguns novos alunos, alguns novos professores, alguns ambientes reformados, mas ainda tudo do mesmo modo, de cara já "esbarro" com algumas mães, querendo me explicar como seus filhos têm um talento nato na música, outras dizem que os seus são autodidatas, em outras palavras o de sempre, com aquele clima gostoso de volta às aulas.

Isa parecia em êxtase pelo início das aulas, quase não conheço crianças que amem tanto a escola como minha gatinha. Encontro Hortência e Bárbara, trazendo uma Camille bem animada, não tanto quanto minha gatinha, mas quase igual, conversamos um pouco enquanto as duas se enturmavam com o restante dos coleguinhas esquecendo nossa existência.

— Sinto saudade de quando chorava para não irmos embora, lembra, amor? — Hortência pergunta a Barbara.

— Lembro-me perfeitamente, querida, e devo dizer que não sinto saudade nenhuma dessa época.

— Amor, você é tão insensível — impossível não rir com essa duas, eram tão diferentes, mas se amavam mais que qualquer coisa. Conversamos mais um pouco, depois Bárbara vai para o trabalho e nós duas fazemos o mesmo.

Os primeiros dias de aula são aquela confusão básica, com o corpo docente e os alunos buscando se readaptar às rotinas diárias, adoro toda essa loucura. Trago para o grupo avançado de música clássicos dos musicais dos desenhos da Disney como, Beaty and the Beast de A Bela e a Fera, não era uma peça nada fácil e todos ficam malucos para começarmos os ensaios.

A sexta-feira chega sem que eu perceba e com ela uma visita inesperada, que me deixa sem chão e atordoada. Combinei com a outra professora de música, para mantermos a sala sempre organizada, uma semana essa responsabilidade é minha e na outra semana era dela. Após o encerramento da minha última aula da semana, quando estou terminando de deixar tudo pronto para a semana seguinte, alguém bate na porta pedindo

licença. Peço que entre sem me virar para ver quem era.

Quando me viro dou de cara com uma jovem de aproximadamente uns dezoito ou dezenove anos, com belos olhos amendoados, bem parecidos com os meus, seus cabelos eram no cumprimento do ombro castanho-claros, diferente de mim sua pele era bem branca, quase sem cor nenhuma. Minha cabeça não parava de girar com uma única pergunta, *o que ela estava fazendo aqui?* Nunca nem passou pela minha cabeça que ela soubesse sobre mim, muito menos onde trabalho. Mas se estava aqui, só tinha um único motivo para ter vindo.

— Boa tarde, Alyssa. — Fala interrompendo o silêncio e aparentando certa timidez. — Sou Heloise, não sei se você sabe quem... — não deixo que termine.

— Sei perfeitamente quem é você. A pergunta que não quer calar é o que está fazendo aqui? — Nem me reconheço ao falar daquela forma tão seca e agressiva, minha surpresa foi tamanha que fiquei sem saber o que pensar ou como reagir a tudo aquilo. Heloise ergue a cabeça de modo desafiado, mas continua sem dizer nada.

A única coisa que ficava girando em minha mente era o que em nome de Deus minha meia irmã, está fazendo diante de mim? Nunca tivemos contato, desde que soube de sua existência, ainda na adolescência, nem uma única vez nos falamos, achei que ela nem sabia que eu existia. A vi pouquíssimas vezes nos últimos anos, a última vez foi quando Duda ainda estava viva, mesmo assim, sempre a distância e agora ela estava bem diante de mim.

— E então?

Capítulo 24

Heloise

Tudo dentro de mim parecia estar em conflito. Meu mundo perfeito, minha família perfeita e tudo que eu acreditava ser intocado caiu por terra. Nem tinha feito dezoito anos direito e já estava me deparando com a dura realidade da vida adulta. Como ele joga uma bomba dessas no meu colo, logo agora, que estamos vivendo toda essa situação. Uma irmã mais velha, quase dez anos mais velha do que eu, ainda não conseguia acreditar que esconderam isso de mim. Minha cabeça começa a doer, minha têmpora direita lateja, resultado das quase vinte e quatro horas sem dormir e do estresse causado pela nossa conversa, que fica se repetindo na minha mente continuamente.

— *Cometi tantos erros com sua irmã, que achei a distância a melhor forma de fazer algo certo por ela e esse, meu bem, foi apenas mais um dos enormes erros que cometi.*

Papai deixou claro em nossa conversa que ama muito a Alyssa, apesar de todo mal que causou, cada palavra dele me deixava angustiada, ao mesmo tempo em que me deixava surpresa, principalmente por suas atitudes. Nem parecia ser meu pai, o homem que me criou, ensinou princípios e com paciência e amor me educou para ser uma boa pessoa, forte, determinada, justa e sem medo de viver a vida da melhor maneira possível.

— *Sei que ela não me perdoaria se pedisse perdão e não a culpo por isso. Nem eu mesmo me perdoei pelo que a fiz sofrer.* — Cada palavra dita por ele em meio a sua revelação ficava martelando em minha cabeça, repetidamente.

— *Fiz uma promessa e fui impedido de cumpri-la, mesmo assim deveria ter lutado mais, sei que devia ter tentado mais, ao invés disso, apenas deixei que o tempo passasse e com ele se foi também minhas*

promessas. — Ele realmente deveria ter tentado mais.

Era difícil acreditar que meu pai causou tanto sofrimento a alguém que ele ama tanto. Minha enxaqueca é psicossomática, em outras palavras se tiver contrariedade ou um forte estresse ela ataca, remédios não funcionam e sinto que está piorando, o sono acumulado também não ajuda em nada. O único modo de passar é ficando em um lugar escuro, tranquilo e tentar não pensar em nada, esse último parece ser meio impossível para mim no momento.

— Oi! — Conhecia bem aquela voz forte e intensa, mas que também era muito gentil. Me virando dou de cara com Mael, um dos médicos da equipe clínica.

— Olá! — Respondo tentando sorrir, tento disfarçar minha angústia, mas não tenho certeza se dá muito certo. Parecendo ter percebido meu real estado, dá um sorriso terno dirigido aos seus pacientes e aos familiares.

Conheci o Dr. Bianucci há alguns dias, quando o mesmo foi contratado para tirar as férias de um dos médicos do Hospital Memorial Santa Clara, onde meu pai estava internado há pouco mais de uma longa e exaustiva semana. Mael mostrou-se um grande médico apesar da sua pouca idade, mas quem sou eu para falar alguma coisa, tinha acabado de completar dezoito anos, no pouco tempo em que está na equipe de médicos que acompanha meu pai, se mostrou não apenas um bom profissional, mas também uma pessoa muito humana, sem mencionar que é um ótimo ouvinte. Não pude deixar de notar que não usava sua armadura branca de costume, usava calça jeans desgastada, uma camisa preta normal e seu cabelo ainda estava úmido. Com certeza estava saindo do plantão.

— Posso me sentar? — Pergunta, já afastando a cadeira e retirando a mochila que estava em suas costas.

— Claro, vim tomar café antes de ir para casa, aproveitar que minha mãe vai ficar com meu pai. — Não fazia a menor ideia quanto tempo fazia que estava sentada naquela lanchonete com a xícara de café, entre meus dedos, agora devia estar gelado. — Voltando para Blumenau? — Pergunto o óbvio.

— Sim, agora só na próxima semana. — Faço apenas assentir. — Como você está? — Mael era um cara muito legal, pelo que ouvi pelos corredores do hospital, ele não tinha nem trinta anos, sua aparência não negava isso.

— Nada bem. Parece que minha vida está desmoronando sobre minha

cabeça.

— Heloise, seu pai está estável, o que significa que temos tempo, um doador vai aparecer, o estágio da doença é muito propício para a realização da cirurgia, ele está na lista de doação, deveria ser mais otimista. — Já sabia de tudo o que tinha acabado de falar, minha mãe e eu ouvimos a mesma coisa do Dr. Munhoz.

— Estou muito otimista, mesmo ainda estando com medo. Não é isso que anda me corroendo, são outras questões, assuntos relacionados à família para ser mais específica.

— Entendo, se quiser compartilhar, sabe que sou um ótimo ouvinte. — Abro um sorriso, o primeiro sincero que dou nas últimas vinte quatro horas. Ele era muito encantador e cheio de charme, mas nunca olharia para mim, sou apenas a filha de um dos pacientes e uma garota para ele, além disso, já tem problemas demais.

— A verdade é que não sei o que fazer, meu pai despejou um monte de coisa em cima de mim, depois de dezoito anos guardando segredos. Quanto mais penso em tudo, mas me parece inacreditável. — Giro a xicara de café gelado. Não sabia se seria uma boa ideia abrir os problemas da minha família para um quase desconhecido, fico em silêncio pensando.

— Helô, se não quiser me contar, tudo bem, se quiser estou aqui para te ouvir. Sei que nos conhecemos há apenas algumas semanas, mas pode confiar em mim. —Encaro-o enquanto fala e vejo em seus olhos sua sinceridade.

— Basicamente descobri que tenho uma irmã, dez anos mais velha e que meu pai, o homem que mais admiro e respeito a abandonou — sem que eu percebesse, já estava me abrindo e contando a conversa difícil que tivemos, falo tudo o que me lembro, as coisas que meu pai me falou, as coisas que eu falei. Desabafo minha decepção e angústia, era muito fácil conversar com Mael, ele era o tipo de pessoa que trocava confiança por sinceridade. — O que mais me dói, em meio a tudo isso, é saber que minha mãe sabia, durante todos esses anos ela sabia e nunca me contou nada ou sequer fez um esforço para meu pai tomar alguma atitude a respeito dessa outra filha. — Falo por fim depois de ter terminado de contar a história, obviamente, que fragmentei as informações, não contei em detalhes se não ficaríamos aqui a tarde inteira até anoitecer.

— É uma situação bem complicada essa que me contou, sobre sua mãe não havia muita coisa que ela pudesse fazer, esse segredo diz respeito à vida

do seu pai, foi algo que aconteceu antes deles se conhecerem, antes de você sequer sonhar em existir. Entendo o lado dela, essa história não a pertencia para que contasse, nem a você, nem a ninguém. — Ele estava certo, tinha toda razão, mesmo assim ainda sentia raiva por todos os anos sem saber a verdade. — Agora, sobre sua irmã... — Mael continua. — Pelo que me contou, sofreu bastante com a ausência do seu pai e deve sentir muita mágoa dele — concordo, balançando a cabeça. — Mesmo assim, apesar de toda essa mágoa, raiva e ressentimento, ela não deixou de ser sua irmã, filha dele. Se quer saber minha opinião, acho que ela tem o direito de saber o que está acontecendo com o César. — Mesmo achando que ele tem razão e concordando com o que disse, não tinha muito que pudesse fazer.

— Concordo com você, mas não posso bater na porta de uma pessoa que tem verdadeira aversão pelo meu pai, chegar e falar *"Olha sou sua irmã. Sabe aquele homem que te abandonou? Aquele que é nosso pai, então, ele está morrendo e está sinceramente arrependido de tudo o que te fez passar."* Acho que não rola. — Ela bateria a porta na minha cara antes que terminasse de falar a primeira frase.

— Talvez esteja certa, talvez não, só vai saber se tentar. Olha, Helô, essa é uma decisão sua, não vou mentir para você. Estabilizamos o quadro do seu pai, mas essa situação não é permanente e você sabe disso, ganhamos tempo, mas esse tempo é uma interrogação. Não se sabe quanto tempo vai durar, a doença do César está em estado terminal. Acredito que não seja necessário listar toda a situação, você a conhece bem. — Mais uma vez ele estava certo. — Já passou pela sua cabeça, que sua irmã talvez possa ser compatível? E que se for assim, o César poderia ter uma chance? — Nossa! Nem tinha me dado conta de que ela poderia ser uma doadora em potencial. O que me faz pensar que ela não faria algo assim, para mim é pouco provável.

— Mesmo que seja compatível, acho muito difícil ela se voluntariar para ser doadora. Na verdade, isso nem tinha passado pela minha cabeça até agora e acho que nem pela do meu pai.

— E você não acha que essa deve ser uma escolha dela? Uma decisão que deve ser tomada única e exclusivamente por ela e não por omissão do que está acontecendo. Já pensou se estivesse no lugar dela, não gostaria de saber o que está acontecendo? — Mael retira a xícara de café gelado das minhas mãos e as segura. — É normal vocês não terem pensado nela como

uma possível doadora. Meu cérebro é treinado para pensar em possibilidades reais, que possam salvar as vidas dos meus pacientes, por isso, foi a primeira coisa que veio em minha mente. — Ele aperta minha mão. — Helô, vai até a sua irmã, conta tudo a ela, conta tudo o que me contou sem os detalhes que me omitiu, entrega a verdade a ela e a possibilidade de consertar as coisas. Entrega a bola e deixa ela fazer a próxima jogada. — Fala olhando bem dentro dos meus olhos, os olhos dele são lindos. Acho que minha cabeça não está funcionando muito bem.

O conselho era muito bom, nossa conversa me deu muito em que pensar, me fez enxergar por outra perspectiva, mas acho que o que precisava a partir de agora talvez fosse absorver tudo o que descobri e quem sabe pensar em um modo de me aproximar da Alyssa, para contar que nosso pai estava muito doente. Depois de conversarmos mais um pouco, me despeço de Mael, precisava ir para casa descansar e refletir.

Uma semana depois do que chamo de *A grande revelação*, estou bem mais tranquila, no que diz respeito a tudo o que me foi contado. Quando a mágoa se esvai, a razão me ajuda a ter uma percepção diferente das coisas, foi exatamente isso o que aconteceu comigo. Até alguns dias atrás achei que não começaria a faculdade, mas aqui estou, em meu primeiro dia como uma caloura, cursando o curso da minha vida, graduação em Letras e bacharelado em Literatura. Meus problemas ainda me acompanham, mas não podia estagnar minha vida por conta deles, foi meu pai que me fez perceber isso.

As palavras que Mael me falou naquele dia na lanchonete do hospital ainda rondavam minha mente, assim como algumas perguntas sem respostas. Será que tenho o direito de me aproximar da Alyssa e despejar em cima dela tudo o que sei? Como ela me receberia? Papai me disse que ela sabia sobre mim há anos. Penso se seria justo pedir ou até mesmo implorar, para que faça os exames que podem dizer se ela é compatível ou não para ser doadora, mas então, quando penso em tudo o que sei, quando reflito sobre a conversa com meu pai, fico repleta de incertezas e dúvidas, são muitas mágoas acumuladas por vinte anos, as coisas não serão nada simples. Quando me coloco em seu lugar, tudo parece ficar ainda mais difícil e complicado.

O som do toque do meu celular me desperta dos meus pensamentos cheios de devaneios. Olho no visor e vejo a foto da minha mãe, era a realidade gritando meu nome e como sempre um calafrio percorre pela minha coluna até a minha nuca, era sempre assim, todas as vezes que minha mãe me ligava, ficava com medo, esperando o pior. Atendo no segundo toque.

— Oi, mãe! Tudo bem por aí? — Essa sempre era minha primeira pergunta e até que fosse respondida, tudo ao meu redor parecia em suspenso.

— Oi, querida! Está tudo sobre controle, na medida do possível, a hemodiálise está quase terminando, seu pai está bem. – Todas as terças, quintas e sábados eram dias de hemodiálise, no início era apenas de quinze em quinze dias, depois passou a ser uma vez por semana, depois duas vezes por semana e agora eram três vezes. Só pedia a Deus, que não chegasse a ser uma vez por dia, o corpo não iria aguentar e nesse estágio, não há mais nada a ser feito. — Liguei para saber como está sendo o primeiro dia, papai está te mandando um beijo. — Sorrio sem perceber, andava sorrindo tão pouco ultimamente, que quando acontecia, parecia ser algo mecânico.

— Manda outro para ele. Aqui, as coisas estão tranquilas, estou muito agradecida por não ter vindo no início da semana, não estou em clima de trotes e brincadeiras, mas agora parece que as coisas estão calmas. Deram um intervalo de quinze minutos, vim na lanchonete comer alguma coisa, antes de voltar. Os professores estão falando sobre os cronogramas do semestre, essas coisas. Ainda não é nada demais. — Realmente não era, apesar de estar entusiasmada, nos primeiros dias de aula não temos muitas emoções, essa que é a verdade. Olho para o relógio. — Mãe, daqui a umas três horas, estou chegando por aí. — Só tinha mais duas aulas, depois teria palestra da reitoria para algum tipo de boas-vindas e eu não estava muito a fim de assistir.

— Tudo bem, filha, não se preocupa. — Ouço um som de cadeira arrastando ao fundo. — Já volto, amor, vou apenas pegar um café. — Não escuto a resposta do meu pai, sua voz devia estar enfraquecida.

— Tudo bem, mãe?

— Precisava sair de perto dele para falar com você, sem que ele escutasse. — Ela suspira parecendo cansada, fico em silêncio esperando que continue. — Helô, falei com o Dr. Munhoz agora há pouco, os resultados dos exames gerais não estão muito bons. Parece que houve algumas alterações e a medicação vai ser mudada novamente. — Meu entusiasmo com a faculdade desapareceu na hora. Modificar a medicação significava uma nova

readaptação medicamentosa, ou seja, reações adversas que poderiam equilibrar ou desequilibrar o estado atual que ele estava. — Pelo que o doutor disse, é necessário se quisermos ter mais tempo. — Fecho meus olhos, tempo era uma coisa que não tínhamos mais, já havíamos esgotado todo ele.

— Estou indo para o hospital agora.

— Não, querida, assista a suas aulas, quando chegar conversamos com calma e explico melhor.

— A senhora acha mesmo que vou ter cabeça para alguma coisa? São apenas aulas de apresentação, depois pego o conteúdo, dou um jeito, estou indo. Te amo, mãe!

— Se acha que não tem problema, tudo bem. Também te amo, filha. Até já. — Com isso nos despedimos.

Estava usando o carro do meu pai e mesmo não sendo uma exímia motorista, consigo chegar ao hospital no tempo recorde de trinta minutos. A conversa que tive com minha mãe e com os médicos não foi das melhores e certamente nem um pouco animadora. Mael conversou comigo, disse que ainda tínhamos tempo, que enquanto há vida existe a esperança, mas mais uma vez as notícias tornaram o chão sólido sobre meus pés em areia movediça, onde a cada segundo me afundava mais e mais, me sentia incapaz e pequena. Esses sentimentos me ajudaram a tomar uma decisão, iria atrás da minha irmã e se ela não quisesse me ouvir, gritaria até que me ouvisse.

Na manhã seguinte, peguei a estrada para Blumenau, encontrei o endereço da casa e do trabalho da Alyssa, pesquisando, tinha encontrado há semanas. Durante o percurso, tentei não criar expectativa em meu imaginário, segui a estrada tentando manter o foco no que estava a minha frente, buscando esvaziar minha mente, pelo menos até chegar ao meu destino.

Esperei até chegar nas ruas da bucólica cidade, para tentar arquitetar o que iria falar quando estivesse em sua frente. Pensei em milhares de maneiras para abordar o assunto e desisti de todas elas. A verdade era que estava perdida e me sentia confusa, mas não desistiria, tomei minha decisão, vim até aqui e não voltaria para casa sem fazer o que vim fazer. Conhecia um pouco da cidade, adorava como o moderno e a história se harmonizavam em cada local, tornando tudo ao redor real e mágico, já tinha vindo algumas vezes a Blumenau, não foi difícil me situar. Pegando o caminho direto para seu trabalho, verifico o relógio pela quinta vez, quase uma da tarde, com certeza ela devia estar na escola onde era professora de Música, pelo horário talvez

estivesse almoçando.

Paro em frente ao colégio, fico olhando por um instante, antes de ir procurar uma vaga. Encontro uma em um estacionamento na lateral de uma farmácia próxima. Respiro fundo à medida que me aproximo da portaria, sigo contando de zero a dez, controlando minha respiração inspirando, expirando.

— Com licença. — Falo assim que chego em uma peque cabine de vidro, onde um senhor que parecia ser muito simpático, conversava animado com uma senhora, os dois usavam uniformes verdes. Ambos olham para mim ao mesmo tempo. — Boa tarde! — Cumprimento-os, eles sorriem para mim, de modo simpático.

— Boa tarde, senhorita! — Ambos respondem quase juntos, em um coro mal ensaiado.

— Estou procurando uma das professoras desta escola, o nome dela é Alyssa, ensina Música. Sabem me informar se ela ainda se encontra? — Como tinha certeza de que aquela era a escola certa, vou direto ao ponto, assim caso ela já tivesse ido, poderia seguir para sua casa.

— Lys está sim, ainda não foi embora, posso anunciá-la, a não ser que prefira esperar até ela sair. — O senhor gentil responde. Fico pensando na proposta, o ideal seria encontrá-la em um lugar reservado sem olhares curiosos, mas não tinha certeza se ela me receberia.

— O senhor sabe se ela ainda tem aulas?

— Hoje não, a última foi agora há pouco. Passei pela sala de música, quando estava vindo para cá e vi as crianças saindo da sala — a senhora que até o momento tinha ficado em silêncio é quem responde.

Era perfeito, esse era um lugar neutro e perfeito para conversarmos, já que ela não tinha mais aulas, não iria atrapalhar seu trabalho. O problema era como conseguiria entrar para falar com ela sem ter que ser anunciada? Pensa Heloise, pensa.

— Gostaria muito de falar com ela, seria possível entrar para dá uma palavrinha?

— Claro que sim, vou apenas anunciar a senhorita, um segundo. — Droga, pensa Heloise, porcaria, ele não podia avisar que estou aqui, pensa.

— Senhor... Como é mesmo o nome do senhor? — Pergunto assim que ele se levanta para ir interfonar.

— Manoel, senhorita, e essa é a Paz. — Diz indicando a senhora que estava com a farda da mesma cor que a dele. Abro um enorme sorriso para os

dois assentindo.

— Então, senhor Manoel, sou irmã de uma grande amiga da Lys da época da faculdade — foi o melhor que consegui inventar, eles não acreditariam se falasse que era eu, minha aparência era a de uma garotinha de dezesseis anos, mesmo tendo dezoito, de qualquer modo sou jovem demais, para o círculo de amizade dela. Penso em uma outra mentira, uma mais convincente e que seja séria e continuo. — As duas não se veem há muitos anos e minha irmã está doente, não queria dar a notícia por telefone nem por mensagem, além disso, a Alyssa não me conhece direito, acho até que nem lembra de mim, mesmo assim achei que seria melhor dar a notícia pessoalmente. — Que mentira horríveis, mas não pude pensar em nada melhor. — Então, se pudesse entrar sem ser anunciada, acredito que seria melhor. — Sou uma péssima mentirosa, acabei de descobrir e se esse senhor caísse nessa seria muita sorte minha. Ele ergue a sobrancelha me encarando, parecia estar avaliando minha mentira e tentando entender o porquê menti. Apenas espero que termine sua avaliação.

— Levo a senhorita até a sala de música, já estava entrando mesmo. — Paz fala já ficando de pé.

— Paz, não acho que seja uma boa ideia essa mocinha entrar sem ser anunciada. Não quero problemas.

— Por favor, Manoel, olhe para ela. Acha mesmo que essa criança faria algum mal a Lys ou a alguém dentro dessa escola? Acho que essa jovem tem seus motivos para inventar essa desculpa, aparentemente deseja muito falar com Lys. — Fui descoberta, mas também, com essa desculpa ridícula, não foi tão difícil. Os dois me encaram, ambos com as sobrancelhas levantadas.

— Prometo não arrumar problema para vocês, mas o que tenho para conversar com a Alyssa é realmente importante, um assunto muito delicado, de vida ou morte. — Dessa vez era verdade, então falo com convicção e sem tremor na voz.

— Tudo bem, mas se alguém perguntar, acho bom você dizer que pulou o muro e seja convincente, pelo menos tente, já que está claro que é péssima mentirosa. — Seu Manoel fala balançando a cabeça e entrando em sua cabine de porteiro.

— Venha, moça, vou levá-la até a sala de música. — Paz fala andando e acenando para que a seguisse.

Passamos por um pequeno corredor que leva a um pátio enorme, que

estava com alguns adolescentes com idades variadas. Paz vai me conduzindo por mais alguns corredores e ambientes, até que para repentinamente e se vira ficando de frente para mim.

— Aquela sala bem ali — diz apontando para uma porta vermelha que estava meio aberta, faço apenas assentir.

— Muito obrigada, dona Paz!

— Imagina. Espero que consiga resolver o que tanto a aflige, moça. — Antes que pudesse responder Paz já tinha se virado, para seguir seu caminho.

Também esperava conseguir resolver o que me afligia. Engulo a seco, sigo a passos lentos até a porta vermelha que foi indicada. Minha insegurança me assusta um pouco, mas preciso ser forte pelo papai, peço em uma súplica silenciosa, para que ela pelo menos me escute, não seria fácil para nem uma de nós duas, mas principalmente para ela, tinha plena consciência disso.

Chego em frente à porta e vejo uma jovem mulher de costas com os cabelos cacheados presos por uma caneta, em um coque bagunçado, parecia estar organizando a sala de modo concentrada.

— Com licença! — Falo com a voz meio insegura, batendo na porta.

— Pode entrar, só um segundo. — Diz, sem se virar. Então entro, mas sem sair de frente da porta. Quando se vira, o sorriso em seu rosto desaparece automaticamente, sendo substituído por uma expressão séria. Alyssa era muito bonita, sua beleza era tipicamente brasileira, um pouco mais alta do que eu, o que não era tão difícil, sua pele estava bronzeada, magra, mas com curvas perfeitas e olhos castanhos dourados.

O silêncio se instala entre nós, ficou claro que ela me reconheceu de imediato, respiro fundo e falo.

— Boa tarde, Alyssa. — Sua expressão não se abala, continua me encarando de modo imparcial. — Sou Heloise, não sei se você sabe quem... — Não consigo continuar, ela me interrompe.

— Sei perfeitamente quem é você. A pergunta que não quer calar é o que está fazendo aqui? — A agressividade em sua voz deixa claro que nossa conversa seria uma batalha, não queria que fosse assim, gostaria muito de conhecê-la melhor. Sempre quis muito ter uma irmã ou irmão, mas minha mãe não conseguiu engravidar novamente. Mesmo assim, decidi que falaria o que vim falar. Ergo minha cabeça com firmeza e tento organizar tudo em minha cabeça.

— E então?

Espero verdadeiramente que ela esteja disposta a ouvir. Mais uma vez respiro profundamente reunindo toda minha coragem, antes de começar a falar, suplicando a Deus, que ela me ouvisse até o fim.

— Faz apenas algumas semanas que fiquei sabendo sobre você. Nem sabem que estou aqui, nem o papai, nem minha mãe. — Seu desconforto era evidente, mesmo assim a firmeza em sua voz me surpreendeu, parecia determinada a ser ouvida. — Relutei bastante antes de resolver vir, essa foi a decisão mais difícil que já tomei, mas precisava vir. — Talvez fosse egoísmo da minha parte, mas nada do que saía da sua boca me comovia.

— Desculpa, mas tenho que me sentir solidária? — Detestava ser grosseira, mas essa era minha reação quando algo me fazia sentir exposta ou vulnerável, dois sentimentos dos quais fugia a todo custo. Minha defesa natural.

A última vez que me senti como um nervo exposto foi quando ainda era adolescente, em meio a uma discussão que tive com minha mãe, foi a pior sensação do mundo, prometi a mim mesma que não voltaria a me sentir daquela forma nunca, mas, então simplesmente construía proteções ao meu redor, para lidar com situações como a que estava passando agora.

— Olha, Alyssa, sei que sou a última pessoa na terra com quem você quer sentar para tomar um café e conversar — ainda bem que ela sabe disso, não vou ter que falar com todas as letras. — Mas, o que me trouxe aqui foi muito mais do que mera curiosidade. Tem todo o direito de não querer me ouvir, mas só saio daqui depois que conversarmos. Tudo o que peço são dez minutos do seu tempo, apenas isso, depois, vou embora e nunca mais precisamos nos encontrar se não quiser. — Se cala por um instante tomando

uma respiração profunda, percebi que respirar profundamente é algo que ela fazia repetidas vezes, como uma técnica para se manter calma.

Nada do que estava acontecendo me parecia lógico, começando por sua presença aqui. A única coisa que compreendi perfeitamente foi sua teimosia, ela não iria embora sem antes ser ouvida. Minha suspeita inicial sobre o único e verdadeiro motivo que a trouxe até aqui ser o homem ao qual dividimos o mesmo DNA, para mim parecia ser a mais lógica. Mesmo tendo quase certeza dos seus motivos, continuava confusa, já que uma possível proximidade entre nós dois não estava em questão.

— Tudo bem, Heloise — nada do que ela viesse a falar mudaria o que aconteceu, não existia desculpa para o que aquele homem que dizia me amar fez ao me abandonar a mercê das loucuras amargas da minha mãe. — Você tem dez minutos, nem um segundo a mais, peço que, por favor, seja breve, tenho uma reunião daqui a algumas horas e não posso me atrasar. — Sento-me em uma das cadeiras próximas, seguindo meu exemplo ela faz o mesmo, um pouco distante, porém próxima o suficiente para ouvirmos bem uma a outra mantendo o tom das nossas vozes.

— Obrigada. — Seu agradecimento me parece sincero, e pela primeira vez desde que entrou em minha sala, aparentou estar esgotada ao se apoiar no encosto da cadeira. — Não existe um jeito fácil de falar o que tenho para falar, então irei direto ao ponto.

— Por favor. — Peço secamente, ela me ignora.

— Nosso pai foi diagnosticado há cerca de dois anos com *insuficiência renal crônica,* o que significa que é progressiva, com o passar do tempo vai se agravando...

— Sei o significado da palavra *crônica* — interrompo sua fala de modo impassível, mas estável muito distante de me sentir inabalável, ela disse dois anos, o que significava que a doença estava bem avançada.

— Claro, desculpe, é o hábito. Como estava dizendo, o estado dele vem se agravando desde que recebemos a notícia da sua doença, os tratamentos pararam de funcionar há algum tempo, ele está morrendo — sua voz falha ao pronunciar aquelas palavras, era perceptível seu esforço para controlas suas emoções. — Eu sei de tudo, ele me contou toda a história, não julgo você por desejar o máximo de distância possível dele, de mim e da minha mãe, talvez se estivesse na sua posição tivesse o mesmo sentimento. — Mas ela não estava, me dou conta neste momento, que agora quem estava se esforçando

para se manter firme era eu.

— Só que você não está — tento aparentar o máximo de distanciamento possível. — E certamente essa é uma realidade pela qual você nunca irá passar, felizmente. Olha, Heloise, não sinto raiva de você, tudo o que aconteceu comigo, aconteceu bem antes do seu nascimento, não tenho nada contra você, de verdade — estava sendo sincera, realmente não tinha raiva dela, acho que talvez nem mesmo da Helena, mãe dela, o que não significa que sentaria com as duas em volta a de uma fogueira e seríamos amigas para sempre. — E sinto muito, de verdade sinto muito, pelo que está acontecendo com seu pai, devem estar passando por momentos muito difíceis, mas infelizmente a doença dele não apaga os últimos vinte anos da minha vida, tudo pelo que passei, todo sofrimento e abandono pelo qual ele me fez passar. — Meu coração sangrava por estar pronunciando aquelas palavras. Na minha infância, antes do meu mundo desmoronar, ele foi meu herói, meu porto seguro, a pessoa que eu tinha certeza sempre estaria ao meu lado. Uma pena eu ter descoberto que quando se espera de alguém, maior sua decepção. — Então só me resta lamentar pela sua família, agora tenho um compromisso ao qual não posso faltar. — Tinha uma reunião com as meninas do quinteto, foi marcada de última hora, mas era importante que todas comparecessem, seria às três da tarde, ainda tinha bastante tempo, mas não queria continuar com aquela conversa.

— Não é apenas "meu" pai, é seu pai também e por mais que o odeie, não pode mudar isso. Entendo todos os seus motivos, foi exatamente por essa razão que papai não me contou nada antes, ele sabia que iria querer te conhecer, sempre quis ter uma irmã. — Em seu semblante pairava um misto de emoções, confusão, receio, medo e decepção. — Mas isso não vem ao caso neste momento, o fato é que ele continua sendo seu pai, nosso pai. Alyssa, quando papai me contava tudo o que aconteceu, via em seus olhos o quanto abrir aquela ferida custou a ele, principalmente quando me falou com todas as letras que de todos os erros que ele cometeu na vida, não ter lutado mais por você foi o maior de todos eles. — Milhares de questionamentos passaram em meus pensamentos ao ouvir aquela confissão, mas tentando manter a calmo escolhi ficar em silêncio e esperar que ela continuasse. — Como você colocou muito bem agora há pouco, não estou passando pelo que passou todos esses anos, porém sei que nosso pai fez o possível para ficar próximo a você, mas infelizmente a sua mãe não facilitou as coisas e... —

Aquilo era demais.

— Chega, não vou ficar aqui ouvindo acusações das quais tenho conhecimento, sei quem era minha mãe melhor do que ninguém. Mesmo assim nada justifica o que ele fez, nada, ouviu bem. Como disse, sinto muito o que está acontecendo com ele, mas isso não me diz respeito, você diz que ele é "nosso" pai, bem, ele escolheu não ser meu pai, há vinte anos. — Agora foi minha vez de respirar profundamente tomando fôlego. — Se veio aqui achando que abriria meu coração e correria para Florianópolis com você, para uma reunião de reconciliação pai e filha, lamento te decepcionar, mas isso não vai acontecer. Não posso apagar os últimos vinte anos e mesmo que quisesse não conseguiria. Sinceramente, espero que ele melhore e que essa seja apenas uma fase ruim para sua família, mas seus dez minutos se esgotaram faz tempo e tenho compromissos. — Não queria aparentar tamanha frieza, não sou essa pessoa, mas minha raiva era tanta, ele esperou está sobre a cama de um hospital para contar sobre mim para sua filha, depois de todos esses anos e a garota ainda tem coragem de vir até aqui.

— Certo, sabe, imaginei que não seria uma conversa fácil, só não imaginei que fosse tão desumana — Quem ela pensa que é para me acusar de ser desumana, antes que pudesse responder ela continuou. — Você nunca cometeu erros na sua vida? Ou é perfeita demais para isso? Ele ama você, sofreu e sofre até hoje pelas escolhas equivocadas que fez. — Um riso sombrio e sem nenhum humor se apossa de mim, encaro-a imparcialmente.

— Já cometi milhares de erros na minha vida, tantos que nem sei como enumerar, só que diferente do "seu" pai, não destruí os sentimentos, esperanças ou a vida de ninguém ao cometê-los — meu tom de voz era gélido e me surpreendi desejando que ele sofresse tanto quando me fez sofrer. — Você falou que ele me ama, engraçado, o modo destrutivo como ele diz amar. Sua família perfeita talvez tenha uma compreensão diferenciada do que é amar. — Nos encaramos por mais algum tempo em um silêncio mórbido, então Heloise desvia seu olhar do meu, pegando a bolsa que havia deixado sobre a cadeira ao lado, ficando de pé e se virando para ir embora. Quando achei que nossa conversa tinha finalmente acabado, ela para de modo abrupto e se volta em minha direção me olhando fixamente.

— Tem razão quando diz que nada justifica um pai abandonar uma filha, concordo, mas sempre existe um motivo, um porquê. Toda história tem dois lados, você conhece apenas um deles. — Uma nova emoção transparece

em sua face, angústia, medo talvez. — Espero que consiga conviver com suas escolhas, assim como nosso pai teve que conviver com as dele, caso mude de ideia — fala retirando um papel de dentro do bolso da calça e colocando-o sobre uma cadeira. — Adeus, Lys. — Desvia seu olhar do meu, olha rapidamente o ambiente, vira-se e vai embora.

Quando me vi só, repentinamente me dei conta de cada palavra dita naquele encontro e percebi o peso real de cada uma delas. As lágrimas contidas finalmente surgem, banhando meu rosto, me ergo vou até a cadeira e pego o papel, quando abro, vejo que se trata de um endereço de um hospital em Florianópolis, engulo a seco, volto a me sentar e descontrolo, como não acontecia a muito tempo.

Não sei exatamente quanto tempo fiquei assim, mas em algum momento, comecei a funcionar no piloto automático, fui ao banheiro, me recompus da melhor maneira que pude, organizei minhas coisas e saí da escola evitando esbarrar com qualquer pessoa. Entrei no carro e comecei a dirigir, sem ter a menor noção do caminho que tinha tomado, apenas quando estou de frente para o Sabores, percebi que meus pensamentos me levaram até o Gaspar.

Capítulo 25

— O fornecedor de orgânicos pediu para avisar, que se por acaso decidirmos aumentar o pedido temos que informá-lo pelo menos uma semana antes. — Henrique me avisa e faço minha anotação. Estávamos reformulando nossos pedidos e contabilidade, o novo restaurante estava indo melhor do que o esperado, em menos de um mês já estávamos vendo o resultado do nosso trabalho.

— Vou ligar para ele, estou querendo substituir alguns produtos orgânicos por hidropônicos, mantemos a qualidade e economizamos. Vou marcar uma reunião com o Bartolomeu, para conversar sobre o assunto e tirar algumas dúvidas.

— Certo, então acho que acabamos por hoje. — Fala verificando todas as pautas da nossa rápida reunião, que de rápida não teve nada, para confirmar se todos os temas foram discutidos.

— Finalmente, mais um segundo verificando finanças, estoques e fornecedores iria cometer um homicídio. — Henrique ri, enquanto guarda a documentação. Estávamos desde às oito da manhã no escritório resolvendo as questões burocráticos dos restaurantes, não aguentava mais, minha praia são as panelas, não os papéis, pena que os dois faziam parte do mesmo pacote.

— Cara, como você é exagerado, não é tão horrível assim. Achava o que? Que ter restaurante ia se resumir a apenas cozinha? Para de ser tão bebê chorão.

— Não é reclamação, mas prefiro mil vezes a loucura e correria da cozinha às burocracias chatas de um escritório. E para de falar que sou bebê chorão, idiota. — Falo como sempre transmitindo todo o meu afeto, implicávamos um com o outro desde a infância, mas o Henrique, para mim é como um irmão. Ele abre um sorriso debochado me encarando, com certeza

repetindo mentalmente que eu era um bebê chorão, idiota.

Abro a planilha no computador para organizar os dados que debatemos agora há pouco, enquanto Henrique termina de organizar suas coisas.

— Como estão as coisas com a Lys? — Paro o que estava fazendo e o encaro. Não fico surpreso com a pergunta, ele se preocupa muito com ela e comigo também.

— Estamos bem, muito bem na verdade — Estava sendo sincero, de algum modo estávamos conseguindo fazer dá certo. — Por que a pergunta? — Sabia o porquê, mesmo assim queria ouvir dele.

— Você sabe porquê. Gaspar, a Lys te ama muito e em algum momento ela vai se dá conta dos sentimentos dela.

— Também a amo. Não me olha com essa cara, você sabe que a amo. — Era verdade, realmente a amo, mas existem formas diferentes de amar.

— Mas não como ela precisa e merece ser amada. — Como é? Ele não tinha o direito de questionar meus sentimentos. Suas palavras não criaram apenas um incômodo, mas também uma crescente raiva dentro de mim, principalmente porque de certo modo sabia que ele tinha razão.

— Meus sentimentos, assim como minha relação com a Lys, dizem respeito apenas a nós dois. Não vou discutir esse assunto com você — a verdade é que tinha receio de falar sobre esse assunto e acabar me desentendendo com o Henrique.

— Até onde eu sei, conversar e discutir são coisas bem diferentes e estamos conversando. Mas se não quer conversar, tudo bem, só que a Lys merece mais do que ser estepe para sua solidão, você sabe que estou certo.

— Não a uso como estepe, jamais faria isso, estou apaixonado por ela, nunca a usaria dessa forma, não me envolveria se não tivesse sentimentos verdadeiros por ela. O que me surpreende é você achar que eu faria algo assim. — Não deixo de pensar, se toda essa preocupação não tem outro motivo, os pensamentos surgem e não tenho a habilidade de domínio sobre eles. Preciso perguntar. — Sente alguma coisa pela Lys além de amizade? — Ele dá uma risada irônica.

— Não duvido que esteja apaixonado por ela, mas amor, essa é outra história. E só para deixar claro, o que sinto pela Lys é apenas amizade, ela é como uma irmã para mim. Além do mais, somos um desastre como casal. — Sorrir parecendo ter recordado algo. — Apenas não quero que ela sofra, só isso. — Fala me encarando com firmeza.

— Jamais a magoarei. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz. — Ele assente.

— Espero sinceramente que consiga cumprir o que está falando, porque se magoá-la esquecerei que é meu primo e melhor amigo, não hesitarei em ficar ao lado dela. — Por alguns instantes ficamos em silêncio, tinham muitas coisas que gostaria de dizer, quando ia começar a falar a porta do escritório abre abruptamente. Lys para na porta e apenas me olha, ela estava visivelmente abalada, seus olhos estavam banhados de lágrimas, vê-la daquele modo me deixou alarmado, como se uma enorme luz vermelha piscasse sem parar alertando sobre o perigo.

— O que aconteceu? — Pergunto me aproximando dela. Quando poucos centímetros nos separavam, Lys se joga em meus braços, a envolvo e ela se molda ao meu corpo, enquanto o choro a dominava.

Encaro Henrique, que assim como eu, parecia perdido, sem conseguir compreender nada do que estava acontecendo. Lys nunca expôs tão abertamente suas fragilidades. Decido não fazer nada, apenas continuar ali com ela em silêncio até que se acalmasse. Alguns minutos se passam, até sua respiração ir normalizando aos poucos.

— Vou pegar água, volto logo. — Henrique fala depois de um tempo, retirando-se logo em seguida.

Assim que ficamos a sós, tento me afastar um pouco para olhar seu rosto. Ainda abraçado seguro seu queixo e faço com que ela me encare, quando nossos olhares se cruzam, percebo de imediato a profundidade da sua tristeza e a mágoa atrás dela. Seus olhos estavam vermelhos, o rosto inchado e lágrimas ainda escorriam em sua face, mas agora de um modo mais silencioso, enxugo com meus dedos, acariciando sua pele. A mulher mais determinada, corajosa e forte que conheço estava diante de mim, fragilizada e vulnerável, completamente exposta, nunca a vi desse modo e as palavras que Henrique me disse há pouco retornam a minha mente.

— Ei, o que aconteceu? A Clara e a Liliana estão bem? Aconteceu algo com elas? — Nega balançando a cabeça. Com a Isa não foi, a essa hora ela já devia estar na aula de natação que iniciou esse ano.

— Então, o que foi que aconteceu para te deixar assim nesse jeito? — Ela respira e expira profundamente, coloca suas mãos sobre as minhas, que ainda estavam em seu rosto, respira profundamente e expira, estava tentando se acalmar fazendo respiração diafragmática. — Lys, estou morrendo de

angustia, meu bem, me fala o que houve?

— A filha do César foi até a escola falar comigo hoje, e digamos que esse encontro não foi nem um pouco agradável, para nem uma de nós duas. — Suas palavras são ditas em meio a um atropelo, demoro uns segundos para compreender o contexto geral da informação, César, esse nome me era familiar, sim, é o nome do pai dela, o que significava que a meio irmã dela foi até a escola, seu ambiente de trabalho, agora conseguia compreender, o estado em que chegou aqui. O que me confunde são os motivos que a levaram a procurar a Lys depois de tanto tempo "Quais eram suas razões?", antes que pudesse perguntar qualquer coisa, Henrique abre a porta, trazendo consigo uma pequena jarra com água e um copo.

— Parece estar mais tranquila. Não encontrei camomila, mas se beber água vai ajudar. — Lys assente, Henrique enche o copo e a entrega, ela se afasta um pouco de mim para pegar o copo.

— Por que ela procurou você depois de tantos anos? Ela veio a pedido do César? — A última pergunta foi irrelevante, o que importava era entender o porquê dessa visita.

— De que César estão falando? — Encarei Henrique que ao cruzar seu olhar com o meu pareceu compreender. — Não me diga que o César de que estão falando é o seu pai, Lys?

— Felizmente não conheço nenhum outro. — Diz se sentando em uma poltrona próxima. — A filha dele foi até a escola hoje, dá para acreditar? Meu trabalho.

— E o que ela queria? Depois de todos esses anos me parece meio cínico e até mesmo dissimulado ela ter aparecido assim do nada. — Henrique tinha uma boca enorme, mas tenho que concordar com ele.

— Heloise não sabia sobre mim, pelo que entendi informaram a ela sobre minha existência a alguns dias. — Quando termina de falar se recosta na poltrona. — Ela também disse que nem o César e nem a Helena sabiam, que tinha vindo até aqui falar comigo.

— A pergunta que não quer calar é por que ela veio? — Pergunto novamente.

— Ele está doente, internado e pelo que entendi o estado dele é grave. Heloise achou que como filha eu precisava saber o que estava acontecendo. Na verdade, ela deixou claro algumas vezes que eu deveria ir ao hospital para vê-lo. Pode imaginar como nossa conversa foi amigável depois dessas

insinuações, falamos coisas horríveis uma a outra. — Não consegui identificar com clareza seus sentimentos naquele momento.

Depois de um instante em silêncio, Lys conta com mais detalhes como foi o encontro, à medida que ela vai narrando o que aconteceu percebo seu humor modificando, quando termina seu relato a irritação em sua voz ganha ainda mais intensidade.

— O que pretende fazer? — Henrique pergunta, desde que ela tinha iniciado e terminado o monólogo, foi a primeira vez que ele falou, eu ainda estava em silêncio.

— Como assim, o que eu pretendo fazer? Não vou fazer nada. — Pelo olhar dos dois, sei que vão iniciar uma discussão.

— O que ele fez com você foi horrível, sei que foi, assim como sei que não existe justificativa. Mas, infelizmente por pior que ele seja, não deixou de ser seu pai. Não pode mudar quem você é, nem de onde veio. — Conseguia compreender o que Henrique estava dizendo e concordava com ele, mas pela cara que a Lys estava fazendo, era óbvio que ela não compreendia e nem queria compreender. — Entendo que... — ele não termina frase é interrompido.

— Não, Henrique, você não entende. Quando seus pais se divorciaram e sua mãe caiu fora para cuidar da própria vida, Gael cuidou de você com dedicação e carinho, ele é um pai maravilhoso, sempre te colocou como prioridade na vida dele. Você tem o melhor pai do mundo, não importa os defeitos que ele tenha, Gael nunca te abandonaria ou seria negligente. — O silêncio de Henrique era sua resposta, nós dois sabíamos que ela tinha razão, até certo ponto, meu primo sofreu muito com o abandono da mãe, a diferença entre o que ele passou e o que a Lys passou é que a mãe dela era completamente desequilibrada e culpava a própria filha por tudo de ruim que aconteceu em sua vida, enquanto Henrique sempre teve o amor e o apoio do tio Gael. Mesmo assim, minha opinião sobre ela ir ver o César ainda permanecia. — Serve para você também, Gaspar.

— Não disse nada.

— Mas pensou e sei exatamente o que está passando pela sua cabeça, então é melhor nem começar. — Quando duas pessoas se conhecem tão bem, acaba se tornando um hábito prever o que o outro vai falar ou a atitude que vai tomar.

— Tem razão, estava pensando sim, pensei que até certo ponto,

Henrique está certo.

— Qual é o problema de vocês dois? Querem que de repente eu delete da minha mente os últimos vinte anos, como se nada tivesse acontecido? Que simplesmente esqueça que meu pai se divorciou de mim, no mesmo dia em que se divorciou da minha mãe? Que fui negligenciada por ele, deixada a mercê de uma mulher, que a cada cinco minutos, me culpava pela separação deles? Sem mencionar as outras atrocidades pelas quais ela adorava me culpabilizar. O César me abandonou, infelizmente, não sou um computador para que façam um *backup*. — Senti sua mágoa por trás de cada palavra. — De que lado estão? Porque se for do lado dele saio desse escritório e nunca mais olho na cara de nem um dos dois. — Ela sempre fazia as piores ameaças quando estava com raiva. Henrique permanece em silêncio ouvindo com atenção.

Me aproximo, puxo uma das cadeiras da mesa e sento de frente para ela.

— Tem toda razão quando diz que não fazemos ideia do que está sentindo. Mas, estou do seu lado, não conheço o César, conheço você, me preocupo com você e eu sei que se não for até lá, nem que seja apenas para olhar nos olhos dele, e falar tudo o que está sentindo nunca vai se perdoar — Lys continua sustentando meu olhar, como não fala nada, continuo. — Vai carregar isso com você pelo resto da vida, porque você é assim, faz parte da sua natureza e não acho justo que se martirize por ele, não acho justo que carregue essa culpa e esse peso por ele. Já fez isso durante anos com a sua mãe, não pode fazer o mesmo com o César. Está furiosa agora, mas essa fúria vai passar. — Seguro suas mãos, sem desviar o olhar.

— Mesmo que eu quisesse, não consigo ir até lá, encará-lo... Seria demais para mim, ele teve vinte anos... Se o problema era minha mãe, tem mais de dez anos que ela morreu, tenho certeza que ele recebeu a notícia, mesmo assim, não me procurou... Não consigo esquecer, Gaspar. — Diz por fim, com uma voz atropelada, não tirava sua razão, o abandono dói e é nocivo.

— Sempre tive meus pais ao meu lado, mesmo assim compreendo sua recusa e entendo. Independente de qual seja sua escolha, estarei ao seu lado, sabe o quanto é importante para mim, é muito difícil ver sua angústia e não poder acabar com ela. Não quero que sofra, carregando uma dor que não merece sentir, por isso continuo achando que deveria ir encontrá-lo. Irei

apoiá-la, independente da escolha que faça.

Aquela decisão era dela, a dúvida em seu olhar deixava claro sua insegurança e o conflito interno pelo qual estava passando. Nos anos em que nos conhecemos, nunca tinha visto Lys tão fragilizada. Uma lágrima solitária escorre por sua face.

— Não consigo. — A sinceridade em sua voz deixou claro para mim, que enfrentar o César, pelo menos neste momento seria demais para ela.

— Somos moldados por nossas escolhas — Henrique fala por fim, com um tom de seriedade que não era comum vindo dele. — Seu pai tem no currículo apenas escolhas ruins referentes a você. Mesmo assim, ele está hospitalizado e nada bem, pelo que sua irmã disse. Pode me recriminar o quanto quiser, Lys, mas a verdade tem que ser dita. Se não for falar com ele, nem que seja só para perguntar, por que ele te abandonou, nunca vai se perdoar, caso ele venha a morrer, Gaspar está certo, você vai carregar isso pelo resto da sua vida e depois de tudo pelo que você passou, acha que merece passar por isso? Não seria justo com você.

— Sei que estão certos, mas não consigo, pelo menos não agora. — Responde depois de uns minutos de silêncio. Pelo menos esse "não agora" era um bom começo. — Sinto muito pelo que falei, Henrique, me desculpa, não tinha o direito de falar aquelas coisas.

— Relaxa, não sou de cristal, não quebro tão fácil.

Neste momento alguém bate a porta nos interrompendo.

— Pode entrar. — Betina coloca metade do corpo para dentro nos encara meio constrangida.

— Desculpa a interrupção, mas o senhor Cardoso está aqui para falar sobre a arte dos novos cardápios.

— Tudo bem, Tina, já estou indo. — Henrique se adianta, Betina se retira, o encaro. — Essa é a minha deixa, melhor eu ir trabalhar. — Não poderia deixar Lys sozinha, Henrique parece adivinhar meus pensamentos e antes de falar qualquer coisa, ele continua. — O resto do dia está tranquilo, Carter e eu damos conta. Tira o restante do dia livre.

— Obrigado, Henrique! — Ele assente, quando caminha até a porta Lys o chama.

— Me desculpa de verdade pelo que te disse. Não tinha esse direito, nossas histórias são diferentes, mas isso não significa que minha dor é maior ou menor que a sua.

— Esquece isso, maluquinha — fala se voltando para ela. — Entendo que não está sendo nada fácil para você. Apenas pense no que falei. — Ele volta, dá um beijo no alto da cabeça dela e vai embora nos deixando a sós.

Olho para Lys que estava com a cabeça baixa e com os pensamentos longe, ela não é assim, vê-la assim me incomodava absurdamente, queria ver sua alegria, seu sorriso, aquele que chega até seus olhos que aquece a alma. Gostaria de apagar, mesmo que por um tempo, todos os problemas e todas as angústias que a afligiam. Tenho uma ideia que talvez funcione, sei o que pode abrir um sorriso naquele rosto lindo.

— O que acha de sequestramos uma pequena fada de meio metro e fazermos uma tarde divertida, para esquecer toda essa loucura? — Essa foi minha tentativa de colocar um sorriso em seu e fazê-la sorrir, para meu deleite funcionou.

— Não chama ela de fada de meio metro na frente dela, ou vai ter sérios problemas. Além disso, Isa tem bem mais de meio metro, tadinha. — Um sorriso brilhante se abre em seu rosto e meu objetivo foi alcançado.

— Esse certamente vai ser nosso segredinho.

— Como um segredinho sujo? — Pergunta com seu bom humor renovado, a verdade era que Lys nunca fez o tipo que carrega melancolia, tristeza e preocupação por um tempo muito longo, isso não significa que esqueceu, muito pelo contrário.

— Quase isso. E sua reunião com as meninas?

— Antes de entrar no restaurante, mandei mensagem avisando que não poderia ir hoje. Que não estava bem. O que não deixa de ser verdade. — Concordo.

— Então, precisamos apenas da nossa outra cúmplice, para passarmos a tarde inteira de bobeira.

— Você é incrível. — Diz ficando a ponta da cadeira e envolvendo meu pescoço, dou uma piscadela charmosa, ganho um beijo gostoso, mas não muito demorado. — Quero chocolate com pipoca e filme. Acho que a Isa também vai querer. — Pipoca salgada e chocolate, era um vício que as duas mulheres da minha vida compartilhavam.

Antes de irmos buscar Isa do balé, dou algumas orientações ao chef e ao novo sous chef, essa noite eles comandariam a cozinha sem mim. Falamos com Henrique bem rapidamente e vamos embora. No caminho vamos conversando, ela parecia estar bem mais animada, mas isso não me enganava,

sabia que no fundo em seus pensamentos, as coisas estavam confusas e um forte conflito sobre o que fazer a consumia.

Toda sexta-feira era dia natação e depois balé, minha filha decidiu incluir, nadadora em sua longa lista profissional, não faço ideia de quantas profissões constam nessa lista. Cada dia da semana ela fazia uma aula diferente, menos nas segundas, esse era seu dia de folga como gostava de chamar. Todas as suas aulas eram na escola, o que facilitava muito minha vida.

Como no caminho Lys havia ligado para o seu Manoel, pedindo que buscasse e levasse a Isa até a portaria que estávamos indo buscá-la, assim que chegamos vemos uma mini bailarina toda de rosa, com uma enorme mochila de rodinhas nos esperando. Paro em frente, ela agarra o puxador da mochila com uma mão, com a outra segura a mão do Manoel e vem em nossa direção toda saltitante.

— Obrigada, Manoel! — Dos porteiros que trabalhavam na escola, sempre gostei mais dele, talvez seja porque sempre me pareceu confiável. Abro a porta do carro e Isa se joga em meus braços.

— Papai, a aula ainda não acabou, sabia? Oi, dinda — ela sai dos meus braços e pula nos braços da Lys.

— Oi, lindinha!

— Não precisa agradecer é sempre um prazer ter essa linda princesinha como companhia. — Isa abre um enorme sorriso na direção do simpático senhor, ele nem era tão velho assim, devia ter uns cinquenta mais ou menos, nunca perguntei. — Está tudo bem, Lys? — Pergunta parecendo um pouco preocupado.

— Estou sim, não se preocupe Manoel. — Ele assente com um sorriso discreto, se despede e volta para a portaria.

— Vamos passear? — Isa pergunta passando por cima de nós dois, indo para o banco do passageiro, enquanto pego sua mochila, ela já prendia o cinto de segurança.

— Não, vamos fazer algo muito melhor — Lys responde se virando para poderem conversar de frente, ligo o carro e sigo o caminho para casa. — Vamos ficar de bobeira em casa. — Isa dá pulinhos sentada como se tivesse acabado de saber que vai ganhar uma viagem para a Disney.

— Podemos fazer pipoca para comer com chocolate? E assistir Mulan? — Lys confirma e nos encaramos, tenho certeza que ela pensou o mesmo que

eu, pelo menos não era Valente, sorrimos.

As duas começam a conversar, contando detalhes do dia uma da outra, as risadas dominam o ambiente, fico mais aliviado. Lys liga o som do carro, coloca o MP3 e Trem-Bala da Ana Vilela começa a tocar, as duas começam a cantar em um coro, e cantavam muito bem, adorava as ouvir. Aquela música era a preferida da Isa, às vezes, ela passava o dia inteirinho cantando. Não demora muito e já estamos em casa, Lika nos recebe latindo e pulando, depois de fazermos muito carinho, ela fica mais calma. Minha pimentinha vai tomar banho, Lys vai junto para ajudar e depois fazer o mesmo, aproveito para preparar comida de verdade, elas tinham que se alimentar direito antes de se empanturrar de porcarias. Espero que ficar com a gente, ajude um pouco Lys a clarear as ideias e faça com que tome a decisão certa.

Alyssa

A melhor coisa na minha vida são eles, a vida parece ter ganhado um novo colorido, sei que eles sempre estiveram na minha vida, mas era diferente, agora somos quase uma família, eles me completavam. Gaspar tinha o incrível poder de saber minhas necessidades, Isa, o poder de me fazer rir e esquecer. Minha garotinha sapeca com uma energia sem fim, amolecia qualquer coração. Quando estávamos juntos, tudo na minha vida parecia fazer sentido, os amo tanto, que tenho medo de perdê-los, de ser deixada. Acho que essa descrição é melhor, às vezes me sentia egoísta por ter esses sentimentos, por Duda não estar mais aqui, mas minha intenção nunca foi e nem é ocupar seu lugar, meu desejo é apenas fazer parte. Cuidamos um do outro, esse momento é exatamente disso que estou precisando, ser cuidada.

Nossa tarde foi incrível, almoçamos, depois fizemos uma maratona de filmes da Disney, claro que cantando todas as músicas, isso era muito

importante. Comemos muitas delícias, pelo menos para mim e para a Isa, de acordo com Gaspar, todas aquelas porcarias que estávamos ingerindo iriam nos dar dor de barriga, ele detestava, mas aguentou firme e forte, por mim, para me fazer feliz. Foi isso mais do que qualquer outra coisa que me fez esquecer, mesmo que apenas por alguns instantes, saber que alguém se importa comigo, que gosta de mim, era tão bom ter com quem contar.

Tinha um conflito dentro de mim, dúvidas e incertezas dando voltas na minha cabeça. Olho para o relógio, passava das oito, Gaspar tinha ido colocar Isa na cama, aproveitei para vir até o pequeno escritório conjugado com a sala, ver se tinha algum livro para matar o tempo. Grande parte dos livros da estante com seis prateleiras que ficava presa à parede eram de culinária ou viagem. Desisto, me sento na cadeira da pequena mesa de madeira escura, ligo o notebook e antes que pudesse me dar conta, estava completamente submersa em pesquisa sobre doenças crônicas renais. Não gostei nem um pouco do que descobri, mas ao mesmo tempo encontrei alívio. Minha concentração era tanta, que nem percebi quando deixei de ser a única pessoa no cômodo.

— Não devia se torturar desse modo. —Tenho um sobressalto, me viro e dou de cara com Gaspar, olhando atentamente para a tela do computador.

— Tem cura, ele pode ficar bom e ter uma vida quase normal, ou perto disso — falo antes de pensar, as informações que me deram alívio, desde que comecei a ler sobre as formas de tratamento. Gaspar não fala nada, apenas continua encostado no assoalho me encarando. — Um transplante de rim e um tratamento para o corpo não rejeitar o órgão — continuo falando, mais para mim mesma, como ele não diz nada continuo, precisava dizer o que passava pela minha cabeça, o que estava me angustiando. — Acha que foi por isso que ela veio me procurar? Porque não encontraram um doador compatível e como temos o mesmo sangue, talvez eu seja compatível? — Me fiz essa pergunta no mínimo umas dez vezes, nos últimos dez minutos.

Finalmente ele descruza os braços e vem até mim, se abaixa, ficando quase da minha altura, coloca uma mecha que caía do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Acho que precisa enfrentá-lo, só assim vai poder virar essa página da sua vida e seguir em frente. Sobre essa questão do transplante, não posso te dar uma resposta. — Como ele poderia, nem eu conseguia responder a essa pergunta. — Heloise chegou a mencionar algo sobre o assunto? — Tento

puxar pela memória, tentando me lembrar se em algum momento ela tocou no assunto, ou insinuou alguma coisa, mas não, Heliose não chegou a mencionar nada.

— Não, ela falou apenas um pouco sobre a doença, não entrou em detalhes. Nossa conversa foi mais voltada para mim, as mágoas, os erros do César, depois começamos a dizer coisas uma a outra, o resto você já sabe.

— Então, acredito que a resposta é uma interrogação, ela pode ter pensado em pedir e ter desistido, ou queria apenas que você fosse até Florianópolis, essa resposta apenas ela pode te dar. — Balanço a cabeça, igual aqueles bonequinhos que são colocados sobre o painel dos carros e que não param de balançar a cabeça.

— Vem comigo — fala segurando minha mão, me puxando para ficar de pé. — Quero te mostrar uma coisa. — Ainda me puxando sigo-o pelo corredor, até entrarmos em seu quarto não tinha percebido onde ele estava me levando. Olho a minha volta, o quanto estava diferente, as coisas da Duda não estavam mais lá, Isa havia me contado que ele tinha retirado as coisas dela, mas não imaginei que, além disso, também havia redecorado o quarto todo. — Achei que estava na hora de virar essa página da minha vida. — As lágrimas que vinha sendo contidas reaparecem, os móveis estavam colocados em outras posições, o verde claro e azul foram substituídos por um amarelo pálido e branco. Encaro-o sem acreditar no que ele tinha feito.

— Nem sei o que dizer. Por que fez tudo isso? — Estava confusa, me pergunto se não seria muita pretensão achar que fui o motivo.

— Há algumas semanas, Isa me perguntou por que sempre que você vinha aqui, nós sempre dormíamos no quarto de hóspedes. Fiquei confuso, me perguntei de onde ela tinha tirado isso, ela disse que foi de uma conversa com Camille, minha filha e sua sede em satisfazer suas curiosidades. — Era verdade, Isa era muito boa em satisfazer suas curiosidades, mesmo que não fizessem sentido para ela. — O ponto é que essa conversa, com minha filha de sete anos, me fez perceber que minha vida estava estagnada, que tinha que seguir em frente. Retirar o restante das coisas que pertencia a Duda do nosso quarto foi muito difícil, mas necessário, assim como seguir em frente. — Concordo. Gaspar se aproxima, envolve minha cintura e nos abraçamos.

Seus braços eram como meu lar. Nos separamos uns centímetros e estávamos nos beijando, perdidos um no outro, com uma intensidade que me dominava por completo, isso acontecia sempre e era delicioso. Mergulho

meus dedos em seus cabelos, seus lábios deixam os meus, percorrendo minha pele deixando um rasto quente de desejo, o mesmo desejo que me consumia.

— Lys! — Sua voz estava embriagada de desejo, adorava o jeito como ele pronunciava meu nome.

— Adoro o modo como pronuncia meu nome. — Falo ofegante, ele me deixava desnorteada.

— Adoro seu cheiro. — Diz beijando meu pescoço e depois mordisca meu lóbulo, ele ergue a cabeça me encarando.

— Quero que me ame, que me faça esquecer os meus problemas. — Palavras deixam de ser necessárias, a partir daquele momento.

Voltamos a nos perder, não me dou conta quando nossas roupas deixam nossos corpos e se espalham pelo chão, nem quando sou guiada até a cama. Toda minha pele se aquece como fogo, quando nos conectamos nossos corpos se movimentam como um só e perco noção do tempo. Quando, finalmente, chegamos ao ápice do nosso desejo e já estamos saciados me aconchego em seu corpo, enquanto minha respiração vai se normalizando.

— Preciso vê-lo, você está certo, se não fizer isso vou me arrepender e carregar isso comigo pelo resto da vida. — Passo meus dedos em seu peito, acariciando os poucos pelos. — Quero que vá comigo. — Ergo a cabeça para olhar em seus olhos.

— Estarei ao seu lado todo o tempo.

Capítulo 26

Decidir fazer algo e de fato fazer são duas coisas bem diferentes. Duas semanas se passaram desde meu encontro com Heloise, esse foi o tempo que demorei para finalmente decidir, o dia de enfrentar meus medos. Agora estava no carro indo para Florianópolis, Gaspar dirigia concentrado, de vez em quando sua atenção se voltava para mim, então, ele segurava uma de minhas mãos e a levava aos lábios depositando um beijo suave. Seu apoio me dava força para continuar com essa loucura, o fato dele respeitar meu silêncio, também ajudava bastante.

Durante essas semanas me perguntei milhares de vezes se estava fazendo a coisa certa, conversei muito com minha avó e com tia Liliana, elas ficaram muito surpresas com a visita da Heloise. Tudo o que elas sabiam sobre a história conturbada dos meus pais eram as brigas constantes por causa do ciúme desmedido da minha mãe, assim como a versão dela dos fatos. Minha mãe fazia questão de mantê-las o mais distante possível da sua vida e da minha também, apenas após a sua morte foi que vovó e tia Liliana passaram a fazer parte da minha vida ativamente. Elas não sabem os detalhes, mas ficaram muito decepcionadas com o César por ele não ter me procurado, as duas tentaram vir comigo, mas achei melhor fazer isso sem tanta plateia.

Uma vez há alguns anos ouvi uma conversa entre minha tia e avó, lembro que tia Liliana disse que não culpava o César por ter ido embora e reconstruído a vida dele, que minha mãe tinha tornado a convivência insuportável tanto para ele como para mim, disse que jamais o perdoaria por ter me deixado com minha mãe, que esse era o único crime pelo qual o condenava. Era o único pelo qual também o condeno.

— Ei! – Gaspar chama minha atenção, desgrudo meu olhar da paisagem que passava continuamente à medida que o carro seguia seu curso,

o encaro. – Tudo bem? – Ele estava preocupado, senti no tom da sua voz. Sinalizo com a cabeça afirmando.

— Apenas lembrando – falo por fim, depois volto meu olhar para fora da janela, o movimento ritmado do que ia ficando para trás me acalmava. – Algumas lembranças que as vezes achamos que estão esquecidas, mas acabam vindo à tona nos momentos mais inesperados. É até engraçado, como nossa própria mente nos prega peças, ela bloqueia informações para evitar nosso sofrimento, mas isso ocorre até certo ponto – volto a encará-lo e abro um sorriso, para tranquilizá-lo. Não fazia ideia do que esperar desse encontro, minha única certeza neste momento era que precisava fazer isso.

— Meu pai costuma dizer que nossa mente algumas vezes é como uma caixa de pandora.

— Ettore sempre faz as melhores analogias — sorrio ao lembrar de algumas delas, a maioria direcionadas aos filhos. — Ele é ótimo nisso.

— Verdade, ele adora isso. — Gaspar abre um sorriso, adorava seu sorriso, era uma das coisas que amava nele. Às vezes meus sentimentos por ele me amedrontavam, ou talvez fosse a incerteza do que ele sentia por mim que me dava medo, talvez fossem as duas coisas. — Mais uns quinze minutos e estamos chegando na cidade. — Seu comentário me desperta para o que estava prestes a enfrentar, a incerteza da decisão que tomei me domina. Não restava muito a ser feito, a não ser enfrentar o que estava por vir de cabeça erguida e é exatamente isso o que vou fazer.

Em menos de quinze minutos chegamos a Florianópolis, mais dez e estávamos no hospital, o trânsito estava ótimo, por isso não demoramos muito. Assim que entramos na recepção fico surpresa ao encontrar Mael, Gaspar não parecia estar tão surpreso.

— O que estão fazendo aqui?

— Ia perguntar o mesmo, mas considerando seu jaleco e o estetoscópio em torno do seu pescoço, suponho que está trabalhando. — Tento usar humor ao falar, mas minha tensão me entregava.

— Não sabia que era neste hospital que trabalhava, se bem que para ser sincero, nem me lembrava do nome. — Mael encara o irmão com uma expressão descrente.

— Isso não me surpreende, Gaspar, acho que devo ter falado o nome desse hospital meia dúzia de vezes, enquanto jantávamos na casa dos coroas.

— Para o seu bem é melhor não chamá-los de coroas na frente deles,

nossa mãe puxaria sua orelha até arrancá-la e nosso pai seria conivente, é apenas um aviso. — Aqueles dois pareciam irreais, estaria me dobrando de tanto rir, se não estivesse tão ansiosa e nervosa para fazer logo o que tinha me trazia do até aqui.

— Ela sempre se derrete com meu charme. — diz rindo, como se tivesse acabado de dizer a melhor piada do mundo.

— Se você está dizendo.

— Mudando de assunto – diz quando se recompõe. – Posso ajudar vocês em alguma coisa? Não estão aqui como turista, uma hora dessas principalmente, disso tenho certeza e com toda certeza não vieram me ver, já pude comprovar isso. Então o que estão fazendo aqui tão cedo? — Gaspar e eu nos entre olhamos, seu olhar diz tudo, a escolha de compartilhar ou não um assunto tão pessoal, era apenas minha. Sua mão que estava entrelaçada a minha se aperta um pouco mais, me dando segurança, decido contar a Mael, pode ser que ele possa me ajudar a encontrar o César.

— Viemos visitar uma pessoa.

— Tudo bem, mas o horário de visitas ainda não começou — ele dá uma rápida olhada no relógio e volta sua atenção novamente para nós. — Ainda falta meia hora. Acabei de tirar meu intervalo, por que não tomam café comigo e depois consigo uma ordem de visita para vocês?

— Por mim tudo bem. — Talvez fosse mesmo boa ideia, assim coloco meus pensamentos em ordem, me acalmar um pouco seria ótimo.

Vamos para a lanchonete. Como qualquer ambiente, de qualquer hospital, o local passa uma sensação de limpeza, seriedade e impessoalidade, me dá até arrepios. Esse sempre foi um dos motivos pelos quais detestava hospitais, a impessoalidade, a forma como tudo é estéreo e frio, sem calor humano, pelo menos essa sempre foi minha impressão, até este momento continua sendo. Pedimos três cafés, bebo um pouco do meu, pelo menos o café era bom.

— Deixaram minha sobrinha com quem?

— Com a Samara, sabe como Isa adora ficar com a Savana, sem mencionar que o cartão lá é verdade, tudo liberado. — O sorriso de Mael deixa claro que Samara não é a única a permitir que Isa faça tudo o que quer.

— Quem vieram visitar? — Pergunta mudando de assunto, Gaspar não responde à pergunta do irmão, ele apenas me olha dizendo de modo silencioso, que era a minha a escolha, contar ou não. Penso um segundo,

resolvo contar, Mael era discreto, jamais ficaria falando da minha vida para as pessoas, principalmente se pedisse discrição. — Se não quiserem falar, tudo bem. Perguntei apenas porque talvez conheça o paciente e poderia levá-los até ele. — Fala quando nem um de nós dois respondemos a sua pergunta.

— Tudo bem, Mael, não é como se fosse o maior dos segredos. Vim ver meu pai, ou melhor meu progenitor, acho que esse termo é mais adequado.

— Seu pai? Ele está internado aqui? — Ele parecia estar tentando puxar pela memória, qual dos seus pacientes tinha o mesmo sobrenome que o meu.

— Sim, está. Pelo que soube da última vez que tive notícias, ele não estava muito bem.

— Como ele se chama?

— César Amorim Mascarenhas.

— César é meu paciente. Bem, não diretamente, faço parte da equipe médica que está cuidando do caso dele. — A surpresa assim como o desconforto em sua voz denunciam ter mais coisas. — Ficou sabendo sobre o que estava acontecendo com ele pela Heloise? Você é a irmã, aquela que ela não sabia que existia?

— Sim, para as duas perguntas.

— Talvez deva desculpas a você, então.

— Como assim? Por quê?

— Fui eu quem aconselhou a Heloise a procurar a irmã e contar sobre o que estava acontecendo. Há quase um mês mais ou menos, a encontrei aqui na lanchonete, ela não estava nada bem, conversamos, ela me contou que tinha acabado de descobrir que tinha uma irmã mais velha, meio irmã, do primeiro casamento do pai. — À medida que Mael ia narrando a conversa que teve com Heloise, ficou claro que se preocupava com ela.

— Falou o que achou correto, não tem nada para se desculpar, não tinha como adivinhar que se tratava de mim, a não ser que tenha uma bola de cristal. — Ele dá um meio sorriso.

— Não tenho. Acho que o encontro de vocês não ocorreu de um modo tranquilo.

— Nosso encontro foi tudo menos tranquilo.

— Imaginei, quando perguntei a Helô, ela ficou desconfortável, séria e logo mudou de assunto. Foi tão ruim assim?

— Você nem imagina. — Gaspar diz, procura minha mão embaixo da

mesa, entrelaça seus dedos nos meus.

— Falamos coisas horríveis uma a outra, não foi muito agradável.

— Que droga!

— Nem me fale. — Tinham tantas perguntas que gostaria de fazer sobre a doença do César, mas uma em especial me angustiava. — Mael, acha que ele está em condições de me receber, conversar comigo? Quero sua opinião como médico. — Não gostaria de causar um agravamento em seu estado, sendo imprudente. Meu cunhado me encara.

— O quadro geral dele estava muito pior há algumas semanas, mas há uns cinco dias modificamos a medicação e milagrosamente ele começou a reagir, agora está estável. — Ele se apoia ao encosto da cadeira de ferro desconfortável, não tinha percebido até aquele momento como Mael parecia cansado. — Não sei o que a Helô falou para você quando se encontraram — era a segunda vez que ele a chamava assim, que estranho, Mael nunca aparentou ser o tipo de médico que chama o familiar de um paciente pelo apelido, curioso, mesmo que estivesse preocupado.

— Não entrou em detalhes, disse apenas que era uma doença crônica, em um estágio avançado, nos rins, algum tipo de cirrose. Nem sabia que o César bebia. — Mael assente, me olha e começa a me explicar.

— Exatamente, cirrose homeopática causa falência nos rins, a do César é extremamente agressiva, mas não foi causada pelo álcool, a dele é genética. Não tem cura, a não ser por transplante, pelo que vi em seu histórico médico faz pouco mais de um ano que ele está na fila de espera, aguardando o órgão. — Gaspar aperta minha mão, nos entreolhamos, a ideia da Heloise ter ido a minha procura, apenas pela possibilidade de encontrar um possível doador, vem a minha mente, neste momento desejo estar em qualquer outro lugar menos aqui. — Minha resposta à sua pergunta, é "sim", neste momento, César pode receber visitas e conversar, mas com moderação, até quando ele vai estar assim, não sei dizer, mas se vai conversar com ele, como médico peço que tenha cuidado com suas palavras. — Meus sentimentos estão uma bagunça, é difícil compreender minhas emoções, não deixo de me perguntar se é uma boa ideia prosseguir com tudo isso. O que Mael estava pedindo era completamente razoável e compreensivo, mas se fosse sincera comigo mesma, não sei se conseguiria ser tão comedida.

— Talvez seja melhor não falar com ele, não sei se consigo ter uma conversa comedida. — Estava sendo sincera, não queria ser responsável por

uma possível piora em seu estado de saúde. Mael não me responde de imediato, demora uns segundos até voltar a falar.

— Lys, acho que seria bom para o César ter essa conversa e não apenas para ele, pelo que me disse, esclarecer as coisas seria bom para você também — diz bebendo o último gole do seu café. — Não faz muito tempo que estou trabalhando neste hospital, faz pouco tempo que conheço César e a família dele, mas, Lys, posso te garantir que neste curto período ele me mostrou ser um bom homem. Se outra pessoa me contasse o que acabou de me falar, não acreditaria que se trata da mesma pessoa. — Não duvido de suas palavras, era sua opinião baseada no pouco tempo de convivência que teve com o César. Já minha experiência, o que passei, essa é outra história. – Nem sempre as coisas são o que aparentam ser.

— Então, você acha que os últimos vinte anos foram um equívoco? Um grande mal-entendido? Que estou exagerando?

— Não disse isso, por favor, não ponha palavras na minha boca.

— Faço isso se parar de minimizar meus sentimentos, não faz ideia pelo que passei. — Estava ficando cansada de sempre ter que me justificar.

— Não foi essa minha intenção, mas é sempre bom ter conhecimento do todo, antes de fazer qualquer julgamento.

— Mael, Lys e eu já conversamos sobre esse assunto, ela tem seus motivos. Além disso, ficarmos aqui debatendo sobre esse assunto, não vai mudar o que aconteceu — Realmente, não mudaria, Gaspar sempre foi bom em pôr um fim em conflitos desnecessários, talvez essa sua habilidade seja devido a sua firmeza. — A questão aqui é muito simples, Heloise foi até o trabalho da Lys, pediu que ela viesse até aqui para falar com o César, o ponto é, isso vai ser possível ou não?

— Claro que vai, a única colocação que fiz foi a respeito do tom da conversa, não vejo nenhum problema em... — Antes que Mael terminasse sua explicação é interrompido.

— Alyssa! — Mesmo tento nos encontrado uma única vez, sua voz se tornou familiar, quando me viro dou de cara com uma Heloise completamente descrente e paralisada, com toda certeza sem acreditar em minha presença no hospital, nem eu mesma acreditava no que estava fazendo.

— Como vai, Heloise? — Ela estava bem próxima à mesa onde estávamos, estagnada, como se tivesse se deparado com um ser de outro planeta.

— Você veio? Achei que não... — sem conseguir terminar a frase, ela abaixa a cabeça, percebo certo incômodo em sua postura, até mesmo vergonha. — Achei que depois da conversa que tivemos não nos veríamos novamente. — Ela só ergue a cabeça, depois que termina de falar estava envergonhada de verdade.

— Foi apenas uma conversa na qual ambas tínhamos pontos de vista diferentes, enquanto agíamos guiadas pelo nosso egoísmo. — Ela assente e seu olhar recai sobre Mael, aquele lugarzinho que divide as sobrancelhas se franze e uma compreensão silenciosa passa por seu olhar.

— Vocês se conhecem? — Sua pergunta foi dirigida diretamente para Mael, mas de modo automático acabo respondendo.

— Mael é irmão do Gaspar, meu namorado. Nos encontramos por coincidência. — Seu olhar se volta para mim, depois vai para o Gaspar, retornando para o Mael.

— Não sabia que sua irmã era a Lys, nunca nem passou pela minha cabeça. Nunca soube muito sobre o que aconteceu com o pai dela, eu não sabia. — Ela não responde, os dois ficam se entreolhando por um instante em uma conversa silenciosa, por fim Heloise assente, se não fosse coisa da minha cabeça, eles pareciam conectados de algum modo.

— Papai acabou de acordar. Veio para conversar com ele?

— Sim, mas não sei se é uma boa ideia. Mael estava nos contando o quadro clínico dele, como é delicado.

— Então, o doutor Bianucci, também deve ter mencionado que no momento o estado dele é estável. — Percebi uma pontinha de chateação direcionada ao Mael. Esses dois, aí tem coisa, mas não é da minha conta, tão pouco vou me meter, eles são bem grandinhos, mesmo achando que Mael é muito maduro para ela e não é de idade que estou falando. — Veio até aqui, Alyssa, por que desistir agora? Por favor! — Fala por fim.

— Porque não sei se vou conseguir me conter, controlar as palavras que saírem da minha boca e não quero ser responsabilizada caso algo aconteça.

— Ele é um homem muito forte, não vai ser uma conversa que vai fazê-lo piorar, posso ir na frente e falar para ele que está aqui e quer vê-lo, tenho certeza que independente da conversa que tiverem hoje, isso vai fazer muito bem a ele, acredito que a vocês dois na verdade. O que me diz? — Olho para Gaspar que continuava com seus dedos entrelaçados com os meus.

— A escolha é sua, Mael garantiu que o César vai ficar bem, então se

quiser ir em frente, colocar logo um ponto final nessa história, ótimo, mas se quiser voltar para casa nós voltamos. Você decide! — Cheguei até aqui, não foi fácil tomar essa decisão, desistir agora seria covardia e definitivamente nunca fui uma covarde.

— Tudo bem, já estou aqui mesmo, vim para falar com ele e só vou embora depois que fizer isso. — Olho para Heloise, ela estava com um meio sorriso. — Acho melhor ir na frente, informá-lo que estou aqui.

— Já estou indo. — Vira-se sem disfarçar sua animação, caminha apressadamente em direção à porta, para no meio do caminho se vira em nossa direção e fala: — Obrigada por ter vindo, isso vai significar muito para ele.

— Vim até aqui por mim, não por ele.

— Não importa, o que interessa é que está aqui, o restante é mero detalhe. — Dando um sorriso discreto, volta a seguir seu caminho.

— Vocês são muito parecidas na personalidade. — Encaro Gaspar, que dá de ombros como se o que tivesse acabado de dizer fosse a coisa mais óbvia do mundo. — As duas são determinadas e teimosas.

— Querido, me faz um favor? — Mael apenas observava, tentando disfarçar o sorriso.

— É só pedir.

— Guarde para você suas opiniões indiscretas a respeito desta situação atual da minha vida ou vou acabar arrancando sua cabeça. — Diferente do irmão, Gaspar nem tenta disfarçar, dá uma enorme gargalhada. — Não vejo graça nenhuma, você também deveria parar de rir e se preocupar com toda essa intimidade com a filha de um dos seus pacientes.

— Agora sim é a minha maluquinha, adoro quando esse seu gênio aflora — fala me dando um beijo nada discreto, que eu adoro, normalmente essas atitudes impulsivas são minhas, não que estivesse reclamando, muito pelo contrário.

— Não faço ideia do que está falando, meu gênio é de princesa.

— Claro que é e eu sou o seu príncipe encantado. — Dessa vez foi minha vez de gargalhar. Sabia perfeitamente o que ele estava fazendo, tentando me descontrair daquele momento e de certa forma funcionou.

— Que lindos, fiquei até emocionado. — Mael fala com seu habitual humor irônico, Gaspar nem liga e mostro a língua para ele. — Que maduro, mas temos que ir, o horário de visitas já começou faz quase meia hora e

acredito que Heloise teve bastante tempo. — O momento de descontração de segundos atrás evapora, trazendo de volta a tensão angustiante que vinha sentindo. Gaspar percebe de imediato.

— Vai ficar tudo bem. — Balanço a cabeça concordando.

— Acompanho vocês até o quarto dele.

— Vou pagar a conta e já volto. — Gaspar me beija de leve e levanta para ir ao caixa.

— O que você quis dizer quando falou desse lance de intimidade com a filha do meu paciente? — Os homens são inacreditáveis ou são lesmas lentas quase parando ou são como Mael e fingem não saber de nada, nesse caso são sonsos, dá até preguiça. Mas neste momento estou mais preocupada com a conversa que terei com meu progenitor, essa é a que mais se encaixa em nossa relação inexistente.

— Sério que você não sabe? — Como suspeitava ele fica lá paradão me esperando continuar, hoje não, cunhadinho. — Pensa com carinho que você acaba descobrindo. – Quando ele vai abrir a boca para retrucar, Gaspar volta e seguimos os três para os elevadores, nosso destino era o sexto andar.

Assim que as portas se abrem e entramos na recepção do sexto andar, damos de cara com Helena e Heloise, que maravilha agora está tudo em família. Não que eu tivesse algo contra elas, sei bem que meu pai conheceu Helena depois do divórcio, ouvi uma conversa da minha mãe com uma amiga dela ao telefone, onde ela deixava isso bem claro. Foi assim que descobri a verdade, já que ela fazia questão de dizer que o César tinha nos trocado por outra mulher e em minha ingenuidade de criança acreditei nela, até escutar aquela conversa, eu devia ter uns doze anos na época. Depois daquele dia, parei de odiar a nova mulher do César, me decepcionei ainda mais com a minha mãe e me deu um pouco de esperança sobre o César. Apenas ficamos nos olhando, a última vez que nos encontramos foi na festa de inauguração do Sabores aqui em Florianópolis, o que é bem normal considerando que ela é uma jornalista crítica gastronômica.

— Como vai, Alyssa? — Não consigo perceber nada em sua voz, nem no modo como ela me olha, a única coisa que consegui perceber foi sua serenidade. Helena me parecia uma mulher difícil de decifrar, nos vimos poucas vezes desde que ela casou com meu pai, para ser sincera acredito que essa seja a primeira vez que conversamos.

— Bem, dentro das possibilidades. — Assente parecendo compreender.

— Helô estava me contando tudo o que aconteceu e que veio falar com o seu pai. — Ia corrigi-la, mas achei melhor ficar calado, estava curiosa para saber até onde ia aquela conversa, então, confirmo e ela continua. — Sei que tem conhecimento do estado clínico do seu pai, não nos conhecemos, nunca nem nos falamos e as poucas vezes que nos vimos foi a distância, mesmo sem ter o direito de te pedir nada, vou pedir e confiar no seu coração para que atenda ao meu pedido. — Continuo em silêncio, aperto a mão de Gaspar, que estava entrelaçada a minha e continuo olhando para ela com atenção. — Por favor, dê uma chance a ele e a você também. Sei que está com raiva e magoada, compreendo seus motivos, talvez se estivesse na sua posição sentisse o mesmo. – Não devia nada a ela ou a nem um deles, tudo o que eu queria era uma resposta e deixar minha consciência tranquila.

— Mas você não está, Helena, e com todo respeito, mas como colocou tão bem, não tem o direito de me pedir nada, vim até aqui por mim, não para dar chance a algo que nunca existiu, o que eu quero é uma resposta e nada mais. Se quiser me impedir de falar com ele, estará em seu direito e posso ir embora. — Não era isso o que eu queria, já que tinha vindo até aqui quero ir até o fim, mas também não vou fazer promessas a ela.

— Jamais impediria algo do tipo, não sei que tipo de pessoa acha que eu sou, mas posso ter uma ideia da sua opinião sobre mim. Como eu disse, foi apenas um pedido, a escolha sobre como se portar nesse encontro é sua. — Sua resposta me surpreendeu, não que a achasse o pior ser humano ou algo do tipo, simplesmente não a conheço e fico surpresa com sua atitude. — Bem, Helô, vai te levar até o quarto, César está te esperando, garanto que não serão interrompidos. — Nossa, que rápido!

— Ele já sabe que estou aqui? — Tento não transparecer o meu nervosismo, mas não tenho certeza se deu certo.

— Sim, minha filha não é muito sutil, César não foi o único que ela surpreendeu — Helena olha para a filha, não com recriminação ou raiva, mas com amor e uma cumplicidade que se adquire apenas com a convivência, o respeito mútuo e o amor incondicional, três coisas que nunca tive com minha mãe.

— Não tinha muito tempo, mãe, ficar enrolando não é comigo, sabe disso, além disso quis aproveitar que os dois estavam juntos, assim contava uma única vez. Me achei bem coerente indo direto ao ponto.

— Claro, pedir para seu pai não ter um treco e em seguida avisar que a

filha mais velha que ele não vê há vinte anos, veio vê-lo. Falar tudo isso sem nem um tipo de preparo antes é ser bem coerente. — Troco um olhar de entendimento com Gaspar, sem precisar usar palavras, sei perfeitamente o que está passando pela sua cabeça, a semelhança do comportamento de Heloise com o meu quando tinha sua idade.

— Olhando por esse ponto de vista, acho que fui direta demais, mas já passou, prometo que não faço mais.

— Vou fingir que acredito, melhor irem de uma vez, César deve estar muito ansioso, ele já estava bastante quando saímos de lá, agora então.

— Tudo bem, vamos logo com isso. — Solto a mão que é como minha âncora, ele me beija de modo suave.

— Se precisar de qualquer coisa aperta a campainha que fica do lado direito da cama dele, vou ficar aqui com o Gaspar, tudo bem? — Mael fala com sua tranquilizadora voz de médico e isso me deixa um pouco apreensiva.

— Obrigada, vamos! — Heloise assente e nós duas seguimos por um corredor que levava aos quartos.

Em pouco minutos estamos diante de uma porta como todas as outras, branca, provavelmente de madeira, mas que causava um rebuliço dentro de mim.

— É aqui, se quiser posso entrar primeiro, falar que chegou. — Me esforço bastante para conseguir pronunciar um "tudo bem", Heloise entra e fico esperando segundos que parecem horas, enquanto isso tento controlar minha respiração.

Finamente ela abre a porta do quarto, me dando passagem para entrar, o quarto era individual, uma suíte com toda privacidade e conforto, ainda assim um quarto de hospital, esse foi meu primeiro olhar, não conseguir olhar em direção a cama de imediato, mas quando por fim decido encarar meu passado, me deparo com um rosto familiar, porém bem mais velho, mais cansado e mais magro do que me lembrava. Milhares de coisas passam pela minha cabeça, memórias felizes, outras nem tão felizes assim, sentimentos me invadem mágoa, raiva, decepção, tristeza por esse encontro estar acontecendo nessas circunstâncias. Tudo parecia surgir dentro de mim como ondas, uma seguida da outra, sem me dá tempo para respirar.

— Se tornou uma linda mulher. — Falar por fim, depois de um tempo me encarando. Sua voz diferente de sua aparência, continuava firme e forte exatamente como me lembrava.

Percebo que fomos deixados a sós, nem percebi quando Heloise saiu, volto a encará-lo, o silêncio se propaga pelo quarto. Vejo em seu olhar que estava fixo em mim, um misto de emoções, admiração, orgulho e um desejo velado por uma fala, não se dependesse de mim, foi a filha dele que me procurou, então acredito que seja ele quem deve começar, de qualquer modo mesmo que eu quisesse começar, não encontro palavras para isso.

— Desculpe te encarar dessa forma, mas acho que estou meio sem acreditar que esteja realmente aqui. Por que não se senta?

— Estou bem em pé e sobre estar aqui, acredite em mim quando digo que é tão surreal para mim, como é para você. — Falo depois de um tempo, enquanto caminho em direção a uma janela que está entreaberta, precisava respirar um pouco de ar. Respiro profundamente e me volto em sua direção em seguida. — Sei que não está bem de saúde, então acho melhor irmos direto ao ponto, sem muitos rodeios. — Tinha uma coisa me incomodando muito desde que tinha pesquisado sobre a doença dele e acho que o melhor é perguntar logo, antes de ir para a pergunta principal, a que me faria virar aquela página da minha vida e seguir em frente. Compreendo seu silêncio como uma confirmação para continuar. — Mandou a sua filha atrás de mim, por que posso ser sua chance de cura? Uma possível doadora? — Algumas coisas são impossíveis de se esconder, mesmo que a pessoa seja um ótimo ator, reações imediatas era uma delas. Primeiro, ele pareceu confuso com minha pergunta, depois magoado e por último resignado, sim, consegui perceber tudo isso, morando tanto tempo sozinha fiquei muito boa em ler as pessoas. César parecia estar decidindo o que dizer, se acomoda na cama, resolvo esperar por sua resposta e ela não demora a chegar.

— Isso seria impossível, mesmo você sendo compatível comigo, nunca poderia ser doadora, nem de mim ou de qualquer outra pessoa — O quê? Mas do que ele estava falando? Percebendo minha confusão ele continua. — Quando tinha cinco anos, você teve hepatite C, o que torna inviável que você seja qualquer tipo de doadora. — Como assim, nunca soube disso, ninguém nunca me disse.

— Não sabia, vovó Clara e tia Liliana nunca me falaram.

— Elas não sabem, não que seja algum segredo, mas você era muito pequena e bem os problemas entre mim e sua mãe começaram naquela época. — Não tenho muitas memórias da minha primeira infância e início da segunda, minhas maiores recordações são a partir dos oito anos, antes disso

são apenas borrões. Me sinto um pouco envergonhada neste momento. — Sobre sua irmã ter ido procurar você, tive conhecimento dessa visita há alguns dias, ela me contou o que houve entre vocês, peço desculpas pela impetuosidade dela. Não vou mentir para você, ela foi a sua procura com o intuito de te convencer a vir até aqui, para fazermos as pazes e você fazer os exames para saber se éramos compatíveis. Tivemos uma conversa longa sobre o assunto. — Ele sorri parecendo ter lembrado de algo. — Agora que esclarecemos esse assunto, podemos focar em nós dois. — O modo como ele fala, como se o fato dele saber que eu não posso ser a doadora, resolveria tudo me irrita.

— Não existe nós dois, César, me desculpa, mas não vim até aqui para fingir que esses vinte anos não existiram. Sei que está gravemente doente e eu sinto muito, de verdade, lamento por isso estar acontecendo com você e com a sua família, mas não posso simplesmente esquecer.

— Eu sei, principalmente, depois de tudo o que a Clarissa fez, depois do divórcio. Nunca quis te magoar, fiz planos que não chegaram nem perto de acontecer.

— Você sabia? Sabia que ela me culpava pelo fim do casamento de vocês, sabia que ela me falava pelo menos uma vez por dia, que tudo o que deu errado na vida dela aconteceu depois do meu nascimento, que ela me lembrava todos os dias que você me abandonou porque não me amava. Você sabia de tudo isso e mesmo assim me deixou sozinha com ela? Eu tinha apenas oito anos e quando você foi embora me dizendo que sempre seria meu pai, não importasse o que acontecesse, acreditei em você e esperei durante anos por você, essa era a única coisa na qual eu me agarrava — à medida que as palavras saiam, partes doloridas da minha alma iam junto com elas. — Agora você me diz que não queria me magoar, que tinha planos que não se concretizaram. Enquanto passei parte da minha infância e adolescência me perguntando, o que eu havia feito de tão errado, para que você deixasse de me amar. — Em nenhum momento ele me interrompe, apenas me encara fixamente ouvindo atentamente cada uma das minhas palavras. — Faz alguma ideia de como me senti, quando finalmente percebi que você não voltaria mais? Quando me convenci de que ela estava certa, todo aquele tempo? Quando soube que havia se casado novamente e mais uma vez ela me culpou? Ou quando recebi a notícia de que eu tinha uma irmã? Todas essas coisas foram arrancadas de mim e fui culpabilizada por todas elas. — Falei

sem parar para respirar, quando finalmente dou uma pausa e o encaro sua cabeça está baixa. Talvez por vergonha, talvez seja arrependimento, ou ele simplesmente não consiga me encarar. Sinceramente, não sei, estou mais preocupada em ser honesta com meus próprios sentimentos no momento. Ele volta a erguer a cabeça.

— Não foi como Clarissa disse. Acredite em mim. — Como se eu já não soubesse disso, convivi com aquela mulher por quinze anos, ninguém sabe melhor do que eu como ela era.

— Você acha que não sei disso? A questão aqui é: por que você não fez nada? Por que me deixou sozinha com ela? À mercê das loucuras de uma mulher desequilibrada. Por que me abandonou? — A essa altura as lágrimas já tinham inundado minha face.

— Não abandonei você, meu erro foi ter desistido de você, sei que parece ser a mesma coisa, mas não é — respirando profundamente, ele continua. — Antes mesmo de nos divorciarmos, procurei um advogado, queria saber quais as minhas chances, caso entrasse com pedido da sua guarda. Clarissa sempre me chantageava, dizendo que nunca mais teria contato com você caso pedisse o litigioso, suportei até onde pude, mas o ciúme doentio de Clarissa quase me fez perder o emprego, nossa situação ficou insustentável, então entrei com o pedido no litigioso e saí de casa. Semanas depois que os papéis da nossa separação foram assinados, foi acordado em juízo que poderia te ver a cada quinze dias, tentei entrar em um acordo amigável com Clarissa, ofereci uma pensão maior, só que ela nunca foi razoável, não iria começar agora, por ela nunca mais nos veríamos. — Não duvido nada disso, queria dizer que ele deveria ter entrado com o pedia de guarda, que deveria ter me tirado dela, mas decido esperar, ele ainda não havia terminado de falar. — Ainda conseguir ter o direito de te ver, no meu primeiro dia de visita — lembrava daquele dia, foi quando ele me prometeu que nunca deixaria de ser meu pai, foi o dia que ele disse que sempre estaria ao meu lado, continuo ouvindo. — Foi naquela época que conheci Helena, ela tinha ido para Blumenau a trabalho, nos tornamos amigos, fiquei encantado por ela, mas minha vida já tinha complicações demais, então por um bom tempo fomos apenas amigos. Mas o destino por não gostar muito de mim, Clarissa me viu com Helena, em uma noite que fomos jantar juntos, o encontro não foi nada fácil, ela fez um escândalo, tentei mediar a situação, mas não consegui, Clarissa disse que pagaria por tê-la trocado por outra

mulher, tentei explicar que éramos apenas amigos, mas ela não me ouviu e como prometido paguei muito caro. — Conforme ele ia narrando a história, parecia estar vivenciando-a novamente. — Quando fui visitá-la novamente, alguns dias depois do escândalo, você não estava em casa, Clarissa tinha te levado para passar o final de semana na casa da sua avó Clara, no dia de ficarmos juntos e mais uma vez brigamos, só que dessa vez foi bem pior, ela me levou ao limite, perdi meu controle por poucos segundos... — fico alarmada, nunca soube disso.

— Bateu nela? — Pergunto interrompendo-o.

— Não, claro que não, por pior que ela fosse jamais faria algo assim. Segurei o braço dela com muita força, mais do que deveria e esse foi o meu primeiro grande erro. Uma das vizinhas ouviu nossa discussão, Clarissa continuou me provocando, soltei o braço dela antes de fazer alguma besteira, mas ela continuou gritando, depois me estapeou e para me ver livre da situação fui embora, decidido a entrar com o pedido de guarda. — Ele passa as mãos pelos cabelos e continua. — Não consegui nem agilizar os trâmites, naquele mesmo dia policiais foram até o meu apartamento e me prenderam, fui acusado de violência doméstica, passei quase quarenta e oito horas preso, até meu advogado pagar minha fiança e me liberar. Mas não foi só isso, Clarissa entrou com uma medida protetiva contra mim, não podia me aproximar dela ou de você, quinhentos metros era a distância limite, fui proibido de te ver, tentei recorrer na justiça diversas vezes, fui levado ao meu limite, acabei perdendo uma conta importante e fui demitido da agência, depois de perder meu emprego, perdi também minhas esperanças. Mas ainda tinha você, às vezes ia até sua escola e ficava te vendo de longe, esse foi meu segundo erro, uma das mães dos alunos me viu, como ela não me conhecia, informou a direção da escola que tinha um homem estranho rondando a escola e fui preso novamente, dessa vez quase não saio, Clarissa ajudou muito a me manter trancafiado, tive que gastar todas as minhas economias para sair da prisão. — Soltando mais uma respiração, ele se acomoda melhor na cama, parecia muito cansado.

— Você está bem? Quer que eu chame um médico? — Estava atordoada com tudo o que ele estava me contando, minha cabeça estava dando voltas e estava preocupada com ele, não estava sendo fácil reviver tudo aquilo.

— Estou bem, já cheguei até aqui, quero terminar. Devo isso a você,

quero que entenda, o que fiz não justifica meu sumiço da sua vida, mas existe um motivo e você tem que saber. — Ele faz uma pausa e continua. — Depois desse incidente, as coisas só pioraram, estava sem dinheiro, sem emprego e sem motivação para continuar, então, Helena surgiu novamente no meu caminho, como uma luz no final do túnel. Sua amizade, tranquilidade, carinho e amor me arrancaram do fundo do poço e ficamos juntos. Quando Clarissa descobriu, ela veio atrás de mim, dessa vez fiz o possível para me conter, mas quando ela disse que você me odiava e que não queria mais me ver, que nem sequer perguntava mais por mim e se dependesse dela você continuaria a me desprezar, perdi o controle novamente. — Vem na minha mente, uma tarde fria em Blumenau, minha mãe me levou até uma praça, lembro de ter visto meu pai, com uma linda mulher e lembro das palavras da minha mãe *"Viu, te falei que seu amado pai já esqueceu de você, tem até uma nova esposa, logo terá outros filhos, por isso que ele nunca mais veio te ver"* aquela lembrança me atormentou durante anos. — Helena chegou no meio da briga e evitou que acontecesse o pior. Depois desse encontro, recebi uma proposta de emprego em Florianópolis, conversei com Helena e decidi recomeçar. Fui embora, olhando para trás e deixando um pedaço de mim. Helena me convenceu a entrar com um novo pedido para voltar a ter o direito de vê-la, acompanhei todo o processo daqui mesmo, mas ele foi negado e os outros dois também. Então, Heloise veio e coloriu um pouco minha vida, queria tanto que conhecesse sua irmãzinha, que fiz mais uma tentativa e essa foi a última, decidi não envolver a justiça, mesmo com a insistência de Helena, para que eu falasse com os advogados antes, deveria ter ouvido ela, mas não ouvi. Procurei Clarissa, tentei conversar com ela, convencê-la a deixar que você conhecesse sua irmã e mais uma vez as coisas saíram do controle, então, simplesmente parei de tentar, esse foi meu terceiro e o maior dos erros que cometi. O tempo foi passando, seus aniversários também, quando Clarissa morreu, fui até o enterro, vi você com sua avó e com a Liliana, não tive coragem de me aproximar, tive medo da sua rejeição, achei que depois de tantos anos não tinha mais esse direito, tinha certeza que me odiava e não suportaria ouvir isso de você, então segui em frente. Foi isso que aconteceu, no final das contas, acredito que foi minha fraqueza que nos separou e não a Clarissa, mesmo que ela tenha uma parcela de culpa. — Respirando profundamente, ele se recosta no apoio da cama e ficamos olhando um para o outro, mergulhados no silêncio infinito daquele momento.

Minha cabeça estava uma bagunça, minhas emoções também, tudo em mim parecia me sufocar. Sabia do desequilíbrio da minha mãe, só nunca imaginei que ela tivesse ido tão longe. Ele tinha razão, foram suas fraquezas que nos separaram, não apenas a minha mãe.

Capítulo 27

Alyssa

— Faz quase cinco minutos que estamos em silêncio, me pergunto o que está se passando pela sua cabeça e desejando que fale algo. — Encaro-o sem ter a mínima noção do que ele quer que eu fale, todas as coisas que ele disse há pouco me deixaram ainda mais confusa.

— Não sei o que quer que eu fale.

— Tudo o que desejo é seu perdão, mesmo sabendo que talvez não seja possível e que não o mereço, ainda assim peço que me perdoe. — Volto a olhar pela janela, o tempo ficou nublado de repente, não era comum nessa época do ano. Ele me pede perdão, mas tudo que foi falado é tão difícil de assimilar.

— Não sei se consigo — digo sem olhar para ele. — Nunca te culpei por ter ido embora, também teria ido, o ciúme excessivo, o desequilíbrio e as explosões, suportou por muito tempo tudo aquilo. Também tive que suportar. A diferença é que eu era apenas uma criança. — As primeiras gotas de chuva começam a cair timidamente, algumas caem no vidro da janela. — Entendo tudo o que ela causou a você, mas o seu abandono doeu de uma forma que é difícil colocar em palavras, esse foi o sentimento com o qual tive que conviver minha vida toda. — Não se apaga da mente algo assim da noite para o dia, independente de tudo o que o acabou de me dizer. — Viro-me voltando minha atenção para ele. — Talvez com o tempo, depois de conseguir assimilar toda essa história, mas neste momento não consigo. — Ele assente parecendo resignado.

Ficamos em silêncio, César desvia sua atenção de mim, fixando o olhar na jarra de água a sua frente, como se ela fosse o objeto mais fascinante que existe. Talvez essa seja minha deixa, já falamos tudo o que precisávamos um para outro, não tinha a necessidade de permanecer por mais tempo naquele

quarto. Mesmo tendo cometido tantos erros comigo, ele foi um bom pai, ainda tenho algumas lembranças vagas, mas que ainda são presentes em minha memória, como sua voz profunda e ritmada lendo o Pequeno Príncipe para mim, o modo carinhoso como me ajudava na lição de casa, até mesmo suas broncas.

Memórias que foram aos poucos se perdendo com o passar dos anos, mas que mesmo assim se fechar meus olhos e pensar nele, em sua presença, ainda consigo reencontrá-las. Partia meu coração vê-lo nessa cama de hospital, só Deus sabe o quanto lamento por ele está assim, se estivesse em condições de ser sua doadora, eu seria, não pensaria nem duas vezes, independentemente de qualquer coisa, ele é meu pai.

Desencosto do assoalho da janela, era hora de voltar para casa, me permitir um tempo de solidão, pensar em tudo o que foi falado.

— Preciso ir e você precisa descansar. Sinto muito que está tão doente, de verdade, desejo melhoras. — Tento transparecer para ele um distanciamento que não sentia dentro de mim, mas que me parecia ser necessário, para mim era uma proteção.

— Obrigada, também sinto muito. — Não era da doença que estava falando.

— Melhor eu ir, Gaspar está me esperando, nem sei quanto tempo faz que estou aqui.

— Alguém especial? — Não que ele tivesse o direito de saber, mas quis dizer.

— Meu namorado, ele veio comigo. — César abre um sorriso, nem sei por que, mas sorrir e me sinto um pouco tímida, timidez nunca combinou comigo, mas era assim que estava me sentindo.

— Está apaixonada?! – Era mais uma afirmação do que uma pergunta e de algum modo mesmo sem saber, porque, me vejo respondendo.

— Sim, estou, na verdade é mais do que paixão, é amor. — Seu sorriso se amplia.

— Fico muito feliz por você, amar é muito bom e nos faz sentir vivos. Ele também te ama? — Quando termina de perguntar, parece perceber que passou dos limites, afinal de contas minha vida não lhe diz respeito. — Desculpe, não quis ser invasivo. — A verdade era que sua pergunta não tinha me chateado, o que me surpreendeu.

— Tudo bem, minha vida não é um segrede de estado, mas minha

relação com Gaspar é um pouco complicada, às vezes acho que ele me ama, mas às vezes... Parece ser delírio da minha cabeça, a verdade é que a única certeza que tenho é do que sinto por ele, mas nos gostamos e respeitamos muito. — Nem sei por que estava despejando tudo aqui, era como se o César despertasse em mim uma necessidade de desabafar, isso só acontecia comigo quando estava com minha avó ou minha tia, isso me deixa um pouco confusa. — Enfim, nem sei por que disse tudo isso, melhor eu ir, você precisa descansar. — Já estava próxima à porta quando César me chama.

— Alyssa! — Volto novamente minha atenção para ele. — Antes de ir, posso te dar um conselho? Não como pai, perdi esse direito há muito tempo, mas como alguém que viveu um pouco mais do que você, e que já passou por muitas coisas nessa vida. — Confirmo movendo minha cabeça com movimentos mecânicos. — Não conheço seu namorado, nem sei como vocês dois são quando estão juntos, ou conheço a história de vocês, mas não aceite menos do que merece, um relacionamento onde não existe amor mútuo, não é uma relação, é viver uma ilusão e no final alguém sempre acaba se magoando por esperar demais da outra pessoa. Você é uma mulher maravilhosa, merece mais do que isso. — Fico sem saber o que responder, fico apenas ali parada olhando para ele.

— Obrigada! — É a única resposta que me passa pela mente e que consigo verbalizar. — Se cuida, César, espero que consiga um doador e que fique bom logo.

— Também espero, obrigado por ter vindo. Espero que um dia possa me perdoar.

— Eu também. Tchau. — Me viro e vou embora, saio do quarto o mais rápido que consigo, ele pareceu estar vendo através de mim quando disse todas aquelas coisas e isso me assustou, de um modo que nem consigo descrever.

Fecho a porta atrás de mim, começo a caminhar pelo corredor, tentando reorganizar meus pensamentos, para conseguir compreender com mais clareza a conversa que acabei de ter. Encosto-me em uma das paredes, enquanto tento sem sucesso controlar minhas lágrimas, fecho meus olhos, respiro fundo, contando cada respiração e ao poucos vou me acalmando. Nunca fui de ficar choramingando pelos cantos, chorar é bom para aliviar a carga, mas não resolve os problemas. Respiro profundamente uma última vez, enxugo minhas lágrimas o melhor que consigo e volto a caminhar em

direção à recepção.

Sempre suspeitei de que tinha um dedo da minha mãe no desaparecimento do César, uma pessoa não desaparece repentinamente da vida de alguém que diz amar, talvez tenha sido por esse motivo que não fiquei tão chocada com tudo o que foi dito, mesmo suspeitando, nunca imaginei que as coisas tivessem acontecido desse modo. Precisava ficar sozinha para refletir, ouvir meus pensamentos e chorar. Retomo o caminho até a recepção, assim que chego, quatro pares de olhos se voltam em minha direção, Helena é a primeira a se aproximar, esquecendo qualquer cerimônia.

— Fui tudo bem? Como o César está? — Estava bem claro como amava o César, assim como sua preocupação com ele, pelo pouco que pude perceber com relação ao relacionamento dos dois, ambos se amam e se respeitam muito, uma relação sólida e muito bonita.

— Entre mortos e feridos, salvaram-se todos — Helena parece não ter achado graça no meu comentário, já Gaspar e Mael parecem tentar disfarçar um sorriso, os dois me conhecem bem e sabem que o uso do meu sarcasmo habitual em momentos inoportunos, acontece quando estou desconfortável. — Desculpe pela brincadeira inoportuna, tenho o mau hábito de usar o humor para camuflar meu desconforto, mas quando saí do quarto, ele estava bem. — Ela assente e não comenta.

— Acho melhor ir vê-lo, obrigada por ter vindo, Alyssa, significou muito para César ter essa conversa com você.

— Não precisa agradecer, Helena, para mim foi importante também e esclarecedor.

— Fico feliz, bem, melhor ir logo. Boa viagem de volta.

— Obrigada. — Agradeço, enquanto ela já seguia em direção ao corredor, sua pressa não disfarçada me fazia pensar em como o amor é estranho e ao mesmo tempo encantadoramente fascinante, César pensou ter encontrado o amor na mulher que viria a ser minha mãe, se decepcionou, passou pelo inferno e foi resgatado do lar pela mulher que hoje é mais do que sua esposa, a vida é um mistério.

Apenas quando Helena desaparece de vista percebo que Gaspar está bem ao meu lado, próximo a ele estavam Heloise e Mael.

— Você está bem? — Gaspar pergunta ao se aproximar de mim, acariciando meu rosto, beijo sua mão.

— Vou ficar, não foi uma conversa fácil, para nem um de nós dois. —

Volto-me para Mael. — Você estava certo, apesar de todos os erros que ele cometeu, César é um bom homem. — Sua expressão, sempre descontraída, tinha dado lugar a seriedade.

— Assim como você é uma mulher maravilhosa e boa, vocês têm muito em comum, Lys.

— Talvez tenha razão. — Assim que termino de falar, seu celular alarma.

— Uma emergência com um dos meus pacientes — fala olhando rapidamente para o pequeno aparelho. — Preciso ir, vão ficar na cidade? — Heloise que estava ao seu lado me olhava atentamente, não tinha dito nada ainda.

— Não vou ficar, tenho compromisso na ONG amanhã e ensaio com o quinteto.

— Tudo bem, então quando eu voltar conversamos melhor, pode ser?

— Claro. — Mael se despede do irmão, cumprimenta Heloise de modo discreto e me dá um beijo de despedida, antes de seguir em direção aos elevadores. Sinto seus dedos longos e fortes se entrelaçarem aos meus, quando encaro Gaspar penso nas coisas que o César falou, depois do dia que conversamos na praça e decidimos nos dar uma chance, nunca mais falamos abertamente sobre nossos sentimentos, isso me incomoda, não tinha percebido o quanto até agora.

— Vocês se acertaram? — Volto ao presente com a pergunta feita por Heloise, encaro-a, o motivo do seu silêncio fica claro para mim, ela me parece ansiosa por uma resposta.

— Digamos que conseguimos esclarecer algumas coisas que estavam pendentes entre nós. — Seu olhar brilha com minhas respostas e um sorriso sutil se forma em seus lábios.

— Então, se reconciliaram? Nossa, isso é muito bom, tenho certeza que todos nós vamos conseguir superar tudo isso e... — Sua fala apressada me deixa um pouco zonza, mas o melhor a ser feito é desfazer logo o mal-entendido.

— Heloise — interrompo — minha conversa com o César foi bem difícil, nos ajudou sim a pontuar algumas coisas e compreender melhor tudo o que havia acontecido, mas perdão é algo que deve ser feito com o coração e isso não se constrói da noite para o dia, preciso de tempo para refletir sobre o que conversamos. Talvez com o tempo eu consiga, mas neste momento não é

possível.

— Entendo, espero que vocês dois consigam superar tudo isso. — Tinha certeza de que ela queria falar muito mais e que estava se esforçando muito para se conter. — Acho melhor ir vê-lo, ficar um pouco com ele, os dias bons nem sempre são frequentes. — Sua fala me fez lembrar da Duda, os dias bons com o tempo vão se tornando menos frequentes.

— Heloise — chamo-a antes que pudesse ir embora. — Se não for incômodo, gostaria muito que me mantivesse informada do estado de saúde do César. Não sei quando vou conseguir vir. — Ela me encara surpresa.

— Pretende voltar a vê-lo? — A verdade é que gostaria muito de vir visitá-lo, mas para isso precisava resolver minhas mágoas primeiro, encontrar um modo de perdoá-lo e seguir em frente, não serviria de nada estar aqui, presa no passado e na dor que sentia por tudo o que foi arrancado de mim.

— Como disse, não sei quando vou conseguir vir de novo. Poderia me manter informada? — Se ela disser não, pediria ao Mael, obviamente se fosse ela seria bem melhor, já que Mael tem outros pacientes e sempre está ocupado, mas sabia que se eu pedisse ele faria isso por mim.

— Claro que sim, posso te ligar toda semana, se quiser. — Tinha certo constrangimento ou timidez em sua fala, não consegui identificar com exatidão.

— Seria ótimo, muito obrigada, Heloise.

— Poderia me chamar de Helô? É que todas as vezes que você falar meu nome, imagino minha mãe me dando uma bronca, quando aprontava na escola. — Diz sorrindo.

— Tudo bem, mas só se me chamar de Lys, quando me chamam de Alyssa, também me recordo das broncas que recebia na infância e adolescência, na verdade vovó Clara ainda me chama assim quando está brava e tia Liliana é do mesmo jeito. — Ela sorri e dou de ombros, era a mais pura verdade.

— Por mim tudo bem. Te mantenho informada.

— Obrigada. — Depois que nos despedimos, de modo menos formal do que da última vez, ela segue pelo corredor que levava aos quartos, enquanto eu e Gaspar nos dirigimos aos elevadores.

A conversa foi difícil, mas achei que seria pior, no fim das contas acho que foi esclarecedor, tinha muitas coisas para pensar, precisava apenas do meu apartamento e um pouco de solidão.

Entramos em silêncio no elevador, queria que ela se abrisse comigo, quando perguntei como ela estava e sua resposta foi um simples "Vou ficar bem", algo me dizia que não era assim que estava se sentindo.

— Pode me deixar na rodoviária que pego um ônibus para Blumenau. — Romper o silêncio com um comentário desse não é um bom sinal. Viemos juntos e vamos juntos.

— Do que está falando? — Pergunto ficando na sua frente. — Se viemos juntos vamos voltar juntos.

— É que você disse, que tinha umas coisas para resolver no restaurante, não vejo problema em voltar de ônibus. — Tinha mais alguma coisa, a conheço muito bem, algo a estava incomodando. — E também, preciso ficar um pouco sozinha, digerir a conversa que tive com o César, entender o que estou sentindo. A solidão vai me ajudar. — Era normal ela se isolar um pouco para refletir, mesmo assim, continuo achando que tem algo mais.

O alarme do elevador soa, anunciando que chegamos ao térreo, Lys sai primeiro, vou logo atrás, ela estava um passo a minha frente, seguro sua mão, dou um puxão de leve para que parasse e se voltasse para mim, ficamos nos encarando no meio da recepção do hospital e não estava me importando nem um pouco.

— Primeiro, não vou deixar você voltar sozinha de ônibus, segundo, as coisas que tenho para resolver, Henrique pode resolver para mim e terceiro, pode ficar sozinha com seus pensamentos quando estiver em casa. Tudo bem? — Ela faz que sim, com um movimento lento de cabeça. — Ótimo, então melhor irmos, assim chegamos cedo e vou dá um beijo na Isa, antes de ir para o restaurante. — Entrelaço meus dedos aos dela, adorava suas mãos,

saímos do hospital e caminhamos até o estacionamento onde tinha deixado o carro.

— Não queria que ficasse chateado, achei apenas que como tinha trabalho aqui, ficaria um pouco mais para resolver tudo. — Lys fala assim que pegamos a 101.

— Acha que estou chateado? — Pergunto sem desviar minha atenção da estrada.

— Não está?

— Não, estou apenas respeitando seu silêncio.

Mesmo estando dirigindo sinto seu olhar sobre mim, e podia apostar qualquer coisa, que Lys estava me encarando com aquele ar desconfiado, que só ela sabia fazer. Nossa intimidade não nos permitia omitir coisas um do outro.

— Mas...? — Questiona como sempre previsível.

— Desde que saiu daquele quarto de hospital, não disse quase nada do que aconteceu, a não ser respostas monossilábicas. Também acho que tem mais alguma coisa te incomodando, fora a conversa que teve com seu pai. — Olho rapidamente para ela e percebo que estou certo, era óbvio que ficou surpresa com meu comentário. — Mas falar ou não sobre o que está te incomodando é uma escolha sua, não vou forçar a barra, por isso estou respeitando seu espaço. — Percebo quando se movimenta, ajeitando sua postura para ficar de frente, se ajustando ao assento. — Foi algo em particular que ele te disse? — Não resisto e acabo perguntando.

— Tudo o que ele me disse fez uma bagunça na minha cabeça. Principalmente com relação a Clarissa, ela mentiu para mim, me manipulou e eu era apenas uma criança. — Pelo canto do olho vejo quando olha para fora da janela, acompanhando o que ia ficando para trás enquanto seguíamos em frente. — Me fez achar que meu próprio pai não me amava mais. Que tipo de mãe faz a própria filha achar que não é amada? Como alguém faz algo assim? — Duas perguntas difíceis, as respostas para ambas me parecem impossíveis.

— Não saberia como te responder, as duas perguntas me parecem um tanto absurdas.

— Eu sei, você teve o amor incondicional da Lívia, sem mencionar o Ettore, eles são incríveis e fizeram um trabalho incrível com Samara, Mael e você. — Como sempre, ela estava certa, era difícil para mim ter uma compreensão clara pelo que estava passando, para mim esse tipo de coisa era

surreal, tive exemplos maravilhosos em casa, meus pais são minha referência.

Vejo uma brecha no acostamento e estaciono, assim que desligo o motor ela me encara sem entender, solto seu cinto de segurança e a puxo para sentar no meu colo, envolvo sua cintura, adorava as curvas do seu corpo, ela envolve meu pescoço e nos abraçamos. Ficamos um instante assim, inalo seu cheiro, o aroma de Lys, adorava aquele perfume que era só dela. Nos afastamos desfazendo o abraço, beijo seus lábios me esforçando para não aprofundar muito, tiro uma mecha do seu cabelo do rosto.

— Sempre vai poder contar comigo, estarei ao seu lado, nunca vou te deixar, não importa o que aconteça. — Ela sorri e com uma das mãos acaricia meu rosto.

— Sempre e nunca tem o mesmo significado e é muito tempo, não pode prometer algo que talvez não possa cumprir e sejamos honestos nosso relacionamento é indefinido demais, para você fazer esse tipo de promessa. — O que ela fala me deixa confuso, como assim "indefinido demais", para mim nossa relação era muito bem definida, assim como a importância dela na minha vida.

— Do que está falando? Estamos juntos, mais do que isso, somos namorados e sabe que daqui a um tempo quero mais, quero dividir minha vida com você. — Queria casar com ela, não agora, mas daqui a algum tempo, às vezes sentia como se estivéssemos juntos há anos, talvez fosse por isso que quero esperar pelo momento certo.

Ela me beija, dessa vez aprofundamos o beijo, ou melhor, Lys aprofunda, era seu modo de dizer que não queria falar sobre o assunto agora. Barulho de buzinas soam, quando nos separamos e olho pelo retrovisor, vejo um pequeno engarrafamento.

— Acho melhor voltarmos para a estrada ou não chegaremos hoje em casa. — Ela assente, dou um beijo na ponta do seu nariz, ela sai do meu colo e volta para o assento do carona.

O restante da viagem foi tranquila, sabia que precisávamos continuar aquela conversa, precisávamos esclarecer algumas coisas, mas tínhamos tempo para fazer isso. Chegamos a Blumenau quarenta minutos depois, sigo em direção à casa da minha irmã, queria dar um beijo na minha pimentinha antes de ir em casa tomar um banho para ir trabalhar, hoje o restaurante estaria uma loucura, mais do que o normal.

— Poderia me deixar no meu apartamento? — Ela pede assim que paro

no primeiro sinal vermelho, a encaro tentando entender. — Acho melhor hoje ficar em casa.

— Vou trabalhar a noite toda, algumas mesas foram reservadas para um noivado, Isa vai dormir na casa da Samara, vai ficar com o apartamento todo para você, sozinha com seus pensamentos, a não ser pela Lika, é claro, mas acho que ela não vai te atrapalhar em nada.

— Tenho certeza de que ela se comportaria muito bem, o problema é que preciso ficar no silêncio da minha casa, com minhas coisas. Entende? — Claro que compreendo, mas não gosto.

— Ok! Te deixo lá, antes de passar na Samara. — Talvez fosse infantilidade minha, mas queria chegar hoje de madrugada do trabalho e encontrá-la enrolada entre os lençóis da minha cama e amanhã acordar com ela ao meu lado. Mas também não iria insistir, mesmo querendo que ela ficasse comigo.

— Obrigada! — O tom da sua voz me faz perceber que ela talvez quisesse falar, mas estava se contendo. Decido respeitar sua escolha.

Não demoramos muito e logo chegamos ao pequeno edifício, Lys solta o cinto de segurança, se aproxima e me beija, retribuo prontamente, não quero que fique pensando que fiquei incomodado ou chateado, por ter preferido ficar em seu apartamento. Nos afastamos um pouco, ela encosta sua testa na minha, respira profundamente.

— Nos vemos amanhã? — Pergunto incerto.

— Claro, chego cedinho com o café da manhã — suspeito muito desse seu talento para um café da manhã completo, meus sentimentos por ela não me deixou cego para sua total falta de talento na cozinha. — Não me olha com essa cara, posso muito bem passar na padaria do Tito e pego um café da manhã completo. Poderia pelo menos se esforçar um pouquinho e me dar algum crédito? — Nem tento conter minha risada, Lys é a mulher mais encantadoramente desconcertante que já conheci. Quando consigo me controlar, nos beijamos, um longo beijo, adoro seus lábios, nos afastamos, dou um último beijo de leve.

— Ligo mais tarde. — Ela assente, me dá mais um beijo de leve, antes de sair do carro.

Fico observando enquanto ela caminha em direção ao prédio, me preocupo com ela, esse seu jeito meio maluquinho é uma camuflagem para sua fragilidade, nossa proximidade nos últimos anos e nosso recente

relacionamento me mostraram isso com muita clareza. Assim que chega à porta, ela se vira acena um tchau bem teatral com direito a um beijo soprado, aceno de volta sem o beijo e ela entra sorrindo. Coloco o carro em movimento, impossível não me preocupar, tenho certeza que a cabeça dela está dando voltas, mesmo que ela tente demonstrar que está bem, sei que não está, sigo meu caminho deixando meus pensamentos. Estava morrendo de saudade da minha pimentinha, desde ontem que não a vejo, Samara foi buscá-la no colégio para que dormisse em sua casa, para Lys e eu viajarmos bem cedo, o que me deixa morrendo de vontade de apertá-la e enchê-la de beijos.

Não demora muito e estou na casa da minha irmã, a vantagem de ter toda a família morando na mesma cidade, perto um do outro é que sempre tenho babás disponíveis, dou folga para Mira e Isa ou fica com os avós ou com os tios. Já a Lika, normalmente, fica com meus pais, é mais cômodo, no final da tarde meu pai a leva para casa, coloca na área de serviço até eu chegar do trabalho. O prédio onde fica o apartamento da minha irmã é próximo do centro, que também é próximo ao Sabores, que é paralelo ao caminhar da minha casa. Assim que chego o porteiro abre a garagem, a placa do meu carro é registrada, o que me permite ter acesso livre, conhecer todos eles, também ajuda bastante.

Estaciono na vaga de visitantes, vou para o elevador e aperto o andar do apartamento da minha irmã, não deixo de pensar em como está a Lys, agora parece estranho, pensar na minha vida sem que ela esteja presente, temos que conversar sobre isso, pode parecer prematuro, mas gostaria muito que morássemos juntos, durante a semana já ficamos mais juntos do que separados. Fico sorrindo sozinho pensando na reação dela, quando propor essa minha ideia, Lys significa tanto para mim, tudo o que penso hoje de algum modo está relacionado a ela, até mesmo as decisões que tomo a respeito da Isa, sempre pergunto sua opinião.

As portas se abrem, a porta do apartamento da Samara fica bem em frente, aperto a campainha, ouço a voz da minha sobrinha gritando um "já vai" estridente, me pergunto por que adolescentes adoram gritar, espero sinceramente que Isa não pegue a doença da gritaria. Savana abre a porta e abre seu novo sorriso metálico, faz apenas um mês que colocou aparelho e ficou ainda mais linda com o novo visual, sou um tio muito babão mesmo e daí.

— Oi, chaveirinho! — Ela desfaz o sorriso e faz uma careta fofa.

— Por favor, tio, não tenho mais cinco anos, isso é constrangedor.

— Para de falar bobagem e me dá um beijo — agarro ela e dou um monte de beijos.

— Tio, está me deixando toda babada, eca... fala sério, tio... — diz com uma irritação fingida, ela estava toda metida a mocinha.

— Papiiii... — paro meu ataque de beijo quando vejo minha pimentinha correndo para mim.

— Eca... tio Gaspar, você está pior que o papai. — Savana fala se desvencilhando de mim, indo em direção à cozinha, Isa se joga nos meus braços, quase me desequilibrando.

— Que demora hein, papai! Onde estava? Fiquei com muita saudade, sabia? — Minha pimentinha, não conseguia colocar em palavras a dimensão do amor que sentia por ela, Isa era fruto de algo tão especial e maravilhoso, quando olho para ela é difícil acreditar que seja parte de mim.

— Sabia. — Respondo beijando seu pescoço. — Estava com a sua dinda, fomos visitar o pai dela que está no hospital, falamos para você, já esqueceu?

— Claro que não, papai, mas vocês demoraram muito. A dinda não veio com você?

— Ela ficou na casa dela, mas amanhã vai passar o dia com a gente. — Sua carinha confusa é muito fofa. — Estou com saudade, posso ligar? — Era bem perceptível sua ansiedade para falar com Lys.

— Pode, mas não agora, mais tarde. — Faz uma carinha de decepção.

— Tudo bem.

— E seus tios, onde estão?

— Titia está na cozinha, ela trabalhou em casa hoje — Isa puxa a manga da minha camisa e com a voz sussurrada fala — a tia pediu comida ao tio Henrique, ouvi tudo, ela disse que não era pra dizer. — Parece que minha filha não é nada boa em guardar segredos.

— Prometo que não falo nada. E o seu tio? — Pego ela no colo, algo que em breve, não conseguirei mais fazer, a cada dia fica maior.

— Ainda viajando, mas a titia disse que ele chega hoje. — Tinha esquecido completamente que Caíque tinha ido para São Paulo.

— Tudo bem, vamos comigo dá um beijo na sua tia. — Seguimos para a cozinha.

Samara estava fazendo brigadeiro de panela, a única receita na qual era realmente boa, aquele era o sabor da nossa infância. Coloco Isa no chão, ela vai logo para perto da tia.

— Já tá pronto, tia?

— Está quase, meu bem, vai chamar a Savana. — Isa sai em disparada para fora da cozinha. Antes de me sentar no balcão, vou até minha irmã e a beijo no rosto. — Achei que só ia te ver amanhã. Aconteceu alguma coisa? — Desliga o fogo e despeja o brigadeiro no prato de porcelana, em cima do balcão de mármore.

— Nada de grave, pelo menos acho que não. – Se volta para mim, enquanto termina de encher a panela suja de chocolate com água, depois se aproxima, sentando-se de frente para mim.

— Como assim?

— Ela não entrou em detalhes sobre a conversa com o pai.

— A Lys sempre te conta tudo, você não perguntou?

— Achei mais apropriado respeitar seu silêncio, além disso, se ela não falou é porque ainda não está pronta, quando estiver vai se abrir.

— Um homem cavalheiro e compreensivo, tenho muito orgulho de você, irmãozinho.

— Fico lisonjeado pelo seu orgulho — ela estava sendo irônica.

— Estava sendo irônica — que novidade. — Vocês podem ter iniciado um relacionamento há pouco tempo, mas se conhecem há anos, ninguém melhor do que você para ajudá-la neste momento.

— Não posso obrigá-la a falar, Samara, ela não está bem e precisa de tempo.

— Talvez tenha razão, além disso, seu relacionamento não me diz respeito, deve saber o que faz, melhor do que eu, pelo menos é isso o que espero, Lys é uma pessoa incrível, você é um homem maravilhoso, amo os dois e torço para que sejam muito felizes.

Antes que pudesse responder seu comentário, Isa e Savana entram na cozinha procurando pelo brigadeiro, que já estava morno, graças a frieza do mármore. O celular parecia uma extensão do corpo da minha sobrinha, não desgrudava dele um segundo, nem me lembro quando foi que ela ganhou o aparelho. Samara entrega uma colher de sobremesa para cada uma, pega mais duas fica com uma e me entrega a outra, elas começam a comer o doce pelas bordas do prato, mesmo com o prato de brigadeiro a sua frente, Savana não

larga o celular.

— Quando ganhou o celular? — Minha pergunta faz com que mãe e filha desviem sua atenção do doce e me encarem, até mesmo a Isa para com a colher na boca para prestar atenção no que vai vir a seguir.

— No mesmo dia que ganhou o primeiro sutiã. — Samara responde, entendendo perfeitamente bem por que fiz a pergunta. Savana acha engraçada a resposta da mãe e tenta segurar o sorriso, sem nenhum sucesso. — Caíque deu a ela no último aniversário, estava lá, não se lembra? — Pego um pouco do brigadeiro, estava muito gostoso mesmo.

— Claro que sim, engraçadinha, estava sendo irônico. — Devolvo seu comentário de agora há pouco.

— Isa, vamos terminar de assistir ao filme comendo brigadeiro, vem. E tio, ganhei meu primeiro sutiã antes do celular, mamãe deve ter confundido as datas. — Fala pegando o prato de brigadeiro, soltando um beijo, antes de sair sorrindo feito uma hiena, arrastando Isa com ela, me deixava aliviado que a diferença de idade entre elas, não afetasse a amizade. Olho para Samara e também está rindo.

— Isso é sério?

— Relaxa, ela é adolescente, o que esperava?

— Mais limites talvez. — Sou um cretino, Samara é uma ótima mãe, muito parecida com a nossa, ela dá para Savana a mesma liberdade de expressão que tínhamos, foi assim que construímos uma relação tão próxima com nossos pais.

— Como se tivesse algum quando tinha a idade dela. — Questiona, levantando uma das sobrancelhas. — Ficou caretão assim depois de adulto, na adolescência sempre foi divertido.

— Isso é verdade e você é uma chata. — Quando olho para o relógio na parede, já estava bem tarde. — Merda, tenho que ir, ainda tenho que passar em casa, tomar um banho antes de ir para o restaurante.

— Achei que tinha deixado o Sabores com o Henrique hoje.

— E tinha, mas hoje as coisas vão ser uma loucura por lá, muito trabalho e como não fiquei em Florianópolis como imaginei, vou trabalhar um pouco. — Levanto, já pego as chaves do carro, mas antes que pudesse me afastar, Samara me chama.

— Liga para ela mais tarde, é bom demonstrar preocupação, Lys precisa disso. — Beijo sua testa, ela gosta muito da Lys.

— Pode deixar. Te amo. — Já vou saindo em direção à porta de acesso a sala.

— Também, dá um beijo nas meninas antes de sair.

Me despeço das minhas meninas e saio. Pego o carro e vou direto para casa, preciso de um banho. Tento relaxar um pouco, meia hora embaixo da ducha ajuda muito. Quando saio do banheiro tento ligar para Lys, mas o celular dá desligado. Escolho uma roupa de trabalho, quando pego um dos meus sapatos, vejo a caixa pequena de madeira escura, todos os dias falo que vou me livrar dela, mas ainda não consegui. Fecho a porta da sapateira, termino de me trocar e saio. Mais tarde vou tentar ligar para Lys novamente, se o celular ainda estiver desligado ou ela não o atender, vou até seu apartamento.

Capítulo 28

Tento ligar pela quinta vez, sem sucesso nenhum, a mesma voz eletrônica soa do outro lado "o número para o qual você ligou encontra-se fora de área ou desligado", —Que droga! — Dou uma espiada na cozinha atrás da pequena janela de vidro do frigobar, ainda estava uma correria, quase nove horas da noite e a cozinha estava funcionando a todo vapor, sem dar o menor sinal de pausa, tento mais uma vez antes de voltar para o trabalho, mas uma vez nada.

Guardo o celular no bolso da calça e volto ao serviço, verifico os pedidos, vejo se já estão todos encaminhados e na ordem correta, a diferença entre uma cozinha amadora e uma profissional é o serviço e o modo como ele é executado, o sabor é primordial, assim como a perfeição na apresentação, foi assim que o Sabores entrou para o guia gastronômico das Estrelas Michelin brasileiro. Trabalho no automático, sem conseguir parar de pensar em Lys, ela não retorna minhas ligações, algo que não é característico dela.

— Duas bruschetta de queijo de búfala com tomates secos, dois involtini, dois tiramisù, três saladas de pera com ricota, três carbonaras clássicos à brasileira, três cannolis sicillianos e pelo amor de Deus onde estão os dois cordeiros ao molho de ameixas e os três raviólis de jaca, por que a bancada está vazia? — Henrique adorava bancar o chef. — Temos que servir, pessoal, os clientes estão esperando.

— Pensei que eu fosse o chef — provoco, já colocando os cinco pratos na bancada, limpos e prontos para servir. ——Para de histeria.

— Adoro bancar o chef, é bem divertido gritar como doido, se bem que hoje você não fez muito isso, então resolvi fazer. — Fala rindo feito um idiota. Não conversamos muito, quando cheguei ao restaurante, ele tinha ido

para uma reunião, quando chegou já foi na hora que estávamos abrindo. Ficamos de conversar no final do expediente. — Hoje esse restaurante está pegando fogo, uma verdadeira maravilha.

— Não deveria estar lá fora no seu posto, no lugar de estar aqui gritando os pedidos e bagunçando a cabeça do meu pessoal, que está trabalhando muito bem, obrigado?

— Já estou voltando, vim apenas entregar esses pedidos, os garçons estão todos ocupados, vou levar esses pratos — diz já pegando com muita habilidade os pratos sobre o balcão, o ano que passamos de garçom pela Europa foi muito válido, para nós dois. — O pessoal está correndo, vim dá uma ajudinha. Você está bem? Não tá com uma cara nada legal.

— Lys ainda não retornou minhas ligações, estou preocupado.

— Estranho, ela não é de fazer isso, a não ser...

— A não ser, o quê? Fala logo, Henrique.

— Quem é o histérico agora? Relaxa, me deixa levar esses pedidos, peço para o Romero me substituir por mais dois minutos e já volto. — Antes que pudesse protestar ou me falar qualquer coisa, ele já estava saindo pelas portas, indo em direção ao salão. Detesto quando ele me deixa falando sozinho, irritante.

— Leila, as panna cottas já estão prontas? — Pergunto à jovem responsável pela praça da sobremesa.

— Sim, chef, estou finalizando a calda para servir.

— Não esquece de reduzir bem, mais um minuto.

— Sim, chef. — Espero Henrique retornar, algo que não acontece nos minutos seguintes, então volto ao trabalho.

Quase meia hora depois, ele retorna e se não estivesse em uma cozinha repleta de funcionários e correndo feito maluco teria dado um soco nele.

— Sem olhar assassino, tive que lidar com uma crise lá fora, então sem dramas, por favor. — Pela sua cara, com certeza teve que resolver algo com algum cliente babaca, se tinha uma coisa que Henrique fazia muito bem era lidar com clientes inconvenientes, não teria metade da sua paciência. — Consegue dois minutos?

— Agora? — Ele assente. — Saulo! Pode assumir por um instante?

— Sim, Chef!

— Obrigado, volto logo.

Nos retiramos da cozinha e vamos até o escritório. Assim que entramos

na confortável sala que dividimos, ele se joga no sofá e me sento na aconchegante poltrona de frente para ele.

— Se pudesse dava uma finalização nesses clientes almofadinhas, que ficam se dando muita importância e diminuindo o trabalho dos outros. Dá para acreditar que o cara perguntou se o chef era europeu? Inacreditável. — Minha última preocupação eram os clientes com ares de grandeza, que se achavam importantes demais para frequentar o Sabores e mesmo assim, continuavam vindo.

— Não estou muito preocupado com esses idiotas no momento. Sabe alguma coisa da Lys?

— Claro que não está, quem aguenta os idiotas sou eu.

— Henrique, dá um tempo, tá legal, sei muito bem, que gosta bastante de dá um cala boca nesse tipo de gente. — Ele me encara e com o meio sorriso dá de ombros. — Sabe dela ou não?

— Na verdade é mais um palpite do que uma certeza. — Faz uns segundos de suspense, antes de continuar. — Já tentou entrar em contato com a Clara? — Idiota, é isso que sou. Como não pensei na Clara? Na chácara, o sinal do celular é horrível, quase inexistente, por isso, lá é um dos poucos lugares que conheço que ainda tem linha residencial. Mas algo me inquieta, ela me disse que queria ficar sozinha e foi para a chácara, estranho e também existe a possibilidade dela está em casa e o celular estar descarregado, se bem que isso raramente acontece.

— Ela me disse que queria um tempo para absorver tudo o que conversou com o César, ficar sozinha com os seus pensamentos.

— Qual é, Gaspar, estamos falando da Lys, até parece que ela vai aguentar mais do que dez minutos com a cabeça abarrotada de problema, sozinha dentro daquele apartamento? — Ele tinha razão.

— Você está certo. — Me apoio no encosto da poltrona, minha cabeça começando a reclamar, desde às cinco e meia da manhã que estou acordado, em meio a essa correria, tinha planos de ficar o final de semana em Florianópolis, aproveitar o clima bom de lá, talvez depois que resolvêssemos nossos problemas, poderíamos ter aproveitado um pouco a cidade, mas infelizmente imprevistos aconteceram e meus planos viraram fumaça. Mas verdade seja dita, era difícil dimensionar tudo pelo que a Lys vinha passando na última semana, principalmente quando a pessoa que deveria ter lutado por ela a abandonou. — Mas não posso obrigá-la a se abrir comigo, ela não me

disse o que aconteceu, o que foi dito, as respostas sempre evasivas. Sei lá, quero apenas respeitar o seu espaço. — Não queria forçar a barra, ela me contaria quando estivesse pronta para falar sobre o assunto.

— Você chegou a perguntar?

— Claro que sim, Henrique, perguntei como ela estava duas vezes.

— Talvez essa não tenha sido a pergunta certa.

— E qual seria? Fico ereto para encará-lo.

— Não sei, talvez, devesse ter perguntado como foi a conversa ou como ela estava se sentindo com tudo. Sei lá, foi apenas um palpite. — Antes que pudesse responder somos interrompidos por batidas na porta.

— Pode entrar! — Daniel, nosso barman, coloca metade do corpo para dentro do escritório.

— Desculpa interromper, mas temos uma crise para resolver, algo sobre uma reserva ou algo assim.

— Tudo bem, Daniel, já estou indo. — Depois que Daniel sai, Henrique se levanta. — Liga para a Clara, talvez Lys esteja lá, se não estiver, quando as coisas se acalmarem, daqui a uma hora mais ou menos, você dá uma passada no apartamento dela. — Senti que ele também estava preocupado, mesmo assim não deixou transparecer. Quando a porta se fecha atrás dele, resolvo seguir seu conselho e pego meu celular, disco o número da chácara, que chama diversas vezes antes da ligação cair, tento mais uma vez, quando pensei que a ligação iria cair novamente, a voz suave e acolhedora de Clara soa do outro lado da linha.

— *É o Gaspar, tudo bem, Clara?* — A muito custo me acostumei a chamá-la de Clara, sempre foi senhora ou dona Clara, mas depois de muita insistência da parte dela, acabei me habituando a chamá-la apenas pelo primeiro nome.

— *Claro que é, acha que não reconheceria sua voz? Até parece! Estou muito bem, mas algo me diz que não foi para saber como estou, que está ligando.* — Um ponto para ela, adorava o jeito que Clara via o mundo, ela é uma pessoa única, intuitiva e sempre direta.

— *Queria saber se a Lys está por aí?*

— *Está, chegou aqui quase no final da tarde. Ela não te avisou?*

— *Na verdade não, desde a conversa que ela teve com o César as coisas ficaram um pouco estranhas.*

— *Ela me contou, disse que o encontro com o pai não foi nada daquilo*

que imaginou. Que deixou de considerar Clarissa como mãe e por mais que me doa dizer isso, ela está certa, minha filha passou de todos os limites. Minha menina está muito magoada. — Queria muito perguntar sobre o que mais conversaram, mas não seria certo, esse assunto diz respeito à vida da Lys e cabe a ela me contar o que estava sentindo, ou não.

— *Posso imaginar, poderia chamá-la, preciso falar com ela, tentei o celular, mandei mensagens e liguei, mas não consegui contato.*

— *O sinal aqui é péssimo, se não amasse tanto morar nessa chácara já tinha me mudado. Já estou levando o telefone até a estufa, Lys está ajudando Liliana a germinar umas mudas, um minuto.* — Ouço alguns sons à medida que ela caminha, o barulho de duas portas sendo abertas e depois fechadas, em seguida um sussurrar distante da Clara avisando que eu estava ao telefone.

— *Só um segundo* — Ouço sua voz misturada ao som de um banco ou cadeira sendo arrastado e alguns segundos depois volto a ouvir sua voz. — *Vovó adora ouvir a conversa alheia e tia Liliana finge que não tem interesse, quando na verdade é igual ou pior que vovó, duas dissimuladas.* — O bom humor era um bom sinal, ela parecia estar tranquila. Lys tem uma relação muito especial com Clara e Liliana, estar com elas fazia com que se sentisse bem. Lamento não ter proporcionado essa mesma sensação.

— *Pronto!*

— *Como você está?*

— *Estou bem, desculpa não ter avisado que tinha vindo para a chácara, saí meio atordoada, precisava delas, conversar e entender algumas coisas.*

— *Tudo bem, mas pensei que queria ficar sozinha para pensar, ordenar seus pensamentos, poderia ter ficado com você se não queria ficar sozinha.* — Nem sei por que falei isso, apenas saiu.

— *Não percebi que precisava ser ouvida, pelo menos não até ficar sozinha, não fica chateado, e você não pode deixar o Sabores sempre que eu tiver uma crise existencial, você precisava trabalhar, então vim para a chácara. Saí tão apressada de casa, peguei apenas o celular, as chaves e vim, não queria te incomodar, ia ligar mais tarde quando já tivesse saído do restaurante.* — Me pergunto quando ela vai perceber que estamos juntos nessa, mesmo quando estou agindo como um idiota.

— *Não quis me incomodar, mas quis me preocupar, te liguei várias*

vezes, estava começando a ficar preocupado. Mesmo que às vezes eu seja um idiota. — Ouço sua risada e isso me aquece.

— *Isso é verdade, mas poderia ter avisado. Aqui na chácara quase não existe sinal para celular* — Ela faz uma pausa antes de continuar. — *Para ser sincera, acho que só estava precisava de um tempo.*

— *Um tempo da gente?* — Sua resposta é o silêncio e sinto um aperto no peito, se ela precisava ficar longe, tinha realmente alguma coisa muito errada, até aquele momento não tinha percebido como nosso relacionamento às vezes parecia ser frágil.

— *Não, Gaspar, precisava apenas ficar com a vovó e a minha tia, conversar com elas, saber se lembravam de alguma coisa daquela época, dividir com elas tudo o que conversei com o César. Com tudo o que aconteceu foi de mais para minha cabeça, era disso que eu estava precisando. Tempo para reorganizar meus pensamentos.* —Responde depois de um tempo.

— *Entendo, queria apenas que você pudesse dividir comigo também, acho que essa minha cobrança tem mais a ver comigo do que com você.* — Era verdade, tinha necessidade de estar ao seu lado, de ser seu apoio, a pessoa com quem ela divide tudo em todos os momentos. Meu maior erro parece ser querer construir com a Lys o mesmo tipo de relação que eu tinha com a Duda, algo impossível, as duas são completamente opostas.

— *Mas eu quero dividir com você, só fiquei confusa com as coisas que descobri, com o que o César me disse, as palavras dele me fizeram refletir sobre outras questões da minha vida, sei lá, acho que precisava apenas entender, antes de me abrir. Quem melhor para me ajudar com isso do que a dona Clara?* — Entendo sua angústia, verdade seja dita, não conheço ninguém com mais sabedoria que a Clara. Chega de continuar apertando nessa tecla, é cansativo e só cria desconforto entre nós dois, quero apenas que isso passe, para que possamos ser nós mesmos novamente. Ela vai falar quando estiver pronta.

— *Tem razão, não existe ninguém mais qualificada. Também não quero continuar insistindo nisso. Nos veremos amanhã?* — Decido pôr fim ao assunto, era o melhor para nós dois.

— *Sim, tomamos café da manhã juntos, estarei no meu normal, prometo.*

— *Precisa apenas estar comigo, isso já basta.* — Sinto quando sorrir,

não sei explicar, mas sei que está sorrindo, aquele sorriso que é só para mim.

— Chef! — Carina chama entrando sem bater — Temos um probleminha. — De todos os ajudantes de cozinha, de longe ela era a mais atrapalhada, ainda que fosse incrivelmente talentosa.

— *É a Carina?* — Lys pergunta, ela conhecia bem a fama da jovem.

— *A própria.* — Peço para Carina esperar um segundo, mesmo ficando inquieta ela para.

— *Melhor ir trabalhar, depois conversamos. Vai que a cozinha está pegando fogo ou coisa pior.*

— *Posso ir te buscar mais tarde, quando o expediente acabar?*

— *Vou dormir na chácara, hoje, estou ajudando minha tia e você vai sair muito tarde e estará cansado, não é bom dirigir assim, prometo que amanhã estarei no seu apartamento, pegamos a Isa na Samara e tomaremos café juntos.*

— *Tudo bem* — não iria continuar forçando, então apenas concordo. — *Nos vemos amanhã.*

— *Pode ter certeza disso, beijo!*

— *Outro!* — Depois de desligar encaro Carina, que já começava a se desculpar.

— Desculpe, não queria interromper, mas estamos com problema.

— Você é a segunda pessoa que entra nesse escritório falando a mesma coisa. Qual é o problema dessa vez?

— O frigobar quebrou e estragou as sobremesas que estavam pré-prontas.

— Que ótimo, tudo bem, vamos resolver isso. Você parece bem desesperada, relaxa, vamos dá um jeito. — Já tivemos um problema parecido antes, não é algo que seja impossível de se resolver, para tudo sempre há uma solução.

Passo o resto da noite me desdobrando, correndo de um lado para o outro, o que foi bom, pelo menos não fiquei pensando bobagem. O tempo passa e nem percebo, quando chego em casa estou esgotado, Lys estava certa, não seria uma boa ideia dirigir até a chácara de madrugada estando cansado. Tomo banho, tento relaxar ao máximo longe da loucura do trabalho, penso na Lys, no que o César falou que mexeu tanto com ela.

Saio do banho, coloco uma calça de moletom confortável, me jogo na cama, mesmo estando cansado não consigo desacelerar meus pensamentos,

dou uma olhada no relógio, mais de uma da manhã daqui a dois dias faz quatro anos que Duda se foi, odeio esse dia, ainda sinto muita saudade, isso não vai mudar nunca, ela é a mãe da minha filha.

Encaro a parede, desisto de tentar dormir, me ergo, vou até o guarda-roupa que Lys insiste em chamar de closet, Duda também dizia a mesma coisa, impossível não sorrir ao me lembrar de alguns momentos. Pego a caixa preta, nem sei por que ainda não dei um fim nela, me sento em uma das poltronas, abro a caixa, não a abria há tanto tempo, dentro dela meu gravador ainda com a fita dentro, gravei três vezes e parei. Naquela época estava mergulhado em um sofrimento tão profundo, é difícil até mesmo descrever, consegui superar graças ao amor que sinto pela Isa e também por causa da Lys, ela sempre esteve ao nosso lado nos dias ruins e bons, sendo firme sempre que era necessário, para ser sincero se estou de pé devo muito a Lys.

Tenho que pôr um fim nisso, preciso fazer isso, tudo o que vivi com Duda foi tão natural e verdadeiro, significou tanto para mim, sinto tanto sua falta, mas já passou da hora de seguir em frente e deixar o passado definitivamente para trás. Tampo a caixa e coloco sobre o criado mudo, filmes longos sempre me dão sono, ligo a televisão, troco os canais até encontrar algum filme longo e chato, encontro um musical que nem sequer lembro o nome e me acomodo na cama, amanhã apago as fitas e dou um fim no gravador. O filme era realmente chato, não demora e acabo dormindo.

Alyssa

O aroma do café da vovó me desperta, adoro esse cheiro. Não importo qual seja o dia da semana ela sempre acorda cedo. Me espreguiço, dormi muito e muito bem, era disso que estava precisando, alongo cada músculo do

meu corpo. Conversar com minha avó e tia me fez bem, contei tudo e dividir minhas angústias, além de me trazer alívio, me deixou leve. Minha conversa ontem com o Gaspar por telefone e o que o César falou me fez perceber que precisamos entender para onde nossa relação está caminhando, meus sentimentos estão muito claros para mim. Já desperta, levanto, pego minha *necessaire* e vou ao banheiro, tomo banho, combinamos de buscar Isa na casa da Samara para tomarmos café da manhã, quando saio do chuveiro dou uma olhada no relógio, provavelmente ele ainda deve estar dormindo, então tenho tempo.

Depois de arrumar meu quarto e dar um jeito no meu cabelo, me arrumo e desço as escadas, seguindo o aroma maravilhoso do café, uma xícara bem grande e desperto por completo. Na cozinha encontro apenas minha tia.

— Bom dia! — ela tem um sobressalto, nem tinha percebido como ela estava compenetrada no celular, conversando por mensagem com alguém e até posso imaginar quem pode ser.

— Meu Deus, Lys, poderia ter pigarreado, batido na porta, credo anda como se fosse um fantasma, credo. — Não consigo evitar e acabo sorrindo, ela parecia uma adolescente que tinha sido pega fazendo algo errado. — Não vejo graça nenhuma. — Seu tom ofendido é muito engraçado e tenho que me esforçar bastante para manter o controle e não sorrir descontroladamente.

— Andei perfeitamente normal, já a senhora parecia estar bem distraída com alguém, então acredito que a culpa não seja minha — ainda continuo sorrindo, não consigo evitar, pego uma xícara, coloco um pouco de café, mesmo que não fosse comer nada, precisava tomar aquele café maravilhoso. Encosto na bancada, tomo um gole generoso, fechando os olhos, aquele era o melhor café do mundo.

— Não sei do que está falando, melhor tomar seu café da manhã. — fala se fazendo de desentendida.

— Claro que não sabe — estava evidente que queria desconversar, ontem falei para ela que tomaria café da manhã com Gaspar, então seu comentário foi uma evasiva. — Vou tomar café da manhã com Gaspar e Isa. Onde está a vovó? — Resolvo mudar de assunto e acabar com seu sofrimento.

— Foi até à casa da Neide, ela achou que dormiria um pouco mais — Olho para o relógio, ainda não eram nem sete horas, fico na dúvida se espero

por ela. — Se tiver que ir, não tem problema, sabe que mamãe não se importaria. — Eu sabia, mesmo assim queria falar com ela antes de ir, só que ela sempre demorava quando ia à casa da Neide.

— Eu sei, acho que não tenho como esperar, ainda temos que pegar a Isa na casa da Samara. — Ela pega sua xícara e se aproxima de mim, me olha nos olhos.

— Como está se sentindo?

— Estou bem, sabe como eu sou, nunca fico remoendo coisas que me fazem sofrer ou me deixam triste por muito tempo, sou a favor da felicidade. — Sem desviar os olhos de mim, segura minhas mãos.

— Não permita que as coisas que o César falou sobre sua relação com Gaspar afete o relacionamento de vocês, ok? Ele não conhece o Gaspar, nem você, não quero que deixe isso te afetar. Tudo bem?

— Muito do que ele disse faz sentido, mas não se preocupe, sou bem teimosa para meu próprio bem. Além disso, estamos felizes.

— Fico aliviada em saber, sempre teve uma opinião forte sobre tudo, não seria diferente agora, você é maravilhosa e estou muito orgulhosa. — Dou um beijo em seu rosto.

— Preciso ir — termino de tomar meu café, lavo a xícara e me volto em sua direção. — Dá um beijo na vovó, diz que ligo mais tarde. — Concorda com a cabeça. Saio da cozinha, pego minhas chaves na pequena mesinha de madeira no canto da sala, tia Clara vem logo atrás de mim, antes de sair, não resisto e me volto novamente para ela. — E, tia, manda um beijo para o Gael, pede para ele aparecer, estou com saudades, quem sabe não marcamos de jantar no Sabores, acho que a vovó ia adorar. — Pisco um olho, em seguida saio, deixando-a de boca aberta. Esses dois deviam assumir logo que estão namorando, mas sabia que isso tinha mais a ver com tia Liliana do que com o Gael.

O trânsito estava ótimo, o horário ajudou, é claro, mesmo o clima estando um pouco frio, o dia estava bonito, quando o sol aparecesse ficaria melhor. Sigo direto para o condomínio, tento ligar para avisar que estou chegando, mas o celular dá desligado, provavelmente ainda devia estar dormindo. Estaciono em um pequeno estacionamento, que fica na lateral do prédio, não tenho a chave do apartamento, Gaspar tentou me convencer a ficar com uma cópia, mas achei melhor não aceitar, mesmo que fosse apenas para emergências, no final do debate sobre a chave, quem acabou ficando

com ela foi seu Manoel, o porteiro do condomínio.

Entro no edifício, pego a chave com seu Manoel e sigo para o elevador. Quando abro o apartamento, apenas a luz do dia que entrava pela porta envidraçada que dividia a varanda da sala iluminava o ambiente, todas as janelas e persianas parecem estar fechadas, chamo por Gaspar, mas não tenho respostas. A casa estava silenciosa, nunca fui muito fã do silêncio, era sempre assim quando a Isa não dormia em casa. Lika aparece na entrada do corredor dos quartos, meio desconfiada, até perceber que era eu, me abaixo e acaricio sua cabeça, levanto e sigo pelo corredor, enquanto Lika caminha para a sala.

Abro a porta do quarto, como imaginei, ele ainda estava dormindo, pacífico e lindo, adoro vê-lo dormindo. Aproximo-me, tiro a jaqueta e os sapatos, deito de lado na cama sobre as cobertas para encará-lo, parecia estar dormindo profundamente, pego uma mecha do meu cabelo e passo a ponta de leve em seu nariz, ele esfrega o nariz, seguro o riso, faço novamente e aos poucos ele começa a despertar.

— Bom dia, flor do dia! — Falo assim que ele abre os olhos, fixando-os nos meus.

— Bom dia! — Fala misturando bocejo com sorriso. — Que horas são?

— Acho que quase oito. — Ele fica de lado, envolve minha cintura.

— Faz tempo que chegou?

— Não, faz uns dez minutos, eu acho, entrei com a chave reserva, peguei com o seu Manoel. — Ele assente, me puxa, diminuindo o espaço entre nós, ele mergulha o rosto em meu pescoço, aspirando meu perfume. — Adoro despertar sentindo seu cheiro, ele é delicioso. — Sinto seus lábios no meu pescoço, no lóbulo da minha orelha, no meu maxilar, no meu queixo onde ele morde de leve e no canto da minha boca. — Beijaria você agora, se não tivesse acabado de acordar e estivesse com um gosto melhor na boca.

— Isso é meio nojento — acabo caindo na risada e ele também. — Você não é nada romântico, deveria fazer como naquelas cenas de filmes, onde ao despertar o mocinho envolve a mocinha em um beijo apaixonado, sabor de menta.

— Bem, esse mocinho aqui, tem bafo de leão pela manhã, se quiser encarar, sou todo seu. — Nunca em meus maiores sonhos imaginei que Gaspar um dia me faria rir, a intimidade que construímos era tão deliciosa quanto qualquer beijo romântico da manhã.

— Poderia até encarar, mas tem uma pessoinha que está nos esperando,

possivelmente deve estar bem ansiosa e se nos beijarmos vou querer mais de um beijo. Café da manhã, lembra-se?

— Melhor ir tomar banho.

— Também acho, já estamos atrasados. — Antes de levantar, ele me beija de leve, seu bafo não estava tão ruim assim.

Enquanto ele tomava banho, arrumo a cama e organizo o quarto, percebo uma caixa preta sobre o criado mudo parecia ser de madeira, a tampa está entreaberta, não era uma peça de decoração, nem estava naquele lugar ontem. Afasto um pouco a tampa, dentro tinha um gravador pequeno e antigo, mas conservado de fitas VHS, nunca tinha visto esse gravador antes, nem a caixa, pelo menos não me lembrava de ter visto. Quando estendo a mão para pegá-lo, Gaspar me chama.

— Lys, pode pegar a toalha, por favor? Esqueci de pegar uma limpa.

— Já estou indo! — Pego a toalha no pequeno armário, reservado para guardar os itens de banho e levo para ele, coloco no gancho próximo ao box. — Aqui.

— Obrigada!

— De nada. — Olho ao redor procurando o banquinho que normalmente fica próximo ao armário da pia, não encontro, vejo o vaso com a tampa aberta, homens. — Qual a dificuldade que os homens têm em fechar a tampa da privada? — Fecho a tampa e me sento nela. Ele coloca metade do corpo para fora do box e me encara.

— Não tenho problema nenhum, acho que estou meio distraído. Não vai bancar a esposa chata, né? — Fala levantando uma das sobrancelhas de um jeito divertido. Gaspar sempre fez o tipo sério, mas de vez em quando tinha seus momentos de humor. Solto um beijo e pisco o olho, ele revira os olhos e volta para a ducha.

Através do vidro desfocado do box, nem tão desfocado assim, sorrio com meu pensamento, observo seus movimentos, admiro seu corpo, os músculos alongados e definidos, perfeitos, minha boca seca, não resisto e começo a tirar minhas roupas, entro no box quando ele já desligava o chuveiro, quando ficamos de frente ele tem um sobressalto, depois abre um sorriso descarado.

— Achei que estávamos atrasados — diz, sem esconder seu olhar intenso sobre meu corpo.

— Pensei que talvez, mais dez ou quinze minutos, não fariam tanta

diferença, Isa acorda um pouco mais tarde quando está na casa da sua irmã, então temos uns minutinhos. — Estendo minhas mãos, tocando seu peito, seu sorriso some, seu olhar escurece refletindo o desejo que eu também sentia.

Passo minhas mãos ao longo do seu corpo, ele segura meus pulsos me puxando para si, mergulha seus dedos longos em meus cabelos, que agora estavam molhados, nem percebi a ducha sendo ligada. Nos beijamos e nos perdemos, mergulhando no desejo que sentíamos e como sempre, ele me consumiu por inteira. Seus beijos, seus toques, me davam algo que ninguém nunca conseguiu me proporcionar, eram esses momentos, que me faziam ter certeza do que ele sentia por mim e que talvez ele me amasse. Inevitavelmente acabamos nos atrasando, apenas vestimos algo confortável e saímos apressados.

Minutos depois estávamos na casa da minha cunhada. Samara devia estar maluca se perguntando onde nós dois nos metemos. Savana atendeu a porta com o costumeiro ar entediado e meio mal-humorado, corriqueiro na maior parte dos adolescentes do mundo. Apenas abriu a porta sem pronunciar uma única palavra, nos dando as costas.

— Bom dia para você também, bem-humorada. — Sem responder ao comentário irônico do Gaspar, o encarou com a cara fechada, antes de se jogar no sofá com o celular em mãos, ignorando-o completamente.

— Bom dia, papai! — Isa nos cumprimenta vindo da cozinha, toda saltitante, impedindo que Gaspar continuasse com as indiretas para Savana. Isa se atira nos braços do pai, que a ergue, dando um beijo estalado em seu rosto. — Que demora, hein! — Reclama envolvendo seus bracinhos ao redor do pescoço dele.

— Desculpa, princesa, perdemos a hora. — Fala beijando Isa no rosto com carinho.

— Só o papai ganha beijo de bom dia? — Pergunto me fazendo de magoada.

— Claro que não, dinda, que boba. — Diz sorrindo e se atirando em meus braços, beijando meu rosto, assim como fez com Gaspar, devolvo o beijo. Mesmo sendo pequena para sua idade, não ia demorar, até não conseguir mais segurá-la nos braços.

— Já ia ligar para um de vocês. — Samara fala ao entrar na sala. — Bom dia!

— Bom dia! — Gaspar e eu respondemos ao mesmo tempo. Ele se

aproxima e a beija com carinho.

— Desculpa a demora, Sam. — Falo me aproximando, dando um meio abraço, já que estava com a Isa no colo.

— Sem problema, espero que tenha sido por um bom motivo. — Seu sorriso sempre malicioso e indiscreto, sorrio de volta, confirmando o que sua mente mirabolante está maquinando.

— Qual é o problema da aborrecente? — Gaspar pergunta, apontando com a cabeça.

— Ela queria ir ao shopping sozinha com a Daniele e eu não deixei. Tá com essa cara de dor de barriga desde que acordou.

— Será que dá para não falar de mim, como se eu não estivesse presente. Não sou mais criança, mãe.

— Você é sim, pode está quase do meu tamanho e já usar sutiã, mas ainda é uma criança. — Savana encara a mãe com uma expressão horrorizada, como se o que ela tivesse acabado de falar fosse o maior absurdo do universo e se levanta do sofá — Onde acha que vai, mocinha?

— Para o meu quarto, assim pode me envergonhar a vontade, sem que eu tenha que presenciar. — Ela sai em direção aos quartos, parecendo estar muito irritada. Adolescentes sempre adoram catastrofizar tudo, parece ser um esporte que todos eles dominam com perfeição.

— Parece que a cada dia fica mais difícil. Aproveite bastante, irmão, enquanto ainda pode. Depois que eles crescem desenvolvem um único objetivo, o de testar sua paciência ao limite. — Samara parecia bem frustrada ao falar.

— Não vou ser assim, papai, seremos sempre amigos. — Gaspar encara Isa com o costumeiro olhar repleto de devoção, encantamento, amor e beija-a.

— Sempre, princesa.

— Doce ilusão. — Samara fala e acabo sorrindo do seu tom de desilusão. — Vão ficar para o café?

— Não, vamos tomar café fora. Princesa, o que acha de ir pegar suas coisas?

— Já estão arrumadas, papai, vou só pegar minha mochila e já volto. — Diz escorregando dos meus braços, seguindo a mesma direção que Savana tinha ido instantes antes.

— É apenas uma fase, Sam, vai passar, acredite. Trabalho com dezenas de crianças e adolescentes, eles adoram um bom drama para fazer os pais se

sentirem culpados, é o esporte preferido deles e todos parecem praticá-lo.

— Sei disso, mas ultimamente, Savana vem testando minha paciência, me levando ao limite, às vezes... — ela é interrompida pela chegada do Caíque.

— Falando da minha bruxinha? — Caíque pergunta ao entrar na sala com seu humor natural e bem-humorado, ele sempre soube lidar melhor com os dramas adolescentes da filha. — Bom dia, amor! — fala cumprimentando Samara. — Cunhado, Lys, bom dia! – nós o cumprimentamos.

— Sua bruxinha está tendo um ataque, porque quer ir sozinha ao shopping com a Daniele, aquela amiga nova que é três anos mais velha.

— Vou conversar com ela, quando estiver mais calma. — O olhar da Samara dizia claramente, que quando estivessem a sós iriam ter uma longa conversa. Caíque fingiu não perceber o que na minha humilde opinião não parecia ser muito inteligente. — E vocês, já estão de saída?

— Já cheguei, estou prontinha, podemos ir. — Isa chega saltitante como sempre, com sua mochila rosa e branca nas costas, se coloca entre mim e o pai, segurando a mão dos dois. — Estou com muita fome e com saudades da Lika. Saiu para passear com ela, papai?

— Claro que sim, princesa. Melhor irmos, porque também estou com muita fome. — Nos despedimos do casal, Savana não saiu do quarto, ser adolescente às vezes era um saco.

Nosso destino foi debatido e decidido pelos três, assim que entramos no carro. Quando chegamos próximo à praça preferida da Isa, Gaspar estaciona, a vaga que conseguimos, ficava um pouco distante, mas de acordo com nossa pequena argumentadora, caminhar é um ótimo exercício para as manhãs de domingo. Algo me dizia que hoje seria um daqueles dias perfeitos, eram em dias como esses, que me faziam sentir que éramos uma família de verdade, isso me enchia de esperança.

Capítulo 29

Nosso dia juntos foi simplesmente maravilhoso, tomamos café da manhã, depois caminhamos um pouco pelo centro, levamos Isa na pracinha, ela brincou até a exaustão, almoçamos em um bistrô tipicamente alemão, depois seguimos para o apartamento deles. Nossa tarde foi regada de preguiça, ficamos literalmente jogados na cama, em cima um do outro, com Lika jogada na cama sobre nossos pés. Assistimos a um monte de filmes infantis, cancelei todos os meus compromissos para ficarmos juntos.

Foram momentos maravilhosos, que me fizeram esquecer por alguns instantes a conversa que tive com César, suas palavras voltaram para minha mente apenas agora que estava sozinha. Gaspar foi colocar Isa na cama e aproveitei para vasculhar na cozinha a procura de um vinho, acabei vindo para a varanda, com uma taça na mão e a garrafa ao lado, deixando meus pensamentos me engolirem. As últimas palavras que ele me disse, sobre não aceitar menos do que mereço, ainda martelavam dentro da minha cabeça, mesmo depois das longas conversas que tive com minha avó e tia.

Sei que ele sente algo verdadeiro e sincero por mim, Gaspar já me disse mais de uma vez que está completamente apaixonado, mas paixão e amor são coisas tão diferentes, há uma linha tênue que separa esses dois sentimentos que nos consome por completo cada uma a sua maneira, um nos arrebatando sem pedir permissão, enquanto o outro nos traz calmaria e segurança.

— Tenho uma tia que diz que pensar demais dar dor de cabeça. — Tenho um sobressalto ao ouvir sua voz, quase tomando um banho de vinho. — Te assustei? — Pergunta tentando disfarçar o sorriso.

— Considerando que quase tomei um belo banho de vinho, vou escolher não responder a essa pergunta. Meu nível de distração estava maior que o normal. — Abre o sorriso balançando a cabeça, em seguida senta-se ao

meu lado. — Isa dormiu?

— Sim. Tem um pouco de vinho aí pra mim? — Faço que sim, me inclino para o pequeno centro a minha frente, pegando a taça vazia, despejando o vinho dentro dela, em seguida volto a me recostar me aconchegando nele. — Podemos conversar sobre ontem? — Pergunta depois de algum tempo que estávamos em silêncio.

Tomo mais um gole de vinho. Não estava me sentindo preparada antes para falar com ele sobre aquele encontro, por isso não tinha me aberto. Depois de conversar com minha avó e tia, parecia certo dividir isso com ele, então simplesmente começo a desabafar, deixando em segundo plano as palavras do César a respeito do nosso relacionamento. Se me perguntarem por que não contei, a verdade é que não tenho a mínima ideia.

— Parece o tipo de coisa que nunca acreditamos ser real até que aconteça conosco ou com alguém próximo a nós. — Fala depois de um instante em silêncio e toma o restante do vinho.

— Para mim, é surreal que uma mãe seja capaz de fazer algo assim com a própria filha, mas aconteceu e não posso mudar isso, me resta apenas lidar com tudo da melhor maneira possível.

— Nem consigo imaginar como deve ter se sentido. — Não queria mais falar sobre esse assunto, não iria mudar nada. — O que pretende fazer agora? Sobre o César.

— Nada vai apagar ou mudar o que aconteceu e também não quero ficar presa ao passado, ou ser consumida pelo rancor e mágoa. Acho que vou viver um dia de cada vez, me preocupo com ele, querendo ou não Cesar é meu pai.

— Você tem razão e independente de como vai escolher lidar com tudo isso, estarei ao seu lado. — Não tinha dúvidas relacionadas a isso, sempre soube que poderia contar com ele.

Conversamos mais um pouco, dessa vez sobre amenidades, ele me fala animado sobre o serviço de buffet, como está indo bem, sobre o novo restaurante e as ótimas críticas que está recebendo, as loucuras que acontecem na cozinha, nem percebemos a hora passar, quando dou uma olhada no meu celular, ele está descarregado.

— Que horas são? Meu celular descarregou.

— Dez e cinquenta — responde olhando no relógio de pulso. — Por que está tão preocupada com a hora? — Levanto, começo a recolher as taças

e a garrafa vazia.

— Amanhã eu tenho que acordar cedo, tenho aula no primeiro horário, ensaio com as meninas à tarde e ensaio com a orquestra à noite. Então, melhor eu ir para casa.

— Pensei que passaria a noite, têm roupas suas aqui. Fica. — Sinto sua mão segurando a minha e o encaro, não tinha planos de passar a noite, ultimamente quase todas as noites durmo na casa dele, nos entreolhamos por alguns segundos.

— Ok. — Sorrio, ele me puxa e nos beijamos, apenas um beijo rápido. — Vou precisar do seu carregador, esqueci o meu na chácara. — Falo assim que nos afastamos.

— Na segunda gaveta do criado mudo, à direita tem um carregador extra. Deixa essas coisas aí que eu recolho. — Nos beijamos mais uma vez, antes de nos afastar.

— Já volto.

Passo no quarto da Isa para dar um beijo de boa noite, ela dormia tranquilamente, tão serena, beijo sua testa e saio. Entro no quarto, vou direto até o criado mudo que o Gaspar indicou, mas não encontro o carregador, começo a procurar nas outras gavetas. Na penúltima, encontro a caixa preta que tinha visto mais cedo, não sei explicar por que, mas pego a caixa e me sento na cama, abro a tampa e o gravador com uma única fita estavam lá me encarando, algo dentro de mim me impelia a não ouvir o que tinha naquela gravação, mesmo assim pego a fita, coloco no gravador, aperto o play e a voz do Gaspar soa.

— *Oi.* — A voz dele estava abatida, triste.

— *Nem sei o que estou fazendo, nem o que falar ou se eu deveria falar alguma coisa.* — Depois de uns segundos em silêncio, ele continua. — *Parece meio ridículo, está gravando essa fita, mas precisava encontrar uma forma de falar com você, como nunca fui muito de escrever, então, aqui estou eu, com esse aparelho ridículo na mão falando para o vazio.* — Uma risada meio irônica e fora de contexto ressoa baixa. Após alguns segundos ele continua. — *Não faço a menor ideia do que estou fazendo, amor, me sinto tão fora do eixo e tão perdido sem você...* — Meu coração para um nó se forma em meu estômago e quando meu coração volta a bater o certo seria parar de ouvir, o conteúdo daquela fita não me diz respeito, mesmo assim continuo paralisada ouvindo. — *Tem momentos, como hoje, que até mesmo respirar se*

torna difícil. Quando você me deixou levou um pedaço de mim junto, nunca vou ser inteiro novamente... — Sinto meu peito apertar me sufocando, neste momento todos os meus medos, todas as minhas dúvidas foram confirmadas e tornaram-se reais. — *Algumas vezes a única coisa que me faz levantar pela manhã é a nossa filha, acho que ainda não abri mão de tudo por ela, pelo amor que sinto por ela. Isa está tão linda, sente tanto sua falta, mas nossa garotinha é forte, lida melhor com tudo isso, mas do que eu. Duda... Amo tanto você, te amar era tão fácil, talvez nunca seja capaz de amar alguém novamente, não como amo você...* — As palavras ditas pelo César martelaram dentro da minha cabeça com tanta força ao escutar aquelas palavras, que pela primeira vez tive medo. A voz vinda do gravador, ainda ecoava pelo quarto, conseguia ouvir o som e senti-la vibrando, mas não conseguia compreendê-la.

— Lys, encontrou o carregador? Tenho certeza de que... — Me viro em sua direção ao ouvir sua voz, que fica em silêncio quando percebe o gravador em minhas mãos, ainda ligado. Dou pausa, desviando meu olhar do dele.

— Lys... — Meu nome soava através de um tom de constrangimento e súplica, como se fosse um pedido, mas tudo o que menos estava me importando eram os pedidos dele.

— Não sei o que é pior, se ter certeza de que ainda a ama desesperadamente ou descobrir que nunca vai me amar um terço do que a ama. — As palavras saem de dentro de mim, naquele momento foi como se algo dentro de mim houvesse quebrado.

O pior de tudo era o sentimento que me invadia, me senti a pior pessoa do mundo por estar chateada e sentindo inveja de alguém que nem se quer estava presente para se defender, não sou assim. Fico de pé, deixando o gravador sobre a cama, enquanto Gaspar parecia estudar todos os meus movimentos. Mesmo sem estar olhando em sua direção, percebo o momento em que ele entra no quarto e fecha a porta.

— Lys, por favor. Faz muito tempo que gravei essa fita, eu não estava nada bem, essa foi a forma que encontrei para lidar com tudo que estava acontecendo. Um modo de... — Ele se cala parecendo tentar encontrar as palavras certas antes de continuar. — Não sei, talvez, de me conectar com ela de algum modo. A saudade, a ausência dela estavam me consumindo, conversar com ela mesmo que usando um aparelho, me fazia sentir melhor. — Não duvidava das suas palavras, assim como não duvidava de que ainda a

amava, como sempre a amou. Talvez estivesse sendo egoísta, mas pela primeira vez na minha vida, coloquei meus sentimentos em primeiro lugar.

— Entendo, de verdade, compreendo você e não te culpo por se sentir assim. —Ele dá um passo em minha direção e me afasto dando um passo para trás. Ele para. — Mas isso não significa que vou fingir que não ouvi essa gravação. Talvez esse relacionamento tenha sido um erro, acho que nos precipitamos, deveríamos ter pensado melhor. Preciso de um tempo para pensar.

— Não pode estar falando sério! Vai acabar com o que construímos por causa de algo que gravei anos atrás em um momento de sofrimento, para apaziguar minha dor, por ter perdido alguém com quem dividi minha vida, alguém que amo e que você também ama, que fez parte das nossas vidas. — Suas palavras apenas alimentaram dentro de mim a certeza de que ele não me amava, que nunca chegaria a me amar, pelo menos não como eu o amava.

— O que construímos, Gaspar? — Tento ao máximo controlar minhas emoções, para não chorar, respiro fundo e mesmo apesar dos meus esforços, sinto quando as lágrimas insistem em surgir. — Sejamos sinceros, você não me ama, não estou falando de paixão, química ou atração física, estou falando de amor verdadeiro, do tipo que te consome, arrebata, aquele tipo de amor que tira os pés do chão. Esse tipo de sentimento você só sentiu pela Duda, respeito e aceito isso, sempre respeitei, não apenas por ela ter sido minha melhor amiga, mas achando que talvez, em algum momento você fosse ser capaz de sentir algo remotamente parecido por mim, só que me enganei e mereço mais. Me recuso a cometer os mesmos erros da minha mãe, a me tornar uma mulher obcecada pelo amor de um homem que não me ama e que talvez nunca seja capaz de corresponder aos meus sentimentos. — Mais uma vez ele tenta se aproximar. — Não. —— Peço erguendo uma das minhas mãos.

— Eu amo você. — Fala me encarando com o olhar fixo no meu. Deus sabe como queria acreditar nele, de certo modo acreditava.

— Sei que sim, mas não o tipo de amor que quero para mim — aquele era o momento de colocar para fora tudo o que vinha me angustiando, então agarrei a oportunidade. — Sei que pode parecer horrível o que vou dizer, mas não quero passar a minha vida tendo que competir com um fantasma, com a memória de um amor que foi obrigado a ser interrompido por circunstância do destino. Não teríamos um relacionamento verdadeiro, seria apenas

idealização de uma relação que não seria nossa.

— Isso é ridículo, quer ter mais certeza dos meus sentimos do que eu, se colocando como um prêmio de consolação, quando sabe muito bem que não foi assim, que não é assim entre nós, isso não é justo. Está sabotando nossa relação. — Não sei se foram suas palavras ou o modo como ele se expressou, mas fiquei bastante chateada, foi como se ele tivesse colocado a responsabilidade do que estava acontecendo sobre mim.

— Então, a culpa é minha?

— Pelo amor de Deus, claro que não e não foi isso o que falei. — Percebi em sua voz, receio. — O que estou tentando dizer é que você está procurando justificativas. — Não consigo acreditar no que ele está falando.

— Justificativa?! Sério? Chega, eu vou embora. — A tranquilidade na minha voz, me surpreendeu. Em meu interior, senti uma tempestade se formando.

— Lys, por favor, não faz isso. — Fala segurando meu pulso, quando passo por ele indo em direção à porta.

— Não faz isso, você. — Seu olhar parecia me penetrar, ficamos nos encarando. Estava precisando de espaço, não podia mais continuar com tudo isso. Algo dentro de mim tinha se quebrado. — Eu me recuso a repetir os mesmos erros que a minha mãe. Sabe como estou me sentindo agora? Horrível. — Puxo meu braço, libertando meu pulso do seu toque e me distancio. — Não sou esse tipo de pessoa, egoísta, invejosa, mesquinha, que manipula os outros para obter o que quer. Não sou minha mãe, nem quero ser. Mesmo assim, estou chateada com a vida, com a Duda e ela nem sequer está aqui, odeio me sentir dessa forma. — Expiro, nem tinha percebido que minha respiração estava presa.

— Nada em você lembra aquela sua mãe. Seria comparar fogo e gelo. — Tinha sinceridade em sua voz, ele não estava falando aquelas palavras apenas para me fazer ficar, isso era perceptivo, mesmo assim, precisava ficar longe.

— Sei que sou melhor do que ela, ainda assim, ter esses sentimentos por alguém que fez parte da minha vida e que significou e ainda significa muito para mim, não é certo. Não gosto de ser esse tipo de pessoa, me faz mal e querer tanto estar com você, neste momento é o que me desperta esses pensamentos e emoções.

— Está colocando um fim, é isso?

— Não sei. Talvez seja o melhor para nós dois, mereço mais do que viver uma relação cercada por lembranças.

— O modo como fala faz parecer que o que vivemos nos últimos meses, tenham sido apenas mentiras.

— Talvez tenha sido. — Ele dá um sorriso parecendo incrédulo, fica de perfil, passa as duas mãos pelos cabelos, parecia estar evitando meu olhar. Aproveito esse momento, para chegar até a porta e sair do quarto, precisava dar um tempo de tudo isso, me afastar, se não fizesse isso agora, não teria forças para fazer. Ouço seus passou logo atrás de mim.

— Lys, vai realmente embora sem terminarmos essa conversa?

Pego minha bolsa antes de me virar para encará-lo. Quando estamos frente a frente, nunca foi tão difícil fazer o que tinha que ser feito, em seus olhos percebia como tudo aquilo estava sendo doloroso, mas estava sendo ainda mais doloroso para mim e pela primeira vez nos últimos meses, decidi colocar meus sentimentos em primeiro lugar.

— Essa conversa vai continuar seguindo em círculos sem nos levar a lugar algum, pelo menos por hora vamos apenas dar um tempo, ok? — Penso na Isa, em como isso tudo vai confundir a cabecinha dela, me sinto ainda pior, mas empurro esse sentimento.

— Não quero dar um tempo. Quero que entenda como você é importante para mim e que... — Não queria continuar ouvindo, interrompo antes que ele continue o mesmo discurso de sempre.

— Chega, por favor. Isso não começou agora, nós dois sabemos disso, aquela fita foi apenas um gatilho. Me deixa ter meu tempo. — Silêncio, alguns segundos de um silêncio torturante, antes dele voltar a falar.

— Não vou continuar insistindo, não posso te obrigar a acreditar em algo que claramente, para você é uma mentira. — Senti que tinha mais alguma coisa que ele queria falar, mas ele não disse nada, voltando ao silêncio. Decido não discutir rebatendo o que ele tinha acabado de falar.

— Gostaria muito de falar com a Isa, explicar a ela, claro, se estiver tudo bem para você. Não quero que ela pense que as coisas entre nós duas irão mudar.

— Tudo bem, por mim não tem problema.

— Obrigada. — Dou os primeiros passos em direção à saída, mas paraliso ao ouvir sua voz.

— Então, é isso acabou?

— Preciso me afastar e você precisa saber o que realmente quer. — Falo sem me virar e saio do apartamento.

Caminho até o elevador no automático, tentando absorver o que tinha acabado de fazer. Quando as portas se fecham, encosto-me à parede fria de metal e finalmente a compreensão me toma. — Acabou. — Sussurro. As lágrimas turvam meus olhos, uma forte compressão em meu peito me sufoca, causando uma dor quase física.

Sinto as lágrimas rolando pela minha face, respirar não é fácil. Antes que escorregasse até o chão me esvaindo em lágrimas, as portas do elevador se abrem e me obrigo a sair. Passo direto pela portaria sem falar com ninguém e ainda no automático. Quando estou dentro do carro, meu controle se esvai e sons dos meus soluços preenchem o ambiente. Não tenho certeza de quanto tempo se passa, até finalmente consegui controlá-los, limpo meu rosto, que agora estava inchado e avermelhado, me encaro no espelho do retrovisor. — Não seja dramática e lide com as suas escolhas. — Digo a mim mesma, sempre era mais fácil falar do que fazer. Baixo a janela de vidro e respiro profundamente o ar fresco, ligo o carro e sigo em frente sem olhar para trás.

Ainda estava tentando entender o que tinha acontecido, em que momento tudo havia dado ridiculamente errado. Algumas horas atrás, estávamos conversando, rindo e agora, estava sozinho. Aquela gravação foi feita há quase três, uma sugestão da terapeuta que tentou me ajudar na época, menos de dois meses de terapia e desisti. Fiz a gravação, porque detesto escrever. Quando ela sugeriu me pareceu meio idiota, escrever palavras para alguém que nunca iria lê-las ou fazer uma gravação para alguém que nunca

iria ouvi-la. Só que dentro de mim existia uma necessidade latente de falar com a Duda de alguma forma. Nunca passou pela minha cabeça, que algo assim fosse acontecer.

Termino de beber minha cerveja e pego outra logo em seguida. A mágoa no olhar da Lys ainda era uma imagem clara para mim, assim como sua resignação, esse último foi o que mais me deixou preocupado. Tento recordar se em algum momento demonstrei que não a amava ou que ela não era importante para mim, mas nada me vinha à mente. Claro que meu amor por ela não era igual ao que sentia pela Duda, são sentimentos completamente diferentes, mas existem tantas formas diferentes de amar. Se fosse sincero comigo mesmo, tenho que admitir que em nenhum momento, antes da briga que tivemos, tinha falado com todas as letras que a amava, disse como ela era importante e como estava completamente apaixonado, achei que era o suficiente, mas obviamente estava enganado. Penso em todos os momentos incríveis que compartilhamos e que eu poderia ter dito, mas desperdicei.

— Sou mesmo um cretino, idiota, filho da mãe. O que foi que eu fiz? Merda. —Com certeza falar em voz alta me deu uma maior perspectiva da minha imbecilidade.

Meu celular toca, começo a procurar. Uma centelha de esperança surge no meu peito. Tropeço na mesa de centro, começo a xingar. Onde tinha colocado a droga do telefone? O aparelho para de tocar, logo em seguida começa novamente, dessa vez consigo seguir o som, o encontro sobre uma das poltronas da varanda. Quando olho no visor minha centelha se apaga.

— Oi, Henrique! Aconteceu alguma coisa? — Pergunto assim que atendo.

— Não, por aqui está tudo sobre controle. Mas tenho uma novidade boa, só que antes de falar, quero saber por que você está com essa voz de moribundo? — Fiquei muito tentado a mandá-lo cuidar da própria vida e me deixar em paz. O lado ruim de conhecer alguém há tantos anos e ter tanta intimidade era se conhecerem tão bem.

— Se não é nada urgente, vou desligar e voltar para minha cerveja. — Meu humor estava bem fodido, não precisava dele para piorar ainda mais a situação.

— Relaxa, cara. O que deu em você? Achei que estaria de bom humor, já que passou o dia inteiro com a Isa e a Lys. Não tirou o dia de folga para isso? Qual o seu problema? — Ele bateu o recorde, três perguntas na mesma

frase, haja paciência. – *Nem precisa falar. Você fez merda, não foi?* — Diz sem me dar tempo para responder às primeiras perguntas. Dou um suspiro, levo minhas mãos aos meus olhos, minha cabeça parecia que ia sair rolando do meu pescoço.

— Fiz. E dessa vez, não sei se tem jeito. — Admitir não foi nada fácil, tornava tudo ainda mais real.

— *O que aconteceu?* — A seriedade na voz de Henrique, por alguma razão desconhecida, me deixou mais confortável em me abrir. Conto em detalhes sobre a discussão que tive com Lys, ele ouve tudo em silêncio. Quando termino, o silêncio permanece por algum tempo, até Henrique voltar a falar. — *Cara...Você é um babaca, Gaspar, fico me perguntando o que você tem na cabeça.*

— Eu sei. Mas não posso mudar o que aconteceu ou o que ela ouviu. Ia apagar a gravação, fazia muito tempo que não a ouvia, mas o dia foi incrível e não tive um tempo sozinho para fazer isso.

— *Que droga, Gaspar, nem consigo imaginar como Lys está se sentindo agora.* — Com o vislumbre que tive do seu olhar, antes dela sair, eu conseguia imaginar.

— Quero corrigir isso, mas não sei como. Pedi desculpas, mas não adiantou.

— *Acho que vai precisar de mais do que um pedido de desculpas, para fazê-la acreditar que você a ama de verdade. Acho que esse deve ser seu primeiro passo, fazê-la acreditar que a ama.*

— Poderia me dizer como faço isso?

— *Infelizmente vai ter que descobrir isso sozinho, porque realmente não faço a mínima ideia.* — Algo me diz que mesmo que ele soubesse um modo de me ajudar, ele não faria. — *E mesmo que soubesse, não ajudaria, te avisei mais de uma vez que se continuasse vivendo na sobra dos seus sentimentos pela Duda, você acabaria perdendo a Lys. Escolheu não me ouvir, agora vai ter que lidar com isso sozinho.* — Tão previsível.

— Imaginei que diria isso. Pode ficar de olho nela, saber como ela está?

— *Claro que sim, somos amigos, Lys é como uma irmã para mim. Assim que der, vou falar com ela.*

— Ainda não me disse o motivo da ligação. Qual é a boa notícia? Estou precisando de uma.

— *Verdade. Então, o Nick acabou de me ligar, ele está voltando para o Brasil, chega na quinta, o irmão dele vai fechar o bar para as boas-vindas. Nick quer todo mundo lá.* — Nosso amigo morou dois anos fora, acabou deixando o bar aos cuidados do irmão, aquele filho da mãe nem para me ligar avisando.

— E nós vamos buscá-lo no aeroporto? — Pergunto já sabendo a resposta.

— *Claro que sim. Espero que até lá você já tenha resolvido esse problemão com a Lys.*

— Também espero, mas acho meio difícil. Não sei nem por onde começar.

— *Não deveria dizer nada, mas meu coração é puro e bondoso demais, então vou te dar uma dica. Por que não começa sendo sincero, dizendo a verdade, isso se você realmente a ama e a quer de volta.* — Quero-a de volta mais do que qualquer outra coisa na minha vida.

— Claro que eu a amo, estou sendo sincero, Henrique, estava antes quando falei para ela e estou sendo agora, queria apenas que ela acreditasse em mim. Não sei se ser sincero vai ser suficiente, estava sendo sincero quando discutimos. Henrique, eu a amo. — Ela estava errada quando disse que meu amor por ela era de gratidão e amizade, a amo como mulher, como minha mulher, devia ter dito isso a ela todos os dias. Ainda não é tarde demais.

— *Então faça com que ela acredite em você, seja verdadeiro com ela de modo que faça com que suas dúvidas desapareçam.* — Ele dá um grito de "já vai" que quase me deixa surdo. — *Olha, tenho que ir, amanhã conversamos mais.*

— Certo, até amanhã então. — Nem termino de falar direito e a ligação já tinha sido finalizada.

Apoio-me no encosto da poltrona, amanhã seria um novo dia, Henrique estava certo, precisava fazê-la acreditar que estava sendo sincero sobre nós, sobre meus sentimentos, nem que para isso tivesse que trancá-la até que acreditasse em mim. Não seria fácil, mas estou disposto a fazer qualquer coisa para tê-la de volta.

Capítulo 30

Nunca gostei muito da solidão, pensei em ligar para Hortência, talvez tia Liliana ou minha avó, mas quando cheguei em casa estava muito cansada emocionalmente para explicar o que tinha acontecido ou para responder perguntas. Tomei banho, vesti meu velho pijama e caí na cama. Apenas chorei até dormir, sem conseguir acreditar que tinha acabado, tentando procurar respostas para tudo o que tinha acontecido, não tive sucesso na minha procura.

No dia seguinte, achei que as coisas podiam parecer melhores, sem dúvidas estava errada, elas pareciam bem piores. Uma pontada de arrependimento surgiu em minha mente, mas a coloquei de lado. No fundo, sabia que tinha tomado a melhor decisão para nós dois, principalmente para mim, se continuássemos íamos acabar magoando um ao outro, e existem algumas coisas que simplesmente não podem ser desfeitas, assim como palavras ditas não podem ser apagadas, algumas coisas não podem ser desfeitas. Tudo o que preciso fazer é convencer meu coração de que minha razão estava certa, não seria fácil. Dou uma olhada no relógio e me forço a rolar para fora da cama, precisava trabalhar.

Normalmente hoje levaríamos a Isa juntos para a escola, já que no dia anterior tinha sido folga dele. Teremos que conversar e chegar a um acordo sobre isso. Sempre conversamos sobre como seria caso nosso relacionamento não desse certo, como seria minha relação com a Isa, concordamos que nem um de nós dois permitiria que qualquer coisa afetasse meu relacionamento com ela, ambos éramos importantes na sua vida, e não seria justo deixar que nossos erros refletissem na vida dela. Decidi conversar com ele, hoje, sobre isso, somos adultos e completamente capazes de termos uma conversa madura.

Depois de um banho demorado para relaxar e de mais meia hora tentando organizar o desalinho do meu cabelo, fazendo o possível para parecer apresentável, tento esconder desesperadamente meus olhos inchados e olheiras, finalmente fico satisfeita quando encaro meu reflexo no espelho. Quando olho o relógio, me assusto com a hora, se não saísse agora chegaria atrasada. Pego minha bolsa, meus materiais para as aulas, as chaves e saio apressada, no caminho passaria na padaria para pegar um café.

Queria ter chegado mais cedo para organizar algumas coisas, hoje tenho as duas primeiras aulas, continuidade da matéria de Teoria Musical, as crianças não têm nenhum entusiasmo por esse tema de aula, mas dou meu jeito para eles ficarem focados. Faltavam vinte minutos para o sinal tocar, os alunos estavam começando a chegar, olho ao redor e não os vejo, precisava falar com ele, não queria ligar. Sigo para a sala dos professores para pegar as cadernetas, depois que pego o que preciso, volto ao pátio, antes de ir para minha sala. Vejo-os junto com Bárbara e Camille, fico um tempo os observando, criando coragem para ir até eles, mariposas pareciam estar voando em meu estômago. Isa estava animada, parecia estar discutido algo muito sério com Camille, tão linda minha pequena.

— O que você está olhando com tanto interesse? — Tenho um sobressalto, quando me viro dou de cara com Hortência.

— Que susto, Hortência! — dou tapinhas em seu ombro. — Não se aproxima assim de ninguém, rondando as pessoas, que chato. — Ela sorri tentando olhar na direção que eu estava olhando segundos antes.

— Não estava rondando, estava passando indo em direção à sala dos professores e vi você aqui se esquivando tentando se esconder. Por que você está aqui espiando o Gaspar e a Isa? — pergunta olhando por cima do meu ombro.

— Primeiro não estou me escondendo, nem espiando ninguém. Estava apenas... Esperando até a Isa entrar, preciso falar a sós com o Gaspar. — Ela me encara por um segundo, claramente confusa.

— O que aconteceu? — Meu término com Gaspar não era um assunto que estava querendo mencionar, seria como tornar nosso rompimento real. Suspiro resignada.

— Gaspar e eu discutimos ontem, não foi legal. Decidi dar um tempo, me distanciar um pouco.

— Foi tão feio assim?

— Encontrei uma fita K7, uma gravação que ele fez para a Duda, onde basicamente ele declara todo seu amor por ela e diz que nunca vai amar ninguém como a ama.

— Nossa, Lys, isso é....

— Uma droga, é eu sei.

— Não era isso que eu ia dizer, mas entendo como deve está se sentindo. Vocês conversaram?

— Sim, mas a verdade é que o nosso relacionamento sempre foi uma interrogação para mim. Somos importantes na vida um do outro, estamos apaixonados, sentimos uma atração louca, mas amor de verdade, daquele tipo que arrebata te envolvendo e que te faz completo, apenas eu sinto, essa que é a verdade. — Volto minha atenção novamente para o pátio, Isa parecia estar em uma discussão acalorada com Camille, Bárbara disse algo que chama a atenção de Gaspar que estava distraído olhando em torno, parecendo procurar algo ou alguém. — Não quero mais esperar por algo que talvez nunca aconteça, quero ser feliz, ser amada de verdade. Entende? — Pergunto a Hortência, desviando minha atenção deles.

— Entendo, claro. Mas acho que evitá-lo não vai ajudar.

— Não estou evitando, na verdade é o contrário, quero falar com ele, mas não queria fazer isso com a Isa por perto. Ela ainda não sabe o que aconteceu, quero conversar com ela e explicar. Quero fazer isso hoje.

— Posso ajudar, se você quiser — ela olha o relógio de pulso. — Está quase na hora de iniciar as aulas, tenho que levar as duas para a sala.

— Nem sei como agradecer.

— Não precisa.

— Minha primeira aula começa em dez minutos.

— Só preciso de um.

— Obrigada, Hortência, de verdade.

— Não por isso. Agora vem comigo. — Fala me puxando. — Anda logo.

— Espera. Para onde você está me arrastando? — Mas já era tarde, estávamos no pátio de entrada e exatamente naquele instante, Gaspar olha em nossa direção. Apenas me deixo ser arrastada por Hortência, indo em sua direção.

— Dinda. — Isa grita animada, corre até mim, me abaixo para erguê-la no colo, ela estava enorme e pesada, em alguns meses isso não será mais

possível.

— Bom dia, gatinha. — Dou um beijo estalado em sua bochecha, fazendo muito barulho e ela cai na risada.

— Oi, amor. — Hortência cumprimenta Bárbara. As duas se beijam no rosto de modo discreto, para não escandalizar os outros pais que estão no pátio, porque infelizmente nossa sociedade é um mar de gente hipócrita e preconceituosa. — Oi, filha. — Diz se abaixando, dando um beijo em Camille.

— Bom dia pra você, dinda. — Isa volta a falar, chamando minha atenção para ela. — Por que não veio me trazer no colégio?

— Tive que vim mais cedo para preparar as aulas. — Não era exatamente mentira, mas também não era a verdade absoluta. Gaspar não tira os olhos de mim, Hortência fala algo no ouvido de Bárbara, que assente concordando.

— Tudo bem, mas vai me levar pra casa, né? Lá com a Mira? E fica um pouquinho comigo?

— Claro que sim, como sempre.

— Hora de entrar, crianças, as aulas vão começar, melhor irmos. Você também, não tem que ir trabalhar, querida? — Sultil como uma manada de elefantes.

— Estou indo, mamãe te ama, docinho. — Bárbara fala se despedindo de Camille. Despede-se rapidamente de todos nós, antes de ir embora.

— Vamos, meninas, acho que a professora de vocês já deve estar indo para a sala. — Coloco a Isa no chão.

— Vai com a Hortência, gatinha, nos vemos mais tarde.

— Tá bom, dinda, tchau papai, te amo.

— Tchau princesa, também te amo.

Isa sorri, segura a mão da Hortência, assim como Camille, as três saem em direção à porta de entrada, continuo olhando para elas até desaparecerem pela porta, na verdade estava juntando coragem para encará-lo, não sou uma covarde, nem faço esse tipo, mas tudo relacionado a Gaspar me deixava vulnerável e exposta.

— Ela está crescendo muito rápido. — Respiro profundamente e me viro para encará-lo.

— Sim, ela está mesmo. Preciso falar com você.

— Percebi, Hortência não é muito discreta. — Realmente ela não era.

— Tem cinco minutos?

— Claro. Pensei que, talvez, você não fosse querer falar comigo por um bom tempo. — Não era uma escolha para mim, Isa não tinha nada a ver com os nossos problemas.

— Isso não seria possível, nem mesmo se eu quisesse, o que não é o caso. Você é pai da Isa, jamais me afastaria dela, não seria justo que refletisse sobre ela algo que não deu certo entre nós.

— Você tem toda razão. O Nicholas está voltando, Otávio vai organizar uma festa de boas-vindas no bar este fim de semana, apenas para os amigos mais próximos. Ficou sabendo?

— Não, meu celular passou a noite carregando, hoje de manhã só o coloquei dentro da bolsa, ainda não verifiquei minhas mensagens.

— Certo. Depois você dá uma olhada — concordo assentindo. — Então, sobre o que precisa falar comigo?

— Sobre o que aconteceu ontem. Não quero que afete minha relação com a Isa, ela é muito importante para mim, sei que mencionamos esse assunto ontem, mas estávamos nervosos, então achei melhor conversar com você hoje, não quero que escolhas erradas abalem meu relacionamento com ela. — Tento não demonstrar meu desconforto, algo que duvido muito que ele não tenha percebido.

— Pode ficar tranquila sobre isso, nunca passou pela minha cabeça deixar que algo assim acontecesse. Você é bem mais do que madrinha dela. — O modo como ele me olha sempre me deixou meio tonta, por alguns segundos esqueço o sentimento de desconforto. — E é muito importante na vida dela, sabe disso. — Queria ser importante na vida dele também, muito mais do que isso.

— Sei sim. — Essa é minha única resposta, mesmo tendo tantas coisas que gostaria de dizer, mas as palavras ficam presas na minha garganta com medo de sair.

— Você se arrependeu? Quero dizer, dos últimos meses. — Demoro um pouco para processar a pergunta, olho para ele pensando se fiz o certo me afastando, então surge em minha mente sua voz e as palavras que ouvi na gravação.

— Não sou de me arrepender do que faço, menos ainda, olhar para trás e lamentar pelo que passou. Acredito que os erros nos trazem ensinamentos. Então por que devemos lamentá-los?

— Fala como se tivéssemos terminado em definitivo, e me recuso a aceitar. O que preciso fazer para que acredite em mim?

— Essa é a questão, Gaspar, você não deveria ter que fazer nada, nem mesmo essa pergunta. — Olho meu relógio para desviar do seu olhar que às vezes parece enxergar minha alma, meu horário estava no limite. — Preciso ir, já deveria estar na sala, meus alunos já devem estar a minha espera. — Quando me viro para ir embora, ele segura meu braço.

— Espera, por favor, precisamos conversar.

— Não agora, tenho que trabalhar e acredito que você também. Vou continuar trazendo Isa para a escola e levando como sempre, vamos ter oportunidades, agora eu tenho ir. — Relutantemente, ele solta meu braço e sigo para minha sala, não olho para trás, minha pele ainda queima sentindo falta do seu toque. Peço silenciosamente para que essa necessidade que sinto passe em algum momento e então possa seguir em frente.

Minha manhã foi uma loucura, até o início da tarde quase não tive tempo para nada. Não imaginava que tinha tantas pendências, que precisavam ser atualizadas, além das minhas aulas. Sendo sincera foi um alívio, assim não pensei em bobagens. Consegui parar um pouco no intervalo, entre a segunda e a última aula da tarde, aproveitei para dá uma olhada no meu celular. Eram tantas mensagens, ligações e e-mails, que fiquei sem saber qual respondia primeiro. Alguns eram da minha tia e avó, tinham alguns da ONG, outros das meninas do quinteto, uma ligação de um número que eu não conhecia, a mais recente era uma ligação e uma mensagem da Heloise, que me deixou um pouco angustiada. Nem uma mensagem dele, nada, nem uma linha.

Foco nas mensagens, respondo todas, por ordem de prioridade, apenas pequenas mensagens monossilábicas, nem um pouco elaboradas, apenas para todos saberem que estou viva e que pretendo cumprir com meus compromissos, tanto profissionais como voluntários e familiares. Deixei Heloise e o número que não conhecia por último. Meu celular toca minutos depois que envio a mensagem para ela, atendo no segundo toque, pedindo em silêncio para que não tenha acontecido nada com o César.

— Oi, Como vai, Helô?

— *Olá, Lys, desculpa te incomodar, quando liguei e você não atendeu imaginei que estivesse trabalhando, por isso não insisti.*

— E estava sim, mas tudo bem, não se preocupe com isso, estava meio corrido aqui, mas consegui uma folguinha agora. Aconteceu alguma coisa? César está bem?

— *Sim, está no pré-operatório.* — Como assim? Será que ele está bem? Menos de dois dias atrás estávamos conversando, ele me pareceu bem, fico sem entender, mas não falo nada, deixo que ela termine. — *É um milagre! Apareceu um doador. Tudo aconteceu muito rápido, o banco nacional de doação de órgãos entrou em contato com o hospital ontem à noite, um doador teve morte cerebral e o papai é compatível com ele, neste exato momento o rim está a caminho vindo de São Paulo.*

— Isso é maravilhoso, Helô, estou muito feliz por vocês, pelo César, tenho certeza que vai dá tudo certo.

— *Obrigada, achei que iria gostar de saber.*

— Claro que sim. — Realmente me sinto feliz por ele. Apesar de tudo e mesmo que ainda esteja magoada, César é meu pai.

— *Papai está sendo preparado para a cirurgia, provavelmente vai ser no final da tarde, assim que o helicóptero chegar. Se pegar a estrada depois do seu trabalho, pode chegar a tempo.*

— Helô, estou feliz de verdade por ter aparecido um doador compatível, mas nada mudou, ainda estou tentando digerir todas as coisas que conversei com ele. Há dois dias uma avalanche passou pela minha vida destruindo tudo, ainda estou me recuperando dos efeitos colaterais, não é fácil, tudo está muito recente, por isso não posso prometer nada. — Não iria me obrigar a ir até lá sem estar preparada para encontrá-los novamente, chega de pensar em todos menos em mim.

— *Entendo, tudo bem então. Conversei com minha mãe e ela me fez ver toda essa história, atrás de outra perspectiva.* — Não tinha ironia ou discriminação em sua voz. Ela fica um tempo em silêncio, apenas uns poucos segundos, antes de prosseguir. — *Sempre tive o papai em minha vida, ele sempre esteve ao meu lado, então foi difícil para eu entender, me colocar no seu lugar, mas agora entendo. Sei que me desculpei quando esteve aqui, mas peço desculpas mais uma vez. Deveria ter sido mais sensível ao que está enfrentando.* — Senti que suas palavras eram sinceras, nem uma de nós duas

éramos culpadas por tudo o que aconteceu.

— Vamos esquecer isso, tudo bem? Acredito que nem uma de nós duas teve culpa dos erros cometidos pelos nossos pais. Éramos apenas crianças, você nem sequer existia ainda.

— Ele é um bom pai, Lys, pelo menos se esforça para ser e um bom homem também. Talvez com o tempo, possa perdoá-lo e comprovar o que estou dizendo. — Era a segunda vez que ouvia aquelas palavras, sei que são verdadeiras, mas esse é um lado do César que ainda não conheço.

— Quem sabe o que o futuro nos reserva, "o futuro é apenas uma tela em branco" frase de memes da internet, horrível, mas às vezes filosóficas. — Heloise sorri espontaneamente, espero que se recupere antes de continuar. — Me liga para dizer como as coisas estão indo? — Peço com um tom de ansiedade em minha voz.

— Sim, vou mandar notícias. Preciso ir agora, minha mãe acabou de sair do quarto do papai.

— Claro. Posso te ligar mais tarde? — Talvez ela não lembrasse, era melhor que eu ligasse, assim também não ficava esperando aflita por notícias.

— Por mim tudo bem, é até melhor. No meio de toda comoção pode ser que eu esqueça. É a Lys, mamãe, estou contando a ela às novidades. — Ouço um pequeno murmúrio do outro lado da linha, tento entender, mas não consigo. *— Lys, tenho que ir, liga mais tarde, ok?*

— Ligo sim, Helô, pode dizer para ele que estou torcendo para que dê tudo certo e que ele está em minhas orações?

— Pode deixar que eu falo, preciso ir, beijos.

— Outro. — Em seguida a linha fica muda, impossível não me questionar, se a decisão que tomei foi errada. Faço a ligação para o número desconhecido, mas só chama, como estou atrasada, para variar, decido tentar mais tarde.

Quando finalmente termino minhas aulas, vejo no quadro de horários que a Isa estava tendo a última aula, ainda tinha uns quarenta minutos, então resolvo finalizar as pendências que faltavam ser colocadas em dia. Assim que termino, organizo minhas coisas e saio. Quando chego perto da sala do

segundo ano, ouço uma voz determinada que conheço muito bem, mas ela estava exaltada.

— Qual é o problema dela ter duas mães? A família dela é como de qualquer outra. — Definitivamente era Isa, pelo seu tom não parecia ser uma simples discussão e com toda certeza envolvia Camille, me apresso para tentar entender o que estava acontecendo.

— Não é normal, elas nem parecem uma família. Família de verdade tem que ter um pai, uma mãe e filhos. — Ouço outra menina falando ao chegar em frente à porta, seguro a maçaneta, dou uma olhada pela janelinha de vidro da porta, que estava entre aberta, para saber com quem Isa discutia com tanta convicção. Era uma aluna nova, nunca tinha visto ela na escola, deve ter entrado na escola este ano. No meio da confusão estavam o Fabinho e a Jaqueline, colegas de turma das meninas.

— Quem disse que elas não são uma família de verdade? E que só é família quem tem pai e mãe? Onde está escrito isso? — Tenho tanto orgulho da minha gatinha, nem se ela fosse minha filha de sangue teria tanto orgulho dela, é muito importante lutar contra injustiças e pelo que achamos que é certo, então decido ficar apenas escondida ouvindo para interferir se for necessário. — Sabe como chama isso? Preconceito. – Muito bem, pequena!

— Não quero que ela seja minha amiga, nem que fique perto de mim. — O que andam colocando na cabeça dessa criança? Camille é uma flor de menina.

— Também não quero ser sua amiga. — Camille fala aos soluços.

— Não fica assim, Mille, ela é uma metida. Isso que está falando é muito feio. — Fabinho fala colocando o braço sobre o ombro de Camille.

— Cacau não falou nenhuma mentira, não sei por que vocês estão fazendo tanta questão por isso. — Jaqueline diz, como se maltratar e fazer bullying com uma colega não tivesse importância, como se fosse normal.

Pergunto-me qual o tipo de educação essas meninas estão tendo em casa, se não conseguem nem respeitar as diferenças, tudo o que irão conseguir da vida é intolerância, falta de respeito e crueldade. Isso é muito triste.

— Não importa que ela tenha duas mães, são uma família e pronto. Isso que estão fazendo é muito feio. — Isa fala gesticulando com cara de brava. — Meu pai e minha dinda me ensinaram que é importante respeitar as pessoas, cada um é de um jeito, mas todos somos iguais, na minha família

todo mundo pensa assim.

— Não vou fazer o trabalho com essa estranha.

— Ninguém está te obrigando a nada, Cacau, Mille é do meu grupo e vai continuar nele, se quiser sair, problema seu, fala com a professora que ela dá um jeito ou sei lá, mas a Mille fica comigo. — Tão determinada e decidida, minha gatinha. — E não chama mais ela de estranha. Sabia que é muito bom respeitar as pessoas, minha tia Samara disse uma vez pra minha prima Savana que faz bem pra pele respeitar os outros. — Me esforço para conter minha risada, é a cara da Samara falar essa ironias para a filha. — E ela é minha amiga, não vou deixar que fique falando essas coisas com ela, vou falar na diretoria.

— Não tô nem aí para o que sua tia diz, não vou fazer trabalho nenhum com essa esquisita e pronto, pode falar para a diretoria se quiser, não me importo. — Garotinha mau caráter, já chega, vou parar com isso agora mesmo.

— Olá, crianças, vocês já não deveriam ter ido para casa há uns minutos? — Dói meu coração ver uma criança tão doce como a Camille, chorando tristonha.

— Oi, dinda, estávamos discutindo um trabalho que a professora passou. Mille e o Fabinho vão lá pra casa, tá bom? Temos que nos organizar hoje, pra decidir o que vamos fazer. — Se Isa não tocou no assunto, é por que não quer que a garotinha mau caráter entre em encrenca. Essa pequena é igualzinha a mãe, tem um coração enorme, até mesmo com pessoas que não merecem.

— Tudo bem, princesa, só vou confirmar antes com as mães desses dois e vamos. Vocês duas não vão participar do trabalho também? — Perguntei por curiosidade, para saber se elas eram o tipo de criança que na frente dos adultos demonstravam outro tipo de comportamento.

— Acho que a minha mãe deixa, professora, mas tem que ligar e explicar. — Jaqueline diz de um jeito doce, como imaginei, ela é o tipo de criança que com os adultos tem um comportamento exemplar. Isa a encara franzindo as sobrancelhas, com uma carinha linda de poucos amigos.

— Acho melhor não, sua mãe não vai gostar se for lá pra casa, melhor nem ligar, dinda. — Isa nunca foi o tipo de criança que camufla seus sentimentos, nem suas emoções.

— Certo. Podem, por favor, me dizer o que está acontecendo?

— Elas estavam implicando com a Mille, porque ela tem duas mães, estavam falando coisas feias pra ela, chamando de estranha e esquisita. — Quem abre o jogo é o Fabinho, que continuava consolando Camille disfarçadamente desde que entrei na sala.

— Sabem qual é o nome disso que estavam fazendo? — As duas se entreolham, antes de me encarar, parecendo um pouco assustadas, no fundo, no fundo, a culpa não era delas e sim dos pais, que não ensinaram as filhas o significado e a importância do respeito. As duas balançam a cabeça de modo negativo, sem dizer nada. — Bullying e preconceito. Preconceito é crime sabiam? Sem mencionar que é muito feio e magoa as pessoas. Não são obrigadas a aceitar as diferenças dos outros, mas são obrigadas a respeitá-las. — Tento usar meu melhor tom de educadora, Jaqueline parece envergonhada ou talvez seja constrangimento por ter sido pega, mas a outra garotinha, Cacau, não parece se abalar nem um pouco, além da expressão assustada que expressou minutos antes, não demonstrou outra reação. — Melhor irem, seus pais já devem estar esperando por vocês. — As duas saem da sala, Jaqueline de cabeça baixa, mas Cacau sai com a cabeça erguida e o nariz em pé. Tenho receio por ela, a vida vai cuidar de ensiná-la ou ela pode se tornar alguém amarga e sem caráter ou escrúpulos, espero sinceramente que isso não aconteça.

— Estou muito orgulhosa de vocês, por terem defendido a Mille e serem crianças tão especiais. — Falo acariciando o rosto da minha pequena e do Fabinho. Depois me aproximo de Camille, que ainda estava um pouco chorosa, me abaixo para olhar em seus olhos.

— Não tem nada de errado em ter duas mães ou dois pais, existem muitos tipos diferentes de família. O que importa de verdade é o amor, nada mais. O que Jaqueline e a Cacau fizeram foi muito errado e feio, mas a culpa não é delas, foram ensinadas a serem assim, infelizmente tem pessoas muito preconceituosas no mundo, ainda vai encontrar muitas delas, mas sempre terá o amor da sua família e dos seus amigos, para enfrentar todos eles. Tudo bem? — Camille confirma balançando a cabeça e se jogando sobre mim, envolvendo meu pescoço com os braços choramingando. — Shiu... Está tudo bem, querida. — Não demora muito e logo ela está mais calma. Nos afastamos e enxugo suas lágrimas. — E então, vai querer ir para casa da Isa? Ou vai querer ir com sua mãe? Hortência ainda está no ambulatório. — Camille balança a cabeça negando. – Vai ter que verbalizar, querida. Acho

que o gato não comeu sua língua. — Falo brincando, fazendo cócegas em sua barriga, Fabinho e Isa começam a rir.

— Temos que fazer a atividade de artes que a professora Morgana pediu, vou pra casa da Isa.

— Também vou, já pedi a minha mãe e ela deixou. — Fabinho diz.

— Muito bem, então, vamos todos, assim vocês aproveitam para me explicar direitinho como toda essa discussão aconteceu. Antes vamos no ambulatório. — As crianças pegam suas mochilas e saímos da sala.

Seguimos até o ambulatório, falo com Hortência que confirma que Camille já tinha pedido permissão para passarem à tarde na casa do Gaspar, ela percebe o clima meio tristonho de Camille e me pergunta o que houve. Explico o que aconteceu, Hortência fica revoltada, mas não se altera por causa das crianças. Peço que tenha calma que vamos resolver isso com a diretoria, tenho certeza que Vitória não vai tolerar esse tipo de comportamento. Depois de ligar para a mãe do Fabinho para confirmar a autorização, seguimos para casa, "casa" é estranho me referir desse modo, mas é algo automático.

No caminho as crianças contam toda a história. Morgana, professora de Artes, passou uma atividade em grupo para trabalhar melhor com a nova turma, ela resolveu sortear os membros dos grupos, por coincidência Isa, Camille, Fabinho, Jaqueline e Cacau ficaram no mesmo grupo, então eles marcaram de se reunir depois da aula para organizar o trabalho. No final das aulas, quando estavam se preparando para irem embora, Cacau disse que não ficaria no grupo, Isa perguntou “por quê?” e foi assim que tudo começou. Tanta intolerância em uma criança tão jovem, não é certo, amanhã mesmo terei uma conversa séria com Vitória sobre esse assunto.

Um suave aroma de lavanda nos envolve, assim que abrimos a porta do apartamento, Mira, ela é a melhor pessoa, sem dúvidas a única que consegue colocar ordem nesta casa. Lika chega abanando o enorme rabo a procura do carinho da dona, as crianças a cobrem de atenção, até ela estava cheirando a flores. Depois de acariciá-la e dar atenção a monstrinha Isa sai correndo pela casa chamando pela Mira com Lika em seus calcanhares, Camille e Fabinho

deixam suas mochilas sobre um dos sofás e vão atrás dela. Acabo indo para a cozinha, pego um copo enorme com água bem gelada e tomo, não demora nem cinco minutos e Mira se junta a mim, sorrir ao me ver.

— Que bom que veio! — Fala já com seus braços me envolvendo. — Não tenho tanto fôlego assim para ficar de olho em três crianças.

— Claro que tem, sua boba. Ainda é uma menina.

— Quisera eu que essa sua gentileza fosse verdade. — Fala sorrindo. — Me pegaram desprevenida, se soubesse que estava vindo com mais dois teria preparado mais algumas coisas, além de biscoitos e bolo de chocolate.

— Desprevenida? — Acabo sorrindo. — Aposto que preparou cookies e bolo suficientes para alimentar todo o bairro. Além disso, não tem muita coisa que possa ser feita depois que aquela pequena decide algo, ela sempre consegue o que quer.

— Isso é verdade, Isa tem um coração enorme, mas também sabe fazer todos ficarem em torno dela, principalmente o pai. — Não teria como ser diferente, aqueles dois são como a metade de um todo.

— Ele está no Sabores? — Sento em um dos bancos, enquanto a observo caminhando pela cozinha, pegando ingredientes. — O que está fazendo?

— Empanadinho de frango, também fiz um arroz de forno muito gostoso para o almoço. Hoje pela manhã ele disse que passaria o dia trabalhando e que você traria a Isa. — Coloca tudo na bancada na minha frente e começa a preparar os empanados. — Ele me pareceu triste, diria até angustiado. — Mira me encara, como se procurasse a resposta de uma pergunta que ainda nem tinha sido feita. — Não muito diferente de como está. Sabe, sempre achei que o medo nos faz fazer escolhas idiotas. — Fala me encarando. Levanto do banco, contorno o balcão, envolvo meus braços em seus ombros e beijo seu rosto.

— Sabe que eu te amo, né?

— Sei sim.

— Entendo que está preocupada, mas não quero falar sobre esse assunto. — Ela apenas assente, sei que não concorda com meu silêncio, mas o respeita. — Vou vê as crianças, vê se já lavaram as mãos para o almoço. — Dou mais um beijo em seu rosto e a solto.

— Certo, mais uns cinco minutos e vai estar pronto.

— Pode caprichar que estou faminta. — Saio praticamente fugindo.

Não foi por falta de confiança que não quis falar nada, mas sim pelo mesmo motivo, pelo qual ainda não liguei para minha avó e minha tia, porque quando contar para elas vai ser real e definitivo.

O restante do dia passa rápido e muito divertido. Camille e Fabinho vão para casa no final da tarde. Fico mais um pouco. Precisava falar com Isa, explicar o que aconteceu, não seria fácil, mas não quero que ela saiba por mais ninguém. Aproveito que estou ajudando a organizar a bagunça que ela fez com os amigos, para começar nossa conversa.

— Dinda, vai ficar hoje? Ontem foi embora e nem se despediu. — Como de costume sou pega por seus questionamentos, desprevenida, no exato momento em que pensava por onde começar o assunto. Termino de guardar as canetas coloridas e os lápis hidrocor, sento no chão ao lado de um quebra-cabeça montado pela metade e começo a guardar as peças.

— Vem aqui me ajudar. — Obedece sentando ao meu lado, desencaixando algumas peças, enquanto eu guardava as peças na caixa. — Tem uma coisa que quero falar com você. — Ela para o que está fazendo e olha para mim.

— Não fiz nada, dinda, juro. — Sempre na defensiva, considerando que sempre está aprontando é bem compreensível.

— Eu sei, pequena, o que quero conversar é outra coisa.

— Conversa de adulto?

— Sim. Perguntou se vou ficar hoje. — Ela assente. — Não vou.

— Por quê? — Era visível que não está entendendo.

— Seu pai e eu discutimos. — Isa sempre foi transparente ao demonstrar suas emoções, ela estava assustada.

— Por que vocês brigaram?

— Coisas de adulto, meu bem. Isso não significa que estamos com raiva um do outro, só que não vamos mais continuar namorando.

— Vocês não se amam mais?

— Claro que nos amamos, mas agora vamos ser amigos, como éramos antes de namorar. Nada vai mudar. — Tento passar segurança em cada palavra, mas acho que não me sai tão bem.

— Não é verdade, não vai ser igual, vocês dois vão ficar agindo estranho e você não vai mais dormir aqui. — Sempre esqueço a sensibilidade das crianças para perceber as coisas que acontecem ao seu redor.

— Sabe que não gosto de mentiras, nem sou boa mentirosa — ela sorri

e assente. — Então não vou fazer promessas que não posso cumprir, mas posso dizer que vou fazer o possível para que as coisas não fiquem estranhas.

— De verdade?

— Sim. — Ela se joga sobre mim, a envolvo com meus braços apertando-a forte.

— É pra sempre? Você e o papai não vão mais casar?

— Para sempre é muito tempo, gatinha, nós dois precisamos entender algumas coisas, com o tempo tudo vai ficar bem. — Sem desgrudar um centímetro, ela assente.

Queria acreditar no que tinha acabado de falar, mas acho que meu relacionamento com Gaspar realmente deve ter chegado ao fim.

Capítulo 31

Estaciono o carro sobre a sombra de uma árvore, em frente a um enorme jardim bem arborizado e florido. Não venho aqui há quase um ano, olho a placa ao lado da fonte ornamentada do pequeno lago, "Cemitério Vale da Saudade" poderia ser um nome menos clichê e mais acolhedor, mas acho que esses lugares não foram criados para serem acolhedores. Nunca foi fácil vir até aqui, não era antes e com certeza não é agora.

Pego o arranjo de jacintos e saio do carro, sigo o caminho em direção às lápides de pedras de sabão marmorizadas, não ficava tão longe de onde estacionei, apenas alguns metros. Hoje faz uma semana desde que Lys descobriu a gravação e terminou tudo comigo. Agora estamos agindo como bons colegas que dividem a responsabilidade de criar e educar a Isa, e a cada dia me sinto mais perdido, sem saber como resolver essa situação.

A festa de boas-vindas do Nicholas até que foi animada, foram apenas os amigos mais próximos e o bar ficou bem cheio, Lys foi com duas das garotas do quinteto, as mesmas que tocam junto com ela na orquestra. Ela não parecia estar brava comigo, mas evidenciava sua mágoa, ela não fez muito esforço para disfarçar, em alguns momentos parecia até mesmo um pouco distante.

Quando conversei com o Nick e com o irmão dele, o Otávio, eles estavam bem animados, Nick voltou da sua temporada na Europa repleto de ideias e ficou muito animado quando falei sobre meu buffet bistrô gourmet, acabamos marcando uma reunião. Henrique chegou atrasado, como de costume e fazendo barulho, evidentemente contou sobre meu romance dramático, para variar sem poupar detalhes. A reação do Nick foi mais natural do que imaginei.

— *Cara, você ficou com a garota e perdeu a garota em menos de seis*

meses? Inacreditável, Gaspar, você conseguiu se superar dessa vez. — Nick falou parecendo estar se divertindo muito com o infortúnio alheio. Credo quem fala "infortúnio"?

— Obrigado, Henrique, por usar tantos detalhes na sua explicação. — Disse usando meu melhor tom sarcástico.

— Pode sempre contar comigo, primo. — E ele devolveu com seu melhor tom irônico, erguendo a cerveja em um tipo de cumprimento e faço o mesmo.

— Não se preocupe, Nick, farei o possível para que isso mude bem rápido. —Ainda não tinha a menor ideia de como reverter a situação, mas eu daria um jeito.

— Não estou nem um pouco preocupado, sempre soube que de algum jeito vocês dois acabariam ficando juntos, assim como sei agora que vão acabar se acertando.

Ele fez falta no tempo que passou fora.

A saudade que sinto dela, de nós dois juntos, é absurda, perdi as contas de quantas vezes peguei o celular nos últimos dias querendo falar com ela, ouvir sua voz ou mandar uma mensagem, qualquer coisa que me deixasse conectado a ela de algum modo, mas simplesmente não consegui. Tentei tocar no assunto nas poucas vezes em que nos cruzamos, mas sempre discutíamos. Estou cansado de discutir, quero resolver isso, quero que ela me perdoe, só preciso descobrir como. As ideias do Henrique são péssimas, todas envolvem humilhação pública, não que me humilhar publicamente seja um problema se no final Lys me perdoasse e voltasse para mim, mas as ideias dele são realmente ridículas. Talvez seja melhor perguntar a Samara ou ao Mael, até mesmo ao meu pai, ele é um romântico incurável, com certeza me ajudaria muito mais.

Chego à lápide rodeada por um gramado muito verde, um cobertor cobrindo tudo a sua volta. O vaso ao lado está vazio, encaro a placa com os seguintes dizeres: Maria Eduarda Leal Bianucci 06-01-1989 a 19-02-2015, logo abaixo o epitáfio *"Esposa e mãe amada — Nunca deixe que as oportunidades passem, sem que as possa vive-las ao máximo"*, Duda quem escolheu, ela costumava dizer, que não existia nada pior do que perder as oportunidades dadas pela vida, podemos perder a chance de ser feliz, sem nem ao menos nos darmos conta.

Nunca tivemos uma briga realmente séria, normalmente nos

reconciliávamos logo em seguida, por isso agora estou sem saber o que fazer com a Lys. Me abaixo para retirar algumas poucas folhas secas trazidas pelo vento e coloco o arranjo de jacintos no vaso, sento no gramado, era fim de tarde o sol já estava indo embora.

— Se estivesse aqui saberia exatamente o que fazer para que a Lys me perdoasse, sempre foi boa com as palavras, sem mencionar que vocês são melhores amigas, ela certamente ouviria você. — Mas nesse caso provavelmente Lys e eu não teríamos ficado juntos, falar sozinho acabou se tornando um hábito para mim desde sua morte, foi esse hábito que me deixou nesta situação, de qualquer modo quem se importa se pareço um maluco.

— Nunca imaginei que amaria novamente, tão pouco que seria assim, intenso. Com você era fácil como respirar, com a Lys é como viver em um filme de ação, como mergulhar de cabeça soltando de paraquedas e eu nunca saltei de paraquedas. Ela me faz sentir vivo. — Parecia sem sentido estar falando com o nada, mas de certo modo, sentia como se a Duda estivesse comigo. Sempre fomos melhores amigos acima de qualquer coisa, amigos antes de sermos casados.

— A saudade que sinto dela vai me deixar maluco, talvez já esteja, afinal, estou falando sozinho. — Uma borboleta amarela, meio esverdeada pousa em cima do topo da lápide, batendo suas asas bem lentamente, antes de parar por completo. Penso nos olhos da Alyssa, castanho-dourados, um sorriso se forma em meus lábios. — Saudade parece algo tão pequeno, acho que o termo correto seria necessidade. Estou dando voltas e não chego a lugar algum, sei disso, mas a verdade é que vim até aqui porque preciso dizer adeus. Te amei de verdade, cada momento que passamos juntos foi sincero e real, chorei sua morte, sofri em desespero sua ausência, você me deu a melhor parte de você, nosso bem mais precioso, nossa filha, não vou deixá-la esquecer a mãe maravilhosa que você foi, mesmo que por pouco tempo, mas está na hora de seguir em frente, deixar de olhar para o passado. — Fico mais um tempo sentado em silêncio, esperando uma resposta que nunca viria. A borboleta finalmente voa, batendo suas asas de modo ritmado e sinto que de algum modo está na hora de fazer o mesmo. Fico de pé.

— Vou cuidar bem dela, prometo que a nossa filha terá o melhor de mim. Adeus, meu amor. — Viro-me e sigo caminhando.

Entro em meu carro, coloco minhas mãos no volante e o seguro com força até os nós dos meus dedos ficarem esbranquiçados, solto em seguida

relaxando todo meu corpo, fiz o mesmo com minha respiração, solto o ar lentamente esvaziando meus pulmões. Apoio minha cabeça no encosto do banco, era como se todo o peso do mundo tivesse deixado minhas costas. No final, talvez Lys tivesse razão, mas agora acabou em definitivo. Meu objetivo, agora, era encontrar um modo de fazê-la me perdoar e entender isso, ainda não tinha a menor ideia de como iria fazer isso, mas encontraria um modo.

Tenho que ir à casa dos meus pais pegar a Isa, hoje era dia da noite pai e filha, fazia tempo que não fazíamos isso, Isa está muito animada e eu também, ando trabalhando muito. Ligo o carro e sigo meu caminho, minha cabeça não desliga, mil ideias de como fazer Lys me perdoar passam pela minha cabeça, a maioria delas péssimas. Ela estava tão linda ontem na festa de boas-vindas do Nick, tentei me aproximar algumas vezes, mas sempre que começávamos a conversar éramos interrompidos por alguém. A festa terminou e não consegui ficar nem cinco minutos sozinho com ela.

A primeira visão que eu tenho quando atravesso os portões é da minha filha brincando com Lika em um cabo de guerra acirrado, por algo que parecia uma bolsa ou algo do tipo. Ambas percebem minha presença ao mesmo tempo, elas interrompem a disputa e correm em minha direção, essa sempre era a melhor parte, ser pai da Isa, ter seus sorrisos, não tinha preço. Quando estaciono e saio do carro Isa já se atira em meus braços.

— Chegou cedo hoje, papai. Achei que só nos veríamos mais tarde. — Lika fica pulando e latindo ao nosso redor, beijo Isa antes de colocá-la no chão, depois afago a cadela que parecia estar esperando apenas por isso.

— Decidi vir mais cedo para fazermos uma noite pai e filha — Os olhinhos dela brilham com a ideia. — Mas se não tiver afim ainda posso voltar para o restaurante. — Falo para provocá-la, seguro em sua mão e começamos a andar indo em direção a casa.

— Claro que não, papai, podemos fazer pizza?

— Podemos sim, pepperoni com muito queijo, o que acha?

— Muito bom. Podemos chamar a dinda, ela adora pizza de pepperoni. — Minha filha é muito esperta, pode não ser um jogo muito limpo usar Isa para me reaproximar da Lys, mas dizem que no amor e na guerra vale tudo, então talvez fosse hora de jogar com todas as minhas cartas e parar de continuar apenas esperando que as coisas mudem sem fazer nada para que isso acontecesse.

— Acho uma ótima ideia, sabe o que eu acho também? — ela balança a cabeça negando. — Que sua dinda não teria como negar se fosse um pedido feito pela pessoa preferida dela no mundo todo. — Isa me encara de um jeito sapeca e muito engraçado.

— Você é muito esperto, papai, se eu pedir ela não vai negar mesmo, boa ideia. — Fala sorrindo parecendo se divertir muito com a pequena travessura que iria fazer, com minha autorização. Nos últimos dias não tive sorte, nem conseguimos conversar direito, essa seria uma ótima oportunidade, se ela aceitar.

— Vamos passar no supermercado a caminho de casa para comprar algumas coisas que estão faltando, não cozinhamos juntos há um tempo, vai ser divertido.

— Vai mesmo. — Ela sorri e lhe dou uma piscadela.

— Parecem muito animados, isso tudo é felicidade por se livrar dos avós, mocinha? — Minha mãe fala, vindo do pequeno canteiro de flores que fica na lateral da casa, quando já estamos em frente à porta.

— Nada disso, vovó, papai fez surpresa, hoje vai ser noite pai e filha e vamos cozinhar pizza.

— Oi, mãe — Cumprimento beijando seu rosto.

— Como vai, querido? — Diz devolvendo o beijo, mas seu olhar deixava claro que estava sabendo sobre mim e a Lys.

Não que fosse um segredo, mas essa semana trabalhei muito, tive um problema no Sabores de Florianópolis, Henrique teve que ir até lá, não queria me ausentar por causa da Isa e também por outros motivos óbvios, acabei tendo que me virar para dar conta de tudo, acabou que consegui encontrar meus pais apenas hoje.

— Bem, consegui uma folga de meio período, com o Henrique de volta me sinto tranquilo. — Ela assente com um movimento discreto. Minha mãe era discreta no que se refere aos assuntos pessoais dos filhos, mas estava claro que ela queria dizer algo, ela sempre foi boa em ler as pessoas. Antes que pudesse perguntar qualquer coisa, meu pai abre a porta.

— Achei que só vinha amanhã! — Fala dando passagem para entrarmos.

— O papai conseguiu meia folga, vovô, para fazermos a noite pai e filha. Vou pegar minha mochila, já volto. — Diz e sai em disparada indo em direção às escadas.

— Sem correr, filha. — Ela diminui o ritmo até ficar fora de vista, depois ouço o eco dos seus passos apressados novamente, subindo os degraus.

— Isa nos contou que você e a Alyssa terminaram? — Não fico surpreso com a pergunta, imaginei que ela contaria para eles.

— Sim, mãe. Na verdade, ela que me deixou.

— Não estou entendendo, vocês estavam tão apaixonados. O que houve?

— Fiz uma idiotice, acredite, ela teve seus motivos.

— Não duvido disso nem por um segundo. — Sempre podia contar com a sinceridade da minha mãe — Mas por que não nos disse nada?

— Esta semana foi bem conturbada e nos vimos apenas hoje, pretendia contar, mas a neta de vocês foi mais rápida. Estou me esforçando, tentando encontrar um modo de mudar tudo isso, eu a amo — eles não pareciam estar surpresos ao me ouvir confessar meus sentimentos.

— É bom saber que finalmente percebeu, filho. — Sua evidente tranquilidade me fez perceber que fui um cego durante todo aquele tempo.

— Bom saber que já sabia, pai. Infelizmente tive que perdê-la para entender a proporção dos meus sentimentos por ela.

— Então, acho que deveria se apressar e pensar em algo bem rápido, uma garota linda, inteligente e divertida como a Alyssa não vai ficar sozinha por muito tempo.

— Obrigado pelo seu apoio, pai.

— Por nada, filho, pode sempre contar comigo.

— Está sendo irônico!

— É, eu sei. — Fala dando uma piscadela sorrindo.

— Querido, por favor, ele já está suficientemente angustiado com essa situação. — Minha mãe fala com a intenção de se mostrar solidária, mas parecia se divertir bastante com minha atual situação desesperada.

— Prontinho, papai, podemos ir. — Isa reaparece com sua mochila sempre maior do que ela e já segura em minha mão, acho que as mulheres têm em seus DNAs algum tipo de programação sobre levar a casa inteira dentro de suas bolsas.

— Então, melhor irmos! — Ela balança a cabeça afirmando, beijo seus cabelos, depois volto minha atenção para meus pais. — Melhor irmos, temos que dar uma passada rápida no supermercado.

— Certo, ainda nos vemos esta semana? Poderiam vir jantar amanhã.

— Pode ser, mãe, mas eu ligo confirmando, tenho que saber como vai ser no restaurante amanhã, lotamos quase todos os fins de semana.

— Espero você entrar em contato, então. Um beijo antes de ir, princesa. — Isa solta minha mão para se jogar nos braços da avó, depois faz o mesmo com meu pai, depois de nos despedirmos, vamos embora.

O supermercado que gostamos de ir fica exatamente no caminho entre minha casa e a casa dos meus pais, muito conveniente. Deixamos Lika dentro do carro, Isa adorava ir ao supermercado, pegamos tudo o que precisamos, quarenta minutos depois estamos seguindo para casa.

— Acho melhor ligar logo para dinda e convidar. — Isa fala de repente muito tranquila, como se tivesse dito que vai até ali brincar.

— Princesa, pode ser que ela não queira vir.

— Acho que ela vai aceitar, a dinda gosta muito da nossa pizza, mas de qualquer jeito, só vamos saber se convidarmos, não é mesmo? — Diz me olhando pelo retrovisor, abrindo aquele sorriso lindo.

— Ok. Talvez tenha razão. — Pego meu celular, desbloqueio a tela e entrego para ela sem desviar minha atenção do trânsito quase sem tráfego, mas todo cuidado é pouco quando se tem uma criança ao nosso lado. Isa sabia o número de cor da Lys, assim como os meus, todos decorados. Pelo retrovisor a vejo digitando, logo em seguida ouço chamar, ela colocou no viva voz, um toque, dois toques, três toques, quatro toques e apenas no quinto ouço sua voz.

— *Oi, Gaspar.* — Talvez fosse impressão minha, mas sua voz parecia um pouco assonada.

— Sou eu, dinda, a Isa.

— *Oi, gatinha. Tudo bem? Onde está o seu pai?* — Ela parecia bocejar na pergunta final.

— Estou aqui, Lys, você está no viva voz. — Achei melhor avisar, de qualquer modo ela acabaria percebendo.

— *Certo. Que horas são?*

— Quase seis. Estava dormindo?

— *Mais ou menos, cheguei faz umas duas horas do ensaio. E vocês dois, o que estão fazendo?*

— Vamos fazer noite pai e filha com tema italiano, vamos fazer pizza de pepperoni e de manjericão e também vamos assistir filmes, vai ser bem

legal, se você vier vai ser ainda melhor. — Isa fala toda animada, queria muito que a Lys viesse, ao mesmo tempo que não me sentiria bem se fosse uma situação.

— *Gatinha, acho melhor deixar para outro dia. Sabe o que é, hoje foi bem cansativo.* — Queria dizer que ela poderia dormir no quarto de hóspede, que poderia passar o fim de semana, mas achei melhor ficar calado.

— Mas não vai precisar fazer nada, eu e o papai vamos fazer o jantar, enquanto isso, pode ficar descansando ou conversando com a gente. Não é, papai?

— *É sim, querida. Mas se a Lys está cansada e acha melhor ficar em casa, podemos deixar para uma próxima vez.*

— Poxa, faz um tempão que não ficamos todos juntos — não fazia tanto tempo assim, mas conheço bem minha filha e sabia o que ela estava fazendo. — E os dois me prometeram que ainda seriam amigos, que nada ia mudar.

— *E não mudou, Isa, já conversamos sobre esse assunto, além disso, meu dia foi realmente bem cheio.*

— Mas estou com saudade e é comida italiana, a sua favorita. Sei que adora as pizzas do papai. — Deveria intervir neste momento, não a quero se sentindo obrigada a vir, ao mesmo tempo, queria muito que ela aceitasse o convite. Decido ficar em silêncio, Lys sabe como lidar com essa pequena chantagista mirim, melhor até do que eu. Sabe como dizer não sem magoar os sentimentos dela. Se decidisse aceitar o convite seria escolha dela.

— *Tudo bem, vou apenas tomar um banho, vejo vocês daqui a uma hora. Estou morrendo de fome mesmo.* — Isa grita um sonoro ebaaa. — *Ok, devo ter ficar com um sério problema auditivo agora.* — Isa se desmancha em sorrisos, muito satisfeita por ter conseguido convencê-la a vir, elas se despedem no momento que estou entrando na garagem do prédio.

— Acho que a massa já está boa, papai. — Diz fazendo o teste de prova que a ensinei.

— Também acho, hora de abrir. Pronta? — Ela faz que sim. Divido as porções de massa, entrego uma para ela, com o tempo, Isa ficou ótima em

abrir as massas, ainda não está melhor do que eu, porque as mãos são pequenas e ela também não tem tanta força.

Começamos a abrir juntos, ela brinca tentando lançar a massa no ar, mas sem muito sucesso. Isa vai até o som portátil que temos na cozinha, conecta o *pendrive* com as mãos sujas de massa e coloca uma ópera tradicionalmente italiana. Sempre me cobro, acredito que deveria ter mais momentos assim com ela, eles são únicos e sempre nos divertimos, meu pedacinho de gente está crescendo e logo vou deixar de ser o centro do seu mundo. Suas gargalhadas ressoam pela casa, Lika fica roçando em nossas pernas, exigindo atenção. Quando olho na direção da entrada que divide a sala da cozinha, a vejo nos admirando com ar risonho, quando nossos olhares se cruzam está tudo ali na superfície e é como se pudéssemos transferi um para o outro cada um dos nossos sentimentos. Ela está linda, com um daqueles vestidos confortáveis que adora, meia calça daquelas mais grossas e umas botas que parecem pantufas, nunca decoro bem o nome dessas coisas. Seus cabelos meio bagunçados, com cachos soltos, em um coque folgado e bagunçado, como sempre simples e linda.

— Chegou, dinda! — Isa me desperta, largando sua massa já pronta para ser recheada.

— Cheguei, gatinha, e o cheiro está incrível. — Lys se inclina para ficar na mesma altura dela, a abraça e a beija.

— É o molho que o papai preparou, está muito gostoso, ele caprichou. — Lys sorri e aperta seu nariz.

— Ei, como assim? Sempre capricho. — Ela dá uma daquelas risadas gostosas, fico feliz em ter a certeza de que minha filha está se desenvolvendo como uma criança muito alegre, comunicativa e feliz. — Que bom que veio! As pizzas já estão quase prontas para ir para o fogo, quer um pouco do molho?

— Claro que quero, adoro seus molhos caseiros. — Ela deixa sua bolsa sobre uma das cadeiras da mesa e se aproxima de mãos dadas com a Isa. — Quanta pizzas fizeram? — pergunta ao ver a bagunça na bancada da cozinha, três massas abertas e uma semiaberta.

— Perdi um pouco o controle, fiz quatro porções de massa. — Ela balança a cabeça sorrindo, Isa pega o molho e os outros ingredientes e começa a rechear sua massa.

— Vem ajudar, dinda, essa aqui é do papai, mas essa outra pode ser a

sua. Escolher os recheios é a melhor parte. — Fala rindo, agora muito concentrada em sua tarefa de caprichar o recheio.

— Ela tem razão, essa é a parte divertida — estendo uma colher para ela começar a rechear sua massa, Lys pega a colher, nos encaramos por um segundo. — Obrigada por ter vindo.

— Fiz uma promessa e pretendo cumprir — diz desviando do meu olhar e encarando a Isa. Nem tinha percebido que tínhamos diminuído o tom das nossas vozes. Apenas assenti, Lys lava as mãos e começamos a trabalhar.

Isa como mediadora principal das nossas conversas, sempre falando como foi sua semana, como foi seu dia, falando da Camille, da nova colega de turma que era metida e toda cheia de preconceitos e que ela não gostava nada dela. Colocamos as três pizzas no fogo, a quarta massa coloco na geladeira. Nós três nos divertimos limpando a cozinha, Lika rouba um pedaço de massa que tinha sido descartada, tentamos tirar dela, mas a danada acaba engolindo. Quando finalmente terminamos é no exato momento em que o forno apita, avisando que as pizzas estão prontas. Colocamos um filme, sentamos no tapete, os três sentados com as três pizzas entre as pernas e com Lika sempre a espreita esperando para dá o bote. Dividir esse momento com as duas pessoas que eu mais amo, que mais me importam, me faz perceber como fui um completo idiota, por ter perdido isso, mas farei o possível e o impossível para reverter essa situação.

Talvez recusar o convite tivesse sido mais inteligente. Mas depois da semana difícil que tive, precisava me sentir bem e estar com eles me faz feliz. Faz seis dias que a Heloise me ligou avisando que tudo correu bem na cirurgia, que o César agora estava em recuperação, não imaginei que a notícia

do sucesso da cirurgia me deixaria tão feliz. Minha meio irmã também disse que ele ficaria muito feliz se fosse visitá-lo, o problema é que ainda não consegui fazer essa viagem, sempre que a Helô liga para me dá notícias, invento uma nova desculpa para não ir e quando ela pergunta se quero falar com ele, invento outra, no meio disso tudo minha cabeça ficou ainda mais confusa.

Precisava desse momento, esquecer meus problemas. A noite foi tão maravilhosa, adoro colocar a Isa na cama, ante de terminar a história ela já estava dormindo serenamente, organizo suas cobertas, tento organizar um pouco o quarto, ela era bem organizada para uma garotinha, mas às vezes deixava roupas espalhadas, beijo sua testa antes de sair.

Assim que abro a porta do quarto ouço a voz suave do Cazuza, cantando *Faz parte do meu show*, adoro essa música, fazia um tempo que não a ouvia. Fecho a porta e à medida que vou me aproximando da sala a música vai ganhando mais sonoridade. Quando chego à sala, vejo as portas de vidro da varanda abertas, uma brisa suave do ar noturno chega até onde estou, está um pouco frio, solto meus cabelos.

Vejo-o sentado no sofá da varanda, com uma taça na mão e outra vazia sobre a mesinha de centro junto com uma garrafa de vinho, ele é tão lindo de tantas formas diferentes. Minha razão diz que o melhor é me despedir logo e ir embora, de preferência de longe sem me aproximar muito, poderia apenas pegar minhas coisas e sair, para evitar aquele momento constrangedor que acontece sempre que estamos sozinhos, mas nunca faria isso. Ando em sua direção, ele não percebe minha presença até eu chegar quase ao seu lado, um sorriso surge em sua face, assim que nos encaramos.

— Momento nostálgico? — ele franze a testa, aparentando não ter entendido meu comentário. — A música.

— Fazer o quê, o cara entendia das coisas. — Seu sorriso, aquele sorriso, me fazia desejar coisas que já não me pertenciam mais.

— Verdade. — Ficamos em silêncio e lá estava o momento constrangedor, que imaginei. A melhor coisa era me despedir e ir embora logo. — Isa demorou um pouco a dormir, lutou contra o sono, mas finalmente adormeceu. Estou indo, vou aproveitar que ainda está cedo.

— Espera — Pede assim que me viro para sair pelo caminho que entrei, me volto para ele novamente. — Fica um pouco, toma uma taça comigo.

— Estou dirigindo, então, acho que não é uma boa ideia. — Nem eu

conseguia acreditar nas palavras que saiam da minha boca.

— Uma taça de vinho não vai te deixar bêbada, tenho certeza disso. Por favor. — Não era uma boa ideia aceitar, ficarmos a sós definitivamente era uma péssima ideia.

— Ok. Meia taça. — Abafar a razão era minha especialidade. Sento-me em uma pequena poltrona a sua frente, ele pega a garrafa, enche a taça até a metade e me entrega.

Mais uma música chega ao fim, outra inicia logo em seguida "Codinome beija-flor", aquela música parecia um tapa na cara, acabo rindo da ridícula coincidência dela ter começado a tocar exatamente naquele momento.

— Alguma coisa engraçada? Bêbada acredito que você não está, pelo menos não ainda.

— Essa música.

— O que tem ela?

— É uma carta de amor, de despedida. — Continuo sorrindo, enquanto Gaspar parece finalmente ter prestado atenção na letra e começa a sorrir também.

— Depende da interpretação, nunca tinha percebido, ouvi essa música inúmeras vezes, mas nunca analisei com atenção na letra dela. Cazuza entendia bem o amor, é possível dá mais de um significado a essa letra.

"Pra que usar de tanta educação
Pra destilar terceiras intenções
Desperdiçando o meu mel
Devagarinho, flor em flor
Entre os meus inimigos, beija-flor
Eu protegi teu nome por amor
Em um codinome, Beija-flor
Não responda nunca, meu amor
Pra qualquer um na rua, Beija-flor"

— Você tem razão, é uma despedia romântica e uma declaração. Acho que o Cazuza, era uma daquelas pessoas raras no mundo, que compreendia a alma humana. — O tom melancólico em minha voz não passa despercebido por ele, percebo no modo como ele me olha.

— Aconteceu alguma coisa? — Fico na dúvida se falo ou não, não queria estragar a noite falando sobre o César e meu comportamento indeciso

sobre ir a Florianópolis ou não.

— Não é nada.

— Certo. Então, queria falar sobre a gente, não quero continuar assim e... — ele só podia estar de brincadeira, na segunda fala entendi o que ele estava tentando fazer, queria que eu escolhesse entre falar do nosso "relacionamento" ou do que estava me angustiando. Às vezes era assustador como nos conhecíamos bem.

— Sei o que está tentando fazer.

— Deu certo? — Seu sorriso de menino me deixava boba às vezes e sua teimosia me tirava do sério e como nos últimos dias não ando com ânimo para discussões, começo a falar.

— O César conseguiu um doador depois de todo esse tempo na lista de espera, a cirurgia foi há alguns dias, seis para ser mais exata, a operação foi um sucesso e ainda não consegui ir até lá. — Sai tudo de uma vez, nem respiro. Quando termino tomo mais um pouco do vinho.

— Imagino como ficou feliz com a notícia. Acredito que a Heloise está te mantendo informada sobre a recuperação dele, dizem que é bem complicada, não entendo nada dessas coisas, só o que ouvi falar. — Ele toma mais vinho, fico encarando-o, me perguntando se é só isso, se ele não vai mais falar nada e para minha surpresa ele não diz mais nada.

— Não vai me perguntar, por que ainda não fui vê-lo?

— Você sabe, por que ainda não foi? — Às vezes quando ele me olha parece que consegue enxergar dentro de mim.

— Talvez, porque ainda não consegui perdoá-lo completamente, ou por medo de talvez ter perdoado e ter esperança de construir algo e acabar me frustrando. Sei lá.

— Acho que sabe sim, e é isso que mais está te incomodando, o misto das coisas que você acabou de dizer. Nada do que ele fale justifica o que ele fez, é impossível recuperar todos os anos que vocês perderam da vida um do outro, mas vocês podem ter a possibilidade de recomeçar, construir algo novo, isso vai depender do quanto ambos estão dispostos a deixar o passado no passado. — Sempre imaginei como ele conseguia dizer as coisas certas nos momentos certos, era como se ele tivesse falado exatamente o que eu precisava ouvir.

— Tem razão, mas é tão difícil, quando penso em tudo, ainda dói.

— Nem tudo na nossa vida acontece como queremos, temos que nos

adaptar ao que a vida nos apresenta, ninguém disse que seria fácil, acho que nada nesta vida é, mas e daí, fazemos o que conseguimos fazer dentro das nossas possibilidades, é isso o que importa.

— Sempre foi bom com as palavras.

— Não é verdade, consegui estragar a única coisa que me fazia realmente feliz e que não era relacionada a minha filha. Então, talvez, eu não seja tão bom assim com as palavras, não usei as certas para te fazer perceber como você é importante na minha vida. — A intensidade do seu olhar sobre mim é como me sentir despida.

— Quer mesmo falar sobre esse assunto? Sempre que fazemos isso discutimos.

— Isso não é exatamente verdade, discordar e discutir tem sentidos bem diferentes. — Ele estava tentando manter o clima e retomar o mesmo assunto.

— Gaspar, não acho que seja uma boa ideia. — Olho para meu relógio, já passava das dez, termino de beber o vinho, deposito a taça sobre a mesa. — Melhor eu ir, já deu minha hora. — Assim que fico de pé e dou o primeiro passo, sinto sua mão envolver meu pulso, quando me volto em sua direção, nossa distância é de centímetros.

— Fica, vamos terminar esse assunto, fugir não vai ajudar, principalmente porque entre nós dois temos a Isa. — Sabia que ele tinha razão, precisávamos colocar um ponto final em toda essa situação.

— Ok, eu fico.

Capítulo 32

— Ok, eu fico. — De um modo que parecia ser em câmera lenta, ele solta meu pulso.

— Quer mais vinho? — Faço apenas assentir, precisava de pelo menos mais duas taças para poder ter essa conversa e sair inteira dela, ele volta a sentar e coloca mais vinho nas duas taças, talvez tenha que voltar para casa de Uber.

Volto a poltrona onde estava antes e sento. A primeira coisa que faço é tomar um gole generoso do vinho, me acomodo bem, quando encaro o Gaspar ele está me olhando e ficamos ali apenas nos olhando.

— Quando falei sobre a importância que você tem na minha vida, não estava sendo honesto — fala finalmente rompendo o silêncio. — Deveria ter dito que consegui decepcionar a pessoa que amo, não usei as palavras certas naquele dia, deveria ter sido sincero, mas fiquei sem saber como explicar os motivos que me levaram a gravar aquela fita, tentei explicar e piorei tudo. — Ele realmente estava achando que foi a gravação que me fez decidir terminar nossa relação.

— Não foi apenas ter ouvido a gravação que me fez terminar. Acho que ela foi apenas a fagulha que estava faltando para outras questões virem à toa. Acredito em você quando fala que me ama, mas o modo como eu sinto esse sentimento e o modo como você sente são o ponto de colisão de tudo isso. — Tento procurar as palavras certas para fazê-lo entender. — Gaspar, desde o início nosso relacionamento foi intenso e repleto de desejo, dúvidas se formaram na minha cabeça, cheguei a acreditar que era apenas isso que você sentia por mim. E para ser sincera, quando cheguei em casa naquele dia, não era com você que eu estava chateada, era comigo mesma, com a minha atitude e principalmente com meus sentimentos.

— Não conseguimos controlar o que sentimos, Lys, isso não é possível, não pode se sentir culpada por algo que está fora do seu controle.

— O problema é que nunca fui o tipo de pessoa que sente raiva ou inveja das pessoas que eu amo. Não sou assim, nunca cobicei nada de ninguém, esse tipo de sentimento me faz mal.

— Sei que não é.

— Mas foram esses os sentimentos que me invadiram. Tive raiva de você, por não ter sido sincero comigo, tive inveja da Duda, porque mesmo não estando mais aqui tinha seu amor, fiquei assustada, não me reconheci e fiquei decepcionada comigo mesma por causa disso. Não tinha esse direito, me sentir a pior pessoa do mundo.

— Ter sentimentos humanos não te classifica como sendo "a pior pessoa do mundo", ficou magoada comigo, a culpa foi minha por nunca ter dito a você como me sentia, sobre nós. Deixei que as coisas fossem apenas acontecendo, sem esclarecer o que tínhamos. — Mesmo assim ele nunca me iludiu, a culpa não era apenas dele era minha também.

— Os dois foram deixando as coisas acontecerem e o tempo passar. Não adianta continuar apertando a mesma tecla, tentando entender onde erramos e já sabemos como tudo aconteceu. — Estávamos apenas girando em círculos e voltando ao ponto de partida.

— Você está certa.

— Acho que devemos encarar os fatos, tentamos ficar juntos, construir algo e ver até onde conseguiríamos chegar. Sabíamos que não seria fácil, mas tentamos e não funcionou.

— Estava funcionando bem até aquele dia.

— Não tão bem, se no primeiro obstáculo de verdade, colocamos um fim ou melhor eu coloquei um fim no nosso relacionamento.

— Você sabe que isso não é bem assim, construímos algo só nosso, tudo estava indo bem, o que aconteceu foi apenas consequência da sua insegurança em não acreditar em mim e nos meus sentimentos por você. — Ele estava mesmo falando sério.

— Isso é sério? Insegurança minha, fala como se não tivesse colaborado para eu me sentir assim, há um segundo estávamos dizendo que a culpa era nossa, não minha ou sua, mas dos dois e agora você diz que foi culpa da minha insegurança.

— Posso não ter falado antes que te amava, mas nunca demonstrei que

não te amava, muito pelo contrário, você sabe que tenho razão com relação a isso.

— Me deixa te contar um segredo, aquele ditado que as pessoas falam, que não é importante dizer eu te amo, que apenas as atitudes são importantes e que todo o resto é irrelevante, não é exatamente verdade. Eu precisava ouvir "eu te amo", talvez esteja sento infantil e egoísta, mas é como me sinto.

— Jamais menosprezaria os seus sentimentos, os meus próprios estavam confusos, já amava você, mas não estava claro para mim, pelo menos não até aquele momento. — Não consigo evitar o pensamento de que talvez ele ainda esteja confuso, detesto me sentir insegura. — Estarmos juntos se tornou confortável para mim.

— Independente disso, acredito que essas questões não sejam mais importantes agora. Tentamos, mas não deu certo. — Termino de tomar o vinho, ele fica me olhando, e isso é bem inquietante. — Melhor eu ir, faz tempo que passei da hora, e não precisa se preocupar, posso chamar um Uber.

— Antes de ir, dança uma música comigo? — Fico na dúvida se era um pedido ou uma pergunta. Agora estava tocando *Exagerado*, acho que não existe uma só música do Cazuza que eu não goste, poderia dizer não e ir embora, mas eu deveria ter feito isso mais cedo assim que saí do quarto da Isa, agora que estou na chuva é um pouco tarde.

— Está pedindo ou perguntando? Fiquei na dúvida. — Seu sorriso é tão convidativo e lindo, Gaspar tem um charme próprio que hipnotiza e com certeza me convence a ficar.

— Isso importa? É só aceitar. Sou um ótimo dançarino, sabe disso e prometo não arrancar nem um pedaço seu.

— Tudo bem, engraçadinho, uma música. — Ele se ergue, estende a mão para mim, seguro-a e ele me ajuda a ficar de pé, vamos para um local menor na varanda, mas com espaço para nos movermos. Depois ele me deixa lá e entra, sigo-o com meu olhar através das portas de vidro, ele começa a mexer no aparelho de som, quando se afasta "Codinome beija-flor" está tocando novamente, sorrio e quando ele chega perto de mim e envolve minha cintura, a primeira coisa que vem em minha mente é que eu devia simplesmente beijá-lo e que se dane todo o resto.

Nunca fui muito boa contendo meus impulsos, mas pela primeira vez na vida consigo. Nos aproximamos mais e começamos a dançar, o espaço era pequeno e nos deixa ainda mais próximos, limita nossos movimentos um

pouco, mas não me incomoda.

— Espero que a música não seja uma indireta.

— Não, é uma direta mesmo. — Foi o que imaginei, termino sorrindo.

— Senti falta do seu sorriso. — Fico apenas olhando para ele, controlando minha respiração.

— Às vezes também sinto saudades desse seu humor esquisito.

— Pode sempre contar com meu humor esquisito para fazer sorrir. — Cada momento ao lado dele me dava uma sensação de *déjà vu*, por isso me sentia exposta como um nervo pulsando, não era uma sensação nada confortável.

— O que estamos fazendo, Gaspar?

— Não sei você, mas eu estou tentando recuperar a minha garota.

— Essa é mais uma piada ruim?

— Não, Lys, é o que estou tentando fazer, conquistar sua confiança novamente. Nunca vou desistir de tentar recuperá-la. — Paro de me movimentar, solto minhas mãos que estavam em volta dos seus ombros, mas ele não me larga nem se afasta.

— Não quero voltar ao mesmo assunto.

— Eu amo você, não são palavras fazias, é o que eu sinto por você e é tão forte que é difícil até mesmo dimensionar.

— Pode me soltar, por favor? — Queria acreditar nele, mas algo dentro de mim parecia impedir essa possibilidade. Seus braços a minha volta perdem a força e me soltam. Quando dou o primeiro passo para me afastar, seu pedido me faz parar novamente.

— Alyssa, pode pelo menos me ouvir? — Encaro-o e espero. — Nunca imaginei que amaria novamente, já tinha aceitado a solidão como algo que faria parte da minha vida, e então, tudo mudou quando você ficou e preencheu cada pedacinho de mim e me salvou do torpor em que me encontrava. Sempre que me fazia sorrir, que me confrontava ou desafiava, quando cuida da minha filha ou simplesmente quando me olha, o preto e branco que dominava minha vida desaparecia, isso aconteceu sem que eu percebesse e a minha vida ganhou um novo sentido. Pode me perguntar quando aconteceu, mas eu não sei, foi algo gradual, que foi surgindo, não percebi a dimensão dos meus sentimentos. — Não consigo encontrar as palavras para transmitir o que estou sentindo, isso é assustador, nunca aconteceu comigo antes, normalmente falo pelos cotovelos sem freio e neste

momento apenas paralisei.

Gaspar faz uma pausa, mas quando percebe que não vou falar nada continua.

— Quando discutimos, no dia que ouviu aquela gravação, queria ter explicado que há muito tempo não me sentia daquele modo, mas fiquei sem reação, não sabia como explicar e quando você fechou a porta indo embora senti o medo real de te perder, não sei explicar, nunca senti por ninguém o que eu sinto por você.

— É difícil acreditar nisso, principalmente porque presenciei o amor entre você e a Duda. — O pensamento sai sem que eu pense antes de abrir a boca.

— A Eduarda me dava paz, amá-la era fácil, simples, tranquilo, o que tínhamos era confortável e natural — Cada palavra dói em mim, não deveria doer tanto, mas dói, uso todas as minhas forças para não perder meu controle e acabar chorando. — Mas você, o que sinto por você é algo completamente novo para mim. Estar ao seu lado é como pular de um avião sem paraquedas, com a incerteza de saber o que vai acontecer a seguir. Talvez essa seja a pior analogia que já fiz, mas é assim que me sinto e é tão intenso que me domina por completo. — A certeza que surge dentro de mim da sinceridade das suas palavras, me traz uma felicidade acompanhada de medo, que é difícil de descrever. E o medo é algo que não sou acostumada a sentir.

— Não sei o que dizer. — Essa por fim é a única resposta mais ou menos coerente que passa pelo meu cérebro, nunca achei que um dos sintomas de amar fosse a perda das capacidades cognitivas.

— O que acha de dá uma nova chance a nós dois e ao que sentimos um pelo outro?

— Tenho medo de me machucar de novo, você é uma das poucas pessoas que tem o poder de fazer isso, não tenho vocação para sofrer, Gaspar, nunca fui boa nisso.

— Às vezes sou meio idiota, fazer burrices é meio inevitável na maioria das vezes. A única coisa que posso te garantir com cem por cento de certeza, é que vou me dedicar ao máximo para corrigir todas as burradas que eu fizer e vou dar meu melhor para te fazer sorrir e fazê-la feliz, se não todos os dias, pelo menos a maior parte do tempo. Me perdoa por ter demorado tanto em perceber meus sentimentos por você. — Nem percebi que estava chorando, coisa chata. Enxugo as lágrimas, ele se aproxima de mim, deixando uns

centímetros para que eu decida se dou o próximo passo. Um magnetismo desconhecido me empurra para frente, um sorriso que chega aos seus olhos se abre em sua face e neste momento não importa o quanto clichê possa ser, tenho certeza que serei sempre sua, independente do que possa vir a acontecer em nossas vidas.

— Eu amo você. — Diz envolvendo seus braços a minha volta.

— Não mais do que eu te amo. Não me magoa de novo. — Ele assente e mergulha suas mãos em meus cabelos, envolvendo seus lábios nos meus, uma semana sendo privada do calor dos seus beijos e agora me parece como se tivesse sido uma eternidade. Passo meus braços por baixo dos seus, colocando-os em volta do seu pescoço.

Me perco em seu toque, na ânsia que me consome, uma necessidade incontrolável que converge com a saudade que senti. Não tenho mais noção do tempo, fico perdida no desejo que queima dentro de mim, damos uma pausa, apenas quando nossos pulmões gritam exigindo oxigênio. Demoro para abrir os olhos, com medo de estar apenas sonhando, sinto seu toque em meu rosto, quente e saudoso, que desce pelas mechas em curvas dos meus cabelos. Por fim, sou vencida pela necessidade em vê-lo e abro os olhos, vejo refletido em seu olhar meus próprios sentimentos, ele esfrega seu nariz no meu em um beijo fofo de esquimó, depois beija a ponta do meu nariz, abro um sorriso com esse jeito meio bobo que às vezes ele demonstra com gestos românticos adolescentes, mas que eu adoro.

— Nunca mais quero ficar longe de você, foi bem difícil. — Ele volta a acariciar minha face com um sorriso leve, que parece ter sido criado para afugentar meus receios.

— Sei disso, me perdoa, vou me esforçar ao máximo para que isso não se repita — seu sorriso se amplia. — Mas se por acaso voltar a acontecer por qualquer outro motivo pode me castigar como achar melhor, que eu deixo. — Solto uma gargalhada, ele sempre teve a capacidade iminente de me fazer sorrir, mesmo que seu humor seja meio sem graça na maioria das vezes, o fato de não ter graça por si só já é engraçado, é maluco, eu sei.

— Pode ter certeza de que não vou esquecer essa promessa. Que por sinal é bem perigosa, não deveria autorizar algo assim, um namorado está me entregando munição. — Agora é ele quem tem uma crise de riso. — Não deveria estar rindo estou falando sério.

— Estamos namorando de novo? — Pergunta, quando consegue

controlar a risada desenfreada.

— Claro que... que sim... — minha voz falha, quando a mão dele desliza pelos meus braços, indo em direção à minha nuca — Ou você acha que vamos ficar... só de... está me desconcentrando de propósito... — Seus dedos mergulham entre meus cabelos, a sensação é deliciosa. — Isso é bem injusto... — Minha fala se perde quando ele beija meu pescoço exatamente na linha entre o ombro e a nuca, meu ponto fraco, todos os pelos do meu corpo ficam eriçados. Sem pensar muito seguro seu rosto, colocando uma mão de cada lado e me entrego em um beijo ainda mais intenso que o anterior, descarrego todos os meus sentimentos.

Sinto quando ele me ergue sem interromper nosso momento de entrega, seus braços ficam ao meu redor com uma necessidade tão intensa e pulsante, nunca existiu dúvidas entre nós quando o assunto era desejo, mas dessa vez parecia diferente, tinha algo a mais, algo que ainda não consegui nomear.

Quando seus lábios se afastam dos meus para que possamos tomar fôlego, ele me coloca no chão me fazendo escorregar pelo seu corpo, demoro um instante para finalmente perceber que já estávamos em seu quarto. Gaspar se afasta dando um único passo para trás e me olha como se estivesse apreciando a mais bela paisagem, pelo menos era o que parecia para mim.

Não eram necessárias palavras naquele momento. Seu olhar falava por ele, seu toque queimava minha pele e meu único desejo é que ele continue, aquela sensação era tão boa, não conseguiria passar nem mais um dia sem ela. Seus dedos chegam até os botões do meu vestido que sem dificuldade são liberados, seu toque suave percorre meu decote, colocando as duas mãos por dentro do meu vestido fazendo escorregar pelo meu corpo, minha meia calça tem o mesmo destino.

— Você é perfeita! — Diz me olhando, enquanto sua mão volta para minha face. — Eu amo você! — Abro um sorriso de modo involuntário e novamente seus lábios estão devorando os meus. Agora eram as minhas mãos que procuravam pelas roupas dele.

— É muito bom ouvir isso, e sentir isso.

Não demorou até estarmos despidos em todos os sentidos e entregues à paixão e à saudade que nos consumiu durante aqueles dias em que estávamos separados. Meu desejo naquele momento era apenas que o tempo congelasse naquele momento, nossos toques eram como uma dança sincronizada, onde respondíamos um ao outro apenas através dos nossos movimentos e quando

olhava dentro dos seus olhos, a sensação era como se estivesse mergulhando em um mar azul em um dia quente de verão e a água estivesse deliciosamente morna, a descrição pode ser piegas, mas meus sentimentos naquele momento não poderiam ser descritos de outro modo.

Não falamos nada, pela primeira vez apenas agimos guiados pelos nossos instintos e sensações, as palavras pareciam desnecessárias. Já havíamos nos conectado antes, mas não como dessa vez, ele me tocava como se lesse meus pensamentos e minha intuição parecia me guiava pelos pensamentos dele, até nos tornarmos um só.

E quando finalmente o desejo se expande dentro de nós nos consumindo tão intensamente como se fosse nos devorar, nada mais parecia importar a não ser aquele momento, então apenas contemplei a paz que se formou dentro de mim.

Não me recordo em que momento adormeci, nos amamos a noite toda, despertei quando não senti o calor dela entre meus braços. Tateie o espaço ao meu lado e o encontro vazio, de modo irracional meu primeiro pensamento é que ela mudou de ideia e foi embora, abro os olhos a sua procura, o quarto ainda estava mergulhado na semiescuridão do alvorecer, olho em volta e a vejo distraída com sua atenção voltada para fora, sentada na poltrona ao lado da janela, usando apenas minha camisa, um alívio me preenche. Algo a mantinha concentrada, ela demorou uns minutos até sentir que estava sendo observada, mas lentamente desvia sua atenção para mim, o sorriso em sua face, agora iluminada pelos discretos raios de um sol que ainda despertava do seu próprio sono, me traz a certeza que não conseguiria ficar longe dela novamente.

— Que horas são? — pergunto já me sentando, apoiando as costas na cabeceira da cama.

— Acho que já deve ter passado das cinco.

— Certo. E por que, exatamente, não está nessa cama enorme e quente comigo?

— Perdi o sono.

— Se tivesse me acordado, encontraria ele para você. Tenho ótimos truques para trazê-lo de volta.

— É mesmo? Não me diga! — Adorava aquela malícia do seu olhar de menina travessa.

— Digo sim! Agora vem aqui! — peço estendendo minha mão, ela logo se ergue e vem até mim, segura minha mão, colocando-a em volta da sua cintura e sentando em cima mim, colocando uma perna de cada lado do meu colo.

Seus braços envolvem meu pescoço, seus lábios encontram os meus, suaves no início até eles se abrirem e nossas línguas se encontrarem e nosso beijo se encaixar. Antes que o desejo nos dominasse por completo, Lys o interrompe e acabo beijando a ponta do seu nariz a fazendo sorrir.

— Bom dia para você também, senhor mandão.

— Bom dia, linda! — Uma mecha do seu cabelo se solta caindo sobre seus olhos, retiro-a. — Estava pensativa, tem alguma coisa te preocupando?

— Não e sim, estava pensando na nossa noite juntos e pensando no César também.

— São dois assuntos bem diferentes, por ordem de prioridade seus pensamentos sobre nossa noite quente e cheia de paixão que tivemos — ela dá uma leve gargalhada pelo meu comentário ridículo. — São bons ou ruins?

— São muito bons e muito promissores. — Diz e em seguida mordisca meu pescoço.

— Ótimo, não aceitaria outra resposta. — Novamente ela gargalha e me empurra suavemente.

— Ridículo. — Diz segurando meu rosto, me dando beijo de leve.

— Só um pouco. O que pensava sobre o César?

— Que preciso ir até o hospital vê-lo, principalmente por mim. Pensava em como foi fácil me entender com você, e porque me entender com ele é tão difícil.

— Isso está te incomodando?

— Muito.

— São situações diferentes, você se reencontrou com ele há poucos dias, depois de anos de silêncio finalmente conversaram, sem mencionar que ele é o seu pai. Já nós dois passamos os últimos anos juntos, apoiando um ao outro, compartilhando e nos ajudando, nos apaixonamos, cometi um erro, fiz uma merda enorme, minha ficha caiu e corri atrás do prejuízo. E também são sentimentos diferentes. — Para mim era difícil imaginar como ela se sentia sobre essa relação conturbada com o pai, os meus pais sempre foram presentes e amorosos, sempre estiveram juntos. Até as loucuras da mãe dela são difíceis de compreender, como uma mãe é capaz de fazer o que a Clarissa fez com a Lys, mas me esforçava para me colocar no lugar dela.

— Sei que são situações e relacionamentos completamente diferentes, vocês são pessoas diferentes. — Ela mergulha os dedos nos meus cabelos acariciando minha nuca. — Me desculpa, são coisas completamente diferentes, nem sei por que estava pensando sobre isso.

— Talvez, porque de algum modo te magoei, exatamente como o César te magoou e quando se olha por essa perspectiva, não somos tão diferentes assim.

— Só que você não esperou anos para acertar as coisas, se arrepender, pedir desculpas ou correr atrás do prejuízo como você mesmo disse agora há pouco. Essa talvez seja a maior diferença entre vocês. — Nesse ponto não tenho como discordar dela, eu jamais teria esperado anos passarem ou teria aberto mão de tentar, mesmo correndo o risco de nunca ter o perdão dela, a amo demais para sequer cogitar essa possibilidade.

— Talvez, nunca permitiria que algo assim acontecesse entre nós.

— Tenho certeza que não.

Passo minhas mãos pelas suas pernas nuas, torneadas, de pele macia, como um hábito começo a traçar desenhos imaginários nelas. Penso no que ela acabou de dividir comigo e sei que esses sentimentos conflituosos a estão consumindo.

— Acha que estou sendo egoísta por não conseguir esquecer tudo o que aconteceu?

— Claro que não — minha resposta vem automática, tento passar toda minha segurança e certeza através das minhas palavras. — Está sendo coerente com os seus sentimentos, não pode fingir algo que não sente.

— Então, por que me sinto uma egoísta, mau caráter e sem coração?

Por que o perdoei, mas não consigo esquecer? Por mais que eu tente tudo pelo que passei com ele, fica se repetindo e se repetindo na minha cabeça como a reprise de um filme ruim. — Levo minhas mãos ao seu rosto, enxugo uma lágrima discreta e solitária que escorre sem permissão. — Desculpa, essa noite deveria ser nossa, não dos meus problemas. Detesto essa minha versão deprimida e melancólica, nem me reconheço quando me transformo nessa pessoa... — Tapo sua boca com uma mão, antes que ela continuasse falando descontroladamente, tentando se desculpar, sem ter nenhum motivo verdadeiro para isso.

— Chega. Primeiro, você não é egoísta. Tem que parar de se culpar tanto, os erros não foram seus, você era apenas uma criança, passou por muita coisa e depois de todos esses anos ter dúvidas e sentimentos conflituosos são mais do que aceitáveis. — Lentamente retiro minha mão da sua boca. — Você não esquece, porque tem uma mente repleta de memórias, que fazem parte da pessoa incrível que está aqui na minha frente, nem todas essas lembranças são boas. Não se cobre tanto, não é justo com você. Segundo, estamos juntos, não apenas para termos noites incríveis de sexo — ela sorri abertamente e de um modo maravilhoso. — Estamos juntos também para dividir os momentos difíceis, compartilhar nossas dores. Sei quem você é e você sabe quem eu sou, isso me basta.

— Você sempre diz a coisa certa, senti muita falta disso. — Diz aproximando-se e deixando uma trilha de beijos suaves no meu maxilar até chegar à minha boca, suas mãos se apoiam em meu peito, deslizando até atrás do meu pescoço onde se entrelaçam. Minhas próprias mãos mergulham nos cachos rebeldes e intensifico o beijo.

Não demora muito e estamos mais uma vez dominados e perdidos pelo desejo. Ela parece uma droga, pela qual estou completamente viciado. Meu coração parece fora de ritmo, arranco minha camisa do corpo dela arrebentando quase todos os botões, talvez todos eles. Nós reconhecemos no toque um do outro, cada centímetro da sua pele parece ter sido mapeado por mim, me movo e ela me segue como o metal atraído pelo imã, enxergo nela a minha necessidade e ao mesmo tempo que me assusto, também contemplo aquele momento perdido em seu corpo, em sua respiração e no seu olhar.

Quando já estamos saciados, volto a colocar minha camisa nela, agora com apenas dois botões, também volto a vestir meu short. Não iria demorar muito até minha pequena tempestade invadir o quarto, o que me faz lembrar

que deveria ter fechado a porta, mas nosso desejo foi mais forte que a prudência, Lys volta a dormir em meu peito e seu calor me faz cair em meus próprios sonhos

Capítulo 33

São quase oito horas quando acordo, passei um pouquinho da hora, mas não tem problema, final de semana tudo bem, o dia vai ser muito bonito hoje, só pelos raios do sol vindos da janela dá para perceber. Estou muito feliz que a dinda veio jantar comigo e com o papai, ontem, tenho certeza que depois que fui dormir eles ficaram conversando, bem, pelo menos espero que tenha sido assim. Pedi que ela me colocasse na cama mais cedo para que eles ficassem mais tempo juntos, não sei se funcionou, estou torcendo para que tenha dado certo.

Afasto o cobertor e alongo todos os músculos, vi na internet que ajuda no crescimento e aos quinze quero medir um metro e setenta, isso é muito importante se quero ser uma jogadora de vôlei, também quero tocar piano e violoncelo como a dinda. Lika coloca a cabeça em cima da cama, lambe um dos meus dedos, olhando para mim com os enormes olhos castanhos.

— Bom dia, fofinha! — Faço carinho em sua cabeça, ela abana o rabo como se tivesse sambando, beijo sua cabeça, depois continuo fazendo carinho, enquanto fico pensando.

Não foi legal meu pai e a dinda terem brigado e parado de namorar, os adultos são muito difíceis às vezes. Acho melhor levantar logo de uma vez e ir perguntar ao papai se eles conversaram, é isso, sempre é melhor perguntar direto a fonte, vovô sempre me diz isso, acho que ele ainda deve estar na cama, papai nunca acorda cedo no fim de semana nem quando é o seu dia de folga, talvez seja mania por causa do trabalho.

Vou para o banheiro com Lika atrás de mim, a deixo esperando na porta, lavo bem o rosto, escovo bem os dentes, primeiro em cima, os da frente e depois os de trás, com cuidado, depois faço o mesmo com os de baixo, quando termino escovo os cabelos, eles estão bem grandes e gosto

muito dele assim.

Assim que fico pronta, vou logo para o quarto do papai, Lika ainda me seguia, ela estava inquieta. — Já vou levar você para fazer xixi, espera só um pouco, tenha paciência. — A porta está fechada, é bem estranho, ele sempre deixa meio aberta, menos quando minha dinda dormia aqui, quando ela ficava para dormir ele fechava sempre.

Aperto o trinco até girar e fazer aquele barulhinho, abro bem devagarinho, até ficar um espaço bom que dê para passar, vou me jogar na cama para acordar o papai, sempre faço assim e ele me faz cócegas, mas quando olho para a cama, o papai não está sozinho. Minha dinda está com ele, os dois estão dormindo abraçadinhos, como sempre faziam quando estavam namorando, o que significa que eles fizeram as pazes e fico muito feliz, dou um gritinho e me jogo em cima deles, os dois acordam ao mesmo tempo com o susto.

— Você é um tornado em miniatura, sabia disso? — papai fala me pegando pela cintura, me arrastando para ficar no meio deles e me abraça bem forte.

— Não se acorda ninguém desse jeito, Isa, que coisa mais sem graça, ainda está muito cedo para sair da cama. — A dinda diz, chegando bem pertinho e jogando os braços em cima de mim e do papai, ela coloca o rosto entre meus cabelos e cheira, faz cosquinha.

— Não é nada cedo, dinda, já deve passar das oito do dia, devíamos estar tomando café da manhã para aproveitar o dia.

— Que tipo de criação está dando para essa criança, Gaspar? Gatinha, hoje é domingo, então encosta aí no seu pai e dorme um pouquinho mais, que aos domingos não se levanta da cama antes das dez é uma regra importante que não deve ser quebrada jamais, nunca. — Ela sempre foi dorminhoca.

— Deixa de ser boba, dinda, essa regra nem existe. — Ela ri com o rosto entre meus cabelos. — Vocês dois estão me apertando demais, vão me sufocar se continuarem assim.

— É que você é um travesseiro muito fofinho e cheiroso, princesa.

— Não sou nada de travesseiro, papai, estou é com fome e quanto mais me apertam com mais fome eu fico.

— Seu argumento não tem fundamento, apertões não dão fome, isso está completamente fora do contexto da conversa. — Não compreendi muito bem o que ela quis dizer, só queria mesmo tomar um café da manhã bem

gostoso e aproveitar o dia.

— Lys, essa conversa já iniciou sem argumentos e completamente fora de contexto, então acho que seus protestos são bem fraquinhos.

— Você está do lado de quem afinal de contas? — Ela pergunta ao meu pai.

— Sou a Suíça, o que me classifica como neutro, ou seja, não tenho um lado definido.

— Acho muito justo, papai, e já que sou criança meu voto é o mais importante. Quero café da manhã americano, com panquecas de leite e bastante xarope de baunilha, suco de laranja e torradas. — Minha lista era pequena, não estava exigindo muito, estou feliz demais por eles terem feito as pazes, hoje com certeza vai ser um bom dia.

— Desde quando ser criança significa que seu voto é o mais importante? Não lembro dessa pauta. — A dinda as vezes era bem engraçada.

— É difícil identificar qual das duas é a mais infantil.

— Papai, sou criança, por regra sou infantil, a dinda que fica implicando.

— Eu que implico? — Pergunta, apoiando o braço no cotovelo e colocando o rosto sobre a mão. Confirmo balançando a cabeça, ela estreita os olhos e começa a fazer cócegas na minha barriga e embaixo dos meus braços, papai não sai do lugar, nem para me ajudar, começa a rir de mim. — E agora, estou implicando?

— Para... por favor... vou fazer xixi... — minha barriga já estava doendo de tanto rir, ia acabar fazendo xixi de verdade. — Papai... ajuda....

— Certo, ok! Hora de parar ou não tem café da manhã, para nem uma das duas. — A dinda para na hora. — Ótimo. Agora você, princesa madrugadora, já que já está devidamente desperta, poderia verificar onde está aquela cadelinha que vive grudada nos seus calcanhares. — Olho pelo quarto, ela deveria estar aqui, aquela fujona.

— Ela estava bem atrás de mim quando entrei no quarto — pulo da cama, se a Lika não está aqui, estava aprontando em algum lugar e isso não é nada bom. — Vou procurar, vocês dois não demorem, estou com fome. — Saio apressada. Da última vez o papai a colocou de castigo na área de serviço, a pobrezinha ficou lá o dia todo. Mas também que ideia de comer os sapatos de trabalho preferidos do papai e ainda ter escondido, fico me perguntando se ela faz isso de propósito, o que acho bem provável, mesmo

que Camille ache que estou viajando. Camille é minha melhor amiga no mundo, ela tem duas mães, o que eu acho bem legal, não entendo porque as pessoas ficam chamando ela de aberração e um monte de outros nomes feios, ela foi a única que me consolou e que disse que o papai e a dinda ficariam bem e que fariam as pazes, mais ninguém fez isso.

Assim que saio do quarto, decido ir primeiro na área de serviço. Estou feliz demais que os dois fizeram as pazes, quem sabe o papai não pede logo a dinda em casamento dessa vez, assim ficamos todos juntos logo e pronto. Quando passo pela sala, vejo Lika deitada toda esparramada na varanda tomando banho de sol, que cadelinha mais folgada. Preocupada se ela aprontou alguma coisa, decido dá uma olhada na varanda, na cozinha e na área de serviço, caso ela tenha feito bobagem dava tempo de esconder antes do papai ver. Ainda bem que tudo estava no lugar, encontrei apenas alguns arranhões na portinha de acesso que ela usava para ir até a área de serviço usar seu banheiro.

— E então, vamos tomar café? — Papai fala animado quando entra na cozinha, bem na hora que estou voltando da área, a dinda também entrou arrumando o cabelo no alto da cabeça. — Quem está com fome?

— EU... — Eu e a dinda damos um gritinho juntas, esticando o braço e começamos a rir.

— Ok. Um café da manhã caprichado e completo para as duas mulheres da minha vida, saindo. — Papai estava feliz e isso me deixava feliz também, ele tinha passado a semana meio triste, mas agora passou. — Sous chefe, que tal dá uma ajudinha ao papai?

— Tudo bem. O que posso fazer? — Gosto muito de cozinhar, muito mesmo, acho que além de ser jogadora de vôlei e musicista, também vou ser um chefe como o papai. Meu tio Henrique sempre fala que posso ser qualquer coisa, o papai também fala, então vou ser os três.

— Pode bater a massa das panquecas.

— Também quero ajudar, não sou nenhuma chefe, mas pode mandar que eu faço. — Papai sorri e a beija na boca, fico com vergonha e acabo rindo, eles sempre fazem isso.

— Amor, você é uma musicista incrível e tem muitos outros talentos, mas cozinhar não é um deles. — Ela apenas sorri para ele como se o papai brilhasse, eles sempre se olhavam assim, acho muito bonito. O papai chamou a dinda de amor, isso foi muito lindo.

— Vou te perdoar só porque eu te amo, por ter dito esse absurdo, não sou tão ruim assim. — Papai pisca um olho para ela, depois me encara sorrindo e acabo sorrindo também. — Não vejo qual é a graça. — Rimos ainda mais e voltamos a fazer o café da manhã.

— Devia servir café da manhã no Sabores, papai, ia fazer muito sucesso — falo terminando de mastigar mais uma porção de panquecas, com pedacinhos de morangos e banana, uma delícia.

A mesa estava cheia de delícias, o café da manhã do papai era o melhor do universo.

— Concordo plenamente com a Isa, tem toda a razão, gatinha. Cafés da manhã estilo americano e francês com um toque brasileiro, eu seria a primeira a bater na porta do restaurante todas as manhãs.

— Cafés da manhã combinam mais com bistrôs, mas prometo pensar com carinho na sugestão das senhoritas. — Papai chega mais perto dela e dá outro beijo no seu pescoço, ele gosta muito de fazer isso, já fez um montão de vezes.

— Ainda bem que fizeram as pazes, é bem melhor assim. — Falo comendo mais panqueca, estão muito deliciosas. Os dois me olham e sorriem, aproveito a atenção deles para falar minha opinião. — Só acho que deveriam se casar, assim todos nós moramos juntos logo e assim ninguém mais briga, nem nada. — Não sei porque os dois fazem uma cara estranha, acho minha ideia muito boa.

— Ok. Primeiro nós não estávamos brigados, gatinha, só não estávamos mais namorando, é bem diferente, mesmo que o clima tenha ficado meio estranho e segundo, vamos com calma, ok? Casamento é algo sério e deve ser pensado muito bem. —Adultos são tão complicados, é uma coisa tão fácil de resolver e eles ficam só pensando e pensando. Melhor deixar isso pra lá, por enquanto.

— Tudo bem. Podemos ir ao cinema? Tem um filme muito legal que está estrelando.

— Se fala estreando, gatinha, estrelando são para os atores e atrizes — pra mim é a mesma coisa, mas se ela diz que tá errado, então deve estar. — O

que acha de irmos a Florianópolis e aí na volta se der tempo vamos ao cinema ou vemos um filme em casa? Preciso visitar uma pessoa e o seu pai tem que ir até o novo restaurante.

— Vai trabalhar, papai?

— Sim e não, o novo chefe de pâtisserie fez um cardápio incrível com sobremesas a base de sorvete. E adivinha?! Os sorvetes são todos artesanais.

— Que legal! — Deu até água na boca, sorvete feito é muito mais gostoso do que aquele que já vem pronto.

— Fiquei curioso.

— Também estou curiosa. Feito em casa é muito mais gostoso.

— Não é exatamente feito em casa, princesa, é feito no Sabores. — Pra mim é a mesma coisa, se não vem da fábrica. Mexo meus ombros.

— Vai ser divertido de qualquer forma.

— Então vamos todos para Florianópolis. — Papai diz e fico muito animada.

Alyssa

Despois da noite maravilhosa que tive, principalmente depois de ter me acertado com Gaspar, tudo o que ele disse fez sentido para mim, como nunca antes havia feito. Ele me ama de verdade, seus olhos me disserem isso, assim como seu corpo, esse último pensamento traz à tona lembranças deliciosas da noite passada. Fazer as pazes era deliciosamente maravilhoso, mas acho que nossa conversa, o fato de termos aberto nossos corações um para o outro foi o mais importante.

Talvez tenha sido esse o motivo que me fez tomar a decisão de ir até Florianópolis visitar o César, mas também tinha o medo do arrependimento. Pode parecer egoísmo, mas não é e se for sincera comigo mesma a razão por

trás dessa decisão repentina, ainda é um pouco nebulosa. Passei dias pensando sobre isso, sei que ele está bem, que está se recuperando, Heloise me disse que ele vem evoluindo bem, que seu corpo não apresenta nenhuma rejeição ao transplante, mas tenho essa necessidade dentro de mim há alguns dias. Uma necessidade que não faz mais sentido ignorar, preciso visitá-lo.

Em meio aos meus devaneios, Gaspar se aproxima envolvendo meu corpo em um abraço que me engole, apoio minhas costas em seu peito.

— Está pronta? — pergunta, deposita um beijo na minha nuca, ele adora fazer isso. Uma vez quando perguntei, ele simplesmente respondeu que não existia nada melhor do que o meu cheiro.

— Sim. E a Isa?

— Terminando de colocar água e comida para a Lika — faço apenas assentir. — Tem certeza que não quer pensar um pouco mais sobre isso?

— Se pensar mais vou acabar desistindo. Tem que ser como um curativo grudado muito tempo sobre a ferida, deve ser arrancado de uma vez com um único puxão, para não sentir intensidade da dor.

— Tudo bem, mas vamos com você até o hospital, depois seguimos para o restaurante.

— Certo.

— Estou pronta, melhor irmos logo, assim chegamos logo e depois voltamos logo. — Isa surge como a personificação da animação e não serei eu a ir contra seu entusiasmo. Além disso, está muito fofa com sua roupinha de viagem.

— Então vamos pegar a estrada. — Pegamos tudo o que precisamos e saímos.

A viagem foi ótima, muito tranquila, mas também animada. Isa passou mais da metade do caminho cantando músicas do seu MP3, para uma garotinha tão nova, ela tinha um gosto musical maravilhoso, claro que tem um dedo meu nisso, sempre apresentei a ela músicas boas, também tinha um dedinho do avô, Ettore tem um gosto musical maravilhoso também. Então, tinha um pouquinho de tudo em seu pequeno aparelho cor de rosa, meu presente em seu último aniversário, tinha uma eclética variedade de estilos,

nomes da música brasileira e internacional na playlist.

Recentemente Isa desenvolveu um fascínio por Ariana Grande, talvez tenha sido pelas aulas de inglês, ela adora o idioma. Sua voz ritmada cantando algumas das músicas da cantora distrai pensamentos persistentes que martelam em minha mente, algumas das músicas cantamos juntas, até que não eram tão ruins.

— Tem certeza que quer ir sozinha? — Gaspar pergunta quando estamos a alguns quarteirões do hospital, era a segunda vez que fazia a mesma pergunta. Olho no retrovisor e vejo Isa distraída cantarolando baixinho Trem Bala da Ana Vilela.

— Tenho sim, não vou demorar muito, assim que terminar, chamo um taxi e vou encontrar vocês no restaurante.

— Certo, não vou mais insistir.

Chegamos ao Hospital, eram quase onze horas, Gaspar estaciona próximo à entrada. Solto o cinto de segurança e me viro para falar com a Isa, chamo sua atenção, ela retira os fones que tinha colocado há cerca de meia hora, quando parei de cantar junto com ela.

— Encontro vocês no restaurante, gatinha, não demoro muito. — Me inclino e beijo seu rosto.

— Tudo bem. Tomara que seu amigo esteja melhor, dá um abraço bem apertado nele. — Isa sempre foi uma criança maravilhosa e especial de muitas formas, mas sua capacidade em ter empatia, até mesmo por pessoas desconhecidas, sempre tocava meu coração.

— Pode deixar que eu dou sim. — Dou um último beijo em sua mão, fazendo bastante barulho, isso a faz rir.

Seguro o rosto de Gaspar com as duas mãos e o beijo, um pouco mais demorado do que pretendia, já que ele resolveu aprofundar o beijo. Nos separamos sorrindo como dois bobos, ele pisca um olho para mim. Saio do carro e eles partem.

Assim que entro, dou uma boa olhada no hall de entrada em torno da recepção, não tinha perguntado ao Mael se ele estaria de plantão hoje, Gaspar tentou entrar em contato, mas não conseguiu. Pego meu celular e tento contato com Helô mais uma vez. Dessa vez chama, no segundo toque ela atende.

— *Desculpa, o celular descarregou para variar.* — Diz assim que atende, sem nem dizer “oi”.

— Olá! Para você também. — Ela solta um risinho meio sem jeito.

— Foi mal. Oi!

— Relaxa, Helô, está tudo bem. Onde você está? — Melhor dizer logo que estou aqui, perder tempo não é comigo.

— No hospital, cheguei tem uns quinze minutos, estava providenciando algumas coisas que minha mãe pediu, o papai vai receber alta amanhã. Minha mãe meio que está no modo mandona, para deixar a casa mais cômoda para quando ele volta... — Heloise tinha o hábito singular de falar duzentas palavras seguidas sem ter que respirar, foi algo que percebi nos últimos dias em que mantivemos contato. Então tive que ser direta.

— Estou aqui no hall do hospital — finalmente ela faz silêncio e aproveito para terminar de falar. — Na verdade, estou caminhando em direção à lanchonete, será que você...

— Encontro você perto dos elevadores em cinco minutos. — Definitivamente, paciência não parece ser uma qualidade na minha meio irmã. O celular fica mudo antes que eu possa dar dois passos.

Os elevadores são quase de frente para a lanchonete, menos de cinco minutos e já estava de frente para eles, segundos depois uma das portas se abre e Heloise sai do elevador a minha esquerda. Não demora até ela me ver. Desligamos os celulares.

— Achei que não viesse. — Cumprimento tipo de Heloise.

— Também achei que não viria, mas aconteceram algumas coisas que me fizeram repensar minhas escolhas.

— Estou feliz que veio e por ter repensado.

— Helena?

— Foi acompanhar o papai em um exame de rotina, o último antes da alta.

— Eles vão demorar?

— Não muito, já faz um tempo que foram. Podemos comer alguma coisa, enquanto esperamos.

— Estou sem fome, paramos na estrada a caminho daqui e fizemos um lanche.

— Veio acompanhada?

— Sim. Com o Gaspar e a Isa.

— Seu namorado e a filha dele, né isso?

— Sim.

— Já que está sem fome, podemos esperar eles voltarem dos exames lá no quarto. Você já pegou a credencial de visitante?

— Ainda não.

— Sem problema, Vivian pode providenciar isso para você.

— Vivian?

— Uma das enfermeiras com quem fiz amizade, vamos? — Entramos em um dos elevadores, para seguimos em direção ao quarto que visitei algumas semanas atrás.

Não conversamos muito depois disso, o silêncio ficou meio constrangedor. O alerta vem acompanhado com a abertura das portas, caminhamos juntas pelos corredores pálidos e estéreis, parece mais um labirinto do que um hospital. Quando entramos o quarto ainda está vazio.

— Eles já devem estar a caminho. Pode sentar e relaxar um pouco.

— Acho que não, acabei de passar pouco mais de duas horas sentada em um carro, estou bem de pé. — Caminho até a janela, que diferente da última vez em que estive aqui, agora estava com as cortinas abertas, coloco minha bolsa em uma cadeira próxima a mim.

— O papai gosta de ver o sol da manhã, ele diz que é como se conseguisse senti-lo. — Volto minha atenção para ela, percebo que Helô falou sem desviar a atenção da sua tarefa em se acomodar na poltrona de visitantes e pegar um livro que estava sobre uma pequena mesinha de canto.

O livro era “Quarto” da autora Emma Donoghue, um dos livros que estavam na minha lista de leitura há anos, mas que por algum motivo nunca tenho tempo para ler, talvez tivéssemos mais coisas em comum do que eu imaginei.

— Leitura interessante! — Espontaneamente ela semifecha o livro, dá uma olhada na capa, volta a me encarar e dá de ombros.

Na hora em que ela ia responder, Helena entra no quarto seguida por uma enfermeira guiando uma cadeira de rodas. César aparentava estar muito melhor, da última vez em que estive aqui ele parecia abatido e cansado, agora suas feições tinham ganhado cor, demonstrava estar animado, enquanto conversava com a enfermeira, até perceber minha presença. Sua expressão incrédula, assim como seu silêncio pareceram duvidar que estava ali realmente. Decido romper o silêncio antes que ele ache que é uma alucinação.

— Como vai, César? Helena?

— Alyssa, que bom que veio. — Helena fala colocando fim no

constrangimento. Vem até mim e me abraça, um abraço rápido, mas sincero e acolhedor.

Mesmo ainda parecendo incrédulo, César finalmente se recupera.

— Chegou agora, filha? Se tivesse falado que estava a caminho, teria pedido ao médico para fazer todos os exames mais cedo.

— Bem, foi uma decisão de última hora. — A enfermeira com o apoio de Helena o ajuda a subir na cama. — Mas é bom ver que o senhor está bem melhor e se recuperando. — A enfermeira verifica o soro no suporte, parece conferir possivelmente a dosagem de algum medicamento, oferece seus préstimos caso haja necessidade e retira-se em seguida.

— Sim, tive uma complicação pequena há uns três dias, mas tudo se resolveu e agora estou ótimo e preparado para voltar para casa. — Diz animado.

— Isso é ótimo. — Falo no automático.

Um silêncio estranho se instala no ambiente, no final das contas me questiono se vir até aqui foi uma boa decisão, principalmente porque agora não consigo pensar em nada para falar.

— Bem, estou faminta — Helena se manifesta interrompendo o silêncio. — Helô, me acompanha até a lanchonete?

— Sim. — Fala já enfiando o livro na bolsa.

As pessoas não conhecem mais o significado da sutileza neste mundo? Assim como eu, César fica encarando a porta por alguns segundos, depois que elas vão embora.

— Ser sutil nunca foi uma qualidade nela. — César fala por fim.

— Percebi. — Volto minha atenção para ele, nos encaramos em silêncio.

Tento puxar em minha mente algo para pôr um fim a essa situação incômoda e agonizante, mas nada me vem à mente. O que diabos eu tinha em mente vindo até aqui? Expondo nós dois a esse constrangimento. Não somos amigos, nem conhecidos e tão pouco pai e filha. Desvio do seu olhar e quando me inclino para pegar minha bolsa, ele finalmente fala.

— Refleti muito essas semanas. A conversa que tivemos, as palavras ditas por nós dois, assim como tudo pelo que passei em minha vida.

Pego minha bolsa da cadeira e me sento, volto a encará-lo.

— Mesmo? E a que conclusão chegou?

— Não sei se conseguiria me perdoar se estivesse no seu lugar e tivesse

passado por tudo pelo que passou. Seria algo difícil para mim. — Ele respira profundamente e continua. — Então mesmo que me machuque, se escolher não me perdoar, respeitarei sua decisão.

— O modo como fala parece ser tão fácil, como se fosse apenas uma questão de múltipla escolha onde tem que escolher apenas “sim” ou “não”. Não é uma questão de escolha, César, é uma questão de passar por cima de tudo o que aconteceu no passado para seguir em frente e acredito que já deixei claro da última vez em que estive aqui, meu perdão você já tem, mas esquecer é outra coisa.

— Entendo, nem sei o que te falar. Se pudesse mudar tudo o que aconteceu, reescrever nossa história, faria isso sem....

— Mas você não tem esse poder. Ninguém tem. — Olhar para o passado, mesmo que doesse, parecia mais simples do que olhar para o futuro. — Olha, eu nunca gostei de ser definida pelas coisas que aconteceram na minha vida, mesmo que eu tenha sido moldada pelas minhas experiências elas não definem quem eu sou. Pelo contrário, elas me ensinaram a ser melhor. — Então naquele momento entendi que o que aconteceria a partir de agora, a escolha era minha. — Dito isso, quero que você entenda que não vamos começar uma lua de mel, nem vamos simplesmente apagar todos os anos passados, como você colocou muito bem, isso é impossível, mas podemos tentar construir um futuro daqui para frente. Isso não vai acontecer da noite para o dia, obviamente, mas em dois meses a orquestra vai vir fazer uma apresentação aqui na cidade e... — Antes que pudesse concluir ele me interrompe.

— Estarei lá, te aplaudindo de pé. — Fala com a voz embargada e com os olhos brilhando pelas lágrimas que ele lutava para que não caíssem. — E prometo que farei tudo ao meu alcance para você não se arrepender dessa decisão, lutarei por isso todos os dias.

— Não prometa nada, apenas me mostre, isso vai bastar. — Ele apenas assente. Promessas eram apenas palavras lançadas ao vento, acreditarei nele pelas suas atitudes.

— Posso te pedir uma coisa?

— Depende do que seja.

— Gostaria muito de te abraçar, mas apenas se estiver confortável, não quero te pressionar a nada, é apenas algo que quero fazer desde que veio aqui da última vez, mas se não quiser eu entendo, não quero que ache que estou

fazendo isso com segundas intenções não é nada disso, apenas gostaria de te dá um abraço porque... — Minha nossa, ele parecia uma metralhadora, não parava um segundo nem para respirar.

— César! — Finalmente ele se cala e baixa a cabeça. — Minha pele não vai derreter se te der um abraço, está tudo bem. — Seu rosto fica vermelho com meu comentário, mas ele continua com a cabeça baixa.

Me levanto e vou até a cama, apenas quando estou ao seu lado, ele ergue a cabeça, faz um leve gesto para que eu me sente ao seu lado, ficamos assim por um tempo, sentados ao lado um do outro nos encarando. Era uma situação constrangedora, mas muito nova para mim. Por fim, César abre os braços e surpreendentemente me lanço sobre eles em uma ação espontânea.

Foi algo novo e ao mesmo tempo familiar, como se as lembranças da minha infância viessem à tona naquele momento, reconheci aquele abraço dentro das minhas memórias de menina. Naquele momento, foi como se tudo o que guardei durante todos esses anos me dominasse, todos os sentimentos de perda, medo, frustração angústia, tristeza, mas também de reconexão e felicidade brotassem de dentro de mim como ondas me fazendo transbordar. Sem perceber estava chorando convulsivamente, sem conseguir controlar.

— Nunca mais vou deixá-la, nunca mais me afastarei de você e isso não é uma promessa minha, Lys, isso é um fato.

No momento em que saio do hospital para esperar o taxi chegar, o tempo estimado era de quatro minutos, me senti muito mais leve e tive a certeza que fiz a escolha certa. Não tinha a ilusão de uma relação perfeita com o César, mas tinha certeza que demos o primeiro passo para construirmos algo no futuro.

Entro no taxi a caminho do restaurante, percebendo que até minha despedida da Helena e da Heloise foi mais leve e tranquila do que tinha sido da última vez. No fundo já estava começando a me acostumar com a ideia de ter uma irmã. Quem sabe possamos construir algo no futuro também, tudo ainda estava nebuloso, mais o tempo iria se encarregar de dissipar essa névoa e pela primeira vez tive certeza que finalmente encontraria o que vinha procurando há tanto tempo. Um futuro real para mim.

Capítulo 34

— Nossa, Saulo, isso ficou incrível. — Era o segundo sabor de sorvete que eu e Isa provamos, depois das sobremesas incríveis, usando-os como base. Quatro sobremesas diferentes e três sabores diferentes de sorvete. Ainda bem que nossa prova era apenas de degustação, ou correríamos o sério risco de desenvolvermos diabetes.

— Obrigado, Chef. — Saulo agradece muito satisfeito.

— Tá uma delícia mesmo, muito gostoso. — Isa fala animada, lambendo a colher, saboreando cada migalhinha do sabor gelado, levemente adocicado. — Aqui também deveria ter uma sorveteria, papai. — Até que não era uma má ideia. Olho para Saulo que dá de ombros.

— Quer mais uma bola, princesa?

— Quero sim, tio Saulo. Uma de açaí com coco.

— Sim, senhora.

— Só mais essa filha. — Ela já tomou sorvete demais, mesmo já tendo almoçado, ultrapassou um pouco os limites.

— Certo. TIO SAULO, CAPRICHA NA BOLA, QUE ESSA É A ÚLTIMA. — Pede aos berros, depois me encara abrindo um sorriso.

— Você não existe — acaricio seu rosto.

— Claro que existo, papai, você que me fez — fala balançando a cabeça e rindo de mim, ela estava ficando cada dia mais maravilhosa, meu celular vibra, era uma mensagem de voz do Mael.

"Fiquei sabendo que estão aqui. Está no hospital?"

Respondo de imediato, digito que estou no restaurante com a Isa, que a Lys achou melhor ver o pai sozinha, que estamos esperando por ela.

Os pontinhos de "digitando..." surgem e fico esperando uns segundos.

"Ok. Estou indo para o restaurante encontrar vocês, meu plantão

começa daqui a pouco mais de uma hora. Estou a caminho."

Respondo apenas um "ok" e deixo o celular de lado.

Não estava mais preocupado com Lys, sei que ela vai ficar bem, de um modo ou de outro. Ela é a mulher mais forte que eu conheço, espero que ela aceite meu pedido de casamento, que aceite ser minha mulher.

— Não sabia que estava na cidade. Se bem que nunca sabemos exatamente por onde você anda, pula de um lugar para o outro. — Não estava exagerando, mesmo tendo um apartamento em Blumenau, Mael nunca parava em casa, sempre estava em algum plantão, trabalhando como voluntário em algum lugar e sempre admirei sua dedicação com seu trabalho, a Medicina era parte fundamental de quem ele era.

— Minha nossa, isso aqui tá muito bom — Mael diz assim que saboreia a primeira colherada.

— Te falei que era incrível, tio. — Isa fala dando de ombros, mesmo distraída com o celular.

— É, você disse mesmo, pequena — Mael confirma piscando um olho para ela. — Estou onde precisam da minha ajuda, foi para isso que me formei em Medicina e também para ganhar dinheiro no meu tempo livre, que sou filho de Deus. Acha que a Lys ainda vai demorar?

— Não, ela mandou uma mensagem avisando que está a caminho. Vamos ao cinema. Falando nisso, quem te avisou que estávamos aqui?

— A Helô, ela me mandou uma mensagem avisando que a Lys estava no hospital e que vocês tinham vindo com ela.

— Pelo visto, minha meio irmã está se saindo melhor que a encomenda — viramos todos ao mesmo tempo, assim que ouvimos sua voz. — Cheguei! Demorei? — sua pergunta parecia retórica e ela encarava o Mael.

— Não. — Ela me beija, foi um pouco mais que um encostar de lábios.

— Como vai, Mael? Parece que você e minha irmã andam sempre mantendo contato. — Não me passou despercebido sua desconfiança e dúvida ao tocar no assunto, assim como acredito que meu irmão percebeu.

— Nos tornamos amigos, temos o contato um do outro. Não é isso que os amigos fazem?

— Acho que sim, espero que saiba o que está fazendo, ela é só uma menina tem apenas 18 anos e é mimada, mesmo sendo uma boa pessoa.

— Somos apenas amigos, cunhadinha, pode ficar tranquila. Falando nisso, é bom ver que se entenderam. — E lá estava o sorriso que eu adoro.

— Seu irmão sabe ser bem convincente quando quer e nada que uma conversa adulta e sincera não resolva. — Mesmo Mael mudando de assunto, a indireta de Lys deixou claro seu ponto de vista e mesmo ele fingindo não entender.

Enquanto almoçávamos, conversamos um pouco, Mael vai trabalhar e como decisão unânime, resolvemos ir ao cinema em Florianópolis mesmo. Agradecemos a Saulo e vamos embora. Ela não mencionou a conversa que teve com o César, senti que queria apenas aproveitar aquele momento, então respeitei seu silêncio.

Depois de um dia incrível, no caminho de volta para casa quando Isa finalmente adormeceu, após finalizar sua detalhada narrativa de cada segundo do nosso dia, Lys me relata sua conversa com o César, ouço atentamente sem interrompê-la e sem desviar a atenção da estrada a minha frente.

— Você precisava colocar uma pedra em cima de tudo aquilo. — Falo por fim, preenchendo o silêncio que ficou depois do final do seu relato. — Como está se sentindo, agora? — Antes mesmo dela responder, era visível que as nuvens sobre sua cabeça haviam se dissipado.

— Aliviada como se um enorme peso tivesse saído das minhas costas.

— É perceptível, dava para sentir que algo a incomodava, que sua mente não parava um segundo. Até dormindo dava para ouvir as engrenagens do seu cérebro funcionando, o que é bem assustador. — Minha intenção de ser engraçado funciona bem, não que eu tenha alguma veia cômica.

Lys entrelaça seus dedos nos meus, se aproxima e beija meu rosto. Seu toque é como uma corrente elétrica percorrendo meu corpo.

— Obrigada, por sempre estar ao meu lado e por me fazer rir, mesmo com seu senso de humor inexistente.

— Amo você. — Seu sorriso se amplia e ela volta a me beijar.

— Amo você.

Alguns meses depois...

— E esse aqui, filha?

— Não sei, não, papai. Acho que já sou mais velha agora, não queria que fosse desenho. — Estávamos na casa de festa há quase uma hora debatendo qual seria o tema do seu aniversário de oito anos. Nos últimos meses perdi as contas de quantas vezes Isa mudou de ideia sobre a temática, minha última esperança era a Lys chegar para as duas entrarem em um acordo, ela estava atrasada quase cinco minutos. — Certo, mas vamos ter que escolher um tema hoje, sua festa é em menos de um mês, se adiarmos mais não vai dar tempo.

— Tudo bem, mas Lys está atrasada, ela já deveria estar aqui. — Fala olhando na tela do meu celular, ela tinha pedido para tirar foto de uma fantasia que gostou muito.

— Desde quando você a chama de Lys? — Ela parece meio confusa com minha pergunta, por fim dá de ombros.

— Estou experimentando coisas novas, papai, perguntei a Lys se podia e ela disse que não tinha problema.

— Ok. — O celular toca, Isa atende de imediato.

— Oi, dinda — agora voltou a ser dinda de novo, quem é que entende essa menina. — Em que seção estamos, papai?

— Na seção da Disney.

— Estamos na seção da Disney, certo, não vamos sair daqui. — Fala e em seguida desliga o celular, nem ao menos pergunta se quero falar com Lys, essas duas estão a cada dia ficando mais parecidas.

Menos de dois minutos depois a vejo nos procurando, a alguns metros de distância. Agradeci em silêncio por ela finalmente ter chegado. Ergo o braço para que ela possa nos ver, assim que nos localiza não demora muito até chegar onde estamos. A loja não estava repleta de clientes, mas tinha muitos corredores.

— Desculpem o atraso, o trânsito está horrível — tagarela antes mesmo de nos cumprimentar.

— Ainda bem que chegou, o papai não está me ajudando muito — Lys se abaixa, abraça e dá um beijo em Isa, depois me beija na boca, tão rápido e tão leve que quase não sinto.

— Bom temos que melhorar essa situação, não é mesmo? Temos três

semanas até o seu aniversário, temos que escolher seu tema hoje, gatinha, então mãos a obra. — Diz já levando as mãos aos cabelos e fazendo o coque meio solto, parecia mais uma bagunça de cachos.

— A culpa não é minha se a cada dia você escolhe um tema diferente, filha, se fosse mais objetiva, já teríamos saído daqui e eu já teria ligado para Clara e avisado as cores da festa para o buffet começar a planejar tudo.

— Papai, a culpa não é minha, só se faz oito anos uma vez sabe, então tem que ser especial. — Lys apenas sorriu com aquele jeito pícaro que ela tinha.

— Princesa, só se faz cada idade uma única vez. Acho que seu argumento não tem muito fundamento. — Ela apenas dá de ombro, isso vinha acontecendo muito ultimamente.

— Bem, acredito que no momento isso é irrelevante, então melhor começarmos. — Lys fala decidida, piscando o olho para mim. — O que tem em mente, gatinha?

— Música, dança e... muitas cores.

— Ok. Acho que estamos no setor errado.

23 de agosto – Aniversário de Isabella...

Olho no relógio e já passa das nove, finalmente termino de recortar a última nota musical para colar no painel de fotos. As últimas três semanas foram desgastantes e cansativas, mas valeu a pena. A festa de oito anos da Isa seria linda, o resultado final estava ficando incrível. Restava menos de vinte e quatro horas para a festa e eu já tinha riscado quase todo os itens da minha lista, o painel de fotos era um dos últimos.

Resolvo dá uma estirada nas pernas e comer alguma coisa, vou até a

geladeira e a coisa mais rápida que encontro é uma salada de frutas, ótimo, era só colocar na tigela com um pouco de granola e comer. Vou até a varanda com minha tigela, sento-me e sinto o ar fresco da noite, o clima estava maravilhoso em Blumenau esses dias. Enquanto saboreio a salada que Gaspar fez esta manhã, me perco em pensamentos, analisando os acontecimentos dos últimos meses.

Nunca imaginei que conseguiria construí uma relação amigável e verdadeira com Heloise, mas nós conseguimos, ainda temos um caminho longo pela frente, mas estamos indo bem, Isa a convidou para seu aniversário, as duas se tornaram próximas. Nas poucas vezes em que fomos para Florianópolis, desde a minha conversa com César sempre nos encontramos com Helô, quando possível, as duas logo se tornaram amigas. Com Helena, as coisas apenas continuam como antes, não a culpo por nada, o tempo de apontar o dedo para culpado para mim acabou.

Já com o César, estamos tentando, a passos lentos, é verdade, mas estamos caminhando. Percebi que somos muito parecidos, principalmente o gosto musical, fiquei surpresa quando descobri que ele gosta mesmo é de música boa, independente de que século, década ou ano estejamos. E que também não tem muita paciência com rodeios, é objetivo e prefere ir direto ao ponto. Características que não me são nada estranhas.

Também descobri muitas coisas sobre mim mesma, por exemplo, que amadureci e evoluí muito durante esse último ano, isso me tornou uma pessoa melhor de muitas maneiras diferentes. Quando olho para o passado vislumbro todo o caminho que percorri para chegar ao momento que estou vivendo agora, e nunca me senti mais feliz. Não foi apenas o César que perdoei naquele dia, foi a minha mãe também e a mim mesma de certo modo. De algum modo sempre me culpei pelo casamento deles ter acabado, óbvio que não era um pensamento consciente e compreendi isso apenas umas semanas atrás. No final as coisas aconteceram como tinham que acontecer e finalmente entendi que a doença da minha mãe era na alma e ninguém poderia tê-la ajudado.

Duda me disse isso uma vez anos atrás quando estava passando por um momento difícil, mas não entendi bem ou talvez, ainda não estivesse pronta para entender, hoje, neste momento tudo parecia claro para mim.

A salada estava maravilhosa. Saboreio a última colherada, delícia.

— Espero que a salada esteja boa! — Sua voz me desperta dos meus

devaneios, me viro e nossos olhares se cruzam.

Gaspar, nossas vidas se entrelaçaram, como algo inesperado e surpreendente. É como uma conexão difícil de explicar, simplesmente aconteceu, complementamos um ao outro, nunca imaginei que aconteceria comigo, pelo menos não com meu dedo podre para homens. Parecia que finamente acertei dessa vez.

— Uma delícia, não entendo porque quando faço, não fica assim — era visível seu cansaço, a passos lentos ele se aproxima, senta ao meu lado, me envolvendo com seu braço, me aconchego ao seu corpo.

— Tem que fazer com carinho — diz beijando meu nariz e em seguida minha boca, não um beijo profundo, mas o meu preferido, aquele que me levava até o céu, com amor, carinho e paixão na medida certa.

— Sempre coloco todo meu carinho — retruco quando nossos lábios se separam, ele sorri e beija novamente meu nariz.

— Não duvido. E a Isa?

— Ela tentou me ajudar com os recortes e as fotos para o painel, mas acabou dormindo, tadinha.

— Conseguiu terminar?

— Apenas os recortes, mas não falta muito. As fotos já foram devidamente selecionadas, Isa já escolheu a cor dos glitters. Tenho que mencionar que sua filha tem um excelente bom gosto por sinal.

— É claro que tem, ela puxou ao pai.

— Assim como sua modéstia, também, óbvio.

— Óbvio! — Diz fazendo cara de quem não faz a mínima ideia do que estou falando, ele sempre fazia isso, juntamente com a risadinha fingida. — Quer uma ajuda nesse painel? — Pergunta mudando de assunto.

— Quero, mas antes, pode ir tomar um banho para diminuir esse cansaço. Comeu alguma coisa antes de sair?

— Jantei, hoje estava bem movimentado, mas por um milagre encontrei tempo.

— Ótimo, pode ir tomar banho, quando você voltar começamos.

— Sim, senhora. — Diz virando-se, indo em direção ao corredor dos quartos.

— Ei, não está esquecendo de nada? — Falo para provocar. Ele se volta novamente para mim com o cenho franzido. — Meu beijo. — Abrindo um enorme sorriso, se aproxima e me beija, profundamente e brevemente demais.

— Não demoro — diz ao se afastar, volta a me beijar, apenas um leve toque e distancia-se.

Fico sorrindo feito uma boba, esse era o efeito "Gaspar" sobre mim. Menos de meia hora depois, ele surge parecendo revigorado, usando uma calça de pijama e uma camiseta, muito desejável, deliciosamente desejável.

— O que tenho que fazer? — Sua pergunta me faz voltar dos meus pensamentos.

— Talvez fosse melhor deixarmos para amanhã. — Ele ergue uma sobrancelha, com certeza, minha voz soou suficientemente maliciosa.

— Seria ótimo, se amanhã não tivéssemos um milhão de coisas para fazer – ele se aproxima, me envolve, beija meu pescoço e depois minha boca. — Temos a missão de fazer a melhor festa de oito anos da história, se trabalharmos juntos, terminamos rápido, aí podemos aproveitar o resto da noite. — Ele pisca um olho e é impossível não rir.

— Tudo bem então.

Separo o que precisamos fazer, juntos terminamos muito mais rápido, menos de uma hora já temos tudo pronto. Quando finalmente fomos dormir, nos aconchegamos um no outro e apagamos.

— Helô, ela vai adorar o presente, tenho certeza, Isa adora ler. — Estava no celular com minha irmã a uns bons cinco minutos, ela estava a caminho de Blumenau para a festa.

— Esse foi um dos motivos que escolhi o Kindle, mas talvez, um livro físico fosse melhor.

— Ela vai adorar, vai por mim.

— Certo.

— E o César e a Helena, como eles estão?

— Bem, o papai já está cento e dez por cento novo em folha. A excelentíssima dona Helena, está no pé dele. Achei que tivesse falado com ele esta semana.

— Com a correria da festa, quase não tive tempo para nada. Mas é bom saber que ele já está ótimo, pena que não vão poder vir.

— Pois é, queria dizer que eles não vão vir, realmente por causa do

trabalho, mas estaria sendo conivente com uma desculpa estapafúrdia. Principalmente quando ambas sabemos que o papai inventou esse pretexto de compromisso de "trabalho" por que não quer "impor a presença dele", palavras dele e não minhas. — Seu tom não me passa despercebido. Quando enviei o convite foi para que todos viessem, mas sendo sincera, tudo ainda está recente e acharia estranho.

— É uma crítica, Helô?

— *Não, uma observação de algo implícito. Vocês dão um passo para frente e dois para trás, a verdade é essa.* — Ela suspira, eu suspiro e ambas estamos frustradas. — *Desculpa, sempre faço isso e...*

— Você tem que se apressar, se não vai chegar apenas na hora dos parabéns. Podemos falar sobre isso depois, se quiser.

— *Está bem, estou chegando. Até daqui a pouco.*

— Até. — Desligamos ao mesmo tempo.

Um passo para a frente e dois para trás, mas um dia chegamos lá. Pelo menos é o que eu espero.

O tema da festa era "Música". Tinham notas musicais por toda parte, nas paredes, no chão, penduradas no teto, nos docinhos, nos cupcakes, no bolo e até no vestido da Isa.

Sorrisos, eles estavam por toda parte. Nas crianças, nas brincadeiras elaboradas pela animadora, na Lika abanando o rabo e correndo em círculos ao redor de todos, na dança maluca do Henrique que se remexia freneticamente com Tessa, enquanto as outras meninas do quinteto sorriam dos dois. Eles também estavam nos olhares discretos trocados pelo Mael e pela Helô, assim como pelos olhares apaixonados trocados pela tia Liliana com o Gael, na Isa dançando nos braços do Gaspar, na Savana dançando com Caíque e com Samara, eles formam uma família tão linda, na Hortência com a Bárbara e a Camille, enquanto roubavam cupcakes na mesa de doces, na Lívia com o Ettore de mãos dadas conversando com a vó Clara e com a Laura, parecia um papo bem animado.

Era como bisbilhotar todos eles por um olho mágico, nunca tinha parado para enxergá-los dessa forma, amava-os, todos eles. Quando a música

termina, Isa vai até Camille e puxa-a em direção aos outros amigos da escola, Gaspar me olha e lá está nosso sorriso, ele caminha até mim.

— Sua vez de dançar comigo — fala estendendo as mãos para mim, simplesmente as seguro e ele me leva até a pista de dança, ele envolve minha cintura e envolvo seu pescoço.

— Você sabe que a música não é lenta, certo?

— Sim, eu sei. E não estou nem aí — ele abre um sorriso enorme, que acabo acompanhando com meu próprio sorriso, me aproximo mais, colando nossos corpos, apoio minha cabeça no seu ombro.

– Amo você! — Ele sussurra suavemente, meu corpo se aquece a cada vez que ficamos mais próximos. Me afasto para olhar em seus olhos. Nunca imaginei que seria dele, que pertenceria a ele, que pertenceríamos um ao outro, acaricio sua face, a barba de dois dias por fazer, deixa-o ainda mais lindo.

— Também amo você. — Procuro expressar tudo o que estou sentindo nessas palavras. Meus dedos mergulham no cabelo da sua nuca. Uma onda fugaz de sentimentos passa relampejando em seus olhos. Palavras não são necessárias, ele simplesmente aperta as mãos que envolvem meu quadril e me puxa para si, mergulha suas mãos em meus cabelos e me beija lentamente, sinto sua paixão e a intensidade do seu toque em mim.

— Fala sério, vão para o quarto — ouço a voz pícara de Henrique e desperto do meu entorpecimento para festa com dezenas de crianças e um monte de pais ao redor, me afasto. — Só não falei a palavra com P, porque tem muita criança no ambiente. –Encara-o sem acreditar em sua falta de discrição, mas era o Henrique, o que poderia esperar.

— Deveria falar mais alto, acho que as pessoas do outro lado do salão não ouviram — Seu sorriso se amplia e ele pisca para mim, inacreditável. Gaspar fica apenas em silêncio, tentando segurar o sorriso sem nenhum sucesso. — Vocês dois se merecem, mesmo sendo tão diferentes são farinha do mesmo pacote... — um tilintar de copo interrompe minha fala.

O som vinha de taças que estavam na mão do Gael, tio do Gaspar, pai do Henrique e ele não estava sozinho, minha tia estava ao seu lado e eles estavam lado a lado, Gael batia na taça com um garfo, achei muito fofo o nervosismo da tia Liliana. Eu e Gaspar encaramos nosso amigo em busca de uma resposta sobre o que estava acontecendo, Henrique apenas dá de ombro e volta sua atenção para o pai. O que não me passa despercebido é a sombra

de um leve sorriso em seu rosto.

— Acho que agora estão todos prestando atenção, ótimo. — Gael fala antes de tossir irritantemente, larga o garfo sobre uma das mesas e segura na mão da Liliana. — Bem, tenho plena consciência que esse não é o melhor momento para um comunicado, mas levando em consideração que espero por uma resposta positiva a um tempo considerável e que estamos todos reunidos em uma festa, este se tornou o momento ideal. Essa mulher incrivelmente linda, inteligente e forte aqui ao meu lado acabou de dizer sim ao meu pedido de casamento — todos no salão suspiram em um único coro, vó Clara olha para mim e sorrimos, sei que assim como eu, ela estava torcendo para que os dois se acertassem. — E após cortejá-la durante um bom tempo, ouso dizer que foi a melhor surpresa que poderia ter tido. Então um brinde a este momento incrível e a essa nova etapa das nossas vidas. — Todos comemoram com aplausos e abraços.

— Minha nossa, não acredito que meu pai usou a palavra cortejar.

— Achei incrivelmente fofo e romântico. — Helô diz para Henrique assim que se aproxima.

— Concordo com a Helô, achei que o Gael foi incrível. — Henrique me olha e faz uma careta ridícula como se fosse um garotinho.

— Foi constrangedor, isso sim. — Ele responde ainda fazendo careta, todos acabamos rindo da sua cara.

— Cara, você é ridículo. — Gaspar diz entre rir e respirar.

— Alguém sabia sobre esse lance que acabou de acontecer? Ou eu sou o único que estava completamente desinformado? — Mael nos pergunta assim que se coloca no meio do grupo.

— Já faz um tempo que o Gael rondava a minha tia — respondo. — Mas os dois só começaram a ter alguma coisa realmente, este ano. — Continuo respondendo. — Mas não fazia ideia, que eles estavam tão... sérios.

— Acho que ninguém fazia ideia. — Mael diz.

— Aparentemente um de nós sabia e não falou nada. — Acuso Henrique que não parece nem um pouco incomodado com meu comentário.

— Claro que eu sabia, mas não porque meu pai disse alguma coisa, descobri sozinho, ele andava muito misterioso e suspirando pelos cantos, há uns dias o coloquei contra a parede e ele confessou. — Se sentindo encorajado pela nossa atenção e silêncio, Henrique continua. — Os dois pombinhos já estão saindo juntos há uns meses, mas vocês sabem como a

Liliana é e como meu pai é. Acho que ela está esperando ter certeza antes de dizer sim ao meu pai. — Assim que Henrique finaliza seu relato, os pombinhos em pessoa ao lado da vó Clara se aproximam.

Imediatamente abraço os dois e parabenizo pelo casamento, deixo claro que faço questão de ser a madrinha, todos ao redor fazem o mesmo abraçando e parabenizando o casal pela iminente união. Gaspar fica estranho, parece inquieto e apreensivo. Aos poucos a festa retoma seu ritmo, quase uma hora mais tarde batemos parabéns para Isa, o primeiro pedaço do bolo vai para o melhor pai do mundo e o segundo para a pessoa mais importante que sou eu, essas foram palavras dela.

Por volta das nove horas a festa começa a ser encerrada, meia hora depois o salão está praticamente vazio com apenas a equipe do buffet e algumas pessoas da família que ficaram para ajudar com a organização. Conforme íamos finalizando a arrumação, o pessoal ia embora. Laura acabou ficando em Blumenau, já que estava muito tarde para ela pegar a estrada sozinha, fiquei mais tranquila quando percebi que ela aceitou nosso relacionamento, Laura é muito querida por todos nós, sua presença em nossas vidas é importante.

— A correria das últimas semanas, valeu muito a pena. — Falo para Gaspar, quando estamos sozinhos na cozinha, todos já tinham ido embora, Laura se ofereceu para colocar Isa na cama, ela estava com saudades. Depois de tomarmos banho, levando metade do esgotamento do dia, Gaspar quis preparar um chá, com certeza eu estou precisando.

— Verdade, Isa estava muito feliz?

— Sim, ela ficou em êxtase com tudo. E o Gael, nossa ele foi muito fofo. — Gaspar entrega uma xícara com chá para mim, pega a sua sentando-se a minha frente.

— Aquela ideia originalmente era minha. Sabia? — Como assim dele? Será que...?

— Como assim, sua? Do que está falando? — Ele não me responde e isso me deixa inquieta, seu olhar junto com seu silêncio me deixam maluca.

Coloca minha xícara no balcão e o encaro, não demora muito e ele faz a mesma coisa.

— Não vai me responder? — falo não suportando mais.

— Calça seu sapato, vamos dá uma volta. — Ele pega nossas xícaras e as coloca dentro da pia. — Anda, vamos logo. — Desço do banco para pegar

minha bota sem salto.

— Preciso trocar de roupa.

— Não precisa, apenas calce os sapatos. — Minha curiosidade estava em um nível superior, além de aguçada.

Depois de avisar a Laura que estávamos de saída, vamos para a garagem. A noite estava tranquila para uma sexta à noite, não estava muito frio, na verdade a temperatura estava deliciosa, me parecia uma noite perfeita para surpresas, Gaspar dirigia com um sorriso idiota.

— Não entendo o porquê de tanto mistério? — seu sorriso idiota se amplia com meu questionamento.

— É uma surpresa, acredito que entende bem o significado da terminologia dessa palavra. — Ele estava sendo irônico apenas para me tirar do sério, o encaro com minha melhor cara de brava.

Qual é? Primeiro, ele insinua um quase pedido de casamento, ou quase isso, depois sai me arrastando sabe lá Deus para onde e achando pouco fica com esse sorrisinho irritante. Decido optar pela política do silêncio, cruzo os braços, viro a cara e fico apenas observando o caminho em meio às luzes noturnas, meu comportamento era um pouco infantil, mas realmente não me importo. Ser ansiosa não ajuda em nada e não saber para onde estamos indo me dá gastrite.

Saímos do centro entrando em uma avenida no estilo residencial com algumas casas modernas, outras mais antigas, todas belíssimas. Sinto quando o carro começa a desacelerar, até por fim estacionar em frente à garagem de uma casa com estilo colonial moderno, parecia que tinha acabado de ser reformada, um lindo imóvel.

— E então — Desvio minha atenção da casa e o encaro — vai continuar de bico como uma criança ou vai vir comigo? — Se tem alguém que conseguia me fazer sentir como uma criança esse alguém era o Gaspar.

— Não estou de bico.

— Está sim. — Diz soltando o cinto de segurança. — Você vem? — Pergunta e desce do carro em seguida, sem nem ao menos esperar uma resposta, isso era muito irritante.

Solto meu próprio cinto de segurança e desço do carro, vejo- o em frente ao portão principal da casa olhando fixamente para a sacada. Não era uma mansão, mas tinha primeiro andar, uma linda sacada e um charme rústico, suas cores eram escuras, sem dúvida uma linda casa.

— Por que estamos parados aqui encarando essa casa?

— Adoro esse estilo colonial, principalmente as cores em tom de terra.

— Ok! Estamos aqui para admirar as cores da casa?

— Não, estamos aqui para você conhecer onde vamos morar. — Não devo ter escutado direito, só posso ter imaginado.

— O que você disse? — Pergunto me voltando em sua direção para ficarmos de frente e ele faz o mesmo. — Comprou essa casa? — Ele acaricia meu rosto e assente.

— Quero dividir minha vida com você, construir um futuro ao seu lado, acho que não tem um lugar melhor do que esse. — Olho para a casa, depois volto a olhar para ele, esse definitivamente era um pedido de casamento. — Sim, estou pedindo que se case comigo — Ótimo, agora ele estava lendo meus pensamentos, também. Mil coisas passam pela minha cabeça, mas a única na qual eu me fixo é que eu o amo. — Sabe, quando alguém te faz uma pergunta, acho que deveria dar uma resposta. — Ele sempre conseguia me fazer sorrir, mesmo quando não queria.

— Sim, minha resposta à sua pergunta é sim. — Ele abre um enorme sorriso, aproxima-se de mim e passa seus braços a minha volta.

— Vamos nos casar? — Faço apenas assentir e retribuir ao seu sorriso que sem dúvida estava enorme e idiota, mas com toda certeza não me importava nem um pouco.

Nossos olhares se perdem dentro um do outro, uma de suas mãos traça caminho até minha face, a distância entre nós diminui até desaparecer por completo, naquele momento existia apenas nós dois, todo o resto parecia pequeno e quando nos beijamos tudo pareceu fazer sentido dentro de mim. Aos poucos diminuímos a intensidade do nosso beijo, mas não a do nosso toque e uma calmaria nos envolveu. Gaspar encostou sua testa na minha, enquanto ficávamos em silêncio e nossos lábios se tocavam vez ou outra em uma dança compartilhada.

— A casa é perfeita, você é perfeito e tenho certeza que iremos ser muito felizes aqui, meu coração me diz isso. — E eu sentia que cada palavra era verdadeira.

— Tenho certeza disso. — Dou-lhe mais um beijo antes de ficarmos de frente para a casa novamente. — Tenho uma coisa para você, melhor entregar logo antes que eu esqueça. — Ele se distancia um pouco para pegar algo no bolso, em sua mão tinha uma pequena caixa cinza.

— Meu anel?

— Acha que entregaria para você o simplório anel para selar a nova fase das nossas vidas?

— Não sei, por que não abre assim mata sua curiosidade sobre minha reação e posso matar a minha. — Não canso de repetir como amo o seu sorriso quando ele chega ao seu olhar, é simplesmente perfeito.

Gaspar coloca a caixinha em minha frente e a abre lentamente, dentro dela tinha quatro chaves e um pequeno chaveiro de madeira envernizado no formato de um violoncelo, ele estava certo, nenhum anel no mundo teria maior significado ou importância para mim do que o símbolo de um novo recomeço.

— É perfeito — pego as chaves, passo meus dedos pelo pequeno chaveiro de madeira delicado e tão repleto de detalhes que parecia de verdade, coloco meu dedo na argola do chaveiro e volto minha atenção para o Gaspar. — Sem dúvida, é muito melhor que um anel. — Envolvo seu pescoço com meus braços e beijo-o.

— Vamos dar uma olhada lá dentro. — Ele diz assim que nos separamos, segura em minha mão e seguimos em direção à casa.

Todos nós passamos por perdas em algum momento das nossas vidas, o que escolhemos fazer com elas e o que elas nos trazem de aprendizado é o que nos diferencia, tive a minha cota de perdas e de ganhos por um bom tempo, agora tudo o que quero é meu próprio recomeço.

Epílogo

Faltavam poucas semanas para o Natal, os meses passaram rápido e estamos tentando nos adaptar a nossa nova vida juntos, entre a organização para o casamento dos nossos tios, nossos trabalhos e a Isa, tudo vem sendo meio que caótico esses últimos meses, mas nunca vivenciei um caos tão gostoso.

Nosso casamento estava marcado para depois do carnaval, concordamos que esse é o tempo que levaremos para organizar tudo e para nos estabelecermos.

Termino de passar fita isolante em uma caixa e início outra, torcendo para essa ser a última caixa de livros, nunca pensei que tivesse tantos.

— Achei que aqui seria mais rápido do que foi lá em casa, mas obviamente estava enganada. — Lys aparece vindo da cozinha com mais caixa de papelão vazia.

— Se levarmos em consideração que moro aqui o dobro do tempo que você morou em seu apartamento, acredito que estamos com um ritmo de organização muito bom e que não tenho tantas coisas assim — Realmente tinha muito mais coisas do que ela, mas nossa organização estava em um ritmo bom, ela que estava ansiosa para deixar tudo pronto para nossa mudança.

— Ainda falta a cozinha, seu quarto e o quarto da Isa, não estamos nem perto de terminar e estamos guardando as coisas há quase dois dias.

— Amor, começamos a encaixotar ontem. Não sei por que está se queixando sugeri que contratássemos uma empresa de mudança você que não quis.

— Claro que não, porque nós é quem devemos fazer isso. Existem

coisas aqui assim como no meu apartamento que tem um valor sentimental e ninguém teria o cuidado e delicadeza que temos ao guardá-los. — Não era bem assim, muitas empresas são cuidadosas e profissionais sobre essas coisas, mas não ia discordar dela, já tivemos essa mesma conversa antes e perdi para seus argumentos.

Se tinha uma coisa que aprendi convivendo com a Lys nesses últimos anos era que seus argumentos eram imbatíveis, mesmo quando pareciam ser um pouco exagerados ou absurdos, ela sempre tinha um ponto a ser colocado.

— Ok. — Minha resposta padrão, ela inclina-se, me beija e depois senta ao meu lado, começamos a montar as caixas de papelão.

Trabalhamos juntos por mais algumas horas, terminamos de encaixotar toda a sala, quando decidimos parar para preparar o jantar. Isa tinha ido para a casa de Camille depois da escola, era sua rotina das sextas, Hortência já havia ligado informando que estavam a caminho, tínhamos acabado de começar a preparar o jantar.

— Esse lugar guarda tantas lembranças — Lys fala de repente quando estou terminando de preparar a massa do rondelle, coloco um pouco mais de pressão e vejo que o ponto está perfeito e deixo-a descansando, me volto para ficarmos de frente, ela estava sentada do outro lado do balcão cortando tomates.

— Exatamente por esse motivo que não vou vender, talvez alugar quem sabe, pelo menos até a Isa ser maior de idade. — Vou até a pia lavar os resíduos da massa que ficou entre meus dedos.

— Acha que ela vai se adaptar bem na nova casa?

— Você tá brincando? Viu o olhar dela, quando a levamos para conhecer a nova casa, os mil planos para o novo quarto? Isa está adorando tudo, e a rotina dela não vai mudar tanto assim, ainda continuamos próximos à escola e ao restaurante.

— Tem razão. — Diz balançando a cabeça, sem desviar do trabalho que estava fazendo, Lys é péssima na cozinha, os tomates que ela picava estavam todos cortados de modo desregular, uns pedaços maiores, outros menores.

— Você é péssima nisso — falo pegando um pedaço de tomate e jogando na boca, ela ergue a cabeça com uma sobrancelha erguida, retiro a faca da sua mão, me esforço para não rir da sua expressão desacreditada, me aproximo depositando um beijo na ponta do seu nariz e depois outro em seus

lábios. — Isa está feliz, muito feliz, tanto com a mudança, quanto com o casamento. Não fica pensando coisas que não existem. — Lys balança a cabeça, afirmando.

— Eu sei, acho que eu é que estou dramatizando demais, e nunca fiz o tipo dramática. Apenas não quero que ela sinta todas essas mudanças de maneira abrupta. — Entendia seus receios por causa da Isa, mas minha princesa estava muito animada com tudo.

— Crianças se adaptam muito rápido a novas situações, principalmente quando estão ansiosas por novidades e entusiasmadas.

— Andou estudando comportamento infantil? — Pergunta com divertimento — Acho que a educadora aqui sou eu.

— Você pode ensinar, mas eu sou pai, esqueceu? Tenho preparo de oito anos, que me qualifica para essa avaliação. — Sua risada preenche todo o espaço. Ela me puxa pela camisa por cima do balcão e me beija. Com certeza ficamos tortos, nos afastamos apenas quando ouvimos a campainha soar.

— Melhor eu ir abrir, Isa acabou de chegar.

— Deixa que eu abro, continua o jantar, estou morrendo de fome e a Isa deve estar também. — Ela me dá um último beijo e sai. Ouço as vozes da Isa e de Hortência, a última vem me cumprimentar antes de ir embora.

A noite continuou com a animação elétrica da Isa, como de costume, narrando seu dia agitado, seus planos para o dia seguinte, que consistiam em sua mais nova ideia de ser *youtuber*, no vestido que usaria no casamento da tia Liliana com o tio Gael, em como pretendia encaixotar todos os seus bichinhos de pelúcia e o que tinha em mente para a decoração do novo quarto. Seu ritmo acelerado era empolgante, sem dúvida, mas acho que a única pessoa capaz de acompanhá-lo era a Lys, que participava ativamente dos inúmeros assuntos, acompanhando de maneira muito natural a navegação fluida das mudanças de um para o outro. O cérebro feminino tinha uma capacidade assustadora de conseguir abordar uma dúzia de temas em uma única conversa, cabia a mim apenas dizer “sim” “sem dúvida” e “humhum”, não me importava nem um pouco com isso.

— Não acha, papai? Papai? — Retorno dos meus pensamentos com minha filha me chamando. Não ouvi sua pergunta e como não queria ferir seus sentimentos acho melhor optar pela resposta mais segura e aceitável.

— Sim, princesa, sem dúvida. — Lys balança a cabeça rindo e apenas dou de ombros.

Mais um dia dentro da rotina que construímos, nos tornamos finalmente uma família de três novamente e com fortes esperanças de que um dia muito em breve nos tornássemos uma família de quatro ou talvez cinco, melhor ir com calma um de cada vez para não assustá-la. Fico rindo sozinho perdido em meus devaneios, enquanto as duas continuam a tagarelar na minha frente, sim esse definitivamente foi um ótimo dia.

NOTAS

1 O **sous chef** ou sub-**chef**, é o segundo em comando em uma cozinha profissional, logo abaixo do **chef** (**chef** executivo).

2 Yo-Yo Ma é um músico norte-americano nascido na França, de origem chinesa, considerado um dos melhores violoncelistas da história.

3 Oscar-Claude Monet foi um pintor francês e o mais célebre entre os pintores impressionistas.

4 De acordo com a **mitologia grega**, **Morfeu** era um dos filhos de Hipnos, o deus do sono, e representava a personificação dos sonhos.

5 **Mise en Place** é um termo francês que significa “por em ordem”. É de fundamental importância que antes de qualquer ação dentro de uma cozinha

6 **Quociente de inteligência** (abreviado para **QI**, de uso comum) é um valor obtido por meio de testes desenvolvidos para avaliar as capacidades cognitivas (inteligência) de um sujeito.

7 A **Oktoberfest** de Blumenau é um festival de tradições germânicas que ocorre na cidade de Blumenau em Santa Catarina durante o mês de outubro.